

UM BESTSELLER DA AMAZON DO BRASIL
MAIS DE UM MILHÃO DE LEITURAS ONLINE

SÉRIE COMPLETA
TRIPLO A
DEISY MONTEIRO



SÉRIE COM MAIS DE UM MILHÃO E MEIO DE LEITURAS NA INTERNET!

TRIPLO A

BOX COM OS TRÊS LIVROS DA SÉRIE TRIPLO A
DEISY MONTEIRO

COPYRIGHT © 2018 By Deisy Monteiro

Todos os direitos reservados

TÍTULO: DELÍRIO

Coordenação Editorial:

João Garcia e Deisy Monteiro

Vetores: [Wikipedia Commons](#)

DELÍRIO| TRIPLO A/ Deisy Monteiro - São Luís

1. Romance 2. Ficção 3. Erótico 4. Contemporâneo

Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e-book.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança envolvendo pessoas mortas ou vivas, lugares, nomes e acontecimentos, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do novo acordo ortográfico

Para qualquer outra dúvida:

deisymonteiro@outlook.com

SÉRIE TRIPLO A

Adam, Alec e Anthony.

Três amigos, três histórias diferentes.

Sócios do clube Triplo A, um clube privado exclusivo para aventureiros sexuais, eles são conhecidos da ala feminina da cidade de nova York. Além do fato de serem ricos, estão solteiros. Algo que nenhum dos três quer mudar tão cedo. Mas o destino, traiçoeiro, parece ter para os amigos outros planos.



TRIPLO A | DELÍRIO

Um homem apaixonado...

Uma mulher ferida...

O Reencontro...



TRIPLO A | OBSESSÃO

Um homem envolvente...

Uma mulher sedutora...

A paixão...



TRIPLO A | DESEJO

Um homem provocante...

Uma mulher inocente...

O proibido...

SUMÁRIO

BOX TRIPLO A

[COPYRIGHT © 2018 By Deisy Monteiro](#)

[SÉRIE TRIPLO A](#)

[SUMÁRIO](#)

TRIPLO A | DELÍRIO

[SINOPSE](#)

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[EPÍLOGO](#)

TRIPLO A | OBSESSÃO

[SINOPSE](#)

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS I](#)

[BÔNUS II](#)

[BÔNUS III](#)

TRIPLO A | DESEJO

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[RECADO DA AUTORA!](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[COMO POSSO SER SALVO?](#)

[SÉRIE TRIPLO A](#)

DELÍRIO



PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE TRIPLO A
DEISY MONTEIRO

SINOPSE

Adam, Alec e Anthony.

Três amigos, três histórias diferentes.

Um homem apaixonado...

Anthony Hill é a pessoa para quem os ricos e famosos ligam quando querem comprar artigos de luxo, especialmente mansões e iates. Recém-separado, parece ter encontrado no estilo de vida regado a festas uma forma de compensar a solidão que sente.

Após ser traído pela mulher, decidiu cauterizar o coração para o amor. Acordar todas as manhãs ao lado de corpos diferentes não lhe cansa, mas também não lhe satisfaz mais.

Uma mulher ferida...

Phoebe Ward tem tudo que precisa para ser feliz. Um marido rico e famoso, uma vida invejada por todas, e a beleza que resistiu ao tempo. Sua idade passaria facilmente por menos, apesar de sua alma ter se envelhecido depois de ter sido machucada.

Phoebe sabia que a realidade era bem diferente do que as aparências mostravam. Sua única felicidade era a filha que trazia um pouco de luz para o seu mundo.

O Reencontro...

Phoebe não estava pronta para ver o homem que a abandonou grávida e desamparada, para se casar com uma loura de farmácia rica e influente, tão repentinamente.

Anthony não estava pronto para ver a única mulher que tinha amado casada com outro homem e, pior, infeliz.

Nenhum dos dois estava pronto para estar face a face novamente. Nenhum dos dois estava pronto para perceber a impetuosidade da paixão que reacendia.

PREFÁCIO

TERNURA

Eu te peço perdão

Por te amar de repente

Embora o meu amor

Seja uma velha canção

Nos teus ouvidos

[...]

VINICIUS DE MORAES

CAPÍTULO 1



AS LUZES DO CLUBE TRIPLO A criavam um espetáculo para os frequentadores. Diferentes tons de cores iluminavam a pista de dança e jovens casais envolviam-se numa dança sensual. Um prelúdio do que estaria por vir.

Quase nenhum deles estava ciente do inferno que se passava dentro da minha cabeça. Hoje era o meu maldito aniversário de divórcio. E, embora minha vontade fosse estar em casa aproveitando um bom vinho, meus amigos sempre insistiam em me levar ao clube para esquecer a megera e aproveitar a vida. Palavras deles.

No que se referia a Alec e Adam, era melhor embarcar na onda deles do que tentar bater de frente. Os dois não deixariam que eu esquecesse o que aquela data significava tão cedo. Não que eu precisasse de muito para lembrar, já que a marca da aliança no dedo ainda nem tinha apagado direito. A confusão, os sentimentos mistos, tudo ainda era muito recente para ser esquecível.

Eu tinha plena consciência de que o nosso relacionamento foi baseado apenas num sentimento que não servia de fundamento sólido para nenhum. A paixão. Ela gostava do que eu podia lhe proporcionar, eu gostava do corpo dela. Tudo bastante preto no branco. Éramos dois adultos, é verdade, mas,

quando ela me contou que tinha se apaixonado por alguém e que precisávamos nos separar por isso, foi um golpe e tanto.

Nosso casamento nunca tinha sido uma maravilha. Brigas, xingamentos, queixas constantes conseguem destruir com a vida de um casal. Aquela mulher destruía meu juízo, não era nenhuma santa. Sempre deixou claro que era o dinheiro que era o meu maior atrativo. E talvez fosse esse o único motivo que me fazia lamentar as escolhas do passado. Apenas esse.

Eu escolhi a paixão. Quando poderia ter escolhido o amor.

De qualquer forma, embora precariamente atrasados, eu iria aceitar os conselhos de Alec e Adam, meus sócios no clube Triplo A, e esqueceria os pensamentos que apenas me deixavam frustrados e confusos. Esperaria que as horas da noite passassem. Encontraria uma mulher com um belo par de peitos que estivesse disposta a uma noite de diversão suja.

Pedi à garçonete que me trouxesse outro copo de vodca. O terceiro da noite. Sorvi o líquido caro já acostumado com o ardor que ele trazia à garganta e me pus a observar as mulheres na pista de dança. Os malditos dos meus amigos ainda não tinham dado as caras. Se os dois chegassem depois de eu estar bêbado, isso não iria ficar barato.

— Mais uma dose, por favor. — Pedi à bartender que preparou mais uma dose dupla do líquido sem cor no copo de cristal.

Entornei o líquido de uma vez, tão logo o líquido desceu, sem o auxílio do gelo, senti a garganta aquecer. Então, ouvi uma voz doce falando já bem perto de mim.

— Devagar amigo, não estrague a diversão ficando bêbado antes da hora. — Uma bela mulher apoiou-se na bancada ao meu lado. Não era meu tipo predileto, sempre preferi as mais altas, mas como um bom canalha eu o faria apenas pelo magnífico par de peitos que ostentava sem sutiã sob a blusa de seda.

— Uma diversão que não impedirá muitas outras. — Analisei-a de alto a baixo. Sim, definitivamente eu queria meu pau enfiado nela.

— Eu sou Zayda. Você deve ser Anthony Hill.

— Culpado, – Acenei para que a bartender viesse até mim – mas não acredite em tudo que ouviu. As pessoas costumam inventar histórias bastante diferentes da realidade. – Virando-me para a bartender, que tinha se aproximado, pedi – Outra vodca para mim. – Olhei para Zayda como se a analisasse para saber seu gosto – e uma piña colada para a mulher com os melhores peitos da festa.

Zayda sorriu e a bartender revirou os olhos enquanto foi preparar os drinks. Eu já imaginava que a jovem teria se aproximado ao reconhecer minha cara. Tinha saído em praticamente todas as revistas e jornais as fotos da inauguração onde os três sócios sorriam para as câmeras.

O triplo A poderia se referir tanto as iniciais dos nossos nomes, quanto ao nosso status social. Triplo A; a classificação para pessoas vergonhosamente ricas e que tem mais dinheiro do que poderiam gastar em quatro vidas. Dentre nós, apenas Alec era bilionário, mas Adam e eu já tínhamos uma excelente fortuna para nos classificar neste status.

Dentre os muitos rumores que circulavam pelos tabloides estava o que insinuava que eu costumava pagar imensamente bem para as mulheres que eu levava para a cama. Talvez ela tenha lido um destes artigos, talvez não. Os olhares de Zayda mostravam que não era apenas a grana em meu bolso que a estava provocando.

Eu sabia bem que era um tipo de homem que conseguiria deixar qualquer mulher com um formigamento naquele exato ponto no meio das pernas. Eu beirava os quarenta anos, mas minha aparência era bem jovem ainda. Eu tinha a experiência dos anos impressa até no meu andar. Alto, forte. Tinha ombros largos, um corpo proporcional. A pele alva, levemente dourada, ressaltando os olhos azuis intensos.

O olhar que sempre imprimia no rosto era bastante enigmático, mas o sorriso de canto nos lábios, era uma incógnita fácil de desvendar. Os cabelos pretos cortados num corte social bem cuidado pareciam estar pedindo para serem entremeados nos dedos da garota que me olhava mordendo os lábios.

A bartender já tinha entregado os drinques. Eu observava o modo que os lábios de Zayda beijavam a boca da taça, não podendo impedir que minha mente tivesse ideias peculiares sobre as coisas que aqueles lábios poderiam fazer.

Quando Zayda finalizou a bebida, enlacei minha mão em sua cintura e a puxei para mim. Ela era gostosa de pegar, uma garota mignon com o volume certo nos lugares certos.

— Quero foder você... – Sussurrei contra seu ouvido delicado. A garota olhou para mim com um sorriso nos lábios e acenou positivamente com a cabeça. Encostou seu corpo mais contra o meu e puxou-me para um beijo. Seus lábios tinham certa urgência. Compartilhei ainda um pouco do gosto da bebida sob sua língua e ela provou da minha boca com gosto de vodca.

— Quer sair daqui? – Perguntei contra a boca cujo batom vermelho já tinha se dissipado. A minha voz embargada de álcool e de desejo mostrava, sem precisar descrever, todos os planos que eu tinha para nós dois.

— Eu adoraria.

Eu a segurei pela cintura, colocando-a ao meu lado, e a conduzi pela multidão que lotava as escadas, para o topo da construção. Onde o meu piloto particular esperava.

— Para casa. – Pedi ao piloto. Pelo olhar encantado de Zayda podia jurar que nunca tinha andado de helicóptero em toda sua vida.

Depois dos preparativos que não levaram mais que dez minutos, já estávamos sobrevoando e cruzando a cidade até alcançar o condomínio de luxo que ficava na banda oeste de Nova Iorque. Longe do centro, num refúgio tranquilo, onde eu poderia me isolar do mundo e foder esta garota até ela gritar entre quatro paredes.

Desci pelo elevador que dava para o heliporto no telhado e que também dava acesso direto ao quarto do "abate". Já que nenhuma mulher conseguira chegar a um cômodo diferente da casa.

Eu não me importava com o que Zayda fazia da vida, ou se não fazia nada. Só o que importava era que eu pretendia dar e receber prazer naquela noite. Não queria saber de onde Zayda vinha ou para onde iria depois, apenas precisava me esvaziar dentro do corpo feminino atraente.

Estávamos sozinhos e depois de descer a saia dela e a blusa, e perceber que os seios dela eram ainda mais perfeitos sem o tecido que os cobria, eu retirei a minha própria roupa e comecei a matar a urgência que sentia em meu corpo no corpo dela.

Quando o celular tocou, no meio do que estava fazendo, eu deitei na cama e a coloquei sobre mim enquanto atendia o aparelho, mesmo com os doces protestos de minha companhia.

— Onde é que você está, maldito miserável? — A voz de Alec era divertida do outro lado da linha. Talvez ele estivesse se divertindo com alguém no Triplo A, ou talvez estivesse apenas ouvindo o barulho da cama batendo na parede deste lado.

— Estou diante de uma visão do céu, Alec. Não me atrapalhe neste momento.

Zayda deu um sorriso convencido e se esforçou por agradar ainda mais do que estava agradando.

— Você se deixou atrapalhar quando atendeu. Achei que tinha ficado em casa, quer saber. Eu não quero participar de nenhum ménage grotesco por telefone enquanto ouço gemidos.

— Você pode vir, olhar de perto. Não verá peitos melhores que os que estão balançando a centímetros do meu rosto agora.

— Ah, vai se ferrar.

Eu estava sorrindo feito um idiota quando a ligação foi encerrada. E finalmente pude terminar o que tinha começado a um par de horas atrás.

Zayda estava deitada na cama, adormecida. O calor da bebida tinha

esfriado, deixando em seu lugar uma tontura que me incitava certo sono.

Deitei-me no divã ao lado da cama, observei outra vez a mulher deitada na cama ao lado. Era completamente atraente. Se não a tivesse feito ficar exausta, me atreveria a acordá-la para um novo round. Porém, a garota dormia tão pacificamente que seria cruel de minha parte acordá-la.

Quando despertei, era ainda bastante cedo. Zayda estava se vestindo. As mesmas roupas que usava na noite anterior e os saltos altos que deixavam seu andar sensual e elegante.

— Acordou? – Zayda comentou com um sorriso no rosto – Achei que tinha matado você.

Sorri e comentei de volta:

— Não, mas chegou bem perto. Precisa realmente ir? Por que não tomamos um café juntos?

— Adoraria, mas tenho um lugar para estar. E já estou infinitamente atrasada.

— Eu insisto. – Falei com gentileza.

— Lamento mesmo.

— Vou pedir ao meu motorista que a leve. Pode pedir que a leve para onde quiser. Por falar nisso, gostaria de lhe dar um presente pela noite anterior.

— Claro... – Zayda falou num tom confuso.

Fui até a gaveta do criado-mudo e peguei o talão de cheques. Escrevi uma generosa quantia e estendi o papel timbrado para Zayda. Que até tentou soar ofendida por algum instante, mas ao ver os cinco zeros escritos com minha caligrafia engoliu o orgulho.

— É para que nossa diversão fique entre nós dois. – Comentei de forma direta.

— Sua fama já o precede, Anthony. Não acredito que qualquer valor possa mudar isso.

— Há algumas diferenças entre o que dizem que sou e o que realmente sou. Prefiro não confundir os dois.

— Nesse caso, não vou nem fingir que não quero o cheque. Me dê um beijo, estou de saída. – Zayda inclinou-se para me dar um beijo no rosto. Pegou sua bolsa pequena e arrumou o cabelo num rabo de cavalo preso por alguns grampos.

Fui até a sala-de-estar. Sentei-me no sofá por algum tempo, preparando-me mentalmente para um banho-frio que me despertasse. E só então notei que precisava checar minha agenda do dia para eventos importantes.

Eu tinha deixado o meu celular e a carteira no quarto onde estava há pouco. Quando cheguei lá, encontrei a carteira intacta. Nada tinha desaparecido dela. Não poderia dizer o mesmo do meu celular. Que não estava em lugar nenhum.

Chamei Gena, minha empregada, e pedi que me ajudasse a procurar no restante da casa, mas já sabia que seria em vão. Provavelmente a garota o tinha roubado. Liguei para o motorista, mas fui informado que Zayda já tinha saltado no primeiro posto de táxi e o tinha dispensado.

Claro que me senti o homem mais idiota do mundo. Não era o celular que importava, mas as informações contidas nele. Documentos de transações, algumas senhas. Minha agenda pessoal e e-mails de negociações. Mesmo que eu conseguisse bloqueá-lo, o que me garantiria que qualquer técnico especializado não conseguisse desbloqueá-lo mediante um bom pagamento?

— Que vadia... – reclamei.

Subi para tomar o maldito banho e esfriar a cabeça. Minha manhã não poderia ter começado de pior maneira.

Algum tempo depois, saí do banho, enrolei-me na toalha e desci para a cozinha.

— Gena! – Eu chamei em alta voz enquanto descia as escadas. Gena, minha secretária do lar, apareceu – Preciso do meu café. Minha cabeça dói terrivelmente.

— Claro, senhor Hill. Seu café-da-manhã já está servido.

Agradei-a e fui até a mesa de jantar. Tomei um café solitário numa casa enorme. Então, já mais calmo pelo precioso líquido amargo, usei um outro aparelho móvel para ligar para o celular roubado.

Zayda atendeu a ligação sorrindo.

— Eu sabia que iria ligar.

— Achei que teria mesmo o descaramento de atender a ligação.

— Ser descarada é apenas uma de minhas muitas qualidades.

— Quanto quer pelo aparelho?

— Não quero seu dinheiro.

— Zayda, não estou brincando. Sabe que poderia ir para a cadeia pelo que fez. Estou lhe dando a chance de se redimir. Por que roubou o aparelho?

— Não preciso me explicar, Anthony. Não é para você que trabalho. Agradeço pela noite e pelo cheque, mas preciso desligar agora. Foi muito bom falar com você.

Zayda encerrou a ligação. Apesar de eu ainda tentar rastrear o aparelho, ele não estava mais ligado. O que dificultava as coisas.

Eu iria contar para Alec e Adam o que tinha acontecido, seria motivo de risos por alguns dias, já que nunca conseguia escolher uma mulher que não ferasse com a minha vida, mas logo isso cairia no esquecimento. Pelo menos é o que espero.

CAPÍTULO 2



EU NÃO PODERIA ME DAR ao luxo de não trabalhar, apesar da dor-de-cabeça que uma aventura passageira me tinha causado. Isso explicava facilmente o meu mau humor matutino.

Conferi a agenda do dia num dos meus aparelhos da reserva. Felizmente, só teria duas reuniões durante a tarde. O que me daria um bom tempo livre até o horário de almoço. Eu provavelmente me encontraria com Alec e Adam e me tornaria o motivo de piada por culpa do meu dedo podre.

Isso não quer dizer que qualquer dos dois tivesse a menor moral para criticá-lo, só que sempre que acontecia algum problema com qualquer mulher, tinha que ser na minha cama.

As escolhas erradas não se limitavam apenas a cama, mas a quase tudo que acontecia fora dela. A primeira de todas as escolhas erradas: ter me casado cedo demais.

Casar cedo tinha cortado todas as minhas asas. O que tinha me tornado um fracasso em jogos de sedução. Meus trinta e oito anos também não me deixavam ficar muito tempo nesse jogo da conquista com alguém. Eu tinha pressa de viver intensamente já que tinha desperdiçado tanto tempo de minha vida.

Eu não estava em busca de amor, nem de relacionamentos. Eu não me via me apaixonando novamente e passando por todo o inferno que isso causava. Eu tinha uma busca incessante por noites casuais e prazerosas, não de joguinhos de desinteresse.

Tempo e dinheiro são duas coisas que não se jogam fora.

Minha cabeça já doía bem menos quando saí a me encontrar com os rapazes em frente à Hill Incorporadora. Uma empresa responsável pela direção de um conglomerado de indústrias. Algumas delas pertenciam à família de Alec.

Um de meus antigos clientes me tinha recomendado a um cantor famoso que estava interessado em adquirir uma cobertura no Central Park. Ele tinha informado que eu era muito discreto depois de tê-lo ajudado a tapear uma revista famosa e lhe alugado uma cobertura durante uma semana apenas para que fossem feitas as fotos em “sua” mansão.

Esse era um dos negócios que eu fazia. Nem todo mundo que ostenta uma enorme mansão em reportagens de revistas famosas e nos programas de auditório da televisão tem condições de realmente custear uma delas. Especialmente quando são novos na mídia. Então eles alugam um local ricamente decorado apenas para as entrevistas esperando que isso passe uma imagem de credibilidade diante do público que nunca duvidará da real situação financeira deles.

Este cliente era diferente. Ele realmente queria comprar uma propriedade, o que resultaria numa boa comissão para mim. A venda aconteceria, e aconteceria da melhor forma que eu fazia, com direito a deslumbrar. Eu venderia uma cobertura, um carro, e ainda colocava uma loira dentro do carro para agradá-lo. Isso sempre conquistava os clientes, independente do seu estado civil.

Finalmente cheguei à café boutique. Um local bastante reservado. As mesas de madeira e suas cadeiras combinando ficavam espalhadas pela calçada. A sombra projetada pelos prédios permitia que se pudesse ficar aproveitando o movimento das pessoas e da cidade durante o dia inteiro sem o calor abrasador do sol.

Alec e Adam estavam assentados e eu acenei para os dois assim que os vi. Aproximei-me e sentei à mesa.

— Você me deve cinquenta pratas. – Alec comentou para Adam e os dois sorriram.

— Do que estão falando?

Virei-me para sorrir para a garçonete que já me conhecia e conhecia a exigência dos meus pedidos. Cada um deles.

— Olá, Beatrice! Como vai? Por favor, traga-me aquele sanduiche de miga, por favor, e um suco verde concentrado.

— Estou bem. Trago em um minuto. – Beatrice respondeu antes de virar-se deixando os rapazes e eu feito lobos admirando a bunda dela apertada num jeans escuro.

— Estávamos apostando se você iria quebrar a tradição ou não. Não vai almoçar? – Adam foi o primeiro a quebrar o encanto.

— Não tenho muita fome, se eu comer alguma coisa mais pesada eu vou jogar tudo para fora até mais tarde. Então, prefiro ir com uma coisa mais leve. De que merda de tradição vocês estão falando?

— Da nossa tradição. Encontrar-nos pela manhã logo após uma noite gasta no Triplo A. Alec e eu falamos sobre as mulheres que pegamos e você fala sobre as coisas que te aconteceram. Como daquela vez em que você foi transar com uma garota no carro e acabou de cuecas abandonado ao lado de uma rua deserta.

— Pelo amor de Deus, não exagera.

Falei levemente irritado. Eu sabia que seria motivo de piadas, e mais uma vez eles estavam certos. Meu dedo-podre era o responsável.

— Pode começar... – Alec disse. – Estamos ouvindo atentamente. – O maldito tinha um olhar de desafio e deboche no rosto que eu tive vontade de desfigurar com um soco, mas Alec não seria ele mesmo se não irritasse todo

mundo ao seu redor dele a ponto de querermos esfaqueá-lo.

— Muito bem, se não querem começar, eu começo.

— Muito bem, comece. – Eu disse depois de tomar um gole do suco que Beatrice trouxe para mim. Só quando o sabor cítrico da fruta tocou na minha língua e me fez despertar um pouco mais, eu percebi que realmente estava com fome.

— Não achei uma mulher interessante o suficiente. – Alec disse – Eu vou usar de uma palavra bem arcaica. Fiquei cortejando uma mulher a noite inteira. Mas, infelizmente, ela parecia ser problema.

— Isso quer dizer que você passou a noite com as bolas cheias? – Adam perguntou sem se preocupar que sua voz estava num tom elevado e que provavelmente o café inteiro tinha ouvido o seu comentário.

— De maneira alguma. A garota trabalhou com as mãos, mas não passou disso.

Adam ainda era jovem. Apenas trinta anos. Não era à toa que vivia com essa mania de competição. Ele ainda não tinha entendido que dormir com uma mulher não é o prêmio principal, mas não se deixar envolver.

— Por quem você está apaixonado agora? – Perguntei a Adam.

Ele realmente tinha um novo amor a cada noite. Bastava um sorriso ou qualquer gesto para que já se considerasse apaixonado. Eu tinha que saber algum dia por que isso funcionava para ele.

— Você tinha que ver aquela garota. Era bem jovem, tinha uns vinte anos, eu acho. Não sei, eu não perguntei. Ela tinha as pernas mais longas que eu já tinha visto. E quando me sorriu eu fiquei simplesmente apaixonado.

— Isso não pode ser sério. Você se apaixonou por ela ou pelas pernas dela? – Alec perguntou com um jeito brincalhão.

— Cada mulher tem algo pelo que me apaixono, não posso culpá-las. Cada uma tem algo que é simplesmente irresistível à sua maneira. Mas, não é

de mim que queremos falar. Afinal, ainda precisamos saber como a noite do senhor Anthony Hill aqui – Adam bateu com a mão de maneira forte no meu ombro – terminou.

Apesar de meus pedidos aos céus, os dois não tinham esquecido. Eu teria que contar, com detalhes, como tinha sido minha noite. Pelo menos até o próximo final de semana teria que aguentar as piadinhas descabidas.

— Bom, o que tem para falar? Não aconteceu muita coisa. Eu fiz sexo igual a um cavalo, depois deixei que o sono me abatesse. Quando acordei, tinha me despedido da garota. Só muito tempo depois percebi que tinha sido roubado.

Os dois começaram a rir. Eu ri junto, para tentar disfarçar o embaraço, mas eles não me deixariam em paz tão cedo.

— Eu espero que tenha valido a pena. – Alec falou depois que Adam interrompeu os risos para atender uma chamada.

— Ah, valeu muito a pena. Como eu falei ao telefone. Você precisava ver aqueles peitos.

Levantei-me, não queria mais demorar tanto tempo ali. Joguei uma nota sobre a mesa para pagar o café, não sem antes enfiar o último pedaço do sanduiche na boca. Eu realmente estava com fome agora, mas não tinha mais muito tempo a perder.

— E agora, vai aonde? – Adam perguntou depois de pedir um momento a alguém que estava do outro lado da linha.

— Eu trabalho, seus vagabundos. Eu tenho que correr atrás dos meus clientes, diferente de vocês que ganham dinheiro defendendo ladrões ou trabalhando para eles.

O comentário não foi maldoso, essas ofensas estavam leves perto das que trocávamos pelo puro prazer de irritar um ao outro.

— Não vamos demorar muito aqui. — Alec disse. — Precisamos

encontrar um cliente em comum mais tarde.

— Ei, eu não sou seu marido, não precisa me dar satisfação.

Eu ainda deixei os dois sorrindo enquanto saia andando. Entrei no carro e fui à cobertura que meu cliente visitaria mais tarde. Eu lhe daria uma tarde de rei, seria impossível que não comprasse até areia no deserto se eu quisesse vender-lhe.

CAPÍTULO 3



— VOCÊS! PREENCHAM AQUELA PAREDE inteira com um painel de LED, por favor. Quero imagens de tudo o que tem de melhor no quesito mulher naquela parede. Vocês, quero uma bela mesa com bandejas de cristais e um menu degustação com diferentes entradas. Coloquem também aquele brigadeiro com folhas de ouro. – Virei-me ao outro grupo que estava cuidando da parte técnica da piscina - Vocês, tratem de programar a iluminação da piscina para que fique de acordo com as cores do painel de LED.

Vender não é um trabalho fácil, jamais pense isso. Especialmente quando você precisa convencer alguém a comprar algo de que não precisam. Esse é o meu trabalho. O fato de eu conseguir cumpri-lo com maestria se deve ao meu esforço em encantar quem quer que viesse ao meu encontro.

— Ah, e vocês! – Avisei a dona de uma agência de modelos e seu staff – Quero este lugar cheio de mulheres. As melhores que tiver, nada de garotas franzinas. Eu quero mulheres com atributos.

— Perfeito. – Doria me respondeu e imediatamente começou a ligar para algumas garotas do tão misterioso caderno prive.

Os preparativos devem ter demorado algo em torno de duas horas, talvez

um pouco mais. Eu estava planejando duas festas ao mesmo tempo, uma para vender o apartamento para o cliente que tinha me sido indicado, a outra seria à noite, num iate, o qual eu venderia para um antigo esportista que estava se aposentando e queria dar a volta ao mundo.

Quando os preparativos terminaram, tomei um banho e me vesti na suíte do apartamento que estava a vender. Uma das auxiliares da empresa que ficara responsável por trazer os garçons e auxiliares de limpeza, organizou tudo antes que o futuro dono do apartamento chegasse.

A música já estava tocando. As mulheres já embelezavam os cantos do apartamento em conversas animadas. Também havia alguns homens para o caso de qualquer uma delas não conseguir companhia.

Quando eu ouvi o barulho dum helicóptero, soube que meu hóspede tinha chegado e estaria prestes a descer no heliporto. Uma das modelos de Doria me acompanhou para recebê-lo, a mais bela de todas.

— John Miller! – Dei o meu melhor sorriso para mostrar quem estava no comando da noite. A mulher apoiada ao meu braço escapou de mim para apoiar-se ao braço dele. John não tinha alianças, ou seja, nenhum compromisso, minha análise primária estava certa.

— Você deve ser o senhor Anthony. – John estendeu a mão para mim e sacudimo-las amistosamente – Parece que está tendo uma festa aqui.

— Por favor, apenas Anthony. – Sorri-lhe e virei-me já andando mostrando que deveria me seguir – Sobre a festa, sim, está tendo uma. O dono acabou de chegar.

— Devo cumprimentá-lo? Eu o conheço?

— Claro que conhece, o dono da festa é você.

John sorriu e me acompanhou enquanto eu o levava para conhecer a cobertura. Cada canto dela foi vistoriado por ele que, deslumbrado por ter vindo de uma origem humilde, deixou-se levar pela apreciação das coisas que eram mostradas.

O advogado dele, que tinha chegado nalgum dado momento da festa, ainda tentou alertá-lo sobre o valor exorbitante das taxas para a prefeitura, mas não obteve sucesso. Ele já estava deslumbrado. Depois de tudo me restou apenas ligar para o escritório jurídico e pedir que começassem a preparar o contrato.

Quando John já estava bem à vontade em sua festa e as mulheres também, eu já não precisava mais nem mesmo me esforçar para convencê-lo. A venda estava garantida.

Saí dali para meu próximo cliente. Ali sim, eu esperava ficar até o final. Afinal, o mar sempre foi uma de minhas paixões.

Enquanto esperava, uma das moças contratadas para "animar" a festa, quis um pouco de diversão e, bom, eu não poderia negar cumprir tal tarefa.

— Bem-vindo, capitão. É muito bom vê-lo.

Uma moça que trabalhara comigo noutra oportunidade, veio ver como eu estava. Não obstante, tomou um beijo meu mesmo diante da outra. Pela forma como se entreolharam, as duas ficariam juntas, se eu pedisse.

Infelizmente, fui interrompido, pois meu cliente tinha chegado. E, com protestos das duas, foi-me difícil deixá-las para trabalhar. A comissão de três por cento sobre o valor do iate de luxo não era algo que eu abdicaria por um pouco de diversão.

O trabalho sempre foi o meu ponto fixo. Sempre fora o meu objetivo. Pelo menos depois que minha ex-mulher acabou com a minha vida. Já que depois dela, eu nunca mais acreditei nessa coisa que chamam de amor, e que eu chamo de conveniência para a reprodução.

— Eles chegaram. — Um membro do staff veio me alertar.

— Obrigado. — Eu já estava andando pelo corredor das suítes para subir para a sala de eventos do iate. Era ali que me esperariam.

Eu só não estava preparado para o que eu veria. Eu sinceramente não

estava nem um pouco preparado para a fraqueza que se abateria sobre minhas pernas. Depois de quase que exatos vinte anos, depois que eu achei que tudo estaria simplesmente resolvido. Meu passado veio bater à minha porta de uma maneira que eu nunca conseguiria imaginar.

Era ela. Phoebe...

O fantasma do meu passado, o mais lindo dos fantasmas do meu passado, que surgiu na minha vida quando eu não esperava mais encontrá-lo, quando eu esperava já tê-lo exorcizado.

Phoebe estava ainda mais linda do que eu poderia lembrar. Eu tinha uma imagem um tanto quanto desfocada dela quando era mais jovem. Uma garota desengonçada e em nada elegante, com um estranho cabelo alaranjado que tinha os olhos mais incrivelmente azuis que alguém poderia imaginar. A mulher que eu via agora, em contraste, era absolutamente irresistível.

Phoebe estava de perfil para mim, olhando para o homem ao seu lado com um sorriso no rosto, mas aquele sorriso não parecia tão sincero. De qualquer forma, Phoebe sorria, e todos os presentes pareciam encantados.

Phoebe estava num deslumbrante vestido de cor marfim sem alças. O colo alvo à mostra parecia cintilar do mesmo modo que as pequenas pedras que estavam enfeitando o busto do vestido. O tecido deslizava, frio e perfeito, sobre as curvas. Os cabelos dela pareciam chamas alaranjadas ondulando-se até os ombros e embebendo a pele dela num calor que parecia implorar para ser tocado.

O mundo pareceu parar por um instante. Pareceu parar repentinamente de modo que só existia Phoebe à minha frente, ninguém mais. Talvez tenha sentido o mesmo magnetismo tangível que me atraía, por que ela sentiu que eu a estava olhando feito um louco sem razão.

Então Phoebe virou para mim. O olhar dela brilhou à sombra do meu quando um reconhecimento mútuo passou por nós quase como se retirasse, de leve, o véu do passado.

Era eu. Phoebe sabia. Ela tinha me reconhecido e imediatamente o olhar

dela tornou-se frio, como se visse em mim não o homem que eu era, mas o maldito jovem que frustrou com todos os sonhos dela.

Ao mesmo tempo, o homem que estava ao lado dela, deslizou o braço pelas costas delicadas e se inclinou para falar-lhe alguma coisa ao ouvido. Phoebe ficou desconcertada, então se virou para o homem e se deixou ser beijada de leve nos lábios.

Minhas mãos se fecharam e eu fiquei a ponto de ferir as palmas das mãos com as próprias unhas quando as cravei na pele, movido por um sentimento que eu julgava obsoleto – ciúmes.

Ewan, meu cliente, se aproximou tranquilamente e cruzou o olhar comigo como se eu fosse um adversário. Talvez tenha percebido a forma que olhei para a mulher que o acompanhava.

— Ewan Aceras. – Eu o cumprimentei.

— Anthony Hill, é um prazer finalmente conhecê-lo. – Ewan olhou para Phoebe ao lado dele – Esta é Phoebe, minha mulher.

Phoebe parecia constrangida, não sei o porquê. Provavelmente porque estava diante de mim sendo apresentada pelo marido. Isso era estranho para mim também. Quanto mais eu olhava para Phoebe, mais eu lembrava de tudo que tínhamos vivido, e mais e mais eu sabia que ela também lembrava.

— Fala alguma coisa, Phoebe. – Ewan pegou uma dose de uísque, que o garçom lhe oferecia, entornou-a e então falou com um hálito que mostrava que a bebedeira dele não tinha começado no iate – Eu não tenho uma esposa de enfeite.

— Senhor Hill, eu devo elogiar a festa, está muito agradável.

Phoebe falou muito constrangida. Eu não comentei nada sobre o comportamento de Ewan, apesar de minha vontade ser de jogar o copo que segurava contra a cabeça dele. Phoebe deve ter percebido pelo meu olhar. Desviou o olhar para o marido como uma forma de advertência, mas ele soltou de um modo debochado um palavrão.

— Você está louco? Contenha-se Ewan.

Phoebe deu um olhar amargurado para o marido e um envergonhado para mim. Então desvencilhou-se do braço dele e saiu de perto indo para o pontal do iate. Eu tinha que fazer as vezes para Ewan, apesar de minha vontade ter sido de sair correndo atrás dela.

CAPÍTULO 4



AQUELAS DUAS HORAS AO LADO de Phoebe foram as piores que eu já vivi na vida. Nem mesmo ter encontrado alguém trepando com a minha ex-mulher me fez sentir qualquer coisa parecida com o que senti quando a vi casada com um sujeito tal qual Ewan.

Eu nunca achei que seria confundido, mas é exatamente o que está a acontecer. Eu sentia um incomodo físico por estar tão perto e ao mesmo tempo sentindo-me tão longe. Ewan já tinha confirmado com os membros do staff que queria que uma das garotas lhe fizesse companhia assim que a esposa fosse embora. Ou seja, Phoebe iria embora e ele iria traí-la com as ferramentas que eu provisionei.

Que maldito filho de uma mãe não percebe que Phoebe é de longe a mais bonita e gostosa da festa? Agora, o desgraçado estava ao meu lado, apontando para todas as bundas da festa sem nem mesmo se preocupar com o fato de Phoebe ainda estar por perto.

Ewan já tinha bebido tanto que tinha confundido as pernas pelo menos duas vezes. Se apoiando em mim, de um modo que queria mostrar que éramos mais amigos do que realmente somos. Ou melhor, não somos amigos de maneira nenhuma.

— Ela é bem boa, mas com o tempo, você vai enjoar como eu enjoei.

Eu precisei olhá-lo aos olhos para confirmar que realmente estava falando da esposa nesses termos.

Ewan tomou outro copo de um líquido que não soube distinguir. E sorriu de um jeito estranho. Ele já tinha percebido que eu estava olhando para a sua mulher. Eu não estava escondendo isso, mas ser pego no ato foi embaraçoso e constrangedor.

— Do que está falando? – Perguntei tentando fazê-lo achar que estava errado.

— Qual é? Somos homens. Não precisamos de joguinhos entre nós. Eu sei distinguir um olhar de apreciação masculina de um homem para a minha mulher. – Ewan ressaltou bem a palavra que indicava posse. Era isso então que Phoebe era? Uma propriedade. Uma coisa que ele utilizava somente quando era conveniente?

— Com licença. – Eu pedi quando não achei uma palavra rápida para desmentir o que achava que tinha visto e saí para falar com os membros do staff fingindo ter algo a fazer.

Na verdade, eu fui pegar uma garrafa da melhor vodca que tinha na festa. E saí para o convés para entorná-la. Talvez se eu trocasse uma parte do sangue em minhas veias por álcool eu conseguiria esquecer tudo que tinha acontecido durante a noite.

O convés superior da popa estava muito lotado, mulheres seminuas sentadas na enorme banheira de hidromassagem, e as amuradas também estavam lotadas.

Eu tinha uma certa vergonha, nesse momento, por ter enchido o lugar de tantas mulheres. Eu me perguntava como Phoebe estaria se sentindo. Lembrei-me de ter checado os arquivos sobre o comprador, duas vezes, lá não constava que Ewan era casado. Por isso toda a recepção.

Saí do convés da popa e me dirigi para o convés de proa, que estava

menos movimentado. Apoiei-me ao arco da proa e fiquei observando o mar ser cortado pela linha de água da nau.

Tomei um pouco mais da vodca. Eu não queria ficar tão lúcido. Não sabendo que, ao final da noite, Phoebe estaria sendo apertada entre os braços de um homem que não seria eu. Isso logo depois de ter sido traída com outra mulher. Eu devia estar ficando realmente muito bêbado para estar imaginando-a dormir com outro.

Meu celular vibra no meu bolso. Tiro-o para checar a mensagem que tinha chegado. Era a confirmação do escritório de advocacia. Mais um negócio bem-sucedido. Apesar de terem negociado a menos o valor do iate, o que afetaria minha comissão.

Guardei o celular no bolso, frustrado, e virei-me para voltar à festa, mas olhei na direção da escada de portaló (que é a escada pela qual se desce do navio) e vi a lua prateando os cabelos da cor de fogo de Phoebe.

Phoebe estava sentada na escadaria. Apoiando a cabeça nas mãos. Na posição em que eu estava, eu não conseguia perceber, mas sua compleição indicava que estava chorando.

Senti vontade de ir embora, fugir da presença da mulher que tão fortemente me abalava mesmo depois de tantos anos. Mas essa dúvida – saber se estava chorando ou não – me comoveu a ir até ela. Eu tinha que saber se estava bem.

— Merda.

Tomei mais alguns goles direto da garrafa para criar coragem e fui até Phoebe. Ela deve ter ouvido meus passos descalços sobre a madeira, ou sentido a minha presença, pois virou pouco tempo antes que eu sentasse ao lado dela.

— Está tudo bem?

Perguntei. Não sei se era a pergunta certa. Por Deus, eu não sabia começar uma conversa que não tivesse um cunho sexual, mas acho que foi a

pergunta certa. Por que, apesar de ter demorado a responder. Depois de um longo suspiro, ela acenou negativamente com a cabeça.

— Pode falar se quiser. — Insisti com a conversa, eu não queria que Phoebe ficasse calada. Queria que me falasse exatamente o que sentia. Eu não sabia por que, mas queria ouvi-la.

— Tony, você não entenderia.

Eu sorri muito de leve ao lembrar-me do apelido que a mulher tinha me dado há vinte anos e que ainda tinha utilizado sem precisar refreá-lo. Será que o tempo tinha parado para ela como pareceu ter parado para mim? Pois depois dela, minha vida só deu errado e mais errado.

— Eu não sei se posso entender, mas posso tentar. — Sentei-me ao lado dela. Fiquei quieto esperando que se abrisse para mim.

— Eu não sei.

— Muito bem. — Me aproximei um pouco mais dela, joguei a garrafa ao mar e, com as mãos livres, indaguei — Vocês são marido e mulher, eu vou respeitar isso, mas não posso entender a razão de você se sujeitar a tal coisa. Ele nem mesmo respeitou a sua presença no local.

— Você também casou.

— Foi diferente, você sabe.

— Você estava apaixonado. Eu também estive.

— Esteve?

— Estou... — Phoebe se corrigiu — Eu quis dizer estou.

— Por um homem que não te respeita?

— Isso não é da sua conta, Anthony. — Phoebe falou mais alto — Eu acho que você não está sendo suficientemente respeitoso à sua mulher também. Está aqui comigo.

— Estamos conversando. Você não precisa gritar.

— Você sempre fez isso.

— Fiz o que? – Agora estávamos os dois falando num tom mais alto que o normal.

— Ignora o que falo e fala outra coisa. Eu falei sobre você estar sendo desrespeitoso à sua mulher. Você desconversou e não falou nada sobre isso.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Eu sei bem com que intenção eu vim falar com você, e não foi esperando para que se jogue em meus braços. Apesar de eu saber que é o que queremos.

— Está louco? – Phoebe falou ajuntando as sobrancelhas. E então se levantou por causa do meu desrespeito. – Não mede mais as suas palavras?

Isso foi o álcool falando, não eu. Levantei-me rápido e ia me desculpar. Phoebe ergueu as mãos para eu nem mesmo me justificar.

— Eu não quero ouvir nada.

— Você tem que me ouvir também, Phoebe.

— Eu não já disse que não quero que fale nada? – Phoebe passou a mão no pescoço, estava se sentindo desconfortável. A pior parte de estar fazendo-a se sentir desconfortável era que a culpa era minha. – Olha só para nós? Já se passou tanto tempo e ainda estamos brigando como antes. Eu não preciso disso, sinceramente.

— Se o que te preocupa é minha mulher, não se preocupe. Eu estou separado.

— Você tem noção do que está falando? Você pode não estar casado, mas eu estou casada. Você está bêbado como Ewan e agindo igual a ele. Eu nem sei o que o fez vir aqui, nem mesmo sei como começamos a brigar, eu só sei que não quero mais ouvir nada.

— Phoebe, espera...

Eu ainda a chamei. Mas os pés graciosos dela já a estavam levando para longe de mim. Phoebe estava com muita raiva, muita mesmo, mas eu também não poderia correr atrás dela. Não com o marido dela atrás de uma das portas das suítes deitado ao lado de outra mulher. Não por Ewan, mas pelo pedido de Phoebe.

Eu já estava bêbado e fazendo besteiras.

Eu não queria causar uma confusão.

Procurei uma das portas das suítes vazias, uma das que não estavam sendo ocupadas por casais e me joguei na cama. O álcool estava me afetando de uma maneira que não pude imaginar. Ou talvez fosse a presença de Phoebe que tinha me exaurido como se eu tivesse corrido uns bons quilômetros.

CAPÍTULO 5



EU PENSEI QUE TINHA ME ACOSTUMADO às ressacas do dia seguinte, mas essa estava de ganhar vários prêmios. Sob a claridade, a mulher com quem eu dormira a noite passada não parecia mais tão perfeita. Nada deve ser levado a mal ela ainda tem um corpo espetacular, mas ela não é e nunca será Phoebe.

Dessa vez a ressaca era ruim porque não se limitava a um evento com o corpo, mas vinha também com uma ressaca moral. Eu tinha sido um verdadeiro e completo idiota com Phoebe. Se algum dia eu achei que poderia tê-la novamente, eu tinha acabado com as minhas chances nesse momento.

Minha visão embaraçada pela luz forte do lado de fora do convés ajudava a aumentar um pouco a dor de cabeça, mas dessa vez eu merecia essa dor. O iate estava uma bagunça. Havia corpos dourados do sol espalhados pelos sofás. Muitas mulheres sem as partes de cima do biquíni para não pegar um bronzeado com marcas. No meio delas o marido de Phoebe se comportava como um bicho no cio.

Ewan era a pior espécie de homem para estar ao lado de Phoebe, mas o pior era não se comportava de maneira tão diferente daquilo que um dia fui para ela. Assim como Phoebe tinha o coração ferido por ele agora, eu, um dia, o feri.

Só nesse momento percebi que estávamos balançando mui levemente ao sabor do mar. Estávamos velejando sabe-se Deus para onde. E eu, adormecido como estava, não tinha percebido que o iate tinha partido.

Uma das moças do staff que ainda não tinha sido dispensada por mim, já que eu adormecera, passou por mim e eu chamei a atenção dela.

— Onde está a senhora Aceras?

A moça ainda deu uma olhada para Ewan para comprovar que estava dormindo, depois olhou para mim tomando cuidado para não se desequilibrar e derrubar a bandeja de bebidas, falou baixo:

— Phoebe Aceras está na suíte principal.

A imagem de Phoebe adormecida num leito cujo lado estava vazio me atormentou. Continuei a respirar como o meu instinto mandava e insisti.

— A senhora Aceras já está acordada?

Como se a mulher notasse meu interesse repentino, adicionou:

— Não creio que tenha dormido. Tendo que administrar de última hora todos os pormenores da viagem repentina que o marido quis fazer.

— Eu pagarei por isso, não tenham preocupações.

— Na verdade, Phoebe nos pagou em mãos para atendermos ao pedido do marido, mas se quiser pagar novamente, não tenho nada contra.

Sorri pela ousadia da garota, mas logo me desviei dela. Eu precisava encontrar Phoebe e saber como estava, depois para onde estávamos indo.

Desci as escadas e alcancei a suíte principal no final do corredor dos quartos. Meu corpo todo conseguia sentir a tensão que emanava daquele cômodo. Eu sabia que Phoebe estava ali, todo o meu corpo sabia. Eu sabia que quando abrisse a porta, eu seria invadido, em todos os sentidos, pela presença dela. Minha visão se encheria da beleza, meu olfato de seu cheiro, e até minha audição de sua voz.

Quis me afastar, Phoebe não merecia isso. Não merecia um outro Ewan na vida dela, nem outro eu.

A mão que eu tinha estendido para bater à porta e chamá-la se recolheu. Eu ia dar um passo atrás, mas a porta se abriu repentinamente e ambos ficamos surpresos vendo um ao outro.

Phoebe estava linda na noite anterior. Nesta manhã apesar dum par de olheiras, sua beleza natural não tinha sido ofuscada. Apenas com um Jeans justo e uma blusa solta e listrada, Phoebe ainda conseguia ser tão bela quanto em sua juventude. Na verdade, ainda mais bonita.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou.

O tom dela não mostrava que não queria que fôssemos pegos. Phoebe tinha no olhar um misto de sentimentos conflitantes. De todos os que consegui ler, dois saltaram aos meus olhos. Medo e vergonha.

— Eu tinha que saber para onde estamos indo.

— A noite deve ter sido muito cansativa para que não tenha conseguido sentir quando deixamos a cidade.

— Espera... – Cocei meus olhos rapidamente, a visão tentando embaçar outra vez – Deixamos a cidade? Quando deixamos a cidade?

— Na madrugada. Ewan quis rodear o litoral.

— Eu não posso simplesmente sumir para rodear o litoral.

— Não se preocupe, Anthony. Eu não te prejudicaria dessa forma. Ewan está bêbado. Estamos apenas nos distanciando um pouco da cidade e voltaremos. Ele nem vai ter percebido que o percurso foi mais curto.

— Excelente. – Sentei-me rapidamente na beirada da cama, evitando pensar demais no que isso poderia significar para Phoebe, em busca de alívio para a pontada que senti repentinamente na cabeça.

— O que está sentindo? — Phoebe perguntou preocupada. Nem tive

tempo de articular resposta, ela continuou — Já sei. Deve estar com dor de cabeça. Eu devo ter algum remédio na bolsa, espera.

— Você não lembra que não tomo remédios por causa das alergias?

— Problema seu. Não vou te deixar com dor de cabeça do meu lado. Você se estressa e eu vou me estressar também.

Phoebe começou a mexer em um porta-pílulas que sacou de dentro da bolsa que segurava. Eu pude ver uma infinidade de pílulas de diversas cores. Ela procurou dentre elas uma capsula vermelha e a entregou a mim.

— Engole. — Phoebe ordenou objetivamente depois de enfiar com dois dedos a capsula na minha boca, não dando chance para que eu negasse.

— Você nunca vai perder esse jeito.

— Acredito que não. Algumas coisas não devem mudar. — Disse e guardou a infinidade de pílulas novamente na bolsa.

Aquilo era remédio demais para uma única pessoa. Ou Phoebe tinha alguma doença grave, ou lutava contra todas como uma hipocondríaca.

Levantei-me, mesmo a contragosto, e observei mui rapidamente dentro da bolsa dela. Tinha muitas coisas ali, mas saltavam aos olhos os medicamentos. Ela tinha uma infinidade deles, várias cápsulas.

— Para que tudo isso, Phoebe?

— Para que o que? — Perguntou pouco antes de perceber que eu a observava por sobre o ombro. — É costume seu ficar invadindo a privacidade alheia?

— Você não respondeu, Phoebe.

Segurei-a pelos ombros e a fiz olhar para mim. A simples ideia dela estar doente pareceu me fazer afundar num quase estado de morte.

— Não preciso responder questões que não lhe dizem respeito.

— Uma vez, apenas uma vez, faça o que eu peço.

Phoebe viu que eu não a deixaria partir, não sem uma explicação. Mesmo que não me contasse o que acontecia, não teria para onde fugir de mim, não em alto mar.

— Somente essa vez. Não por que mereça alguma explicação, mas porque eu quero me livrar de sua perseguição frenética. Eu sei como você pode ficar impossível quando quer irritar alguém.

— Perfeito.

— É um coquetel antiaids.

— Está doente?

— Não, não estou doente.

— Mas tem que se proteger contra o comportamento promíscuo de Ewan? É isso?

— Meu marido.

— Ewan não a trata como sua mulher. E não tente fingir que ele é melhor do que é, por que eu vi como se comportou diante de você. Ele nem se preocupou com sua presença. Aposto que tem uma pílula para cada doença sexualmente transmissível que existe.

— Talvez. Mas, como já disse, não é da sua conta. Eu quero ficar só.

— Já tomou café?

— É hora do almoço. — Phoebe respondeu.

— Já almoçou?

— Não tenho fome.

— Quer conversar um pouco?

— Quantas desculpas vou ter que arrumar até perceber que não quero passar tempo com você?

Não falei nada. Phoebe tinha razão. Se quisesse, poderia me odiar durante séculos e estaria justificada.

— Arrume suas coisas, se trouxe alguma. – Completou depois de uma longa pausa – Vou deixar você no próximo porto. Conseguimos autorização. Não preciso de você por perto para aumentar meus problemas.

CAPÍTULO 6



— ELA AINDA ESTÁ GOSTOSA?

Depois de ouvir o enunciado, eu me dividia entre a vontade de dar um soco na boca de Adam, arrancar dois dentes de sua boca para acabar com aquele sorriso, e confirmar animadamente, como uma criança de dez anos faria, que Phoebe atormentava minha mente muito mais agora do que há vinte anos.

— Não a coloque nestes termos.

— Não pode me privar desse conhecimento.

— Está mais gostosa que nunca.

Confirmei. Pelo visto, escolhi a segunda opção.

Eu precisava conversar com alguém sobre o furacão de emoções que tinha crescido em meu peito em tão pouco tempo. Eu não podia ficar em casa depois de estar com Phoebe. Eu não conseguia ter um único pensamento livre de sua presença. Não conseguia deixar de pensar no modo como o tempo a tinha tornado praticamente irresistível.

Eu tinha acabado de atender um cliente quando Adam me ligou para

almoçarmos juntos. Confirmei por mensagem de texto e esperei que ele fosse me pegar perto da Trump Tower. O problema era que não se podia ter uma conversa séria com Adam, a não ser que um juiz estivesse entre nós.

— Eu não entendi qual é o problema. – Adam falou com a boca cheia enquanto partia um enorme pedaço de bife e o mastigava despreocupadamente.

— Vou falar mais devagar, talvez você entenda. Ela está infeliz no casamento. O marido é um lixo, a submete a uma situação vergonhosa... – Pausei por um momento antes de continuar – Phoebe era tão determinada... – contemplei a imagem dela no que parecia ter sido o espaço de um dia e não de duas décadas – Sabe o que me tira a paz?

— O que? – Adam perguntou mal se importando que eu estivesse à beira de um colapso emocional.

— Minha culpa. Talvez eu tenha feito isso com Phoebe. Talvez eu tenha sido o responsável por apagar o brilho de sua personalidade.

Finalmente Adam largou a comida. Empurrando o prato para frente com um visível ar de irritação. Ele engoliu o pedaço de carne e limpou a boca no guardanapo antes de jogá-lo (também com irritação) sobre a mesa.

— Certo. Já ouvi o suficiente. Quer saber o que eu acho disso tudo? De toda essa merda que te preocupa?

— Prossiga. – Autorizei.

— Vocês são dois idiotas. Primeiro você. Por que você acha que é o responsável por isso? Pode ter sido qualquer um. Qualquer coisa. São vinte anos sem se ver, tem noção da quantidade de coisas que acontece para uma pessoa em um ano?

Fiz que sim com a cabeça, ele continuou.

— Agora imagine tudo que pode acontecer em vinte anos.

— Eu estou sendo idiota?

— Não disse isso. Apenas acho que você está se dando mais importância do que realmente tem. Outra coisa, para uma mulher se submeter a esse tipo de tratamento ela é meio imbecil. Há uma enorme variedade de meios para sair desse tipo de vida. Outros tantos meios de pedir ajuda. Se ainda é a Phoebe que conhecíamos, ela deve ter um ótimo motivo para se submeter e ficar nessa situação.

A vontade de arrancar dois dentes da boca de Adam só estava aumentando, mas o maldito tinha razão. Tinha que existir um motivo plausível para que Phoebe permitisse ser tratada daquela forma terrível. Phoebe não demonstrava nenhum sentimento quando olhava para Ewan. Não havia amor em seus olhos, nem mesmo havia ódio. Só o que estava estampado em seus gestos era uma apatia total que desconcertava.

— Odeio admitir, mas parece que tem razão.

— Hum... – Adam soltou um muxoxo debochado – parece. Sei. Enfim, o que você não pode fazer é ficar se culpando por tudo. Ah, não esquece o mais importante.

— Que seria? – Questionei aguardando que Adam falasse algo digno de uma premiação.

— Sempre tenha preservativos no bolso. As mulheres insatisfeitas sempre acabam se tornando o melhor o melhor tipo de amante.

— Pelo amor de Deus! – Depois dessa pérola, me levantei.

— Admita, Anthony. Não a esqueceu. E não me venha com essa conversa de justiceiro das donas-de-casa reprimidas. Está louco para correr dela porque acha que ela está disponível, pelo menos emocionalmente.

— Não é segredo para ninguém que nunca deixei de pensar em Phoebe.

— Então deixa de agir como um adolescente. Corre atrás.

Adam tirou de sua carteira uma nota que deixou sobre a mesa para pagar nosso almoço e não se importou com o troco. Depois ele me levou ao prédio

no centro da cidade, onde trabalho. Adam acenou com dois dedos ao ir embora, não sem reclamar, por diversas vezes, que preferia estar com uma loira do lado a estar comigo.

Eu entrei no escritório de representação onde trabalho para assinar a transferência do meu pagamento. O dinheiro livraria uns bons oito meses de despesas, mesmo as mais supérfluas. Saí de lá direto para um encontro com um outro cliente.

Depois de uma longa visita a uma mansão de dois andares, que custava dez milhões de dólares, e de meu cliente não ter fechado o negócio por não gostar dos detalhes gregorianos da casa, voltei para casa sem fechar a venda.

Entrei em casa passando direto ao quarto. Não encontrei ninguém no caminho, o que foi bom, com todo o estresse do dia, não queria ser mal-educado com um de meus funcionários. Ainda mais quando parecia estar com uma nuvem negra pairando sobre minha cabeça todo o dia.

Pensei na nova situação em que minha vida encontrava. Tudo parecia prestes a dar uma guinada repentina. E essa mudança que se aproximava, totalmente nova, mas ao mesmo tempo conhecida, era algo que eu não sabia ao certo como lidar. Não sabia lidar com mudanças, nem comigo mesmo ou com Phoebe, que tinha voltado apenas para me atormentar.

Entrei no duche. Tomei um banho rápido, frio e inútil. Tentei de algum modo aliviar-me da febre que consumia meu corpo e me enchia de desejo, mas não conseguia. Phoebe é quem estava me causando tantos efeitos colaterais. Phoebe era quem estava me deixando como se tivesse vinte anos outra vez. A pior parte era saber que mesmo que eu me tocasse, eu não estaria satisfeito. Por que o desejo frustrado só seria saciado quando pudesse tocá-la e depositar em seu corpo o peso do meu num sexo louco e intenso. Droga, eu precisava tê-la. Precisava possuir seu corpo agora que era segura de si. Agora que já não era mais uma jovem desengonçada, mas uma mulher pronta para ser possuída sem ressalvas.

Ao mesmo tempo, sabia que não a teria. Era de Phoebe que eu estava falando. Uma mulher honrada demais, digna demais, e com certeza disposta a levar esse casamento até as últimas consequências. Mesmo que isso

significasse ser infeliz. Mesmo que isso significasse sofrer a cada dia.

Eu não tinha direito de reclamar, mas também não poderia ficar quieto. Ela estava na droga da mesma cidade que eu e era como se eu pudesse sentir seu cheiro há quilômetros.

Voltei para o quarto e deitei de costas, nu, na cama. Meu corpo de jogador de futebol americano repousou ocupando-a, mas ainda tinha espaço de sobra para Phoebe ao meu lado. Bastava que ela me mandasse algum sinal.

Passei as mãos nos cabelos, em frustração. Incapaz de descansar. Incapaz de deixar de pensar nela. Como se todas as lembranças estivessem me invadindo e esfregando verdades indigestas na minha cara.

Phoebe não poderia ficar com Ewan, não depois de eu ver o modo como a tratava. Se Phoebe estivesse feliz, eu me afastaria e entenderia que o desgraçado a merecia. Mas, como eu poderia voltar a racionalidade depois daquela cena grotesca no iate? Era como se o passado voltasse para me confrontar com a imagem do que eu tinha causado à única mulher que fui capaz de amar de verdade.

Fechei os olhos e esperei que nada me interrompesse, eu precisava – muito – contemplar Phoebe por detrás dos meus olhos fechados. Pensar em como ela teria sido feliz comigo. Em como nossas vidas seriam diferentes, mas felizes. Eu provavelmente não teria ganhado tanto dinheiro. Phoebe ocuparia a maioria das minhas horas, mas teríamos uma boa vida, droga. Teríamos uma boa vida e tenho certeza que ela seria feliz.

Phoebe, entretanto, decidiu me largar. Sinto que ela já tinha me dado adeus mesmo antes de toda nossa vida se tornar uma bagunça. Phoebe se despediu de mim e uma parte da minha alma deve ter ficado ligado à alma dela, por que desde então eu não consigo esquecê-la. Desde então essa mulher vive em minha carne, como nódoa do passado. Desde então Phoebe tem me feito sofrer, pensar em como tudo teria sido se não tivéssemos dito adeus.

CAPÍTULO 7



ALEC TERIA UMA INFINIDADE de reuniões naquela manhã. Adam tinha um julgamento naquela semana e estava atolado em trabalho. Eu, como não tinha nenhuma venda programada para os próximos dias, nem reunião marcada, fiquei responsável por gerenciar o Triplo A naquela semana. Por gerenciar, leia-se apenas assinar alguns papéis, conferir o pagamento semanal dos funcionários para garantir que tudo estava certo e dar o cachê das dançarinas.

O trabalho não era cansativo, apenas repetitivo. Os lucros do clube Triplo A não eram nossa renda principal, mesmo assim tínhamos todo o cuidado, afinal não tínhamos nos decepcionado no quesito rendimento nos últimos meses.

Depois de ter cuidado da papelada do Triplo A pela manhã, saí para almoçar num restaurante que ficava há apenas alguns metros do clube. Assim que entrei no local, percebi que eu era um bastardo filho da mãe agraciado pelo destino. Não levou muito tempo até que eu tivesse pedido meu almoço, logo vi Phoebe entrando no local. Muitos dos homens que estavam naquele local, em sua maioria trajados com ternos finos, deixaram suas apáticas companhias nas mesas para olhá-la. Observei seu comportamento ao longe.

Phoebe não parecia se deixar lisonjear por esse tipo de olhares. Na

verdade, eu poderia até jurar que toda essa atenção a aborrecia. Ela parecia com vontade de revirar algumas mesas para que os seus ocupantes indecentes fossem embora.

Phoebe escolheu um lugar. Um dos garçons se apressou em servi-la. Vi, de onde eu estava, quando foi servida apenas de um café pequeno. Tomou um gole do café e observou o movimento das ruas através das janelas de vidro espelhado que lhe conferiam alguma privacidade. Agia com cautela. Olhava disfarçadamente para todos que entravam com um cuidado suspeito, como se esperasse alguém.

E se fosse isso exatamente que estivesse fazendo? E se Phoebe estivesse esperando um amante? E se o motivo para aceitar ser tratada de forma tão vil fosse por já estar dando o troco em Ewan há algum tempo. Ewan merecia que Phoebe lhe colocasse tantos chifres quanto sua cabeça pudesse comportar, é verdade. Mas bastava uma primeira impressão de Phoebe para saber que não era uma mulher dada a amantes. Vinte anos se passaram, mas ela não poderia ter mudado tanto.

— Seu Cassolete de frango. – O garçom me serviu. Quase lhe agradei por conseguir me distrair por alguns minutos de Phoebe e todo o seu magnetismo.

— Obrigado.

— Bom apetite.

O garçom me deixou e eu temi que Phoebe tivesse virado para olhar na direção da minha mesa. Se tivesse me descoberto, sairia dali sem pensar duas vezes. Olhei em sua direção e notei que estava distraída demais à espera de sua companhia e não se deu ao trabalho de fazer mais do que tomar outros goles de seu café.

Phoebe bebia da xícara de forma elegante. Sua postura estava absolutamente perfeita. Droga, eu estava tendo que lutar com a vontade desenfreada de levantar-me, ir até ela e implorar por um pouco de sua atenção.

Não demorou mais que um segundo depois que eu tinha me resolvido a ir cumprimentá-la, quando vi uma jovem entrar no restaurante. Ela tinha uma beleza conhecida, familiar. Olhando-a, vi uma sombra menos interessante da mulher que estava sozinha na mesa até pouco tempo atrás. A jovem era muito parecida com Phoebe. Embora o rosto fosse mais delicado. A jovem também não tinha a firme determinação do rosto de Phoebe. Seu semblante era mais leve, quase como se não tivesse a mesma carga emocional que Phoebe carregava.

Quando a viu, Phoebe sorriu e acenou. Era impossível que não me impressionasse com aquele sorriso. Foi como se uma cor voltasse ao rosto de Phoebe depois de ver a jovem.

A garota sentou-se à mesa junto de Phoebe, depois de um longo abraço. O burburinho do restaurante não me permitia ouvir a conversa, mas lendo os lábios de Phoebe (que estavam infinitamente mais convidativos que o cassolete) eu li a palavra "filha" com todos os seus contornos.

Phoebe e Ewan tiveram uma filha. Podia não ser o bastante, mas explicava bastante coisa. Um filho parece ser um motivo forte o suficiente para uma mulher não deixar um marido abusivo. Isso já joga uma nova luz sobre tudo. Seria por essa garota que Phoebe não vai embora?

Um garçom trajado com um conjunto formal, cuja única diferença era a substituição do rotineiro branco da camisa por um vermelho sangue, pediu licença antes de falar comigo.

— Com licença, senhor. Há algo de errado com o Cassolete?

Ele percebera que eu não tinha nem mesmo tocado no frango. Provavelmente temendo a perda de um cliente AAA, enviaram alguém a perguntar sobre a situação do prato.

— Não há nada errado. – Garanti-lhe – Apenas estive por tempo demais distraído e acabou esfriando um pouco.

— Se me permite, senhor, – O homem de meia-idade falou num tom conciliatório – posso trazer-lhe um novo prato devidamente aquecido.

— Obrigado, eu aceito. Porém, faça questão de informar ao chefe que o meu descuido nada tem a ver com a qualidade inegável do seu prato.

— Farei isso, senhor Hill. – Disse antes de levar o prato em busca de um novo.

Tornei a atentar-me para Phoebe e sua companhia. Eu precisava descobrir mais sobre sua situação e sobre a jovem que estava acompanhando-a naquele almoço. Mesmo que Phoebe retribuísse meu interesse com algum desprezo, eu precisava cumprimentá-la e estudar sua reação à minha presença. Eu parecia um adolescente, mas Phoebe fazia isso comigo. Ela me fazia parecer imaturo e incoerente outra vez, por que ela me deixava completamente sem defesas.

Quando me viu aproximar, Phoebe pareceu congelar na posição em que estava. A jovem que a acompanhava estava de costas para mim. Então eu ainda não podia ver seu rosto nos mínimos detalhes, o que não importava muito. Já que o único rosto daquele restaurante que me importava era o de Phoebe.

— Boa tarde, senhora Aceras. – Estendi a mão para cumprimentá-la.

— Senhor Hill, – Phoebe estendeu a mão para o cumprimento e a voz era delicada, mas o olhar era de desprezo. E, por Deus, até desse olhar eu senti falta mesmo sem saber – como está?

— Estou bem. – Eu disse – Desculpe interromper a refeição... Bom, eu precisei vir cumprimentá-la.

Phoebe continuava olhando para mim, mas agora o rosto dela adquiria um tom vivo, leves toques de vermelho. Ela estava com muita raiva. Eu estava me comportando como um adolescente, mas não me arrependia de tê-la cumprimentado. Não perderia outra chance de ver seus olhos faiscarem daquela maneira na minha direção

— Senhor Hill, – Phoebe disse ao notar que a jovem que a acompanhava nos olhava com curiosidade, quase a ponto de lançar uma pergunta sobre o motivo de tanto ódio no olhar da mãe. Phoebe, porém, me poupou um

trabalho ao nos apresentar – esta é a senhorita Ward.

Senhorita Ward ergueu uma sobrancelha para Phoebe, quase como se questionando algo que não consegui captar e então virou-se para mim.

— Senhor Hill, é um prazer. Sou Valentina Ward. Filha de Phoebe Ward Aceras.

Valentina ressaltou o último nome como se confirmasse com isso três coisas. "Eu sou filha dela", "minha mãe é casada" e o mais importante "este sobrenome mostra que não está disponível".

— Valentina, é um prazer.

— Senhorita e senhora Ward, por favor. – A jovem pediu.

Valentina era impetuosa como a mãe. Gostei um pouco mais dela por isso.

— Não quis ser desrespeitoso, perdão. Também não quis atrapalhar o almoço das duas.

— Mas atrapalhou. – Respondeu impertinente.

— Phoebe, teria um minuto, por favor? – Dirigi-me à mãe dela, que agora parecia branca feito um papel.

— Lamento, Anthony. Creio que não há nada a falar entre nós.

— O senhor ouviu. – Valentina disse – Estamos tentando almoçar aqui. Por favor, não me faça perder a compostura e acionar um dos garçons para expulsá-lo do restaurante.

Seria bastante difícil encontrar algum lugar com um gerente corajoso o suficiente para me expulsar. Virei-me em direção a Phoebe, que não se preocupava em corrigir a postura de sua acompanhante. Lancei um olhar que praticamente gritava que nossa conversa ainda não tinha acabado.

Voltei à minha mesa, mas não tinha mais fome.

Talvez o chefe se ofenda e pense que não gostei da aparência de nenhum cassolete, mas não posso me obrigar a ser gentil quando não consigo. Não poderia admitir em voz alta que quem me roubou a fome foi Phoebe. Bastou apenas olhar em sua direção para que a ruiva magnífica embaraçasse todo o meu dia e a minha vida.

CAPÍTULO 8



— PRECISO DE SUA AJUDA. – Falei num tom sério para Rosie, minha assistente pessoal. Sempre disposta a me ajudar a sair de qualquer tipo de problema que eu tivesse me metido, ela se apressou a ouvir e tomar notas.

— O que preciso fazer?

— Phoebe Ward. – O tom era baixo, quase como se estivesse confidenciando um segredo sujo, atento demais aos arredores para ver se ninguém mais estava ouvindo, mesmo sabendo que só havíamos nós dois no escritório.

Retirei o blazer cinza e abri os dois primeiros botões da camisa. Sentei-me à escrivaninha enquanto lia meus últimos e-mails e esperava a cozinheira avisar que o jantar estava pronto. Irritado e com fome, já que não tinha conseguido comer nada depois de ver Phoebe inundar meu campo de visão e roubar meu apetite, substituindo-o por outro.

— Phoebe Ward... – Rosie repetiu de modo reticente enquanto anotava o nome na agenda. Então virou-se novamente para mim. A franja cobrindo os olhos pretos mais escuros que já vi. Olhos capazes de refletir galáxias. – Precisa apenas de uma checagem simples ou de uma investigação mais aprofundada?

— Preciso de mais que isso. Preciso saber tudo sobre ela, absolutamente tudo. – Exemplifiquei – Preciso saber o que faz da vida hoje, onde tem vivido, o que tem feito nos últimos vinte anos. Tudo que puder compilar sobre a família dela. E a filha... – A filha dela que estranhamente tocou uma parte de mim que não consigo nomear – Eu preciso saber tudo sobre a filha dela.

— Farei isso, senhor Hill. Terá todas as informações que eu conseguir sobre a família Ward até amanhã às oito. – Rosie falou no seu melhor tom profissional. Ainda olhando para a agenda enquanto rabiscava com sua letra o passo a passo do que precisaria fazer.

— Excelente.

— Algo mais?

— Sim. – Acrescentei – Preciso que informe ao meu gestor financeiro sobre a possibilidade de aluguel de um apartamento.

— Em que endereço?

— Isso vai depender. Quero estar o mais perto possível de Phoebe. Então, o resultado de sua investigação vai determinar meu novo endereço.

— Não se preocupe, farei acontecer.

Rosie sorriu para si mesma, provavelmente já tinha percebido, ou achava ter percebido, a razão para o pedido. Provavelmente achava que Phoebe não passava de mais um capricho desejoso que eu extinguiria numa noite. Não tentei corrigi-la.

Phoebe não era simples. Não era apenas um capricho. Phoebe não era uma fagulha que qualquer sopro de vento leva, Phoebe era um incêndio que eu não tinha como apagar sem me queimar inteiro.

— Ah, olha só! – Rosie falou depois de receber uma mensagem de texto no celular – O jantar está servido.

— Obrigado. Me acompanha, Rosie?

— Infelizmente, terei que recusar. Já tinha marcado outro compromisso para esta noite.

— Deixemos para uma próxima oportunidade.

O celular tocou outra vez. Rosie franziu as sobrancelhas ao ler a mensagem.

— Mais alguma coisa, Rosie?

— Sim. Senhor Hill, há uma visita para o senhor. Está aguardando na sala-de-estar. Eu estou surpresa, por que não tinha agendado com ninguém para esse horário e também não sei como pude deixar isso passar assim.

— Não se preocupe, irei atender quem for. Vá ao seu compromisso. Eu resolvo as coisas daqui.

Soei calmo, embora meu coração tivesse acelerado. A primeira pessoa que me veio à mente foi Phoebe. Claro, era quem eu esperava encontrar. Mas eu tinha que ser muito sortudo para que ela realmente tivesse vindo até mim. Ou talvez alguém querendo reclamar por eu ter agido como um idiota.

Quando cheguei à sala-de-estar não pude deixar de admirar a mulher que me esperava. Era uma beleza indizível, sensual e refinada. Uma combinação muito cara.

Phoebe estava de costas para mim. Analisava com atenção redobrada algumas das esculturas de James Corbett sobre o aparador da Lareira. Eu podia ver como apreciava os detalhes das pequenas esculturas criadas com peças de carro velho tanto quanto eu. Eu quase podia sentir seus dedos apertando contra as palmas da mão num instinto quase irrefreável de tocá-las, mas o medo de estraga-las vencendo.

Eu nunca tive Phoebe em minha casa antes. Eu nunca tinha percebido como tinha decorado a casa para que ela pudesse viver nela. Nunca tinha percebido como cada um dos móveis escolhidos pareciam predizer que esse momento chegaria.

A sala de estar em tons claros com móveis de madeira castanha. O tapete marrom alaranjado que aquecia ainda mais o ambiente. Tudo que era quente naquela sala. Tudo lembrava a cor dos cabelos dela.

Quando se virou para mim, notou que eu a analisava. Não sei por quanto tempo, mas vi o brilho de um sentimento antigo passar fugaz por seu rosto. Phoebe ainda sentia, talvez não tanto quanto eu, mas ainda sentia o mesmo de anos atrás. Ainda sentia o peso das nossas decisões esmagando nosso peito. O peso das decepções que nos fizeram afastar e ir embora, cada um para seu caminho.

— Senhor Hill. Espero que minha visita não seja incômoda. — Cumprimentou-me com confiança. Talvez tenha sufocado as palavras no peito e não tenha se deixado levar por sentimentalismos ao cumprimentar-me de forma automática. E eu a compreendia. As palavras não são suficientes para expressar sentimentos tão machucados por tantos anos.

Eu iria andar em sua direção, esperando que por alguma mágica ela estivesse disposta a esquecer todo o passado, mas vi quando recuou. Quando seu brilho de chama se apagou momentaneamente. Aproximei-me mais devagar então, analisando cada centímetro seu e esperando que meu cérebro não estivesse jogando comigo. Phoebe usava um casaco quase da cor de sua pele. Um vestido azul-celeste se ocultava por baixo dele, revelado apenas por uma faixa de tecido que se revelava até perto da altura dos joelhos. Uma pequena bolsa coberta de pérolas arrematava o conjunto como uma joia preciosa e nada modesta.

— Aconteceu algo, Phoebe? Sente-se bem? — Eu já tinha me aproximado, com passos mais leves e menos afoitos. Phoebe ocultava bem sob a placidez do rosto todo o mar revolto de emoções, mas de vez em quando as marés arrastavam os sentimentos para a orla.

Pedi que se sentasse, fiz o mesmo. Mantendo uma distância segura, não queria assustá-la.

— Eu não deveria estar aqui... Deus, o que estou fazendo? Não deveria ser assim. — Phoebe fechou os olhos, apertando-os, fugindo de suas próprias resoluções.

— Mas está aqui. O que houve? Me diga o que precisa, farei qualquer coisa. — Envolvi suas mãos nas minhas. Suas delicadas mãos sacudiam muito de leve as contas da bolsa, num tremor quase imperceptível. — Phoebe, você pode confiar em mim.

— Anthony... — Phoebe começou, mas logo imperou o silêncio outra vez.

Aproveitei que me olhava para encarar suas feições. Por Deus, Phoebe estava linda até mesmo perdida nesse desespero. Seu olhar era carregado de sentimentos que ela buscava refrear. Vi quando respirou fundo, vi quando se resolveu a ser dura. Sempre tinha dito que era melhor endurecer-se do que machucar-se.

— Diga, por favor, qualquer coisa. Eu vou ouvir... — Insisti.

— Senhor Hill, — Phoebe disse e seu tom já era impassível — eu sou uma mulher casada. Eu tenho uma família. Ewan, Valentina e eu não chegamos tão longe para que você volte do passado e estrague tudo o que esses vinte anos longe de você construíram. Deixe minha família em paz, me deixe em paz...

Phoebe estava quebrando meu coração, mas eu continuava miseravelmente apaixonado com todos os pedaços partidos. Havia anos que não a via, não sabia que sentiria tanta dor. Era excruciante, mas eu merecia. Se merecia!

— Ewan sabe que faz parte da família? O comportamento dele mostrou outra coisa. E isso em poucos momentos em que estive perto daquele homem.

— Isso não lhe diz respeito. Guarde seus comentários para você.

— Está em minha casa, acho que me diz respeito agora.

— Anthony, eu apenas estou pedindo que mantenha distância de nós. Valentina ama o pai. Ama a família que tem e que eu lutei por anos para manter. Não vou deixar que destrua isso. Não vou deixar que o passado volte apenas para assombrar meu presente.

— Você não precisava vir aqui para falar isso. — Eu disse baixo enquanto ainda sentia as mãos dela tremendo de leve pela raiva que desejava sentir — Poderia ter ligado. Se sabe meu endereço, muito provavelmente sabe o meu telefone.

— Não dificulte as coisas, Anthony. Não quero ter que tomar medidas mais drásticas.

Phoebe deixou minhas mãos. Levantou-se e andou até um pouco mais longe de mim. Eu tive a visão perfeita do seu andar tranquilo. Até o mais sutil dos seus movimentos enchia minha visão. Phoebe era linda, e eu a desejava. Era verdade, não tinha por que negar. Desejo, porém, não era a única coisa que sentia. Eu não me satisfaria apenas em estar dentro dela, eu queria mais. Queria reviver todos os anos que tinha perdido.

— Não fale mais comigo ou com minha filha, senhor Hill. Valentina é uma jovem muito inteligente, não vai precisar juntar dois mais dois para entender que você foi alguém no meu passado. Não quero que ela se encha de perguntas das quais não vai querer saber a resposta.

— Você não quer que saiba por quê?

Levantei-me também. Me aproximei. Phoebe estava de costas para mim, ela não falou nada. Nosso passado foi um inferno, mas não fazia sentido escondê-lo. Virei-a e falei um tom mais alto. Não era ira, era desespero.

— Tem vergonha do que aconteceu entre nós?

Os olhos dela estavam petrificados. Era como se não olhasse para mim, mas através de mim. Havia ódio demais naquele olhar para confundir com qualquer outro sentimento.

— Sim, tenho vergonha do que aconteceu entre nós. Não há nada do que eu me arrependa mais. Não há nada que eu queira esquecer mais.

Eu merecia ouvir, mas ainda doía bastante ouvir. Os lábios dela tinham veneno envolvendo cada uma das sílabas, mas eu ainda a beijaria sorvendo-o todo se isso a fizesse me perdoar. Eu deslizei minhas mãos para as costas

dela. Precisava que olhasse para mim, precisava que me dissesse isso tudo sem se preocupar apenas com as outras pessoas. Precisava saber se queria que eu me afastasse pelos outros ou por si mesma.

— Não faça isso. Não me beije. Não tente se aproximar mais.

Eu a envolvi mais. Não iria beijá-la, embora desejasse isso com todas as minhas forças. Apenas queria confortá-la e, de certo modo, me confortar também.

— Não pretendo tocá-la dessa forma, não quando não quer.

Phoebe relaxou visivelmente e eu abracei-a. Vi quando ela escondeu o rosto em meu peito e respirou fundo. Resignando-se. Eu não sabia ao que, mas já tinha sentido a mesma sensação de impotência antes. Para ser mais exato, quando a vi pela última vez.

— Me beije, Anthony. Acabe com isso.

Olhei-a aos olhos outra vez. Seu rosto virado para mim enquanto sua boca esperava, levemente entreaberta, por um beijo. Não esperei muito mais depois de seu pedido e apossei-me de seus lábios como se os anos me tivessem tornado sedentos por seus beijos. Os lábios dela eram saborosos, ainda mais saborosos quando usava um batom vermelho com gosto de frutas vermelhas. Apertei-a contra mim e a senti soltar o fôlego de leve quando nossas línguas dançaram em nossas bocas atrevidamente. Eu percebi, quando notei sua respiração exasperada, que Phoebe tinha tanta urgência por esses toques quanto eu tinha.

Incontrolado, minhas mãos deslizaram para a parte da frente do casaco, desfazendo o nó e então retirando-o e apertando sua cintura delgada protegida pelo tecido do vestido azul celeste.

— Não... – Phoebe gemeu baixinho, a boca ainda encostada à minha – Não posso fazer isso... não posso – Repetiu quando me afastei depois de ouvir sua negativa.

— Você queria. Eu também, qual o problema?

— Eu sou casada.

— Como se isso importasse. Não parecia lembrar disso um minuto atrás.

Phoebe ainda tinha a mão pesada. Percebi quando recebi um tapa bem dado no rosto.

— O que está pensando que sou, Anthony? Estava apenas confusa.

Massageando o meu rosto ardido, e que provavelmente tinha a marca da mão dela, resmunguei.

— Você, Phoebe, é uma mulher surpreendente. Vem à minha casa, pede que eu me afaste de sua família em ruínas. Me pede um beijo e quando o faço recebo isso? Acha que preciso destruir o castelo de cartas que chama de lar? Não preciso fazer o menor dos esforços para isso.

— Está sendo cruel. Não vim aqui para isso.

— Eu sei. Veio por que queria encarar seus malditos sentimentos. Veio por que queria saber se ainda era tão apaixonada por mim quanto foi um dia. E apenas me esbofeteou por que descobriu a resposta. Não aguenta algumas verdades e sabe disso.

Eu nem percebi o quanto eu tinha me aproximado dela. Nem percebi que estava gritando. O grito era um dos últimos pedidos de socorro da paixão que sentia mais forte do que nunca.

Phoebe não tinha recuado nenhum passo. Longe disso, se revestiu de uma aura de austeridade, parecia fria. Parecia ter tão rapidamente se tornado gelo quanto tinha se incendiado.

— Anthony, não me provoque. Não volte a cruzar o meu caminho. Não torne a cruzar o caminho da minha filha. Eu sou capaz de transformar sua vida num inferno, se isso for fazê-lo deixar minha filha em paz.

Phoebe pegou a bolsa que, em algum momento durante o beijo, tinha caído no chão e andou em direção à porta. Então, finalmente alguma inteligência pareceu iluminar minha mente e percebi o que poderia estar por

trás disso tudo.

— Nossa filha, Phoebe. – Eu disse num tom frio – Nossa filha.

Eu lancei no ar a frase e fiquei esperando que a negasse. Phoebe não negou. Apenas ficou parada, olhando-me, avaliando meu rosto enquanto a possibilidade aumentava o torpor dos meus pesadelos. Por Deus, eu queria que tivesse negado. Como eu queria que tivesse negado.

CAPÍTULO 9



PHOEBE ENCONTROU SEU CAMINHO de volta para minha vida de uma forma estranha. Por culpa dela, que não deixava meus pensamentos, eu ainda não tinha conseguido atender alguns clientes e ainda não tinha fechado minha meta de vendas. Tudo era um caos por causa dela, não duvido que exista um furacão com o nome dela por aí.

Rosie tinha acabado de trazer mais seis fichas de clientes prontas para serem analisadas. Elas estavam sobre minha mesa, mas eu ainda não tinha conseguido tempo para me preocupar com as exigências mais extravagantes dos meus clientes. Eu não tinha paciência para encontrar uma mansão que dispusesse de vinte e sete lustres de cristal em forma de orquídea, nem porões com temas sexuais proibidos.

Quando queria fugir do mundo, eu me afundava em trabalho. Ultimamente, infelizmente, nem isso parecia ser o suficiente para me distrair. Rosie logo traria para mim mais relatórios de clientes e falaríamos sobre minha agenda para a semana seguinte.

Ao lado destes outros papéis, o relatório sobre a família Ward que Rosie já tinha preparado há algum tempo, mas que eu estava temeroso de ler. Temeroso do que poderia descobrir. Era um aglomerado de páginas compiladas. Tudo o que tinha sido encontrado de notícia sobre a família na

mídia. Notas de tabloides, matérias de revistas. Notas de jornais ao redor do mundo.

Tantas coisas a descobrir, tão pouco tempo.

— Não aguento mais isso! – Rosie disse do outro lado da sala, talvez notando a falta de uma decisão do meu cérebro confuso – Senhor Hill, vai precisar ler o relatório algum dia. E sei que enquanto não o ler, não conseguirá ficar em paz consigo mesmo. E vai acabar atrapalhando, como já está, seu rendimento nas vendas. Eu fiz este relatório e sei o que vai encontrar nele, posso adiantar um pouco as coisas e talvez o senhor não se surpreenda tanto. Apenas, por favor – falou como se finalizando tudo exasperada – seja o mesmo competidor ferrenho de antes. Noam está fechando muitas vendas e não podemos perder o título de campeão de vendas mensal.

— Está tão evidente assim que é isso que está me atrapalhando.

— Mais do que evidente.

— O que pode me adiantar sobre tudo?

Rosie sentou-se enquanto pegou o relatório e ia em páginas que provavelmente tinha memorizado com sua memória incrível. Eu nunca a tinha visto esquecer algo importante, nem mesmo as coisas desimportantes.

— O casamento dos Aceras foi muito repentino. Vários jornais informaram na época que Phoebe poderia estar grávida quando casou. – Rosie apontou para algumas matérias de jornais da época.

— Seria por isso que casaram tão apressadamente?

— É uma possibilidade. Ewan e Phoebe viajam o mundo em turnês de campeonato. Aceras não é apenas mais um ex-jogador aposentado. Ele comprou uma cota de ações dos Tigres e tem participação nos lucros. Uma pequena fortuna todo início de ano. É um dos poucos sócios que não reinveste sua cota anualmente.

— E quanto a Valentina Ward?

— Bom, Valentina. — Rosie procurou outra página do relatório — Aqui. Acabou de ser aprovada para o curso de medicina no Instituto Nacional de Estudos Biológicos de Nova York. Nem preciso dizer que é uma proeza ser aprovada numa das universidades mais conceituadas do país. Os pais estão na cidade provavelmente para conhecer o apartamento que acabaram de comprar. Talvez seja um presente pela conquista.

Se Valentina fosse mesmo minha filha, era uma mente brilhante. Puxando toda a inteligência e língua ferina para a mãe. Enquanto o mau gênio tinha vindo do pai — Eu.

— Resumindo: — Rosie continuou — Ewan e Phoebe estão na cidade temporariamente. Os jornais não informam um tempo certo, mas o time sairá em viagem para a copa local em cerca de dois meses. Não creio que demore mais que isso.

— Valentina ficará na cidade?

— Tudo indica que sim.

Se Valentina for mesmo minha filha, ainda que Phoebe não queira mais me ver, não poderá negar-me o direito paterno. Mesmo que eu precise lutar na justiça.

— Obrigado. Nem sei como agradecer.

— Eu sei. Espero um bom bônus pela madrugada de sono perdido. — Rosie sorriu mostrando uma linha de dentes alinhados com um aparelho transparente. O olhar era divertido. O riso era genuíno de quem está orgulhosa pelo trabalho que fez.

— Providencie isso. Estou totalmente de acordo.

— O senhor tem três reuniões hoje. Presumo que devo agendá-las para outra data.

— Presumi corretamente. Remarque todas... — Eu disse enquanto pegava meu blazer e o colocava sobre os ombros — pode ser para amanhã. Mande

algumas garrafas de vinho como pedido de desculpas e remarque tudo. Hoje não poderei atender nada.

— Certo. Um argentino?

— Vou deixar que escolha para mim.

Saí apressadamente e deixei Rosie cuidar das suas tarefas quieta. Fui até a garagem e escolhi dirigir o Corolla dois mil e oito básico. Eu precisava de um carro comum para não ser reconhecido. Geralmente era este o carro que eu usava quando queria passar despercebido por algum local.

O endereço de Valentina estava memorizado. Eu não precisaria ler o papel duas vezes para lembrá-lo. Digitei o endereço no GPS e segui o caminho que me indicou para chegar até lá. Por todo o caminho a única coisa que eu pensava era:

“O que devo dizer? ”

Phoebe pediu que eu não atrapalhasse a vida "pacata" que tinha construído. Eu sei que tinha perdido uma boa parte dos direitos que tinha há quase duas décadas, mas também sabia que não podia simplesmente ignorar a existência de minha provável filha.

Eu também não poderia permitir que Phoebe vivesse num inferno na terra ao lado de Ewan. Eu não podia ignorar o sofrimento dela. Se estivesse precisando de dinheiro, eu daria um jeito, mas não poderia vê-la sofrer. Não poderia deixá-la viver num constante masoquismo. Não poderia deixar que se julgasse merecedora dos piores castigos.

Cheguei ao prédio. O nível de segurança era precário. Apenas precisei dizer que tinha hora marcada com Ewan e eles me deixaram entrar. O estacionamento para visitantes ficava do lado de dentro do edifício, mas aproveitei o descuido do porteiro (como disse, segurança precária) para acessar o estacionamento dos moradores.

O estacionamento ficava no térreo. Ao fundo, um hall com dois elevadores levava seus moradores para os seus respectivos lares. Estacionei o

carro numa das muitas vagas desocupadas e esperei.

Meu coração acelerava e um certo pânico queria entrar em meu peito. Não era simplesmente um terror que queria me impedir de reivindicar meus direitos. Era medo. Valentina não sabia de mim. Era muito provável que Phoebe nunca lhe tivesse contado. Era provável que tenha mentido uma vida inteira fazendo-a acreditar que Ewan era seu pai. Valentina sofreria ao descobrir que a mãe sempre mentira. Em quem poderia confiar depois disso? Valentina poderia me afastar mais facilmente do que eu poderia contar até três.

O destino, outra vez, e sua mão debochada, me colocaram no lugar certo e na hora certa. Um carro estacionou perto do elevador. Uma SUV grande demais. O ocupante saiu do carro e eu não consegui acreditar que tinha tanta sorte.

Era Ewan. Era o maldito do Ewan. Ele andou até o porta-malas e o abriu. A porta do lado do passageiro abriu e vi Phoebe e Valentina saírem e irem até a parte de trás do carro. Havia algumas caixas no porta-malas e eu quis crer que os dois iriam carregar algumas até o apartamento de Valentina.

Valentina pegou uma caixa, recebeu um beijo no rosto da mãe e foi em direção ao elevador. Ewan sorriu para Valentina de forma carinhosa, mas quando ela deu as costas e Phoebe estava distraída. Eu o vi lançando um olhar desejoso para o corpo de Valentina.

Meus ossos gelaram e eu apertei o volante para conter a vontade crescente de ir até lá tomar satisfações e quebrar o maldito nariz daquele miserável, mas Phoebe olhou para Ewan, pouco antes dele conseguir disfarçar e notou aquele olhar.

Não consegui ouvir o que disse, mas vi como estava zangada. Ela gesticulou como se gritasse. Em roupas comuns, um agasalho de moletom e um jeans, roupas muito similares às que Valentina estava usando. Valentina parecia-se ainda mais com a minha Phoebe.

Ewan respondeu alguma coisa, mas tinha se posicionado de costas para mim, eu não pude ver sua expressão. Phoebe deu uma olhada ao redor, para

ver se alguém ouvia a discussão e pediu que falasse baixo. Ewan pareceu ter se irritado mais e agora aparentava pronto para discutir ainda mais.

Então Phoebe voltou à ativa. Ergueu o pulso delicado e desferiu um tapa no rosto de Ewan. Ele agora teria impressões no rosto iguais às que eu tive. Phoebe levou a mão à própria boca. Os olhos arregalados. Como se estivesse assustada. Tentou se desculpar, mas mal deu um passo em direção a Ewan, e ele revidou o tapa com ainda mais força.

Phoebe se desequilibrou e apoiou-se no carro estacionado na vaga ao lado da que eles estavam. O alarme do carro soou e Ewan ficou alarmado. Ele pegou uma das caixas e estendeu na mão dela, dizendo alguma coisa. Phoebe pegou a caixa e foi em direção ao elevador sem falar nada. Foi então que não tive mais acordo de mim.

Eu me decidi a matar esse maldito porco miserável.

CAPÍTULO 10



BATI A PORTA DO CARRO COM FORÇA, chamando a atenção de Ewan. Então fui até ele. O alarme do carro ainda estava tocando, eu não teria muito tempo antes da segurança péssima chegar. Tinha que fazê-lo pagar pelo que fez a Phoebe. Eu tinha um ódio cego que me fazia mover como se fosse uma marionete. Eu precisava apagar cada centelha desse ódio com os pingos de sangue de Ewan. Ou eu não me chamaria Anthony Hill.

Ewan estava batendo com as mãos no capô do carro. Sacudindo o veículo com chacoalhadas nervosas. Não para tentar parar aquele barulho infernal, mas para destilar a raiva que o consumia. O ódio pela mulher que tinha acabado de agredir.

Ele não sabia que tudo ficaria pior quando eu quebrasse a cara dele.

Os quinze passos que dei pareceram uma eternidade. Minhas mãos pareciam ansiosas por desferir golpes certos. Eu estava pronto para ferir os nós dos dedos nos ossos da cara dele. Porém, quando eu já estava bem perto. Seguranças do edifício apareceram no local para verificar o que estava acontecendo. Para ver o que tinha disparado o alarme do carro ali estacionado.

Um dos seguranças retirou a arma do coldre, como se pudesse ver minha

alma negra de tanta raiva. Aproximei-me de Ewan e falei num tom calmo e frio:

— Posso ajudar em alguma coisa? – O ar estava pesado ao meu redor. Ele pode não ter percebido, mas há apenas segundos eu o mataria se fosse necessário.

— Hill? – Perguntou quando olhou para mim. Um olhar estranho no rosto – Que merda está fazendo aqui?

Pelo tom da conversa, qualquer um juraria que éramos velhos amigos que se cumprimentavam com palavrões. Apenas um olhar muito atento veria os ciúmes, a raiva e o ódio.

— Tenho uma reunião com um dos condôminos. – Pensei rápido – Fui informado que mora neste prédio.

— Algum problema aqui? – O segurança guardou a arma no coldre outra vez.

— Devo ter feito alguma coisa neste carro. Acho que esbarrei nele depois de fechar, não sei. Agora o alarme não para de soar. Sinto muito. – Ewan disse.

— Eu pensei em ajudar, mas vou acabar me atrasando para uma reunião. Tenham um bom dia. – Fingi estar com pressa e fui para o elevador.

Quando entrei, digitei o número do apartamento de Valentina. Quando alcancei o sétimo andar saí do elevador e fui em direção ao apartamento de Valentina. Ewan perderia alguns minutos lá embaixo, pelo menos até o outro condômino ser contatado para verificar se tudo estava correto com o carro que ele mentiu ter batido.

Apertei a campainha do apartamento. Esperei.

Meu coração parecia querer sair pela boca. Havia raiva, ansiedade, tudo junto. Principalmente um ódio tremendo de Ewan, de Phoebe que deixava isso acontecer, mas, principalmente, de mim mesmo. Por que isso tudo era

culpa minha. Havia um letreiro luminoso invisível sobre a minha cabeça que me intitulava "culpado".

— Anthony? — Phoebe abriu a porta e arregalou os olhos. Olhou para o lado de fora e então, finalmente, me empurrou para o corredor fechando a porta após si — Está louco? Que está fazendo aqui? Eu não te pedi que não viesse aqui? Por que você nunca me ouve?

— Para com as perguntas. Você vai embora daqui. Eu levo as duas para minha casa. Eu vou dar um jeito, mas você não vai ficar com esse homem nem mais um minuto. — Disse num tom baixo.

— Andou bebendo, Anthony? O que acha que pode fazer? Vir aqui e me dar ordens? Por que acha que eu o obedeceria dessa forma? Sugiro que vá embora.

— E eu sugiro que você cale a boca, Phoebe. — Eu disse raivoso. Não dela, da bagunça toda que estava a minha vida — Eu vi tudo. Vi tudo naquela droga de estacionamento. Está esperando o que para sair desse casamento de merda? Que ele a mate? — Minha voz assumia um tom mais alto. Respirei fundo e continuei num tom mais calmo — Onde está a mulher que eu tanto admirei um dia? Você... A Phoebe que eu conheci jamais permitiria uma coisa dessas.

Talvez pela primeira vez em séculos, vi essa mulher calar a boca sem iniciar uma discussão. Phoebe começou a andar de um lado para outro. Levou as mãos ao cabelo, parecia irritada. No final, apenas ajustou virou para mim.

— Posso ir amanhã à sua casa? — Disse calmamente — Eu preciso explicar tudo.

— Sugiro que comece a explicar agora mesmo.

— Tudo ficaria muito pior. Anthony, eu vou contar, mas não posso fazer assim. Não posso fazer o que quer agora. Se eu contar para Valentina, ela irá me odiar. Minha filha não pode me odiar.

— Nossa filha, Phoebe.

— Eu já sei disso, Anthony. Eu sei que ela é sua filha, mas será que não entende?

— Eu estou tentando entender, Phoebe, eu juro.

— Então por que ainda está aqui?

— Por que acho que Valentina vai te odiar se souber que se submeteu a isso por causa de uma mentira, e não por falar a verdade. Acho que vai odiar a si mesma por não perceber os sinais. Também está sendo cruel com ela.

— Eu apenas preciso de tempo. Por favor, vá embora. Eu juro que irei à sua casa amanhã. Apenas preciso de algum tempo.

— Você teve malditos vinte anos.

— Você também não sabia da existência dela por vinte anos. Não me tente me exigir nada assim repentinamente. Eu conheço Valentina. Sei que não suportaria saber tudo assim. Amanhã irei à sua casa, me espere e não tente nenhuma besteira. Ou eu vou embora com Valentina outra vez.

— Tem que me prometer que não vai deixar nossa filha sozinha nem um segundo perto desse homem. Você tem que me prometer, Phoebe.

— Eu prometo. Amanhã vou lhe dar algumas tarefas na rua. Valentina se ocupará o suficiente para voltar somente à noite quando já estarei em casa.

— Está de bom tamanho por enquanto. Eu juro, Phoebe. Se você não cumprir sua palavra, eu virei buscá-las antes que o sol se ponha, nem que eu precise sequestrá-las.

— Não será preciso. Agora, eu preciso entrar. Ewan não pode me ver conversando com você.

— Muito bem, eu irei embora.

— Não. Por aí não. Vá pelo elevador de serviço. Assim você não corre o risco dele te encontrar neste andar. Ele ficaria possesso.

— Eu não sei onde fica o elevador de serviço.

— Vem.

Phoebe me puxou apressadamente. Me levou para dois apartamentos de distância. Entramos num curto corredor que dava para uma escadaria. Ao lado, o pequeno elevador de serviço.

— Phoebe. – Tornei a alertá-la – Amanhã.

— Eu irei, Anthony. Eu já disse. O que faço para você acreditar?

— Isso...

Puxei-a para perto e beijei-a com paixão. No começo, Phoebe estava resistente, mas senti as barreiras ao redor dela desmoronarem. Em segundos, éramos novamente os jovens apaixonados de antes. Parecia que os anos não tinham passado.

A droga da boca dela sempre foi uma delícia, mas o beijo inexperiente de antes não se comparava ao de agora. A saudade, o desejo frustrado, o ódio e tantos outros sentimentos somados. Todos resultavam numa explosão dentro de mim que não parecia correta, mas nunca fora mais apropriada.

O casamento dela com o fuleiro do Ewan era de aparência, mas a sensação de proibido intensificava tudo. Eu estava viciando-me novamente nessa mulher e no gosto dela. Depois de anos de abstinência eu colhia a sua essência novamente. Seria difícil demais perdê-la agora.

Deslizei minha mão para a nuca dela. Phoebe sempre tivera um jeito de corresponder à paixão que eu amava. Ela se entregava, se deixava levar. Deixava que seu amante produzisse com seu corpo as formas que quisesse enquanto respondia sufregamente.

Desta vez, porém, o beijo dela era rude. Experiente, rude, cheio de veneno. Quando nos separamos a pele ao redor dos lábios, bem como os lábios, estava avermelhada. Delicioso contraste. Phoebe limpou a boca com a mão. Dessa vez não houve tapa. Meu rosto agradecia. Então olhou para mim

com algo de inexplicável no olhar e repetiu:

— Amanhã...

Foi embora sem se importar se o marido a flagraria no meio do caminho. Encostei-me à parede e esperei que meu corpo parasse de ficar duro em lugares inapropriados para poder andar normalmente.

Phoebe era uma droga. A minha droga favorita.

CAPÍTULO 11



PHOEBE ANDOU RESOLUTA ATÉ O CENTRO da sala. Seu olhar me fulminava. Se tivesse a oportunidade, me engoliria vivo, tenho certeza. Se eu não conseguisse enxergar por baixo do semblante sério, deixaria passar despercebido o leve tremor que acometia seu corpo. Um nervosismo oculto. Uma falha no reflexo de sua acida polidez aristocrática de sempre.

— Pensei que quebraria seu juramento. Mais um pouco de tempo e eu teria pegado o carro e ido eu mesmo resolver esse problema.

Eram perto de sete da noite. O meu mal humor se devia a ter passado o dia inteiro pela casa, vigilante, esperando que Phoebe chegasse. Me alimentando mal, o nervosismo impedindo que eu saciasse minha fome de forma decente. Se não fosse por Rosie, teria esquecido até de beber água.

A cena lamentável naquele estacionamento não desaparecia da minha mente. Phoebe sendo agredida por Ewan. Sendo humilhada daquela forma. Parecia ser um pesadelo que se repetia incessantemente diante dos meus olhos. Phoebe, a verdadeira Phoebe, escondendo-se atrás do orgulho, é a mulher mais indefesa que eu já vi.

— Não seja dramático. Eu prometi que viria. Aqui estou.

Respondeu num tom ríspido. Não imaginei que as coisas fossem começar

assim. Comigo dando uma de durão e ela uma de ofendida. Achei que não haviam mais muros entre nós. Não depois de ter conhecido sua vida. Pensei que os obstáculos estivessem derrubados, mas estavam lá, silenciosos e frios como muros de vidro.

— Sente-se, por favor. Eu pedi que fizessem um jantar para nós.

Andei até Phoebe e retirei o casaco que ela tinha sobre si. O clima estava frio. O vestido que usava sob o tecido grosso do casaco parecia não ser o suficiente para protegê-la da temperatura lá fora. Meus dedos indisciplinados deslizaram pela pele suave do seu braço e eu a senti arfar pesado. Uma contração de algo primitivo se fez dentro de mim. Era ela... Sempre seria ela. Afastei-me abalado por essa verdade.

Guardei o casaco no closet do vestíbulo. Observei-a andar até o sofá branco perto da lareira a gás. Phoebe, em sua simplicidade, era mais do que meus olhos estavam acostumados a ver.

— Vou pedir que sirvam o jantar, se estiver tudo bem para você.

— Não vou jantar. Isto não é um encontro, Tony.

Embora as palavras fossem duras, foi bom ouvir meu apelido outra vez. Era como ver sua fachada rude sendo destruída pela memória. Mesmo que fosse ódio, Phoebe ainda sentia alguma coisa por mim.

— Não é um encontro. Pensei que gostaria de comer alguma coisa enquanto conversamos. Um jantar apenas.

— Não tenho fome. Pode guardar sua gentileza para seus clientes.

— Muito bem, Phoebe. Então vamos direto ao assunto.

Eu poderia continuar brigando. Poderia dizer que não tinha tomado café-da-manhã por estar ansioso demais esperando que chegasse cedo. Nem mesmo tinha comido qualquer coisa no horário do almoço. Já que o medalhão de cordeiro, um dos pratos que mais apreciava quando era mais jovem, tinha sido preparado especialmente para ela e que me virei com um sanduiche de

atum barato. Também não poderia dizer que tinha mandado fazer o peixe com molho de camarão somente por que ela o tinha elogiado na festa no iate de Ewan. Eu poderia, mas não queria parecer estúpido demais mostrando que lembrava de tantos detalhes que talvez ela tenha esquecido.

— Minhas suspeitas estão certas? Valentina é minha filha?

— Sim, é. — Phoebe confirmou.

As palavras não se organizaram na minha cabeça de forma coerente. Não falei nada, apenas continuei ouvindo. Tentando entender os motivos para que Phoebe só me contasse este fato depois de tantos anos.

— Valentina sabe?

— Claro que não. Para Valentina, Ewan é seu pai. E é apenas isso que ela precisava saber até agora.

— Mentiu para ele? — Pouco me importava com Ewan, só queria saber a verdade.

— Quando casamos, Ewan não sabia que eu estava grávida. Deve ter assumido que Valentina era sua filha quando minha barriga começou a crescer. Ewan pensa que Valentina nasceu antes do tempo. Éramos jovens, mas Ewan tinha condições de sustentar a família. Eu precisava de apoio, ele me cercou de cuidados. Nem parece o homem de hoje.

— Então, Ewan acha que Valentina é sua filha?

Então o que vi naquela merda de estacionamento apenas se torna mais repulsivo. Como um homem poderia olhar para a própria filha daquela maneira? Era repulsivo. Só me dava vontade de extirpá-lo de sua mísera existência de uma vez.

— Eu achava que sim até agora. Meu Deus...

— O que? O que houve?

— O comportamento dele tem piorado muito desde que chegamos à

cidade. Eu não sei o que está acontecendo ao certo. Ewan nunca foi grosso em público, sempre mantendo as aparências. Agora, não se importa mais nem com a própria filha.

— Valentina não é filha dele, Phoebe.

— Me desculpe, foi força do hábito. – Seus olhos arregalaram ligeiramente e vi um tremor rápido passar por eles – Eu não queria ofendê-lo, apenas estou tão acostumada com as mentiras...

— Sei que não fez por mal.

O clima estava desconfortável na sala. Era como se houvesse uma dúzia de interrogações ao nosso redor. Silenciosas e constrangedoras. Phoebe não percebia que girava com o polegar a aliança prateada no dedo anelar. Nervosa. Eu estava ansioso por saber o que diria para mim. Mesmo assim, sentia certo medo. Phoebe tinha mudado tanto, tanto tempo tinha se passado. Será que ainda éramos as mesmas pessoas de antes? Será que tínhamos mudado tanto e já não as chances de ficarmos juntos teriam passado?

— Há dois anos... – Phoebe começou a falar – pedi o divórcio a Ewan. Foi quando eu descobri sobre as traições. Claro que eu suspeitava. Fui bastante tola por imaginar que nas viagens que o time fazia ele não teria suas aventuras... – Phoebe precisou pausar por algum tempo para continuar – Quando Valentina estava no colégio interno, eu sempre viajava com Ewan. As esposas troféus sempre estavam perto dos sócios. Acho que minha presença o controlava um pouco, mesmo assim sempre haviam burburinhos. Sempre haviam comentários maldosos das outras mulheres quando Ewan ia a reuniões das quais os outros sócios não tinham ideia.

— Você não podia ser tão inocente assim.

— Nunca afirmei que era inocente. Apenas estava ciente de que se Ewan quisesse me trair, faria isso de qualquer forma. Eu já não sou a garota atraente de antes. Todos os colegas de trabalho de Ewan ostentam garotas com idade para serem até suas netas. E é claro que Ewan se atrairia por essas jovens sem personalidade.

Phoebe olhou para as próprias mãos antes de continuar.

— Quando Valentina se formou no ensino médio, tirou um período sabático. Até decidir o que faria da vida. Claro que eu não pude mais viajar e fiquei ao lado dela. Avaliando as possibilidades. Então, vendo a oportunidade, Ewan se atirou à farra feito um soldado que se lança ao despojo.

— Mesmo assim escolheu ficar?

— Eu nunca fui muito boa em tomar decisões. Sempre ponderava as possibilidades. Quando percebi, o tempo tinha passado. Eu não tinha ninguém e Valentina sempre adorou o pai. Diga o que quiser, mas não foi fácil para mim escolher sair. Então estava sempre perto de Valentina. Dando-lhe as melhores oportunidades que o dinheiro pode comprar. Mantendo-a afastada o suficiente de Ewan para que ela não se magoasse. Para que a vida dela não fosse afetada pelas notícias que saiam na mídia sobre a promiscuidade do pai.

— Percebo que isso não adiantou muito.

— Não precisa ter dois neurônios para perceber que não. Ewan era sempre atacado pelas jovens que esperavam engravidar de um esportista rico. Fotos e mais fotos saiam nas revistas baratas e sites da internet. Sempre um novo caso, sempre meninas muito novas.

Phoebe retirou a aliança do dedo e a jogou com raiva no tapete da sala. Parecia um rompante de ira qualquer, mas era apenas uma partícula do que sentia por dentro. De toda a angustia acumulada e que a consumia.

— Pode me dar um copo de água, Anthony?

— Desculpe, – Me apressei a lamentar enquanto levantava do sofá e ia buscar a água – fiquei tão confundido com a história que perdi os modos. Vou pedir que tragam uma água para você. Pode ser café também. Ou um vinho, que tal um vinho?

— Água, Anthony. Apenas água.

— Certo.

A interrupção foi curta. Logo voltávamos a falar sobre o passado.

— Quando eu pedi o divórcio... — Phoebe continuou após beber a água de uma vez. — Ewan foi bastante claro. Os advogados também confirmaram. Eu sairia com as mãos vazias. Ou melhor, só poderia sair da casa com o que tinha levado para dentro dela. No caso, minha mala e a filha dentro da barriga. Eu estaria pior do que quando entrei, por que até as roupas que eu vestia, eu teria que deixar, já que ele tinha comprado tudo.

— E nunca procurou mudar sua situação. Encontrar um trabalho?

— Eu cuidava da contabilidade de Ewan, esse era meu trabalho. Recebia um salário para isso, mas nunca foi oficial. Eu sou a responsável por gerenciar todo o dinheiro da casa. Sempre fiz isso desde que me formei. Nunca tive uma experiência de trabalho numa empresa e não acho que conseguiria agora.

— Estava enganada, como pode ver. — Fui duro, mas precisava.

— Ewan não foi ruim desde sempre. Eu me apaixonei por ele no passado. Fiquei cega. Nunca achei que houvesse necessidade de me programar para uma separação por que achei que não nos separaríamos. Ele prometeu que sempre estaria ao meu lado, ficou perto de mim e eu acabei ficando nessa situação. Nunca achei que perceberia meu erro de dentro do inferno.

— Vocês são casados, que droga! Você tem direito a metade de tudo. E Valentina... — Era impossível não se irar. Era impossível não perder a racionalidade.

— Valentina não é filha de Ewan! Anthony, pense comigo. Qualquer advogado pode sugerir um exame DNA para evitar que Ewan perca parte de sua fortuna. Quanto a mim, temos separação total de bens. Como acha que eu sustentaria Valentina? Ou como poderia contar uma verdade que a machucaria tanto? Valentina não conseguiria, não se acostumaria a viver num padrão de vida menor que o que temos. Eu não suportaria vê-la passar pelas dificuldades que passei.

— Não achei que fosse interesseira.

Ainda não conseguia conceber a ideia em minha mente. Phoebe não poderia ter se submetido a tanto apenas por dinheiro. Não poderia estar arriscando arriscar a integridade de nossa filha por dinheiro. E se esse fosse o problema, eu estava pronto para sustentá-la como precisasse, bastava que me pedisse. Bastava me dizer que estava pronta para ir embora da casa de Ewan com nossa filha.

— Não sou. Por isso estou cuidando de tudo.

— Cuidando de tudo? – Perguntei quando notei o ar sinistro da frase. – O que quer dizer com cuidando de tudo?

— Tenho investido parte do dinheiro de Anthony, sem que ele saiba. O retorno tenho depositado numa conta em nome de Valentina. Uma conta da qual Ewan não tem ideia que existe. Quando houver um valor suficiente, sairemos de casa.

— E isso vai levar quanto tempo?

— Tenho feito isso nos últimos dois anos. Não creio que levará muito mais.

— Não precisa esperar mais. Eu tenho dinheiro. Eu posso sustentar as duas.

— Não quero passar pelas mesmas humilhações novamente. Não o conheço mais, o que me garante que não é como Ewan?

— Não me compare com aquele verme.

— Eu preciso ter minhas reservas. Já passei muito tempo sendo machucada para continuar com a mesma droga de vida. Além disso, Ewan acabou com a minha vida... - Juro que Phoebe até completou com uma pausa dramática. - Eu vou arruinar a dele.

— Do que está falando, Phoebe?

— Eu explico depois. Primeiro preciso fazer uma coisa.

— O quê? - Perguntei quando a vi se levantar de forma provocante.

— Isso.

Phoebe deslizou o zíper que ficava ao lado do vestido num segundo. No segundo seguinte, estava nua, linda como a visão do paraíso deve ser para o inferno, na minha frente. E me olhava, oh, me olhava como se estivesse prestes a me devorar.

CAPÍTULO 12



PHOEBE SEMPRE FOI A MULHER dos meus sonhos. Ela aprendeu a arte de se despir como ninguém. Ela estava com o corpo em chamas. Como se eu visse, por dentro das veias, correndo lava e não sangue. Seu cabelo era uma adorável profusão de tons de quentes. As ondas caíam perfeitamente pelos ombros, crepitando como fogo sobre sua pele pálida. Emanava dela uma sensualidade inerente, selvagem e comedida ao mesmo tempo.

Ver seu corpo, saber que ele me causava um efeito ainda mais avassalador do que antes, apenas me mostrou o quanto sempre a tinha desejado. Os saltos altos não fizeram barulho quando tocaram no tapete macio. Eu só podia olhá-la, esperando que não fosse uma miragem e eu estivesse louco.

Phoebe desabotoou minha calça e deslizou seu zíper. Ajustei-me quando ela retirou meu volume para fora. Duro, latejando de vontade. Abri suas pernas ao meu redor e senti quando sentou em meu pau. Deslizando sobre seu comprimento. Afundei meus dedos na generosa curva de sua bunda e apenas deixei que continuasse com seu movimento. Era quente, macia, perfeita.

Abocanhei seus seios pequenos, sugando-os avidamente. Colocando-os quase que por inteiro dentro da boca. Sugando e mordiscando-os com prazer. Atento aos seus ouvidos. Apertei-a mais contra mim e ouvi seu gemido de

prazer. Eu parecia estar desbravando novamente, depois de ter perdido a memória, uma terra conhecida.

O movimento era inebriante. Eu sabia que precisava daquilo tanto quanto eu. Precisava ser tocada, ter sua urgência saciada. E eu tudo de mim para fazê-la sentir-se a única mulher no mundo outra vez. Phoebe continuou a mover-se, desta vez movendo-se para trás. Senti quando contraiu ao meu redor e teve seu orgasmo. Senti quando seu corpo relaxou depois da liberação.

Deslizei minhas mãos por sua pele alva. Descendo meu polegar até seu clitóris e continuei a massageá-lo enquanto continuava a enfiar, pronto para ter meu prazer também. Foi quando olhei ao seu rosto outra vez que percebi que chorava.

Saí de dentro dela. Não conseguia entender. Recompus minha vestimenta e peguei o vestido dela, pedindo permissão antes de tocá-la outra vez, antes de vesti-la. Phoebe se negou. Pegou a roupa da minha mão, mas ignorou minha oferta. Vestiu-se sozinha e fazendo questão de não me deixar se aproximar.

Phoebe me olhou com o mais puro ódio. Tinha o rosto endurecido de ódio por mim. Estava chorando pelo que tinha acontecido? Eu tinha feito algo de errado? Eu não entendia. Apenas fiquei parado em meu lugar, olhando para baixo, esperando que se vestisse para que pudéssemos conversar.

— Não era isso que queria, Hill? – Phoebe me chamou pelo sobrenome outra vez – Não é por isso que não me deixa em paz? Não queria sexo? Foi o que ganhou. Por que está surpreso pela minha reação?

— Conhece meus sentimentos, Phoebe. Sabe que não sou esse monstro que pinta. Eu jamais me aproximaria de você se o que esperava fosse apenas sexo.

— Cala a boca, Hill.

— Não suporta a verdade, Phoebe?

— Não quero mais ouvi-lo.

— Até quando vai se acovardar?

— Não me conhece! Não pode me chamar de covarde só porque o deixei...

Phoebe refreou os lábios. Éramos os dois jovens que não podiam multiplicar um por zero sem discutir. Éramos os dois jovens com os assuntos inacabados de sempre. Discutindo como se vencer um debate fosse mais importante que nossa felicidade.

— Acha mesmo que apenas desejo fodê-la, Phoebe?

Phoebe não falou nada, apenas olhou para mim de uma forma estranha.

— Não sabe do que está falando, mulher. Não me julgue, não me conhece.

— Como eu não sei do que estou falando, Hill? – Phoebe disse – A sua fama corre por toda a cidade. Você tem aquele puteiro disfarçado de danceteria. E já teve tantas mulheres que não deve lembrar o nome de metade delas. Por que acha que não posso ter meu conceito sobre você? Você tem me cercado e me olhado com desejo desde que me viu pela primeira vez. Por que não pega logo o que quer e me deixa em paz?

— Você não consegue, não é mesmo? – Atravessei com o desabafo - Não consegue admitir que sua vida é um inferno. Tenta comprar meu silêncio desta forma. Não percebe o quanto se rebaixou fazendo isso?

— Apenas desci ao seu nível, Hill.

— Não a culpo. – Dei de ombros – se precisava gozar, bastava pedir. Não precisava fingir uma cena.

— Eu chego a te odiar.

— Não importa. Valentina pode não saber quem sou, pode não sentir minha falta, mas você me conhece. Sabe que sentirá falta de mim todos os

dias.

— Você quer foder com minha vida, Hill?

— Você é que está fodendo com meu coração nesse exato momento.

À medida que as palavras saiam, mais eu me sentia mais impotente diante do sentimento que nutria por essa mulher.

— Eu não amo mais você, Hill.

— É uma pena, por que ainda sou desesperadamente apaixonado por você.

— Não era isso que queria quando foi me ver? – Phoebe perguntou. O tom que era para parecer cheio de ódio, cantou ao meu ouvido com notas de desespero, mas ela merecia se sentir assim. Ela quem tinha fodido com a noite, não eu. – Não é por isso que está fingindo tanto desespero? Tanta preocupação? Não era isso que estava pedindo quando me deu aqueles beijos. Não queria apenas uma noite?

Sentei-me na poltrona. Jogando-me nela, praticamente.

— Eu não queria uma noite, Phoebe. Eu queria o que nos resta de vida. - Phoebe ficou calada pela segunda vez desde que nos conhecemos. – Eu não sei o que Ewan tem feito para você, além do que vi, mas eu não sou ele.

Eu falava baixo. A cabeça apoiada contra a poltrona enquanto eu observava Phoebe. A lareira jogava ainda mais colorações laranja-avermelhadas em sua pele, em seu cabelo e eu só conseguia notar o quão perigosamente linda era.

— O que está fazendo, Phoebe? O que está fazendo para acabar com Ewan? Por que eu estou a apenas uma ligação de mandar matá-lo nesse momento, por tê-la tornado uma pessoa tão perversa.

Phoebe cruzou as pernas. O rosto vermelho do que parecia raiva. Ou quem sabe desejo? Sei que estava pulsando por completar o que começamos, assim como eu estava. Porém eu a esperaria. Esperaria que me quisesse

completamente. Eu nunca mais queria me sentir como se a estivesse violentando.

Phoebe fez silêncio, eu fechei os olhos. Completei:

— Eu vi o jeito que Ewan olhava Valentina. Vi o modo como te bateu. Vi como lidou com a agressão, como se já tivesse sofrido tantas vezes. Eu vi medo em seus olhos. Eu... Phoebe, eu tive medo por Valentina. Por estar perto dele... — Olhei-a outra vez — Então me diz que está fazendo alguma coisa, qualquer coisa. Por que só o que me impede de dar um fim nele é o medo que tenho por vocês duas.

— Você poderia ser preso, Hill. É assim que quer passar o resto da vida? Numa cadeia?

— Eu não me importo. Desde que ele não machuque as duas outra vez.

O silêncio ficou entre nós e parecia nos esmagar e nos envolver num abraço frio. Phoebe desviou o olhar quando viu a intensidade do meu próprio. Respirou fundo, abriu a boca para falar, calou-se. Logo depois readquiriu coragem.

— Você tem que prometer que não contará isso para ninguém. Por favor, Tony. Por favor, ninguém pode saber.

Fiz que sim com a cabeça e ajustei minha posição. Apoiei os cotovelos nos joelhos e me inclinei para frente.

— Tem minha promessa. — Havia certa urgência na minha voz.

— Estou falindo-o, pouco-a-pouco. Ewan está fraudando gente muito perigosa. Depois que o desgraçado estiver pobre, não duvido que leve muito tempo para ser morto.

CAPÍTULO 13



ALGUNS DIAS SE PASSARAM DESDE a visita de Phoebe. Eu quase podia sentir o cheiro dela impregnado em minha pele com fúria. Suas palavras ainda ecoavam em minha mente. O plano parecia perfeito. Phoebe estava se arriscando para não traumatizar Valentina. Estava agindo de forma insuspeita, mas um dia teria que falar a minha verdade para Valentina. Eu não poderia esperar amor imediato, mas sei que, com o tempo, Valentina poderia me aceitar.

Phoebe prometeu que iria me ligar assim que pudesse. Então esses dias se tornaram um martírio sem nenhum contato. Meu ânimo não era dos melhores. Embora eu tenha fechado um par de vendas, ainda não tinha conseguido lidar bem com alguns pedidos descabidos e protelava as reuniões. Felizmente tinha o Triplo A para me distrair de tudo. Alternávamos as gerencias no clube. Eu sempre era responsável por dirigi-lo nos dez primeiros dias do mês.

Tentei descansar um pouco, mas até dormir cansava. Nem minha cama confortável em meu quarto de tons suaves me permitia relaxar. Meu corpo tinha que lutar demais com a minha mente. Ele lembrava e queria Phoebe, acordava suado, desperto, desejando demais uma mulher que não podia ter. Ainda não. Eu devia ter feito algo muito errado mesmo para merecer tanto castigo.

Meu celular toca e eu o pego de sobre a mesa lateral da cama. Levanto-me e atendo. Apressado, cumprimento antes mesmo de identificar a chamada:

— Phoebe... – Andei pelo meu quarto.

Meu corpo ainda estava envolto pela cintura com uma toalha já não mais muito aquecida. Eu precisaria era de banho frio, sim, uma dúzia deles se quisesse ter paz.

— Bom, até onde sei, não sou nenhuma Phoebe. – Ouvi a voz de Alec do outro lado – Nem quero imaginar o motivo de estar esperando uma ligação dela, mas preciso falar contigo. Tem como vir ao escritório?

— Para falar a verdade, não estava pensando em sair de casa hoje.

Reclamei. Andei até a janela do quarto, que dava para os fundos da propriedade. Observei o jardineiro cortando os arbustos e vi Rosie falando ao celular do lado de fora. Minha bandeja de café-da-manhã estava abandonada sobre a mesa de ferro da varanda. Minha cabeça latejava e a falta de sono a piorava.

— Não estou te convidando para sair, Anthony. É uma reunião de trabalho.

— Isso é uma desculpa para que eu saia de casa?

— Talvez. Sou seu amigo, mas ainda sou seu chefe. Então terá que descobrir.

— Então está afirmando que não tocará em nenhum assunto pessoal?

— Não posso fazer promessas. É sobre o Triplo A. Você sabe que uma ruptura na sociedade está fora de cogitação. Se eu não tomasse tanto cuidado com minhas correspondências, a organização inteira estaria sabendo. Não teria como abafar os rumores.

— Eu não penso em sair da sociedade. Que ideia estúpida é essa?

— Não pensa em sair? Então por que caralhos você mandou um e-mail

para mim ontem à noite pedindo exatamente isso?

— Eu mandei? Que porra é essa? Não mandei porcarias de e-mail nenhum.

— Anthony, venha ao meu escritório. Aqui conversaremos.

— Eu tenho uma reunião com um cliente em uma hora. Não sei quanto tempo vou demorar. Podemos nos encontrar mais tarde no Triplo A?

— Claro. Vai dar o ar da graça?

— Vou tentar. Sei que não vive sem mim. – Tentei fazer piada. Alec que parece nunca ligar para nada além de suas infundáveis planilhas, pareceu captar minhas emoções.

— Se não aparecer, eu mando uma dúzia de dançarinas te animarem em casa.

Encerrei a ligação. Eu até ri um pouco, mas a ideia de estar com outra mulher, tinha se tornado repulsiva. Phoebe tinha me estragado para outras mulheres outra vez. A visão de Phoebe gemendo encima de mim era um repelente maravilhoso contra todas as outras mulheres que se tinham tornado tão aborrecíveis repentinamente.

Não havia nenhuma reunião com cliente, eu menti. Eu esperava a ligação de Phoebe e não queria ter que conversar assuntos tão sérios no meio da rua. O que me consolava era saber que Ewan tinha um evento com empresários do esporte naquela semana, numa outra cidade e não estaria por perto para atormentá-las.

Quando a noite chegou e nenhuma ligação. Entendi que ela não me ligaria naquele dia. Precisava sair, ir ao Triplo A. Precisava da música alta para silenciar o barulho dentro da minha cabeça.

— Temos um milagre aqui! – Foi Adam que me recebeu alegremente. Em parte, por me ver, em outra parte, por causa das duas beldades que tinha nos braços —Anthony finalmente resolveu acordar. Quero apresenta-lo às minhas amigas. Estas são...

— Não, Adam. Não estou interessado. Onde está Alec?

— Lá encima. Não desceu ainda.

— Ok. Com licença.

Fui até o escritório. Alec estava atrás das planilhas. Alec era mais jovem que eu, mas seu comportamento era de alguém muito mais velho. Era bem mais maduro para a idade do que se poderia supor. Pelo menos eu me divertia de vez em quando. Alec não. Quando não estava em casa com alguma mulher, estava no trabalho. A vida social dele parecia nula. Quer dizer, pelo menos até onde nos contava.

— Anthony, que bom. Venha aqui. Vamos falar no prejuízo milionário que o maldito do Ewan quer nos dar.

Essa era a melhor maneira de ser recebido. Um choque de realidade e o nome do meu maior inimigo. Tudo na mesma frase.

— Boa noite para você também. – Sentei-me no sofá. O escritório tinha paredes de vidro e me permitia observar o movimento lá embaixo.

—Aceras quer cancelar a compra do iate. Preciso que dê uma olhada nesses papéis.

— E qual o problema? Ele paga a multa e o negócio está desfeito.

— Não é tão simples assim. Ewan não quer cobrir os custos dos prejuízos da embarcação.

— Como é? Que prejuízos?

— Sim, prejuízos. E não são poucos. Dê uma olhada.

Alec se levantou e circulou a mesa. Trocamos os lugares. Ele ficou olhando o movimento e eu sentei à mesa para analisar tudo. O maldito do Aceras estava dando um prejuízo de cerca de dois milhões para Alec.

— Como isso aconteceu?

Eu olhava a foto do Iate. Muita coisa queimada. Muita coisa quebrada. Trabalho de vândalos, qualquer um poderia supor, mas eu sabia que não tinha sido.

— Quem fez isso?

Reiterei a pergunta de forma diferente.

— Não sabemos. Aceras disse que teve uma desagradável surpresa quando ia usar o iate para uma reunião com amigos. Quando chegou lá, estava neste estado.

— E o cuidador do barco?

— Convenientemente de folga.

— Foi ele.

— Ele? – Alec virou-se para mim – Ele quem?

— Aceras. Ele causou todo esse prejuízo.

— Por que ele faria isso?

— Por que me odeia. Deve ter pensado que me prejudicaria de alguma forma.

— E por que te odiaria?

— Por que sabe que estou interessado na mulher dele.

— Mulher casada? Novidade para mim. Nunca te vi interessado por uma.

— Não é uma mulher casada qualquer. É Phoebe.

— Não me diz respeito de qualquer forma. Bom, Ewan não quer cobrir os prejuízos. Ainda informou numa entrevista para uma revista que vendemos um bem com mau-funcionamento.

— Isso é perfeito.

— Como isso pode ser perfeito? Sabe que o prejuízo do cancelamento é descontado do seu pagamento, não sabe? Teria que devolver a sua comissão. É uma exigência da seguradora. E não falo por mim, mas por você.

— Tenho condições de devolver caso precisemos.

— E então?

— Então que não devemos nos preocupar. Você vai receber o dinheiro da multa pelo cancelamento, e ainda vai receber o dinheiro pelo processo de danos morais que vai abrir.

— Qual sua ideia? – Alec olhou interessado. Adorava foder com a vida dos clientes que fodiam com sua empresa.

— Espere o resultado da perícia. O incêndio foi causado. Peça que investiguem tudo sobre a hora a tal reunião com amigos, quem seriam as pessoas. Uma hora ele vai se contradizer. Processe-o e peça o máximo pela tentativa de denegrir a reputação da sua empresa.

— Farei isso. – Alec olhou para o movimento lá embaixo novamente. – O Triplo A sempre está cheio. Deveríamos começar a abrir nas quintas-feiras. Isso iria aumentar o seu pró-labore ao final, já que é calculado em forma de percentual sobre o lucro.

— Como quiser.

— Você tem que olhar isso. Eu nunca a tinha visto aqui. Vou precisar chamar os seguranças. Eles têm que retirar aquelas garotas fazendo topless de lá. Outro dia, outro protesto. Estou cansando disso. Uma ruiva, excelente, adoraria conhecê-la.

Meus olhos queimaram de fúria por causa do reconhecimento.

— Você não vai chegar perto dela, Alec. Não vai mesmo.

— Por que? Quer competir? Eu a olhei primeiro. Olha que eu ganho.

— Não, Alec. Não é por isso.

— E por que seria então?

— Por que aquela garota é minha filha.

CAPÍTULO 14



ERA A PRIMEIRA VEZ QUE EU teria que agir como um pai e não tinha a menor ideia de como fazer isso. Talvez um instinto tenha falado mais alto, pois quando vi Valentina na situação em que estava, a única coisa que consegui pensar foi em tirá-la de lá.

— Você vai ter que me explicar direito essa história de filha.

Ainda ouvi Alec articular por entre sorrisos. Ele estava se divertindo demais com isso e, bem no fundo, não creio que tenha colocado fé no que eu disse.

Havia um amontoado de homens ao redor das mesas com as “dançarinas exóticas”. Havia também um pequeno grupo formado por garotos que não deviam ter vinte e um anos; meninas em roupas curtíssimas com camisas com um símbolo de faculdade num tecido branco.

Valentina era uma delas.

Os garotos estavam incitando as meninas a subirem nas mesas e se deixarem molhar com espumante. Eu tinha que acabar com aquilo logo. Menores de vinte e um com bebidas alcoólicas resultaria numa multa altíssima. Aqueles jovens estavam a ponto de entrar num coma alcoólico com espumante caro. E por último, mas não menos importante, eu estava a ponto

de arrancar Valentina de cima das mesas pelos cabelos.

— Com licença! – Precisei me intrometer no meio dos jovens, que lançavam notas de dinheiro sobre Valentina com os seios de fora. Se ela soubesse quem eu era, estaria de castigo eternamente. – Sai da frente, garoto de merda! – Empurrei um dos rapazes que estava ousado demais e tentava tocar em Valentina.

— Ei! O que é isso? Quer brigar tiozão? – Outro garoto tentou dar uma de valente. Melhor vazar!

— Sai da minha frente, moleque idiota.

Apenas o ignorei. Bêbado como estava, acabou tropeçando nos próprios companheiros ao tentar avançar para uma briga. Retirei meu blazer e gritei com Valentina.

— Desce agora, garota!

— Eu estou me divertindo, vou descer não! Ei, você é o cara que estava dando encima da minha mãe. Seu ridículo.

— Ande, desça! – Ordenei enquanto a pegava pelas pernas e a apoiava sobre meu ombro. Não poderia permitir que Valentina fizesse isso consigo mesma. Ainda mais bêbada como estava. Eu falaria com Phoebe para que colocasse Valentina de castigo até os cinquenta anos.

—Me solta! Eu não quero ir embora! – Como se num momento de lucidez, exclamou ao olhar para o próprio corpo – Oh meu Deus, eu estou pelada. Me tira daqui! – Reclamou enquanto esticava as mãos para cobrir-se, mas eu já tinha colocado meu blazer sobre ela, então não tinha muito a ver.

O vexame acabou chamando a atenção, vi várias pessoas sacando dos bolsos os seus celulares e começando a tirar fotos. Primeiro dos rapazes com camisa de faculdade sendo contidos pelos seguranças, depois de Valentina e eu. Se eu estivesse certo, e esperava não estar, aquelas fotos estariam nos sites de notícias em poucos minutos. Era duramente proibida a entrada de celulares no clube. Ainda mais nas noites em que eu era gerente. Pior ainda

de jovens com menos de vinte e um anos. Ainda não tinha a menor ideia de como conseguiram entrar.

Valentina ficou quieta no meu ombro, levei-a para a sala privada aos fundos. Onde ficavam as seguranças femininas. Coloquei-a lá dentro e imediatamente virei-a para mim. Ajeitei o meu blazer nela e me assustei com a forma como protegê-la era algo natural. Eu devia protegê-la, e eu estava fazendo isso.

— Trago uma água? – Uma das seguranças pediu.

— Sim, por favor. E peça que deixem meu carro à postos na saída privativa. Vou levar esta garota para casa.

A mulher me deu um olhar estranho. Sei o que pensou naquele momento.

— Ela está segura. Sua mãe é uma velha amiga.

Minha segurança pareceu relaxar visivelmente.

— Liga para minha mãe, ela vem me buscar.

— Eu já estou fazendo isso – Eu disse enquanto tentava ligar para Phoebe. Ela não atendeu. Disquei ainda duas vezes, mas não obtive êxito. Eu iria levar Valentina para minha casa.

Valentina tinha sentado numa das poltronas. O rosto estava afogueado. Percebi nesse momento que, mui provavelmente, não tinha sido apenas espumante que esses impertinentes e irresponsáveis jovens tinham tomado.

— Seu veículo já está esperando, senhor Hill.

A segurança voltou com o recado e com a água. Também trouxe duas barras de cereais. Agradei. Entreguei as barras de cereal para Valentina, mas ela recusou-as. Bebeu apenas a água. Levantei-a com cuidado, a bebida deixava-a com as pernas trôpegas. Quando chegássemos em casa, eu lhe daria um chá bem forte. Isto se chegasse acordada em casa. O olhar dela estava pesado.

Deitei Valentina no banco de trás, e logo ela começou a dormir. Nem tive como colocar o cinto de segurança direito. Conduzi o carro para minha casa, com cuidado, estava levando meu maior tesouro no banco de trás. O caminho foi demorado.

Quando cheguei em casa, pedi a Gena que preparasse o quarto de hóspedes ao lado do meu quarto. O que ela fez. Valentina não acordava de nenhuma maneira, eu pretendia pedir que tomasse um banho antes de deitar. Assim despertaria um pouco do álcool, mas não consegui. Carreguei-a até o quarto, coloquei-a para dormir na cama e, antes de realmente pensar em sair, imaginei todo o tempo que perdi, todo o tempo em que eu não estive ao lado da minha filha, e cobri-a com cuidado dando-lhe um beijo na testa e fiquei.

A noite seria longa, teria que vigiá-la para ter certeza que Valentina não se afogaria no próprio vômito. A manhã seria mais longa ainda, tentando explicar o porquê de tê-la trazido para minha casa. Alguma coisa me dizia que a verdade “sua mãe não atendeu” não seria o suficiente para Valentina.

Peguei meu celular. Sentei na poltrona perto da janela, ao lado da cama. E disquei outra vez o número de Phoebe. Ela não atendia. Liguei para Alec e o fiz jurar que ligaria para a assessoria de imprensa para acobertar o ocorrido com minha filha.

— Não esqueça de salientar bem que Valentina não é nenhum caso meu.

— Não se preocupe. – Alec falou do outro lado – Pelo que posso entender, também não devem suspeitar que é sua filha.

— De maneira alguma. Ela ainda não sabe.

Ouvi silêncio do outro lado da linha. Então Alec continuou a falar:

— Então é verdade mesmo?

— Absolutamente. E você não vai adivinhar quem é a mãe?

— Baseando-me na sua preferência por ruivas, fica realmente difícil adivinhar.

— Phoebe Ward. Ela escondeu que eu tinha uma filha de mim por todos esses malditos longos anos.

— Phoebe deve ter tido suas razões. – Alec justificou-a – Lembre-se que você não esteve muito disponível nos últimos tempos. Tentando esquecê-la.

— Eu sei. – Disse num tom contemplativo.

— Pelo visto não esqueceu.

— Não.

— Perdemos o lobo mais velho da matilha.

Alec sorriu e desligou. Provavelmente tinha arranjado alguma coisa melhor para fazer do que ficar falando comigo num dia de festa no Triplo A. Pelo que conhecia de Alec, já estaria avisando Adam sobre minha nova “condição”.

A poltrona estava desconfortável e eu não sentia tanto sono. Pelo menos não no começo. Pela primeira vez na vida eu estava dormindo sob o mesmo teto que a minha filha. Ela tinha se tornado uma jovem linda, inteligente, esperta. Quando acordasse, não tinha a menor ideia do que a esperava. No que dependesse de mim, eu faria Phoebe deixá-la trancada num quarto por pelo menos dez anos.

— Minha filha... Valentina...

Eu tinha uma filha. Meu Deus, eu realmente tinha uma filha. Eu estava ferrado.

CAPÍTULO 15



DEVO TER CAÍDO NO SONO. Por que só podia ser pesadelo a cena que via em minha frente. Valentina estava deitada na cama, sacudia os ombros como se estivesse tentando escapar de um abraço invisível. Ela grita de forma tão estridente que nem sei como não está desperta.

Os olhos fechados mostram que ainda dorme, mesmo sendo dia do lado de fora. Esqueci de fechar as cortinas na noite anterior e a luz invadia tudo. Lançando uma quentura no rosto pálido de Valentina.

Apressei-me para o lado da cama e sentei ao seu lado. Tentei parar os ombros dela, sacudindo-a para que acordasse, mas não funcionou muito. Eu gritei seu nome diversas vezes.

— Valentina! Valentina! Acorde! – Comecei a me desesperar. Valentina não acordava. Ela estava muito, mas muito branca.

Agora, finalmente, eu conseguia distinguir os gritos. Uma mistura de “Não” e de “Me solte! ”. Ela estava apavorada. Fiz a única coisa que eu achei que eu poderia fazer para acalmá-la.

— Vem aqui, filha... – Falei baixinho. Abraçando-a contra meu peito. Com meus braços, segurei forte Valentina. Ela parecia tão frágil, nem parecia forte menina de língua afiada que eu tinha conhecido a um par de dias. –

Isso... Fique calma... – Continuei sussurrando baixinho contra o cabelo dela enquanto eu a abraçava e beijava o alto de sua cabeça.

A respiração acelerada dela começou a desacelerar. Ela foi ficando mole novamente e, nem mesmo abriu os olhos, já estava dormindo outra vez.

Aproveitei o susto e fui até Gena. Pelo que conheço das mulheres, são muito poucas as que ficam bem-humoradas quando tem fome. Eu não iria apostar na sorte. Pedi que fizesse um café-da-manhã reforçado para Valentina. O que quer que uma jovem de hoje em dia comesse.

Gena não me deu um olhar de reprovação. Ou me conhecia muito bem e sabia que meninas recém-saídas da adolescência não faziam o meu tipo, ou tinha perdido totalmente a fé em mim e não ligava para o que eu fazia com o meu tempo livre.

Tomei meu suco e peguei o celular para ligar novamente para Phoebe, desta vez ela atendeu no primeiro toque.

— Anthony, o que você fez? Onde está minha filha? Por que não consigo falar com ela em nenhum lugar?

Esperei que a enxurrada de palavras dela desembocasse e pude falar ao final.

— Ela está aqui. Valentina andou com uns amigos muito estranhos. Acho que invadiram o clube, não sei ao certo. Ela estava dançando embriagada, quando a retirei de lá, acabou dormindo. Você não atendia. Eu a trouxe para a minha casa.

— Como assim você a levou para sua casa? Está louco, Hill?

— O que preferia, Phoebe, que a deixasse dançando seminua no meio de tanta gente? Eu fiz o que era certo fazer. Não brigue comigo.

— E onde ela está?

— Está aqui. Ainda dorme. Aconteceu um episódio há pouco... – Eu ia contar pelo telefone, mas esta era uma coisa do tipo que não se conta por

telefone, mas cara-a-cara.

— O que aconteceu?

— Falaremos depois. O que vamos fazer? Você vem buscá-la? Ou devo levá-la?

— Eu definitivamente vou buscá-la. Voltar a este prédio novamente seria uma irresponsabilidade. Escute, – Phoebe mudou de assunto – caso pergunte, somos amigos. Tudo bem? Se quiser dizer que fomos amigos de longa data, tudo bem, mas, por enquanto, somos apenas amigos.

— Phoebe...

— Confie em mim, Hill, eu sei o que eu estou fazendo.

Imediatamente a ideia me veio à mente. Imaginei Phoebe sentada ao meu lado numa das namoradeiras ao lado da varanda da minha pequena e rústica casa campestre ao lado da cidadela de Baldwin Village. Eu deveria ser muito tonto para oferecer tal coisa, mas também seria muito burro se não a oferecesse.

— Phoebe...

— Sim, Hill.

Eu odiava quando me chamava pelo sobrenome, me colocava numa posição distante a qual não conseguia percorrer de volta.

— Eu soube que Ewan não está na cidade. Tenho algum tempo durante o final de semana, já que não vou gastá-lo no meu puteiro em forma de danceteria como você o chama.

— Ande, Hill. O que você quer?

— O que eu quero é você com as pernas ao redor da minha cintura enquanto eu me acabo dentro de você, mas como sei que receberia um não se propusesse isso. Eu me contento com levar você e Valentina para passar o final de semana na minha pequena e antiga casa. Um refúgio escondido,

confortável o suficiente para que as duas tenham privacidade, mas apertado o suficiente para que você não dê dois passos sem que eu deixe de olhar para você.

— Você não deveria falar essas coisas para mim e esperar que eu negue.

Droga, essa mulher estava brincando comigo. Ela sabia muito bem que apenas a insinuação dela era suficiente para me manter interessado. Eu previa que depois de me dar corda, ela a arrancaria toda de uma vez. Fiquei esperando a negativa, mas não veio. Em vez disso, veio uma condição.

— Eu não posso ir, não sei se posso ficar com você um fim de semana inteiro sem que Ewan descubra. Na verdade, eu acho que a única maneira de ir, é se Valentina for. Não espere que eu a convença a ir.

Eu estava andando de um lado para outro da cozinha, esperando que Valentina levantasse logo, ela precisava comer, eu precisava garantir que estivesse bem. Precisava garantir que fosse comigo para uma casa no meio do nada. Eu precisava estar com Phoebe. Precisava roubar beijos dela como um adolescente. Precisava viver um pouco, provar um pouco do que era viver em família.

Fui até a sala. Rosie já estava ciente de que eu não queria ser atrapalhado durante o final de semana. Ela sabia que eu não tinha cabeça para os clientes no momento. Também já devia ter sido avisada que eu estava com uma mulher na casa, embora talvez não tenha sido informada de tudo nos mínimos detalhes.

— Hill, você precisa ver isso.

— Eu não tenho tempo agora, estou com visita.

— Eu sei. Eu realmente não estaria pedindo se não fosse importante.

— Dê-me isso então. – Peguei o papel da mão dela, levemente irritado, e vi na primeira página uma matéria com uma foto muito sugestiva minha. Enquanto eu segurava Valentina sobre os ombros. A matéria insinuava que eu ainda usava de métodos de conquistas bárbaros para tomar uma mulher.

Eu iria processar a bosta desse jornal de merda. Eu iria acabar com a reputação deles. Eu iria fazer questão de fechar a maldita espelunca.

— Quando saiu isso? De onde saiu isso?

Perguntei feito um idiota. Eu sabia bem como tudo tinha acontecido.

— Você deve saber melhor do que eu, Hill.

— Mande processar esse jornaleco.

Falei num tom sério enquanto amassava os papeis. Eu provavelmente não estava raciocinando direito, isso fez que eu me adiantasse. Como sempre, Rosie me trouxe de volta ao solo. Colocando meus pés no chão.

— É apenas um jornal qualquer. Não dê atenção. Os boatos aumentariam se você desse importância a isso. Na verdade, acho que deveria mandar uma garrafa de vinho de alguns milhares de dólares, como mandou para seus clientes. Para fazerem uma matéria esdrúxula dessa para vender, devem estar precisando de dinheiro.

— Você tem razão.

— Oh, meu Deus! – Eu vi Valentina de pé, perto da entrada da sala, onde eu estava perto de Rosie. Valentina ainda estava vestida com meu blazer. Então olhou para a própria roupa e para a minha peça de roupa faltando. – Por favor, me diz que não passamos a noite juntos!

CAPÍTULO 16



— EU A SALVEI, NA VERDADE. Estava a ponto de dormir com um daqueles caras com quem estive andando.

— Não precisava se meter em meus assuntos particulares.

— O assunto se tornou público quando vandalizaram meu estabelecimento. Eu devia ter mandado vocês para um plantão policial. Aquele clube é proibido para menores de vinte e um anos.

— Apenas beberíamos em outro lugar. – Valentina deu de ombros.

— Por falar nisso, onde conseguiram toda aquela bebida? Eu não vendo espumante de quinta categoria no Triplo A.

Enquanto eu falava, caminhei em direção à cozinha.

Valentina abriu espaço para eu passar.

— Eu não sei por que se importa. Eu claramente não sou obrigação sua.

— Isso não importa. Não poderia deixar que continuasse no clube embriagada. Phoebe é minha amiga e não me perdoaria se algo ruim acontecesse à filha quando eu poderia ter impedido. – Sentei-me à mesa, já o

café-da-manhã estava servido. Com a fome que eu estava, esperar não seria uma opção viável - Mas não vamos discutir, eu pedi que fizessem café-da-manhã para você. Eu também estou com fome, não comi muito, quer dividir a mesa comigo?

— Estou faminta, aceito sim. E com muita dor de cabeça.

— Eu já pedi que Gena fizesse um suco reforçado com couve. Magnésio ajuda a diminuir a dor de cabeça. Eu pretendo acompanhar você.

— Primeiro eu preciso ligar para minha mãe, – Valentina disse enquanto colocava o cabelo bagunçado atrás da orelha – deve estar morrendo de preocupação.

— Eu já liguei para Phoebe. Não se preocupe. Ela me disse que vem buscar você aqui. Ande, venha tomar café comigo.

Valentina comia apressadamente. Provavelmente querendo apreciar a refeição enquanto a mãe não chegava. Talvez preocupada por imaginar o provável castigo que receberia. Ofereci-lhe uma aspirina, mas ela recusou. Sempre ficava enjoada quando tomava os efervescentes.

— Tome seu suco verde, por favor. – Ofereci uma alternativa natural – O gosto pode não parecer tão bom de imediato, se não for acostumada, mas pelo menos vai aliviar a sua dor de cabeça. Você está desidratada por causa do consumo do álcool. Deveria aprender a beber antes de beber.

— Eu não preciso disso.

— Tem certeza?

— Tenho sim.

Valentina tomou um gole do suco com um certo ar de suspeita. Depois que engoliu o líquido verde, olhou para mim com um olhar que ia do desconfiado ao surpreso.

— Ei, isso é bom. O que tem aqui?

— Abacaxi, couve, hortelã, um pouco de gengibre e como imaginei que não gostaria do sabor dele puro, pedi que colocassem meia colher de açúcar mascavo e maçãs.

— Me surpreendeu.

Comi alguns sanduiches e uma salada de frutas. Valentina fez o mesmo, mas também aproveitou um pedaço de torta de bolo de queijo. Era estranho estar dividindo a mesa com minha filha, mesmo que não soubesse.

— Por que está me olhando desse jeito? – Valentina perguntou.

Só então eu percebi que tinha ficado parado olhando-a como se fosse uma obra de arte. Os Jogadores de Carta, de Paul Cézanne.

— Eu estava olhando em sua direção, não para você.

— Conta outra.

Não queria que Valentina se assustasse com a verdade, então desconversei. Não valia a pena. Ela se fecharia, já que eu não conhecia a vida dela, nem as verdades com as quais convivia diariamente.

Uma coisa apenas ainda me preocupava – O pesadelo.

O que tinha feito Valentina ter um pesadelo com lividez tamanha? Com um sofrer tão realista? Meus pensamentos se confundiam por caminhos que não deveriam seguir.

— Você é o cara que atrapalhou o meu almoço com a minha mãe.

Não era uma pergunta, apenas um comentário. De qualquer forma, me senti obrigado a comentar.

— Não colocaria nestes termos, não sinto que atrapalhei.

— Atrapalhou bastante. – Valentina entornou o líquido do copo de uma só vez. – Depois que você saiu, minha mãe ficou distante. Diria até preocupada.

— Nesse caso, eu sinto muito.

— Não, não deve sentir. Eu sinto que não é verdadeiro.

Não falei nada. Mordi o sanduiche. Tomei um gole de suco. Valentina fez o mesmo. Quando acabou de engolir perguntou de uma vez quase me fazendo engasgar.

— Não tem vergonha de estar tentando conquistar uma mulher casada?

Mastiguei bem o que ainda tinha na boca. Buscando tempo para conseguir pensar numa resposta rápida. Valentina não era burra. Obviamente merecia a verdade. Não toda ainda, mas esta parte não tinha problema.

— Não. Eu amo sua mãe e não é de hoje. Por isso não penso em desistir.

— Meu pai não vai permitir que a roube.

— Seu pai não a faz feliz como eu posso fazer.

Valentina olhou para a própria comida por um tempo. Mordeu só mais um pedaço da comida. Não quis mais, colocou o sanduiche de lado. Enquanto isso, todos os outros pratos que eu tinha mandado fazer para ela, acabaram ficando intocadas.

— Você é bastante corajoso para admitir isso na minha frente.

— Phoebe não está bem.

Falei de um modo afirmativo. Valentina não discordou. Provavelmente já deve ter presenciado uma briga do casal. O que eu realmente esperava que não tivesse acontecido, não queria que tivesse uma má ideia dos homens. Não queria que tivesse uma má ideia de mim.

— Eu a vejo sempre sorrindo, mas sou sua filha – Valentina explicou – sei que está triste desde que voltei da minha última viagem. Quer dizer, eu passei muito tempo morando longe. Eu nem lembro de praticamente nada da minha infância ao lado dos dois. Minha memória mais antiga já vem do colégio interno. Nunca ficamos numa casa. Só agora que papai se aposentou

que os dois pareceram finalmente parar.

Apenas balançava a cabeça positivamente, uma ou outra hora, enquanto ouvia. Não queria que se sentisse tímida. Valentina precisava conversar com alguém, fiquei feliz que fosse comigo.

— Mesmo assim não é igual. Mamãe vive tensa quando está perto dele. Eu adoro meu pai, não me entenda mal. Apenas acho que mamãe precisa se sentir especial novamente.

— Sua mãe está infeliz?

— Eu não acho que tenha sido feliz algum dia. Agora que vou começar a estudar, mamãe me comprou esse apartamento. Não quer que eu more na casa que irão comprar.

— Por que?

— Não faço ideia. Mamãe apenas me deu um aviso, não discutiu o assunto.

— Acha isso certo?

— Não sei. Mamãe deve ter os seus motivos.

Gena vem ver se precisamos de alguma coisa e nota, com tristeza, a quantidade de comida que ainda tem sobre a mesa. Ela detesta, assim como eu, que se estrague comida. Então avisa:

— A senhora Aceras chegou.

— Vou recebê-la. – Eu disse me levantando.

— Vou com você. – Valentina disse e completou – Mas que droga... Eu ainda estou com essa roupa. Não quero que mamãe pense que tentei seduzir o amante dela.

— Isso não vai mesmo acontecer, Valentina.

— Melhor não arriscar. Não teria roupas de mulher pela casa, teria?

— Rosie deve ter pedido algumas roupas. Gena, por favor, leve Valentina até o quarto e confirme se há roupas para ela.

Fui receber Phoebe à porta. Quando a abri, ela ainda estava descendo do carro no pátio de entrada da casa. O cabelo estava perfeitamente penteado e caía em ondas sobre os ombros. Havia sol e o tom de seus cabelos reacendia sobre a luz. Os óculos escuros não me permitiram compreender seu olhar. Visível de sua expressão, apenas o sorriso nos lábios.

Phoebe subiu os degraus da escada. O vestido longo que usava, com uma estampa listrada em tons marítimos, balançava com o modo que andava. Phoebe era tão sensual que se tornava perigosa. Ela tinha um vulcão dentro de si, apenas faltava despertá-lo de seu sono.

— Olá, Hill... – Disse retirando os óculos escuros. A voz macia cantou aos meus ouvidos e eu acompanhei o sorriso que tinha nos lábios. Era lindo...

Devassamente lindo.

— Olá, Ward. Pronta para o melhor final de semana da sua vida?

Phoebe mordeu os lábios.

Eu precisava beijar essa mulher.

CAPÍTULO 17



— SENHOR HILL, UMA LIGAÇÃO para o senhor.

Rosie atrapalhou-nos. Eu precisei juntar todas as minhas forças para não parar de olhar para Phoebe.

— Preciso mesmo atender? – Perguntei.

— Um dos peritos do Alec gostaria de falar com o senhor.

— Não, não é tão importante agora. Marque para a segunda-feira à tarde.

— Farei isso.

Rosie saiu percebendo finalmente a deixa. Pelo tom de voz, estava envergonhada por ter atrapalhado.

— Sua mãe te criou com mais educação do que isso, Hill. Deveria ter pelo menos pegado o aparelho da mão da bela moça.

— Esqueço meus modos quando estou com você.

— Não os esqueça. Homens sem educação nunca foram meu ponto fraco.
– Fugindo do assunto, completou – Onde está minha filha?

— Foi vestir roupas limpas.

— Falou algo que não devia para Valentina?

— Não disse nada sobre ser o pai dela. Porém, não me contive quanto a outros assuntos. Valentina já sabe que estou disposto a roubá-la de seu marido.

— É por isso que aceitei o convite.

— Para que eu a roube do seu marido?

— Não. – Phoebe virou-se para mim antes de entrar em casa – Valentina vai conosco. Não acho que me roubará beijos de forma tão atrevida com alguém por perto. Ou por que já não sei se consigo ficar ao seu lado sem imaginar coisas proibidas.

Não tive muito tempo para pensar sobre o assunto. Valentina surgiu na sala-de-estar com roupas limpas. Quando viu a mãe, baixou os ombros. Como se resignada à bronca que viria.

— Mãe. Me desculpe, eu deveria ter avisado. – Valentina acrescentou - E juro que não fiz nada com o senhor Hill. Sabe que odeio velhotes.

Phoebe aproximou-se de Valentina e falou num tom duro:

— Tem ideia do quanto eu estava perturbada? Você sumiu por um dia inteiro e não deu notícias.

— Fazia parte do trote, mãe.

— Fazia parte do trote matar-me de preocupação? – Perguntou ligeiramente irritada – Sabe o quanto essas coisas costumam dar errado. Graças a Deus que Hill te encontrou. Sabe as coisas terríveis que podem acontecer a uma jovem sozinha e embriagada?

— Me desculpa. Eu não sabia que ficaria embriagada tão rápida.

— Como não? – Phoebe perguntou e Valentina se sentou frustrada no

sofá. Cruzando os braços, querendo lidar com essa discussão de um modo defensivo – Nunca bebeu na vida.

— Ok, o que eu devo fazer? Tudo já aconteceu. Eu não posso voltar no tempo para consertar as coisas.

— Eu ainda estou nervosa demais. Sabe o que é sentir aflição um dia inteiro?

— Não, mas posso imaginar.

— Me prometa que isso não tornará a acontecer.

— Prometo.

Era a minha deixa.

— Que bom que se entenderam. Que tal falarmos agora sobre os próximos dias?

— Como assim? – Valentina perguntou.

— Planejei uma viagem a um lugar quieto no final de semana. Sua mãe precisa de descanso, você de um pouco de juízo. Eu tenho uma casa bem confortável e relaxante. Afastada da cidade. É bem pequena, eu a uso quando quero espairecer.

— E eu tenho que ir, Hill? – Valentina perguntou para mim.

— Você vai, mocinha. – Phoebe ordenou.

Valentina perguntou olhando para a mãe dela:

— A senhora realmente vai passar um final de semana no meio do nada com um homem que não é meu pai?

— Vamos como amigos. – Phoebe me olhou – Não acho que isso poderá ficar tão constrangedor.

— Eu sou obrigada a ir?

— Sim, é. Considere parte do seu castigo.

Como se minha filha fosse algum obstáculo para o meu plano de conquistá-la. Ou melhor, reconquistá-la.

— Nós vamos precisar pegar minhas roupas. Eu só tenho essas, mas estão um pouco folgadas. - Valentina falou, indo para perto da mãe.

Phoebe ter aceitado passar o final de semana comigo era estranho. Eu temia que fosse apenas uma forma de despedida. E se tudo fosse uma forma de dizer adeus definitivamente? Phoebe estava cada vez mais parecida com a garota que amei um dia. Havia, porém, muito tempo entre nós dois.

Teríamos mudado tanto assim?

Phoebe tinha uma filha. Um casamento fracassado. Estava se tornando uma mulher vingativa. Querendo a falência do marido enquanto o roubava. Em breve conseguiria mais que isso. Por Deus, eu não a estava recriminando. Por mim Phoebe poderia tirar até as cuecas dele. Só ela sabe pelo que passou. Apenas me perguntava por que não me oferecia a oportunidade de reaver a família que por tanto tempo escondeu de mim.

Droga, eu amava Phoebe mais que minha própria vida. E ainda há muito do amor que senti em mim. Há também muitos ciúmes por saber que se não a conquistar, depois deste fim-de-semana, estará deitada ao lado de outro homem.

Phoebe diz que ele não a toca, mas também não há nada que o impeça. Um verme como aquele poderia muito bem subjugar-la. Seria pedir para morrer.

Ewan. O maldito Ewan.

Ewan que não me daria maior presente do que sumir da face da terra.

CAPÍTULO 18



AQUELA PEQUENA CASA ERA o meu refúgio particular. O lugar para onde eu vinha sempre que precisava esquecer de tudo. A casita de madeira, com dois quartos apertados, sempre foi o lugar para onde eu fugia quando minha mente estava cansada da agitação da cidade grande. Também era a casa onde vivi quando mal podia me sustentar.

Minha vida era bastante difícil antes de me tornar um vendedor especialista em clientes AAA. Cheguei a passar fome alguns dias, quando não tinha nada para comer além de alguns sanduiches de manteiga de amendoim. E aprendi a não desperdiçar alimento ou dinheiro quando passei por essas dificuldades.

Phoebe e Valentina pareceram adorar o lugar tanto quanto eu.

— É tão quieto... – Valentina disse enquanto observava pela janela de vidro e madeira a paisagem intocada do lado de fora. – Chega a ser agonizante – ela completou – quase consigo ouvir meus batimentos cardíacos.

— Por isso é perfeito.

Apesar da reclamação, Valentina sorria para a paisagem maravilhosa. Havia tanta natureza nos cercando, que não tinha como não gostar.

— Valentina, por favor. Leve as nossas bolsas para o quarto.

— Não se preocupe, Phoebe, – eu disse – eu faço isso.

— Não há empregados nessa casa? - Valentina perguntou quando peguei as duas pequenas malas no carro.

— Não. - Respondi assim que entrei – Neste final de semana faremos tudo por nós mesmos.

— Eu não sei cozinhar, vou logo avisando. – Valentina disse ainda irritada por ter sido obrigada a vir numa viagem que não queria.

— Uma ótima oportunidade para aprender. Se quiser, claro.

— Você fala como se soubesse cozinhar – Phoebe comentou com uma sombra de um sorriso no rosto.

— Provarei que não sou o inútil na cozinha de que se lembra.

Mal proferi a frase, percebi o vacilo que tinha dado. Felizmente, Valentina não estava prestando atenção a nós. Estava intrigada com a lareira, mexendo-a com a espevitadeira de ferro com assaz esforço.

— Nunca disse que era um inútil na cozinha. – Phoebe comentou.

— Vou levar as malas para a suíte. – Eu disse – Ela tem mais espaço e ficarão melhor instaladas. Eu fico com o quarto no final do corredor.

— Obrigada. – Phoebe falou calmamente, mas os braços presos ao redor do corpo, travados, mostravam sinais evidentes de nervosismo.

— Tudo vai ficar bem... – Prometi.

Coloquei as malas das duas no quarto, então voltei à pequena sala. O lugar era aberto e integrado a uma cozinha igualmente pequena. Não havia mesa de jantar, então faríamos nossas refeições na bancada de madeira. O chão com carpetes grossos, a infinidade de cobertas no armário do corredor e a lareira, além do calor humano, teriam que ser o suficiente para nos aquecer

a noite quando a temperatura caísse.

— Vou preparar o almoço. – Eu disse – Por que não descansam um pouco? Assim que tudo estiver pronto, eu chamo pelas duas.

— Eu vou aceitar. Devido à preocupação de ontem, - Phoebe lançou um olhar severo para Valentina – mal consegui fechar os olhos.

— E você, Valentina? – Perguntei para minha filha.

— Estou sem sono. – Valentina disse – Posso ficar aqui e ajudar? - Olhou para a mãe e depois para mim – Desde que não peça nada muito complicado.

— Vai ficar bem? – Phoebe perguntou preocupada. Desta vez, seu olhar severo estava sobre mim.

— Claro que ficaremos bem, não vamos a lugar nenhum. Pode descansar, Phoebe. Vou te chamar quando tudo ficar pronto.

Phoebe deslizou ao quarto com seu porte elegante. Ela tinha se tornado uma beleza tão fria e quente ao mesmo tempo, que era quase impossível as duas formas contrastantes conviverem juntas em harmonia.

— Se você parar de olhar para minha mãe desse jeito, pelo menos na minha frente, eu iria agradecer. – Valentina disse.

— Me desculpe.

Voltei minha atenção para minhas mãos sobre a bancada da mesa. Eu não tinha do que me envergonhar, mas senti que estava dando alguns passos rápidos demais.

— Você parece ser um sujeito legal. Apenas, estou me acostumando com a ideia de que outro homem ama minha mãe. – Valentina me sorriu – O que vamos fazer para o almoço?

— Deixe-me ver. – Andei até a geladeira antiquada e vasculhei seu conteúdo. Felizmente, Gregory, o caseiro que vigiava a propriedade que se estendia até o lago, tinha conseguido fazer as compras e organizar tudo como

eu pedi.

— Tem de tudo aqui. Posso fazer um peixe ao molho... ou bife com salada, e batatas fritas. Ou um bife de glúten...

— O que é isso?

— Um preparado de proteína vegetariano.

— Você é vegetariano

— Não, apenas não como carne todos os dias. E aprecio muito comidas com sabores diferentes. Quer que eu faça o bife vegetariano para o almoço?

— Não mesmo. Quero o peixe. Acho que mamãe também.

Sorri de leve. Tê-la ao meu lado, saber que sua mãe estava perto, era suficiente para apagar a dor de meus dias passados. Preparei o peixe. Um cozido simples. Para acompanhar preparei um arroz integral e aspargos.

Esperávamos o arroz ficar pronto, quando Valentina me bombardeou de perguntas.

— De onde conhece minha mãe?

— Nós nos conhecemos pouco antes da faculdade. – Conteí alguns fatos que não exporiam o segredo que sua mãe pediu para eu guardar – Ficamos juntos por quatro anos, nos separamos no último ano da faculdade. Pouco antes da formatura.

— Você a amava?

— Muito.

Eu tentei me enxergar do modo que era enxergado por Valentina. Eu era, para Valentina, um estranho. Um ex-namorado que tentava se reaproximar.

— Você ainda a ama? – Nem tinha terminado de concluir meu raciocínio quando fez outra pergunta.

— Quer a verdade? – Eu tinha que procurar as palavras certas.

— Sempre.

— Eu nunca deixei de amá-la. Também não sei se deixarei algum dia. Porém, Phoebe tem todo o poder agora. Ela é quem pode me dar ou não autorização para se aproximar. E respeitarei sua escolha.

— Em que você errou?

— Esse é o mistério, Valentina. – Falei voltando minha atenção para as panelas – Espero descobrir neste final de semana qual foi o meu grande erro. Talvez assim eu possa me redimir.

CAPÍTULO 19



O ALMOÇO FOI TRANQUILO. Conversamos um pouco, bebemos vinho. Valentina contou sobre seus primeiros dias na faculdade até que a noite chegou. Vencidas pelo cansaço, as duas foram dormir bem cedo. Nem eram sete horas, quando foram descansar. Uma casa sem eletrônicos tinha suas vantagens, mas também podia ser profundamente entediante para uma jovem agitada e esperta como Valentina.

“Eu tenho os seus olhos”.

A frase ainda reverberava dentro da minha caixa craniana como se tivesse acabado de ser proferida. Valentina era muito inteligente, não era à toa que tinha conseguido sua aprovação para uma vaga tão concorrida. Por isso sei que via com olhar crítico tudo que eu e a mãe dela falávamos e fazíamos. E soltou essa frase enigmática durante o almoço. Não tivemos reação.

A noite já tinha caído. A ausência de postes de iluminação do lado de fora, trazia maior sensação de aconchego e isolamento para os que estavam dentro de casa. Como se a floresta nos abraçasse e nos escondesse. Minha companhia era apenas uma dose de vodca e o calor da lareira. Sentado no chão da sala, perto do calor, todas as minhas lembranças vinham como uma corrente fortíssima contra a qual eu não podia nadar.

Phoebe ainda era uma jovem de quatorze anos. A garota mais bonita da escola. Eu, um problemático envolvido em todo tipo de brigas e confusão. Quando minha família descobriu que transei com a orientadora pedagógica, minha mãe fez um escândalo e processou toda a escola. Isso não pareceu o suficiente para minha mãe, afinal, uma mulher de vinte e nove anos, casada, tinha seduzido seu filho de dezoito. Então minha mãe esperou a orientadora no estacionamento e partiu para cima dela.

Eu separei a briga e disse que amava a senhora Berit. Como eu era idiota. Eu não fazia ideia do que realmente estava acontecendo na época. Eu tinha ideia, mas não passava de um rapaz confuso que queria um pouco de diversão.

Eu estava no sexto ano com as notas mais vergonhosas que um aluno pode ter. Phoebe era uma aluna prodígio que saltou duas séries e por coincidência do destino, veio para minha sala. Minha sorte era estar no time de futebol, ou já teria sido punido pelas minhas péssimas notas.

Phoebe não me tratou como se eu fosse o maioral da sala, o garoto pelo qual as garotas babavam. Me tratou como se eu fosse invisível, como se eu fosse ninguém, exceto nas horas em que me comportava como gente. Phoebe tinha nojo do personagem que eu interpretava. Odiava que eu fosse um idiota quando estava com meus amigos. Odiava que eu fosse outro quando estava ao seu lado. Especialmente quando o diretor a indicou para ser minha monitora durante praticamente toda a oitava série.

Phoebe vigiava cada um dos meus passos de forma impertinente e adorável.

“Isso é parte da minha nota” ela dizia.

Eu fingia me irritar, mas pouco a pouco comecei a gostar de tê-la perto.

Eu nunca entendi ao certo o que sentia até o dia em que a beijei escondido por entre as prateleiras de livros da biblioteca. Eu fui seu primeiro beijo. Ela foi a primeira garota pela qual me apaixonei de verdade. Eu a levei para conhecer meus pais, eles a adoraram. Quando conheci a mãe dela, fui tratado feito lixo.

A mãe de Phoebe me odiava por ser pobre. Não que tivesse muito dinheiro, mas o que conseguiu arrancar de seus ex-maridos, a deixava numa situação infinitamente melhor que a minha. Nem preciso dizer que ela proibiu nosso namoro.

Uma semana depois a tinha tirado do colégio.

Um ano se passou e eu descobri que Phoebe estava estudando numa escola mais perto do centro da cidade. Dei tudo de mim para conseguir uma vaga lá também. Por praticar esportes e ser um exímio jogador, não foi tão difícil. E eu queria ser o melhor que eu pudesse para calar a boca da mãe de Phoebe.

Me reaproximei de Phoebe, obstinado demais para não lutar por ela.

Arrumei um trabalho indigno. Comecei a juntar dinheiro. Eu queria provar que eu poderia ser um bom partido. Nada adiantou. Phoebe foi proibida de se aproximar de mim. A mãe dela reclamou com a diretoria e me proibiram de assediar” Phoebe outra vez. Eu estava ocupado demais tentando ser o que a mãe dela queria, que esqueci que estava me tornando o que Phoebe não queria.

Alguém ambicioso como a própria mãe.

Numa noite, invadi o quarto dela pela janela. Phoebe morava numa bela casa no centro da cidade. Aproveitei o descuido de ter a janela aberta e entrei em seu quarto. Conversamos, nos entendemos, estávamos a ponto de fazer amor, quando percebi que estava chorando.

— Eu não estou pronta, não ainda... — Phoebe sussurrou entre lágrimas e eu me contive. Deitei ao seu lado e fiquei quieto enquanto a respiração dela se tornava regular.

Acabamos caindo no sono e fiquei ali até que a mãe dela nos encontrou na cama pela manhã. Phoebe não acordou, aconchegada ao meu peito, confortável como estava. Quando me levantei, apenas soltou um muxoxo de reclamação e eu segui a mãe dela que me lançava um olhar imperativo.

— Afaste-se da minha filha. — A mulher falou colocando um dedo em riste no meu peito — Phoebe merece alguém melhor que você. Já ouviu os boatos? Você arruinou a reputação da minha filha na antiga escola. Todos falavam que ela era apenas mais uma das vagabundas com as quais você costumava andar. Phoebe não merece que a reputação dela seja manchada pela sua.

Eu nunca tinha pensado no quanto eu afetava a vida dela até esse momento.

Eu já tinha visto que algum dos rapazes estava se atrevendo a forçar um encontro, como se Phoebe fosse igual às outras meninas que costumávamos dividir.

Alec e Adam apenas me incentivavam a lutar mais.

Uma noite, meu quarto estava com as janelas abertas, já que a calefação estava quebrada e superaquecia o cômodo apertado. Eu fui surpreendido por Phoebe. Usava um casaco rosa comprido e nada mais. Envoltos em suor, fizemos amor e tudo mais de belo que faça dois corpos rimarem numa cama.

Desde então não a vi mais. O quarto de Phoebe, no segundo andar, sempre ficava com as luzes apagadas e a janela fechada. Uma das moças que trabalhava ali, me contou que Phoebe se mudaria em breve. Phoebe estava indo embora e não tinha me dito nada. Ia embora sem se despedir de mim, mesmo que eu estivesse fazendo de tudo por ela. Faltava apenas um ano para nos formarmos, ela deixaria tudo para trás?

— Quando ela vai embora?

— Amanhã. — A garota disse.

Passei aquela noite bebendo.

Foi a última vez que fiquei loucamente embriagado na vida.

Naquela noite, uma garota se ofereceu para mim num maldito ponto de ônibus. Na manhã seguinte descobri que a tal que eu mal conseguia

distinguir, era a melhor amiga de Phoebe. Ela contou tudo para Phoebe e para sua mãe. As duas mudaram da cidade na manhã seguinte, como a empregada tinha me avisado.

Eu me foquei nos estudos desde então. Me foquei em ganhar dinheiro. Me foquei em subir na vida para nunca mais ser humilhado por quem quer que fosse. Foi então que conheci Deanna. Outro ano se passou. Phoebe foi se apagando da minha memória, nunca plenamente.

Só reencontrei Phoebe vinte anos depois.

Naquele Iate.

E meu peito bateu forte como se ainda estivéssemos no meu quarto. Era como se nunca tivesse deixado de ser seu. O problema era que Phoebe era de outro.

CAPÍTULO 20



A CASA NÃO ERA DAS MAIS luxuosas, mas tinha suas comodidades. Por exemplo, um pequeno píer no lago, jet-skis e uma canoa moderna de acrílico. Meu plano era passar a manhã no lago com elas. Valentina era uma exímia nadadora, mas não podia arriscar um resfriado.

No final das contas, Phoebe escolheu relaxar tomando uma xícara de chá na varanda. Sentei-me para acompanhá-la e ficamos conversando como se não houvesse mil e um problemas nos espreitando. Valentina, muito irritada, ficou andando com o celular na mão, ao redor da casa, por toda banda, procurando por sinal de telefone.

— Acha que serei aceito?

Perguntei quando Phoebe protelou, outra vez, momento de falarmos sobre seu verdadeiro pai. Meu medo era que Valentina tomasse as dores do pai, questionasse a mãe, depois me odiasse.

— Não imediatamente, mas Valentina não é cruel. Depois de darmos um tempo para que se acostume com a ideia, sei que entenderá essa situação.

— O que pretende dizer?

— Ainda não sei. Espero contar a verdade de uma vez, não quero mais

segredos. Não vai ser fácil contar isso.

— Sei que não vai. Se precisar, posso estar ao seu lado. Qualquer que seja o momento em que decidir falar.

— Vou pensar nisso também.

Phoebe estava sem maquiagem. O tempo tinha sido tão generoso para ela quanto o tinha sido para Catherine Zeta Jones. Era uma mulher de uma beleza que não somente atrai, mas fascina.

— Eu abri uma poupança. Estou depositando um percentual dos meus rendimentos. Quero transferir os valores que estão nela para a conta que me disse que abriu para Valentina.

— Não é necessário, Hill. – Phoebe me chamou pelo sobrenome. Sempre fazia isso quando queria por algum distanciamento entre nós – Eu tenho tudo sob controle. Valentina tem dinheiro suficiente para viver uma vida inteira sem precisar depender do seu dinheiro ou do de qualquer homem.

Olhei para minhas próprias mãos sobre o apoio do sofá de vime. Phoebe poderia não receber os valores agora, mas eu continuaria deixando-os intocado até que um dia ela aceitasse.

— Não quero dificultar as coisas, Hill. – Repetiu meu sobrenome outra vez – Apenas não quero que seja envolvido se as coisas derem errado. Estou tomando todo cuidado necessário, – Phoebe me confortou ao notar meu olhar de preocupação – mas se eu esqueci algum detalhe, não quero que tenha rastros apontando para você.

— Phoebe...

— Não insista. Se alguém for culpado ao final, serei eu.

— Sabe que eu só cheguei onde estou, por que esperava um dia partilhar o que tenho com você. Eu sempre quis te dar o mundo, mas não tinha condições. Agora eu tenho, Phoebe. Agora estou te oferecendo o que tenho.

Phoebe levantou-se para se afastar de mim. O passado ainda era muito

doloroso, o presente era terrível e o futuro incerto. Se pelo menos eu soubesse como chegar até seu coração, talvez as coisas fossem mais fáceis.

— Com que dinheiro iniciou seu negócio?

Não entendi a pergunta.

— Com que dinheiro iniciou seu negócio, Hill? – Phoebe insistiu – Antes de Alec contratá-lo, antes de vender imóveis de luxo. Quando ainda tinha apenas uma empresa de reparos domésticos numa esquina. Antes, bem antes de conhecer Deanna. Quem foi que te deu aquele dinheiro?

— Phoebe... – Tentei aproximar-me.

Agora as coisas faziam sentido. Agora a porra da situação toda fazia sentido.

— Não... Hill. Não se aproxime... – O tom foi ríspido. Havia muita raiva em sua voz, em seu olhar e uma enorme decepção em sua voz. – Eu estive esperando, Hill. Esperei que cumprisse sua palavra, que me procurasse, que voltasse para me salvar da droga de vida em que eu vivia. Eu não teria me importado em viver trabalhando atrás do balcão da sua loja de reparos, não teria me importado em ficar contando caixas de parafusos o dia todo, se tivesse cumprido a sua palavra.

— As coisas não foram assim, Phoebe.

— Foi com o dinheiro da minha mãe, Hill. Eu sei. Ela pagou para que se afastasse de mim. Que dormiu com minha amiga, isso não era nenhum segredo. Eu o teria perdoado, você estava confuso demais, envolvido em problemas demais para a pouca idade. Daí a aceitar o dinheiro que ela ofereceu para que ficasse longe? Isso foi um pouco demais para mim.

— Sua mãe não disse a verdade, tenho certeza. Sabe como ela sempre a manipulou.

— Está enganado. Minha mãe sempre fez questão de esfregar na minha cara o quão fácil foi me separar de você. Eu sempre achei que não era como

minha mãe, sempre soube que viveria tranquilamente com você, independente da vida que tivéssemos.

— Por quando tempo seria suficiente, Phoebe? Quanto tempo conseguiria viver sem todos os prazeres a que estava acostumada? Eu estava vivendo de sanduiches e refrigerantes naquela porcaria de faculdade. Eu tinha um emprego que me pagava miseravelmente pelas minhas horas de trabalho. O que eu poderia te dar, Phoebe? Sua mãe...

— Era uma oportunista, Hill. Estava sempre buscando um homem rico para casar e tomar tudo o que podia antes de se separar, queria me transformar numa mulher igual a ela. Acho que conseguiu...

Permanecer calado seria receber o insulto de bom grado. Phoebe não falava alto, mas suas palavras vinham envoltas com tamanho veneno, que soavam mais estridentes do que se estivesse gritando.

— Phoebe... Eu estava me sentindo uma merda, revoltado, humilhado. Eu não tinha como pagar um mísero quarto de casal na faculdade. Meus pais não tinham como me ajudar mais do que já faziam. Eu é quem precisava mandar algum dinheiro para eles quando sabia que as coisas iam mal. Foi por isso que aceitei o dinheiro que ela me deu. Eu consegui resolver a situação dos meus pais por um temp. Eu tinha raiva demais para raciocinar. Raiva de mim mesmo. Eu não queria envolvê-la numa vida tão limitada quanto a que eu tinha.

— Eu não me importava, Anthony. Eu não precisava de um homem para me colocar num castelo, apenas precisava saber que me amava. Eu confiava em você, Anthony. Eu realmente confiava. Fiquei muito magoada, por muito tempo. Até perceber que você não iria atrás de mim.

— Eu estava tentando ter uma vida melhor.

— Para quem? Por que não para mim não era. Estava tão ocupado tentando conseguir a aprovação da minha mãe que esqueceu quem era e o que sentia. Esse dinheiro que tem agora, não me serve para nada.

Phoebe entraria em casa, se fecharia novamente dentro de si mesma.

Tomei-a pelo braço virando-a para mim.

— Phoebe.

— Solte-me, Hill.

— Phoebe, por favor, olhe para mim. – Implorei – Não quero machucá-la e nem vou, mas por favor, me ouça.

— Fale.

— Eu peguei sim dinheiro com sua mãe. Eu não o queria, eu não quis, mas precisei dele. Precisei de cada centavo dele para aliviar a situação dos meus pais. Sua mãe a levou embora logo depois. Em pouco tempo soube que estava noiva de outro homem. Deixei que meu orgulho falasse mais alto.

— Eu estou pouco me lixando para seu orgulho, Hill. Você é tão responsável pela situação em que estamos quanto eu. Por que você me empurrou para isso, quando não cumpriu sua palavra de ir me buscar. Eu te esperei tanto, mas minha barriga iria aparecer a qualquer momento. Eu só tinha dezessete anos e estava assustada.

— Eu não sabia onde você estava, Phoebe... – Falei baixo – Sua mãe nunca me disse onde morava. – Phoebe deixou os braços caírem ao lado do corpo – Acha que se soubesse me esperava. Se soubesse que estava grávida. Acha que não a teria tirado dele? Eu a teria levado comigo mesmo que fosse morar num maldito trailer se fosse preciso, mas não te deixaria passar pelo que passou até hoje. Eu teria ido atrás de você.

Phoebe deu dois passos para trás antes de ir em direção à casa.

— Mas não foi, Anthony. Acreditou na minha mãe quando disse que era apenas minha diversão. Preferiu isso a acreditar na verdade que lia em meus olhos quando eu dizia que te amava.

Foi minha vez de silenciar.

Coloquei as mãos nos bolsos, não sabia o que fazer com elas.

— Anthony, minha vida foi um suplício. Eu dormia com Ewan pensando que a qualquer momento você poderia chegar e me salvar. Demorou até eu me tornar corajosa. Foi então que meu suplício virou um inferno. E sabe quem me colocou dentro dele, Hill? — Phoebe delineou bem a palavra seguinte. Não com ódio, que a teria tingido de negro, mas com toques de uma tristeza azul que se assemelhava a saudade — Você.

CAPÍTULO 21



EM ALGUM MOMENTO, DEPOIS QUE consegui me acomodar no sofá da pequena sala, os gritos de Valentina invadiram meu sono. Levantei-me apressado e corri para o quarto onde Phoebe tentava acalmar a filha.

— Me ajude, Hill, por favor, eu não sei o que fazer.

Pelo modo que reagiu, posso jurar que Phoebe nunca viveu essa situação. Valentina tinha conseguido ocultar seus pesadelos muito bem, a ponto da própria mãe não os notar.

Sentei perto de Valentina, consegui controlar o tremor das mãos. Parecia exausta, como se tivesse lutado contra um inimigo invisível. Encostei seu rosto contra meu peito, depois de enxugar as pesadas gotas de suor que se acumularam sobre a testa enquanto cantava de leve à meia voz do fundo do peito.

Aos poucos, Valentina começou a relaxar. Phoebe andava de um lado para o outro, nervosa, mas quando percebeu Valentina mais calma, aproximou-se. Pude ver seu olhar corado de lágrimas.

Coloquei Valentina devagar na cama. O suor já secava sobre sua fronte e já voltava a respirar tranquilamente. Era o segundo episódio semelhante que acontecia enquanto estava comigo. Isso não podia ser normal.

— Você vai conseguir voltar a dormir? – Inquiri de Phoebe.

Phoebe observou a filha. Ainda tomada por certo pânico. Querendo livrar Valentina daquilo que a tinha abalado tão fortemente, incapaz de poder ajudar mais. Incapaz de garantir que tudo ficaria bem.

— Ela parecia tão assustada... não quero deixar a minha filha sozinha.

— Eu sei... – Eu disse – mas é melhor deixá-la descansar. Vem comigo, vou fazer um café e ficaremos acordados um pouco de tempo. Estaremos a posto caso isso se torne a repetir.

Tomei Phoebe pela mão e a levei para a cozinha. A delicada mão de Phoebe estava fria, tremulando de leve. Imediatamente me arrependi de ter oferecido café, deveria ter oferecido algum calmante. De qualquer forma, preparei um café bem fraco. Phoebe sentou-se numa dos bancos altos da bancada e ficou com as mãos apoiando a cabeça, pensativa, preocupada.

— Isso nunca tinha acontecido antes? – Perguntei.

— Não... – Phoebe começou a falar – Quer dizer, eu não sei. Valentina viveu a maior parte da vida em colégios internos, nunca comentou nada sobre isso. Agora que retornou, dorme em seu quarto, que fica longe do nosso. O isolamento acústico do prédio talvez não permita que ouçamos seus gritos...

— Já passou. – Eu disse.

— Como sabe?

— Aconteceu a mesma coisa quando dormiu em minha casa. Acho que deve ter passado pelo mesmo pesadelo. Eu fiz exatamente o que fiz hoje e ela voltou a dormir.

— Isso é impossível... Como você pode saber sobre isso? – Phoebe calou-se antes de continuar – Eu sou a mãe dela, deveria saber como ajudá-la.

— Não é hora de pensar nisso. Eu também não sabia como ajuda-la, fiz o que podia. Fico feliz que tenha dado certo.

Eu não sabia como iniciar a pergunta. O modo como Valentina gritava, pedindo que seu inimigo invisível parasse, parecia lutar contra alguém que a forçava.

— Não, Hill... – Phoebe atalhou – não se atreva a perguntar isso.

— Pelo visto, eu não preciso perguntar. Suspeitou da mesma coisa que eu.

— Anthony...

— Por favor, me deixe saber. Me permita saber. Eu sei que eu sou um idiota. Sei que eu devo ter estragado todas as chances de ter vocês, mas preciso saber tudo sobre minha filha. Eu tenho sido paciente, você sabe... – parei de falar para respirar e continuar de forma mais calma – Por favor, me conte tudo o que eu preciso saber.

Houve silêncio. Servi o café a Phoebe, ela tomou apenas um gole do café fraco com pouco açúcar e então ficou girando a caneca de porcelana nas mãos. Os dedos dela ainda estavam nervosos, bem como seu olhar.

— Houve um tempo, em que eu achei que Ewan tinha suspeitado de tudo. – Phoebe explicou – Achei que tinha percebido que Valentina não parecia com ele. Felizmente ela parece bastante comigo. Eu temi pelo pior, temi pela minha falta de coragem de deixar Ewan naquela ocasião. Foi por isso que a mandei para um colégio interno.

Era informação demais. Informação demais para ouvir pacificamente. Se Phoebe estava insinuando que Ewan tinha tocado minha filha, eu iria trazer o inferno para a terra se preciso, mas eu o mataria com minhas próprias mãos.

— Pelo amor de Deus, me diz que estou entendendo tudo errado.

— Tony... – Phoebe falava espaçada. As palavras saíam como um sopro devido à grande angústia – Eu não sei...

— Fale Phoebe, droga.

— Eu nunca tinha visto Valentina nessa situação. Eu posso estar

assustada, talvez não esteja raciocinando direito. Você sabe que minha mente pode estar criando tudo.

— Eu sei, mas levarei isso até o final. Eu vou procurar a verdade, Phoebe. E é melhor estar preparada. Por que se Valentina foi machucada, você não vai precisar se divorciar de Ewan. Ficaré viúva.

CAPÍTULO 22



QUANDO PLANEJEI VIR PARA o meio do nada, não esperava que mesmo sem nenhuma interferência externa, acabaríamos brigando. Era como se nunca tivéssemos conseguido seguir em frente, como se os jovens que fomos estivessem presos dentro de nós e ainda se odiassem.

Nunca houve um perdão definitivo, era isso que faltava.

Na hora do almoço, apenas Valentina foi capaz de quebrar o silêncio algumas vezes falando sobre as matérias que mais gostava na universidade. Talvez tenha percebido nosso comportamento hostil. Com o tempo, deve ter percebido que era melhor se juntar a nós, já que não conseguia arrancar sorrisos de sua mãe nesse dia.

Eu me forcei a sorrir para Valentina quando esta elogiou a refeição, mas não consegui manter o ânimo por muito tempo. Saber que Phoebe me odiava retirava a alegria do momento.

O pior era que ela estava certa. Phoebe tinha razão em me odiar. Quando me coloquei no lugar dela, percebi o quanto tinha dado todos os motivos para tal. Percebi o quanto a tinha magoado. Eu não conseguia ver uma luz no fim do túnel. Era tudo escuro, tenebroso, e a escuridão vinha dos olhos dela.

Phoebe sofreu muito mais que eu. Phoebe é que foi traída pela mãe, pela

amiga, e até por mim que jurei que não a machucaria. Me deixei seduzir pelas mentiras de uma garota que mal conheci, aceitei o dinheiro que a mãe dela ofereceu. Fui um idiota que parou de lutar quando os obstáculos se tornaram difíceis demais. Baixei os punhos, baixei a guarda, e desisti de todas as minhas promessas.

Se Phoebe está num inferno, fui eu quem a colocou lá. Deixei-a cercada de pessoas venenosas, deixei-a acreditar que não valia o meu esforço. Deixei-a sentir que não merecia ser amada. Cada dia, cada noite que perdi preso em meus próprios lamentos, como um egoísta, foi uma noite em que Phoebe se fechou dentro de si enquanto dormia com Ewan. Enquanto eu corria atrás de dinheiro, Phoebe se feria enquanto tentava amar Ewan.

Quando terminamos a refeição, depois de descansarmos um pouco, senti a cabeça doer outra vez. Dessa vez, sabia que o estresse, as preocupações, eram o que a causava. Era uma dor insuportável, minha mente maltratando meu corpo com imagens repetidas da minha própria miséria. Me fazendo assimilar a derrota, a culpa, o desprezo bem fundamentado.

— Moças, vou descansar um pouco. Me sinto indisposto.

— Tudo bem, Hill. – Foi uma sombra de preocupação que eu vi no olhar de Phoebe? – Vamos tomar chá e conversar um pouco, pode descansar. Cuidamos de tudo aqui.

Agradei-a enquanto não tentava ter nenhuma esperança baseada em sua preocupação.

— Está tudo bem mesmo? - Valentina disse – Quer que eu prepare um banho?

— Não se preocupe, vou ficar bem. Obrigado de qualquer forma. Então, moças, vou descansar. Prometo despertá-las amanhã com um bom desjejum.

Quando o amanhã chegasse, seria nosso último dia na pequena casa.

Meu tempo estava acabando, as horas corriam contra mim. Eu não conseguiria reatar com Phoebe. Não conseguiria, nem de longe, tocar a

superfície das águas que eram os sentimentos dessa mulher, tampouco mergulhar em sua profundidade.

Tomei um banho rápido. Tentando relaxar o máximo possível para evitar a tensão no pescoço. Sentindo junto a dor uma pontada de tristeza. Sentindo-me o verdadeiro inútil que fui durante longos anos, insignificante. Quando deitei na cama, fechei os olhos e percebi o sibilar das duas na cozinha. Falando com cuidado, para piorar minha dor de cabeça.

O sono seria o melhor remédio para mim.

Minha cabeça doía. Eu não tinha forças para abrir os olhos sem que doesse. Até meu maxilar doía, as veias latejando sob a pele. A dor chegou num ponto tão alto, que já parecia anestesiarse.

Pela primeira vez, em anos, chorei.

Em silencio.

Choro colhido do fundo da alma com amargor.

Não soube que tinha dormido até sentir uma mão pousar de leve sobre meu rosto, depois sobre minha testa. Então a voz doce de Valentina assobiou para mim.

— Você vai ficar bem. Por favor, ande, tome este remédio.

Ajeitei-me na cama, apoiado no cotovelo, peguei o remédio que Valentina me deu e o tomei. Ouvi o barulho do copo sendo depositado sobre a madeira do criado-mudo ao lado da cama. Valentina sentou-se na cama, ao meu lado. Começou a massagear, de leve, minha têmpora. Ergui minha mão e busquei uma de suas mãos delicadas, então dei um beijo leve sobre elas.

— Obrigado, filha...

No fundo de mim, eu sabia que tinha feito uma besteira.

Porém, o que mais me chocou, não foi minha confissão descontrolado, foi o fato de Valentina não ter recuado. Estava relaxada, calma. Segurou minha

mão e deixou-a sobre meu peito. Então sussurrou de leve, tão de leve, que temo que tenha sido um sonho.

— Não precisa agradecer. Você vai ficar bem, papai.

CAPÍTULO 23



APARENTEMENTE, FIQUEI FEBRIL durante a noite. Por isso Valentina foi me dar remédio. Exceto pelo enjoo leve que o remédio sempre me causa, senti-me mais disposto. Minha vontade de reconquistar Phoebe só tinha aumentado. Porém, estava ciente de que o primeiro passo já não dependia de mim.

Devo ter dormido muito depois do remédio, pois o sol estava forte demais para serem sete horas. Vesti uma roupa limpa e fui à cozinha. Já pensando no que faria para o café-da-manhã, mas fui surpreendido pelo cheiro de chocolate que perfumava a casa. Phoebe e Valentina tinham colocado as habilidades culinárias em prática e fizeram brownies, torradas com ovos e curau de milho.

— Nossa... Isso é surpreendente. Onde vocês conseguiram chocolate? Tenho quase certeza que não tinha chocolate aqui.

— Tinha sim. Não deve ter procurado direito. – Valentina disse – Usamos chocolate amargo, leite de amêndoas e todos esses troços saudáveis que achamos na sua cozinha. Está maravilhoso. Um gosto muito excêntrico.

— Mal vejo a hora de experimentar.

— Está aqui é para comer, baby! – Valentina serviu um pedaço generoso

do doce. Comi-o maravilhado. Minha filha e a mulher que amo o tinham feito. Eu comeria até os talheres que elas tinham usado se isso as deixasse feliz.

Phoebe, que tinha notado nossa interação com certo ânimo, sugeriu:

— Que tal se formos ao lago hoje, Hill?

Phoebe ficava tão linda quando relaxava por completo. Um macaquinho florido folgado arrematado por um cinto na altura da cintura nunca foram mais adequados. Absolutamente tudo lhe ressaltava, como só o podem conseguir fazer as belas mulheres.

— Ao lago? – Perguntei, surpreso por não gaguejar.

— Sim. Está um excelente dia lá fora. Valentina conseguiu achar sinal da operadora quando sobe na caixa d'água lá no fundo e tenho quase certeza que vai falar com os amigos pelo celular. Eu, bom, eu estou disposta a encarar a canoa de acrílico, desde que eu não precise mergulhar.

— Se estiver bom para as duas.

— Para mim está ótimo, vou falar com umas colegas da faculdade. Elas querem alugar o quarto de hóspede do apartamento. Se tudo der certo, essa renda vai me ajudar bastante e não vou precisar procurar trabalho no primeiro semestre.

— Que bom, Valentina, tomara que dê certo. – Sorri-lhe sinceramente, voltei-me para Phoebe – Nesse caso, terei o prazer de acompanhá-la num passeio de canoa.

— Termine o café-da-manhã primeiro. Preciso pegar meu chapéu e passar protetor solar.

Phoebe andou até o quarto. Observei seu andar até ser surpreendido por um beliscão de Valentina. Ela disse assim que Phoebe saiu:

— Espero que consigam se entender dessa vez.

— Desculpe?

— Sério, Hill? Vai fingir para mim?

— Não, desculpe.

— Aceito suas desculpas. Não digeri direito a ideia de minha mãe largar Ewan, mas não sou egoísta a tal ponto de chorar misérias para que fique infeliz. Quero vê-la sorrindo mais vezes. Nunca a tinha visto sorrir tanto quanto ontem quando conversamos... Bom, resolvam isso. Vou dar o tempo que precisarem. Se mamãe tiver que se separar, que se separe, mas você tem que fazê-la sorrir mais vezes.

— Eu estou fazendo o melhor que posso.

— Eu espero que sim. – Valentina olhou-me aos olhos de uma forma contemplativa – Eu tenho seus olhos. A mesma exótica cor de olhos. Também temos furinhos no queixo...

Não me deu tempo para responder ou objetar, apenas pegou o celular, outro pedaço de brownie e me deixou na cozinha. Phoebe voltou pouco depois. Tinha nas mãos um chapéu branco de abas largas.

— Terminou a refeição?

— Sim, sim.

— Acho melhor irmos. Precisamos desse tempo sozinhos.

Acompanhei até a canoa como um homem disposto a ouvir tudo quanto quisesse dizer. Sem receios, sem julgamentos, sem defesas.

— O que aconteceu ontem à noite? – Perguntou.

— Ontem?

— Sim, à noite. Valentina foi vê-lo na madrugada.

— Não lembro ao certo. Acho que me deu remédio para a cabeça.

— Então deve ser verdade.

— O que?

— Estava com febre. Valentina lhe deu remédio. Depois que a febre passou, você voltou a dormir.

A canoa de acrílico era excelente, não me arrependi de tê-la comprado. Podíamos observar pelo fundo dela, até onde a vista permitia, o fundo da lagoa. Também era possível ver alguns dos peixes que viviam ali nadando tranquilamente.

Phoebe sorria encantada. Enquanto olhava as águas, eu movia muito calmamente os remos para não espantar os peixes que a divertiam.

— Eu fui bem dura com você ontem, Hill. — Olhei-a, mas Phoebe apressou-se a completar. — Não pense que retiro qualquer palavra do que disse, não retiro.

— Então?

— Então que eu poderia ter dado espaço para que falasse. Deveria ter dado a oportunidade de responder aos meus argumentos. — Phoebe relutou antes de prosseguir — Você disse, quando éramos jovens, que nosso amor seria eterno. Que poderia ser a nossa ruína ou a nossa glória.

Lembrei-me da frase trocada como confidencia ao pé-de-ouvido. Percebi, com alegria, que Phoebe ainda lembrava de vários dos nossos momentos. Que o tempo não tinha conseguido me apagar de suas memórias, bem como nunca a apagara das minhas lembranças.

— Sinto que estamos num momento crucial. — Phoebe continuou quando acenei positivamente — Precisamos decidir o que o futuro guardou para nós dois, mas... Anthony, eu não tenho forças suficientes para dizer que o amo, mas também não tenho forças para dizer que o perdoo.

— Até pouco tempo, eu não entendia, mas agora entendo. Eu não serei mais tão louco a ponto de achar que tudo pode ser esquecido. Sei que minhas

verdades são diferentes das duas, por isso precisamos nos entender.

Phoebe apenas me encarava,

— Phoebe, eu não sou mais um jovem idiota e irresponsável. Nunca consegui amar alguém da forma que a amei. Você se tornou inesquecível no momento em que deu o primeiro passo para dentro da minha vida. Eu sou um homem agora. De todas as coisas que vou tentei mudar sobre mim, apenas uma resistiu. E é o fato de amar você, Phoebe. Eu nunca nem tentei mudar isso sobre mim. Só quando olho para vocês duas, olho para o que perdi... percebo que tive uma vida miserável. Quando você se foi, perdi a única coisa que me mantinha com os pés no chão. Foquei-me no trabalho, ganhei tudo o que quis. Porém nunca consegui preencher o vazio que eu sentia. O vazio que tinha seu nome.

As palavras saíam calmas. Guardadas por tanto tempo, que achei que teriam perdido sua força. Mesmo assim, exprimiam toda a verdade que eu podia conter.

— Não pretendo amá-la como aquele garoto, Phoebe. — Continuei — Pretendo amá-la como o homem que sou. Vou amá-la da maneira correta, por que não pretendo perdê-la outra vez.

Phoebe não me respondeu. Permaneceu silenciosa pelo resto do passeio.

Minha mente gritava e me fazia imaginar todas as possíveis respostas que ela diria, mas eu permaneci quieto respeitando seu tempo.

CAPÍTULO 24



QUANDO VOLTAMOS PARA A PEQUENA casa, notei com preocupação a porta escancarada. Olhei em direção à caixa d'água ao fundo da casa, não notei nenhuma jovem afoita falando ao celular. Corri em direção à casa e notei a caminhonete vermelha parada perto da entrada da casa.

Phoebe se retesou ao meu lado e sussurrou para o vento o nome que eu não esperava ouvir:

— Ewan...

Corri em direção à casa. Meu Deus, tantas coisas passando pela minha cabeça, desgraçando com meu juízo. Quando entrei em casa, passei direto da sala para os quartos no que me pareceu um só pulo.

— Valentina! – Gritei para a casa vazia – Valentina!

— Calma, ela está bem.

Ouvi a voz por trás de mim e a reconheci de imediato. Voltei para a sala. A tensão no meu corpo ainda era quase palpável, mas me obriguei a relaxar.

— Maldito Alec, o que está fazendo aqui?

Virei-me para Alec que acabava de entrar na casa com uma caixa na mão e a depositava sobre o balcão da cozinha. Tinha um sorriso no rosto.

— Você não atendia minhas ligações, soube que estava aqui. Vim ver como estava, trouxe roupas limpas, café, e outras coisas. Achei que estivesse mal de novo. Se isolando. Eu vim te lembrar que ainda tem compromissos no mundo civilizado.

— Não sabe o susto que me deu. Eu estava... Deus do céu.

— Onde está Valentina? – Phoebe perguntou. Ela tinha um olhar espantado no rosto, que ia diminuindo gradualmente à medida que reconhecia o invasor. – Alec? O que? O que está fazendo aqui? Eu pensei que...

— Vocês estão bem? – Alec questionou – Do que está falando?

Olhei para Phoebe que se recuperava do susto também, então expliquei.

— Aquele carro lá fora. Eu não conhecia, não tinha como saber que era seu.

— Não é meu. Adam veio também. Alugou aquele carro para a ocasião. Disse que não iria gastar os pneus do Audi nessas estradas. – Alec abriu a porta da geladeira e começou a guardar as coisas que trouxe nas prateleiras – Trouxe alguma comida decente. Nada da sua merda de comida natural com gosto de barro.

— Valentina, onde está? – Perguntei.

— Ela convenceu Adam a levá-la até uma conveniência que vimos perto daqui. Alguma coisa sobre fazer uma ligação de um telefone público já que a maldita operadora não tinha sinal decente.

— Sabe se vão demorar? – Phoebe perguntou, agora sem a tensão na voz, visivelmente mais relaxada e aliviada.

— Não creio. Saíram há mais ou menos trinta minutos. Devem estar voltando. Soube que estavam no lago, mas preferi não incomodar. Na verdade, Valentina exigiu que não incomodasse.

— Não incomodam. Fico feliz que tenham vindo. – Phoebe mudou de assunto – Por falar nisso, Alec, você ainda faz aquele macarrão à carbonária?

— Minha receita especial. – Alec fingiu lembrar-se de algo com saudade – Nem consigo calcular quantas garotas conquistei com um prato de macarrão.

Ouvimos um carro estacionando, o carro em que viemos. Vi quando Valentina e Adam começaram a pegar sacolas do porta-malas.

— A casa vai ficar cheia. Vou tomar banho e volto em pouco tempo. Pense em alguma coisa que eu possa fazer para ajudar no almoço.

— A salada já é por sua conta. – Alec sugeriu. Vi o alívio em seus olhos ao perceber que eu não tinha vindo me esconder dessa vez, mas aproveitar a vida.

Me esgueirei para o duche aproveitando o tempo precioso, já que em pouco tempo tudo seria uma luta por tempo para usar o único banheiro da casa. Coloquei a toalha na cintura, voltei para o quarto. Aproveitei o som de casa cheia e das risadas que enchiam o ambiente. Fiquei feliz que meus amigos pudessem proporcionar uma certa diversão para as duas mulheres mais importantes da minha vida. Sentei-me à beirada da cama para descansar um pouco.

Pouco tempo depois, a porta se abriu. Meus olhos não puderam acreditar na visão que se delineava para mim. A pele molhada de Phoebe sendo abraçada numa toalha branca e curta era uma tentação. Ela tinha os cabelos molhados, apagando um pouco do fogo vivo que eram.

Phoebe se aproximou, falando num tom baixo:

— Quero sexo, Hill. E quero com você.

Phoebe trancou a porta e eu me levantei para esmagar seu corpo contra o meu. Maldita mulher bipolar que numa hora me odiava e na outra hora me amava. Joguei a toalha que tinha em seu corpo e envolvi-a pela cintura,

agarrando seu corpo com vontade:

— Você não vai precisar disso...

Phoebe ficou nua. Virei-a de costas para mim. Meu volume escorregava deliciosamente contra suas costas. Puxei seu queixo para trás para que me beijasse.

— Não faça muito barulho... – pedi atrevido.

— Sim... – Phoebe murmurou.

— Farei bem devagar, prometo. Sem barulho... – Sussurrei contra sua boca.

Virei Phoebe de frente outra vez, trouxe-a para perto e para cima, para que os seios dela ficassem na altura da minha boca e eu pudesse me deliciar neles.

Com as pernas ao redor de mim, Phoebe gemia baixo.

O que tornava as coisas ainda piores.

Por que eu era incapaz de não ficar louco com seus gemidos.

Deitei Phoebe na beirada da cama, de frente para mim, e brinquei com meu dedo nela enquanto sentia meu pau dando fisgadas de tanta vontade de entrar nela. Era impossível alguém me arrancar do meu delírio agora.

Entrei nela com vontade, o movimento fez a cama ranger um pouco. Phoebe iria gemer alto, mas coloquei minha mão sobre sua boca a tempo.

— Shhhhh... – pedi que fizesse silêncio – ninguém pode nos ouvir.

Então continuei o movimento. A cama rangeu bem menos desta vez. Movi-me devagar e a levantei. A fiz ficar de costas para mim, as mãos apoiadas na parede. Dediquei um bom tempo saboreando sua fenda molhada e esperei que se derramasse em mim para entrar nela outra vez.

Eu precisava disso, eu precisava demais disso que nem podia pôr em palavras.

A cintura de Phoebe ficava ainda mais bonita olhando-a nessa posição. Seu quadril era um coração perfeito. Inclinei-me sobre ela, mordendo suas costas de leve enquanto encontrava meu momento de liberação perfeito.

Seria perfeito ter mais tempo. Seria perfeito repetirmos. Eu queria mais, sempre. Mesmo que fosse apenas quando ela me autorizasse. Mesmo que fosse quando quisesse me dar as sobras de seu tempo às furtadelas, como agora. Eu precisava dela, jamais me negaria.

— Tenho que ir, Hill. – Phoebe me beijou na boca e deu um tapa na minha bunda antes de sair.

Maldita Phoebe, minha droga favorita.

CAPÍTULO 25



NÃO FOI FÁCIL VIVER O RESTANTE do dia. Imagens de Phoebe entregue a paixão apareciam a todo momento diante dos meus olhos e se tornava torturante vê-la conversando, sorrindo com todos e perceber que o momento que compartilhamos pareceu não a afetar tanto quanto me afetava. Eu me convencia que o olhar pálido tinha fogos surdos sob a superfície.

Quando terminamos de jantar, Adam foi sentar com Valentina nas cadeiras da varanda. Como era o mais jovem entre nós, provavelmente ele ainda tinha bastante assuntos afins com a jovem Valentina. Alec estava sentado no sofá de frente para a poltrona onde Phoebe estava e conversavam animadamente. Eu permanecia de pé, ao lado da lareira. Voltei-me para as chamas, observando-as com certo encantamento. Admirando os tons das labaredas que pareciam os cabelos ruivos de Phoebe.

— Alec, porque estava preocupado com o Hill? Por que insinuou que ele poderia estar deprimido? – Phoebe perguntou.

Era uma pergunta bastante pessoal. Alec olhou-me, notou que poderia falar sobre meus problemas abertamente e explicou para Phoebe:

— Anthony precisa de algum tempo quieto com seus pensamentos. Aqui é para onde foge. Então Adam e eu sempre acabamos resgatando ele, senão

Anthony pode esquecer como é viver em sociedade.

— Não tinha me falado isso, Hill. – Phoebe falou para mim, embora eu não me atrevesse a olhar para ela.

— Não julguei importante. Eu gosto de ficar só, às vezes.

— Obviamente é importante.

Já passava das duas da manhã, eu não tinha como continuar na sala com os dois. Não quando queria sacudir Phoebe pelos ombros e exigir que tivesse uma atitude definitiva sobre nós dois. Queria saber se falara para Valentina sobre eu ser o pai dela, ou se eu realmente tinha delirado pela febre. Queria saber o que faria a respeito de Ewan. Porém tinha que esperar o tempo que Phoebe quisesse.

— Acho que vou descansar um pouco.

— Está se sentindo bem? – Alec perguntou – Espero que não o tenha ofendido falando sobre você antes.

— Não ofendeu, realmente estou cansado. – Dei-lhe um olhar tranquilizador. Phoebe, por sua vez, não acreditou e pude ver suas suspeitas nos sinais de seu rosto confuso – Preciso dormir. Ontem meu sono não repôs minhas energias. Além disso, vamos acordar cedo.

— Tem razão. Deixa que eu coordeno o pessoal na hora de dormir e fecho tudo – Alec disse.

— Boa noite, Hill.

Já no quarto, deitei-me na cama. Eu me sentia sendo egoísta, ao mesmo tempo em que sentia que podia exigir uma resposta. Eu queria sair desta casa com tudo resolvido, mas percebi que não conseguiria. Percebi, com certa angustia, essa tristeza me invadindo.

Alec e Adam dormiram na sala, pelo que pude ouvir da conversa em alto tom. Eu já tinha fechado os olhos, apesar de não estar dormindo, ouvi a porta abrir devagar. Uma mão leve tocou minha testa procurando por uma febre

ausente.

— Durma bem, Hill... Pai... — Era a voz de Valentina.

Depois de me dar um rápido no rosto, Valentina saiu do quarto.

Meu sono fugiu, mas não tinha coragem de abrir os olhos.

“Como ela soube? ” Fiquei me perguntando.

A resposta veio à minha mente. O pequeno e inocente comentário sobre meus olhos. Também sobre o formato do queixo. Impossível de herdar de Ewan e Phoebe, já que nenhum dos dois tinha furo no queixo. Valentina era muito atenta aos detalhes, bem como a mãe sempre foi.

Desde adolescente Phoebe sempre tinha notado a cor dos meus olhos. Sempre tecia o mesmo comentário insistentemente.

— Eu adoro seus olhos, Tony. — Phoebe dizia enquanto eu deitava na cama ao seu lado, numa troca de beijos inocentes — Seu olho parece azul de longe, bem azul, mas de perto, a íris é completamente amarelada, quase da cor de ouro. Também tem esse sinal escuro único na íris direita.

— Você sempre fala isso.

— Porque é a verdade. Eu conseguiria distinguir você, caso só seu olho sobrasse do seu corpo num acidente.

— Nossa, isso não foi nem um pouco romântico... — Eu sorria da veia dramática e trágica que Phoebe sempre usava para comentar.

— É a verdade.

Eu não tinha prestado tanta atenção aos olhos de Valentina quanto ela tinha prestado nos meus. Agora que eu pensava, conseguia notar. A cor azulada não era tão sólida. Havia uma camada de mel ao redor da íris azulada. O mesmo sinal castanho-escuro na íris direita, apesar do dela estar num ponto diferente.

Valentina era inteligente, eu sabia. Apenas não imaginava que juntaria as peças tão rápido. Desde quando sabia? Desde quando me chamou de pai sem que eu ouvisse? Achávamos que estávamos sendo sorrateiros, mas Valentina não acreditou no simples passeio de final-de-semana. Sabia que tinha mais que amizade na droga do convite que fiz.

A porta abriu outra vez. Desta vez virei-me para olhar e vi Phoebe entrar no quarto. Falei baixo:

— Precisamos conversar, é importante. Phoebe, é importante... — reclamei, mas já me tinha me colocado dentro da boca dela, e eu não conseguiria dizer não agora que estava endurecendo com a sensação da sua língua lambendo meu membro.

Phoebe chupava com vontade. Me deixava louco. Céus, eu iria até o inferno por essa mulher. O modo como seus lábios deslizavam no meu comprimento, com a pressão certa por todo o caminho, era o paraíso na terra.

Depois que arrancou de mim o que queria, lambeu os dedos deliciando-se com meu gozo. Eu ainda estava duro, imaginando como seria me enterrar dentro dela. Phoebe deitou na cama, apoiando-se nos seus antebraços, de frente para mim. Abriu as pernas de forma provocante e com um olhar quente me mandou:

— Agora é sua vez. Vem...

Eu sabia que precisava falar. Sabia que era um assunto sério o que eu tinha em mãos, mas podia esperar algum tempo. Especialmente quando a tinha assim, tão safada, na minha cama. Era difícil demais parar de desejá-la quando minha língua explorava sua intimidade. Era difícil dizer não quando ela era água e eu estava morrendo de sede.

CAPÍTULO 26



“QUERO SABER ONDE ESTÁ a puta da minha mulher! ”

Os gritos se tornaram fortes e não consegui mais me manter sonolento. Phoebe dormiu na cama, ao meu lado. Seu braço estava sobre mim, num abraço delicado, e apenas esses gritos foram capazes de nos perturbar.

“Não me impeça! Porra! Cadê o caralho da minha mulher?!”

A situação ia ficar bastante feia em breve.

Ainda mais com a fúria carregada nas palavras se tornando ainda mais exacerbada. Phoebe se levantou apressada e vestiu uma das minhas camisas, a primeira coisa que encontrou para cobrir sua nudez.

Batidas na porta sobressaltaram-na ainda mais. As batidas na porta ficaram mais fortes. Depois mais fortes ainda, como se estivesse jogando o corpo inteiro contra a porta.

Pânico havia se instalado por todo o corpo de Phoebe, ela se recolhia devagar. Seu corpo assustado parecia congelado ao sentir o cheiro do medo. Não havia no que tocar ou onde esconder-se para se proteger.

A porta abriu e Ewan passou os olhos pelo aposento, pousando-o

primeiro em mim, apenas de cueca, depois em Phoebe e na minha camisa cobrindo seu corpo.

— Sua puta, desgraçada! – Ele comentou – Ainda fica com esse maldito depois de tudo? Depois do que orquestrou com sua mãe? Vocês são duas putas mesmo.

O quê? Do que ele estava falando?

Ewan quis passar por mim para alcançar Phoebe, mas não somente o impedi, como também o tirei para fora do quarto. Alec e Adam aproximaram-se ao ver que o homem estava descontrolado.

Ewan era uma confusão de raiva. Nessa gana, desferia murros e socos aleatoriamente. Eles tentavam acertar qualquer um. Então me apressei para imobilizá-lo pelos braços.

— Vista-se, - Eu disse para Phoebe enquanto deixava que Adam e Alec receberam o louco do Ewan de braços abertos – mas fica aqui. Você não vai sair enquanto esse homem não tiver ido embora.

Percebi que a Phoebe que eu tinha esmagado entre meus braços na noite anterior tinha sumido. A mulher que acenou positivamente já estava com ar frio e social, o mesmo que utilizava para manter as pessoas longe. Já estava fechando-se outra vez.

Como pétalas de copo-de-leite, sua pele alertava sobre um possível desmaio. Silêncio era tudo o que emitia. Phoebe estava resignada como a ovelha que segue para o matadouro.

— Phoebe, – Avisei segunda vez – não saia deste quarto, não faça nenhuma besteira. Por favor.

Lançou-me um olhar de incertezas e não falou coisa alguma.

Vesti apenas um calção e me adiantei para a sala. Ewan parecia possesso. Por muito pouco não estava espumando ódio.

Quando me viu, pareceu incontinente. Agilmente, se aproximou e tentou

me prender contra a parede. Mas era apenas um ser miserável e desesperado que via o homem que dormiu com sua esposa. Sem força alguma para aguentar o empurrão que eu lhe daria se não tivéssemos sido impedidos.

— Hill, Ewan, parem com isso os dois.

Phoebe, a desobediente Phoebe, estava saindo do quarto. Fazendo totalmente o oposto do que pedi.

— Como ousou dormir com esse homem? – Ewan perguntou, parecia que tinha algum sofrimento impresso na fala, até partir para as baixarias – Não tem vergonha, prostituta?

Era demais para ouvir.

Querer me ofender era uma coisa, ofender Phoebe era outra. Empurrei-o para longe de mim até colocá-lo do lado de fora.

— Vá embora daqui, Ewan. Phoebe não quer mais você. Você não é bem-vindo. Continue aqui e mando o caseiro te caçar como se fosse um porco-domato.

Valentina também acordou e se deparou com a bagunça que tinha se instalado na casa. Com certeza tinha reconhecido a voz de Ewan. Tinha reconhecido o som das brigas e, pelas palavras trocadas, já sabia bem a causa de toda essa discussão.

— Não, Hill, – minha garota disse – não faça isso com meu pai.

Aceras pareceu satisfeito com a defesa de Valentina. O sorriso de deboche no rosto tentava se passar por vencedor.

— Vamos embora, filha. Deixe a puta da sua mãe com esse desgraçado, eles se merecem.

— Sim, senhor.

Valentina ia sair de perto de mim para entrar na casa outra vez.

— Não precisa fazer isso. – Eu disse num tom sério e baixo para que me ouvisse – Não precisa ir com ele.

Ela sussurrou de forma quase inaudível, enquanto se desvencilhava do meu bloqueio.

— As coisas só vão piorar se ficar mais tempo aqui.

Éramos apenas Ewan e eu naquele espaço.

Ele apoiava-se ao capô, praticamente incapaz de conter a própria raiva. Como um animal enjaulado que vê pela primeira vez o momento oportuno para libertar a fera que há em si.

Ele não estava mais discutindo comigo. A expressão de derrota misturada à ira demonstrava que aquilo era esperado.

— Você sabe que ela nunca te amou, Ewan. – Eu disse – Por que não vai embora enquanto ainda te resta dignidade? Por que não faz algo decente uma vez? Phoebe não quer ir. Valentina só está amedrontada. Você sabe que ela não é sua filha, é minha. Ela não se parece em nada com você.

Pelo modo como soltou o ar que prendia, notei que Ewan não sabia a verdade. Ewan recuperou o ar e a compostura e lançou-me:

— Phoebe é uma vadia. Não soube fazer outra coisa que não abrir a perna para todo macho que passasse. Não pense que é especial de alguma forma, Hill. Phoebe só sabe me dar desgosto e asco deitando-se até com meu próprio irmão.

Aquilo era novo, mas justo. Phoebe deve tê-lo traído em toda oportunidade. Mesmo que tivesse feito, ainda seria pouco para o que Ewan merece. Mas isso não era dela. Não de Phoebe com seu ar aristocrático inabalável. Eu bem vi o aborrecimento que lhe causaram os olhares naquele restaurante.

— Continue mentindo, Aceras. Mas não se preocupe, não o julgo. Deve ser um terror viver ao lado duma mulher que não merece. Sempre se sentir

inferior. Phoebe é digna, Ewan. Coisa que você nunca foi.

— Se é digna, por que se deitou tão facilmente com você, Hill? – Perguntou tentando sugerir ideias tortas demais para meus conceitos – Por que mentiu tantos anos sobre a vadia da filha?

— Para enganar um otário feito você. Você não tem nada aqui, Ewan. Não tem mulher, por que Phoebe me ama. Não tem filha, por que ela é minha. O que quer? Por que não vai embora?

Era como jogar uma partida de pôquer com o diabo.

Dois inimigos discutindo antes de erguer as armas.

Medindo espadas para o combate.

Ele sabia que estava em desvantagem.

Eu achei que iria embora, sem Phoebe, sem Valentina. Apenas com a vergonha de si como companhia, mas não imaginava o que Phoebe iria fazer.

— Chega disso tudo, Hill. Não era assim que Valentina deveria saber. Eu vou com meu marido. – Phoebe disse como se me odiasse por eu ter jogado a verdade para dentro assim – Não me procure mais. Vamos, Valentina! – Ela berrou para dentro da casa perdendo sua compostura.

Ela realmente estava cogitando ir com ele?

Pela mala em sua mão, não era apenas uma ideia, era uma decisão firmada. A maldita Phoebe estava realmente indo embora com o maldito Ewan.

— Você vai com esse sujeito? – Perguntei apontando o braço na direção de Ewan – Vai mesmo sair de minha casa para ficar ao lado dessa merda?

Eu é que estava sem ar agora.

— Ele é meu marido, Hill. O que você e eu tivemos foi uma página. Ewan tem sido minha história.

Não houveram outras palavras que tenham me magoado tanto quando ditas à meia voz.

— Se quer, vá, tem todo o direito. – Eu disse irritado, mas controlando minha animosidade - Não posso obrigá-la a ficar, mas minha filha não vai. Nem que precise amarrá-la, mas Valentina ficará comigo.

Phoebe deu de ombros e entrou no carro.

Valentina estava saindo com a própria mala, quando viu o carro partindo sem ela. Primeiro, ficou chocada; depois, desolada. Lembranças pareciam passar diante dos seus olhos num momento crucial. Eu podia sentir o abandono que era depositado em seus ombros. Como se gritasse e a empurrasse para baixo.

A mãe dela tinha ido embora e deixado a filha para trás como se fosse nada. Como se fosse ninguém.

CAPÍTULO 27



— NÃO SEI O QUE ESTAVA PENSANDO. — Valentina lançava as palavras com certa dor – Eu achei que Ewan tinha vindo nos buscar, mas ele me olhou como se eu fosse um peso extra do qual queria livrar-se.

Tentei confortar Valentina em meus braços, mas meu gesto parecia não ser aquele que precisava no momento.

Numa noite, eu estava escondendo uma verdade prestes a colapsar, agora, eu estava consolando minha filha livremente.

— Tudo vai ficar bem. Você vai morar comigo. – Eu disse – Mando Rosie comprar roupas para você, e tudo o que precisar. Eu não quero você naquele apartamento enquanto aquele imundo estiver lá.

— Eu não quero morar lá. Foi comprado com o dinheiro dele. Deus, eu não quero. Eu vi o olhar que Ewan me lançou quando foi embora, ele estava feliz que eu não tinha ido junto. Não quero nada dele, nada... Ele foi capaz de me abandonar. Minha mãe também... Ela foi embora.

— Valentina, tudo vai ficar bem, eu prometo.

Peguei o queixo dela e a fiz me olhar com seus olhos azuis iguais aos meus. A coroa de cílios que escondia seu olhar estava ainda com algumas

gotículas de lágrimas. Eu jurei para mim mesmo que esse homem nunca mais faria minha filha chorar ou eu o mataria.

— A culpa é sua, pai. — Falou com tanta facilidade, que não consegui entender como pude viver tanto tempo longe deste adjetivo — O que fez para que minha mãe quisesse ir embora? Ela parecia tão feliz ontem. Nós conversamos tanto. Por que tudo acabou assim? Eu achei que esse final de semana seria o suficiente para que se entendessem, mas não foi.

— Me desculpe por tê-la feito pensar assim. — Falei calmamente — Desculpe se seus planos foram frustrados. Eu queria que tudo acontecesse de maneira diferente, se isso pudesse fazê-la sofrer menos.

— Por que tudo tinha que acontecer dessa forma?

Todos éramos uma confusão.

Adam estava sentado na banquetta da cozinha, o cabelo num coque samurai ridiculamente mal feito. A cara de sono, a adrenalina parecendo correr ainda em pequenas explosões por todo o corpo. Alec também mantinha silêncio, mas, diferente do silêncio irritado de Adam, o dele era mais contemplativo. Alec era um calculista nato, eu quase conseguia ouvir as suas engrenagens funcionando.

— As coisa aconteceram como tiveram que acontecer. — Eu disse para Valentina — Vista algo e arrume suas coisas. Vou preparar algo para comermos. Então vamos para casa.

Ainda não era o momento de lhe dar todas as respostas.

— Certo. — As duas sílabas de Valentina não deveriam ser lançadas com tamanha tristeza.

Valentina carregou, com dificuldade, o peso do corpo até o quarto.

Enquanto isso, me adiantei para preparar algo para comermos. As compras feitas não foram planejadas para cinco pessoas, então teríamos uma refeição simples já que ninguém iria dirigir com fome. Pelo menos havia

massa para panquecas na geladeira. Faria duas para cada um e um pouco de suco.

Meu animo para cozinhar era igual ao meu animo para com Phoebe nesse momento – nulo. Então tudo devia estar bem mal feito. Quando queimei a segunda panqueca seguida, joguei a vasilha com massa na pia e desliguei o fogo, irado.

— Para o inferno toda essa merda!

O vasilhame de acrílico se espatifou e todo o granito da pia foi sujo. Meu único lamento era dar tanto trabalho para quem viesse limpar depois.

— Está tudo bem, – Adam disse – a gente come alguma coisa no caminho. Há um bom restaurante há não mais que quarenta minutos daqui.

— É, Anthony. Fique calmo. – Alec intercedeu – Quebrar suas coisas não vai consertar a situação.

Apoiei as duas mãos na pia.

Eu estava profundamente aborrecido. Precisava socar alguma coisa. Precisava bater em Aceras. Precisava acabar com a raça dele. Precisava entender por que Phoebe tinha escolhido partir.

— Que merda. Parecia que tudo ia dar certo... Quer dizer, não estávamos bem, mas sei sou melhor do que aquele cara. Que família de merda é essa que Phoebe quer ter? O que merda há de errado com essa mulher?

— Pare de maldizê-la. - Alec disse – Não percebe que há alguma coisa errada nisso tudo? Pelo que conversamos à noite, Phoebe e eu, ir com o Aceras parecia a última coisa que queria.

— Do que está falando?

— Phoebe tinha planos. Planos que não envolviam sair pela manhã depois de ter sido flagrada pelo marido. Não sei se percebeu, Anthony, mas ninguém deveria saber sobre esse local.

— Além dos empregados, é claro. – Acrescentei.

— Não tinha como Ewan saber que estaríamos aqui. – Adam concordou. Então precisei me pronunciar.

— Eu não duvido do Peter. – Disse referindo-me ao caseiro – Ele é leal. Um dos empregados mais leais que tenho. Nem mesmo conhecia o Ewan.

— Então por que o deixou entrar? – Adam insistiu.

Havia um fundo de razão.

Olhei para a pequena casa. Foi Peter que a arrumou para mim quando eu vim para a cidade cheio de sonhos e ambições. Ele me deu o que comer e o que vestir quando tudo o que pedi foi um copo de água. Não tinha por que duvidar dele. Não quando tinha me tornado um amigo de sua família que morava numa casa na entrada do terreno.

— Deve haver outra explicação. Me recuso a acreditar nisso.

— Muito bem, digamos que esteja certo. O que sobra? Quem sobra? Há tanta gente que te odeia, Hill. Muitas mulheres ofendidas com seus presentes. Até sua ex-mulher.

— Deanna não conhecia este local. Quando me conheceu, eu já tinha alguma estrutura. Então posso eliminar Deanna da lista de suspeitos. Só vocês, eu e as garotas sabiam onde me encontrar.

— E Rosie... – Adam sugeriu e eu tinha ar de descrença, mas, mal a palavra saiu de seus lábios, elas foram se encaixando numa teoria que fazia total sentido.

— Rosie? Rosie... – Era praticamente uma certeza para mim.

— Foi Rosie quem me disse onde estava quando liguei. Eu não posso afirmar nada, obviamente, mas suspeito muito.

— Merda... Rosie não. Rosie sempre foi muito eficiente. Sempre foi incrivelmente discreta sobre tudo. O que ganharia com isso? Eu a pago bem.

Nunca houve nada que me pedisse e que eu não conseguisse fazer. Ela não tem motivos para me odiar.

— Só você se acha santo. Todo mundo que te conhece te odeia, Hill. — Alec acrescentou num tom solene.

— É, menos nós. Somos farinhas do mesmo saco. — Adam completou enquanto provava um pedaço da panqueca queimada da frigideira — Que desgraça! — Ele cuspiu — Isso está horrível.

Valentina saiu do quarto arrastando uma mala. Ela estendeu para mim um papel, pelo ornamento na beirada, parecia ser do meu papel de carta personalizado.

— Encontrei isso nas minhas coisas. É da minha mãe. Quer dizer, é a letra da minha mãe. E é para você. Eu sinto muito...

Andei rápido e peguei o papel.

As letras escritas com pincel atômico mostravam um recado dado às pressas e sem nenhum cuidado. As letras escritas com pincel atômico eram um tapa na minha cara e no meu ego.

“Está tudo acabado, Hill”.

CAPÍTULO 28



VALENTINA ESTAVA INSTALADA. Minha filha dormia em minha casa pela primeira vez consciente de quem eu era em sua vida. Eu nem sabia que teria filhos um dia, nem mesmo sabia que poderia sentir esse amor profundo pela garota desconhecida até pouco tempo atrás.

Alec e Adam estavam comigo.

Adam estava consternado com tudo. Silencioso.

Alec tinha metido na cabeça a ideia de que Rosie era a culpada por Ewan Aceras encontrar o endereço do meu refúgio particular. Eu não conseguia acreditar nisso. Rosie tinha sido minha pessoa de confiança há anos, eu não conseguia imaginá-la cometendo tal deslealdade.

— Ligue. Quanto antes vier, antes Rosie poderá se livrar das suspeitas.

Obedeci-o a contragosto. Por que, apesar de nunca ter motivos para suspeitar, não podia descuidar de minha segurança dessa forma.

Eu, no entanto, precisava relaxar. Tentar esquecer a partida repentina de Phoebe. Tentar entender os motivos para que ela desse um fim em algo que parecia perfeito.

Minha razão tentava meter algum juízo em mim, dizendo que ela pode ter feito aquilo para tentar baixar a poeira. Aliviar a confusão. Mas, meus ciúmes negavam minha razão.

Éramos três contra um.

Alec, Adam e eu, contra Ewan.

Poderíamos muito bem tê-lo detido e o colocado para fora da propriedade junto com seu carro exagerado. Ele não teria a menor chance de resistir.

Phoebe, no entanto, decidiu entregar-se como uma maldita mártir. Como se precisasse realizar algum sacrifício por nós. Achou melhor entregar-se para seu algoz.

— Hill, o que houve? – Rosie perguntou preocupada.

Rosie chegou apressada. Pelo modo que as roupas estavam desalinhadas, sem maquiagem e com apenas uma capa sobre os ombros, soube que a tinha deixado preocupada. Ela nunca tinha sido chamada repentinamente.

— Rosie.

— Eu recebi dúzias de ligações, Anthony. – Rosie correspondeu ao meu cumprimento com uma reiteração – Pelo amor de Deus, me diga o que houve?

Era difícil suspeitar dela quando se mostrava tão solícita.

— Eu vou direto ao assunto. – Adam se meteu na conversa – Como o senhor Aceras conseguiu encontrar-nos?

A face dela ficou avermelhada, depois pálida. Confusão e espanto passaram por seu rosto, mas também uma irremediável ofensa.

— O que?! – A voz ultrajada de Rose se pronunciou quando notou os olhares inquisitórios de Alec e Adam caíram sobre ela. Eu não conseguia continuar olhando em seu rosto – Eu nunca fiz isso... Eu... Anthony, sabe que eu nunca faria isso. – Ela me chamou – Você sabe que não! Eu nunca ousaria

prejudicar você. Eu te devo tanto, que droga. Você ajudou meu pai quando ele precisou daquela cirurgia. Eu jamais seria desleal contigo.

— Infelizmente, - Adam falou – sei que as coisas não são como quer sugerir. Por favor, explique como foi o seu dia ontem. Preciso que fale tudo, preciso saber como as coisas aconteceram.

— Meu Deus, eu não farei isso. Eu não acredito, Hill, que realmente vai deixar isso acontecer. Ah, quer saber? – Rosie retirou um chaveiro do bolso e o jogou no tapete da sala – Eu não quero mais isso. Não quero mais trabalhar com você. Como pôde pensar isso de mim? Eu nunca, nunca, lhe dei motivo para desconfiar. Sempre fui fiel e honesta. Eu nunca ousei pegar nem uma moeda que jogada pela casa.

— Senhorita, as coisas serão mais fáceis se você começar a falar. – Adam continuava insistindo como se fosse a porra de um policial.

Rosie jamais faria uma coisa dessas.

No fundo, sempre soube.

— Já chega, Adam. Rosie não faria uma coisa dessas. – Andei até ela, peguei antes o chaveiro que tinha jogado ao chão e o coloquei de volta nas mãos dela, mesmo que estivesse relutante – Por favor, me perdoe. Perdoe-me por esta atitude. Eu estou desesperado. – Fui honesto – Phoebe é a única mulher que amei. O marido dela apareceu na minha casa repentinamente. Ela o escolheu em vez de mim. Eu estou um lixo. Não estava raciocinando direito e me deixei levar pelas mais estúpidas suspeitas.

Rosie procurou nos meus olhos uma ponta de mentira ou falsidade, mas não encontrou esses sentimentos no meu rosto.

— Por favor, Rosie, me desculpe.

— Anthony, eu não sei.

— Sabe que não consigo viver sem você. Você é a expert dessa casa. Você cuida dela e de mim tão bem que não imagino minha vida sem ti. –

Acrescentei com um sorriso – Sem você eu não vivo.

Rosie sorriu de leve, foi um sorriso um pouco machucado, mas já estava me desculpando.

— Que isso nunca mais aconteça, Hill. Ou vou ligar para aquele seu amigo do golfe que fala cusindo e marcar uma hora de reunião com você. Você sabe que ele ganharia qualquer concurso de cuspe a distância.

— Eu já estou com medo. – Sorri de apreço por seu grande coração – Obrigada por me desculpar. Prometo que isso não vai mais acontecer.

Alec nos interrompeu com um pigarro, então começou a falar:

— Não quero atrapalhar o momento dos dois, mas ainda temos assuntos a tratar.

— Faremos isso amanhã. – Atalhei quando percebi que se continuasse a agir de cabeça quente iria cometer mais erros contra amigos que nunca tinham me feito duvidar de sua lealdade.

— Achei que quisesse resgatar Phoebe. – Adam disse.

— Quero, mas percebo que estou sendo tolo. Phoebe foi por livre e espontânea vontade. Não posso obrigá-la a voltar.

— E o que pretende fazer agora? – Alec perguntou.

— Agilizar a perícia. Só assim saberemos quem causou os danos ao iate, embora esteja mais que visível de quem é a responsabilidade. Só então vou tentar conversar com Phoebe, trazê-la para viver aqui.

— Phoebe? Viver aqui? – Rosie perguntou surpresa.

— Sim. Por falar nisso, - Pedi apressadamente – minha filha está morando comigo. Preciso que entre em contato com alguém para redecorar o quarto que ela ocupará. A suíte que fica perto da minha. Não acho que precisaremos trocar os móveis, mas dê carta branca. Peça para as lojas trazerem peças para Valentina escolher à tarde. Acho que precisará de itens

pessoais, mas não sei quais ou quantos. Então converse sobre isso e marque uma hora com os seguranças para fazerem compras.

— Ok, calma... – Rosie sorriu – respire. Farei isso. Também acrescentarei algumas coisas conforme as ideias que já estou tendo. Mas, me explica uma coisa?

— Pois não. – Respondi.

— Como você foi arranjar uma filha num final de semana?

— Longa história encurtada. – Resumi – Eu não sabia que tinha uma filha. A garota que dormiu há uns dias aqui, ela foi escondida de mim por bastante tempo. Por favor, faça-a se sentir em casa.

— Farei isso. Providenciarei tudo para que se sinta confortável.

Adam e Alec observavam a cena.

Como sempre, Adam parecia frustrado com a interrupção do seu interrogatório. Alec parecia estar com engrenagens girando na cabeça, tentando encaixar as peças.

— O que foi, Alec? – Questionei enquanto ia até o sofá, sentar-me ao lado dele. Rosie sentou-se também aceitando meu convite Adam continuou de pé. .

— Essas mulheres que dormiu. Lembra-se daquela que o roubou pela manhã? – Alec inquiriu – A mais recente.

— Lembro. O que tem?

— E se a garota não levou apenas dinheiro. Se levou algo mais?

— Algo tipo? – Continuei a questionar para acompanhar seu raciocínio.

— Algo como sua agenda eletrônica?

— Impossível. – Rosie foi quem respondeu – Está sempre comigo. Não

poderia ter levado, eu ando com ela para todos os lados. Mesmo quando não estou trabalhando aqui.

— E o seu aparelho celular? – Adam perguntou – Disse que levaram seu celular. O que tinha de importante ali?

— Meu celular? Bom. Havia meus contatos. Meus e-mails. Minhas senhas.

— Havia o número do seu caseiro?

— Sim, mas não explica como descobriram que eu estaria lá.

— Mas é a única pista que temos. Não há outra coisa a qual nos apegar agora. Essa moça, que levou seu celular, tinha suas senhas, poderia invadir seu e-mail e ler seus recados. E se recebeu alguma ligação nesse tempo?

— Ela me disse uma frase enigmática. – Lembrei-me – Disse que não era para mim que trabalhava.

— Isso é perfeito. – Alec disse.

— O que é perfeito? – Adam perguntou.

— Só precisamos saber para quem essa mulher trabalha.

CAPÍTULO 29



MINHA CASA NÃO ESTAVA mais tão vazia. Não agora que eu tinha Valentina em casa. Agora eu tinha alguém para compartilhar uma refeição. Embora o jantar tenha sido uma formalidade estranha. Não por que não soubéssemos como nos comportar um ao lado do outro, mas por que sabíamos que havia um assento desocupado que não deveria estar assim.

Valentina, porém, era de ouro. Uma menina de ouro.

— Você deveria dar um jeito nisso.

Valentina rompeu o silêncio enquanto assistíamos um filme após o jantar. Já tínhamos conversado bastante, tentando esclarecer o motivo de eu ter ficado longe tanto tempo. Agradei por ela ter acreditado que eu não sabia de sua existência.

— Em que, Valentina?

— Nessa situação. Mamãe deve estar sofrendo. Eu não entendo o que fez, por que fez, mas sei que ela não queria partir. Ela tenta ser dura a maior parte do tempo, tenta ser forte, mas quando ela colapsar, não vai ter ninguém para a ajudar se não estivermos lá.

Não falei nada, não ainda, esperei que continuasse.

— Achei que éramos uma família feliz. Até quando estive longe, achei que eram felizes. Agora, que sei que não são, tenho medo por mamãe. Eu nunca vi Ewan falar daquele jeito. Nunca. Eu não quero que mamãe passe por isso enquanto estou longe. Enquanto não tem ninguém para a proteger. Por que ela se submete?

— Deve ter pensado que fazia um sacrifício por você.

— O que?

— Talvez para protegê-la do fato de que Ewan não era seu pai.

— Que ridículo! Não! Mesmo que fosse meu pai, eu jamais pediria isso para minha mãe. Eu não colocaria meu bem-estar acima do de alguém que amo.

— Ela pensa igual, então fez o que precisava ser feito.

Houve silêncio novamente.

Uns bons cinco minutos de silêncio.

A ausência de som nos mostrava o tamanho da preocupação sentada, no meio da sala, como um fantasma escuro a nos observar.

— Por que minha mãe odeia tanto você? Por que acha que aquele inferno é melhor do que estar aqui?

— Sua mãe está agindo nesciamente. Se deixando levar por mentiras que foram inseridas em nossa história. De algum modo, pensa que a deixei. Pensa que eu a traía pelas costas.

— Isso é verdade?

— Houve uma vez em que achei que não a teria mais. Preferi acreditar nas palavras dela, mesmo que elas apenas refletissem uma raiva momentânea. Eu fiquei com uma mulher. Eu poderia culpar a bebida, mas sei que deveria saber me comportar. Bebi demais e acabei me deixando levar pela confusão em minha mente e fiquei com alguém próximo dela.

— Quem?

— Uma amiga dela. Sabina.

— Nojento.

— Eu sei como isso soa para você e como soou para ela. Acredite em mim, não tem como resolver isso. Não tem como provar para sua mãe que não houve nada além do que as circunstancias sugeriram.

— Pode tentar falar com ela.

— Eu tentei diversas vezes. Sua mãe não permite que eu toque no assunto.

— Não... – Valentina me corrigiu – Não estou falando de minha mãe. Estou falando da amiga dela. A tal Sabina.

— Nunca pensei nisso. Quando sua mãe cortou relações comigo, também tentei não mexer mais no passado.

— Para sua sorte, eu acho, essa mulher ainda é amiga da minha mãe. Está morando no apartamento de Miami que Ewan comprou. Minha mãe aluga algumas propriedades do meu pai para ajudar a aumentar a riqueza da família.

— Ela ainda mora em Miami? Nunca poderia imaginar que ainda eram amigas.

— Não sei se são amigas, mas sei que tem esse negócio em comum. Ela se viuuvou há pouco. O marido dela se suicidou e acabou a deixando cheia de dívidas. Mamãe a ajudou a encontrar trabalho e cobra um pouco menos do que o valor oficial para que a moça more no endereço.

— Isso não pode ser. Não pode ser a mesma pessoa.

— Só conheço uma Sabina que é amiga da minha mãe. Esse nome é bastante raro.

— Você iria comigo até lá?

— Quando quiser.

O filme acabou, não lhe demos atenção suficiente, então não havia muito a comentar. Valentina tinha que ir à faculdade, pegar seus materiais, já que suas aulas começariam em breve. Depois voltaria para casa.

A decoradora a estaria esperando para redecorarem o quarto. Rosie a levaria para fazer compras, já que se recusava a aceitar qualquer peça que tivesse sido comprada com o dinheiro de Ewan. Também me pediu um trabalho, mas disse que deveria apenas estudar, que não se preocupasse com seu sustento. Enquanto estivesse morando comigo, não lhe faltaria nada.

Rosie conseguiu um horário na minha agenda, partiríamos em dois dias. Seria o último dia livre de Valentina antes de começar seu período, e eu já teria lidado com as reuniões da semana.

Rosie também informou que tinha conseguido fechar duas vendas de imóveis se passando por mim nos e-mails. Ela merecia um bônus por isso.

Como tínhamos nos entupido de pipoca, nenhum dos dois quis comer mais nada antes de dormir. Desejei um “boa noite” para Valentina e andei para meu quarto pensando em Phoebe.

Deitei-me na cama. Peguei o Ipad para ler um pouco. Não queria ficar acompanhado apenas da lembrança de Phoebe e da minha falta de sono.

Minha leitura estava fluindo bem, mesmo com todas as tempestades ao meu redor, eu conseguiria bater minha meta de dez livros. Se me esforçasse um pouco mais, poderia ultrapassá-la.

Tudo devia continuar tranquilo, mas gritos ecoaram pela casa. Invadiram a noite, meus ouvidos, e o silêncio que pensei que tinha ficado comigo.

Era a voz de Valentina.

Eram gritos estridentes de puro terror.

Corri apressado para seu quarto. A porta estava trancada por dentro. Que grande merda. Precisei voltar ao meu quarto para pegar a chave-mestra no gaveteiro do closet.

Assim que me livreii do empecilho, corri para dentro do quarto. Valentina estava sentada na cama. Abraçando os joelhos, em posição fetal. Estava parecendo tão frágil.

Peguei o lençol e a envolvi. Sentando-me perto dela e puxando-a para um abraço que tentava afastar todos os medos que pudessem estar lhe assombrando.

— O que houve? Me perdoe por demorar. Eu não sabia que dormia com a porta fechada. Precisei procurar uma maldita chave mestra para conseguir entrar aqui.

Valentina não falou nada. Continuou se aninhando em mim. Escondeu o rosto no meu pescoço e eu fiquei protegendo-a dos monstros debaixo da cama como se fosse pequena.

— Você precisa me falar, Valentina... – Eu repeti – O que você sonha? O que é que traz tanta dor para você?

Nada, nenhuma resposta.

— Você precisa aprender a confiar em mim.

Nenhuma resposta novamente. Achei até que tinha voltado a dormir, mas então ouvi a sua voz baixa:

— Eu nunca tinha lembrado do meu pesadelo até hoje. Eu sempre voltava a dormir e esquecia... – Ergueu o olhar.

Eu vi sua alma se revelando através das meninas dos olhos muito abertas. Sinal de pavor.

— Me conta. – Pedi sabendo que o que quer que fosse, eu acabaria com sua dor.

—Ele entrava no meu quarto e me dava uma boneca. Me fez sentar em seu colo. Eu sinto a dor nos meus sonhos. Eu lembro de sentir dor. Lembro dele me chamando de gatinha antes de sair. Acho que por isso que durmo com a porta trancada. Deve ser involuntário.

— O que está me dizendo, Valentina?

Eu sentia as mãos frias. Até mesmo as palavras que saiam da minha boca pareciam numa temperatura que beirava zero graus.

Eu sentia ódio correndo por mim.

— Foi ele, pai. Foi Ewan.

Se não tive sangue suficiente para matá-lo antes, agora a vontade sobejava. A medida da minha ira estava transbordante. Eu precisava fazer que Ewan deixasse de existir.

CAPÍTULO 30



ERA O PIOR DIA da minha vida. A cada minuto era como se eu revivesse a confissão de Valentina mais e mais vezes.

Valentina insistiu que eu ficasse até ela cair no sono, o que só aconteceu quando o dia raiou. Antes, a garota foi submetida a uma noite de assolação.

Deus, eu não entendia por que coisas ruins aconteciam com pessoas boas. Como uma desgraça dessa pode ter acontecido a uma garota que só sabia estudar. Mas isso me fez aumentar um senso de justiça enorme. E, eu explicaria para Ewan, com detalhes, por que coisas ruins aconteciam com pessoas más.

O inferno seria nada para Ewan. O inferno seria o paraíso perto do que eu lhe infligiria. Eu iria fazer que tudo que mais temia, lhe sobreviesse duma única vez.

Eu não tive fome. Não tive vontade de fazer qualquer coisa. Minhas vontades se resumiam a duas coisas: encontrá-lo e matá-lo.

Por que eu iria matá-lo.

Sem pensar no meu redor.

Sem pesar nas consequências.

Apenas queria fazê-lo pagar pelo seu crime.

Como não dormiu direito, Valentina não iria à universidade.

Aproveitei seu sono para ir até o apartamento onde vivia e subornei o porteiro para que me deixasse entrar.

Eu apenas queria extirpar Ewan da face do planeta.

O elevador parecia demorar mais tempo do que necessário. Como julgavam que aquele era um condomínio “seguro” muitos moradores deixavam suas portas destrancadas. A porta do apartamento que eu buscava não estava assim. Ewan sabia que algum dia alguém viria para ele, só pode ser isso, ou não estaria tentando se proteger.

Estava tudo quieto demais naquele andar.

Toquei a campainha e fechei os punhos. Eu estava pronto para dar uma surra em Ewan assim que o visse, estava louco para socá-lo, mas não foi ele quem abriu a porta.

— Hill? – Phoebe estava assustada.

Estava vestida apenas com um roupão sobre uma camisola transparente. Como se tivesse acabado de sair do banho e se preparado para uma cena amorosa.

— Onde está ele, Phoebe?

Ela ainda tentou me impedir, mas entrei no apartamento. Vasculhei todos os cômodos enquanto Phoebe gritava palavras de ofensa contra mim. Tentando me impedir, a todo custo, de entrar nos ambientes, mas havia ódio demais me cegando para que fosse capaz de atender seu pedido.

— Você tem que sair daqui, Anthony! Eu já disse.

— Você é... – A palavra morreu na minha boca, não valia a pena

maldizê-la. Phoebe era mais uma vítima de toda a situação – Phoebe, pode tentar escondê-lo, mas vou encontrá-lo. Eu não me importo que me odeie. Ainda que eu precise passar por cima de você, senhora Aceras, eu vou passar. Então não tente me impedir.

— Você nunca falou assim comigo, Hill.

— Não pretendia começar agora, mas não há outra opção.

— Não permito que fale assim comigo.

— Acho que vai ter que relevar dessa vez, não é? – Olhei-a cinicamente – Se está tentando proteger seu marido, não tenho o que fazer aqui.

— Anthony Hill! Pare com isso. Pode me explicar o que está fazendo? Juro que se não se controlar, vou chamar a segurança.

— E eu juro que se fosse Ewan quem abrisse a porta, eu o teria matado sem me preocupar com as testemunhas.

— Hill, olha para mim... – Agora era uma súplica. O tom duro tinha ido embora. Phoebe procurou meu rosto. Queria apertar-me delicadamente em suas mãos, mas eu não queria ser apaziguado por ninguém. – Que droga, Hill. Olhe para mim!

— O que, Phoebe? – Retirei as mãos dela de mim. Eu não queria que me tocasse, não queria ter que ver meu ódio minguar, não queria que seu olhar apaziguasse a revolta em mim. – Ande, fale logo o que quer!

— Hill. Está acabado. Eu consegui.

Finalmente notei o ambiente destruído.

Quebrado, desorganizado, confuso.

Uma prateleira estava pendurada apenas por um parafuso à parede. Seu conteúdo jogado no chão. A sala estava revirada, livros jogados, móveis rasgados. A bagunça era enorme.

— Como fez isso?

— Fiz exatamente como disse antes. Como disse que o faria. Desviei o dinheiro dele para uma conta que suprirá as necessidades de Valentina e as minhas até nos reestabelecemos. Um laranja muito bem pago expatriou o dinheiro de suas contas. Não quitei as dívidas com as pessoas perigosas que te falei antes. Agora, com o processo do seu amigo e sem ter como pagar, é bem possível que seja preso.

— Como sabia do processo de Alec?

— Me informei, apenas.

—Você está mentindo. Como sabe disso?

— Está suspeitando de mim, Hill?

— Como sabe do processo? – Reiterei a pergunta de modo mais firme – Eu nunca falei sobre isso para ninguém. Alec também não. A perícia nem foi concluída. Como sabe disso, Phoebe?

Ela recuou dois passos. Então, acabei concluindo tudo sem precisar de outra palavra. Estava impresso em seu olhar.

— Foi você, Phoebe? Foi você quem fez isso?

Phoebe deu outro passo para trás.

— Vai contar para alguém, Hill?

— Não, não vou falar. – Eu disse para tranquilizá-la – Mas, da próxima vez que for incendiar algum lugar, certifique-se que Ewan esteja dentro. Aquele miserável, não merece nada mais que o inferno como morada. – Então o meu subconsciente soprou-me a pergunta – Por que está vestida assim?

Phoebe ficou com o rosto vermelho, silenciosa, não respondia. Continuei a insistir:

— Por que, Phoebe? Está assim? De banho tomado, como se saísse nesse minuto duma lua-de-mel? Você dormiu com ele?

Não houve resposta.

Eu odiava os silêncios de Phoebe. Ela conseguia me encher de dúvidas e incertezas mesmo sem articular uma só palavra.

— Phoebe, pelo amor de Deus, me diz que não dormiu com esse homem.

— Se ele pedisse, Hill. Eu não poderia dizer não, seria pior para mim.

Minhas mãos passearam desesperadas pelo meu rosto.

Era impossível que tivesse permitido isso.

— Phoebe, negue... – Segurei-a pelos braços. Eu a sacudi a contragosto. Queria uma negação, eu precisava – Phoebe, por favor, me diz que não dormiu com Ewan.

Não houve negativa, mas houve uma resposta.

— Eu não preciso me explicar para você, Hill. Eu consegui destruí-lo e é isso que importa. Agora Ewan vai pagar por tudo o que fez, vai pagar por tudo. Eu quero vê-lo na penúria. – As palavras vinham repletas de ódio. A voz doce estava transtornada e o rosto era uma careta moldada pelo sentimento desesperador – Eu o quero mendigando. Ele não tem amigos, por que é um hipócrita fingido, ninguém vai ajudá-lo. Absolutamente ninguém! Logo irão cobrar tudo o que ele deve e... E nem preciso completar. Eu venci, Hill. Eu consegui destruir Ewan. Um pequeno sacrifício não vai apagar a minha alegria.

Era minha vez de me afastar.

Phoebe precisava saber a verdade, mas ficaria destruída. Assim como eu. Era uma grande culpa que carregaria nos próprios ombros, mas ela precisava saber. Ela era mãe de Valentina.

Eu li os sinais tão rapidamente, por que ela não?

Por que demorou tanto tempo para agir?

— Você não tem um espelho, Phoebe? Não se enxerga? Não vê que está a ponto de enlouquecer por causa desse homem?

Meu companheiro nas discussões com essa mulher, o silêncio, apareceu.

— Phoebe, – Eu recomecei – você conseguiu tudo que queria. Conseguiu tudo, mas não se vingou como deveria. Você se vingou por todas as coisas que Ewan fez a você, mas não se vingou pelas coisas que ele fez a nossa filha. Por essa, me vingarei eu.

— Do que está falando, Hill?

Houve uma nesga de preocupação verdadeira quando mencionei Valentina na conversa. Houve outro sentimento e não apenas o regozijo duma vingança louca sendo cumprida.

— Você passou tanto tempo se concentrando em Ewan, na vingança, na falência, em como foderia com a vida dele, que não percebeu os sinais.

— Do que está falando? Seja mais claro. Seja mais claro ou sou capaz de acabar com você também.

— O maldito do seu marido abusou de nossa filha quando era apenas uma criança.

Phoebe levou as mãos à boca em horror. Parecia um rei que consegue chegar ao trono para o qual precisou matar todos os seus entes queridos. Ela estava sozinha em sua vitória.

— Você não soube interpretar o medo que Valentina sentia. Mandou-a para longe, mas as lembranças nunca se apagaram da mente dela. Por isso Valentina tem esses malditos e vívidos pesadelos onde é revisitada por esse maldito. Ela nem mesmo conseguia se lembrar.

— Espera... Eu... Hill...

— Não tem o que esperar mais, Phoebe. Imaginou o trauma? Imaginou o

trauma que nossa filha carregou todos esses anos?

— E onde você estava, Hill? Precisávamos de você, mas você não estava lá. Nunca estive lá. Isso é tão culpa sua quanto minha.

— Você tinha escondido minha filha todo esse tempo. Queria o que? Queria que eu adivinhasse?

— Eu tive meus motivos!

— Acredito em você, mas não se preocupe, minha parte da culpa vou zerar hoje mesmo. E você... — Falei sem titubear para que tornasse a olhar para mim — Vai me falar onde Ewan está.

CAPÍTULO 31



EWAN SAÍRA DE VIAGEM. Tinha ido à Miami. Foi o que Phoebe disse depois de eu insistir na pergunta até minhas cordas vocais cansarem.

Deixei-a onde estava. Não queria lidar com ela agora, não queria lidar com ninguém. Minha raiva era tremenda, eu não conseguiria contê-la, dentro de mim, sem descontar nos outros.

Liguei para Alec com o carro em movimento. Que merda, eu deveria parar de fazer isso, se eu morresse agora, Valentina não seria vingada.

— O que foi? Onde você está? Valentina disse que foi atrás de Ewan. Por favor, Anthony, não faça nenhuma besteira.

— Eu vou matá-lo, Martin. Sabe disso. Eu realmente vou matá-lo quando puser as mãos nele.

— O que ele fez de tão grave? É por causa de Phoebe? Ele pode pagar de outros modos que não com a vida.

— Está defendendo-o agora? É amigo de Ewan agora, Alec?

— Que Ewan vá para o inferno. Eu não quero que você passe o resto da vida atrás das grades. Você é meu amigo, porra!

— Sinto muito. Eu não me importo com o que quer agora.

Então, houve um barulho na ligação.

Imaginei que Alec estaria ligando do escritório, mas ele estava em minha casa. Valentina tinha tomado o celular das mãos dele e então estava falando comigo.

— Pai, por favor. Não... Não faça isso. Eu não saberei lidar com essa história. Um padrasto abusador e um pai assassino. É demais para mim. Sinto que iria enlouquecer.

— Minha filha... Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Encerrei a ligação e continuei a dirigir.

Eu me sentia frustrado, muito frustrado

Nem que eu precisasse dirigir até Miami, mas Ewan não viveria outro dia. Não iria tocar em coisa nenhuma com as mãos imundas dele. Eu só conseguia pensar em muitas e muitas maneiras de acabar com ele.

Eu tinha que encarar vinte horas trancado no carro para chegar lá, vinte horas para planejar uma forma de não deixar rastros, ocultar minhas pistas.

Eu não poderia usar taxi aéreo para Miami, isso me colocaria na cena do homicídio de Ewan imediatamente. Eu não poderia usar meus cartões no caminho, o que era uma pena. Já que tinha pouco dinheiro comigo no carro. Eu provavelmente iria gastá-lo somente com combustível e pedágio. Tinha que pensar em todas as maneiras de não estar implicado na cena quando Ewan estivesse jazendo no chão.

Não sei por que os caracteres ficcionais insistem em usar uma maldita ampola de veneno. Qual é? Vocês são muito mais inteligentes que isso.

Usar malditas luvas. Basta usar uma maldita seringa vazia e preencher a veia da maldita pessoa com ar. Sem rastro, sem nada. Apenas bolhas de ar que irão se dissipar e irão causar um infarto cardíaco. Causa da morte – infarto cardíaco.

Nada mais a se preocupar.

Eu quase já posso ver o obituário:

“Morte derivada de causas naturais”.

Eu tinha um sorriso maníaco de orelha a orelha.

Eu me sentia lentamente enlouquecendo, mas, agora, isso era um bom sinal. Eu conseguia pensar na forma perfeita de deixá-lo saber o porquê iria matá-lo.

Ewan era conhecido, assim que soubessem que estava na cidade, os fotógrafos e jornalistas se amontoariam no local. Eu tinha que ser muito inteligente para conseguir me desviar dos holofotes.

Eu precisava apenas chegar em Miami, ir a um cyber café para pesquisar as notícias sobre Ewan. Eu conseguiria saber onde está. Eu conseguiria saber o endereço de Sabina. Com isso conseguiria encontrar o rastro fétido dele, conseguiria alcançá-lo.

Tudo estava seguindo conforme o planejado.

Vinte horas passaram devagar, mas eficientemente calculistas. Eu tinha até um script pronto para o caso de precisar discutir com Ewan sobre as razões pelas quais eu o estaria matando. Eu tinha apenas esse resto de dia, já que Valentina pegaria o voo que tínhamos marcado e, em breve, estaria vindo me impedir. Por que sei que tentaria encontrar Ewan para me impedir.

Tudo estava se encaixando.

Quando ela chegasse na cidade, a polícia muito provavelmente já teria conseguido descobrir sobre a morte. O apartamento estaria fechado para investigação e Valentina não conseguiria ver o cadáver.

Nunca mais ela teria pesadelos. O monstro debaixo da cama, que sempre adentrava seus sonhos, estaria distante demais, longe demais para tocá-la outra vez.

Agora era a minha vez de chorar ao lembrar de suas lágrimas. Chorar por não ter sido presente. Por fazer que Phoebe precisasse casar com Ewan. Chorava por não ter a mutante capacidade de rastrear mentes para saber o que Phoebe pensava. Eu chorava por saber que a morte de Ewan apenas apagaria seu futuro, mas não reescreveria o passado.

Meu propósito era firme, minha vontade transparente.

Não tinha nada que pudesse me impedir de matá-lo.

Depois de esgueirar-me pelos jornalistas fingindo ser um maldito paparazzi e subornar, com apenas vinte dólares, o membro da limpeza do prédio para me vender o uniforme, entrei no local sem dificuldades.

Eu não esperava presenciar a cena que encontrei jamais.

A porta se abriu e entrei em silencio no apartamento.

Procurei ao lado da porta de entrada um interruptor e o achei não muito acima do chão.

Quem coloca interruptores perto do chão?

As luzes se acenderam e Ewan estava deitado numa poltrona numa posição grotesca. A cabeça numa curva estranha, o olhar vidrado nalguma coisa ao alto. A boca numa carranca terrível. O peito tinha um rastro de sangue que banhava o torso da camisa, escorria pelas pernas, até o jeans, e entrava pelos sapatos.

Apesar da cena terrível, ele estava vivo. Ele respirava.

Maldito vaso ruim do caralho que não quebra.

Maldito Ewan que conseguia estar vivo com um buraco no peito e boa parte do seu sangue derramado no chão.

Andei até ele. Fiquei de pé ao seu lado. Eu queria enroscar minhas mãos ao redor de seu pescoço, queria acabar com isso mais rápido, mas assisti-lo em sua agonia era inebriante.

Ewan deslizou os olhos como se fossem duas pedras frias para mim. Um sorriso surgiu na carranca de morte que lhe serviria de máscara mortuária. Com muita, mas muita dificuldade, articulou as suas últimas palavras.

— Vão pensar que você me matou.

Ewan era um demônio.

Mesmo em morte conseguia ser terrível.

Nem um minuto depois disso, a cabeça de Ewan pendeu para o lado. Os olhos dele perderam o foco e ouvi um grito atrás de mim. A porta aberta emoldurava uma mulher com puro horror nos olhos.

— Hill? É você?

Era Sabina, melhor amiga de Phoebe.

Ela cobriu a boca depois que gritou.

Veneno derramando dos lábios.

— Oh meu Deus, Hill, você o matou.

CAPÍTULO 32



— ADAM, ESTOU COM UM problema.

— Você fez alguma merda, Anthony? Por que se fez, juro. Vou dar uma surra em você de Miami até Nova York. Onde você está?

— Estou na delegacia de polícia. – Eu não queria ter que explicar mais nada pelo telefone – Você consegue vir para cá imediatamente? Eles me deram direito a uma ligação, só consegui pensar em ligar para você.

— Estou indo agora.

— Ótimo, se apresse. Por que estão me acusando do homicídio de Ewan Aceras.

— Permaneça em total silêncio. Não responda nada até eu chegar. Peça papel de carta e uma caneta e registre toda a sua rotina desde que chegou e também como está sendo tratado.

— Certo, farei isso. Agora, apresse-se. Estão cogitando me dar uma prisão preventiva por ter sido pego em flagrante.

Adam encerrou a ligação e o delegado guardou o telefone no gancho outra vez. Os olhos do senhor Ferry eram perscrutadores demais. Tentavam

arrancar uma confissão à força.

Meu júbilo era por não ter o que confessar. Afinal de contas, eu não tinha matado Ewan. Não tinha mandado matá-lo. Nada disso. Embora feliz que esteja morto, não fui eu quem dei um fim nele.

Os pesadelos para Valentina acabaram.

Phoebe pode viver tranquila sem esse problema.

— Senhor Hill, conte-nos o seu trajeto. Quanto antes começar a falar, antes poderemos dar as melhores opções para cumprir sua pena. Um acordo com a justiça. Pense em todas as pessoas que ficariam implicadas quando a acusação for consolidada. Quando o senhor for culpado por um homicídio. Em Miami temos pena de morte, estaria num problema imenso.

— Prefiro manter o direito de silêncio até que meu advogado chegue. Ficarei calado e peço que não insista com as perguntas. Eu não quero ter que processá-lo por isso.

— Hill... Hill... Hill... – Ferry balançou a cabeça grisalha como se fosse um pai desapontado com o filho – Quanto mais tempo demorar, mais teremos indícios de que está pensando num modo de construir um álibi.

— O senhor disse, não eu.

— Vamos lá, Hill. Apenas algumas palavras e você poderá acabar com toda essa agonia. Não precisamos colocá-lo numa cela e obrigá-lo a falar, mas se iremos fazê-lo se persistir.

— Faça como quiser.

Ferry se irritou. Ordenou aos policiais que me colocassem numa cela apertada. Pedi papel de carta e me negaram. Adam iria se banquetear com os processos contra o Estado.

Eu estava quieto o suficiente para ouvir até os meus próprios pensamentos.

Sabina muito provavelmente estaria sendo interrogada. Deve estar contando toda a minha vida para esses homens. Deve estar contando tudo que já fiz de podre para os homens fardados que estavam salivando, feito lobos famintos, por uma boa história.

Acordei quando um dos policiais abriu a porta da cela.

Eu seria levado para falar com meu advogado. Adam tinha chegado, miraculosamente, em dez horas, e já tinha notado mais de meia dúzia de infrações.

— Hill, o que fez, amigo? – Perguntou depois de ter certeza que estávamos sozinhos.

— Não fiz nada.

— Seja honesto comigo. Alec me contou tudo. O que estava pensando? Que acabaria tudo assim? Facilmente?

— Escuta, Adam. – Pedi-lhe – Você sabe que cumpro tudo que me determino a fazer. Eu estava disposto a matá-lo, mas quando o encontrei, Ewan já estava morto. Eu ainda o vi dar os últimos suspiros antes de falecer.

— Não foi você?

— Não, Adam. Não fui eu.

— Graças a Deus. Conte-me tudo. Passo a passo. Você vai escrever tudo conforme eu disser. Não vai passar mais um dia nesta delegacia. Os legistas devem estar finalizando a autópsia. Tocou no corpo? Em alguma arma ou em qualquer coisa da cena do crime?

— Não, não toquei.

— Eles farão buscas.

— Não vão achar nada. Eu nem toquei naquele homem. Foi Sabina que começou a gritar feito uma desesperada me acusando e chamou a atenção de toda a segurança falha do prédio. Eu fui disposto a matá-lo, sim. Aquele

maldito estuprou a minha filha. Eu o teria partido em pedaços, mas não cheguei há tempo.

— Ainda bem que não chegou a tempo. – Adam disse e pegou seus papéis timbrados para que eu começasse a escrever – Escreva tudo em detalhes. Mesmo que tenha se pré-determinado a matá-lo, não podem culpá-lo disso. Além disso, os policiais já disseram que foi morto com um tiro. Um exame balístico minucioso pode provar que não há rastro de pólvora em suas mãos.

— Eu também subornei o pessoal do prédio para subir. Peguei o elevador, as câmeras de segurança do prédio podem me ver nas imagens. Eu não estava no apartamento quando o mataram.

— Isso terá que bastar. Estão lhe tratando como suspeito quando deveria ser tratado como testemunha. Qualquer juiz pode lhe conceder um habeas corpus. Eu vou ligar para um dos meus amigos da cidade. Um juiz conhecido, talvez eu consiga mandar os documentos ainda hoje e ele emita a ordem de liberação.

— Certo.

— Está com fome? Posso pedir que tragam comida para cá.

— Não muita, mas peça alguma coisa. Pode dar comida para seus clientes?

— Seriam muito corajosos de tentar me impedir.

Depois de me entregar a refeição, Adam começou a entrar em contato com seus amigos. Ele era um advogado respeitado e temido, mesmo que seu cabelo de surfista sugerisse o contrário. Fora as enrascadas amorosas que se envolvia, de vez em sempre, Adam era muito eficiente.

Eu estava em boas mãos. Eu espero.

CAPÍTULO 33



EU ESTAVA NA CENA, mas não cometi o crime.

Sabina estava demasiadamente nervosa e acabou sugerindo aos policiais algo que não aconteceu. O testemunho dela seria infalível, eu poderia ficar vários dias na cadeia até conseguir provar que não era o homicida, se Adam não fosse o maldito bom advogado que é.

Adam conseguiu os laudos, através dum especialista forense contratado, afirmando que não fui o responsável pelo ferimento causado por arma de fogo; que eu ainda estava no elevador quando a arma teria disparado e, o mais importante, que alguém saiu do apartamento pelo menos cinco minutos antes de eu entrar e deixou um rastro de pólvora no corrimão das escadas.

Além disso tudo, o apartamento tinha um eficiente sistema de segurança cujas imagens permaneciam gravadas na central do servidor. Assim que autorizassem a análise das gravações, saberiam quem tinha sido o responsável.

Os policiais, que decidiram me manter em custódia, serão processados por ouvir uma mulher desesperada. Muito provavelmente conseguirão provar sua inocência, assim como eu, alegando que estavam apenas cumprindo seu dever, mas isso lhes ensinará a serem mais zelosos em suas investigações.

De qualquer modo, não fui acusado formalmente e me encaixei como mais uma testemunha do crime em vez de suspeito. Obviamente, minha viagem de vinte horas ininterrupta foi mencionada, mas agora já estavam atrás da pessoa gravada nas filmagens.

O juiz, amigo de Adam, me livrou de permanecer mais tempo atrás das grades com um pedido de soltura imediato. Eu ainda seria intimado a depor em qualquer momento, mas não mais seria acusado.

Ewan morreu e não precisei sujar minhas mãos de sangue.

Phoebe estava livre, Valentina não teria mais pesadelos.

Eu poderia reconquistar Phoebe. Fazê-la enxergar tudo que ainda sinto, convencê-la a morar comigo. Poderíamos ser uma família feliz.

Adam queria que eu saísse da cidade, que eu fosse embora. Queria que eu desaparecesse dali e só reaparecesse quando chamado, mas eu ainda não tinha finalizado meus objetivos em Miami.

Eu tinha que falar com Sabina.

Eu precisava entender, precisava saber o que tinha dito a Phoebe que a fez me odiar tanto. Eu precisava derrubar esse muro de mentiras para que Phoebe pudesse me amar de verdade.

Com Sabina enchendo de declarações os jornais, eu não precisei ir longe demais para conseguir o endereço do hotel onde decidiu se instalar enquanto as investigações no apartamento ainda não tinham findado.

Comprei roupas novas com meu cartão de crédito, eu já poderia usá-lo sem levantar suspeitas e troquei-me no próprio vestiário da loja. Apesar do cabelo mal penteado e da barba por fazer, eu consegui um bom resultado.

Joguei minhas roupas sujas fora. Não valia a pena ficar guardando-as. Elas não me trariam boas lembranças.

Andei pelo centro até encontrar o imponente hotel onde Sabina estava. Identifiquei-me na recepção. Achei que teria que insistir, mas, curiosamente,

Sabina permitiu que eu subisse assim que ouviu meu nome.

A porta se abriu e vi o rosto que não via há muitos anos.

Sabina ainda era uma mulher bonita, embora fosse visível na tensão de sua pele que fazia uso de artifícios para manter a aparência que os bons genes lhe conferiam.

— Anthony Hill, quanto tempo. Entre, por favor.

O quarto não era tão grande para que não sentisse a tensão por estar ao lado dessa mulher. Mulher que foi responsável por me separar de Phoebe.

— Aceita alguma coisa, Hill? – Sabina andou em direção ao frigobar do quarto e o abriu de forma que vi seu conteúdo. Dentro havia muitas miniaturas de bebidas e quase nenhum alimento. – Desculpe por não oferecer algo melhor, mas mataram um homem na minha sala de estar, não consegui retirar o caviar da despensa.

— Não tornaria a beber perto de você. Que mentiras seria capaz de contar desta vez?

— Quanto ao caviar?

— Não é meu aperitivo favorito.

— Saiu da pobreza, mas a pobreza não saiu de você, não é, Hill? Tenho certeza que sua ascendência de classe baixa laboriosa nunca te permitiu ver a iguaria como nada além de ovas de peixe.

Sabina pegou uma miniatura de Red Label e tomou alguns goles de seu conteúdo. Depois desculpou-se:

— Me perdoe por necessitar de uma bebida, eu não quero ficar sóbria para essa conversa. – Ela deu outro gole que deslizou com facilidade. – Aposto que está aqui para saber sobre sua filha.

— Valentina?

— Sim. Quer confirmar se a filha é sua?

Não disse nada, apenas ouvi.

— Pois bem, ela é sua. É isso que quer saber? Phoebe me confidenciou esse segredo há muito tempo atrás.

— Eu já o tinha descoberto antes, inclusive, os exames de DNA já estão sendo feitos.

— Phoebe vai odiar saber que suspeita da paternidade. — Balançou a cabeça com ar de deboche e um sorriso pequeno nos lábios — Adoraria ver a cara da minha amiga quando souber disso.

— Que mentiras que contou para Phoebe? — Perguntei perdendo minha paciência por ver quão venenosa era — Por que ela me odeia tanto? Por que Phoebe fica sempre receosa comigo? Por que não consegue acreditar que a amo mesmo depois de todo esse tempo?

Sabina sorriu grandemente e apontou um dedo cuja unha estava pintada de vermelho em minha direção. Pedindo que eu esperasse. Então engoliu um pouco mais da bebida e enxugou os lábios com as costas das mãos. A mulher refinada estava dando lugar a bruxa má que sempre foi.

Uma péssima amiga, uma péssima esposa.

— Eu não posso fazer nada se sua palavra não é suficiente para Phoebe. Ela sempre foi muito metódica, muito pragmática. Não acredita em nada que não queira.

— Por isso mentiu sobre nós? Por isso disse que dormimos juntos?

Outra vez o riso argentino ecoava pelo quarto de mobília amadeirada sofisticada. Sabina tomou outro gole e a pequena garrafa se esvaziou. Ela levantou-se para ir ao frigobar, supus corretamente que para pegar outra garrafa.

— Aquilo... — Disse antes de abrir o lacre da miniatura — aquilo foi incrível. Você sabe, eu sei. Não era à toa que a sem sal gostava de você. Hill,

você realmente tinha pegada. Seria um excelente partido. Divertiria muito a mim, se não fosse tão pobre.

— Vai mesmo continuar afirmando que aquilo foi uma noite de paixão quando eu estava completamente bêbado? Aquilo não ocorreria se eu estivesse com plenas faculdades mentais.

— Pense como quiser. Eu sei o que vivemos. – Ela deu de ombros – Toda essa história de amor só ia durar até que Phoebe precisasse lavar o primeiro par de meias à mão. Ela sempre teve tudo, absolutamente tudo. Não era justo que tivesse você também. Não era justo que ficasse com dinheiro, beleza, e ainda por cima amor. Aquela vadia não te merecia como eu.

— Eu a amava. O que eu vivi com você foi um erro. Apenas um erro. Eu achei que não a encontraria nunca mais e estava abalado, você se aproveitou disso. Se não fosse por você, teríamos casado e estaríamos felizes até hoje.

— E iam viver de amor? Pagar as contas com amor? Ninguém acredita nessa história. Anthony, Anthony... Ficaria surpreso com a quantidade de casamentos que acabam por problemas financeiros. Ela nem mesmo conseguiria ver o comecinho do seu sucesso sem que enjoasse da vida economicamente deficiente.

— Eu nunca fui rico, mas Phoebe já conhecia essa parte da minha vida. Isso não era suficiente para que aceitasse casar com um homem logo em seguida. Eu sabia que ela me amava.

— Não, estúpido. Ela não te amava. Eu te amava.

— E o que eu deveria fazer? Propor casamento a você? Você faria isso, me esperaria? É isso que quer dizer?

— Sim, exatamente isso. Eu o teria esperado. Eu o amava, eu vivia nas sombras esperando que me notasse, mas estava cego por ela. Enfeitiçado por ela.

Era incrível como eu conseguia manter a calma diante dessa mulher. Como conseguia não sentir nada além de menosprezo pelo modo mau que

emitia as palavras.

Como consegui um dia temer o que pudesse me causar?

— Phoebe acreditou tão facilmente que mantivemos um caso sob o nariz dela. Acredita que não a buscou mais por que se apaixonou por mim. Devia ver como chorou quando pedi que me desculpasse, que não conseguia mais viver sem você. Que estava grávida... Ela acreditou que eu tinha engravidado, aquela estúpida. Tinha que ver como se decepcionou quando eu disse que te sustentava com minha mesada depois que ela foi embora. Que minha família aprovava nossa relação enquanto a dela te odiava.

— O que?! – A minha compostura partiu e nem disse adeus – Do que está falando? Nada disso é verdade. Nada é condizente com a realidade.

— Para Phoebe é, pelo visto.

— Sabe que eu jamais mantive um caso com você. Sabe que nunca me sustentou. O único dinheiro que aceitei, veio da mãe dela. E não o usaria para mim, mas como uma forma de subir na vida para reencontrá-la mais tarde. Sabe que aquela noite nunca devia ter acontecido. Sabe que nunca, nem de longe, cheguei a cogitar a possibilidade de me atrair por você.

— Ah, eu sei, mas Phoebe não sabe. Aquela vagabunda vendida não sabe. E nunca iria contar. Não diante da possibilidade de te ver ficar com ela. Prefiro que morra antes que fique com ela. – Foi a vez dela de gritar. Foi a vez dela de perder o pouco que tinha de fineza.

— Por que fez isso?

— Acha que eu seria passada para trás por uma garota que não tinha nada de aprazível? Acha que a mãe dela ia perder a chance de a filha casar com um herdeiro de um império do ramo dos esportes? Acha que eu a deixaria com você?

— Você é louca? Como consegue achar que é melhor que alguém quando é um lixo miserável de pessoa.

— Por que eu sou. — Falou triunfante — E não me importo nem um pouco com o rumo que as coisas tomaram. Phoebe garantiu a vida que eu queria depois que o imprestável do meu marido acabou perdendo privilégios que o dinheiro pode dar.

— Então até sua reaproximação com ela foi uma encenação? Ela te deixou ficar num apartamento da família dela por lealdade a sua amizade. E era tudo fingimento?

— Eu não ia ficar na rua, não é mesmo? Minha presença acabou se tornando uma lembrança de você. Do que tinha feito.

— Me odiava tanto assim? — Falei me aproximando dela.

Sabina inclinou o rosto como se fosse uma dama antiga à espera de um beijo enquanto apoiou as mãos em meu peito. Eu conseguia ver os cílios postigos descolando nos cantos enquanto se obrigava a uma tentativa de sedução esdrúxula.

— Eu não te odiava... — falou num sussurro — Eu o amava.

— Então por que Ewan estava em seu apartamento? Por que estava com ele quando poderia estar comigo? — Joguei verde.

— Não é justo que Phoebe fique com tantas coisas boas e eu não.

Afastei-me dessa mulher para não me contaminar com sua ignomínia. Respirei aliviado enquanto saquei do bolso o acessório que Adam tinha deslizado por entre as grades da cela mais cedo.

O pequeno gravador era suficiente para armazenar o teor da conversa, pelo menos eu esperava que sim. Esperava que o som estivesse audível e sem falhas para que Phoebe pudesse realmente ver quem era a mulher em quem, por todo esse tempo, acreditou.

— Eu agradeço, Sabina. Não por seu amor que de nada me apetece, mas por que agora sim vou poder ficar com a mulher que amo. Por que é a Phoebe que amo. Você não é digna de mim.

— Você me odeia, Hill. Eu ainda vivo em sua mente.

— Você ocupa o mesmo espaço que qualquer inseto que um dia eu venha a pisar. — Eu disse antes de sair e deixar uma mulher embriagada para trás.

CAPÍTULO 34



ERA BOM ESTAR EM CASA. Ainda mais agora que eu tinha alguém me esperando, minha filha. Era um privilégio poder abraçá-la sem medo. Poder cuidar dela sem me preocupar se alguém lhe faria mal.

— Filha... – Abri os braços exaustos para recebê-la.

— Pai... – Valentina me abraçou.

— Meu Deus, eu estava tão preocupada. Achei que nunca mais o veria. Achei que... Deus do céu... Eu tive tanto medo. Medo por mim, medo por você, por mamãe.

— Sua mãe?

— Sim. Ela esteve tão preocupada.

— Onde ela está?

— Precisou ir a Miami para depor. Pensei que se encontrariam lá. Eu não queria ir, mas querem que eu deponha também.

Adam, que terminou de estacionar o carro que me trouxe do aeroporto, surgiu atrás de nós. Ouviu a parte final da conversa, ao que adicionou:

— Se quiserem colher seu depoimento, terão que vir aqui. Não vou permitir que a levem para Miami por isso. Terão que trabalhar um pouco. Se esforçar mais se quiserem tirá-la da segurança do lar.

Valentina sorriu. Adam passou por nós implorando a Gena por algo decente para comer.

Rosie surgiu na sala pouco tempo depois e até ela esboçou um sorriso acompanhado dum olhar de alívio. Me senti querido e me maldisse outra vez por ter suspeitado dela um dia.

— Chefe, eu te amo, – Ela brincou – mas da próxima vez que quiser matar alguém, me avise. Vou dar um jeito de fazer isso sem que seja implicado.

Eu não sei se deveria amar ou temer essa mulher.

Depois de falar sobre as horas privadas de liberdade, como se eu fosse algum rock star, Valentina me ordenou que fosse tomar banho e descansar. Phoebe estaria na cidade em três dias. Tempo suficiente para eu organizar todos os meus pensamentos e ideias.

Pelo que Valentina me contou, Phoebe ainda se recusava a morar conosco. Ela não tinha obrigação de vir, mas no fundo, eu queria que corresse para mim tão logo pus os pés na cidade.

Valentina veio verificar se eu estava bem no meio da noite. Eu senti uma mão repousando sobre minha fronte, bem de leve, e murmurando alguma coisa ao vento. Não consegui entender, estava cansado demais.

Em poucos segundos, já estava sonhando. Ou julgava estar, até ouvir a voz de Sabina repetindo as verdades dela em alto e bom som.

Abri os olhos e vi que Valentina estava ouvindo a conversa gravada. Eu tinha deixado o aparelho ao lado do porta-retratos. A foto era da minha juventude. Alec, Adam e eu sentados na garupa duma caminhonete e acenando para a fotografa. A foto seria desimportante, se não fosse Phoebe quem a tirou.

— Já contou isso para mamãe?

Valentina ainda ouvia as atrocidades que a melhor amiga da sua mãe falava. Eu sentei na cama, apoiando-me à cabeceira, peguei o aparelho da mão dela, pausando-o. Ele era discreto, quase tão fino quanto uma caneta, mas seu conteúdo era como o mais puro ouro de Ofir.

— Ainda não tive tempo. Phoebe não está na cidade.

— Mamãe vai ficar em choque quando ouvir isso.

— Eu sei...- Pesei as palavras um pouco, então continuei – Valentina. Eu não fui um santo com a sua mãe. Eu nunca fui o melhor e mais comportado rapaz da sala, nem o mais honesto, mas ainda sou apaixonado tanto quanto era há vinte anos. Eu me pergunto o porquê ainda sou apaixonado, às vezes, mas...

Valentina apenas ouvia, sentia que eu precisava falar.

— Mas... Eu refuto essa ideia cada vez que aparece. O sentimento que eu tinha por sua Phoebe reapareceu quando ela ressurgiu em minha vida. Era como se nunca tivesse deixado de existir, somente ficando adormecido.

— Isso é lindo, pai...

— Eu quero ficar com Phoebe. – Eu disse depois de sorrir de leve – Quero lutar todos os dias para reconstruir a confiança dela. Quero que fiquem comigo aqui. O lugar que consegui e que pertence, por direito, a você. Eu quero ficar com sua mãe, Valentina, preciso saber se concorda com isso agora que conhece a verdade.

Valentina olhou para as próprias mãos. Ela ouviu o conteúdo da gravação, sabia a verdade, sabia o que Sabina tinha feito, mas também sabia o que eu tinha feito.

A meia-luz do abajur conferia ao rosto dela um aspecto de mistério, mas ela não guardaria por muito tempo os segredos que a iluminação fraca ocultava.

— Quando vi você naquele restaurante, fiquei muito brava com minha mãe. Achei que era um cara com o qual ela estava querendo trair meu... querendo trair Ewan.

Respirei fundo, apenas a menção do nome dele me enchia de um sentimento ruim.

— Me deixa continuar, depois você se irrita. – Valentina pediu – Quando acordei aqui, naquele dia. Quando, pela primeira vez, olhei seu rosto de perto, notei todas as semelhanças que tínhamos.

Ela olhou para meu rosto, meus olhos, como se essas semelhanças das quais falava, estivessem ali.

— Eu senti que havia algum segredo obscuro entre vocês. Eu achei que mamãe tinha sido infiel no começo do relacionamento e te odiava um pouco. – Valentina olhou para o gravador em minhas mãos – Mas agora eu sei de tudo.

— Sim, você sabe.

— Dói que minha mãe fingindo para mim que tinha uma vida perfeita. Eu nunca tive em quem confiar de verdade, exceto ela. Eu nunca tive uma figura paterna que pudesse me proteger. Por isso, quando passou aqueles poucos dias comigo, percebi como seria bom ter uma família perto.

— Você me tem. Eu sou sua família, sua casa. Você pode confiar em mim para tudo. – Falei enquanto apertei a mão dela e beijei os dedos finos e delicados.

— Eu sei. Não sei como passei a confiar em você, mas sabia que era alguma coisa mais profunda que simples simpatia. Foi então que vi seus olhos. Naquele dia, à mesa. Foi como se as peças se encaixassem. Eu entendi tudo.

— Além do nosso queixo ter um furinho. Biologicamente, só se herda o furo de queixo de um pai ou mãe. Impossível que o maldito fosse seu pai, sendo que nem ele, nem Phoebe, tem o maldito furinho.

— Alguém assistiu aulas de biologia, hein!? – Me fez sorrir um pouco, mas continuou num tom sério - Eu vi o quanto minha mãe sorri quando fala de você. Ela quer se fazer de dura, mas talvez seja pelas feridas do passado. Eu sinto que as coisas vão dar certo quando entender que não foi você quem causou estas feridas.

— Isso é um sim?

Parecia até uma criança pedindo permissão, mas eu precisava saber que Valentina não tinha reservas comigo, que aceitaria a família que eu planejava formar.

— A resposta não tem que vir de mim, mas de mamãe. Porém, é um sim. Independente da resposta dela, não deixará de ser meu pai. Não deixarei de ser sua filha.

Eu não consegui dormir depois dessa conversa.

Valentina foi deitar em seu quarto. Ainda teve tempo mostrar as coisas que tinha comprado para o aposento. Não quis mudar nada, apenas comprou alguns enfeites e deu toques de cor na decoração. Ainda assim, tudo tinha a cara dela.

Fui ao escritório e ouvi outra vez o áudio do gravador. Tantas, tantas mentiras nos afastaram. É como se esses longos vinte anos fossem um pesadelo do qual não conseguíamos acordar.

Não quero comparar nossas vidas, pois a vida de Phoebe parece ter sido muito mais infeliz que a minha, mas sei que também tenho feridas em mim. Feridas que poderiam se curar facilmente matando a saudade dos beijos dela.

Repassei cada frase que lhe diria quando chegasse. Absolutamente tudo estava planejado em minha mente. Phoebe só precisava aceitar morar comigo. Comigo e com nossa filha. Não precisaríamos ser marido e mulher, precisaríamos apenas morar sob o mesmo teto e eu teria um tanto de paz.

Eu a teria finalmente.

Ela é a paz que eu havia perdido.

CAPÍTULO 35



TUDO FICARIA PERFEITO se Phoebe seguisse o maldito script que eu tinha planejado na mente. O problema é que ela não seria a teimosa Phoebe, se não vivesse me surpreendendo.

Phoebe estava no apartamento de Valentina.

Agora que Ewan estava morto e cremado, estava livre dele. Porém, ainda havia muito a ser resolvido. Credores a buscavam para sanar as dívidas que Ewan deixara, mas não podiam exigir nada. Ewan tinha casado com separação total de bens. Assim como os bens não lhe pertenciam, as dívidas também não. Em breve, os credores começariam a entrar com pedidos para vender o que estivesse no nome do falecido para quitar os débitos.

Quando me identifiquei na portaria, fui informado que não tinha autorização para entrar. Nem o sujeito que eu subornei da última vez estava presente. Ele tinha sido demitido por esta pequena corrupção.

Voltei para casa com minhas esperanças frustradas.

Visitei alguns clientes, mas a notícia que fui suspeito de um homicídio afastou compradores potenciais. Não tinha problema.

Eu teria que trabalhar nos bastidores, mas conseguiria manter meu padrão

de vida. Meus gastos não eram exagerados, apesar do dinheiro, sou um homem de gostos simples. Também cobriria facilmente os gastos com as duas.

— Phoebe não quis me atender. – Disse assim que Rosie e Valentina me lançaram um olhar cheio de esperança – Tentei de todas as formas, mas não posso colocar os pés dentro do prédio.

— Mamãe não quis nem te ouvir? – Valentina perguntou.

Reclinei-me no sofá. Coloquei os pés sobre a mesa de centro de madeira laqueada, mesmo que soubesse que a pintura poderia apresentar estragos depois disso, considereei um castigo para mim mesmo.

— Não consegui nem saber se estava bem. Os porteiros não me deixaram nem estacionar na vaga de visitantes, chamaram a segurança.

— Você tem que entendê-la. Aconteceu muita coisa, Phoebe não sabe ainda como lidar com isso. – Foi Rosie quem falou.

— Estou tentando, juro, mas essa mulher me dá nos nervos.

— Me dá isso aqui. – Valentina disse irritada e pegou o gravador do meu bolso. Então pegou as chaves do carro que eu ainda carregava comigo.

— O que vai fazer?

— Mamãe pode ter impedido você de entrar, mas não ousaria impedir a própria filha. Eu não sei como, mas vou colocá-la para ouvir isso. Nem que precise implorar.

Valentina saiu e Rosie veio repassar a agenda do dia.

Adam ligou para informar que viria almoçar conosco. Rosie deu a sugestão de cardápio para Gena com as coisas que Alec gosta. Eficiência em pessoa.

Enquanto isso, fui ao escritório. Eu tinha que trabalhar, recrutar e treinar uma equipe de vendedores, pelos quais eu seria responsável. Essa equipe

começaria a vender por e para mim ganhando comissão e salário.

A vida parecia estar nos trilhos outra vez.

Eu gostava dessa sensação.

À hora do almoço, Adam trouxe uma jovem mulher consigo. A qual apresentou como namorada. Eu duvidava muito dessa história, mas resolvi acreditar.

— Onde se conheceram? Parecem tão apaixonados.

Perguntei querendo saber como Adam reagiria.

— No clube. – A moça apressou-se a explicar – Fui interrogada pelo seu amigo quando sumiu dinheiro do caixa.

— Ele tem essa péssima mania de se achar investigador. – Eu disse – Acha que é parte do elenco de CSI, mas não se preocupe. Uma hora isso passa.

— Sei disso. Eu o coloquei em seu lugar. – A moça disse.

Ela parecia legal, mas não parecia o tipo que queria um relacionamento sério com Adam.

Durante o almoço, Valentina chegou.

Convidei-a para sentar, mas ela não aceitou o convite. Disse que falaria comigo mais tarde. Assim que descansasse um pouco da dor de cabeça que sentia.

O almoço terminou e segui para o quarto de Valentina. Ela estava sentada na cama, com o notebook no colo. Assim que entrei, fechou objeto e gesticulou para que eu sentasse na cama. Fiz o que pediu.

Apesar da monotonia da cena, meu coração estava aos pulos. Eu não sabia o que esperar. Da última vez que consegui falar com Phoebe, fui muito duro. Ela provavelmente queria que eu nunca tivesse voltado a cruzar o

caminho dela.

— Como foi? – Perguntei ansioso.

Eu nem lembro da última vez em que não estive ansioso feito um adolescente por causa de Phoebe.

— Péssimo! – Valentina falou e receei ouvir o que viria – Minha mãe tem uma grande ira dentro de si. Tentei mostrar que tudo já tinha acabado, mas não sei se acreditou.

— Ela não ouviu a gravação?

— Não. Não ouviu, mas deixei o gravador lá. Eu sei que mamãe nunca se perdoará se não ouvir. Ela quer a verdade. Até hoje, mamãe se achou forte, mas não foi fraca. Eu não consigo imaginar viver com a culpa disso.

— Você não tem culpa, filha. Você não tem culpa. Eu...

— Agora sei que você também não. – Ela me interrompeu. – Mamãe já sabe que foi um dos agiotas para quem Ewan vendia que mandou matá-lo. Já estão no encalço dele.

— O que?

— Sim, foi um daqueles para quem Ewan devia dinheiro. Ah, - acrescentou com um sorriso – Foi Adam quem contratou Zayda. Ela não tem nada a ver com nada.

— Isso pede vingança.

— E eu vou ajudar.

Não sei quanto tempo me restava de vida, mas ao lado de Valentina as coisas pareciam ter sentido. Não foi o final feliz que queria, mas era o meu final feliz. Um pai, uma filha, a impossibilidade de prever o futuro, uma mãe a ser conquistada.

Phoebe voltaria para mim. Um dia ela voltaria.

Eu não sei quando, mas quando o ódio por mim apagasse e notasse que ainda existe amor, sei que voltará. E estarei a esperá-la sempre. A esperarei da mesma forma que a esperava quando o sinal da escola batia e a garota desengonçada vinha me abraçar e me cumprimentar com um beijo.

EPÍLOGO



A MINHA ROTINA administrativa tinha se tornado a única que eu conhecia. Minha mente se ocupava com o trabalho e eu não tinha forma de me distrair com qualquer coisa. Eu precisava de uma mulher, mas não queria outra mulher, eu queria Phoebe.

Phoebe sempre seria aquela menina por quem me apaixonei. A primeira e única mulher que amei de verdade. Phoebe era algo mais do que simples palavras.

Eu amei a menina que foi um dia. Amo a mulher que se tornou. Amo o que se esconde debaixo da aparência fria e distante, a jovem machucada que deixei um dia. É a ela que devo desculpas. É a ela que preciso tocar para ser amado por Phoebe.

— Senhor Hill, – Rosie apareceu à porta. Ela tentou parecer séria, mas tinha uma ansiedade que transpareceu no rosto – há visita para o senhor.

— Estou ocupado no momento. Cinco minutos e atenderei.

— Senhor Hill, é ela.

Finalmente olhei para Rosie com interesse.

Eu senti quando meu coração errou o passo dentro do peito. O nervosismo mandou uma onda fria de adrenalina pelo meu corpo. Meu corpo se tornava uma confusão quando o assunto era Phoebe e os efeitos que causa em mim.

— Peça que entre. — Pedi e, como se eu não tivesse a mesa perfeitamente organizada, alinhei os lápis sobre as folhas que estava lendo. Não satisfeito com a arrumação, guardei-os na gaveta da escrivaninha.

Tudo isso no espaço de sessenta segundos.

O tempo de Rosie sair e Phoebe entrar na minha sala.

Eu tentei ser o mais gentil possível, mas tinha medo que minha polidez desse lugar ao desespero e eu lhe implorasse para ficar.

— Olá, Anthony. — Phoebe disse assim que entrou na sala.

Ela usava um vestido preto e um blazer branco. Saltos altos cor de pele que alongavam as suas pernas e a deixavam ainda mais estonteante. Eu tentei não a imaginar usando somente aqueles saltos, mas não conseguia evitar.

— Phoebe, - Acenei para a cadeira em frente à minha mesa – por favor, sente-se.

Ela fez o que pedi, não relutou um único segundo. Colocou a bolsa que trazia na cadeira vazia ao lado dela e virou-se para mim. Retirou os óculos escuros que ocultavam, quase por inteiro, o seu rosto.

— O motivo para eu estar apenas de roupão no dia em que foi ao apartamento, antes de Ewan, bom... Antes dele ser morto, foi por que sob a maquiagem estavam vários hematomas. Ewan tinha acabado de quebrar tudo, como você bem tinha visto.

— Phoebe...

— Me deixe terminar, Hill. Ewan tinha descoberto que faltava dinheiro nas contas e que não teria nem como pagar algumas dívidas. Então descontou a frustração nos móveis, em mim. Eu tinha tomado banho, tinha acabado de

esconder tudo com maquiagem. Enfim, me tornei uma exímia maquiadora com o tempo. Quando insinuou que dormi com ele, me ofendeu profundamente, mas não posso culpá-lo. Agiria da mesma forma se a situação se invertesse.

Observei a pele de Phoebe, agora sem maquiagem, os últimos resquícios dos hematomas que emolduravam seu olhar. O arroxeadado estava sumindo, dando lugar a uma tonalidade que ia do verde ao amarelo, mas ainda estava muito machucado.

— Eu ia explicar, — Phoebe continuou — mas você assumiu o que tinha acontecido e não o quis corrigir.

— Por que não o fez? — Perguntei.

— Por que eu pretendia me vingar de você. Eu achava que tinha sido culpado por me colocar nesse inferno. Eu achava que todas as coisas que minha Sabina e minha mãe contaram, era verdade, e me acomodei. Estar com Ewan era castigo suficiente. Achei que, quando fosse me buscar, algum dia, eu teria uma família feliz e esse seria seu castigo.

— Estava apenas fazendo mal a si mesma.

— Percebi isso faz pouco tempo.

— Valentina?

— Sim. Valentina consegue ser muito incisiva quando machuca as pessoas que ama. Ela me culpou por ter ferido você. Eu não quis ouvi-la, fui dura demais, mas então ouvi aquele áudio e... — Phoebe não soube como continuar por um tempo. Quando as palavras, enfim, ousaram sair, havia um quê de tristeza em sua voz — Então entendi tudo. Eu fui burra. Fui inocente demais. Eu fui... Fui dura demais com você e comigo mesma. Por que ao te castigar, percebi que também estava me castigando. E, no final, foi Valentina quem pagou por eu ser assim...

Agora sim a voz morreu na garganta. Levantei-me e me coloquei atrás dela. Pus as mãos em seus ombros e Phoebe encontrou forças para falar mais.

— Hill, eu não sabia. Eu estava tão cega de ódio... Quando deixei que as coisas passassem despercebidas por mim? Só lembro de odiar demais Ewan, de tentar afastá-lo de Valentina quando ela começou a parecer fisicamente com você. Por que eu sabia que ele iria descobrir mais cedo ou mais tarde. Ewan odiava você.

— Eu nem sabia da existência dele até recentemente.

— Mas ele odiava. E o fazia por que, no fundo, sabia que eu nunca o amaria como amei você.

Eu precisava que Phoebe não usasse o verbo no passado. Eu queria que o usasse no presente. Precisava que entendesse que não havia nada que me proibisse de amá-la agora e no amanhã.

— Eu fui uma péssima mãe, Hill. — Phoebe disse.

Eu me abaixei para encarar seus olhos.

— Você não foi, Phoebe.

— Hill, por favor, como não?

— Valentina é uma menina de ouro. Ela te ama e nunca guardaria rancores de você. Foi Ewan o culpado, que o inferno o tenha, mas você não. Você é apenas uma mulher que lutou, com unhas e dentes, contra Ewan. Ele soube que você nunca seria dele plenamente, então te odiou por isso. Nunca deixe que a maldade dele defina quem é você.

Phoebe deslizou a mão pelo meu rosto e me fez um carinho inocente. Ela tinha dor nos olhos, muita dor. Eu tinha que espantar essa sombra para alcançar a verdadeira Phoebe.

— O que te leva a crer que eu seria uma boa esposa, Hill? Meu marido me traía sempre que podia. Ele me diminuiu de todas as maneiras possíveis. Me fez as passar as maiores humilhações. Ele me dizia que não conseguia sentir prazer comigo...

— Phoebe... — Falei com carinho — Você se tornou a mulher mais sensual

que já vi e não preciso falar que só de ver você com esses saltos, eu fiquei a ponto de explodir o zíper da minha calça.

— Hill, você consegue ser romântico e ridículo na mesma frase. — Phoebe desviou o olhar de mim, mas tinha um sorriso em que não conseguiu esconder.

— Phoebe, eu sou louco por você. Eu achei que te amava exageradamente quando não passava de um rapaz inexperiente, mas consigo te amar muito mais agora, que já tenho alguma experiência. Nenhuma mulher se compara a você.

— Você foi casado com Deanna por muitos anos, algo deve ter sentido por ela.

— Sim, senti. Não vou mentir. O sentimento que tive por ela, não se compara ao sentimento que me moveu quando eu te vi naquele iate. Deus do céu, era você. Foi como se eu tivesse achado um pedaço de mim que tinha perdido há tempo.

Silêncio. Silêncio.

Dessa vez parecia um silêncio bom, pois Phoebe olhava para as próprias mãos com lágrimas nos olhos. O olhar machucado era a única coisa que borrava a imagem de perfeição.

— Phoebe... Eu quero você. Eu preciso de você. Se não quiser casar comigo, more em minha casa. Eu juro que vou te reconquistar a cada dia. Serei fiel a você enquanto me quiser e depois também. Eu juro que farei de sua vida um presente. Eu farei tudo por você. Eu farei tudo, Phoebe. Apenas diga que me quer.

— Hill... — A voz estava embargada com lágrimas, mas Phoebe engasgou com o sorriso que nascia tímido — Eu o amo também. Como pode achar que não o amei por todos esses dias? Mas você tem que entender, eu não quero depender de homem nunca mais na minha vida. Eu não quero viver às suas custas.

— Pois trabalhe, eu nunca te impediria. Estude o que quiser e seja a melhor em sua carreira. Eu quero que você cresça, Phoebe. Eu quero que seja tudo o que um dia quis ser, quero que sonhe, meu amor... – Eu estava sussurrando ao final – Eu quero que você seja apenas você e que me queira.

Phoebe sorriu e então falou para mim com um ar “zangado”:

— Hill, vou te dar uma chance, mas se me machucar, me trair ou mentir para mim. Juro que vou arrancar suas bolas com os dentes e jogá-las embaixo de um trem.

Foi minha vez de sorrir. Phoebe devia continuar lendo livros de terror demais.

— Eu prometo que se fizer alguma coisa, se me fizer sofrer, acabou, Hill. Eu não suporto mais ser machucada.

— Então isso vai durar eternamente, por que nunca mais a irei machucar. Eu a amo e vou lembrá-la disso todos os dias.

Levantei-me do chão e Phoebe ergueu-se também.

Ficamos de frente um para o outro.

— É o nosso recomeço? – Phoebe perguntou.

— Não, é o nosso fim. Por que depois de mim não haverá outro. Depois de você, outra jamais haverá.

— Assim espero. – Phoebe quis bancar a durona.

— Agora, posso pedir um favor?

— Pode, claro. – Ela me olhou com preocupação. Não sabia o que viria.

Colei meus lábios aos dela e invadi sua boca com minha língua. Phoebe retribuiu o beijo, me deixando sem fôlego. Sussurrei contra sua boca, se falasse alto demais minha voz iria falhar:

— Me deixa te comer encima dessa mesa. Só penso nisso desde que você entrou. Só penso nisso desde que estive a primeira vez na minha sala.

— Achei que nunca iria pedir.

Phoebe sorriu se afastou. Retirou o blazer, depois deslizou o zíper lateral do vestido, com um sorriso que iluminava seu rosto apenas para mim.

OBSESSÃO

SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE TRIPLO A
DEISY MONTEIRO

SINOPSE

Adam, Alec e Anthony.

Três amigos, três histórias diferentes.

Um homem envolvente...

Adam Cooper é um dos advogados mais requisitados da cidade de Nova York. Os honorários caríssimos fazem jus à sua excelência, apesar dos trinta anos. Adam não perde nenhuma das disputas no tribunal.

Um sedutor convicto, Adam gaba-se de conseguir levar qualquer mulher para a cama apenas com sua lábia inigualável. Mas tudo parece mudar quando a encontra.

Uma mulher sedutora...

Hannah Williams é a promotora que almeja colocar atrás das grades um dos clientes mais importantes de Adam.

Hannah, aos quarenta anos, sabe que é a melhor no que faz, e encontra em Adam um adversário à altura. Ela não se deixa intimidar pela eloquência daquele que, para ela, não passa de um rapaz e promete uma bela briga nos tribunais.

A paixão...

Hannah se deixa envolver, por certo tempo, até mostrar a Adam que conhece muito mais do caminho que tem trilhado do que ele próprio.

Adam ainda não tinha encontrado uma mulher que não se dobrasse às suas vontades. Isso e a beleza absurda de Hannah o deixa louco. Diante de sua resistência, se propõe a completar um arriscado plano para seduzi-la.

PREFÁCIO

Entre os instantes vazios das madrugadas...

Uma suave ilusão que passa...

E oferece entre os dentes de pérolas

O fruto proibido de um desejo...

Os lábios carmesins lhe oferecem o céu

A língua mel a favos, e o corpo maravilhas

DEISY MONTEIRO

CAPÍTULO 1



ERA NOITE DE MÁSCARAS no Triplo A. Eu adorava minha semana de administrar a porra toda. Eram as melhores. Não era à toa que o público triplicava sob minha administração.

Verifiquei rapidamente a hora no celular e o guardei. Não queria interrupções. Também não queria correr o risco de ter meu celular roubado.

Enquanto Hill fazia questão de ser bem metódico, tornando o local agradável para que um casal mais tímido pudesse vir dançar e tomar umas cervejas importadas, e Alec tornava-o num calabouço sadomasoquista, eu cuidava de dar diversão de adultos para quem gostava de sexo de verdade.

As máscaras escondiam as identidades dos participantes das orgias. Pelo menos para os desconhecidos, por que eu reconhecia a pança proeminente do juiz Laurent e a sua nova namorada. O maldito juiz adorava vê-la passando de mão em mão, se queria isso, e ela se sentia à vontade, que mal poderia haver?

Eu já não me importava em cobrir meu rosto, tampouco as strippers que dançavam sob as luzes direcionais do palco. Uma multidão adorava isso, era um verdadeiro show que eu poderia lhes proporcionar.

De todos, talvez eu seja o menos comportado, embora Alec não fique muito atrás. Hill parece ter sido castrado desde que Phoebe voltou para a vida dele. Eu não o culpo, ela é boa demais para qualquer um de nós e uma das mulheres mais atraentes que já vi em minha vida.

Meu tipo faz sucesso entre as mulheres. Alto, louro, com um porte físico bom. Afinal, me acabo em exercícios quatro vezes por semana. Também não posso esquecer que meus trinta anos, ajuda na decisão das mulheres. Pois não sou tão novo para que me achem inexperiente, nem sou tão velho para que as mais novas não se aproximem, embora eu evite me envolver com garotas abaixo dos vinte.

Elas são lindas, mas nem sempre sabem o que estão fazendo. Ser bonita não é tudo, a mulher tem que saber segurar o que tem. Tem que saber lidar bem com tudo que lhe foi atribuído desde a puberdade e saber segurar. Há mulheres de quarenta que, apenas com sua segurança, conseguem humilhar muitas de vinte.

Eu estava deslizando assim deslizando, por entre as mulheres já bastante eriçadas, cujos pares, devorando-as com olhos famintos, esperavam tocar, quando a vi.

Não vou mentir, por muito tempo achei que não me sentiria atraído tão repentinamente. Achei que meu coração tinha sido selado e guardado apenas para relações frouxas.

A quem estou enganando? Eu amo as mulheres.

Cada uma tem uma beleza indizível e uma graça que só existe em si. Cada uma tem algo pelo qual me apaixono, cada uma tem alguma coisa que cativa. Seja um olhar leve quando se perde em pensamentos, seja um menear de cabeça que movimenta o cabelo, cada uma tem uma coisa que faz apaixonar.

A questão era que a mulher à minha frente parecia combinar tudo o que eu já tinha achado bonito, ao longo de toda minha vida, em si. Ela tinha a pele beijada pelo sol. Um negro da cor de uma cerveja puro malte. A máscara de renda que ocultava seu rosto era muito pouco para não apreciar a

delicadeza de seu rosto e a força de seu olhar em contraste.

Eu devo ter ficado parado, feito um idiota, olhando-a por bons minutos. Mesmo assim não cansava de apreciar sua beleza. A mulher vestia nada menos que a própria pele por adorno. Nua, em pelo, completamente despida de vergonhas e amarras, desfilava por entre os casais fazendo sexo nos sofás decorativos do clube. Apreciando o que via, olhando com curiosidade as cenas que se revelavam.

Nenhum dos homens parecia ser capaz de despertar seu interesse, até que seus olhos pousaram em mim da mesma forma que o meu já estava nela há algum tempo.

Ela mordeu os lábios em apreciação, eu sorri em resposta.

Ainda que vestido como eu estava, com a roupa que geralmente utilizava para o trabalho. Terno preto, sapatos escuros e de ter retirado apenas a gravata, ela viu através da minha roupa, para meu corpo e me aprovou para si.

Eu era muito sortudo.

A mulher era capaz de fazer até Salomão perder o fio da meada sem saber o que falar diante de sua presença. Os dedos dela destilavam mirra. Agora eu entendia o significado da frase. Ela andava para perto de mim com um requebrar malditamente fascinante, deixando-me sem fôlego e mais duro a cada respiração.

A mulher me pegou pela mão, senti sua pele delicada, e me conduziu, de costas, para uma das mesas reservadas. Uma área onde estaríamos afastados de todos os olhares famintos. Eu tinha colocado pequenas áreas reservadas ao redor do clube, mesas com sofás confortáveis rodeados por cortinas escuras densas.

Ela me fez entrar num desses espaços e me fez sentar no sofá vermelho. Apenas uma luminária com chama de vela fazia os contornos de seu corpo ficarem destacados em toda aquela escuridão.

Ele, o escuro, que também reacendia o cheiro dela como flama, iluminava o sorriso provocante que tinha no rosto e fazia que os olhos dela queimassem em resposta aos meus, por detrás da máscara.

— Eu adoraria saber seu nome... Mas o escuro e o desconhecido são tão fascinantes quanto intimidantes... — Disse e eu apenas consegui sorrir de volta. Se ela achava que iria dormir com mais alguém depois de mim, estava muito enganada. Eu iria ocupá-la a noite inteira. Iria passar cada segundo, até o sol raiar, me perdendo dentro de sua boceta.

Ela me puxou para si e me fez beijá-la. A língua dela tinha gosto de mel e seu hálito de uísque caro quando elogiou meu beijo. Dizendo-me que já podia imaginar como era a sensação de ter meus lábios na sua intimidade.

Essa mulher desfez minhas roupas com os dedos e minha pele com as unhas. Sua palma amassava e massageava o volume protuberante em mim enquanto eu ficava apenas de cueca.

Meu dedo a massageou enquanto eu sentia sua fenda umedecer. Quando ela ficou pronta, tirei a camisinha do bolso e a coloquei, louco para enfiar nela com vontade. Sem dó, sem piedade, apenas a fome que pareceu surgir de repente.

— Mais... Mais... — Ela gemia e se perdia na sensação, assim como eu estava perdido. — Mais... — Sua voz suplicava enquanto eu me movimentava com fúria em sua carne.

Ela tinha se debruçado sobre a mesa e minhas mãos apoiavam a sua cintura enquanto eu via seu quadril balançar com o impacto das minhas estocadas. Seus seios estavam esmagados na madeira. Essa mulher era uma perdição, uma perdição para qualquer um.

Merda, eu estava apaixonado outra vez.

Depois de estar a ponto de ter meu prazer, sem que a surpreendesse, a retirei da posição que estava e a coloquei de frente para mim sobre a mesa.

Contemplei o banquete que tinha em minha frente.

— Inferno! Que corpo lindo!

Eu maldisse a minha própria ruína futura. Por que imaginava que, se ela sumisse, eu estaria buscando-a, impertinente, em outras mulheres.

— Então usa ele com vontade... – Ela disse e veio envolver suas mãos em meu pescoço. Ela enlaçou as pernas ao redor da minha cintura e eu comecei a movê-la, segurando a bunda carnuda entre as mãos, levando-a para cima e para baixo.

— Maldita... Apertada... – Eu rosnava contra a sua boca. A mulher parecia gostar da fricção do seu ventre contra mim do mesmo jeito que eu gostava de me enterrar nela.

Nesse movimento urgente, a máscara dela desatou e caiu. O rosto dela ficou à mostra. Ofereci-me para pegá-la, mas ela recusou.

Embora seu rosto não estivesse tão oculto, pude me deliciar com cada detalhe de seu rosto delicado. Os olhos dela tinham a cor do ouro quando brilha em seu esplendor.

— Isso... Oh... Isso... – Ela lançou lamúrias quando aumentei a velocidade. Os lábios dela estavam sobre os meus outra vez e eu a senti contrair ao meu redor. Aquilo foi bom, muito bom. Tanto que não consegui resistir.

— Isso, me enche... – Sussurrou quando sentiu que eu estava latejando dentro de si. Então, se desvencilhou de mim e arrancou a camisinha. Deu o nó nela e a jogou no cesto de lixo perto da mesa.

Essa mulher tinha me sugado até a última gota. Eu estava com as pernas bambas. Por isso não consegui ir tão rápido atrás dela. Além de estar apenas de cuecas. Então só pude assistir enquanto ela sumia por entre os presentes.

Apenas a máscara de renda ficou comigo. Vesti-me e guardei aquilo como se fosse um tesouro que o mundo não deveria colocar as mãos.

Voltei para a torre de vidro, como eu tinha apelidado o escritório do triplo

A, e fiquei procurando-a por entre a multidão de corpos nus. Foi em vão.

CAPÍTULO 2



— EU ESTOU APAIXONADO.

— Você diz isso todo maldito final de semana, Adam. Ninguém mais acredita. Ter todas as faculdades mentais em ordem, já é o suficiente para você se apaixonar.

Hill apenas sorria enquanto Alec me esculhambava. Eles não tinham a menor ideia do quanto a noite anterior tinha me impactado. Eu nem estava conseguindo raciocinar sem que, a cada cinco minutos, eu ficasse pensando na mais bela espécie entre as mulheres.

— Eu não sei se a verei outra vez. – Externei a angustia que me consumia. Meu corpo implorava por mais uma noite, pelo menos mais uma noite, mas eu não poderia fingir. Tinha que ser com ela. A bela negra misteriosa.

— Sabemos que é quase impossível. - Anthony falou com seu jeito pragmático e comedido – Muitas pessoas se utilizam de documentos falsos para entrar no clube. Fingimos que não vemos por que sabemos que essas pessoas não querem ser identificadas. Mesmo assim, temos um cadastro de clientes que inclui os nomes dos visitantes mais frequentes. A sua grande maioria é de homens.

— Tudo isso já sei. Não quero relembrar as coisas que já sei, quero descobrir coisas que ainda não pensei. Quer dizer, deve haver alguma chance dessas coisas fluírem e nos encontrarmos.

— Deve haver sim. Pelo menos se não se apaixonar por outra mulher até o final da tarde. De qualquer modo, – Alec falou num tom debochado – eu tenho que ir. Ainda tenho uma tarde repleta de reuniões e não quero ficar atolado em serviço até a noite.

— Claro, é a única coisa em que tem se atolado.

Alec sorriu. Eu era o único capaz de fazê-lo perder a paciência de vez em quando, mas logo retrucaria de um modo calmo:

— Adam, você é muito infantil. Ainda tem muito a aprender, inclusive sobre como deixar uma mulher louca ao ponto de não fugir de você.

Anthony sorriu e Alec foi embora.

Finalmente Anthony e eu estávamos à sós. Eu estava receoso que tudo isso fosse culpa dele. Merda, não era possível que ainda estivesse bravo comigo. Aquilo tudo foi apenas uma brincadeira. Achei até que seria um presente.

— Anthony.

— Diga. – Falou enquanto colocava um grande pedaço de tofu temperado na boca. Aquilo era ruim, tinha gosto de nada vezes nada. Só Anthony conseguia comer aquilo como se fosse alguma iguaria. Ele devia ter algum problema para gostar daquilo.

— Há alguma chance de tudo não passar de vingança sua?

— Isso tudo o que? Do que está falando?

— Da peituda. Zayda, Lembra? Essa mulher de ontem... Há alguma chance de ser uma vingança sua por causa do dia do seu aniversário de divórcio? Aquela louca lá? Já expliquei antes, achei que seria legal, não sabia que a garota ia te roubar ao amanhecer.

— Ei, calma. – Anthony me interrompeu – Eu já disse antes que não ligava mais para isso, repito agora que não ligo mesmo. Foi uma noite agradável. As coisas só tomaram outras proporções por que achei que Zayda tinha sido parte do meu problema.

— Então não armou tudo isso?

— Não, eu não armei. Apesar de que, pensando bem agora, – Anthony engoliu outro pedaço daquela coisa disforme sem gosto – eu adoraria ter pensado nisso. Seria uma vingança e tanto.

— Você tem certeza?

— Tenho sim. Phoebe tem ocupado, de forma bem divertida, todos os meus tempos livres. Tenha certeza, não fico pensando em vocês tanto quanto acham. Além disso...

— Além disso? – Toda minha posição era de alguém ansioso.

Droga, eu devia estar parecendo alguém em abstinência. Como era possível? Eu tinha que entender o que essa mulher tinha feito para se tornar tão inesquecível, e então eu continuaria fazendo a mesma coisa, de novo e de novo.

— Além disso, não sou do tipo que brincaria com uma coisa dessas. Apaixonar-se por alguém é uma coisa séria. Usar alguém como se fosse um objeto é pior. Eu não brinco com as mulheres desse jeito, eu não me utilizo deste tipo de joguinhos, nem uso com qualquer outra pessoa. Se eu quisesse me vingar, mandaria arranhar seu carro, furar uns pneus, não usaria pessoas para isso.

— Não está mais aqui quem perguntou. Eu vou sair agora. Tenho uma reunião com um cliente, não posso me atrasar. É um caso bastante especial e os meus vinte por cento ao final renderão por um longo tempo. – Procurei o meu cartão enquanto fazia sinal para o garçom vir até a mesa.

— Não se preocupe, eu pago hoje. – Hill disse – Eu odeio esse seu cartão

com chip. Vive dando erro de leitura. Eu não tenho o dia inteiro para esperar uma transação.

Diferente de Hill, diferente de Alec. Eu não tinha uma enorme quantidade de conta em diversos lugares. Eles sempre tinham contas em diversos bancos. Contas para utilizar para coisas específicas. Contas em cada lugar onde estiveram algum dia.

Para ser mais claro, obviamente, eu não andava despercebido, mas também não ficava levando a vida como eles.

Não sabia viver despreocupado, utilizando cartões e mais cartões, enquanto esperava que os gastos batessem com as receitas no final do mês. Eu não queria cair na mesma cilada que meu irmão. Não queria acabar saindo endividado de uma empresa falida.

Me dirigi ao trabalho. Entrei, cumprimentando as moças da recepção, então subi, pelo elevador, até a minha sala. Ela ficava no penúltimo andar de um dos prédios de negócios mais importantes da cidade. Precisava lidar com a papelada dos meus novos casos.

Meus casos, quase sempre, envolvem o mesmo tipo de pessoas. Mulheres jovens querendo divorciar-se de seus pares em busca de uma pensão bem gorda. Homens muito novos querendo entrar num relacionamento com mulheres mais velhas, exageradamente ricas, e pedindo orientação sobre quais direitos poderão vir a adquirir. Divórcios multimilionários que destroem células familiares, que revelam vícios, revelam traições. Homens acusados de violência doméstica que estão buscando um acordo de confidencialidade para comprar o silêncio de suas vítimas.

Homens que, depois de um caso com alguém do mesmo sexo depois de anos, estão numa encruzilhada, pois seus parceiros sexuais estão chantageando-os e ameaçando contar tudo para as esposas e para quem mais possa interessar.

Enfim, embora meu sonho sempre tenha sido o direito criminal, já que queria trabalhar para acelerar a justiça do país, foi na área civil que eu fui trabalhar. Também foi da área civil que acabei tirando meu sustento ao longo

dos anos, bem como parte do meu sucesso.

Minha família não aprovou minha escolha.

Meu pai me via como alguém que estava desperdiçando seu potencial, um estorvo. Afinal, ele tinha investido muito dinheiro na minha formação e – diferente dele – eu não tinha me tornado um magistrado de sucesso.

Minha mãe tinha orgulho da minha profissão, mas odiava me ver defendendo agressores ao vivo. Ela dizia que eu estava silenciando vítimas importantes. Ela estava certa.

O problema era o dinheiro. Maldito dinheiro.

As pessoas pagam as quantias mais avultosas quando estão desesperadas. Todos esses malditos porcos endinheirados, que vinham até mim implorar para não irem para a cadeia, sempre estavam desesperados.

Eu nunca imaginei que eu iria contra meus ideais quando comesse a trabalhar, e olha onde estou. Eu não merecia respeito. Sei que não, afinal eu era praticamente um gigolô dos tribunais, mas sei que ia conseguir sair desse ramo um dia.

Quando o meu senso de justiça falasse mais alto que meus desejos e as minhas ambições.

CAPÍTULO 3



A NOITE DE HOJE no Triplo A seria agitada.

Eu passei uma enorme parte do meu dia lendo páginas e mais páginas de autos, toneladas delas, e minha mente estava exaurida por todo o esforço. Durante a noite, no meio do clube, eu via minhas energias sendo recuperada lentamente ao lado das beldades que sempre estavam por ali.

A mulher sob a máscara continuava um mistério.

Eu não conseguia rastrear nem mesmo a sua sombra.

Não sabia nem por onde começar a procurá-la. Eu tinha certeza que não a tinha visto outra vez ali. Então procurar seu nome na lista de associados seria uma perda de tempo.

Me perguntei se meu interesse não era apenas o mesmo que se instalava sempre que eu via alguma mulher que pudesse me despertar interesse, mas vi que o sentimento era diferente. Tinha sido plantado em solo mais profundo, portanto suas raízes estavam mais bem firmes.

Não era uma paixão rápida como as outras.

Era uma falta mais intensa do que senti algum dia.

Me desvencilhei desses pensamentos para dar atenção ao trabalho da noite. Era noite de leilão. Em oportunidades como essa, o Triplo A ficava lotadíssimo. Mulheres de todas as idades tinham o direito de comprar uma companhia para noite.

Homens dos mais diferentes portes se candidatavam a ser o alvo da noite. Exibiam-se em um traje social e tinham seu valor fixado pela vontade da maioria.

Era divertido para as mulheres, especialmente para as mais tímidas, que, ao final, quando adquirissem um lote, poderiam dispor daquela companhia, como quisessem, até o amanhecer.

Este homem, comprado no leilão, era responsável por satisfazer tantas fantasias sexuais quanto pudesse daquela que o arrematasse.

Não era à toa que a noite de leilão sempre lotava.

Parte ruim, ter que assistir as garotas mais santas saírem nos tapas por causa dos homens sendo leiloados. A parte boa, oitenta por cento da clientela em noites como essa era feminina. Isso me dava uma boa chance de encontrar a mulher misteriosa.

Eu precisava, outra vez, colocar o olhar sobre sua pele suave. Sobre seu toque quente como madeira de carvalho escuro.

Alec também estava presente esta noite. Observava, como eu, o movimento dos frequentadores enquanto os seguranças estavam a postos para evitar qualquer nova confusão.

Embora Alec negue, o Triplo A se tornou uma parte fundamental de sua vida, assim como se tornou parte da vida de Anthony e minha. O clube era um ambiente onde podíamos ser livres, ser quem quiséssemos, sem arrependimentos ou mágoas. Apenas um cavalheirismo momentâneo e nada de cobranças.

Isso tinha funcionado muito bem para mim, até aquela maldita noite. A noite em que meu destino parece ter me trazido até aquela mulher e me

prendido de forma que eu não pudesse pensar em outra pessoa, que não essa mulher misteriosa.

Completei uma nova dose de uísque no copo e, talvez fosse o efeito da bebida, mas jurei tê-la visto entre a multidão. Entre as mulheres que se apinhavam para adquirir um item no leilão.

Tão repentinamente quanto veio, a visão se foi. Não era ela, embora fosse bastante parecida. Continuei vasculhando o local, agora ainda mais concentrado, para o caso de a esperança que ainda tinha em mim ser saciada.

— O que ou quem está procurando? – Alec perguntou quando notou meu interesse fremente pela multidão logo abaixo – Não vai me dizer que...

— Que estou procurando a mulher da outra noite? – Eu o interrompi para que não fizesse piada quando estou verdadeiramente obcecado por alguém há algum tempo – Estou.

— Então não vai aproveitar a noite?

— Não disse isso. Vou aproveitar a noite, mas de uma maneira que me permita ter alguma sobriedade. E você?

— Vou descer e circular um pouco por entre as mesas. Vou ficar cerca de uma hora lá embaixo, depois subo e você faz sua busca milagrosa.

— Uma hora? Sem problema. Revezaremos.

Finalmente fiquei sozinho. Agora poderia apreciar a visão sem parcimônia e passar meus olhos em todas as mulheres que eu suspeitasse ser quem eu procurava.

Nenhuma, nenhuma delas era a morena misteriosa.

Alec e eu ainda revezamos uma vez, mas logo não precisei mais descer para a multidão. Os itens de leilão estavam acabando, era muito provável que a maioria das mulheres saísse insatisfeita, sem poder adquirir suas peças para noite. Sem os itens que realizariam seus prazeres mais secretos por algumas horas.

A frustração delas só não era maior que a minha. A mulher misteriosa não tinha voltado. Não tinha se interessado em vir tomar mais do que eu podia dar. Meu sexo tinha sido tão ruim assim para que eu não a fizesse querer repetir a dose? Seria possível?

Minhas esperanças estavam se partindo.

O clube estava esvaziando. As que tinham adquirido alguém na noite iam acompanhadas de seus pares às zonas privativas. Outras, mais animadas, começavam a agradar umas às outras em toques íntimos provocantes.

Apenas eu continuava na mesma merda. Esperando e ansiando que não tivesse apenas a buscado por uma noite inteira. A noite estava indo de mal a pior, quando notei uma elegante mulher com os cabelos pretos em caracóis, caindo deito cascatas sobre os ombros, surgir dentre as cenas sexuais.

Os cachos deslizavam suavemente sobre a pele. Cachos que pareciam madeira enrolada que o carpinteiro retira com a plaina da chapa do tronco inteiro.

Era ela, eu tinha certeza.

Mesmo de longe, eu sabia que era ela.

Eu podia sentir o seu corpo perfeito mesmo sob o casaco de pele que a cobria. À distância, parecia pele de raposa do gelo. Um vestido vermelho que ia até os pés. Saltos altos nada mais. Parecia o retrato da luxúria. Seus contornos sendo revelados quando a pele deslizou por seus ombros e foi entregue ao pessoal responsável por guardar os itens pessoais.

Todos olharam para ela. Absolutamente todos.

Mesmo os homens que tinham acompanhantes, mesmo os olhares femininos. Muitos cobiçando seu corpo, outros cobiçando sua confiança. Eu, por outro lado, estava totalmente arrebatado de sentidos. Como se não houvesse qualquer outra que se assemelhasse aquela que estava ali. Como o último soldado que resiste numa guerra.

Por que ela era única para mim.

Ela tinha reescrito novas regras para mim.

Tinha-as reescrito com seu corpo.

Seus olhos passearam pelos clientes do clube. Demoraram mais do que deviam analisando cada rosto. Meu instinto disse que me procurava, minha racionalidade tentava não concordar.

Doce ilusão a que eu mesmo me entregava.

O momento em que estive procurando, pareceu durar uma eternidade. O tempo se contava com o som dos passos dela, lentos, vagarosos, sensuais, silenciosos.

Uma das convidadas se aproximou dela, beijando-a ao rosto, como se fosse uma amiga de longa data. Em seguida, essa moça, que tinha adquirido um dos rapazes do leilão, levou-o pela mão e sorriu oferecendo o seu objeto para ela.

Minha alegria foi embora tão cedo quanto veio.

O rapaz sussurrou alguma coisa aos ouvidos dela, depois do da amiga. Então pegou as duas pela cintura e elas admiraram o corpo dele e uma a outra com um menear de cabeça.

Eu senti ciúmes pela maldita primeira vez na vida.

Tive vontade de descer lá, perder o maldito controle sobre mim mesmo, e impedi-la de ter qualquer coisa com os dois. Impedi-la de ir ao privado com alguém que não fosse eu.

Porém, que direito eu tinha de fazer isso?

Apenas fiquei plantado naquele lugar. Observando a visão que ela era, arrebatadora, enquanto caminhava para um dos reservados. O rapaz tinha um sorriso que ia de orelha-a-orelha. Eu deveria ter me oferecido como item da noite se soubesse que poderia ter o caralho da sorte de acabar com ela ali.

Perdi-os de vista quando fecharam a cortina.

Só percebi a raiva que sentia, quando a força da minha mão ficou absurda e quebrei o copo de uísque que eu tinha na mão. Era o quinto copo de uísque da noite. Cortei minha mão e apenas a enrolei com o lenço que eu tinha no bolso. Logo o sangramento pararia, era o que eu esperava.

Maldito copo de cristal frágil de merda.

Quando o sangue pareceu parar de escorrer, retirei o pano para observar o ferimento. Um dos cacos ainda estava na minha mão, mas a dor parecia ter sido anestesiada pelo ciúme que eu sentia.

Um mau humor pareceu tomar conta de mim, como nunca antes tinha tomado.

Eu nunca tinha sentido ciúmes na minha vida inteira. Mesmo pelas mulheres por quem me dizia ter me apaixonado. Mesmo que cada uma delas tivesse algo por que me apaixonei e enlouqueci, eu não senti ciúmes.

Eu nunca tinha me importado em dividir mulheres as mulheres que arrastava para a cama, até agora. Por que ela, droga de merda, ela era tão malditamente perfeita para mim, que não conseguia conceber a ideia de que pudesse ser de mais alguém. Se eu pudesse, a trancaria num quarto e seria o único a observá-la.

Eu pareço um louco. Eu pareço estar perdendo o controle.

Agora sei por que dizem que o ciúme nos torna insanos.

CAPÍTULO 4



— LANNA, QUER VIR AQUI? – Cumprimentei assim que atenderam do outro lado da linha.

— Telefone novo. Quem é? – Respondeu fingindo desinteresse.

— Faça-me o favor, Lanna. Você não precisa disso. Sei que ainda está zangada comigo, mas precisamos conversar.

— Adam, se eu te vir. É muito capaz que eu acabe dando na sua cara até você entrar em coma. Vai querer mesmo isso?

— Vou correr esse risco.

— Você realmente devia ter medo de mim. Posso ser muito perigosa. Eu tenho uma arma, algemas e um taser.

— Continuo sem medo.

— Chato. Vou tentar dar uma passada por aí.

Lanna é minha melhor amiga. Não adianta negar, já quis levá-la para a cama diversas vezes. Sua personalidade radiante e seu corpo cativam

qualquer um. Afinal, ela é muito bonita, mas sua companhia acabou se tornando como a de uma amiga para mim. Como a de alguém que é melhor ouvinte do que qualquer um dos meus amigos homens.

Por isso, apenas por isso, não quis estragar tudo.

Depois de termos saído diversas vezes, irmos para o clube, e termos aproveitado mais as bebidas e as ressacas, ao invés da companhia um do outro, acabamos desistindo de sentir alguma atração sexual um pelo outro.

Tudo ficou melhor assim. Ela se tornou uma melhor amiga, eu me tornei alguém por quem ela jamais seria capaz de se apaixonar.

Nos conhecemos há algum tempo, quando o pessoal do escritório organizou um encontro às cegas para mim. Eu precisava de companhia para a confraternização de final de ano, acharam que essa ideia era melhor do que eu contratar uma acompanhante de luxo.

Além de minha melhor amiga, é a mais eficiente policial que conheço. Tem um senso de justiça apurado, se importa com os outros e fica uma tentação de uniforme.

É um pacote completo.

Pedi duas pizzas, o sabor favorito de Lanna.

Essa mulher consegue comer uma pizza inteira sem se sentir culpada. No final, tudo acaba indo para aquela maravilhosa bunda quarenta e oito apertada no tecido azul marinho de sargento. Além de refrigerantes, pedi também um bolo floresta negra pequeno. Lanna adorava isso. E, embora eu soubesse que iria ouvir esculhambação do meu personal, eu já nem ligava. Deixava que os dois se entendessem, afinal, eram um casal.

Resumindo a história.

Eu fui um idiota por deixá-la partir, Lanna encontrou meu personal, se apaixonaram, e os dois moram juntos. Ela se considera a mulher dele, ele o homem dela. Embora os dois não estejam casados oficialmente. Lanna

sempre tem um sorriso no rosto e isso é suficiente para que eu os respeite como se fossem da família.

As pizzas chegaram e Lanna estava atrasada. Eu fiquei sentado na minha cadeira suspensa, na varanda do apartamento. Esperando-a chegar enquanto tomava uma cerveja preta e esperava minha companhia.

Não demorou muito tempo até que viesse, embora as pizzas tivessem esfriado bastante. A campainha tocou. Isso era apenas praxe. Lanna tinha uma cópia da chave e podia entrar sempre que bem entendesse. Decidi lhe dar uma cópia da segunda vez que me salvou de minhas bebedeiras.

— Cheguei. Não morra sem mim. Eu trouxe burritos. Eu sei que você não gosta de pimenta brava, então coloquei bem pouco para você.

Voltei-me da varanda e ela veio saltar nos meus braços, me dando um abraço apertado.

— Não me abrace tanto assim, estou sentindo seus peitos contra mim, e isso é muito perigoso.

Lanna se afastou e jogou-se no sofá, colocando os pés sobre a mesa de centro. Só ela fazia isso sem que eu reclamasse. Ela respondeu:

— Ah, não exagera. Você sabe que é inofensivo. – Ela olhou para as caixas de pizza e então comentou – que droga, não sabia que teria comida. Por isso demorei um pouco, estava comprando burritos. Se soubesse tinha vindo antes. – Ela se ajustou a posição e olhou dentro da caixa para a pizza e tirou uma fatia da de calabresa – De qualquer maneira, mamãe não vai deixar você estragar.

— Me dá um burrito. – Pedi e mordi um enorme pedaço.

Ficamos mastigando um pouco. Apenas os sons dos “huns” dela e o som da casca do burrito quebrando foram ouvidos. Conversamos um pouco, então percebi que ela tinha captado meu humor. Que eu não estava cem por cento, estava meio para baixo.

— Estou alimentada, – Falou enquanto pegava outra fatia de pizza – pode falar agora.

— Tem uma mulher... – Comecei a falar.

Se fosse Alec ou Anthony, eles já estariam sorrindo e enunciando um sonoro “nem vem com essa” ou um “de novo”, mas Lanna me ouvia. Mesmo que fosse uma besteira, mesmo que fosse bobagem. Eu era ouvido.

E mesmo essa sendo a décima vez que me ouvia falar de uma mulher diferente só na primeira quinzena do mês, sempre me levava a sério.

— Continue... – Lanna me estimulou a continuar.

— Cara, - Eu não tinha como começar a explicar nada sem uma exclamação sonora – ela é demais. Demais mesmo! Você tinha que a ver. Essa mulher acabou comigo, ela é simplesmente fantástica. Muito linda!

— Ok... – Lanna sorriu um pouco – então você viu uma mulher bonita. Qual é o nome dela? – Ela me perguntou. Sempre tão racional. — De onde é? Ela sabe que precisa da minha aprovação para que vocês tenham algo a mais, né?

— Não sabe, ainda não tive oportunidade de atualizá-la dessa exigência. – Eu disse deixando o pacote do burrito de lado. O burrito que eu tinha comido em apenas quatro mordidas – Eu não sei o nome dela. Nós tivemos essa noite fantástica. Nós transamos feito loucos, rápido e intenso. Então ela simplesmente evaporou.

— Por que não a procura?

— Não saberia por onde começar.

— Pelos nomes dos presentes naquela noite.

Olhei-a com um ar sarcástico. Como quem diz “você sabe que isso não funciona”. Ela entendeu o recado.

— Eu sempre avisei. Cheque as drogas das identidades. Isso vai funcionar

para situações diversas, como essa por exemplo. Você não quer me ouvir.

— Se passássemos a fazer isso, a droga da clientela iria diminuir drasticamente. Acha que não tem um monte de gente que vai lá justamente por causa da certeza do anonimato?

— Só posso dizer que espero que ela apareça lá magicamente. E que, nesse dia, você seja esperto para conseguir o telefone dela.

— Obrigado. Agora – Brinquei – como você está com o Ryan? Estão se dando bem? Sabe que posso te compensar pelas coisas que ele não consegue te prover.

— Ah, tá bom. Isso não funciona comigo. – Lanna sorriu e veio sentar ao meu lado depois de lamber os dedos sujos de orégano. – Vem cá, senta aqui no meu colo, vou fazer cafuné na sua cabeça. Quando estiver se sentindo melhor, vou voltar para casa. Tenho que ir para o trabalho mais tarde.

— Não sabia que estava de trabalho hoje, desculpe.

— Não tinha como saber. Troquei de última hora para ter a tarde de folga. Sabe como é, gosto de me cuidar.

— Sei sim.

— Posso passar meus dedos gordurosos no seu cabelo? Adoro ficar mexendo neles.

— Pode. Posso ficar encostado nos seus peitos. Sabe que adoro senti-los.

— Pode sim. Vem cá. – Ela me apertou e sorri um pouco – Assim está bom?

— Está ótimo. Qual o número deles mesmo?

— 46.

— Uau.

Ela sorriu gostosamente.

Lanna fez cafuné no meu cabelo e, depois de eu reclamar um pouco sobre o trabalho, foi para casa e levou a pizza de calabresa para comer no caminho. Lanna prometeu voltar para me checar depois do expediente. Mandou-me deixar um pouco de cerveja e um burrito, em troca deixaria eu dormir nos peitos dela outra vez.

CAPÍTULO 5



UM MÊS INTEIRO. Um maldito mês e nenhuma ideia de quem era aquela mulher, de quando eu a veria outra vez, de onde a veria. Eu queria desistir dessa busca ridícula, mas sempre que pensava nisso, o fascínio que a mulher tinha sobre mim começava a falar mais alto e me via desesperado por tê-la novamente.

Como o santo que sou, busquei consolo em outras mulheres, mas a maldita tinha me estragado para toda e qualquer aventura promissora. Eu curtia tudo, mas não conseguia entender o quanto realmente apreciava.

Eu queria que fosse com ela.

Queria que fosse ela todas as vezes.

Isso era mais um dos motivos que me fazia acreditar que tinha sido especial de alguma forma. Eu não tinha conseguido esquecê-la passados trinta dias. Quando, com as outras mulheres, mesmo sendo cada uma inigualável à sua maneira, minha “paixão” não durava mais de uma semana, dificilmente chegava aos quinze dias.

Era dia de trabalho na corte. Eu tinha mais uma audiência de custódia. O pessoal que trabalhava comigo tinha me inteirado do caso, eu não precisaria me cansar lendo adendos dos processos, já que tinha compilado tudo há uma

semana. O caso era muito parecido com os demais que eu cuidava.

Velho milionário e dominador querendo uma esposa troféu, jovem submissa e pobre que quis subir na vida de forma rápida. Romance rápido e descontrolado, reações exageradas quando o ciúme bate à porta. Seria fácil deixá-lo sair ileso das acusações argumentando que tinha sofrido de “violenta comoção” e que tinha sido essa a causa do destempero.

Vestido, com meus sapatos de couro caríssimo, carregando minha pasta, eu me sentia muito mais preparado para enfrentar os magistrados.

O prédio estava lotado, também havia uma multidão do lado de fora. Repórteres se aglomeravam, à entrada, pedindo por um pronunciamento. As perguntas vinham, aos montes, de lábios astutos. Loucos para me pegar nalguma brecha. Predispostos a tornar a minha vida e a do meu cliente num martírio, caso eu juntasse as sílabas erradas na defesa.

“É verdade que ele a ameaçou de morte? ”

Eram sempre as mesmas perguntas, meu saco para elas também.

“O que o senhor tem a dizer a respeito do seu cliente? ”

Outro disse praticamente esfregando o telefone na minha cara, mas recuou quando lhe lancei um olhar severo.

“O que comenta sobre a denúncias da cliente de que o seu marido a espancava constantemente? ”

Os seguranças do fórum conseguiram me fazer atravessar aquela multidão. Consegui evitar as perguntas. Um caso de família sempre é privado, mas consegue se tornar escandaloso quando um dos envolvidos tem uma grande fama ou uma grande fortuna.

Ainda tinha cerca de meia hora até a audiência.

Meu cliente, o senhor Montesquieu, um francês gordo e presunçoso que se achava o centro do universo, tinha começado a chorar para mim bem antes de entrar diante do júri.

O acordo principal, entre meus clientes e eu, era – conte-me tudo, por pior que seja, e eu farei o meu melhor para encobrir o seu pior. Meu trabalho é tornar psicopatas em vítimas. Tornar agressores em pessoas debilitadas mentalmente. Não é isso que sempre deve ser feito pelos advogados? Tornar seus demônios em anjos diante do júri?

Eu conhecia todos os podres desse homem, por que estava chorando para mim?

— Senhor Montesquieu, peço que guarde suas lágrimas para o júri. Eu não preciso ser convencido, eles sim.

O homem percebeu que estava andando em solo bem menos perigoso e conseguiu refrear as lágrimas que não convenciam.

— Sejam os diretos. Eu ainda não conheço essa promotora. Dizem que ela é boa, na verdade, excelente. Peço que seja o menos falador possível. Limite-se a responder somente aquilo que eu autorizar. Eu não quero que o senhor responda às perguntas com acusações, sua mulher estará lá. Um melodrama feminino muitas vezes é suficiente para mudar a cabeça de um juiz. Dê uma pausa de pelo menos cinco segundos entre a pergunta da promotora e a sua resposta, para que eu possa interceder caso seja conveniente. E, como eu disse, responda somente ao que eu autorizar.

Montesquieu apenas acenou com a cabeça.

Ele não sabia ao certo como reagir diante de uma direta dessas. E eu estava se saco cheio de tentar ser passado para trás pelos meus próprios clientes. Clientes que tinham tanta certeza de suas culpas quanto eu tinha.

Quando o velho francês limpou as lágrimas com um lenço rendado bordado a ouro, e começou a pigarrear freneticamente a ponto de eu querer dar um murro em suas costas para ver se ele parava, retomou sua postura esnobe inicial.

Reli a minha defesa, risquei algumas poucas palavras do meu discurso inicial que não surtiriam o efeito que eu esperava e, em pouco tempo, saímos

da sala reservada para a pequena sala de audiências. Havia apenas duas mesas de escritório baratas, uma para o juiz. Outra para as partes. Meu cliente e eu ficaríamos sentados de um lado, a senhora Montesquieu e sua advogada, a defensora pública requisitada para o cargo, do outro. A promotora indicada pelo tribunal de justiça numa das cadeiras mais adiante, esperando ser chamada para intervir quando fosse sua vez de questionar meu cliente.

Nada de diferente na minha rotina.

O juiz fez as honras, conversou primeiro com a senhora Montesquieu e sua advogada sozinhas. Depois com o senhor Montesquieu, eu o acompanhava. Quando finalizou as primeiras rodadas de argumentos, fomos reunidos na mesma sala. Conhecendo melhor até onde as partes estavam dispostas a ceder, reuniu-nos todos para o embate final.

Assim que retornei à sala, meu coração bateu descompassado por uns dez minutos. Não tinha dúvidas, não tinha como se enganar.

Era ela. Puta merda! Puta que o pariu!

A dama misteriosa do Triplo A estava imponente, dentre as partes, séria e austera como só mulheres seguras de si conseguem ser. A dama misteriosa era a promotora do caso.

Eu não devia parecer tão hipnotizado por sua figura. Eu não devia ficar ouvindo o sangue sendo bombeado com força nos meus ouvidos. Eu não deveria senti-lo indo com força para locais inapropriados ao imaginar a beleza absoluta que se escondia sob o conjunto social verde esmeralda.

Merda... Merda... Merda...

Recuperei o controle sobre minhas próprias emoções e esperei uma reação qualquer que mostrasse reconhecimento mútuo, mas nada recebi. Não havia um gesto, um olhar, um palpar de veias, uma gotícula de suor que demonstrasse que tinha sido abalada ao me notar.

Quando andou até minha direção, estendendo a mão para me cumprimentar, deixei que meu semblante revelasse um pouco da ebulição de

sentimentos que se revolviam dentro de mim.

— Senhor advogado Adam Cooper, sou a promotora enviada pelo ministério público, Hanna Williams.

— Senhora promotora do ministério público, Hannah Williams, sou Adam Cooper, advogado da parte. Prazer em conhecê-la.

Por muito pouco, não troquei o “conhecê-la” por “revê-la”.

No entanto, meu autocontrole, profissionalismo aprimorado durante anos, assumiu e percebi que a situação seria bem menos embaraçosa se eu agisse naturalmente, em vez de mostrar o quanto tinha me perturbado ao longo dos últimos dias. Então, apenas balançamos as mãos, como pessoas civilizadas, e senti minha pele roçar na sua outra vez.

Aquilo era uma tortura prazerosa de suportar.

Eu tinha que ser profissional, eu devia ser profissional, mas cada vez que lembrava quem era a mulher que estava diante de mim, eu tinha uma e outra imaginação louca rolando na minha cabeça. Uma obsessão silenciosa tomando conta da minha mente.

Quando o juiz nos deu uma pausa para descanso, já que nem meu cliente e nem a cliente da advogada Foster, uma amiga minha de outros tempos, conseguiram entrar num acordo, pude ter um pouco de paz do tormento que ela tinha invocado em mim.

Nos reunimos outra vez, consegui manter meu cliente seguro até que tivéssemos a próxima reunião para o caso. Felizmente, não foi ordenada nenhuma prisão preventiva pois Montesquieu aceitou a decisão do juiz de entregar o passaporte às autoridades para evitar uma possível fuga do país. Pelo menos até que todos os tramites do julgamento fossem encerrados e os dois envolvidos pudessem ter paz.

Acompanhei meu cliente até o estacionamento subterrâneo, sob o fórum, para que pudesse ser levado pelo motorista particular para sua casa. Em seguida, iria embora, mas não pude aguentar e esperei encontrar Hannah

outra vez.

Agora que sabia que nome tinha meu martírio, era inundado por diferentes emoções. Novas sensações. Agora eu sabia onde buscá-la. Embora me odiasse nesse momento por não permitir que meu cliente respondesse à maioria de suas perguntas incisivas, sabia que precisava tentar ser reconhecido.

Esperei-a por cerca de quinze minutos, encostado a uma das pilastras que sustentavam o edifício, justificando meu comportamento com o fato de que o meu próprio motorista estava atrasado e chegaria em breve.

Não muito depois disso, vi as portas do elevador abrindo-se e ela indo até um dos veículos carregando uma pasta pesada, provavelmente repleta de páginas sobre alguns de seus processos.

Passei os dedos nos fios de cabelo e me aproximei dela. Admirei um pouco o belíssimo conversível que iria dirigir e chamei sua atenção.

— Doutora Hannah Williams.

Observei-a despejar os pertences no porta-malas antes de voltar-se até mim, com ar enfadado.

— Advogado Cooper. O que quer?

Eu não queria ser direto, queria ter a sensação de que a tinha marcado como ela me marcou, mas quando não aconteceu, resumi minha vontade em poucas sílabas.

— Seu telefone.

— Então seu cliente agressor quer entrar num acordo com um ministério público? – Um pequeno sorriso de vitória brotou de seus lábios cheios – Sabe o procedimento. Marque uma reunião através do juiz.

Hannah abriu a porta do carro, pronta para entrar no veículo. Eu não iria

perdê-la novamente. Eu não iria deixar essa mulher escapar por entre meus dedos outra vez.

— O que quero não envolve nossos clientes. – Coloquei a mão sobre a maçaneta e a porta fechou novamente. – O que quero só envolve nós dois. O que quero é mais um pouco do que aconteceu no Triplo A.

Eu vi Hannah engolir em seco uma vez.

Nesse pequeno instante de vacilação, soube que as memórias estavam vívidas para si, mas logo a expressão dura, usada nos tribunais, foi recuperada e ela falou num tom duro.

— Vou falar uma vez, preste bastante atenção, Cooper.

O tom duro me fez apenas a admirar mais.

— Adiante. – Provoquei-a quando vi que a irritava e isso produziu uma pequena alegria infantil em mim.

— Não vou perder meu precioso tempo tentando argumentar com alguém que, claramente, não respeita os limites do código de ética. Primeiro, desencosta do meu carro. Segundo, qualquer que tenha sido o evento que aconteceu no Triplo A, ficou lá. Não quero ter que denunciá-lo por assédio, então, não se aproxime de mim outra vez, especialmente usando estes termos. Não confunda as coisas. Aquilo não vai acontecer outra vez.

— Realmente aposta nisso? – Provoquei ainda mais.

— Com todas as minhas fichas. Não costumo misturar minha vida profissional com uma aventura efêmera. Espero que o senhor faça o mesmo. Tenha uma boa vida.

Hannah entrou no carro e, se eu não tivesse dado um passo para trás, teria atropelado meus dedos com prazer e fúria.

CAPÍTULO 6



DIA DE TREINO PESADO. O único dia em que eu conseguia me centrar, nas últimas semanas, em alguma coisa que não fosse tentar descobrir a identidade daquela misteriosa mulher. Hoje eu queria castigar meu corpo, tudo para tentar aliviar a angústia que estava em minha mente. Eu não me importava em sair realmente dolorido, se isso me fizesse esquecer.

Ian continuava a pegar pesado no treino, mas ele hoje estava silencioso. Eu conseguia sentir uma tensão no ar. Algo não estava certo na forma que me tratava. Eu não entendia o que sentia ou o que passava por dentro da cabeça dele, mas dava para ver que algo estava errado. Eu sou péssimo quando o assunto é ler emoções. Consigo confundir ódio com amor, então sou capaz de confundir todo o resto.

Foi só quando eu estava na mesa de supino que percebi que realmente tinha alguma coisa errada com Ian.

— Vamos começar com quarenta quilos. – Ian disse sério, então acrescentou – Depois vamos subi-lo gradualmente.

— Sabe até quantos quilos? – Perguntei.

— Até quanto eu disser.

— As coisas não funcionam assim, Ian. Seja direto.

— Vamos testar seus limites.

— Ok. – Assenti enquanto ele retirava a barra do apoio e me fazia erguer os primeiros quarenta quilos. Foi então que começou a fazer as perguntas que eu sabia que estavam entalando a garganta dele há algum tempo.

— Soube que minha mulher esteve aqui há alguns dias.

Ian falou enquanto aumentava o peso em mais dez quilos depois de eu apoiar a barra novamente. Eu devia supor que o problema dele comigo envolvia a mulher dele.

— Sim, esteve. – Respondi diretamente enquanto forcei meu corpo a continuar com o exercício – Conversamos. Eu estava bem mal, ela me ajudou naquela noite.

— Sabe... Não é muito legal saber que minha mulher esteve aqui, sozinha, com um homem que não tem nenhum valor pelo que representam laços familiares.

— Não esteve satisfeito com a explicação que Lanna te deu, é isso? Por que sabe que de minha parte para com ela nada mais há além de amizade.

— Pode jurar que não aconteceu nada? – Perguntou enquanto forçava um pouco mais os pesos para baixo contra meu peito.

— Posso. Juro que nada aconteceu entre sua mulher e eu. – Arfei enquanto colocava a barra no descanso e o via colocar mais duas anilhas de dois quilos, uma de cada lado. – Lanna é uma amiga querida, não a desrespeitaria dessa forma.

Ian se aproximou do meu lado e apoiou-se num dos joelhos enquanto observava meu avanço. Eu me concentrei para nivelar as anilhas e não deixar a barra de peso cair contra meu corpo. As pequenas anilhas de dois quilos estavam me forçando a quebrar meu recorde pessoal.

— Talvez não saiba, mas Lanna e eu vamos casar. Temos uma boa

relação, não gostaria que ninguém estragasse isso. Nós damos liberdade um ao outro, mas não sei quero que nossa relação se agaste por causa dessa liberdade que dei.

— Eu não sei a que está se referindo. — Falei quando recoloquei a barra no apoio.

Ian continuou aumentando a carga, agora eu tinha setenta e cinco quilos para carregar. Sem concentração, me espantei como o peso não foi parar no meu pescoço. Respirei fundo antes de apoiar as mãos e fechá-las dando o apoio necessário para carregar o peso.

— Não confio na sua amizade para com Lanna.

Antes de descer a barra, respondi à sua dúvida.

— Lanna tem sido uma boa amiga para mim há bem mais tempo do que você tem sido namorado dela. Não estou discutindo preferencias, mas acho que esse tempo que a venho respeitando deveria ser o suficiente para entender que não brinco nem pretendo brincar com o que ela sente.

Consegui concentrar-me suficientemente bem para não parecer um louco arfando. Afinal, quando se faz esse tipo de exercício, a pior coisa que se precisa é de alguém fazendo perder a força de impulso.

Sentei-me no banco. A academia que eu tinha mandado projetar para mim, num dos quartos de hóspedes do apartamento, não era das maiores, mas tinha tudo que eu precisava. Eu não queria que as coisas ficassem estranhas entre treinador e aluno. Ele podia ser esquentado quando queria, mas tinha se tornado uma pessoa em quem eu podia confiar.

Acho que também ficaria assim se fosse namorado de Lanna e alguém estivesse tentando roubá-la de mim. Então falei empaticamente.

— Olha, Ian, — Falei calmamente. — Temos que conversar como dois homens, não como dois garotos temperamentais. Eu não vou mentir. Você sabe que sou apreciador da beleza feminina. Acho Lanna uma das pessoas mais incríveis que já conheci, também é uma das mulheres mais bonitas que

já vi, por dentro e por fora. Admito que as coisas seriam diferentes se Lanna fosse solteira, mas, desde que está num relacionamento, tenho aprendido a respeitar isso. Eu brinco, me divirto com ela, mas não passou e nem nunca vai passar de uma amizade sincera.

— Eu a amo, Adam. Eu não sei o que esse sentimento significa para você, mas ele tem significado muito para mim desde que a encontrei. Eu tenho feito tudo que posso para fazê-la feliz, mas ela ainda me assusta com toda a intensidade dela. Eu sei que há alguma coisa sobre você que ela não tem coragem ou não quer me falar, e isso me assusta.

Eu admirava um homem que conseguia colocar em palavras tanto sentimento. Desde que a sociedade nos ensinou que um homem não pode ser sensível e que não podemos mostrar nossos sentimentos tão abertamente para não sermos rotulados de fracos, um homem que vai contra isso é digno de respeito, e nem por isso se torna menos homem.

— Cara, – Coloquei a mão no ombro dele amigavelmente – eu realmente sou louco por ela, mas não como pensa. Ela é uma bela mulher, mas é ainda mais bela amiga.

— Disso duvido muito. – Ian disse e apontou para a esteira de abdominais – vamos continuar com seu exercício senão vai perder todo o seu ganho.

Era preciso coragem para enfrentar seu chefe por causa de uma mulher. Era preciso coragem para correr em defesa dela como se fosse sua propriedade e parte tão fundamental de si.

Eu nunca tinha passado por isso.

Nunca senti por alguém algo nem parecido. Nunca senti por alguém algo que me fizesse querer parar tudo que faço. Algo que me faça querer enfrentar o mundo. Eu nunca amei alguém, nunca soube o que é sentir algo tão enraizado dizimando seu juízo.

Ou não sabia.

Por que agora eu sentia como era ter sua vontade limitada pela falta do

objeto de desejo. Sabia o que era ter fome, por que meu alimento era aquela negra maravilhosa. Também sentia o que era o frio na barriga só de imaginar que alguém poderia estar apertando-a nos braços neste exato momento.

Merda, ela deve ficar linda de quatro.

Apesar de não ser hora para pensar nisso.

Ian ainda não parece totalmente convicto de que realmente sou inofensivo. Bem, talvez eu não seja, mas sei admirar o que uma mulher tem de bom sem precisar desvirtuá-la.

Eu poderia continuar admirando Lanna sem desonrá-la.

Eu ainda tinha uma reunião com a advogada da minha cliente mais tarde. Uma tentativa de acordo oferecido pela ex-mulher de Montesquieu. Quem sabe eu não conseguiria acabar com as esperanças dessa mulher querer receber qualquer tipo de pensão? Talvez ela aceitasse a oferta do meu cliente e aceitasse morar num pequeno apartamento alugado por um ano, período para ela se reestabelecer.

As coisas estavam parecendo fluir normalmente.

Depois de muito tempo.

CAPÍTULO 7



— BOM DIA, SENHORA Rowling. – Cumprimentei a mulher do meu cliente. Ou ex-mulher como já se intitulava.

A audiência de tentativa de conciliação não deveria ser tão demorada, mas a autoconsiderada vítima da situação estava atrasada em cerca de meia-hora.

— Perdoem-me pelo atraso. Senhor Cooper, senhor Montesquieu. – A mulher falou meu nome e o nome do marido com certo ar de desprezo – Eu, de verdade, nem queria ter que estar aqui com vocês, mas preciso. Então, lamento ter prolongado esse momento para todos, vamos ao que interessa.

A advogada tomou a frente e começou a falar num tom formal e duro, próprio de quem mostra que não vai recuar em nenhum item de sua proposta.

— Senhores, minha cliente faz estas exigências para que um possível acordo seja selado. A senhora Rowling tem, por extenso, suas necessidades. Para melhor documentar este processo. – Adicionou, como eu, o sobrenome de solteira da mulher.

Peguei o papel antes que o Montesquieu o pegasse. Ele não parecia somente irritado por estar diante da mulher que lhe queria tomar os bens, parecia a ponto de saltar sobre a mesa para matá-la. O olhar frio fazia que as

duas mulheres, atrás da mesa de mármore do meu escritório, parecessem meliantes em ação.

— Impossível, — falei depois de ler o papel minuciosamente — a senhora, sua cliente, bem sabe que o acordo pré-nupcial lhe daria, em caso de separação, apenas o local para moradia e as despesas quitadas por tempo a ser determinado. A senhora Rowling não trouxe nada para o casamento, bem como para as finanças do casal depois de estarem unidos ao longo de cinco anos. Em vez disso, tratou de definhando a fortuna da família com viagens caríssimas e serviços que arrebataram alguns milhões do patrimônio pessoal de meu cliente.

— Os gastos de uma casa também podem ser abrangidos nos gastos pessoais. A cliente não fez mais do que comprar para si serviços e bens que fossem consoantes ao tipo de vida e de entretenimento que os dois estavam acostumados.

Respondeu mordazmente a advogada da senhora Rowling.

— Ainda assim, uma pequena fortuna foi gasta. O que reduziu, consideravelmente, a possibilidade dum acordo. Já que, antes, o senhor Montesquieu não averiguava com rigor as contas orçamentárias do lar. Acreditando que a cōnjuge sabia usar de bom senso no que tange a tais assuntos. — Acrescentei fazendo-a recuar um pouco na sua tão apaixonada defesa.

— A minha cliente não recuará quanto a suas exigências. — Dirigiu-se ao juiz.

— O que é uma pena. Pois meu cliente não vai aceitar um acordo que põe tanto a perder. Em contrapartida, tudo que meu cliente está disposto a oferecer é isso.

Entreguei-lhe o papel assinado por Montesquieu.

Que ele era um mão-de-vaca, todos tinham ciência. A sociedade o conhecia como o homem dos cinco ternos “vintage” caríssimos. Eu bem sabia, depois que conheci melhor a pessoa por detrás das colunas sociais, que

aquilo se tratava de avareza mais que de estilo.

— Isso é uma vergonha! — Rowling falou junto a sua advogada quando terminou de ler o material contendo o que Montesquieu julgou poder ser oferecido — Que valor é esse, Montesquieu? — Ela estava verdadeiramente irritada. — Isso não é nem o que gastamos com o motorista mensalmente. Eu convivi com você por longos cinco anos. Eu tenho certeza que pode fazer melhor que isso.

Ela rasgou os papeis e saiu da sala irritada.

Pelo visto, não teríamos acordo.

Até então, obviamente, meu cliente iria ganhar. Não que houvesse muito a ser perdido com a vitória de Rowling, ela apenas estava querendo muito além daquilo com o qual tinha contribuído para o casamento. Sim, o marido tinha perdido o controle algumas vezes, mas não tinha que continuar insistindo em ganhar algo com isso, como se a culpa de Montesquieu pudesse aumentar alguns zeros à sua pensão.

Bastava que meu cliente negasse as acusações até o final.

Montesquieu foi embora. A advogada da senhora Rowling informou que não queria ter que partir para esses meios, mas que a próxima audiência não seria mais feita desse modo. Que tentaram entrar num acordo amigável, mas que agora nos encontraríamos numa audiência criminal.

— E qual a acusação? — Perguntei quando notei que não tinha contado com esta carta escondida sob sua manga.

— Tentativa de infanticídio.

Assim que as palavras saíram de seus lábios, as coisas começavam a piorar um pouco para o lado de Montesquieu.

Saí dali direto para o Triplo A. Eu tinha que gerenciar o clube e não queria fazer um trabalho ruim. A noite seria agitada e eu não queria perder nenhum dos preparativos.

Eu ainda era fanático pelo trabalho no Triplo A.

A primeira impressão de quando vi as luzes funcionando pela e as pessoas entrando naquele local ficaram tão impregnados em mim, que sempre me esforçava – pelo menos em minhas noites de gerencia – para causar nelas este primeiro impacto. Eu sempre escolhia a melhor decoração, de acordo com as sugestões que a decoradora me passava pelo menos duas semanas antes, com tudo que tinha de mais novo na indústria do entretenimento. As melhores bebidas, as melhores mulheres. Com meu tato para escolher tudo, tínhamos tempo de preparar tudo antecipadamente para que não houvesse nenhum problema quando os eventos comessem.

Minhas noites nunca falharam.

Os ingressos acabavam pelo menos cinco horas antes do clube abrir. As noites ficavam sempre lotadas, sempre repletas de mulheres bonitas e casais dispostos a uma aventura. O clube se tornava um tesouro para quem quisesse se aventurar.

A noite tinha caído rápido. Eu já tinha comido alguma coisa nos bastidores então não precisava me preocupar em pegar leve com a bebida.

Às onze da noite, as portas se abriram e as pessoas começaram a entrar. A noite do preto e branco costumava ser elegante e perigosa na medida certa. Homens e mulheres demonstravam suas opções sexuais a partir da vestimenta. Mulheres de branco, homens de preto. Quanto mais de atração pelo mesmo sexo houvesse, um pouco mais você escolhia da cor do outro. Um bissexual, por exemplo, costumava vestir metade de peças em tom branco e a outra metade em tons de preto.

Toda a decoração seguia essas cores.

Muitos homens de terno risca-de-giz, assim como homens totalmente de branco, começaram a invadir os espaços. Da mesma forma, mulheres com roupas de poá e algumas vestidas totalmente de negro começavam a achar seus pares.

O mundo balançou um pouco em seus pilares quando a porta se abriu.

Quando meu olhar se derramou sobre ela. Quando seus passos graciosos a trouxeram para dentro do ambiente.

Hannah...

Ela estava vestida num clássico tubinho com franjas. Uma metade do vestido branca e metade preta. Os sapatos, mesmo que eu os enxergasse com dificuldade da sala de vidro, que é onde eu estava, também seguiam este mesmo padrão. O cabelo, hoje preso num coque volumoso no alto da cabeça, não realçava seu rosto, mas também não diminuía em nada sua beleza.

Hannah se entregou à noite.

Ela dançou e bebeu como se sua vida dependesse disso. Eu apenas a observava, temendo que a cada nova investida dos homens ou mulheres que dançavam com ela, eu fosse obrigado a encarar meus ciúmes.

Ainda bem que eu tinha um coração forte, ou teria infartado duas vezes naquela noite apenas com a cena dela beijando outro homem ou outra mulher.

Num certo momento da noite, seus olhos passearam pelo clube. Hannah procurava alguma coisa, meu ego me fez pensar que era eu quem ela buscava, por um longo tempo, até que ela sorriu para um rapaz que se aproximava.

Não, ele não devia ter nem vinte anos!

Ele não tem experiência para lidar com seu corpo.

Não tem a minha perícia para lidar com seu desejo.

Quando ele a travou do pulso, não tive mais acordo de mim. Especialmente quando se via que Hannah não estava à vontade com tal situação.

Desci para a pista e me espremi entre as pessoas com seios e membros de fora. Hannah estava discutindo com o homem. Embora não pudesse ouvi-la, por causa da música, eu conseguia ver seu rosto irado cada vez que as luzes a iluminavam.

Foquei meus olhos nela para não a perder de vista e quando vi que o rapaz, verdadeiramente, a estava machucando, fui para mais perto e o puxei pelos ombros. Quando ele virou para mim com um ar de questionamento e de quem estava pronto para brigar, apenas o soquei na cara.

Sem buscar um segundo golpe, vi o imbecil cambalear ao se afastar.

— Vem. – Ordenei a Hannah enquanto a puxava para longe daquela pequena multidão e a levava, com cautela, para não tropeçar nos próprios saltos altíssimos, para a sala-de-vidro.

— Eu não pedi sua ajuda! – Ela ainda gritou no meio do caminho.

— Estava a ponto de ser mais machucada ainda por aquele homem, não parecia em posição de pedir por ajuda, se precisasse.

— Eu não quero ir com você a lugar nenhum.

— Hannah, vem agora!

Quando abri a porta, a coloquei dentro da sala de vidro, Hannah apenas olhou lá para baixo.

Temí estar vendo um “então é aqui que ele se esconde o tempo todo” no seu olhar, mas desisti de ler emoções quando começou a reclamar.

— Cooper, você não precisa se meter na minha vida. O que acha que estava fazendo? Eu poderia estar me divertindo agora e você simplesmente vai lá embaixo e me atrapalha? Me trouxe para cá para que? Eu não queria vir. É tão igual quanto aquele lá de baixo.

— Me processe. – Eu dei de ombros.

— Idiota! – Falou ainda mais irritada – Você não pode se meter na minha vida assim. Não somos nada. Ouviu? Não somos nada. Além de dono convencido e pouco eficiente deste lugar, você não passa de colega de profissão que defende agressores.

Quando mais falava, mais eu me via encantado por ela.

Pouco me importava que estivesse me esculhambando.

Eu apreciava o modo como franzia as sobrancelhas adoravelmente. A forma como o nariz enrugava de leve quando falava zangada. Ela mostrava os dentes ao falar, quase como se estivesse sorrindo e eu achava graça das tentativas de ameaça. Não que eu não as devesse considerar, mas eu sabia que a tensão que tinha invadido aquele espaço, tensão sexual, não vinha apenas de mim.

— Isso tudo é por que não consegue esquecer uma maldita noite? Uma maldita noite que não devia nem ter acontecido?

— Hannah, sabe que aquela noite foi tão perfeita para mim quanto foi para você. Como pode não querer que se repita?

— Por que é errado, Cooper! Muito errado. Não vê que estamos de lados opostos?

Fui me aproximando lentamente dela. Meus dedos roçaram a ponta da orelha, onde um brinco pendia delicadamente. De forma séria, intensa, falei enquanto ela calava-se para apreciar a proximidade:

— Me deixa meter em você até eu estragar esse seu traseiro perfeito. Me deixa provar o quanto está errada e o quanto somos tão certos juntos quanto o ato de respirar.

Eu calculei o efeito que as minhas palavras surtiriam.

Mal as tinha proferido, Hannah, engolfada na mesma sensação de atração mútua que eu estava inserido, enroscou as pernas ao meu redor de um pulo e ficou repetindo o quanto aquilo era errado. Continuou repetindo o quanto tudo aquilo era errado enquanto eu a fodia.

CAPÍTULO 8



A LUZ DA SALA DE VIDRO iluminava o corpo de Hannah. Suas formas suaves estavam sobre minha mesa. Suas pernas estavam apoiadas sobre meus ombros e eu a sentia contraindo ao meu redor. Minha mão apoiava-a pelo pescoço enquanto eu privava-a de ar por alguns segundos. Eu a devorava faminto, deliciosamente, enquanto admirava a forma que seus bicos intumesciam quando expostos livremente.

A beleza dessa mulher me cegava para qualquer outra.

O furacão de desejos que me causava me inebriava.

Os olhos dela tinham a cor de duas florestas escuras, apenas pontuados por um ou outro rasgo de castanho. Ela tinha os olhos tão escuros que eu podia acabar me perdendo naquele abismo.

A pele dela era perfeitamente uniforme. O tom de melanina contra minha pele me acendia ainda mais. Eu nunca tinha me sentido tão atraído por uma mulher na minha vida.

Os lábios carnudos, que apertava entre os dentes cada vez que eu aprofundava o movimento, eram uma tentação. Ela me deu dois tapas a cada vez que tentei me aproximar para colher os seus beijos. Droga de dentes perfeitos, tudo nessa mulher era perfeito.

Não era hora de pensar nisso, não mesmo.

Não era hora de relembrar todos os detalhes e a maneira suave que seu corpo se entregava. Não quando estávamos de lados opostos. Especialmente quando estávamos na segunda reunião conciliatória, desta vez em frente a um juiz.

Minha pele conseguia revelar meus calores internos, mas não tinha como saber se Hannah estava sentindo tanto quanto eu.

Hannah era uma estátua de gelo enquanto trabalhava.

Distante e inviolável em sua austeridade severa.

A senhora promotora do ministério público, Hannah Williams, estava presente na audiência. Nem preciso dizer. O olhar de reprovação que me lançava, mui discretamente, quando podia, me mostrava que não era do meu lado que estava. Que não concordava com minha escolha de clientes. Que não entendia minimamente o porquê de estar defendendo Montesquieu. Quando, para todos, era claramente culpado.

Para o azar de Hannah, sou muito bom no que faço.

A tentativa de infanticídio foi facilmente contornada com as provas de que nem a senhora Rowling, nem Montesquieu conheciam o fato. Já que a própria senhora Rowling só veio a descobrir a gravidez após as discussões aquentadas do casal.

Isso não retirava a culpa, mas negava o dolo.

Montesquieu também negou ser o pai da criança. Segundo relatos médicos comprovados, uma violenta caxumba o tinha esterilizado quando era adolescente. Tudo deveria ser novamente provado, obviamente. Médicos seriam chamados para auferir a veracidade dos documentos apresentados.

Rowling exigiu DNA. O juiz mandou que fosse feito um. Isso nos deu algum tempo até a próxima audiência, já que um exame de DNA numa boa clínica, não levaria menos que vinte dias para ser concluído.

Montesquieu também não quis aceitar o novo acordo que Rowling tinha proposto - uma pensão para o filho durante um ano e um pequeno apartamento de dois quartos no Soho.

O sovina, filho de uma mãe, teria diminuído e muito os meus honorários, e meu trabalho, se tivesse aceitado. Eu já queria me livrar dele o quanto antes, assim não teria impedimentos para sair com Hannah livremente. Não seríamos mais inimigos no tribunal. Eu poderia investir, sem culpas, em conquistá-la.

Dispensei o motorista no dia de hoje, não achei que seria necessário seu serviço. Como o local de audiência não vazou para a imprensa, não precisei de alguém com curso de direção defensiva para me proteger de qualquer ataque.

Quando desci ao estacionamento do prédio, vi a promotora Willians indo para seu carro. Ela falava ao telefone e parecia verdadeiramente irritada com a tal ligação.

Mais cedo, tentei estacionar o mais perto possível de seu carro, para ter uma desculpa para me aproximar, para ter um motivo que justificasse a troca de olhares de desejo mútuo. Ainda assim, não estava tão perto para justificar uma possível conversa sem limitações de tempo.

Me aproximei dela e esperei que encerrasse a ligação.

Hannah não tinha me notado e ouvi um pouco da conversa. Quando desligou, jogou o celular para dentro do carro irritada. Já que a conversa não parecia amigável. Apertou um botão para que a capota fechasse e então, finalmente, virou para mim. Notando minha presença.

— Que droga, Cooper! – Hannah levou a mão ao peito – Não tinha mais o que fazer? Me assustou! O que quer? – Ela disse recompondo o penteado. Um rabo de cavalo alto que derramava, com todo vigor da sua força, cachos maravilhosos e cheios.

— Eu não quis assustá-la, desculpe. Apenas não consegui refrear o

impulso de vir até aqui. – Falei no mesmo tom suave de quando falamos no clube Triplo A.

— Melhor refrear da próxima vez. Adam Cooper, estamos num ambiente de trabalho. Não vou aceitar que seu descontrole me prejudique. Separe as coisas, já avisei antes.

— Você também avisou que não teríamos mais nada. Que eu deveria me afastar de você. Ontem nós estávamos tudo, menos afastados.

— O que quer, Cooper?

O olhar que lhe dei deve ter respondido por mim.

— Eu não posso fazer o que quer aqui.

— Apesar de ser tentador, admita. – Lhe sorri de canto.

— Adam, não se sinta tão importante. Não quero e nem vou ter o menor interesse em você que não seja os que já foram explicitados antes. Nos entendemos sexualmente, mas é só isso.

— Entendemo-nos muito bem, admita.

— Não compensa. Em todo o resto somos incompatíveis. – Disse dando de ombros e se sentindo vitoriosa.

— Em que não combinamos? – Perguntei irritado.

— Vou cansar meu maxilar de dar exemplos. Tem certeza que quer um?
– Respondeu num tom de ironia.

— Siga em frente. – Dei de ombros, adorava sua audácia.

— Você defende bandidos. Não passa de um filhinho de papai esnobe que encontrou na profissão um hobby imoral. Sou bem mais velha que você e não vou limitar as coisas que quero fazer para entrar num relacionamento com alguém inexperiente.

— Eu pareço inexperiente? – Falei me aproximando ainda mais. A altura dela lhe fazia parecer uma amazona, mas ainda não era tão alta a ponto de intimidar. Chegava ao meu peito. Então, mesmo com seu olhar bravo, não metia medo.

Hannah respirou fundo e a vi perder a linha de raciocínio por alguns segundos. Quando soltou o ar que prendia, sem perceber, falou num tom de quem está cansado de brigar.

— O que quer para me deixar em paz?

— Quero você.

— Não pode ter. O que quer em troca?

— Eu é que pergunto. O que quer em troca de algumas noites?

Eu mal proferi as palavras, notei o quanto elas eram desrespeitosas. Infelizmente, não tinha como voltar no tempo. Hannah já estava com um ar ofendido. No próximo segundo, a mão dela já fazia uma curva no ar e vinha de encontro ao meu rosto. Num sonoro tabefe que ecoou pelo ambiente.

— Não me desrespeite. – Ela falou irritada e soando verdadeiramente magoada – Tem noção do quanto consegue ser irritante sem nem mesmo abrir a boca?

— Perdão. Só percebi a ofensa depois de ter me pronunciado.

— Não tem desculpa. Não tem meia-desculpa. O que está pensando que sou? Você consegue mesmo acabar com todo meu controle só abrindo essa boca. Eu nem sei o que ainda estou fazendo aqui. Nem sei por que estou te ouvindo. Quer saber...

Hannah se inclinou para mais perto de mim. Puxou-me pelo colarinho, me fazendo inclinar. Então uma de suas mãos deslizou para minha nuca e me beijou irritada. Mordendo meus lábios com força ao final.

— Você é o homem mais irritante que tive o desprazer de conhecer. Não deve me perturbar mais, para o seu bem e o meu.

Eu ainda estava parado, feito um idiota, quando entrou no carro e acelerou para longe. Hannah tinha um beijo maravilhoso, absolutamente maravilhoso, e uma mão pesada.

CAPÍTULO 9



A LIGAÇÃO DE MONTESQUIEU interrompeu os meus planos de sair para correr pela manhã. A corrida sempre tinha sido a forma que encontrei de extravasar a minha frustração.

Fui convidado a ir até a bela casa de Montesquieu. Uma construção em estilo colonial que se ocultava entre os montes da cidade. Perto da casa de Hill. Montesquieu vivia lá desde que Elizabeth Rowling tinha feito comprá-la. Eu não sabia que meu dia iria piorar de maneira tão drástica assim que o visse.

A belíssima casa tinha todo tipo de quinquilharia velha que se encontra nas casas de pessoas ricas acumuladoras. Casas de pessoas que não se renovaram ao longo dos tempos. Apesar d'eu achar lindo os sofás Chesterfield, eu não os escolheria num tom de laranja-dourado tão chamativo.

— Adam Cooper, senhor.

O mordomo me apresentou antes mesmo de eu dar um passo para dentro da casa. Montesquieu veio, carregando sua barriga avantajada, até mim, com olhar furioso.

— Meu escritório, Cooper. — Montesquieu disse sem cerimônia.

O segui até a sala de moveis provençais e sentei-me na cadeira que meu cliente apontou. Em seguida, ele sentou-se na cadeira presidente atrás duma robusta mesa de madeira. Então começou a falar num tom amigável, mas perigoso.

— Desde quando tem ocorrido intimidades com a promotora do ministério público?

Eu sabia mentir bem. Uma característica da qual não devia me orgulhar como ser humano, mas que era uma forte arma para um advogado. O problema era que, se eu mentisse agora, tenho plena certeza que Montesquieu provavelmente começaria com uma enxurrada de acusações. Ele sabia, algo no modo como sugeriu a pergunta me mostrou que já sabia a verdade oculta no que tinha enunciado. Meu trabalho era apaziguá-lo do que a mente dele estava tramando.

— Há algum tempo, senhor Montesquieu.

— Então são amigos?

— Somos amigos recentes, mas, sim, somos amigos.

— Amigos beijam na boca um do outro no seu país?

— Perdão, senhor Montesquieu?

— Ontem, - Começou a falar orgulhoso de conhecer mais da verdade do que eu supunha - quando o meu motorista foi buscar-me, pude ver, do meu veículo, bem como qualquer outro transeunte que quisesse, o comportamento indecente de vocês naquele estacionamento.

Um velho dado a sair com garotas que nem tem peitos ainda, querendo falar comigo sobre comportamento indecente. Engoli um pouco do meu orgulho para falar num tom decente.

— Não considero o comportamento entre mim e a senhorita Willians indecente. Na verdade, isso não afeta em nada o meu desempenho profissional. A senhorita Williams...

— Senhora Willians.

Putá merda.

Hannah era casada?

— Não entendo como meu relacionamento com a doutora Williams pode interessar ao senhor de qualquer forma.

Eu sabia bem como poderia interessá-lo, mas não queria que pensasse que poderia me intimidar com uma dúzia de palavras.

— Ah, mas me interessa. – Montesquieu começou a dizer e tirou da gaveta do móvel uma caixa de charutos. Eu não conhecia a marca, afinal não fumo. Ele cortou a cabeça dum deles com os próprios dentes, cuspiendo num cinzeiro o pedaço moído. – A senhora Willians é a pessoa mais interessada em me condenar por agressão. Ela tem esse projeto sobre violência contra as mulheres e se interessa muito em me ver atrás das grades.

— Pela maneira que fala, a conhece de algum lugar do passado.

— Verdade, Cooper. Não é de hoje que a conheço.

Me fiz de sério para não transparecer a surpresa.

— Como isso pode interessá-lo?

— É necessário que eu explique? – Montesquieu redarguiu com os dentes sujos de tabaco.

— Certamente. Sinto informar que ainda não ficou claro.

— Essa tal promotora... – Ele disse e sorriu – Você está fazendo um bom trabalho. Ela pode muito bem ser comprada para sair do caso. Eu tenho alguns contatos, poderia colocar outro promotor em seu lugar. Basta que aceite sair do caso. Eu garanto que sua bonificação será boa se fizer que desista do seu posto e passe os papeis para alguém de minha confiança.

Eu sempre lidei com bandidos. Eu sempre soube como tratá-los. Mas, de alguma forma, quando o homem à minha frente quis inserir o nome de Hannah, que casada ou não, ainda me atraía, nesse seu conluio malvado, me senti enojado só de pensar em participar disso.

— Isso não será fácil. — Eu disse para acalmar os ânimos. — A senhora Willians não parece ser o tipo de mulher que aceitaria isso tão facilmente.

— Também acredito que não. — Falou em resposta — E estou disposto a agradá-la generosamente caso o faça. Toda pessoa tem seu preço, com ela não vai ser diferente. Deve haver algo que queira para sair desse caso.

— Eu não acho que esta seja a melhor estratégia, senhor Montesquieu. Hannah Williams parece ser uma profissional perigosa, se descobrir essa tentativa de suborno, poderia deixar a nossa defesa em maus lençóis. — Eu disse tentando dar um fim na discussão.

— Talvez não seja, para você, mas é para mim. Uma promotora envolvida num jogo de sedução com o meu advogado. Tentando usá-lo para conseguir provas que me acusem. Isso tudo pode não fazer sentido para você, que está no meio da situação, mas para mim, que vejo de fora, é a maneira mais fácil de afastá-la.

— Então por que ainda não fez isso? — Perguntei com a voz um tom mais alto. Eu já começava a perder a paciência com esse homem. Não me deixaria ser seduzido por suas ameaças.

— Por que eu espero que você faça. Esta conversa foi apenas para garantir que esteja ciente que, se não cumprir tudo como espero, também será implicado nesta história.

Levantei-me e peguei minha pasta, que tinha deixado repousando na outra cadeira, olhei para o velho homem suarento na minha frente. Meus pais me ensinaram a respeitar as pessoas, independentemente da idade, mas isso era me levar ao meu limite. Montesquieu não era uma pessoa de bem. Nunca foi.

— Não esqueça que sou seu advogado, senhor Montesquieu. Eu, mais do que ninguém, conheço as razões pelas quais o senhor quer que esse processo

acabe rápido. Eu conheço o processo de cabeça e sei bem que o senhor agrediu sim essa mulher. Tentar me implicar para que eu faça o que quer pode ser fácil, difícil vai ser se livrar quando eu contar ao júri tudo que sei sobre você.

— Isso é falta de ética. – Ele falou como se isso me amedrontasse – Perderia seu registro de advogado.

— E quem disse que eu tenho alguma?

O tom sério o fez perder a paciência.

Porém, ele precisava de mim. Tinha o rabo preso.

Eu já começava a me perguntar, do instante em que dei o primeiro passo para fora daquela casa, se valia mesmo a pena continuar nesse caso.

O dinheiro era muito importante, não tudo.

Eu tinha uma boa fortuna para me sustentar.

Eu nunca tinha desistido de um caso sequer em toda a minha vida, não iria começar a fazê-lo agora. Eu tinha que ganhar esse caso para não jogar meu nome na lama.

Cheguei à conclusão que não desistiria, mas também não poderia prejudicar Hannah e obedecer ao senhor Montesquieu.

Na noite anterior, busquei os dados de Hannah no LinkedIn e encontrei praticamente tudo que procurava. Endereço, telefone, e-mail pessoal. Nada sobre o fato de ser casada, por isso minha surpresa. Eu não queria deixá-la longe da verdade, a mulher precisava saber em que estava metida. Então liguei para o número do site e esperei que estivesse atualizado. Ainda não era horário de almoço, ela surpreendentemente atendeu.

— Advogado Cooper. – Hannah falou num tom sério.

— Está ocupada?

— Estou no Galileus.

— A trabalho?

— Não, estou num encontro.

Lembrei-me do Galileus. Um museu de arte Nouveau encantador, mas um péssimo lugar para um encontro. Quem marca um encontro, hoje em dia, num museu?

Perguntei enquanto refreava os ciúmes:

— E como está indo?

— Eu quero esfaquear todo mundo.

— Não suje sua roupa de sangue. – Respondi escondendo o sorriso da voz, não queria que visse minha felicidade por saber que a tinha estragado para outras pessoas – Estou indo buscá-la para almoçar em vinte minutos.

CAPÍTULO 10



NÃO DEI TEMPO PARA que Hannah argumentasse qualquer coisa, simplesmente desliguei e mudei meu trajeto para chegar ao Museu. Ainda não me descia pela mente que alguém tinha sido capaz de levá-la a um museu. Hannah é exatamente o tipo sensual de mulher que um homem venera na cama e o tempo fora dela é um lento martírio.

Paguei minha entrada e comecei a andar pelas exposições em busca dela. Os quadros pareciam gritar sua arte em meus ouvidos, mas eu não ligava para o ruído das pinturas, eu queria encontrar Hannah.

Andei apressadamente pelos corredores brancos com pinturas nas paredes e estatuas escuras. Minimalistas, lindas, corpos alongados de mulheres sensuais. Tudo muito bonito, tudo muito sensual, tudo nouveau.

Uma escultura tinha se sobressaído de todas, e não fora feita por nenhum dos artistas que expunham naquele museu. A escultura que eu tinha diante dos olhos usava um vestido apertado, de cor laranja, com uma fenda velada na parte das costas.

O homem, com quem esta escultura conversava, sorria. A escultura acompanhava, mas de alguma forma, eu soube que não era um sorriso verdadeiro. Ele também mantinha uma mão na cintura dela como se fosse um

de seus amantes, mas eu via o corpo dela tenso sob aquele toque específico.

Nem pensei no que falaria, simplesmente me aproximei, chamado pelo magnetismo incrível que nos atraía, e passei minha mão pela cintura dela, afastando a do cidadão que não reconheci de imediato.

— Vamos, Hannah.

Falei com certa ansiedade na voz.

Hannah percebeu minha intensidade, pois a senti arrepiar-se sob minha pele. Então se desvencilhou do toque daquele sujeito inoportuno e deslizou a mão para meu peito.

— Desculpe, doutor Evans. – Hannah se apressou a explicar – Eu vou precisar me retirar.

— Isso. – Eu disse acrescentando – Fui longe demais nessa história de deixar minha namorada livre. – Meu tom era firme, mas gentil – Os ciúmes que me atormentam não compensam o prazer que ela quer furtar de mim.

Primeiro Hannah me olhou com cara de quem não entendia nada, então me odiou um pouco, mas ao final aceitou minha ideia. Ela queria sair de perto daquele homem, não entendi ao certo porque, mas qualquer pedido dela era uma ordem pronta a ser obedecida.

— Como o senhor pode ver, – Ela se dirigiu ao tal doutor Evans – eu realmente não posso continuar neste encontro. Eu não sei onde Eva estava com a cabeça quando planejou isso. Eu até achei que fosse uma piada por algum tempo, mas não. Desculpe, não posso continuar num encontro quando tenho um... – Hannah olhou para mim com uma certa repreensão no olhar – relacionamento.

— Adeus, amigo. – Acenei com dois dedos e aproveitei a mão na cintura de Hannah para encaminhá-la para fora do museu e sentir um pouco mais do seu contato.

Deixamos o doutor Ewan diante duma das esculturas enquanto nos

encaminhávamos para fora. Ele parecia não estar entendendo nada. Senti pena por algum tempo, Hannah deve tê-lo deixado aéreo. Só a possibilidade de a ter o afetou. Virei meu rosto na direção de Hannah, ela teve que olhar para mim.

— Seu namorado merece um beijo. As saudades estavam me consumindo, não consigo ficar tanto tempo afastado de você.

— Meu namorado pode ir a merda. – Hannah disse num tom zangado, mas os olhos estavam divertidos.

— Já sei qual o seu problema. Está com fome. Por que não trouxe chocolate comigo? Mas não se preocupe, namorada. Vou te levar para ter um pouco de diversão e aproveitar uma saborosa refeição. Depois, se quiser, você pode ser a comida.

— Eu não disse que aceitava almoçar com você.

Hannah disse depois que saímos do museu. Andamos em direção ao meu carro, depois eu mandaria alguém buscar o dela. Se bem que não a vi com as chaves nas mãos. Talvez tenha vindo com o tal doutor Evans no mesmo carro. A ideia dos dois estarem tão perto me incomodava até os ossos.

— Também não disse que não. – Retruquei – O que já me deixa em vantagem. De qualquer jeito, serei educado. – Abri a porta do carro e falei no melhor tom polido e quente que eu conseguia – Aceita almoçar comigo? Prometo lhe dar um momento relaxante no meio deste dia turbulento.

Hannah sorriu um pouco. Eu adorava quando fazia isso. Embora ela fosse de uma sensualidade completa no escuro da noite, durante o dia, sorrindo desse jeito, tinha um aspecto doce.

— Veremos se consegue me dar o tal momento relaxante. Eu aceito almoçar com você, mas teremos que falar sobre o caso Montesquieu.

— Não, Hannah. Eu só falo sobre o caso Montesquieu em audiências supervisionadas. Você pode usar seus atributos para me persuadir.

— Quem sabe não já esteja fazendo isso? – Ela piscou para mim e entrou no carro. Eu fui tonto para não perceber que poderia haver alguma verdade no meio dessas palavras.

— Há algum restaurante que seja seu preferido?

— Vários. – Ela disse – Mas não vou facilitar as coisas para você, louro, me surpreenda.

— Farei isso, morena.

Hannah pousou a mão em suas próprias pernas elegantes e longas. Acelerei para o meu restaurante favorito. Não era muito longe e conseguia ser um refúgio calmo na selva de pedra.

Um bistrô devia ser uma boa pedida. Há um tanto de conforto, comodidade, privacidade. Exatamente como precisávamos agora. Entrei no local, o gerente veio me atender. Depois de alguns cumprimentos e mil cordialidades, ele nos levou a uma das mesas mais reservadas.

— Gostou do lugar? – Perguntei depois de sentar.

Hannah, muito discretamente, recusou minha gentileza de puxar a cadeira e sentou na cadeira em frente.

— Parece agradável. Bem decorado. Espero que a comida tenha tanta qualidade quanto o atendimento.

Eu achei que estava elogiando o atendente que tinha sido bastante amigável, mas então captei seu olhar. Ela estava irritada. Olhei na direção em que seus olhos escuros estavam fixos e vi as garçonetes observando-nos curiosamente. Especificamente uma delas. Porém não sabia do que se tratava esse ar de animosidade.

O garçom trouxe o vinho que eu sempre pedia e serviu-nos. Hannah sorveu do líquido, sem se preocupar em experimentá-lo primeiro. Ela tinha calor e achou que o vinho iria diminuir sua sede. Ambos sabíamos que a sede tinha outra casa tão visceral, uma outra necessidade básica.

— Então, quem era aquele cara? – Perguntei discretamente.

— Por favor, não me fale daquele sujeito. – Disse após tomar outro gole do vinho – Prefiro imaginar para sempre que essa manhã foi um pesadelo.

— Estava tão ruim assim? – Perguntei sem conseguir conter meu sorriso convencido. Ela conseguia conversar comigo tranquilamente. Isso era um bom começo.

— Estava terrível. Eu ainda não sei o que deu na cabeça de Eva, mas eu vou esganá-la quando a vir novamente. Ela achou que me cadastrar num aplicativo de celular era uma ótima ideia. Praticamente me obrigou a ter um encontro. Eu estava a ponto de dormir naquele museu.

— A companhia era chata? – Falei depois de tomar outro gole do vinho.

— Ele não falava nada. Ele trocou uma dúzia de palavras comigo em mais de uma hora. Ficamos apenas andando duma a outra ala do museu enquanto ele apontava para manchas escuras nas pinturas.

— Não vai me dizer que tentava achar significado nisso?

— Pior, dizia que elas pareciam com animais. Me senti numa sessão terapêutica.

— Deve ter sido assustador.

— Foi sim. – Disse e colocou as mãos cruzadas sob o queixo olhando para mim – Tão ruim que aceitei vir almoçar com você.

Espirituosa, ela me encantava cada vez mais. Baixei o olhar para ler o menu, apesar de saber exatamente o que ia pedir. Fingindo analisar um ou outro item para dar algum tempo para que ela escolhesse o prato.

— Está pronta para pedir?

— Você não vai fazer aquela coisa insuportável que os homens fazem achando que são encantadores, não é?

— Que coisa?

— Pedir por mim.

Eu já tinha feito isso algumas vezes antes, até um dia achar uma moça verdadeira o suficiente para me explicar o quanto aquilo mostrava falta de educação e de empatia. Que se ela não quisesse comer carne e sim um peixe, por exemplo, ela seria obrigada a comê-lo por gentileza.

— De maneira alguma. – Respondi, eu tinha aprendido a lição.

— Muito bom. – Hannah elogiou e já estava pronta para pedir.

Uma sopa de aspargos e filé de salmão à moda do chef para ela. Um bife de Kobe médio raro com abobrinha assada para mim.

O almoço foi agradável. Apesar de vários hiatos na conversa. Hannah me contou que não era casada e que nunca quis casar, mas que viveu num relacionamento longo por um bom tempo antes de perceber que o amor tinha esfriado e que era melhor terminar antes do desrespeito bater à porta.

Ela já tinha visitado o bistrô outras vezes antes, apesar do espaço sempre lhe cativar. Especialmente quando eles trocavam o tom da iluminação à noite, tornando-a mais colorida ou intimista, dependendo do dia. Também me contou que teria uma reunião em poucas horas. Como não tinha levado carro, já que sua antiga companhia fez questão de buscá-la no prédio onde morava com a amiga, eu deveria levá-la.

“Qualquer coisa por mais minutos ao seu lado”

Ela sorriu e revirou os olhos.

Hannah conseguia ser a mulher mais encantadora e quente mesmo fazendo as menores coisas. Quando meneava o pescoço num gesto suave. Quando movia os ombros, salientando as “saboneteiras”. Quando respirava um pouco pela boca e sua expressão parecia ser de uma sede interna que nunca se extinguiria.

Eu me apaixonava cada vez mais por essa mulher.

Quando saímos do restaurante, andamos até o estacionamento. Recusando o manobrista. Ele não insistiu, sabia que eu era cliente VIP, mesmo sem cadastro. Se eu pedisse, poderia até subir no letreiro da frente do prédio sem que me negassem.

Quando nos esgueirávamos para o veículo, girei o corpo de Hannah e a pressionei contra a parede. O estacionamento não estava tão cheio e não vinha mais ninguém pegar carro, a não ser o manobrista, mas de onde eu estava, conseguiria ver se alguma outra pessoa entrasse no longo corredor dos veículos.

— O que está fazendo?

— Eu estou morrendo de sede, sede de você. Vou beijar você, você vai gostar e vou sentir o gosto do vinho na sua boca. – Sussurrei contra seus lábios, descendo a boca por seu pescoço.

— Eu te poupo do trabalho. Minha boca tem gosto de aspargo, a sua de carne.

— Não seja difícil, mulher. – Eu deslizei meu queixo pelo lado de seu rosto e me encurvei mais até seu pescoço. Mordi aquela pele perfeita de leve e ela se encolheu enquanto soltava um gemido baixo.

— Advogado Cooper... – Ela falou numa voz sôfrega que me fez rosnar baixinho contra a orelha dela, cujo lóbulo eu brincava com os meus lábios e língua – Pode vir alguém...

— Estou tomando cuidado...

Eu deslizei minha mão pelo lado dela. Beije a boca dela bem forte e então tornei a espiar o caminho para ver se vinha algum carro. Esmaguei os seios dela sobre a roupa e deslizei minha mão para debaixo de sua calcinha.

Ela tinha se preparado para transar com aquele idiota do museu, não era possível. Como podia estar usando uma calcinha tão delicada apenas para um idiota que não soube ver o mulherão que tinha do lado.

Droga de mulher lisa, quente e macia.

Eu queria mostrar-lhe que apenas teria prazer nos meus dedos.

Deslizei para dentro dela dois dedos e deixei o meu polegar massageando sua intimidade. Hannah gemia contra mim, quanto mais eu movia minha mão para dentro dela. Com certa rudeza necessária para que soubesse que eu poderia dar-lhe o que queria, e que não precisaria de outro.

Não quando eu mostrava que sabia tocar seu clitóris com a destreza necessária para que gozasse em meus dedos. Quando aconteceu, quando me delicieei com o gemido baixo que ela dava quando gozava em mim, ouvi seu muxoxo desconcertado.

— Isso é tão errado. É errado em tantos níveis!

CAPÍTULO 11



PASSEI O DIA INTEIRO pensando em Hannah. Pensando em como seu sorriso se iluminou depois da nossa aventura no estacionamento. Cheguei a me sentir estúpido pelo sorriso que tinha ficado grudado no meu rosto desde o beijo caloroso que trocamos antes de entrar no carro.

Me lembrei da forma que Hannah se derretia contra mim. Lembrei da forma como seu sorriso se iluminou quando, traiçoeiramente, deu-me um leve tapa no rosto em seguida. Ela adorava isso, não era possível. Felizmente, para ambos, eu não tinha nenhum problema em ser flagelado pelas mãos dela.

Foram dois dias de trabalho intenso.

Eu tinha vários processos para atualizar, além de ter que checar meu rendimento do investimento em ouro na bolsa de valores. Meu coeficiente de rendimento não se igualando aos dias anteriores, por que sempre tinha uma imagem me atrapalhando.

A dela.

O modo como Hannah olhava para mim.

Hannah podia não estar apaixonada, mas a atração que sentia era como um sinal luminoso sobre a sua cabeça. Indicando que eu estava vencendo sua

resistência a passos largos.

Quando finalmente consegui resolver a lista de tarefas do dia, já eram quase dez da noite. Eu precisava ir ao treino, depois precisava duma noite de descanso.

Minhas noites de gerencia da Triplo A tinham acabado, então eu tinha longas e intermináveis noites em casa. Eu precisava de alguém para me fazer companhia, mas não uma que fosse embora na manhã seguinte. Precisava de uma que realmente ficasse comigo. Que acrescentasse valor à minha vida. Que me fizesse bem, assim como eu pretendia proporcionar experiências boas para ela.

Minha vida foi maravilhosa até eu encontrar Hannah. Agora, quando olhava para ela, tudo parecia sem sentido, vazio.

Cheguei ao apartamento.

Pedi um jantar e fiquei esperando que as coisas caminhassem normalmente. Enquanto o jantar chegava, tomei um banho e vesti algo apropriado para o exercício. Provavelmente, Ian já estava na academia me esperando. Quando saí do walk-in-closet, eu me surpreendi com minha visita.

— Surpresa! — Lanna disse com um sorriso no rosto. Suas curvas apertadas no uniforme sério de polícia. — Eu vim jantar. Não tinha nada na sua geladeira, a não ser uma dúzia de shakes de proteína. Eu não ganhei este bumbum fabuloso comendo coisas fitness.

— Eu podia estar pelado. Tem ideia disso, né? — Falei e joguei os meus sapatos, que estavam espalhados no quarto, no cesto de roupas sujas. Quando a diarista chegasse no dia seguinte, ia me dar uns tapas.

— Não acho que haja alguma coisa para se envergonhar.

Andei até o espelho que revestia a parede atrás da minha cama de casal. Penteei o cabelo ainda molhado. Lanna observava meu progresso e parecia nervosa. Digo pelo modo que ela mordeu os lábios pouco antes de eu lhe dar as costas.

— O que foi? Aconteceu algo? – Perguntei preocupado. Porém sem desviar os olhos do reflexo já que, de onde eu estava, Lanna não sabia que eu a observava.

— Nada de muito importante. Ian quer falar contigo. Ele... Porra. É melhor falar com ele antes de falar qualquer coisa mais.

— Ele já chegou, certo?

Lanna estava tensa. Estalou os dedos das mãos, hábito que vinha tentando parar há algum tempo, mas que sempre retornava quando ficava irritada ou estressada, ou tensa como agora.

— Sim, está na academia.

Apressei-me para o local. Eu não entendia direito o que estava acontecendo, mas podia supor que era algo sério pelo modo que Lanna estava nervosa.

Quando entrei na sala das máquinas, como eu tinha apelidado o local. Ele estava sentado numa pilha de colchonetes com as mãos apoiadas nos joelhos. Ele olhava para baixo, quase como se pesasse as palavras que falaria. Como se escolhesse as palavras certas para enunciar aquilo que estava deixando a mulher aflita.

— Quer falar comigo? – Perguntei sem cerimônias.

Achei que o que me falaria tinha a ver, de alguma forma, com a decisão de informar que não trabalharia mais para mim. O que não seria de todo ruim, já que os atritos da última reunião com ele ainda estavam nos envolvendo como uma aura negra. O problema é que eu sabia que esse problema que estava prestes a enunciar envolvia Lanna.

Eu não queria que ele a afastasse de mim. Droga, ela era a única pessoa para quem eu podia me abrir sem esperar ser julgado. A única pessoa com quem podia conversar sem reservas. Eu lhe contava coisas as quais não contava nem para a minha própria mãe, isso por que eu confiava muito na minha família.

— Quero. – Ele disse num tom ríspido.

— Envolve Lanna?

— Certamente.

Ian tinha colocado duas pilhas de colchonetes para sentarmos na mesma altura. Sentei imitando, quase como uma sombra, a sua posição. Então ele começou a falar. As palavras não eram tão assustadoras quanto a ideia que apresentavam.

— Eu procuro satisfazer a minha mulher em tudo. – Ian começou a falar, eu via que se sentia forçado a continuar – Temos uma espécie de liberdade, um com o outro, que não se encontra mais hoje em dia. Ela me contou que desde que soube que está interessado em uma mulher, seus sentimentos estão bastante confusos. Ela descobriu o que, até então, é uma atração física.

Eu mantinha silêncio. Não estava querendo seguir pelo caminho que Ian estava querendo me mostrar. Ao mesmo tempo, sabia que ao final de tudo, haveria uma recompensa. Como uma merda de um gigante pote de ouro no fim do arco-íris.

— Ela quer saber se esse sentimento é verdadeiro. – Ian soltou de uma vez depois de respirar profundamente.

— Desculpe... Eu... – Fiquei sem saber o que dizer no início.

Eu já estava vendo o momento em que Ian se levantaria, sem paciência, e teríamos que partir para as vias de fato. Porém, quando ele se levantou, colocando as mãos no bolso da calça do moletom, falou com voz firme e sem vacilo.

— Eu vou permitir que ela tenha o que quer.

— E o que Lanna quer?

— Que a compartilhemos na cama.

— Essa ideia partiu dela? – Perguntei. Queria ter certeza de que estava

suficientemente seguro para seguir adiante.

— Deve saber que sim.

— Está de acordo com isso?

— Darei à minha mulher o que ela quer.

Procurei as palavras certas. Eu já tinha feito ménage algumas vezes, mas nunca tinha feito com alguém a quem tinha me afeiçoado tanto. Eu não sei como seria estar com Lanna e ter que a ver como amiga depois disso. Eu queria ter essa experiência, mas não queria perder a amizade.

— Basta responder sim ou não.

— Por Lanna, sim. Farei isso.

— Eu já sabia. – Disse constrangido.

— Tem certeza de que está seguro disso? – Perguntei ainda outra vez.

— Sim, estou seguro. Lanna está no seu quarto. Disse que ficaria lá para o caso de aceitar. Eu não sei onde fica, podemos ir agora, se quiser.

Parei-o antes dele dar outro passo para sair da academia.

— Isso não muda nada entre nós? Quero dizer. Nossas relações de trabalho? Nossa amizade?

— Eu já disse. Sou um homem e vivo para agradá-la assim como ela vive para me agradar. Eu não tenho problemas com isso. O que ela quiser saciar no corpo, eu posso realizar. Posso oferecer. Assim como ela me oferece sua sensualidade. O que me assusta é achar que tem algum sentimento em relação a você. Isso sim é o que estamos tentando acabar nesse momento.

— Isso pode tornar as coisas mais confusas.

— Ela precisa disso.

— Tudo bem. Apenas não vem me beijar, ou te dou um soco. – Eu disse brincando com a sorte, mas só eu sorri.

— Isso não passou pela minha cabeça.

A ideia de dividir Lanna era muito mais chamativa do que a ideia de a afastar. Nesses momentos, não era como se eu estivesse pensando, como se estivesse raciocinando direito. Era como se minha outra cabeça estivesse tomando as rédeas de tudo. Como se minha obscenidade quisesse assumir o controle de mim.

Ela estava conseguindo.

Por que só conseguia pensar em posições sexuais.

Quando entramos no quarto, Lanna ainda estava tomando banho. Provavelmente, da forma que me conhecia, sabia que eu não iria negar sua vontade. Nem negar, a mim mesmo, minha satisfação, ainda que em prol da estabilidade conjugal dela.

Retirei minha roupa, ficando apenas com a cueca. Ian ainda se preparava para retirar a roupa. Entrei no duche e vi o corpo voluptuoso de Lanna através da parede de vidro que separava a área do banho.

Ela era linda em todas as suas curvas generosas.

Meu corpo falava por mim mesmo e, embora eu soubesse que estava acabando com nossa amizade dum jeito estranho, eu não conseguia me refrear.

Entre com ela no banho e deslizei minhas mãos pela sua nuca de cabelos molhados. Agarrei aquele belo rosto entre minhas mãos e a beijei. A boca dela tinha gosto de bebida refinada cuja safra fora perfeita.

— Adam... – Ela sussurrou contra minha boca e eu deslizei minhas mãos de sua nuca para seu corpo. Deixei que elas passeassem em seus seios antes de descerem para seu ventre.

— Eu não sabia que queria isso... Se soubesse, teria há mais tempo –

Deslizei um dedo para dentro dela e esperei que alcançasse meus lábios para começar o movimento.

— Eu também não... — Lanna sussurrou contra a minha boca e, em poucos segundos, tínhamos aprofundado o beijo.

Os seios de Lanna estavam esmagados contra meu peito. Ela tinha o volume certo nos locais certos. O que a tornava perfeita para pegar. Lanna deslizou a mão para minha roupa íntima e em poucos minutos ela jazia no chão de mármore líquido.

Ian entrou no chuveiro conosco. Ele virou a mulher para ele próprio e enquanto a beijava, acariciei as costas de Lanna. Deixando beijos ali até massageá-la por trás com os dedos. Pronto para entrar nela assim que Ian permitisse.

Ian trocou com Lanna um olhar de cumplicidade.

Eu já sabia que Lanna se prevenia, a ideia de ter filhos sempre a aborreceu. Afastei-me um pouco para trás no duche espaçoso e, pegando-a pelos cabelos, Ian fez Lanna se curvar para que eu pudesse me enfiar nela. Então apenas aproveitei quão molhada estava e me enterrei em sua boceta.

Enquanto eu me perdia dentro dela, com estocadas vigorosas, aproveitando toda aquela boceta e admirando sua bunda perfeita, Lanna chupava Ian e gemia contra seu pau quando eu aumentava as estocadas.

Eu precisava da boca dela ao meu redor daquele jeito.

Inclinei-me um pouco mais, para massageá-la com os dedos. Quando notei que estava apertando meu pau, louca de vontade de gozar, perdida com a sensação de poder aproveitar dois paus, e que tinha parado de encher a boca com o próprio marido, intensifiquei o movimento tendo o primeiro prazer da noite. Ian a fez terminar o que tinha começado. Gozou na boca dela.

Lanna então apertou nossos paus entre suas mãos pequenas, alternando as chupadas entre um e outro. Terminou bebendo um pouco mais de nossa porra e então fomos terminar a noite na cama.

CAPÍTULO 12



QUANDO VI O NÚMERO do visor no meu celular pela manhã, me senti um verdadeiro merda. Quanto mais o toque pungente no celular ressoava, mais minha culpa aumentava.

Ian tinha se retirado do quarto tão logo o ménage tinha acabado. Eu pude ficar conversando com Lanna. Colocamos as coisas em claro. Ela amava o marido, mas sentia uma atração por mim. Nunca achou que eu corresponderia, pois era bem-sucedido e galinha demais para assumir um tipo de relacionamento. Lanna amava Ian, mas também achava que era capaz de me amar.

Eu não tinha interesse nesse tipo de relacionamento no momento, deixei claro, mas ainda assim sinto que de alguma forma ofendi Lanna. Fui sincero, falei que, como já tinha dito antes, estava em outro momento, mas acho que fui mal interpretado em minha confissão.

Nesta manhã, depois de ter vivido uma das noites mais tórridas da minha vida, vi o número de Hannah no visor e me senti um pouco mais cachorro do que me sentia normalmente.

— Hannah... – Falei com voz saudosa.

Tínhamos trocado os números, mas ainda não tinha recebido uma ligação

dela. Então foi uma surpresa ouvir sua voz tão cedo. Justo nesta manhã, depois de rolar com Lanna na cama, a mulher a quem tão ferozmente tinha perseguido, achava de ligar.

— Sua voz parece cansada, está bem? – Perguntou num tom preocupado.

— Estou sim... – Apertei os olhos. A luz que invadia as janelas machucava um pouco, a vista da cidade cinza se revelava por detrás do vidro que protegia meu apartamento – Estou bem...

— Parece que a noite foi boa ontem, - Hannah disse – tomara que tenha se divertido.

— Hannah... Eu... – Merda, minha voz era de culpado.

Achei que seria muito melhor começar um relacionamento com a verdade. Se eu queria alguma coisa séria, se eu queria investir num futuro, não seria bom construir as bases dele sobre uma mentira. Não soube como reagir com a surpresa da voz dela, especialmente quando as imagens da noite anterior ainda passeavam diante dos meus olhos, então fui direto:

— Hannah, meus sentimentos por você não diminuíram. Na verdade, continuo tão obcecado por você quanto no primeiro dia em que nos vimos, mas preciso contar algo. – Respirei fundo antes de falar – Eu fiquei com outra mulher ontem.

Houve silêncio do outro lado da linha.

Eu cheguei a imaginar uma Hannah furiosa, digerindo a informação, enquanto apertava o celular nas mãos. Imaginava uma Hannah desligando o telefone em poucos segundos, logo após soltar uma dúzia de impropérios, mas o que aconteceu me deixou sem palavras.

Hannah começou a sorrir.

Eu comecei a me sentir ridículo.

— Hannah, não é engraçado. – Falei num tom baixo.

— Não é engraçado.

— Não é o que parece... – Apertei os polegares nos olhos para aliviar a pressão.

— Isso é apenas novo para mim, Adam. Nunca estive interessada em alguém tão novo quanto você. Sim, você tem experiência com o corpo, mas parece que a mente ainda está no século dezenove.

— Não é a melhor maneira de acordar. Me sinto idiota.

— Credo, Adam. Olha, não se preocupe. Não temos nada oficializado, não poderia exigir de você alguma fidelidade. Além disso, conheço meus limites e sou segura deles. Não vou privar você de experiências, não vou privar que aproveite sua vida, mas fico feliz que tenha me contado. Prova o quanto é maduro para assumir responsabilidades.

Respirei profundamente, ela continuou.

— Espero apenas que tenha se divertido. E estou muito feliz mesmo, sério, de ter sido honesto comigo. – Sua voz era tão maravilhosa pelo telefone quanto era quando estava perto.

— Foi divertido. Embora tenha me arrependido bastante disso na madrugada. Fico feliz que não tenha esgotado minhas chances depois disso.

— Não pense que sou uma megera. Você bem sabe que não sou uma mulher que exige fidelidade. O que eu exijo é lealdade, e isso você tem conseguido provar para comigo.

Respirei aliviado, finalmente, e olhei para a hora no celular, furtivamente. Eu tinha perdido umas boas horas na cama, não era bom perder mais tempo.

— Quer jantar comigo hoje?

— Ainda não sei. Tenho que checar meus horários. Vou te avisar mais tarde, pode ser?

— Vou esperar sua ligação. Queria muito que aceitasse.

— Vou fazer o possível, mas não fica chateado se eu não conseguir. – Respirou fundo antes de continuar – Adam, não pense que deixou de ser homem para mim. Apenas estava aproveitando novas experiências. Da próxima vez, me chama. Vou adorar te ver em pleno ato.

— Não desliga esse telefone...

Eu ainda estava com uma expressão surpresa na voz quando ela encerrou a ligação. Meu sorriso não se evaporou quando pensei em tudo que eu estava sentindo por essa mulher.

Hannah era muito mais evoluída que eu, que simplesmente não conseguia cogitar a ideia de a dividir com qualquer homem.

Liguei para Anthony que, dos três sócios do triplo A, era o mais ajuizado, mais velho, e o que parecia me dar melhores conselhos.

Alec era um bom amigo, mas seus conselhos iriam incluir tentar colocar Hannah em posição de submissão e obediência, e isso era uma coisa que eu não via Hannah fazendo nem em minhas fantasias.

— Olá, Adam! – Foi Rosie quem atendeu – Como está?

— Estou bem, Rosie. Posso falar com o Hill?

— Pode sim, me dá apenas cinco minutos para avisá-lo. Ele está finalizando uma reunião com o grupo de vendas dele. A palestra está no seu final.

— Hill? Palestrando?

— O casal está palestrando. Agora os dois juntaram forças. A senhora Ward está trabalhando no mesmo ramo que Hill agora.

— Uma boa surpresa.

— Sim, - Ela se interrompeu na ligação, então voltou à linha – vou passar o celular para o senhor Hill.

— Obrigado, Rosie.

Apenas alguns poucos segundos de silêncio passaram até Anthony atender a ligação.

— Adam? Algum problema?

— Por que tem que ter algum problema para eu te ligar?

— Porque, geralmente, quando você me liga, é por que está envolvido em algum problema. Apenas não esqueça que o advogado aqui é você.

— Muito engraçado. – Ironizei – Quero um conselho.

— Tem a ver com mulher, certo?

— Embora não se resuma apenas a isso. Eu estou interessado nessa mulher. Ela é realmente especial. E, como sabe, eu sou especialista em estragar tudo.

— O que realmente quer, Adam?

— Quero que as coisas deem certo dessa vez.

Hill pareceu pensar um pouco. Talvez se perguntando se eu realmente estava falando sério. Ele nunca tinha me visto pedir conselhos por causa de mulher alguma, era a primeira vez, isso deve tê-lo feito perceber que eu realmente estava disposto a investir em Hannah.

— Dê a ela um final de semana familiar.

— Um final de semana familiar? – Perguntei confuso.

— Leve-a para conhecer a sua casa, sua família. Se ela se basear apenas no que conhece de você, do Triplo A e dos jornais, bom, ela vai dar para trás num momento. Faça-a conhecer o verdadeiro Adam que ninguém vê. Funcionou com Phoebe, vai funcionar com ela também.

— Isso não é muito adolescente?

— Desde que não fique apenas falando de si mesmo, não creio que seja adolescente. Ela, talvez, ainda tenha dúvidas por não saber como você é numa família, num lar. Longe do ambiente tóxico de Nova Iorque. Preciso ir agora. — Anthony falou apressadamente — Ainda tenho uma tonelada de trabalho para resolver.

— Tudo bem, obrigado pelo conselho.

Hannah em um domingo familiar. A última coisa que eu teria pensado. Eu espero que essa sugestão não seja uma vingança por causa das várias vezes que já lhe dei conselhos furados.

Era muito provável que acabássemos fazendo sexo no meu antigo quarto durante o final de semana inteiro. Muito mais provável do que surpreendê-la com alguma parte de mim que ainda não conhecia. De qualquer modo, era válido.

Eu queria ver Hannah longe das audiências e do ambiente contaminado do triplo A. Queria conhecer Hannah, pura e simplesmente, como realmente era. Queria que visse também, em mim, as coisas que ainda não tinham sido mostradas. Esperava que quisesse conhecer a mim também.

Enviei uma mensagem para Hannah perguntando onde poderia encontrá-la. “Triplo A”, ela respondeu por texto.

Eu não imaginava que Hannah gostava das noites de dominação que Alec planejava, mas sabia que, mesmo a contragosto, eu iria encontrá-la no clube.

Ainda não era tarde, então eu teria umas boas e belas horas pela frente imaginando o momento em que a veria essa noite, desta vez no calabouço de Alec.

* * *

Quando a noite chegou, me sentei na mesa do bar, já no clube Triplo A, e

pedi doses e mais doses de bebidas enquanto a esperava. Meu olhar vagueava do copo para a decoração do ambiente.

O clube estava cheio de gaiolas penduradas. Uma espécie de prisão expositiva onde mulheres amordaçadas moviam-se em poses sensuais. Muitas delas, envoltas em cordas tão apertadas que sua genitália parecia estar em dor. Pares de seios amarrados, de forma apertada, por cordas brancas, pareciam a ponto de ter seus volumes estourados. As cordas apertavam os braços, magoando ligeiramente a carne, enquanto as mulheres remexiam-se, sendo massageadas pelas cordas, a qualquer movimento.

Era disso que Alec gostava. Ele era um doido.

Em certo momento da noite, quando achei que tinha sido ludibriado, que minha acompanhante não viria e me fazer esperar tinha sido a forma que encontrou para me castigar. Hannah apareceu.

A mulher estava vestida com um traje de montaria. Suas curvas sendo ocultadas pelos tecidos finos e colantes. Tinha um chicote nas mãos. Quando me viu, sorriu para mim, e fiquei duro apenas de vê-la com aquela roupa apertada. Percebendo minha apreciação, Hannah girou nos próprios pés, lentamente, e pude perceber o quanto adorava aquele traseiro maravilhoso que parecia implorar para ser fodido.

O problema: eu estava bêbado demais para conseguir transar sem cambalear. Tinha perdido o controle dos copos e os números começaram a ficar confusos uma vez que tinha álcool demais no sangue.

— Nossa, Adam, - Hannah comentou quando se aproximou de mim e segurou meu rosto, percebendo o nível de minha embriaguez - você acabou com meus planos para a noite.

— Desculpe... - Eu disse com voz trôpega - Eu queria que essa noite fosse perfeita.

— Está tudo bem. Acidentes acontecem. - Hannah disse suspirando e sorrindo da forma que apreciei seus seios no decote - Eu vou te levar para casa. Você descansa no caminho. Posso ficar lá e pela manhã conversamos.

Aceita?

Apenas acenei com a cabeça e permiti que me levasse para fora do clube.

CAPÍTULO 13



QUANDO ABRI OS OLHOS, notei que o quarto em que estava não era o meu. Minha cabeça doía como se eu a tivesse batido na parede diversas vezes. Uma veia latejava dolorosamente na têmpora direita. A pior parte de acordar com enxaqueca por causa da bebida, era não saber como eu tinha chegado ali.

Eu estava envolto em lençóis, o cabelo todo despenteado, num jeito de quem passou a noite rolando na cama sem descanso. Ergui os lençóis para confirmar minha teoria e, sim, eu estava pelado. Meu pau estava assado, como se tivesse fodido até cansar.

Vasculhei o quarto com meu olhar, à procura de minhas roupas, e não as encontrei numa primeira vista. Então procurei um sinal de reconhecimento em cada uma das mobílias daquele cômodo. Não havia alguma coisa que me lembrasse alguém.

A decoração era toda minimalista.

O chão, o teto, e as paredes eram de tons de branco gelo com rasgos de cinza, características de estruturas de concreto armado. A cama era enorme, ficava no meio do quarto que parecia mais um estúdio sem divisões. Havia também uma poltrona perto das esplendorosas janelas de vidro que

mostravam a cidade, mas nada além disso que me remontasse, pelo menos um pouco, à realidade de onde eu estava.

Foi então que ela surgiu no cômodo vindo em minha direção. Vestida com a minha camisa azul clara, segurando duas grandes tigelas com café. O cheiro invadia todo aquele espaço e eu sorria só de imaginar aquele primeiro gole batendo na minha alma e me alegrando. Hannah andou até a cama e sentou-se na beirada. Estendeu uma tigela para mim e tomei um gole do líquido preto.

— Isso está maravilhoso... obrigado.

— Achei que iria querer um pouco depois da noite de ontem. – Hannah disse e piscou para mim enquanto me olhava sugestivamente.

— Eu não lembro nada da noite de ontem.

— Não mesmo?

Me amaldiçoei em bom tom por este lapso de memória.

— Não me diga que... – Olhei para meu próprio corpo despido sob o lençol, para ela com a minha roupa. Como eu poderia não lembrar da noite de ontem? Minha vontade era de dar marteladas na minha cabeça para reativar a memória perdida.

— Digo sim. E digo mais, - Hannah acrescentou com um tom mais quente que o normal – foi tudo maravilhoso. Quando você bebe, você não se controla. Fica solto e selvagem. Foi realmente incrível.

Tomei o café inteiro, queimando um pouco a língua e a garganta, mas a dor era boa para despertar um pouco. Assim eu me mantinha alerta.

— Você é bom no que faz. – Disse depois de apreciar um pouco mais do seu café – e não me refiro apenas ao seu trabalho, me refiro a todo o resto. Talvez seja isso que me mantém curiosa a respeito de você.

Eu já estava observando seu rosto moreno sob a luz que invadia aquele espaço. Hannah era linda, linda era pouco para descrevê-la, era estonteante.

Eu nunca tinha sentido uma atração tamanha por alguém como sentia por Hannah. Nenhuma das mulheres que já fiquei no passado, com suas melhores combinações de roupa íntima, se comparava com Hannah de cabelo desgrehado, por uma noite de amor, e vestida apenas com minha camisa.

Era uma visão afrodisíaca.

— Onde estamos? – Precisei desviar o olhar dela para não começar a imaginar uma porção de coisas inconvenientes nesse momento. Meu pau estava assado demais, mas se ele levantasse, só dentro dela para ele se comportar.

— Verdade, não te falei onde estamos. – Ela se levantou e começou a circular pelo local. Minha camisa ia até quase metade das coxas dela, mas quando se movimentava, o tecido deslizava pelas suas coxas macias e revelava suas curvas. Eu conseguia ver o contorno de sua bunda fenomenal e um pouco da sua boceta quando girou – Estamos no meu escritório.

— Seu escritório?

— Sim, meu escritório.

Olhei para o ambiente enquanto a ouvi explicar:

— Depois de anos trabalhando para o governo, num ótimo cargo por sinal, consegui juntar dinheiro suficiente para comprar meu espaço. Agora vou poder trabalhar com uma equipe de advogados para tentar diminuir um pouco as estatísticas.

— Estatísticas?

— Sim, estatísticas que homens, como seu cliente, ajudam a construir e aumentar.

— Qual dos meus clientes?

— O senhor Montesquieu. Ou o senhor Jacobson. Qualquer um desses seus clientes que você tanto insiste em defender.

— Pelo dinheiro.

— Sim, Adam, mas a troco de quê? – Falou deixando as mãos penderem do lado do corpo – O dinheiro tem comprado até seu amor pelas pessoas?

Me joguei na cama, cobri o rosto com as mãos, e reclamei do assunto que só me trazia mais dor de cabeça. Por que ela não podia ficar quietinha enquanto meu pau latejava por sua boceta?

— Eu não vim aqui para falar de trabalho.

— Claro que não. – Hannah concordou em tom irônico.

— Eu vim para falar de nós dois.

— Não, você não veio aqui para nada. - A ironia na voz dela deu lugar a uma irritação – Eu te trouxe quando senti pena de você. Pena por estar trôpego de tão bêbado. Pena por que, quando ia embora, você veio atrás de mim, pelo clube, chamando meu nome.

— Eu não te pedi por isso. Bastava ter me deixado lá.

— Eu sei que não pediu. – Suspirou frustrada – Eu apenas pensei que as coisas seriam diferentes quando acordássemos.

Hannah tinha razão. Eu estava estragando tudo.

Em compensação, ela estava fazendo uma manhã perfeita, fora a ressaca, em que eu poderia estar chupando-a com vontade, virar uma discussão ideológica e profissional.

A culpa não era apenas minha, também era dela.

Levantei-me nu e não me importei que os prédios vizinhos estavam tão próximos e eu corria o risco de alguém olhar minha bunda branca. Andei até Hannah, lutando contra a dor de cabeça, e a pressionei contra a parede de concreto armado. Ao lado de uma das enormes janelas.

— Eu adoro você, Hannah. Não posso dizer que já tenha sentido algo

parecido por qualquer outra pessoa. Se quiser que eu faça qualquer coisa para ter você, basta pedir, mas não negue os pequenos momentos de prazer que encontro ao seu lado.

— Você fala isso da boca para fora. — Ela olhava-me aos olhos, desafiando. Ela adorava fazer isso. Mediamos nossas armas, nossos egos e, no final, ambos perdíamos para o magnetismo.

Estávamos cativos um do outro.

— Eu nunca falei uma coisa que viesse mais do fundo. Hannah, nunca fui mais sincero na vida quanto estou sendo agora.

Hannah engoliu em seco. Ela sabia qual seria meu próximo passo, então se adiantou, me ordenando num tom firme que não dava margem a qualquer dúvida.

— Não quero que me beije agora, Adam, também não quero fazer sexo com você agora.

— Tudo bem, posso conviver com isso. — Falei sinceramente, apesar de ainda não me afastar completamente — Apenas não posso conviver com seu desprezo.

Hannah sacudiu a cabeça, como se eu tivesse falado a coisa mais abominável nesse segundo. Ela olhou para o lado, depois para o outro e, quando tornou a olhar para meu rosto, tinha uma certa ferocidade que a tornava ainda mais linda e atraente.

— Muito bem, não quer conviver com meu desprezo, é isso?

Acenei positivamente.

Eu sabia o quealaria antes mesmo de proferir a primeira sílaba, mas me deixei levar pela correnteza. Agora eu sabia o que Hannah queria, agora sabia o preço que estava pedindo. Poderia fazê-lo? Valeria a pena se o meu prêmio fosse ficar com ela ao final?

— Diga o que quer...

— Adam, quero que faça seu maldito cliente, Montesquieu, dar o maldito acordo para a mulher dele. Eu quero de você um maldito acordo. Depois disso eu serei sua para o que quiser.

Afastei-me dela.

Era meu nome, todo o renome profissional que eu tinha construído, que ela queria jogar na lama por um simples capricho.

Ela queria vencer? Era isso mesmo?

Ela queria vencer a disputa comigo e minha derrota era o que exigia para que a tivesse em seus braços?

— Onde estão minhas roupas? – Perguntei irritadiço.

Eu sabia que, no final das contas, se ficasse ali mais tempo, acabaria fazendo exatamente o que Hannah queria. Por que sua presença nublava meus sentidos. Pesei as coisas na balança para tentar entender se realmente ela valia isso tudo. Se eu não estaria cedendo apenas a um capricho seu.

Me senti enganado. Usado. Senti que tinha feito todo esse jogo de sedução apenas por que queria me vencer no tribunal.

— Suas roupas estão penduradas no aquecedor de toalhas do banheiro. Fica aqui do lado.

Andei até o banheiro, pelo caminho que me apontou, e me vesti. Quando saí de lá, Hannah ainda estava na mesma posição que a deixei. Exceto que agora tinha jogado minha camisa sobre a cama. Hannah era uma estátua de ébano iluminada pelo sol da cidade. A admirei, enquanto pegava minha roupa, por alguns instantes.

Se antes me perguntei se realmente valia tudo o que eu iria sacrificar, eu tinha encontrado uma resposta. Eu estava sendo um idiota, tentado pelo próprio demônio que me insinuava o que eu estaria perdendo no acordo. Seu corpo nu magnifico gritava o quanto valia. O sacrifício valia por cada segundo que eu a teria na cama.

CAPÍTULO 14



— MONTESQUIEU ESTÁ PRONTO para recebê-lo.

Entrei na casa devidamente vestido, minha aparência alinhada não revelava o caos que habitava dentro de mim. Quem me visse, diria que era apenas mais um dos advogados de Nova Iorque sendo estressado pela sua multidão de casos.

No fundo do meu ser, minhas verdades se chocavam. Eu me sentia usado. Nunca antes tinha me sentido tão vulnerável por alguém. E agora me sentia usado por Hannah. Uma pessoa que deveria notar o quanto vale para mim.

Entrei na casa de Montesquieu. O homem continuava com a mesma cara de poucos amigos para mim. Ele acreditava que eu seria vencido pelos encantos de Hannah.

Ele estava malditamente certo.

Eu não estava sendo profissional.

— A que devo a honra de sua visita, Cooper?

— Eu precisei visitá-lo, Montesquieu. O caso tem se agravado.

— E o que sugere?

Merda, eu faria mesmo isso?

— Sugiro um acordo.

— Um acordo?

Ele falou a palavra como se fosse alguma ofensa. Ele falou como se fosse tão repugnante quanto quem a tinha proferido. Questionou com asco, me fazendo notar que não era tão inocente quanto eu sugeria para meus clientes. Em seguida, Montesquieu começou a sorrir. Gargalhou como um louco.

— Eu já disse antes, Cooper. – Falou assim que recuperou a seriedade – Volto a dizer agora. Não haverá acordo. Não pretendo dar um só centavo à minha ex-mulher. Nem um único centavo. Por mim ela pode morrer de fome e apodrecer no inferno.

Montesquieu parecia absolutamente resoluto.

— Aquela vadia folgada só tinha que me amar, mas não o fez. Aquela vagabunda deveria me venerar por eu sustentar a bunda preguiçosa dela por tantos anos, mas isso era difícil demais, não? Agora, depois de não me dar nada além de enfado e tédio, ainda quer dinheiro?

— Neste caso, Montesquieu. O processo vai se arrastar ainda mais. O acordo é a melhor saída.

— O acordo é a saída dos que não estão dispostos a lutar. Eu estou disposto a lutar, advogado. Você está?

Assenti. Hannah não iria acreditar em mim.

Eu esperava ter uma boa notícia. Muito mais para mim do que para ela. Já não tinha a mesma animação de antes quando lidava com Montesquieu. Sentia-me encurralado para obedecer suas vontades. Para obedecer sua ordinária vontade.

Ainda tentei persuadir Montesquieu por uma hora, mas ele estava mais

firme que uma rocha em sua decisão.

Saí de lá assumindo minha derrota. Assim que entrei no veículo, liguei para Hannah. Ela me atendeu no primeiro toque. Talvez estivesse ansiosa para que as coisas mal resolvidas que deixamos pela manhã, acabassem.

— Adam... Eu... – Estava procurando animo para me cumprimentar.

Hannah parecia querer me evitar. As palavras saiam sem vida, culpadas. Como se fossem prenúncios de um adeus iminente. Eu não queria ouvi-las.

— Hannah, eu conversei com Montesquieu...

— Adam, realmente não é uma boa hora.

— Hannah, me ouça, por favor... – Falei com um aperto no peito. Quase como se sentisse o objeto da minha obsessão sendo arrastado para longe de mim. Eu queria saber ler a droga dos meus próprios sentimentos e instintos. Eu queria saber por que tinha essa sensação angustiante.

— Adam, você conseguiu o acordo?

Respirei fundo.

— Não, Hannah. Eu não consegui.

— Que espécie de advogado é você?

— Hannah, Montesquieu está irredutível. Estou me esforçando, ok? Estou realmente tentando. Não me apresse, ou vou entender que só está nisso tudo para conseguir esse maldito acordo.

— Conhece minhas condições.

— Por que em lugar de me chantagear, não tenta você um acordo com a sua cliente gananciosa e aproveitadora? Vai me dizer que não se trata apenas de mais um caso onde uma vagabunda de quinta categoria casa com um homem rico e tenta enriquecer ao se divorciar? Qual foi o casamento dela, o terceiro? Rowling não passa de uma mulher fácil que está atrás de fortuna

mais fácil ainda. Está sendo igual a ela.

Hannah desligou o telefone.

Eu tinha passado dos limites.

Ela também tinha passado.

Agora as ofensas falavam por nós e gritavam em meio ao silêncio após o termino da ligação. Minha vontade foi de jogar o celular contra o chão e pisá-lo, mas adiantaria muito pouco e, no final, eu só ganharia o prejuízo.

Terminei meu dia de trabalho e fui para casa. Quando cheguei, Lanna estava lá. Ainda não tínhamos nos falado desde a noite do threesome. Eu ainda não sabia como as coisas ficaram entre nós. Se ainda teríamos a mesma amizade. Se ela já tinha aprendido a lidar com o que Ian tinha chamado “sentimentos”.

— Lanna.

— Espero que não se importe de eu ter vindo sem avisar. Eu queria um pouco de colo. – Lanna sorriu e apontou para a mesa de centro coberta de sacolas – Eu trouxe comida e bebida.

— Sempre que precisar. – Eu disse e suspirei frustrado – Me deixa só vestir algo mais confortável.

— Fique à vontade. – Disse. Seu sorriso inicial se apagando ao ver que não estava tão caloroso.

Apenas retirei a roupa suja, coloquei-a no cesto do canto do closet, depois vesti uma calça de moletom e uma camisa confortável. Então voltei para a sala. Lanna estava tomando refrigerante direto de uma latinha e me ofereceu o lugar ao lado dela para eu sentar.

— Vamos lá, me fale do seu dia. – Pedi para ouvi-la, precisava me distrair e esquecer um pouco dos meus próprios problemas.

— Os mesmos problemas das noivas de sempre. Apesar de eu chamar Ian

de marido e exigir que os outros o tratem assim, ainda nem estou casada e cheia de problemas.

— Continua. – Disse frustrado ao perceber que a ladainha não iria me fazer relaxar.

— Eu estou com a tensão espalhada por todo o corpo. Eu não sei se vou querer continuar com essa história de casamento grande. Acho que vou fugir para qualquer cidadezinha e casar só no civil. Eu não aguento mais provar sapatos.

— Pelo menos a parte boa está chegando, você ainda vai provar o cardápio do jantar.

— Ah, eu sei. Estou ansiosa por isso.

Lanna pegou uma caixinha branca de comida e começou a comer de pauzinhos. Ela se encostou no sofá e jogou o pé para mim. Peguei o pé trinta e sete dela e massageei os dedos com cuidado enquanto me contava os pormenores dessa sua pouco fundamentada preocupação.

— E eu estou pensando em fazer um vestido de cheesecake... - Lanna continuou falando.

— Ficaria bom, mas é bem arriscado. – Eu disse sobre sua sugestão. Ela queria testar se eu estava distraído. Apesar de estar um pouco, a estava ouvindo – Você o comeria antes de casar.

— Ah! Você está ouvindo.

— Claro que estou ouvindo. Por que eu não estaria?

— Por que você parece distante. Nem tocou na comida.

— Não tenho muita fome. Além disso, como eu comeria e faria massagem nos seus pés ao mesmo tempo?

— Tem razão. Mas quero que coma, vai lavar a mão para comer e vem me contar o que está acontecendo.

Eu fiz o que pediu. Voltei para a sala e comecei a conversar. contei tudo o que tinha acontecido. contei sobre Hannah outra vez, contei sobre a paixão que estava sentindo. contei sobre a forma como parecíamos nos encaixar quando despidos e sobre a forma como parecíamos nos desentender quando estávamos vestidos.

— Ao que parece, — Lanna disse — essa tal de Hannah parece estar querendo usar você.

— Do que você está falando? É sério isso?

— Estou falando sério. Eu acabei de notar as coisas que você não percebe. Eu estou de fora da situação e vejo tudo mais claramente. Parece que essa promotora sabe que está apaixonado e quer utilizar isso para não ter que se esforçar no tribunal.

— Não, não acho que seja isso.

— Sabe o que me espanta? — Lanna perguntou.

— O que?

— Primeiro e irrelevante fato, nossos nomes são parecidos. Segundo e relevante fato, você ainda cogita ficar com essa mulher mesmo sabendo que, no fundo, estou te falando a verdade.

— Lanna...

— Não, me escute. Eu sou sua amiga, Adam. — Lanna pegou meu rosto nas mãos depois de levantar-se — Eu quero seu bem. E não acho que ‘essazinha’ esteja realmente gostando de você.

— E o que acha que ela está fazendo, senhora sabe tudo?

— Eu já disse, é sério. Acho que essa mulher está se aproveitando da situação.

Eu não queria brigar, então acrescentei de modo pacífico.

— Vou levar isso em consideração quando tomar uma decisão.

— Faça isso. – Ela disse e se dirigiu à saída – Eu tenho que ir ao trabalho em pouco tempo. Você sabe que eu te amo, né?

— Sei sim.

Ainda fiquei olhando para a porta, pensativo, por alguns instantes depois que Lanna partiu.

CAPÍTULO 15



TERÍAMOS UMA AUDIÊNCIA hoje. Querendo ou não, Hannah teria que me ver. E, querendo ou não, teria que me explicar direito o porquê de não atender minhas ligações, nem responder aos meus e-mails na última semana.

Ela tinha muito a explicar.

Montesquieu continuava irredutível. Então apenas neguei com a cabeça o novo pedido de acordo de Rowling. Ela queria apenas um apartamento pequeno de dois quartos e nada de pensão. Mesmo assim, Montesquieu nem se dignou a conversar sobre o bem de valor esdrúxulo que pedia apenas para ter onde morar.

A audiência foi encerrada e a situação era a mesma de antes. Nenhum acordo, Montesquieu ainda mais irritado do que costumava ficar, e Rowling ainda mais decepcionada por ter diminuído ainda mais suas exigências e não conseguir nada.

O conselho de Hill não pode ser aplicado, então eu teria que encontrar uma nova forma de me aproximar de Hannah. Eu teria que fazer as coisas como meu instinto sugeria.

Desço até meu carro, assim que a audiência acaba. Eu não queria ter que pressionar Hannah para que me desse uma resposta, mas não tinha

alternativa. Eu teria que parecer um tolo apaixonado implorando por uma chance, uma explicação, mas o faria. Ela era alguém por quem valia a pena implorar várias vezes.

O carro de Hannah estava parado.

Eu apertava o volante, buscando retirar a ansiedade que me vinha afligindo, desde que a tinha conhecido, de minhas fibras. Eu queria que uma porra de uma dica caísse do céu para acabar com essa insegurança que aparecia quando se tratava dela.

Hannah saiu do elevador que dava acesso ao estacionamento. Ela falava ao celular e entrou no carro irritada. Bateu a porta e eu fiquei observando seu comportamento. A luz interna do carro estava escura, mas vi quando uma chama piscou duas vezes enquanto acendia um cigarro. Depois duma única tragada, apagou o cigarro no cinzeiro do carro e jogou o cilindro de toxinas amassado para fora do veículo.

Eu apenas a observava ao longe, incapaz de me mover.

Lanna me alertara que essa mulher podia estar apenas interessada num acordo rápido. Até mesmo Montesquieu parecia estar ciente de que ela poderia estar me manipulando.

No entanto, quanto mais eu pensava que poderia estar me usando, mais momentos em que me olhava com carinho se deslumbravam diante dos meus olhos, menos eu acreditava que isso poderia ser verdade.

Eu estou uma confusão, uma verdadeira confusão. A culpa é de Hannah por ter me encantado. Tão profundamente e em tão pouco tempo fui privado de minha razão que a sinto me fazer perder o chão.

Hannah ligou o carro e saiu do estacionamento.

Eu a segui enquanto saía, deixando alguma distância entre nós. Eu queria alcançá-la, fazê-la parar a droga do carro e obrigá-la a confessar que era tão fraca por mim quanto eu era por ela. Queria possuí-la até que todo o desejo que eu tinha dentro de mim fosse consumido e não sobrasse mais nada.

Que eu não fosse obrigado ao tormento a que vinha padecendo. O tormento que me mostrava que – quanto mais eu a tinha, mais a iria querer.

Mais cedo, antes de estar vigiando Hannah, deixei um recado com a secretária de Alec. Ele provavelmente o tinha recebido e por isso estava me ligando no momento. Por que fui atrapalhado pela sua chamada.

Eu iria desligar, mas quando estiquei a mão para desativar o aparelho, o sistema do carro atendeu a chamada de forma automática. Logo a voz de Alec invadiu o ambiente.

Eu tinha deixado um recado com a secretaria de Alec, ele tinha ouvido o recado, provavelmente, e por isso estava me ligando neste momento. Eu ia desligar, mas o carro estava programado para atender ao terceiro toque. E eu mal tinha esticado a mão, quando a voz de Alec invade o carro.

— Pode falar, Adam. Eu recebi seu recado.

Eu tinha que fingir algo, ou contar a verdade.

Droga, Alec era meu amigo, eu não ia ficar fingindo, se eu queria um conselho, precisava contar todos os pormenores.

— Me esclarece uma coisa.

— Claro. – Ele respondeu de imediato.

— Quais as chances de eu estar sendo enrolado pela promotora do caso Montesquieu, com quem tenho dormido, e que tem me sugerido um acordo?

— Ela é boa no que faz? – Alec perguntou de maneira séria.

— Na cama ou fora dela?

— Fora dela, claro. – Alec explicou.

— Já recebi uma boa dose de comentários sobre ela. Parece ser a melhor

no seu ramo de trabalho.

— Então não acredito que tenha se rebaixado a tanto. Se é boa no que faz, não acredito que tenha dormido com você em troca de um acordo.

— A própria me disse que eu deveria conseguir um acordo ou tudo estaria acabado.

— Deve haver mais coisas em jogo. Nem tudo deve ser esse preto no branco que você insiste em comparar.

— Muitas mais.

— Me encontra no Triplo A. Poderemos conversar sobre isso.

— Eu estou seguindo Hannah no momento. Não tem como desviar para conversar com macho.

— Mais um motivo para vir ao clube. – Alec disse abrindo meus olhos para o comportamento indigno – Assim não irá parecer um criminoso.

— Hoje realmente não vai dar, mas vou para casa. Talvez isso seja falta de descanso. Vou tentar esfriar a cabeça.

— Muito bem. Eu vou trabalhar, vai ficar tudo bem?

— Espero que sim. – Respondi.

— Que bom. Se comporta.

— Deve ser detestável cuidar de marmanjo.

— Com certeza é. Toma juízo.

Alec desligou e eu já estava desviando do meu caminho.

Foi então que aconteceu. Se eu não a tivesse seguido, não teria visto a cena que vi. Se não tivesse girado exatamente na última curva antes de voltar para a avenida principal e seguir para meu apartamento, não a teria visto

descer do carro. Não a teria visto estacionar o veículo na frente de um dos edifícios comerciais que pertencia a Montesquieu. Muito menos teria visto o sorriso no rosto dele ao cumprimentá-la e segurá-la pela cintura para levar para dentro da construção.

— Não, Hannah... Não... Você não fodeu comigo desse jeito.

Eu precisei tomar cuidado para não causar nenhum acidente. Assim que o semáforo impediu a passagem dos carros, eu estapeei tudo que podia ser estapeado do painel de controle.

Voltei para meu apartamento me sentindo a pessoa mais trouxa do mundo. Pronto para, agora sim, jogar o celular com tudo na parede e espatifá-lo tamanha a raiva que sentia.

Raiva de mim mesmo e de Hannah.

Estava prestes a fazer isso quando vi uma mensagem saltar no visor do celular.

Hannah:

“Estou falando com Montesquieu. Acredita que me ofereceu dinheiro para denunciar você ao conselho? Precisamos conversar urgentemente, posso ir aí? ”

Autorizei-a a vir, envergonhado, me sentindo culpado por ter duvidado. Culpado enquanto ela contaria sobre a forma que meu cliente quis usá-la contra mim.

CAPÍTULO 16



HANNAH RECEBEU MINHA mensagem. Dei-lhe o código de entrada para o apartamento. Por isso, quando as portas do elevador privativo se abriram no meu andar, eu já sabia quem estava entrando.

Eu já a estava esperando.

Ansiosamente, desejosamente, esperando.

Eu precisava acabar com as dúvidas. O desespero estava se tornando um artista exagerado que pinta suas vítimas com cores tenebrosas.

Quando me sorriu, sem que tivesse tempo para proferir uma única palavra, apressei-me para ela. Percorrendo o espaço que nos separava rapidamente. Então envolvi seu corpo nos meus braços, minhas mãos apertando sua cintura, enquanto minha boca devorava-a com beijos.

— Uau... Que recepção... – Hannah sussurrou, articulando as sílabas entre um sorriso.

Minha fome era tanta que não dava folga aos seus lábios.

— Senti falta disso... – Disse quando apertei sua bunda e deixei que meu dedo a provocasse na intimidade – Muita falta...

— Eu preciso contar uma coisa.

— Espere, por favor. Me permita primeiro foder sua boceta como nunca fiz.

— Estava esperando que pedisse...

Sorriu pouco antes de permitir, com um aceno de cabeça, que eu aproveitasse o sexo com ela. Sexo que era tão fácil e tão prazeroso. Absolutamente satisfatório.

Hannah usava uma saia lápis com uma fenda generosa na parte de trás. Ergui-a de leve para que meus dedos não tivessem mais o impedimento da roupa e apalpei aquelas nádegas maravilhosas. Seus saltos altíssimos ressoaram de leve no chão quando cambaleamos alguns passos até a parede. Seu perfume, doce e marcante, enchendo meus sentidos. Sua blusa, num gritante tom de verde, ressaltava a beleza da pele e provocava o olhar com leves transparências.

Eu mal podia esperar para ver o que usava por baixo.

Meus dedos habilidosos retiraram a blusa pelo alto. O par de seios morenos sustentados por um sutiã vermelho de renda apenas fizeram que minha boca salivasse pelos seus bicos. Retirei sua saia, abrindo o zíper lateral, e vi como sua boceta ficava maravilhosa escondida pela renda delicada.

— Vermelho fica perfeito em você... — Sussurrei contra seu ouvido enquanto ela também aproveitava para passear com as mãos por minhas costas. Suas unhas deixando traíçoeiros arranhões.

— Eu fico melhor sem... — Hannah respondeu de volta e nem pensei duas vezes para aceitar a sugestão e tirar o sutiã de fecho frontal.

Esmaguei o seio dela contra meu corpo, que já estava sem a camisa, e provoquei-a sobre o tecido da calcinha. Meus dedos exploraram mais e encontraram sua boceta molhada, provaram de sua excitação, e eu já estava latejando só de pensar em me enterrar dentro de sua boceta apertada.

Me desfiz da minha calça moletom sem dificuldade.

Coloquei Hannah de costas para mim, seus braços apoiados na porta que mal se fechara, e a fiz se curvar para que pudesse foder gostoso. Abaixei-me e cuspi em sua entrada já muito molhada, então rasguei sua boceta com meu pau duro como pedra. Louco para rasgar sua carne e enchê-la de minha porra.

Sua carne molhada me abraçava com vontade. Apertando meu pau que aproveitava para admirar cada centímetro de sua bunda redonda.

Hannah é sordidamente gostosa.

O pecado em forma de mulher.

Eu precisava me liberar dentro dela urgentemente.

— Goza para mim, Adam... Goza para mim... – Hannah arfava enquanto eu deixava que sua gula devorasse meu pau inteiro – Me enche... Oh, merda...

Apoiei uma mão em sua cintura, que parecia uma curva de violão, e a outra mão no seu ombro, puxando-a para trás para aprofundar o movimento.

Meu cabelo estava colado à testa de tanto suor. Os cachos de Hannah pareciam esculturas volumosas adornando seus ombros com caracóis escuros.

— Não... Não vou permitir que essa boceta gostosa não dê uma boa gozada... – Grunhi enquanto deslizava as mãos para seus seios, massageando o volume perfeito – Você vai gozar primeiro, você vai gozar para mim... E quando suas pernas estiverem tremendo de desejo consumado... Então eu vou te dar de beber...

Hannah gemeu e sua boceta apertou mais meu volume dentro dela. Eu deslizei minhas mãos para a boca volumosa dela, enfiando os dois primeiros dedos de cada mão, como se fossem mordaca, para abafar seus gemidos. Hannah começou a mordiscá-los e chupá-los com vontade enquanto gemia.

Essa mulher estava testando meu autocontrole.

Queria me ver gozar para cantar vitória.

Mas eu não sairia dela até que gozasse.

Eu não ia perder essa deliciosa batalha.

Tirei meu pau de dentro dela, que fispou reclamando de minha atitude, e levei-a até a varanda de casa. Os vizinhos estavam ocupados demais com suas vidas monótonas para se atentarem à minha varanda quase sempre vazia.

Hannah apoiou-se numa das cadeiras externas e seu traseiro ficou maravilhosamente arrebitado. Enfiei dois dedos em sua boceta, brinquei com outro na sua bunda. Gulosa, ela me engolia deliciosamente.

Quando percebi que estava prestes a gozar, aumentei o movimento e ouvi seu gemido quando se entregou à sensação. Foi minha vez de sentar na cadeira. Puxei-a para mim e a fiz sentar no meu colo. Minhas mãos apoiaram sua bunda e segurei sua bela traseira enquanto a ajudava a cavalgar no meu pau. Sentindo minha glândula invadindo sua boceta apertada sempre que subia e descia.

Sua beleza ficava ainda mais selvagem quando se entregava completamente. Ela se movia certa, sua cintura traçava um movimento perfeito. Ela apertava meu pau na medida certa sempre que deslizava para mais perto. O vento frio da cidade estava balançando os cachos e despenteando-os mais ainda. Dando ao seu rosto embriagado da luxúria um aspecto quente e selvagem.

— Fica quietinho e me promete uma coisa... — Ela pediu se curvando sobre mim e ainda deslizando sobre meu comprimento.

— Qualquer coisa...

— Me deixa te fazer ter prazer agora... Você está tão quente... e tão duro... E eu quero muito dar uns tapas na sua cara de tão safado que parece...
— Hannah apertou minha carne dentro dela — Se eu não te fizer ter prazer agora, quem vai ter sou eu.

— Então goza no caralho do meu pau... — Sussurrei contra sua boca, que

tinha buscado a minha, enquanto esmaguei o rosto dela entre minhas mãos. Intensifiquei o movimento. Deslizei meu polegar sobre seus lábios carnudos. Vi quando seus sentidos ficaram nublados pela intensidade do desejo que a consumia. Vi o momento em que gozou e suas pupilas dilataram.

— Você é muito desobediente... – Hannah falou contra minha boca depois de buscar meus lábios outra vez.

— Eu não tenho objeções. – Respondi com um sorriso malvado.

Hannah levantou-se e se ajoelhou diante de mim. Num minuto eu estava duro dentro de sua boca carnuda, maravilhosa e faminta.

— Você é gostosa demais... Boa demais para foder... – Falei enquanto a puxava para cima e beijava sua boca. Aninhei-a contra meu peito e sofremos um pouco no frio de Nova York antes de termos forças para entrar no apartamento.

Levei Hannah para o banho, liguei o misturador da banheira para que a água estivesse numa boa temperatura. Preparei um banho para minha garota. Quando a água alcançou uma boa temperatura, a fiz entrar. Entrei também e sentei-me atrás dela. Passei shampoo em seu cabelo, lavei sua pele e sua intimidade, com cuidado.

— Fica comigo... – Pedi enquanto mordiscava sua orelha delicada.

— Eu estou com você. – Ela respondeu de forma travessa.

— Não somente aqui e agora. Fica aqui nesse final de semana. A data da audiência foi marcada, temos um bom tempo até lá.

— Adam...

— Hannah, eu não tenho nenhum plano para este final de semana que não te envolva. Vou visitar meus pais e queria muito que estivesse comigo. Eu quero levar você.

Hannah ficou algum tempo em silêncio. Estava relaxando com a massagem dos meus dedos por seu couro cabeludo. Até soltava uns “huns”

sempre que eu acertava os pontos tensos. Quando peguei o chuveirinho e retirei a espuma do cabelo dela e deslizei o instrumento para que o jato fizesse uma massagem íntima, ela suspirou um pouco mais.

Quando os olhos dela estavam anuviados pelo prazer, Hannah me disse um “sim” embriagado. Eu me vi sorrir diante da possibilidade que se desvendava.

Talvez o conselho de Hill não fosse tão ruim.

Talvez, depois que conhecesse minha família, Hannah teria mais motivos para gostar de mim. Talvez isso ajudasse sua indecisão, por que, para mim, nosso relacionamento já era coisa decidida.

CAPÍTULO 17



ADMIRAR HANNAH ERA MUITO FÁCIL, especialmente em momentos como esse, quando relaxava. Quando observava a paisagem, feito menina, por trás de óculos escuros. Seus cachos soltos, sendo despenteados pelo vento, vez ou outra voltavam contra seu sorriso tímido.

Hannah parecia realizada, feliz, plena de uma maneira que contagiava. Eu nem conseguia discernir direito esta mulher faceira da mulher sensual que eu apertava nos meus braços no dia anterior.

Um jato particular nos levou até o aeroporto. Quando cheguei lá, o motorista nos esperou com o carro da família. Paramos durante a viagem, várias vezes, para que eu mostrasse para Hannah os lugares onde cresci. As casas sem muro onde meus amigos cresceram, o parque onde acampava na juventude.

Eu queria mostrar um pouco de quem fui, para que ela pudesse gostar de quem sou.

Enquanto as rodas macias deslizavam pelas ruas quase vazias, muito diferente da agitação caótica do trânsito da cidade, traziam uma sensação de paz. Continuamos conversando e admirando a paisagem. Eu, no entanto, notava que Hannah também estava diferente. Esse ambiente longe da Nova

Porque sempre correndo lhe trazia uma paz que talvez nem ela mesma se desse conta.

— Esse lugar é incrível... – Me falou depois de cruzarmos o parque de preservação do condomínio. Uma área relativamente pequena, cerca de quinhentos metros quadrados, mas que fora planejado para dar sensação de aconchego aos moradores durante suas práticas esportivas.

— É lindo.

— Não, você é lindo. – Hannah disse e me sorriu. – O lugar a que pertence também é.

— O lugar a que pertenço... – Repeti baixo o suficiente para que apenas ela me ouvisse.

Hannah olhava para mim expressando um misto de sentimentos. Embora pudesse analisar a atração que sentia por mim facilmente, também tinha muitos outros sentimentos latentes nela. Era essa dúvida, esse vacilo, no olhar que sempre me impedia de viver seguramente essa paixão. Fazia que eu me sentisse alguém de suas expectativas.

Era como se Hannah relutasse a confessar o que sentia para si mesma. Como se negasse a promessa em meu olhar. Promessa que garantia que eu moveria céus e terra para tê-la ao meu lado.

— Nem acredito que vamos conhecer sua família. – Disse tentando esconder a intensidade que vi em sua íris.

— Não vai se arrepender, eles são maravilhosos.

— Acredito em você.

— E caso queira, sabe que posso garantir a diversão. – Pisquei rapidamente.

— Ai, ai, Adam. – Disse fingindo aborrecimento – Não vai mesmo parar de se exibir como se fosse um pedaço de carne, não é?

— Um pedaço suculento e generoso de carne, você quis dizer.

Hannah fez uma careta, franzindo o nariz, sorriu um pouco e olhou para o lado de fora do carro.

O sol da tarde era um beijo muito doce sobre a pele dela. Ressaltava os tons de melanina perfeita. Hannah parecia ter sido forjada sobre esse calor, por que parecia completamente relaxada sob o luminar.

Quando chegamos à entrada da residência da família Cooper, uma bela casa em estilo georgiano de dois andares, Hannah sorriu de leve. Deve ter se assustado com a imponência do meu lar. Não era uma construção gigantesca, mas era grande o suficiente para criar uma família com conforto exagerado.

— Eu imaginei que teria crescido numa casa dessas.

— Numa casa dessas? – Perguntei sem entender o que quis dizer com a frase.

— Sim, uma casa tipicamente americana.

— Ainda não entendi. – Disse, ela parecia desconfortável.

— Paredes brancas, janelas azuis, um grande jardim florido que parece ser cuidado por mãos delicadas. Numa vizinhança muito cara, ostentando bastante dinheiro.

— Não, as coisas não são assim. – Eu disse ignorando o mau-humor que pareceu lhe afetar.

— Aposto que deve ter jogado futebol e namorado uma líder de torcida mimada.

— Futebol não, mas participei do time de natação.

— Ponto para mim. O que mais acertei?

— Pouca coisa. A vizinhança é cara, mas as pessoas daqui são bastante generosas. As casas são bastante antigas, embora pareçam novas por que são

reformadas. Se há alguém que ostentou dinheiro, foram nossos antepassados. Não somos esnobes.

— Ok, me desculpa.

— Mas acertou quanto ao jardim. As mãos delicadas da jardinagem são do meu pai, esse é o hobby que encontrou para relaxar.

— Adorei a quebra de padrões. Seus pais vão estar por aqui?

— Espero que sim. Minha mãe é chef, passa a maior parte do dia no restaurante. Meu pai, já deve ter ouvido falar, é juiz. Usualmente está de folga nesse horário. Além de dirigir as economias da família na bolsa, relaxa com as plantas do jardim quando está de folga.

— Eu errei quase tudo, você foi bastante generoso comigo.

— Não se preocupa, está perdoada.

— Sua família ser feliz. Basta olhar para esta casa... – Disse enquanto me acompanhava até a porta – Para você. Dá para ver que te fazem feliz.

— Eles me fazem sim.

Em pouco tempo, estaria apresentando-a à minha parentela. Além de algumas namoradas na adolescência, nenhuma outra mulher tinha sido tão importante ao ponto de eu querer apresentá-la para a família.

— O maior tesouro dos meus pais é a família. – Continuei a explicar pouco antes de entrarmos – A maior parte do que ganharam na vida foi destinada aos filhos, mas a outra foi direto para a caridade.

— Nossa...

— O que foi?

— Seus pais parecem ser maravilhosos. Como você foi sair um ambicioso sem escrúpulos desse?

Fiquei sem palavras.

Hannah ainda insistia em me ver pela ótica do tribunal. Me julgava pelas coisas que achava que sabia. Me julgava pelo meu passado de sucesso defendendo gente que não merecia.

Não lhe dei uma resposta imediata. Era preciso que apenas a convivência nesse final de semana, e talvez uma boa conversa, surtisse seu efeito. Talvez isso demolisse as barreiras que ela tinha criado.

Hannah e eu seguimos para dentro da casa, eu ainda tinha minha cópia da chave, e seguimos a profusão de cheiros apetitosos que relembravam minha infância e adolescência.

Em pouco tempo, estávamos chegando à cozinha profissional dominada pela minha mãe. Suas roupas simples ajudavam-na a se mover com agilidade por entre as bancadas para não deixar que seu tempero fosse prejudicado. Minha mãe era uma pessoa simples. Como agora, geralmente usava roupas casuais, pouco perfume e joias discretas. Ainda com tão pouco, era uma mulher cuja elegância excedia os enfeites.

— Adam! Filho, quanto tempo! – Finalmente ergueu o olhar para nós. Então, deixou os temperos de lado para vir até nossa direção. Primeiro me abraçou. Seu cabelo louro, único traço que nos unia porque no resto eu tinha puxado tudo ao meu pai, cheirava a baunilha – Eu estava morrendo de saudades! E, oh, meu Deus, quem é esta mulher adorável que o acompanha? Que linda mulher, Adam!

— Está é Hannah Williams. Uma colega de profissão. Também é a mulher que estou tentando impressionar este final de semana. Se conseguir, tenho certeza que aceitará ter um relacionamento sério comigo.

— Adam! – Hannah me advertiu com um gracejo para parecer brava, mas já tinha sido contagiada com a alegria e vivacidade de minha mãe. – Seu filho só tem tamanho, às vezes.

— Hannah, posso te chamar assim, querida?

— Por favor.

— Hannah, é um nome adorável. Sou Samantha O ‘Neil Cooper. – Minha mãe se apresentou - Eu criei os homens da família com muito mais modos que isso, mas eles teimam em me envergonhar.

— Acredito na senhora plenamente.

— Vai me ajudar a manter esse rabugento sob controle?

— Vou tentar. Posso ajudá-la a dar bronca se precisar, senhora Cooper.

— Oh, o que é isso? Me chame de Sam. É assim que os amigos me chamam. – Minha mãe virou para mim – Adam, leve as coisas de Hannah para o quarto de hóspedes depois desça. Preciso de ajuda com o almoço. Hannah, - Minha mãe já tinha desviado a atenção de mim – quer vir comigo? Eu acabei de tirar alguns folhados do forno. Estão numa temperatura ótima e pode experimentar alguns deles com a manteiga de caju que eu fiz.

— Eu vou adorar, mas não quero atrapalhar. Parece tão concentrada...

— Não vai atrapalhar. Adam sabe que adoro encher a casa de gente e fazer que todos comam do meu tempero. Também vou precisar que os dois vão, daqui a pouco, na mercearia orgânica do condomínio, tenho uma pequena lista de coisas para buscarem para mim.

— Será um prazer.

Deixei as duas conversando na cozinha e levei as bagagens para o andar de cima, para o quarto de hóspedes. Coloquei as malas no closet, e a nécessaire de Hannah sobre a cômoda perto da janela. Observei o local, tudo parecia no lugar.

Tudo, inclusive Hannah.

CAPÍTULO 18



MINHA MÃE FEZ QUESTÃO de nos dar uma educação rígida. Embora sempre tenha sido gentil, nos tornou pessoas com a cabeça no lugar e o pé no chão. Apesar da riqueza da família, ela nunca deixou que nos tornássemos arrogantes, desrespeitosos, ou mesmo que baseássemos nosso valor apenas nos bens que o sobrenome Cooper possuía.

Apesar das comodidades em ter uma larga casa e vários funcionários, nos colocava para realizar tarefas laborais desde cedo, tudo para mostrar que deveríamos ser humildes e, em nada, melhores que outras pessoas menos providas de bens.

Por isso uma tarefa simples, como comprar um produto qualquer na conveniência do condomínio, tinha se tornado uma coisa natural para nós.

A lojinha não ficava tão longe de casa, apenas alguns minutos caminhando. Nada demais. Como o clima estava absolutamente agradável para um passeio, pudemos relaxar durante todo o percurso.

Hannah parecia ter desabrochado nesse lugar. A tensão das audiências e batalhas jurídicas parecia uma realidade distante.

Deslizei minha mão pela dela, que não evitou meu contato, e andamos assim por todo o trajeto. Seu toque relaxado apreciando a intimidade

momentânea. Entramos na loja sortida e fomos até as prateleiras onde ficavam os galões de leite.

— Alguma coisa está errada.

— O que? – Perguntei curioso quando vi Hannah pegar dois galões de leite e verificar o rótulo de cada um.

— O preço.

— Talvez seja uma promoção para livrar-se de um estoque antigo. – Sugerir.

— A validade está boa, eles estão vendendo cinco litros de leite por apenas cinquenta e nove centavos. Isso deve estar errado.

— Provavelmente. – Eu disse – mas não vamos deixar de economizar às custas do erro da loja.

Hannah sorriu ao me ver colocar seis galões de leite no carrinho, e ainda colocou outros dois. Empurramos o carrinho de compras para o caixa e, no caminho, ela pegou uma barra de chocolate para dividirmos.

Eu podia jurar que estava se divertindo, sinceramente. Parecia verdadeiramente feliz. Hannah pegou um pedaço do chocolate e enfiou na minha boca com dois dedos. Eu sorri enquanto apreciava o sabor do chocolate ao leite na língua.

Então, um senhor à nossa frente, olhou para nós de cara feia. A quantidade de galões de leite no nosso carrinho deve tê-lo intrigado. Ele carregava apenas um galão da mesma marca.

O olhar condenatório mostrava que sabia que estávamos nos aproveitando do erro de algum dos repositores da loja para uma boa economia.

O senhor continuava olhando para nós dois disfarçadamente, de canto de olho, enquanto Hannah sorria e me oferecia mais chocolate.

Ele resmungou baixo alguma coisa que não entendi, algo que Hannah

ouviu. Ela cortou o sorriso que tinha nos lábios e encarou para o homem à frente, assumindo a posição de amazona que usava diante dos tribunais.

— Escuta aqui, senhor... — Eu falei esperando que acrescentasse o seu sobrenome, quando não o fez, continuei — Eu estou aproveitando uma oferta que a má impressão de etiquetas do supermercado causou. Qual o problema em estarmos comprando tantos itens? Sim, deveríamos avisar, mas estamos fazendo uma boa economia. O senhor não pode nos condenar apenas por que não quer, ou não tem, como levar a mesma quantidade de galões que nós.

O homem olhou para mim como se não estivesse entendendo nada. Hannah me pegou pelo braço, para que eu não desse um escândalo no meio de todos, mas eu não liguei. Eu não pretendia dar um escândalo, apenas queria que o homem se colocasse no nosso lugar e parasse de nos lançar esse olhar vexatório. Eu me sentia irritado por este homem querer arruinar a tarde perfeita.

— Pouco importa que o preço não seja esse. Vivemos num país livre e pagaremos o preço a menor que o supermercado está avisando. Eles devem ter mais cautela ao etiquetar os alimentos e, além disso, com o que cobram pelos demais itens da loja, brevemente irão repor qualquer possível prejuízo.

O homem sacudiu a cabeça e olhou para Hannah com tal olhar de desdém, que a realidade me invadiu como um soco na cara para que eu acordasse.

Esse homem não estava olhando para nós por que Hannah e eu estávamos aproveitando um erro de preço dos galões de leite, ele estava me recriminando. Discriminando Hannah.

Ele olhava para nós como se estivesse nos rotulando com a mais básica e desprezível das diferenças. Olhava para mim e me menosprezava pela namorada negra. Olhava para Hannah e a menosprezava pelo que julgava ser uma escalada social.

— Escute aqui! — Eu ia perder o controle, dar um escândalo, um escândalo de verdade, mas Hannah me abraçou pela cintura e repetiu contra meu ouvido enquanto me beijava no rosto.

— Não vale a pena, não vale a pena mesmo.

— Esse homem estragou nossa tarde. – Disse controlando a respiração apressada de raiva.

— Não, não estragou.

— Hannah...

— Já disse que não. Não se preocupe, tudo isso é pouco perto do que já passei pela vida. Esse olhar de desprezo não me abala, apenas mostra quem ele é. Nada pode estragar minha tarde enquanto você estiver ao meu lado.

Olhei-a com cuidado. O seu olhar era o de quem não tinha dado importância à essa ofensa. O sorriso perigoso e leve que me deu mostrava que iria processá-lo se falasse qualquer merda.

— Eu achei que fosse pelo leite, Hannah. – Disse ligeiramente encabulado – Desculpe não ter notado antes.

— Eu já disse para não se preocupar, Adam. Eu também achei que fosse esse o motivo no começo. Foi bom, muito bom mesmo, viver por alguns segundos num mundo onde eu era desrespeitada por me aproveitar de um erro de digitação, onde o racismo não mais existiria.

O homem ouviu a fala de Hannah. Como já estava passando as compras, pagou-as e levou-as até o carro no estacionamento. Eu ainda me perguntava como levaria tantos galões de leite para casa sem carro, afinal, viemos andando, mas a gerente, que se solidarizou com Hannah, ofereceu a ajuda de um dos moços que recolocava as mercadorias na prateleira. Ele empurraria o carrinho de compras e o traria de volta depois que chegássemos em casa.

— Adam Cooper. Os irmãos são parecidos demais. Como vai a família? – Respondi gentilmente à pergunta – Mande um grande abraço para sua mãe e diga que espero uma ligação.

— Farei isso. – Sorri de leve.

Steve, um garoto magro e que mal parecia ter dezoito anos, apareceu para

acompanhar-nos e trazer o carrinho de volta.

Já estávamos perto de casa quando Hannah quebrou o silêncio pesado entre nós, desde a cena no supermercado. Então falou, mais para si mesma do que para mim.

— Não é esnobe. Apenas um rapagão cheio de responsabilidades. Eu me pergunto quando tudo mudou.

— Hannah? – Chamei-a. Quando olhou para mim, acabou percebendo que tinha falado em voz alta, traindo os próprios pensamentos. – Estava falando de mim?

— Sim, falava sobre você. – Disse ligeiramente constrangida – Estou elencando suas qualidades e me perguntando...

— Perguntando exatamente o que?

Juntei as sobrancelhas, confuso. Hannah então falou com um jeito de quem buscava uma verdade para justificar sua pergunta.

— Como consegue ter uma família maravilhosa, ter crescido num lugar maravilhoso desses, mesmo com os contratempos, – Soube que estava se referindo ao racista – e ainda beijar sua mãe com essa boca que usa para mentir no tribunal.

CAPÍTULO 19



MEUS PAIS SÃO ANTIQUADOS quando o assunto se trata de mulheres dentro de casa. Eu posso dizer que minha mãe ainda nos vê como garotos irresponsáveis que poderiam entrar no quarto da moça bonita sob nosso teto e fazer “artes”. Por isso fomos limitados pelas imposições da minha mãe.

Meu pai estava conversando animadamente com Hannah, ele a admirava e conhecia o trabalho dela. Sabia da luta e engajamento nos movimentos de representação feminina e racial. Eu sabia que, por isso, ela tinha conquistado muitos pontos com ele. Uma pena que não olhasse para mim com orgulho. Meu pai era um homem bastante justo e nunca tinha me apreciado como profissional, pelo menos não como a apreciava nesse momento.

Meu irmão chegaria a qualquer momento. Tinha alguns dias de descanso da rotina tensa da faculdade, onde praticamente morava, e passaria o final de semana em casa. Meu irmão estudava gastronomia para exercer a profissão da nossa mãe.

— Diga, Adam, – Meu pai, Christopher, chamou a atenção. Eu estava bebericando vinho do porto, escolhido a dedo da adega da família, com o qual meu pai tentava impressionar Hannah – está mesmo lutando contra Hannah nos tribunais?

— Não diria que é uma luta, pai. Apenas outra batalha para emprego da justiça, eu estou ganhando.

Pisquei para Hannah que pareceu não gostar da piada.

— Sua vitória é que não será justa, - Hannah revidou – mas não será o primeiro advogado corrupto que vai conseguir tirar o cliente canalha das minhas mãos, infelizmente.

Meu pai sorriu e Hannah ergueu o pequeno copo de vinho como num brinde. Talvez fosse a atração que eu estava lutando para reprimir que estivesse me deixando irritadiço, mas levantei da poltrona de descanso e caminhei até a varanda para inspirar o ar da noite.

O último gole do vinho pareceu ser um bálsamo para meu peito apertado. Observei a paisagem fresca da noite, observei a quietude das coisas. Observei a mim mesmo sob os olhos de meu pai, de minha mãe, de Hannah e não gostei do que vi.

— Está tudo bem? – Hannah me perguntou vindo após mim. Minha mãe a tinha presenteado com um suéter horroroso, dos que ela mesma tricota, que Hannah fez a gentileza de usar. Embora a estampa colorida fosse risível, Hannah estava adorável – Por que saiu daquele jeito?

— Eu precisava de um pouco de ar. – Menti para aliviá-la – Não conseguia respirar direito ao lado do ego inflado de vocês.

— Sério? Não pareceu isso. – Hannah me pegou pelas beiradas da camisa e me fez virar para si – Adam, se falei alguma coisa que te magoou, me desculpe. Eu nem sempre controlo minha língua e acabo deixando que minhas lutas pessoais se envolvam em todas as áreas da minha vida.

— Está desculpada. Desculpe-me também.

— Por que exatamente? – Um sorrisinho muito leve brotou.

— Por tê-la feito sair da sala, deixar meus pais sozinhos. Devem achar que estamos brigando.

— Não, não pense assim. Sua mãe foi quem sugeriu que viesse para cá com você. Seus pais foram deitar-se mais cedo.

Observei seus olhos escuros sendo iluminados pelos pontos de luzes direcional da varanda. Observei seu rosto suave sob o escuro tom que lhe caía tão bem.

Essa mulher era perfeita.

— O que você viu em mim, Hannah? – Perguntei.

Queria que me fizesse acreditar que o que eu estava sentindo podia se alimentar de esperanças. Que as chances que eu imaginava ter não tinham sido dizimadas. Que as fantasias da minha mente, como a de massagear seus pés após um longo dia de trabalho, não tinham sido frustradas.

— O que quer dizer?

— Sabe do que estou falando.

— Não, não sei. Por favor, me fale.

— Minha mãe apenas tolera minha profissão. Ela não se gaba para as amigas e amigos que sou um advogado de renome. Meu pai me ama como filho, mas me abomina como profissional. Eu não sou, nem de longe, um bom exemplo de advogado. Não sirvo de inspiração para qualquer pessoa. Por que ainda está aqui?

— Você quer que eu vá embora? – Perguntou ligeiramente ofendida – É isso que quer dizer?

— Não. – Eu a puxei para esmagá-la contra mim num beijo ansioso – Você é a melhor coisa que me aconteceu nos últimos tempos. Por mim, jamais partiríamos daqui.

— Eu não estou entendendo, Adam. O que quer de mim?

— Quero ouvir de seus lábios algo bom sobre mim. Algo que me faça acreditar que há uma razão para que fique aqui e que não seja mero interesse.

A frase final saiu sem que eu me controlasse.

Foi dita sem que eu controlasse seu resultado.

Hannah, que tinha encostado a cabeça sobre meu peito enquanto me ouvia, se afastou por um pouco de tempo para encarar meus olhos e saber se eu realmente tinha dito a sério.

— É isso que acha de mim, Adam? Acha que estou contigo por interesse? O que acha que pode me dar para que eu esteja aqui com você? O que, quando tenho tudo que preciso e conquistei com minhas próprias mãos?

Não falei nada. Eu poderia pedir para que se acalmasse, mas não sou tolo. Qualquer um sabe que pedir a uma mulher furiosa que se acalme é a pior coisa a fazer num momento desses. Uma mulher nunca se acalma quando alguém diz “acalme-se”.

— Eu tenho dinheiro, Adam. Eu tenho um trabalho e sou capaz de me sustentar. E mesmo que não tivesse nem um nem outro, jamais precisaria fazer uma coisa dessas, pois sei ser forte para conseguir e lutar pelo que quero.

— Eu não quis dizer isso, Hannah.

— Não é o que parece.

— Eu apenas falei besteira, me desculpe.

— Me desculpe é a mãe.

Vi-a dar uns passos para longe, irritada. Então ela voltou falando com certa raiva:

— Quando Montesquieu me chamou para conversar, numa reunião muito suspeita, fiz questão de ir por que sabia que queria acabar com o processo de forma mais rápida. Eu poderia ter cedido. A oferta dele de me dar uma boa quantia de dinheiro e ainda acabar com sua carreira era tentadora, mas não cedi. E, se não percebeu, a primeira pessoa para quem contei do ocorrido foi você. Agora, não é apenas você está implicado, eu também.

— Hannah...

— Você vai me ouvir. Alguma vez me viu duvidando de você? Alguma vez me viu sugerir que se aproximou de mim para me prejudicar? Para acabar o caso mais rapidamente? Por que tinha interesse?

— Não, por que sabe que isso não é verdade. Você sabe que estou realmente interessado em você.

— Mas eu poderia suspeitar. Não é? Eu poderia brigar, eu poderia estar duvidando de você. Porém preferi confiar e não o contrário.

Me aproximei dela e a beijei num ímpeto. Eu não poderia perdê-la por uma bobagem que minha boca de trapo não soube segurar. Eu não podia permitir que se afastasse outra vez.

— Desculpe... Desculpe-me.

— Adam...

— Ouça, por favor, Hannah. Eu não quis ofender você. Apenas refleti verbalmente sobre minhas próprias inseguranças. Eu não sei lidar com a mulher por quem sou apaixonado. Você é tão mais complexa que qualquer pessoa que já tenha se aproximado de mim. Eu sei jogar com a conquista, mas não sei manter uma relação.

— Isso não é culpa minha, Adam.

— Eu sei, mas é você quem faz isso comigo. Me faz sentir completamente inseguro, me deixa parecer um garoto de merda diante duma mulher maravilhosa.

— Você não será um garoto de merda se não se comportar como um. Agora, me explica uma coisa?

— Qualquer coisa.

— Você se deu ao trabalho de ler os arquivos do processo?

Engoli em seco, eu sabia até onde isso iria chegar.

— Não leu, não é?

Acenei negativamente.

— Eu tenho um pessoal qualificado que faz isso, preciso apenas ser inteirado sobre os tópicos da minha defesa.

— Eu sabia. Você é o tipo de advogado que confia no cliente de forma cega. Montesquieu é um lixo de ser humano e está te contaminando quanto mais trabalha para ele.

— Não sou tão facilmente influenciável.

— Não é o que parece. Pelo amor de Deus, Adam. Apenas leia a merda do processo inteiro. Faça seu trabalho direito.

— Hannah...

Ia pegar a mão dela antes que saísse. Se entrasse agora, iríamos embora brigados. Quase como se este dia não tivesse valido nada. Como se não tivesse adiantado tudo que fiz para conseguir pouco espaço na vida dela.

— Não. Eu não quero ficar... – Hannah retirou a mão do meu toque – Apenas leia a merda do processo. É tudo que peço.

CAPÍTULO 20



OUVI A SUGESTÃO DE HANNAH, dispensei os meus funcionários da tarefa e iria reler todo o processo. Eu estava tão seguro com o que fazia, que já não me dava mais ao trabalho de ler todas as provas, apenas delegava tarefas. Não me importava com a outra parte, desde que saísse vitorioso com a minha.

Tudo mudou quando a conheci.

Pela primeira vez, talvez em toda minha vida, eu estivesse finalmente cedendo. Sempre fui bastante ferrenho com minhas defesas, transformando bandidos em inocentes, lutando mesmo que minha mente insistisse que aquilo não era tão importante. Meu trabalho se tornou a coisa mais importante da minha vida. Minha família sempre veio em primeiro lugar, mas, em algum lugar neste longo caminho, acabei deixando que os pagamentos abastados falassem mais que meus ideais.

Era madrugada quando ouvi a porta abrir. Por um segundo, pensei que fosse Hannah, mas era meu pai. Ele entrou no quarto, muito silencioso, como se eu ainda fosse um menino de dezoito anos, sentou-se na beirada da cama para falar comigo.

— Eu sei que está acordado, Adam. Quando dorme ronca feito um motor

antigo. Precisamos conversar.

— Aconteceu alguma coisa?

— Comigo não. – Acrescentou após um tempo – Espero que esteja tudo bem com a promotora Williams. Eu não queria causar uma discussão entre vocês mais cedo.

— Não estamos bem agora, mas ficaremos. Basta que lhe dê um tempo para se situar. Hannah não tem o costume de sair com alguém como eu.

— Alguém como você?

— Sim, alguém que defende pessoas por dinheiro.

— Está sendo irônico, isso não é maduro. – Meu pai falou no seu tom sério. Seu cabelo grisalho, bem cortado, brilhava sob a luz do abajur. Meu pai parecia comigo, foi uma pena não ter herdado da hombridade dele. – Talvez, para Hannah, seja difícil te ver defender pessoas erradas. Sendo que não precisa do dinheiro. Isso te faz parecer uma pessoa inescrupulosa.

— Eu não quero discutir isso. – Cortei a conversa.

Era estranho falar sobre Hannah com meu pai. Por que eu sabia que estava pendendo para o lado dela, por ser uma justiceira social, me fazendo sentir ainda pior.

Por que isso revelava verdades que eu mesmo não queria confessar. Eu, Adam Cooper, que defendia os clientes tão ferrenhamente, era um vilão em minha própria história.

— Apenas resolva as coisas. – Meu pai disse num tom de sabedoria – Não vale a pena brigar com as pessoas que amamos.

— Farei isso. Vou dar um tempo para que Hannah esfrie a cabeça e vamos conversar logo cedo. Andrew vai chegar e vou levá-los para assistir uma partida de hockey.

Meu pai, o respeitável juiz Christopher Cooper, que nunca perde a

paciência com ninguém, pareceu tê-la perdido desta vez.

— Adam, me ouça.

— Pode falar. – Comentei irritado, querendo que a conversa acabasse.

— Apesar de não aprovar o ramo de trabalho que escolheu, nunca o condenei pelas suas atitudes profissionais. Deixei o caminho livre para que escolhesse o ramo em que quer atuar, mas você tem apenas trinta anos. O peso de suas responsabilidades ainda não caiu sobre seus ombros. Ainda faz as coisas pelos motivos errados e ainda não perdeu por causa dessas escolhas.

— Pai...

— Apenas estou pedindo que avalie o caminho que traçou. Você é um brilhante advogado, mas está encantado pelo glamour das vitórias. Lembre-se que sempre há alguma verdade no que perde e deve conhecer esse lado. Se não agir certo dessa vez, você também vai perder.

— Impossível, não perco uma disputa judicial há anos.

— Não falo dos tribunais. Falo da promotora Williams. Hannah foi embora há pouco. Disse que precisava trabalhar, mas sua sabemos que essa afirmação não foi de todo verdadeira.

— Como assim Hannah foi embora?

Me levantei da cama e andei pela casa. Não podia ser verdade. Fui até o quarto de hóspedes e a procurei, também vasculhei quase todos os outros cômodos.

Quando voltei para o quarto, meu pai estava esperando ao lado da porta. Seu jeito sério e analista, adquirido dos tribunais, que parecia sempre estar me julgando, desta vez sentia pena.

— Eu sempre te alertei. Um dia seu estilo de ganhar a vida, como se precisasse disso, poderia fazê-lo perder as coisas que ama. Eu lamento que tenha sido sob meu teto, pois não queria ter que ver a dor em seus olhos.

Christopher foi para o quarto e vi, no seu andar pesado, um pouco da decepção que eu lhe impunha sobre os ombros.

Meu pai não estava errado, eu estava.

Entrei no quarto, bati a porta com força, andei até o computador de mesa e enviei um e-mail para o escritório. Queria, assim que amanhecesse, o processo com todos os adendos sobre minha mesa.

Depois disso, mal consegui dormir.

Minha mente era inundada por flashes dos momentos junto de Hannah, das vezes que suspeitei dela e da lealdade para comigo. Lealdade provada quando me avisou da tentativa de suborno.

Eu deveria ter enfiado minha língua no...

Deveria ter calado a boca quando tive oportunidade.

Ainda nem tinha amanhecido quando entrei fui me despedir dos meus pais. Minha mãe insistiu para que eu comesse alguma coisa, mas recusei, eu não tinha fome.

Meu pai se ofereceu para me levar ao aeroporto, mas eu sabia que devia estar cansado, não quis acordá-lo cedo numa de suas escassas folgas, então pedi que me cedesse o motorista, único luxo que minha mãe se dava ao trabalho de dispor, já que odiava dirigir, para que não precisasse buscar o carro no aeroporto.

Observar as ruas sozinho não tinha a mesma graça.

Hannah fazia extrema falta, ainda que fosse para ficar observando a paisagem do banco do carona. Sua falta me fazia pesar todas as coisas da minha vida.

Que merda de vida.

A obsessão por Hannah nasceu no instante em que nossas peles se tocaram. Causando-me um novo vício. Já não me acho capaz de viver sem

ela.

Que merda estou pensando? Hannah foi embora e levou consigo o resto de razão que eu tinha?

No aeroporto, mesmo conseguindo alugar um helicóptero, não consegui um horário de partida imediato. Tive que esperar duas horas até que a força aérea liberasse nosso trajeto.

Enquanto esperava, procurei Hannah pelo aeroporto, quem sabe não estaria ali? Quem sabe não tinha conseguido um horário imediato num voo para Nova York? Quem sabe, agora, seria obrigada a ficar esperando o helicóptero ao meu lado? Quem sabe eu poderia usar toda minha persuasão para mostrar o quão obcecado estava? Quem sabia poderia provar o quão viciado eu estava no cheiro da sua pele, no modo como gemia sob meu corpo em cada toque compartilhado?

CAPÍTULO 21



— LANNA? – ME SURPREENDI quando cheguei em casa e vi minha amiga fardada sentada no sofá da sala. O marido dela parecia estar também, pois ouvi barulho vindo da academia.

— Surpresa! – Lanna disse em tom alegre.

— O que está fazendo aqui? – Perguntei num tom não tão animado, deve ter percebido que estava para pouca conversa.

— Ah, espero que não se incomode. Usei sua casa ontem à noite, já que não estava aqui.

— Na verdade, me incomoda sim. Deveria ter pedido minha permissão. Não me alegra saber que usaram minha casa sem meu consentimento. Não costumo ceder espaços para visitas quando não estou por perto.

— Desculpe. A diarista me disse que não estava em casa, tinha viajado com a namorada, achei melhor não ligar para não atrapalhar o dia de vocês.

— Poderia ter ficado num hotel. Vou precisar do local liberado. Podem escolher um quarto num hotel da cidade, pago a estadia de vocês.

O olhar que me deu mostrou que estava surpresa com a minha oferta. Não

de uma maneira boa, mas por ver que tinha abusado da liberdade que eu lhe tinha concedido.

Não fiquei mais tempo naquele ambiente, irritado como estava, decidi que era melhor não procurar mais confusão. Fui ao escritório e deposei ali a maleta gorda com todos os documentos pertencentes ao processo. Ainda tinha muito a fazer no dia e já estava começando meu dia com estresse desnecessário.

— Ei, está tudo bem? – Lanna me perguntou quando veio até onde eu estava – Pareceu-me bem que ficasse aqui um pouco. Se soubesse que causaria tanto mal, teria ido eu mesma para um hotel.

— Eu me surpreendi, ok? – Respondi de forma dura – Vou dispensar Ian, tenho bastante trabalho para fazer hoje e não quero ser atrapalhado. Agradeço se puderem fazer isso depressa.

— Parece que está com algum problema, quer conversar?

— Não. Quero descansar um pouco. Como já disse, vou trabalhar. Preciso ler uma pilha de papéis hoje. Depois vou me beber alguma coisa até esquecer meu nome e não quero plateia.

Lanna se levantou, me lançando um olhar de reprovação, então foi à academia. Dispensei Ian então aproveitei para tomar banho.

Deixei que a água corresse por mim, que a temperatura morna lavasse meu estresse. Fiquei parado sob o líquido numa temperatura confortável e esperei que minhas tensões fossem embora.

Elas insistiam em ficar.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas esperava que não tivesse perdido um bom par de minutos. Só abri os olhos quando fui surpreendido por mãos delicadas me envolvendo pela cintura e entrando comigo no banho.

— Vai ficar tudo bem... – Lanna disse com voz quente – eu posso te fazer relaxar. Ian já foi, estamos apenas nós dois.

Lanna estava nua. Seu par de seios volumosos se esfregou contra meu corpo nu. Minha tensão não tinha ido embora e meu juízo quis me fazer descarregar a raiva nela, mas eu ainda tinha racionalidade. Isso não era certo. Eu precisava de alguém, mas não era ela esse alguém.

Lanna procurou meus lábios com a própria boca.

Deslizou a mão para meu membro, que pensava por si próprio e começava a ficar endurecido, e sorriu ao ver o efeito de sua massagem. Recostei-me contra a parede enquanto a vi descer para massagear-me com a boca.

— Merda... – Reclamei – Levanta, Lanna, para com isso.

— Vai ficar tudo bem. Sei que está irritado, prometo que vai esquecer todos os seus problemas.

— Eu disse para parar, Lanna.

— Adam... Eu sei que quer...

Tentava convencer a si mesma, mas eu não estava tão desejoso de sexo, pelo menos não com ela. De qualquer forma, não iria ofendê-la quando estava visivelmente confusa.

— Escute, Lanna. Sei que você é maravilhosa, mas não quero isso. Não quero desrespeitar Hannah, Ian ou você. Você tem um relacionamento, eu estou querendo entrar em um.

— Não pareceu se importar com isso há um tempo atrás.

— Aquilo aconteceu de forma planejada. Foi consentido. Foi maravilhoso, mas ficou no passado.

— Está preocupado com Ian? – Ela me interrompeu zangada. Queria uma resposta rápida. Eu não tinha a resposta que queria.

— Em parte, sim. Porém, não é Ian quem me passa pelo pensamento agora. Eu não posso fazer isso comigo mesmo, eu estaria mentindo. Não

posso fazer isso com Hannah, pois estou apaixonado por ela e lhe jurei lealdade. Também não posso fazer isso com você, Lanna, eu estaria apenas te iludindo.

— Me iludindo? – Lanna perguntou com uma dúvida no olhar. Creio que não sabia que seu companheiro tinha sido sincero comigo. Talvez pensasse que Ian não me falou sobre o fato dela estar nutrindo sentimentos platônicos por mim.

— Ian me contou tudo.

— Ele não devia! – Falou irritada.

— Talvez não, mas foi bom.

Lanna olhou para o outro lado, envergonhada demais para olhar ao meu rosto. Falei para que percebesse que eu tinha uma posição firme sobre isso.

— Acho que está confundindo as coisas. Deve estar enciumada por que estou gostando de alguém. Não vejo outra explicação.

— Não estou confundindo nada, Adam. Eu gosto de você. Eu quero conquistar você, ficar com você. Eu também gosto de Ian, eu o amo demais.

— Isso não parece muito egoísta da sua parte para conosco?

— Sim, eu sei, mas não sei se sou capaz de abrir mão de vocês.

Eu sorri um pouco, olhando para minha própria situação. Notando o quão embaraçoso aquilo estava e o quanto mais poderia ficar. Éramos dois amigos nus sob o chuveiro. Estávamos nos abrindo, finalmente, sobre algo que pareceu estar ali há certo tempo. Escondido sob a fachada de uma amizade sincera, estava algo perigoso. Algo que foi revelado numa pontada de ciúme corrosivo.

— Lanna, eu amo você, mas não do jeito que quer ser amada. Se me perguntar se tenho atração por você, não poderei mentir. Você é uma linda mulher, impossível alguém não sentir isso, mas...

— Tinha que ter uma objeção.

— E tem mesmo. Ouça-me, estou muito apaixonado por Hannah. Mais do que já estive por qualquer mulher. E dessa vez é verdade. Já não consigo comparar o que sinto com qualquer coisa que tenha vivido antes.

Lanna sorriu de início, mas logo me abraçou. Ouvi uma pontada de tristeza em sua voz quando disse que ia sair do chuveiro.

— Deixa que eu saio, termina o banho. – Ofereci.

— Não, está tudo bem. Fica difícil raciocinar com teu pau se esfregando contra minha barriga.

Concordei. Ainda fiquei algum tempo sob a água. Quando, finalmente, saí do chuveiro, Lanna já tinha ido embora.

Enrolei uma toalha no quadril, fui até a cozinha e preparei um café com uma das capsulas finas que comprei numa viagem ao Marrocos. Tomei alguns goles antes de começar a organizar os papéis do processo. Comecei a ler tudo.

Eu sabia que não terminaria oferecendo um julgamento honesto se lesse apenas as informações de Montesquieu, então pulei para os depoimentos e exames de Rowling.

A primeira denúncia datava da época que se iniciou o relacionamento:

“Fui agredida pelo meu marido, desta vez fisicamente, porque psicológica e verbalmente acontece sempre. Ele me acusa de ter amantes (que só existem na mente dele, que é muito ciumento) e procura me acuar de todas as formas”.

Pausei um pouco, tomando algumas notas, então continuei:

“Desta vez fui orientada a ir à delegacia de mulheres. Eu nunca fui numa delegacia antes. Fui também ao instituto de perícia porque Montesquieu me causou lesões físicas. Demorou quase um mês para que recebesse a intimação, outro mês para que fosse prestar esclarecimentos. Nem sei se meu marido foi. Espero que tenha sido pelo menos repreendido por que, como não foi preso em flagrante, está completamente tranquilo. Montesquieu tem trabalhado intensamente, espero que não volte a me bater. Se não houve punição e voltou para casa sem repreensões, não vai ter medo de fazer novamente. Não me separo por que não tenho como sobreviver. Sempre fui pressionada a não trabalhar, sofri acuação, agora tornou-se praticamente impossível entrar no mercado de trabalho. Eu acho que estou grávida, mas espero que não passe de suspeita”.

A segunda denúncia parecia um grito por socorro:

“Por algumas vezes sofri empurrões, puxões de cabelo, tapas na cara, ouvia palavras que me diminuía como mulher e pessoa, mas nunca tive marcas no rosto. Nunca tinha recebido um soco. Nunca imaginei que pudesse acontecer comigo. Nunca imaginei quanto doesse essa ação vinda de alguém que amo. Meu olho ficou roxo na hora, inchado, vou ter que usar maquiagem até a marca sair. Pior de tudo, mesmo diante de tantas coisas que já sofri nas mãos dele, ainda sinto amor e imploro que transe comigo para que não se chateie comigo. Mas como assim? Quem apanhou fui eu, não foi? Como ele consegue me fazer sentir culpada? Montesquieu insiste em dizer que apanhei porque mereci, porque o provoquei. Sinceramente, a dor no olho dói, mas ainda mais dói viver nessa situação e não tomar uma decisão, nem ter forças para isso. Eu o amo e tenho medo de ficar sem ele. Já quis me entregar às drogas, já quis me matar, já pensei em matá-lo, mas sempre acredito que tudo isso vai passar. ”

O terceiro foi o mais aterrador possível:

“Eu estava sentindo enjoos outra vez. Montesquieu já tinha me dito que não queria ter filhos. Fui obrigada a abortar duas vezes. Ele me jurava amor e dizia que nossa vida era melhor sem filhos, o que nunca foi verdade. Ele me deu o dinheiro e mandou o motorista me levar à clínica. Separei minhas joias e todo dinheiro vivo que tinha em minhas mãos para subornar o motorista. Mandei que não me levasse à clínica e lhe dei cerca de meio milhão em itens preciosos e dinheiro. Ele me entregou o carro e me levou para uma residência na parte menos abastada do Brooklyn. A mulher dele me cuidou por uma noite, eu estava cheia de hematomas. Eu tinha apanhado de Montesquieu quando tentei pedir que não levasse a ideia do aborto adiante, não uma terceira vez, mas ele refez as ameaças”.

Desviei os olhos do papel e deixei de lado o café. As informações me causavam repulsa e raiva. Nunca tinha ligado para a gravidade das informações oferecidas pela senhora Rowling.

“Montesquieu disse que acabaria com a pequena cooperativa de táxis do meu pai e jurou que minha mãe, ou eu, nunca arranjaríamos um emprego no país. Ele tem influência. Eu me amedrontei. Quando a esposa do motorista, que se chamava Ava, me viu, chorou comigo. Ela brigou com o marido por ter largado o emprego, mas sossegou quando viu os presentes que dei. Eu dormi no quarto do filho mais velho deles. Quando amanheceu, fui sacudida da cama. Sobressaltada, gritei. Montesquieu tinha invadido a casa, tinha chutado a cama e dava socos no meu rosto. Ele tinha colocado um rastreador no carro. Ele me seguia por todo lado. Achou que tinha um caso com o motorista que nunca tinha faltado ao respeito comigo. Ele trancou o quarto por dentro e só parou de me chutar quando comecei a sangrar. Eu soube que tinha perdido meu bebê naquele momento”.

Seria possível que o dinheiro tivesse me deixado tão cego a ponto de perder o mínimo respeito pela humanidade? Não era à toa que eu me sentia uma mancha na reputação da família Cooper.

“Quando acordei, estava numa cama de hospital. Montesquieu me levou para casa. Foi então que comecei a sofrer de depressão. Ele levava as amantes para casa, queria me humilhar. Eu já nem me importava, pois queria morrer, não queria mais viver ali. Quis me matar duas vezes, mas não consegui. Um dia a segurança vacilou, então eu consegui fugir. Montesquieu me achou e me violentou naquela noite. Eu engravidei outra vez. Montesquieu tinha jogado meus contraceptivos e outros remédios fora, para eu não tentar me matar outra vez, até mesmo escondia as facas. Por isso não consegui me prevenir. Houve um dia, entrei no escritório dele e achei uma arma. Eu o ameacei, disse que ia sair de casa. Se soubesse que eu estava grávida, mataria meu filho outra vez. Fui para a casa dos meus pais apenas de camisola. Dirigindo o carro dele. Conteí tudo aos meus pais e nos mudamos para outro bairro. Até então, Montesquieu ainda não me achou. Por isso o estou denunciando. Eu ainda estou com várias marcas das surras espalhadas pelo corpo. No hospital central você pode ver a minha ficha médica. Eu não quero voltar para lá, já entrei com o divórcio, mas quero proteção. Montesquieu me odeia agora e sei que se não reatarmos, vai me matar”.

Chequei toda a documentação. As cópias das fichas médicas, as datas de entradas nos hospitais. Era impossível que Rowling estivesse manipulando a verdade.

CAPÍTULO 22



MONTESQUIEU ME ATENDEU em sua casa. Era incrível como depois da verdade, eu tinha nojo até de ouvir sua voz.

— Cooper, o que o traz aqui? Conseguiu fazer que aceitassem o meu acordo?

Sentei-me na cadeira, não tomei a mão que me oferecia, não sorri para seu ar de deboche. Montesquieu percebeu que minha visita não era de cumplicidade.

Eu queria dar um fim na relação trabalhista antes que me sentisse mais imundo que antes, quando fechava os olhos para não conhecer os abusos absurdos do meu cliente.

— Eu vim informar que estou deixando o caso. Meu escritório não pode continuar trabalhando em sua defesa.

Montesquieu pareceu calmo, mas tudo era uma fachada cujo riso nervoso traiu. Eu sabia que seu próximo passo seria partir para as ameaças, já tinha ouvido falar sobre sua incapacidade de aceitar rompimentos diversas vezes na noite anterior.

— Não pode fazer isso.

— Sim, posso. — Disse num tom firme — Eu já estava pensando em fazê-lo quando tentou comprar a promotora Williams. Dando-lhe cartas que poderiam ser usadas contra mim e contra o senhor mesmo. Devido a sua tentativa de suborno, Hannah encontrou uma maneira fácil de denunciá-lo ao ministério público. Devido a essa tentativa, o senhor acabou complicando as coisas.

— Qualquer pessoa tem seus métodos para conseguir o que quer. Eu uso aqueles que me convém. — Montesquieu falou de jeito firme. Mal respirava. Vi também que retorcia o canto da boca tentando controlar a fala raivosa. Os lábios endurecidos pelo ódio se assemelhavam aos lábios de quem sofreu algum tipo de acidente vascular cerebral.

Montesquieu olhou para a mesa, abriu uma gaveta. Imaginei que pudesse tentar tirar uma arma dali e que eu estava afundado na merda. Montesquieu, porém, era covarde demais para lutar com um homem. Sua força só servia para ameaçar e agredir mulheres. Então, ele usou do único meio que conhecia capaz de comprar as coisas e pessoas que queria — o dinheiro.

— Cooper, imagino que tenha se deixado levar pelos encantos da promotora, ou pelas mentiras da vagabunda da Rowling, mas tenho apreciado seu trabalho. Sei que o já conseguiu reverter os cinco anos de prisão, aos quais eu tinha sido sentenciado, com uma apelação digna do seu nível. Eu não gostaria de procurar outro advogado à esta altura do campeonato. Quanto quer para continuar na causa?

Mais tranquilo, por que não era uma arma e sim um talão de cheques que Montesquieu tinha tirado da gaveta, falei num tom que não deixava margem para dúvidas.

— Não tenho interesse em seu dinheiro. Tenho o suficiente para viver tranquilamente por muitos anos.

Montesquieu se apoiou na mesa, com as duas mãos, assumindo a mesma pose de sempre. O maldito nem mesmo se tocava que reuniões por trás de mesas de madeira escura eram entediadas e nada amedrontadoras.

— Tem certeza que essa mulher vale isso tudo, Adam? Não sabe que

posso arruinar sua carreira mostrando ao mundo sua falta de profissionalismo? Não sabe que, com apenas uma ligação, posso acabar com o seu escritório?

— Ameaças novamente. – Suspirei frustrado antes de continuar – Vamos, pegue seu telefone, faça suas ligações. Já que serei denunciado por falta de profissionalismo, não acha que posso me dar ao luxo de fazer minhas próprias ligações? Sou seu advogado, Montesquieu, conheço tudo sobre você, conheço todo o processo.

— Não ousaria.

— Tem certeza? Caso eu perca minha licença por um motivo simples, poderia muito bem acrescentar motivos para perdê-la com dignidade. Contaria ao mundo todo as coisas que fazia à Rowling. Não acredita em minhas ameaças? Me experimenta.

— Seria sua ruína.

Montesquieu disse e o vi, cada vez mais, se tornando o homem frio que Rowling descrevia nos depoimentos.

— Sim, mas seria a sua também. – Acrescentei sem vacilar – Basta brincar. Vamos ver qual exposição surtirá mais efeito.

Montesquieu olhou-me de alto a baixo, então sugeriu.

— O que quer, Cooper?

— Podemos terminar este caso agora mesmo, sem nenhum problema para ambas as partes, desde que prometa assinar este acordo que elaborei. – Abri minha pasta e mostrei a papelada para Montesquieu. – Neste acordo, você garante que não processará meu escritório, nem a promotora do ministério público. Também dará para Rowling a casa comprada em Nebraska. Dará uma pensão para o menino que nascerá, além duma indenização de um milhão pelos danos causados pelos sucessivos abortos.

— Isto não pode ser sério.

— Eu não estou sorrindo, Montesquieu. Não estou brincando. Imaginou o quanto suas empresas se desvalorizariam numa cidade como Nova Iorque? Já pensou em quantas empresas, as quais tem participação em cotas de ações, iriam forçar sua saída para não ter sua imagem vinculada com um agressor e infanticida?

— Blefe.

— Não, não é blefe.

— Perderia muita coisa, Cooper.

— Minha perda não se compararia com a alegria de te ver mofar atrás das grades. Não me importo de ser processado por desvio de conduta, terei tempo para reconstruir minha carreira, enquanto você será, no mínimo, encarcerado por dez anos.

— Saia daqui! – Montesquieu reclamou se levantando e jogando o acordo no chão, bem como todas as bugigangas que estavam sobre a mesa. O olhar dele não era mais duro e convencido, como o de alguém cheio de si. O olhar dele tinha medo e terror.

— Tem vinte e quatro horas para assinar o acordo e enviá-lo para mim. Caso não o faça, entenderei que prefere medir ameaças e ver quem pode causar o prejuízo maior.

Montesquieu ficou possesso.

Andei até a saída esperando que não precisasse nunca mais voltar ali. Minha vida parecia passar diante dos meus olhos. Tanto tempo perdido com pessoas vis, que não valiam a pena.

Quantas injustiças cometidas? Quantas pessoas prejudicadas? Quantas vítimas causadas por uma ambição cega?

Precisei perder alguém a quem amava para entender que estava seguindo por um caminho errado.

Eu tinha jurado, solenemente, trabalhar pela justiça. Minha ambição me

fez seguir o caminho contrário. Eu tinha vendido meus ideais e isso me custou muito caro.

Só agora, depois de ver a decepção no rosto do meu pai, depois de ver o desprezo nos olhos de Hannah, foi que percebi o quão caro eu tinha pagado por isso.

Hannah pensou que eu era como eles.

Como os homens que eu vinha defendendo.

O depoimento de Rowling foi um choque de realidade, um chute no estômago que me fez cuspir a ambição para fora.

De Hannah a distância era o que mais doía.

CAPÍTULO 23



EU PRECISAVA PERMITIR QUE Hannah pesasse suas decisões, mas, ao mesmo tempo, estava me esforçando para merecê-la.

Hannah não podia amar o velho Adam, o Adam que se vendia por tostões para construir um personagem inflado e egocêntrico nos tribunais. Queria o Adam que tinha uma família maravilhosa, que sabia devorá-la com paixão.

Talvez, eu também não quisesse ser assim, vendido.

Eu nunca tinha me apaixonado dessa forma antes, uma forma que me fizesse pesar todas as minhas escolhas. Nunca tinha me apaixonado de uma forma que me transformasse em uma pessoa melhor. Esse negócio de estar apaixonado é ruim para caralho. Principalmente quando não se tem a pessoa do afeto ao lado.

Fazia certo tempo que não conseguia entrar em contato com Hannah. Nem mesmo nos tribunais nos cruzávamos ocasionalmente. Eu não estava defendendo muitos casos recentemente. Estava reformulando os funcionários e a forma que meu escritório selecionava funcionários e casos.

Por duas vezes reuni coragem para dirigir até o prédio onde ficava o

estúdio de Hannah, mas fui impedido de vê-la por sua ausência. Hannah não estava indo ao local havia alguns dias e não tinha deixado uma forma de contatá-la.

Meu peito apertava só de imaginar que poderia estar com outra pessoa e me vinha uma vontade absurda de socar alguém.

Havia uma semana que estava me esforçando para reconstruir o caráter que tinha herdado dos meus pais. Havia uma semana que todos os funcionários foram matriculados num curso de ética e de atualização. O Instituto de Ensinos Superiores Nizete Birmingham era conhecido por formar os melhores juristas do país. Meu pai sorriu, de orelha a orelha, quando disse que o escritório estava desistindo de alguns casos, que algumas pessoas tinham sido demitidas e estávamos criando uma nova identidade para a marca.

Nunca antes vi meu pai dizer que estava orgulhoso das minhas estratégias. Parecia que estava adquirindo, finalmente, o orgulho que sempre quis buscar de sua parte. De imediato soube que tinha escolhido o caminho certo.

— Até amanhã, turma.

Minha professora de jurisprudência, bisneta da mulher que dera o nome ao instituto, liberou a turma ao final da aula de estudos avançados. Apesar dos cinquenta anos, ainda tinha uma beleza séria e uma aura de autoridade capaz de deixar qualquer homem atraído. Felizmente, depois de Hannah, eu tinha adquirido respeito para resistir aos seus encantos.

Peguei o carro outra vez, passei em frente ao prédio de Hannah. Os vidraceiros estavam dando os últimos retoques na película que começaram a colocar no dia anterior. Uma película transparente que iria filtrar raios UVA e UVB em todo o prédio.

Como não tinha sinal de vida em seu estúdio de luzes apagadas, desviei o caminho para o Triplo A.

Depois de quase dois meses, Hill conseguiu convencer Phoebe a deixá-lo

administrar o clube presencialmente. Os dois não desgrudavam e ela tinha resgatado em Hill a autoestima que Diana o tinha feito perder.

Há algo de poesia nisso, bem no fundo.

Talvez a sorte de um homem que tem uma mulher segura ao lado seja exatamente essa. Ela não precisa dele, mas ainda assim o escolhe para oferecer seu tempo livre e seus sentimentos.

Quando Hill dirigia o clube Triplo A, eu tinha uma garantia de poder andar entre os frequentadores do local sem levar uma chicotada nas costas.

Entrei pela porta dos funcionários, para não precisar cruzar pelo meio dos casais que estariam na pista e gostei do que vi. Tudo fora decorado de forma intimista. Hill tinha preparado uma noite dedicada ao reencontro de antigos amores chamada “turma 79”. Noite em que homens chamariam mulheres por quem foram apaixonados para uma noite sem sexo. O que era algo inédito até então. Apenas camarotes privados para mãos bobas.

Talvez o clube nunca tenha estado mais lotado.

Quando subi à sala de vidro, Hill cuidava da contabilidade. Ele ergueu o olhar para mim e acenou para que me aproximasse enquanto finalizava alguns cálculos.

Tirei o blazer, desabotoei os punhos e o colarinho da camisa. Arrumei o cabelo. Eu estava morrendo de fome, procurei uma barra de cereais no frigobar da sala, não tinha. Algum desgraçado tinha comido todas, então peguei uma barra de chocolate.

— Te esperamos para no final de semana, para o almoço marcado, você não apareceu.

Falou ainda sem retirar os olhos do papel. Rabiscou duas ou três palavras num caderno separado e voltou a olhar para a lista que tinha na mão.

— Tinha uma convenção em Cleveland.

— Então, atravessou o país para estudar um pouco?

— Um exagero, mas atravessei. Do que se trata esses cálculos?

— Ah, isso? – Hill respondeu – Prospectos sobre os prejuízos da noite de Alec na semana passada.

— Prejuízos? Como isso aconteceu?

— Aparentemente, na sexta-feira passada, um grupo de protestantes entrou aqui e começou a quebrar tudo.

— Como é?

— Sim, mas não se preocupe. Dois deles já estão presos e em breve delatarão os outros membros em troca de redução na sentença ou menor fiança.

— Alguém se feriu?

— Uma das moças do Shibari acabou levando dois pontos no supercílio quando um deles a acertou com um copo, mas só. A mulher será devidamente indenizada. Está sendo tratada num hospital, os gastos estão saindo do bolso de Alec.

— Tem certeza que tudo ficará bem?

— Tenho sim. Estou calculando os prejuízos para acionar o seguro. Felizmente, pagamos uma boa quantia para que cubram vandalismo.

— Fico feliz que tenha te convencido a assinar aquela clausula especial.

— Tem razão. Obrigado por não me fazer comprar um novo lustre de trinta mil dólares.

— Por nada.

— Como estão as aulas? – Perguntou e tornou a dar atenção aos próprios papeis.

— Estão indo bem. – Respondi embora soubesse que estava prestando muito pouca atenção. Já que os dedos castigavam as teclas de uma calculadora.

— E Hannah? Como estão?

— Estou com muita coisa na cabeça. Aulas, provas, cursos. Além de ter que me preocupar com o que farei no Triplo A quando for dirigi-lo outra vez.

— Quer ajuda?

— Phoebe te mataria.

— É verdade. – Hill sorriu e largou a folha para pegar outra e passar o valor para uma nota rápida.

— Bom, vou indo.

— Quer ficar mais um pouco, peço uma bebida.

— Tenho que acordar cedo. Ainda tenho material para repassar antes de sair pela manhã. Vou encontrar uma data e bebemos.

— Vem amanhã. Pode trazer companhia, se quiser. Eu trago Phoebe e sentamos numa mesa. Deixarei tudo preparado desde já.

— Vou pensar em alguém para trazer. Até a vista.

Despedi-me rapidamente e fui para casa. Exausto demais para pensar em qualquer outra coisa que não fosse minha cama. Num momento, porém, soube que a pessoa que eu deveria trazer comigo no dia seguinte, não aceitaria meu convite tão cedo.

CAPÍTULO 24



Hill me torpedeou cerca de cinco da tarde. Eu ainda estava em aula, não tinha conseguido encontrar tempo nem para comer uma refeição decente, imagine conseguir companhia para o Triplo A.

“Conseguiu companhia? ”

Respondi assim que saí do instituto.

“Ainda não, falamos mais tarde, estou em aula”.

Eu iria para casa, me arrumar, ligar para um dos meus contatos e então ir ao clube. Não seria difícil arrumar companhia, por isso não tinha deixado que isso me preocupasse durante a aula.

Tomei um longo banho, quando terminei, me enrolei numa toalha e enviei uma mensagem para Lanna para que se arrumasse, que iria buscá-la para irmos ao clube. Disse que o marido dela poderia encontrá-la lá quando saísse do trabalho. Eu sabia que não estaria em casa, pois este era um horário em que sempre vinha ao meu apartamento.

“Um convite desses merece uma ligação”. Ela respondeu.

Eu sorri um pouco e disquei o número.

— Assim é bem melhor. O que quer comigo, Adam?

— Eu já disse. Vamos para o clube. Hill tem planejado umas noites especiais, que tal irmos juntos?

— Está me convidado para uma das surubas do Hill?

— Não, estou convidando para uma noite de amigos. Uma noite sossegada no Triplo A. Sabe que Hill se comportou.

— Sei. Eu vou me arrumar, você me pega em...

— Uma hora?

— Uma hora. Perfeito. – Lanna desligou.

Preparei um lanche rápido antes de me vestir. Ela não morava tão longe, então eu tinha quarenta minutos para sair e pegá-la no subúrbio.

Peguei o celular outra vez, a vontade de ligar para Hannah era terrível. Eu me via, por diversas vezes, digitando até o telefone dela no visor, mas, em seguida, cancelava a chamada.

O que eu deveria dizer?

E se estivesse com alguém?

E se estivesse apaixonada?

Depois de longos quinze minutos, fui vestir-me. Escolhi algo sofisticado, porém sóbrio. Algo que sabia que deixaria minha companhia em evidência. Conhecendo Lanna como conhecia, sabia que ia querer aparecer essa noite. Sua justificativa era a mesma, quase nunca tinha oportunidade de usar algo bastante feminino por conta do trabalho.

Já pronto, peguei o carro e dirigi até a casa da minha amiga. Quando toquei a campainha, Lanna abriu a porta sorridente. A alegria evidente contagiava. Sorri de volta.

Lanna estava estonteante. Usava um vestido azul justíssimo que revelava seus contornos. Um salto alto que torneava suas pernas. O cabelo preto solto em ondas que iam até a cintura.

— Estou sem palavras. Você está muito gostosa.

— Eu não estou gostosa, Adam. Eu sou gostosa.

Lanna passou fazendo charme e me deu um beijo no rosto. O batom vermelho não deixou marca. Seu sorriso se iluminou ainda mais quando viu o Porsche que tinha escolhido para noite.

— Não acredito que vamos no Cayenne! – Andou até o carro e me apressei para abrir a porta gaivota – Se está achando que isso vai me fazer abrir as pernas para você, está muito errado!

Sorri alto e retruquei enquanto ela já sentava.

—Basta um pouco do meu charme para abrir suas pernas. Estou errado?

— Nem um pouco. – Lanna sorriu.

Fechei a porta do carona e fui para o outro lado.

Cortamos a cidade num voo. Em pouco tempo estávamos entrando no Triplo A. Lanna estava agarrada ao meu braço. Adorei o modo que todos os homens viraram para olhar a mulher de curvas voluptuosas ao meu lado.

Uma das hostesses veio até nós. Com gentileza, nos guiou até a mesa privativa que Hill tinha preparado. Cumprimentamos o casal que já nos esperava. Hill, como sempre, bastante sério em seus ternos escuros de corte reto. Phoebe, a elegância em pessoa, usava um macacão cor de pérola marcado na cintura por um cinto fino de pedras.

— Adam, é uma maravilha te ver. – Phoebe veio me dar um abraço

apertado. Sua beleza agora era mais leve, mais relaxada. Depois de tudo que passou, foi bom ver que estava feliz. Os dois estavam felizes.

Notei que, após o cumprimento, quando Phoebe notou que eu realmente tinha companhia e colocou os olhos em Hannah, uma confusão passou em seu olhar, mas ela disfarçou rapidamente.

Eu estava ficando muito bom nesse negócio de emoções.

— Seu vestido é maravilhoso. Qual seu nome? – Phoebe cumprimentou Lanna. As duas deram beijinhos no ar.

— Sou a policial Callie. Lanna Callie. Também sou a responsável por colocar este homem no lugar sempre que está aprontando. Agora, me diz uma coisa. Quem sou eu perto dessa ruiva? Socorro de mim mesma.

— Oh, céus! Obrigada, Callie. E esse cabelo escuro fabuloso? Deve dar muito trabalho.

— Juro para você que só uso shampoo e condicionador.

— Que inveja!

As duas se levantaram e foram falando de trivialidades até a toalete. Hill pediu uísque para nós dois.

— Eu não sabia que conseguiu arranjar companhia.

— Não sou incapaz, Anthony, de arrumar uma simples companhia.

— Eu não disse isso. Apenas achei que estaria sozinho esta noite. Depois de tudo que passou. Está saindo com Lanna? Sabe como quero dizer.

— Não. Sabe que somos amigos.

— Tem certeza, Adam?

— Tenho sim. As coisas se confundiram um pouco, mas somos amigos novamente. Não pretendo passar disso outra vez.

— Isso descomplica um pouco as coisas. — Hill tomou o restante do uísque. Fiz o mesmo também.

Nossas companhias voltaram da toalete e a conversa mudou de rumo. Bebemos bastante. Lanna e Phoebe pareciam amigas de longa data. Porém, quando a felicidade parecia estar tomando conta. Senti o perfume característico da mulher que tinha me perturbado sobressaindo-se de todos os cheiros do clube.

Virei-me no exato momento em que Hannah parou do nosso lado. Todos os ocupantes da mesa viraram para ela, apenas Hill tinha um pedido de desculpas no olhar. Hannah encarou todos da mesa até que seus olhos pararam sobre mim. Num momento de descontração e risadas, a mão de Lanna tinha pousado na minha coxa. Hannah olhou para essa cena como se visse uma blasfêmia.

— Hannah... — A palavra saiu baixa de minha boca sequiosa.

Tarde demais. Hannah tinha saído de lá e a perdi entre os casais que na pista de dança. Fui até o lado de fora, consegui ver Hannah pedir ao manobrista que trouxesse o carro dela.

Aquilo era perfeito.

Eu teria alguns minutos para convencê-la de que era a única mulher que me interessava. A única que eu queria foder sobre o capô novamente.

— Você tem que me ouvir. — Falei para Hannah enquanto a puxava para um canto mais discreto. Ela olhou para a saída do estacionamento para ver se o manobrista trazia o carro dela, mas sabia que ainda não tinha dado tempo para tal — Hannah, você vai me ouvir querendo ou não.

— Você não vai me obrigar.

— Ah, vou sim. — Puxei-a para perto enquanto falava com desespero e fúria — Foi você quem foi embora sem se despedir. Foi você quem sumiu. Desde o dia que partiu fiquei sem saber o que aconteceu. Que droga, Hannah! Como não me deu uma só notícia.

— Você também não me ligou.

— Você pediu espaço. – Disse num tom firme – Eu te dei. Dei o que queria. Saindo daquela maneira, queria que eu fizesse o quê?

— Eu não podia ficar mais tempo. Você não entende?

— Não, Hannah. Eu não entendo.

— Meu carro chegou. Para seu próprio bem, é melhor me soltar. Eu vou para casa, não quero que me impeça.

— Aquela moça, ela é apenas uma amiga.

— Pode mentir na minha cara nesse momento e me dizer que nunca dormiu com ela?

Eu não poderia fazer isso, ela sabia perfeitamente bem.

— Não, eu não posso.

— Como eu imaginei.

Hannah pegou o veículo e foi embora.

— Eu estou indo embora. – Disse para Lanna depois que voltei para o clube. Eu precisava consertar as coisas.

— Sério? – Lanna perguntou.

— Sim, preciso resolver minha situação com Hannah.

— Ah, aquela é Hannah? Muito bonita mesmo. Deveria ter me chamado para conversar. Eu explicaria tudo.

— Ela não me deu a menor chance.

— Que pena. Ela deve ser tão cabeça-dura quanto você. Pode ir. Eu falei com Ian, ele vem me buscar, lembra? Eu vou ficar dançando até desmaiar no

meio da pista.

— Tem certeza que vai ficar bem?

— Tenho. Vá atrás da sua cinderela perdida.

Beijei Lanna no rosto e saí de lá. Peguei o carro e segui para um endereço que tinha salvo há tempo, mas nunca visitado.

CAPÍTULO 25



HANNAH VIVIA NUMA CASA de dois andares, bastante distante do centro da cidade. Pelos meus cálculos, não tinha como ter certeza se já teria chegado em casa. Precisei prestar bastante atenção nos veículos da estrada para que não ultrapassasse seu carro, mas devo ter me distraído algum momento. A casa estava silenciosa demais, mesmo prestando atenção no movimento das avenidas, eu sabia que Hannah não estava ali.

Sentei na escada que levava à porta dianteira e fiquei esperando. A casa dela ficava num bairro bastante parecido com o que meus pais moravam. A casa de tijolinhos vermelhos e janelas brancas era ornamentada por um canteiro de flores mortas. Dois vasilhinhos com fícus tentavam disfarçar a imperícia para jardinagem.

Ainda passaram vinte minutos, até que vi o carro de Hannah estacionar. Como estava escuro, ela não me viu. Quando saiu do carro, carregando uma sacola transparente que mostrava o rótulo de um pote de sorvete, e viu meu veículo estacionado do outro lado da rua, percebeu que tinha visitas.

Quando me levantei, Hannah praguejou várias vezes. Os xingamentos se tornaram menos raivosos quanto mais me aproximava sorrindo. Não era possível que, mesmo xingando, essa mulher fosse uma graça.

— O que está fazendo aqui? – Ela perguntou irritada enquanto andava até a porta da frente. Eu me aproximei dela. – Eu deixei bem claro que queria distancia de você lá no clube.

Eu já estava bastante perto, então a puxei contra meu corpo, pela cintura, e beijei sua boca carnuda com urgência. Os cachos de Hannah, balançando pela sua resistência, deslizavam contra a pele do meu rosto. Até que cedesse, eu não ia largar aquela boca que tinha me matado de saudade.

Hannah deixou o pote de sorvete cair quando o plástico escorregou pelos dedos dela. Eu sorri contra sua boca, sentindo-me vitorioso, quando ela me empurrou para trás.

— Você me deve um maldito sorvete, idiota!

— Eu te compro um caminhão de sorvete, apenas me ouça.

— Eu não quero ouvir nada, Adam.

— Ah, Hannah, mas vai.

— Me obrigue!

— Se for preciso, vou obrigar.

Talvez Hannah tenha percebido a resolução no meu olhar. Era o mesmo jeito atrevido com o qual tinha me vencido tantas vezes. Então deu de ombros e soltou a tensão.

— Ok, Adam. Quer falar, fale. Fale tudo que quiser, mas fale baixo. Não quero um escândalo, não quero que os vizinhos chamem a polícia se pensarem ouvir uma briga.

Hannah passou por mim e procurou a chave no bolso. Andei atrás dela, sabendo que poderia ser traiçoeira e fechar a porta antes que eu entrasse. Quando a abriu, entrei primeiro. Ela entrou em casa e acionou o interruptor ao lado da porta.

— Sua casa é linda.

— Não é um apartamento no Boulevard, mas é sim.

Era como se eu visse uma impressão dela em todos os móveis, até na escolha dos porta-retratos excêntricos sobre a lareira. Desviei meu olhar da decoração retro, eu vim falar de nós.

— Hannah, Lanna é minha amiga. Quando perguntou se poderia negar que tínhamos dormido juntos e eu disse que não podia, é porque não queria mentir para você. Eu já te contei sobre isso. Fui honesto com você desde que aconteceu.

— Foi sobre ela que falou naquela manhã quando liguei?

— Foi sim, sobre quem seria?

— Quem sabe uma das suas cem mil amantes?

— Eu não tenho cem mil amantes, Hannah. E se as tivesse, elas estariam decepcionadas. Por que me tornei um inútil desde que me decidi a gostar e a querer apenas você.

Hannah engoliu em seco. Então me deu as costas.

— Não deveria falar as coisas assim. Não deveria brincar com os outros como se não tivessem sentimentos.

— E como devo falar? Você não me ouve quando não estamos brigando. Não acredita em mim, mesmo que seja a mais sincera verdade.

— Eu tenho meus motivos, não acha?

— Não, não acho. Está sendo injusta e infantil.

— Infantil? Adam, eu não sei se devo confiar numa única palavra que sai de sua boca. Você mesmo disse para mim que é um especialista em mentir.

— É verdade. Eu disse. Isso é parte de mim, parte de quem fui, Hannah. Parte de quem era antes de crescer e entender que a vida não era simplesmente feita de tons de preto no branco como eu queria pensar. – Eu

disse enquanto tentava me aproximar dela. Hannah sentou-se e me vi obrigado a circular a mesinha de centro para me sentar ao lado dela, no sofá. – Eu já fui um especialista em mentir. Desde aquele dia, no dia que partiu, eu ponderei as coisas. Eu refleti sobre minha índole nos últimos anos e me senti errado, ridiculamente errado. Sim, eu era um advogado e recebia para isso, mas passei a me enxergar de uma forma diferente.

Hannah silenciou, eu continuei:

— Eu me enxerguei como meus pais me enxergavam, como você me enxergava. Eu não gostei do que vi. – Disse balançando a cabeça de leve, como se me decepcionasse outra vez por minhas decisões – Eu cancelei uma dúzia de contratos, gastei uma boa grana pagando multas, mas deixei muita coisa para trás. Muita bagagem foi deixada. Estou prestes a me formar numa nova modalidade. Passei em diversos testes, e numa prova federal. Estou cada vez mais perto de realizar um sonho que aborreci por causa do dinheiro. Um sonho que deixei de lado pela ganância. Estou há um passo de me tornar um magistrado.

— Um magistrado? – Repetiu surpresa.

— Sim, Hannah. Estou debruçado nos livros. Parece que, pela primeira vez, estou apaixonado pela minha profissão, não pelos lucros que ela me gerava. Eu esperava poder esfregar meu certificado de juiz na sua cara para provar que mudei, mas, infelizmente, só posso esfregar meu esforço.

— Essa foi a coisa menos romântica que já saiu da sua boca.

Me aproximei dela no sofá. Hannah respirou fundo enquanto apoiei minha mão no rosto dela e a puxei para um quase beijo.

— Eu poderia te encher de coisas românticas e de promessas, - Sussurrei contra sua boca – mas você não quer ouvir.

— Estou cansada de mentiras, Adam. – Suspirou antes de continuar. Seus olhos negros encarando os meus – Ouço mentiras todos os dias. Todos os dias vejo o que elas causam e sofro por isso. Eu jamais poderia ficar com alguém que sacrifica seus ideais por dinheiro. Quando vi a família que te

criou, quando vi o amor que seus pais ainda compartilham num simples olhar, te achei ainda mais terrível. – Parou um pouco antes de terminar – Não tinha como alguém ser filho de pais maravilhosos e ser tão corrupto. Eu estive num relacionamento de cinco anos que acabou por causa de mentiras. Quero poder acreditar livremente outra vez, mas não consigo. Não sei se consigo...

— Eu vou te fazer acreditar, Hannah. – Prometi colando os lábios muito gentilmente contra sua boca – Eu juro. Eu te farei acreditar em mim.

Hannah balançou a cabeça negativamente.

— Isso não vai ser fácil.

— Eu não estou tentando convencê-la de que será, – A fiz olhar para mim outra vez – mas estou disposto a provar minha lealdade para contigo todos os dias. Eu me dispus a mudar desde que senti meu coração arrebentar dentro do peito, desde o momento em que vi que poderia ir embora.

— Você só me quer pelo sexo, Adam.

— Eu não posso mentir dizendo que o sexo com você não é fabuloso, mas olha para mim, você é uma pessoa com tanto mais a oferecer do que apenas isso. Eu adoro o sexo com você, adoro estar com você, mas minha vida está terrivelmente plena para me ater somente a isso. – Continuei, dessa vez menos romântico – Eu tenho negado ao meu corpo a sua necessidade, por que estou te esperando. Eu poderia ser canonizado, santo Adam... – A fiz sorrir um pouco – Hannah, eu só tenho vontade de você. Meu desejo é você. Eu estou apaixonado por você, não apenas isso. Nesse tempo em que te conheci, senti-me começar a te amar devagar. Minha vontade é de sussurrar contra sua boca que a amo enquanto afundo em você e te rasgo duro.

Hannah sorriu. E falou:

— Isso começou tão bonito e terminou em putaria. Não foi romântico.

— Mas você sorriu, quer dizer gostou.

Hannah deslizou a mão pelo meu rosto enquanto falava:

— Não posso dizer que não me sinta lisonjeada, mas não acredito que serei suficiente por muito tempo. Adam, tenho minhas fantasias, assim como tem as suas. Eu não quero que se prive de nada por mim. Assim como não quero me sentir privada por você. Quando quiser qualquer coisa, me diga. Quando estiver querendo sair com uma garota de dezoito anos só por que parece sedutora, tem que me falar...

— Eu não me atraio por garotas tão jovens. E sobre fetiches, claro que os tenho, mas você cumpre tantos...

— Jura?

— Juro. Uma morena deliciosa... – A cada palavra eu a tocava de um jeito diferente no rosto, mais terno ou mais quente, dependendo do modo que correspondia – A mulher mais velha, a mulher determinada. E no triplo A... Nossa... Você se transforma. Quando faz sexo, você se transforma. Fico louco quando a vejo tão entregue. Fico mais louco quando me olha desse jeito.

— Que jeito?

— Apaixonada.

— Eu não estou apaixonada por você.

— Se odeia tanto mentiras, devia confessar a verdade. Não apenas está apaixonada por mim, Hannah, me adora. Ainda não percebeu, mas me adora.

— Não percebi?

— Não, mas vou adorar fazer-te compreender.

Puxei Hannah para um beijo.

Eu queria convencê-la, de todas as formas, a ficar comigo. Hannah estava resistente no começo, dificultando a própria entrega, lutando contra seu desejo mais profundo, mas seu corpo respondia que sim de todas as formas.

O beijo foi aprofundado, como numa jura de amor, e nos recostamos contra o sofá. Quando nossos corpos se encontraram em ritmo e melodia, consegui provar, com meu corpo, o quanto minha alma pertencia a mulher que apaixonadamente eu esmagava sob meu peso.

— Eu amo você...

Sussurrei contra sua boca enquanto me afundava em sua carne. Com um sorriso, Hannah passou a acreditar. E eu a faria acreditar, faria de tudo para lhe provar meus sentimentos todos os dias.

EPÍLOGO



DE ALGUMA FORMA, conseguimos subir as escadas e terminar o que tínhamos começado, no sofá, na sua confortável cama. Era manhã, Hannah já tinha acordado. Abri os olhos devagar e observei-a enquanto se vestia para trabalhar.

Primeiro, colocou meias sete-oitavos sobre uma calcinha de renda preta. Em seguida, colocou um sutiã de renda que apenas decorava seus seios firmes e tornava-os mais apetitosos. Depois, prendeu a cinta-liga na cintura e na meia que cobria sua perna num tom escuro.

Os cachos de Hannah já estavam presos num coque no alto da cabeça e ela soltou alguns fios para deixá-los num tom menos organizado. Quando terminou, vestiu uma saia azul, bastante justa, que ia até os joelhos e ia calçar saltos altos.

Foi então que não resisti mais e me aproximei para puxá-la para a cama comigo. Hannah caiu sorrindo, feito menina. Eu fiquei ainda mais apaixonado por ela nesse instante.

— Você fica linda nessas roupas, - Deslizei os dedos sobre o espaço entre os seios e subi até sua boca carnuda em maquiagem - mas fica melhor ainda retirando as peças.

— Você deve dizer isso para todas.

— Só para as negras maravilhosas.

— Não me provoque, doutor Cooper. Tenho um salto alto e não tenho medo de usá-lo.

Deslizei o queixo pelo pescoço dela e preendi suas mãos acima da cabeça. Comecei a lhe dar beijos leves no colo enquanto alcançava os seios que mordi sobre a renda.

— Para com isso, Adam... — Sua voz manhosa me mostrou que parar é a última coisa que queria que eu fizesse.

— Parar com o que? — Longe de parar, continuei provocando-a, desta vez, deixei suas mãos soltas. Puxei a saia dela para cima e usei o joelho para separar as pernas dela.

— Eu tenho que trabalhar... — Resmungou sorrindo graciosamente — Eu vou me atrasar...

— Me dê apenas uma hora... Meia hora...

— Eu não posso. Não faz isso... — Hannah reclamou, mas estava adorando a massagem íntima que eu fazia nela. Se esfregava contra meu joelho e eu pude sentir a umidade afetando o tecido da calcinha.

— Eu adoro você, Hannah... Nossa noite foi memorável, mas sabe o que é mais memorável? — Fez que não com cabeça enquanto forçava os olhos abertos — Ver que se sente à vontade comigo. Eu te adoro... — Apertei mais minha coxa contra seu monte de vênus e o clitóris, adoro cada centímetro dessa sua pele maravilhosa, cada centímetro de você.

— Você está falando de amor? Eca! — Provocou sorrindo.

— Sabe que sentimos muito mais que paixão, mais que mútua atração, o que sentimos é intenso demais até para ser amor. Eu mudei por você, quero que faça isso por mim também.

Hannah pressionava os quadris enquanto se esfregava contra minha coxa. Eu iria tirar essa calcinha dela e fazê-la vestir outra, ela não ia cheirando a excitação trabalhar. Somente eu iria sentir o cheiro de sexo que lhe caia tão bem.

— Eu te adoro, Hannah... Eu vou venerar seu corpo sempre que puder. Eu preciso de você para mim. Eu preciso de você ao meu lado. Preciso meter em você sempre que tiver vontade.

Hannah se movia com mais vontade contra mim. Eu já estava ficando duro, mas precisava continuar o que tinha começado até o final.

— Mais, por favor... – Pediu arfando.

A massagem estava surtindo efeito e as gotículas de suor mostravam que ia gozar. Fiz o que pediu. A massagem estava sendo perfeita, Hannah teve prazer contra minha coxa.

— Obrigada... – Disse – Agora tenho que ir embora.

— Ah, não vai mesmo! – Sorri e a prendi à cama.

— É sério, Adam. Eu não posso me atrasar.

— Mas você vai... – Eu estava sorrindo quando esfreguei minha ereção contra sua barriga – Não acha é egoísmo me deixar assim?

— Você merece por ter sido tão mal ontem.

— Tenha misericórdia do meu pau... – Beije-a, enquanto sorria contra minha boca. – Me dê alguns minutos, quero conversar algo importante com você ainda.

— Conversaremos à noite.

— Falaremos agora.

— À noite!

— Hannah, mulher, estou tentando pedi-la em casamento?

Hannah parou por inteiro. Apoiei minhas mãos ao lado dela. Parecia até em choque. O olhar procurando o meu, buscando verdade e não apenas promessas.

— Casar?

— Sim, vou pôr um anel nesse dedo e te fazer minha. Eu não aguento mais não estar mais tempo ao seu lado. Não quero ser impedido de te ver se vestir todas as manhãs. Não quero esperar para te despir à noite.

— Você é doido, Adam! – Disse já com menos resolução do que suas primeiras negativas. – Eu não acredito que estou aceitando casar com você.

— Pois vou te dar motivos para acreditar...

Deslizei meus braços para baixo de seu corpo e desabotoei o sutiã. Logo seus seios maravilhosos estavam prontos para serem bebidos. Hannah deixou-me saborear seus seios e então ficou de costas. Deslizei sua calcinha para baixo, até o limite da cinta liga e Hannah arrebitou-se para que eu enfiasse nela.

Quando terminamos, exaustos e saciados, nesta manhã em que minha futura esposa não foi trabalhar. Hannah tinha encontrado vários motivos para dizer sim muitas vezes.

BÔNUS I



MINHAS AMIGAS TINHAM me convencido a ir ao Triplo A pela primeira vez. Depois da primeira vez, ainda retornei diversas vezes. A maioria delas desacompanhada, outras vezes com as amigas.

Eu nunca tinha me deixado levar pela excitação. Como um voyeur exibicionista de primeira, eu adorava assistir cenas tórridas de paixão nua, mas nunca as protagonizava.

Os e-mails convidando os membros do clube para a festa da semana tinham chegado pontualmente. “Cinquenta tons de máscaras” era o tema da festa. O convite era uma promessa de uma orgia anônima.

Minhas fantasias sempre foram bastante básicas, mas desde que conheci o clube Triplo A, vi-as adquirir uma nova gama de possibilidade. Eu podia pôr em prática minhas vontades e tinha minha privacidade garantida.

O clube estava lotado, bem mais que de costume. A promessa do anonimato deve ter sido chamativa não somente para mim, mas para todos os que tinham ido ao local e lotavam o ambiente.

Eu estava me sentindo perdida no meio de tantos casais. Meio aérea diante de tantos corpos nus ao meu lado. Um homem, muito simpático, ajudou-me a tirar o vestido e me levou para um dos reservados. Ele até se

ofereceu para mim, mas não o quis.

Eu não queria que minha primeira noite de sexo no clube fosse tão sem graça. E ele, o homem que tinha me despido, não parecia ser o tipo ideal para acender a fagulha que iria por um incêndio sob minha pele. Faltava contemplação desejosa, faltava o frio no estomago que te faz contrair o ventre em antecipação.

O rapaz gentil, mascarado, saiu. Deixei meu vestido naquele sofá. Fechei o biombo e deixei a placa de “ocupado” no lado de fora.

Em pelo, andei entre os casais que se apinhavam. Observando uma multidão de intimidades. Membros de todos os tamanhos explorando fendas lisas.

Olhos desejosos me cobiçavam, mas nada da eletricidade correndo entre os corpos. Minha máscara era a única coisa que me permitia alguma privacidade.

Aquilo era extasiante.

Foi então que eu o vi.

Ele parecia liberto de qualquer pudor, andando no meio daquele povo. Enquanto eu tinha a máscara no rosto e nenhuma roupa, ele tinha roupas e nenhuma máscara.

Éramos opostos em quase tudo.

Ele era louro, branco, tinha os cabelos longos presos. Muito mais alto que eu, de músculos exatos num corpo fortemente proporcional

Eu, negra, castos cabelos encaracolados. Ele era branco, eu negra. Meu corpo alto e delgado seria facilmente trucidado pelo volume que tinha em sua calça.

Ele estava naquele clube por prazer.

Ele me olhava com desejo absoluto.

O mais importante de tudo, senti, imediatamente, a centelha de eletricidade, calor, frio e fogo, quando nossos olhares se cruzaram. Sentimentos e sensações que não conseguia descrever. Uma repentina urgência que invadiu deliciosamente minha carne e culminou no ponto molhado entre minhas pernas. Mordi os lábios, incapaz de conter o desejo que tinha surgido em mim.

Ele era perfeito, não somente na beleza.

O louro tinha uma cara de safado de quem sabe foder uma mulher com jeito e satisfazê-la. Ele tinha cara de quem fode uma mulher até fazê-la cansar de ter prazer. Eu esperava muito que não fosse simples aparência e que alcançasse minhas expectativas.

Peguei pelas lapelas do blazer. Puxei-o para o reservado onde estava o meu vestido. O fiz sentar-se no sofá e então sentei-me à mesa. Eu precisava senti-lo maravilhosamente em mim.

— Não tenha medo, você é meu primeiro da noite.

Desfiz as roupas dele e o fiz entrar em mim com urgência. Não consegui implorar o suficiente por mais, por que ele sabia suprir todas as minhas necessidades.

Debrucei-me sobre a mesa e as mãos dele sabiam segurar com a força certa para me empurrar e me puxar contra o corpo dele novamente. Tínhamos uma urgência tão gigantesca que fizemos mais posições diferentes naquela noite do que no meu último ano de relacionamento.

— Inferno! Que corpo lindo!

Ele me aclamava e me xingava na mesma medida. Eu me sentia devassa, cheia, completa. Ele me enchia com o membro generoso e não deixava espaço para mais nada. Quando saísse de mim, ia deixar um vazio difícil de preencher.

— Então usa ele com vontade... – Disse e envolvi as mãos em seu pescoço. Enlacei as pernas ao redor dele e as enormes mãos dele me

ajudaram a subir e descer sobre seu cumprimento. Ele se enterrava em mim com vontade e eu estava tão molhada que escorregava com facilidade ao redor do seu pau grosso.

— Maldita... apertada... – O homem sussurrava em resposta.

Meus gemidos estavam abafados pelos beijos que trocávamos. Minha máscara de renda frágil, de tanto me mover, acabou deslizando do meu rosto. O laço de cetim se desfez, já não estava mais tão escondida sob a proteção.

Eu ia me desconcentrar, mas ele não permitiu.

Moveu-se ainda com mais vontade e beijou-me com ainda mais desejo. Como se pudesse entrar no meu corpo de tanto que estava me fodendo, como se tivesse gostado do que viu.

— Isso... Oh... Isso... – Gemi enquanto me fazia ter prazer no pau dele. Eu o senti pulsando dentro de mim quando alcançou o próprio prazer.

Eu não queria ficar ali e repetir a dose, ainda mais agora que a máscara tinha caído. Se ele fosse muito bom de fisionomia, ele saberia quem sou. Por que eu sabia exatamente quem ele era.

Adam Cooper, um dos sócios da Triplo A.

Ele tinha acesso a minha ficha de cadastro. O que era uma grande merda. Vesti-me rapidamente e saí do reservado. Eu poderia usar a saída principal, mas, se eu estivesse certa, ele me seguiria. Então usei a saída lateral.

Meu consumo da noite, quase nulo, seria descontado da minha comanda e poderia ir embora sem preocupações de ser barrada por qualquer segurança.

O maldito tinha rasgado minha calcinha e a enfiado no próprio bolso como qualquer conquistador barato. Agora eu teria que ir sem roupa íntima por todo o caminho até em casa. Teria que ir embora, escorrendo porra por minhas pernas, lembrando do louro que tinha acabado de me foder como um profissional.

BÔNUS II



EU AINDA ME TOCAVA lembrando daquela noite. Eu ainda sentia meu ventre contrair sempre que imaginava a forma que parecia ter me encaixado com Adam Cooper.

O problema era que, exceto por esse prazer que podia me proporcionar, eu não tinha vontade de me amarrar a ninguém.

E ele parecia um homem capaz de fazer isso.

Eu fugi o máximo que pude, mas não imaginei que o destino ia começar a brincar dessa maneira. Quando vi o nome do advogado de defesa de Montesquieu, praticamente vomitei de nojo.

A pessoa tinha que ser muito idiota, ou corrupta, para defender alguém como Montesquieu. O maior verme que já conheci. Lendo os depoimentos, não conseguia entender como Cooper, sócio do triplo A, tinha aceitado defendê-lo.

Eu estava no saguão do prédio quando vi o alvoroço dos repórteres. Cooper tinha fama de nunca perder um caso. Além de trabalhar para gente endinheirada como ele. O mundo tem tornado, cada vez mais, pessoas estúpidas famosas.

Quando passou pelo alvoroço, me adiantei para a sala. O juiz entraria em poucos minutos, iria conversar com as partes separadamente e eu precisava estar ali.

Primeiro entraria a senhora Rowling, depois Montesquieu. Por fim seríamos todos colocados juntos para uma tentar conciliação.

Eu estava nervosa, muito nervosa.

E nem sabia se tinha motivos para isso.

Merda... Merda... Merda...

Eu tinha que ser fria, muito fria.

O melhor era fingir que não o tinha reconhecido. A frieza é um ótimo repelente de homens. Não no sentido esnobe, de se mostrar desinteressada quando ele investe. Sim a frieza de simplesmente fingir que ele não passa de um reles mortal numa multidão.

Partimos para as apresentações.

Pelo olhar que Adam Cooper me lançou, soube que tinha me reconhecido. Felizmente para ele, mas também para mim, mantivemos o profissionalismo. Eu fingi que não era importante, ele conseguiu controlar o reconhecimento que, por diversas vezes, fazia os olhos dele brilharem de desejo contido.

Me envaidecia, mas não quando estávamos diante dum juiz. Não quando, só de imaginar em repetir aquela noite, eu começava a ficar com a calcinha encharcada.

Tudo aquilo foi uma tortura, uma gigantesca tortura.

Quando saí, apressada, fui direto ao estacionamento. Eu queria ir correndo para casa, se fosse possível, queria lavar do meu corpo o cheiro dele que parecia impregnado em mim. Queria me tocar, descansar, fazer o possível para esquecer. Joguei a caixa de papeis no porta-malas. Quando ouvi alguém me chamar.

— Hannah...

Merda. Merda. O que esse cara queria aqui? E por que eu estava sofrendo palpitações como uma garotinha por causa dele? Deve ser problema no coração.

— Advogado Cooper. O que quer? – Isso mesmo. Fria e distante. Era a melhor coisa que eu poderia fazer para não me deixar levar.

— Seu telefone.

Ele queria meu telefone para que? E o mais importante, pare de olhar para a merda da boca maravilhosa dele, Hannah! Dei uma resposta atravessada e um sorriso convencido ao notá-lo frustrado.

Era bom colocá-lo em seu devido lugar.

BÔNUS III



A FAMÍLIA DE ADAM É MARAVILHOSA.

Embora não tenha conhecido o irmão dele, pelo modo que me fala com carinho dele, ou pela forma que os olhos de Sam brilham quando o cita tão amorosamente fala sobre as qualidades dele, só posso gostar dele também.

Não conheci todos os irmãos. A maioria está vivendo em outros países e vem durante os feriados. Isso complica tanto as coisas.

Eu sempre achei que, pelo que se ouvia falar de Adam, ele fosse apenas um cara louco por dinheiro. Um clichê que saia com todo tipo de mulher e as deixava assim que perdiam o encanto. Porém, a realidade era totalmente diferente.

Chegava a me amedrontar.

Adam poderia ser um amigo, um irmão, um conhecido, ou um grande amor de qualquer mulher. Ele era uma pessoa comum que tinha pais maravilhosos. Uma casa familiar aconchegante onde podia se refugiar e receber carinho da mãe, ou uma bronca do pai. Os pais tinham na sala um mural com os troféus que os filhos tinham ganhado na vida. Várias lembranças da boa criação que realizaram.

Eles deviam ser muito ricos, era possível ver nos detalhes da casa. Havia uma decoração simples, itens que poderiam passar despercebidas por pessoas menos preparadas, mas que eu já conhecia de tanto lidar com espólios e testamentos. Uma ou outra escultura de um artista famoso decorando o jardim. Um Monet disfarçado atrás de um vaso de flores. Algumas esculturas que lembravam muito as obras barrocas brasileiras.

No entanto, elas não eram o foco da decoração. Eram acessórios, pois a esposa do senhor Christopher, Sam, julgou o esmero dele com as flores muito mais atraentes do que as obras desses grandes artistas.

Adam e eu ficamos em quartos separados. Isso era bom. Não sei se teria autocontrole enquanto Adam estivesse por perto. Ele conseguia fazer-me sentir estranha.

Não de um jeito ruim, de um jeito incrível.

Eu sempre me senti uma mulher plena. Achei que minha independência fosse minha maior virtude. Pelo menos depois do meu fatídico casamento. Ainda acredito que seja uma excelente parte de mim, mas Adam me fez conhecer uma parte de mim que eu achei que já tinha perdido o sentido.

Ele me fez sentir ciúmes.

Embora eu tenha conseguido disfarçar bem.

Ele me faz sentir plena de uma maneira diferente. Exaltando minhas qualidades. Ele não me faz sentir plena por que estou com ele, me faz sentir realizada quando me quer por perto, tendo tantas outras opções.

É difícil descrever. Por isso me sinto vulnerável.

Eu me sinto bem ao lado dele, absolutamente.

Minha insegurança é que me impede de viver o que sinto plenamente. Pois tenho medo de me afeiçoar tanto e descobrir, ao final, que minha afeição foi destinada a ideia criei dele, e não ao Adam de verdade.

Quando o vejo interagindo com a família, tão adulto para seus trinta anos.

Aproveitando uma ou outra brecha na conversa para me lançar um olhar apaixonado, minha crosta de indiferença vacila um pouco. É nesses momentos que duvido de mim mesma. Duvido que serei capaz de dar adeus se precisar.

A conversa com o juiz Christopher Cooper tinha se tornado mais política que casual. E, depois de elogiar o filho dele, pela forma constrangida que o pai de Adam se comportou, soube que ele partilhava da mesma opinião que eu.

Que em algum momento, enquanto construía um nome para seu próprio negócio, Adam se deixou levar pela ambição, e pela reputação que construiu, e acabou se tornando alguém obcecado pela vitória a todo custo. Não importando em quem tivesse que pisar para alcançá-la.

Quando descobriu que estávamos num embate frente a frente, o juiz Cooper provocou o filho que, convencido, piscou para mim depois de fazer uma piada sem graça.

Christopher sorriu, mas seus ombros estavam tensos.

Sugeri um brinde. Adam não entendeu meu deboche. Saiu para a varanda. A senhora Cooper sugeriu que eu fosse atrás dele, já que Adam não costumava ter essas intempéries. Pedi que ficássemos à vontade, que se deitassem mais cedo.

Com um abraço apertado, me despedi dos dois e os vi ir em direção ao quarto. Respirei fundo antes de ter que lidar com o filho esquentadinho filho deles.

Conversei com Adam. Queria que se abrisse comigo. No entanto, queria mais que tudo, que estivesse pesando suas escolhas. Por que eu estava tão balançada por ele que, se visse uma mudança na sua índole, imploraria para que ficasse comigo.

A conversa até estava indo bem, até que sugeriu que eu tinha ficado com ele por interesse. Por um mesquinho e desprezível interesse.

Adam era mestre de foder com tudo.

Ele estava retrocedendo todos os passos que tínhamos acabado de dar quando deixou que essa ideia sem nexo passasse por sua cabeça.

Eu aceitaria a ofensa, se fosse justa, mas achar que estou com ele por dinheiro, ou que o prejudicaria por causa de Montesquieu. Foi mais do que meu peito podia assimilar.

Num momento, os lábios dele estavam nos meus, mas eu não podia ceder. Ele tinha que saber que tinha me ofendido, tinha que se tocar no quanto estava errado.

Eu não daria uma nova chance para ele.

Adam tinha que aprender a me respeitar, entender que não traio ninguém. Nunca traí uma amizade, quem dirá o homem por quem estou apaixonada.

Independente do motivo.

Doeu ouvir essa desconfiança.

Doeu bastante.

Foi aí que eu percebi o quanto o homem diante de mim importava. E o quanto me machucaria se algum dia viesse a me decepcionar. Ainda mais quando eu já estava tão envolvida.

A discussão continuou. O final de semana paradisíaco tinha se tornado uma briga de egos. Uma afrontosa discussão sobre ética e sobre sentimentos nunca confessados. Sobre infantilidades e sobre minha teimosia em querer mudar alguém.

Ele tinha estragado tudo.

Adam Cooper estragou tudo dessa vez.

Entrei na casa e comecei a arrumar minhas coisas. Seria muito má educada em partir, mas precisava desse espaço. Me despedi dos pais de

Adam e esperei que ele fosse para o quarto. Saí quando vi que não ia se aproximar para pedir desculpas.

Pedi um táxi. Me registrei num hotel. Voltaria para casa no dia seguinte. Eu precisava pensar se por Adam realmente valia à pena engolir minhas vontades. Se valia a pena desistir de tudo o que acreditava e ceder meu coração a alguém que não tinha os mesmos princípios que eu.

Se valia a pena me apaixonar.

O problema era, quanto mais pensava numa forma de dizer adeus convincentemente, mais eu sofria. Quanto mais tentava ir embora, mais eu queria ficar. Quanto mais eu negava para mim mesma, mais percebia que já estava apaixonada.

DESEJO

TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE TRIPLO A

DEISY MONTEIRO

SINOPSE

Adam, Alec e Anthony.

Três amigos, três histórias diferentes.

Um homem provocante...

Alec Martin é um solteiro convicto. Nenhum de seus relacionamentos durou mais de um mês. Um alfa nato, ele sabe como seduzir e encantar uma mulher e satisfazê-la na cama.

Alec administra as empresas da família com pulso firme. Seu jeito autoritário é facilmente tomado por arrogância, mas quem o conhece sabe o amigo leal que é.

Aos trinta e oito anos, não imaginava que veria seus princípios serem abalados ao encontrá-la.

Uma mulher inocente...

Valentina Ward é uma jovem mulher. Ainda não conhece os segredos do amor e muito menos os profundos abismos da paixão, mas uma coisa sabe. Desde a primeira vez que viu Alec, sentiu, por ele, algo que se movia em seu íntimo e a fazia ter os mais pecaminosos e devassos pensamentos.

Sua beleza pura e cálida não parece o tipo de mulher com quem Alec está habituado a sair, mas nem por isso ele é capaz de resistir.

O proibido...

Quanto mais conhece Valentina, mais é incapaz de resistir ao chame inocente que ela exala, e pelo modo que morde os lábios, como se o desejasse, sabe que sua resolução não durará muito tempo.

Porém, algumas coisas ainda o impedem: Valentina é muito mais jovem que ele, é virgem, e é filha única do seu melhor amigo.

PREFÁCIO

VOTOS DE SUBMISSÃO

*Caso você queira posso passar seu terno,
Aquele que você não usa por estar amarrotado.
Costuro as suas meias para o longo inverno...
Use capa de chuva, não quero ter você molhado.
Se de noite fizer aquele tão esperado frio
Poderei cobrir-lhe com o meu corpo inteiro.
E verás como minha a minha pele de algodão macio,
Agora quente, será fresca quando janeiro.
Nos meses de outono eu varro a sua varanda,
Para deitarmos debaixo de todos os planetas.
O meu cheiro te acolherá com toques de lavanda
- Em mim há outras mulheres e algumas ninfetas –
Depois plantarei para ti margaridas da primavera
E aí no meu corpo somente você e leves vestidos,
Para serem tirados pelo total desejo de quimera.*

*Os meus desejos irei ver nos teus olhos refletidos.
Mas quando for a hora de me calar e ir embora sei que,
Sofrendo, deixarei você longe de mim.
Não me envergonharia de pedir ao seu amor esmola,
Mas não quero que o meu verão resseque o seu jardim.
(Nem vou deixar - mesmo querendo - nenhuma fotografia.
Só o frio, os planetas, as ninfetas e toda a minha poesia).*

FERNANDA YOUNG

CAPÍTULO 1



OS PROBLEMAS NUNCA ME deixavam em paz quando eu dirigia o clube Triplo A. Era uma rotina. Geralmente, eles eram resolvidos e a segurança acabava tendo que incluir outro cliente na lista negra. Lista de clientes banidos por terem exagerado no tratamento com qualquer uma das submissas ou que tinham causado alguma dor-de-cabeça preocupante.

Para meu azar, o problema de hoje não seria tão facilmente resolvido. Logo eu, que sou um controlador nato, precisei ver as rédeas da direção sendo arrancadas da minha mão.

A ordem no clube tinha sido jogada às favas. Um grupo de jovens invadiu o local. A segurança achou que se tratava apenas de alguma tentativa ilegal de presenciar as cenas de sadomasoquismo, e iria contê-los facilmente, mas quando começaram a quebrar tudo e anunciar um protesto, foram surpreendidos e perceberam que teriam que agir habilmente para evitar um prejuízo à integridade dos frequentadores alarmados.

A eficiência deles era algo gritante. Em pouco tempo, vários rapazes e moças foram detidos. Presos pelos pulsos com algemas plásticas, aguardavam a chegada da polícia. Muitas das moças detidas, usando máscaras de um personagem famoso da Marvel, estavam realizando um protesto contra o machismo no clube erótico.

O que mais me surpreendeu, e me irritou, não foi o prejuízo causado na noite, nem o lamento por ter que ver o clube Triplo A vazio antes do tempo, foi encontrar, dentre os protestantes, uma pessoa bastante peculiar.

— Klaus, - Dirigi-me ao chefe da segurança, um dos especialistas que coordenavam a guarda do clube, - identifique cada um dos invasores. O chefe de polícia vai chegar em pouquíssimos minutos.

— Chefe, creio que, antes da polícia chegar, o senhor gostaria de dar uma olhada na sala onde as garotas estão imobilizadas. – Disse e soube que alguma coisa estava errada.

— Explique-se.

Klaus se aproximou e nos afastamos dos rapazes algemados. Ele falou num tom baixo enquanto observava se não estávamos sendo ouvidos.

— Uma das moças detidas no protesto é a filha de Anthony Hill.

— Valentina?

— Sim.

— Onde ela está?

— Na sala ao lado, com as moças detidas pela chefe de segurança feminina. Ao que parece, recusou-se a ter algum privilégio por ser filha de quem é e quis ser colocada com os outros protestantes.

— Peça que a levem para o escritório. – Disse depois de externar certa irritação - Eu mesmo conversarei com Valentina. Para todos os efeitos, nunca estive envolvida nisso.

Klaus acenou positivamente e falou, pelo aparelho discreto colocado em seu ouvido, com alguém que obedeceria minha ordem.

Saí dali e andei pelo clube para confirmar que todos os clientes tinham sido dispensados. Também chequei as dançarinas excêntricas. Uma delas, Cassie, que já trabalhava no clube há mais de dois anos, tinha sido ferida.

Resolvi chamar um de meus médicos particulares para atendê-la.

Durante a invasão, imobilizada pelo Shibari, e impossibilitada de correr, acabou sendo machucada pelo vai e vem das pessoas assustadas. Pisaram-lhe o pé, que eu esperava que estivesse apenas torcido e não com uma fratura. Quando chegou, finalmente deixei-a em boas mãos. Ela foi levada para um hospital particular próximo do clube.

Deixei a organização da bagunça para o pessoal responsável e fui até o escritório, a sala de vidro. Esperei que Klaus tivesse se enganado e que a garota detida não fosse Valentina Aceras Ward, mas tive minhas esperanças frustradas quando a vi sentada numa das cadeiras de reunião, ainda travada dos movimentos das mãos pelas algemas plásticas.

Seus enormes e expressivos olhos azuis pareciam expressar toda sua determinação. Havia um pouco de medo por trás da fachada límpida que procurava manter.

— Não acredito que meu pai vai gostar de saber que sua filha foi presa. Seria um escândalo. – Disse num tom desafiador.

— É o que eu deveria fazer. – Eu disse experimentando a reação que as palavras causaram – Porém, não vou trazer preocupações descabidas para seus pais. Especialmente quando acabaram de sair de um período tão conturbado.

Valentina engoliu em seco. Percebi que minhas palavras tinham surtido o efeito desejado.

— Não percebe que essas pessoas são perigosas? – Disse me referindo ao conjunto de rapazes mais violento – Deveria se envergonhar. Passou numa seleção para um instituto seríssimo e deveria estar estudando para se tornar uma excelente profissional, não para estar se envolvendo com pessoas dessa estirpe. Já pensou o que uma prisão num evento como esse causaria ao seu currículo acadêmico e profissional?

— Você não é meu pai, Alec. – Respondeu num tom atrevido – Não tem que se importar com isso, nem comigo.

— Lamento que não ouça meus conselhos, mas sou sócio deste clube tanto quanto seu pai é. Quer que chame seu pai? Tenho certeza que ele vai repetir a mesma ladainha.

Saquei o celular do bolso. Minha irritação estava aumentando exponencialmente. Eu não podia me dar ao luxo de ter que lidar com esse problema sozinho. Ia discar o número de Hill, quando Valentina veio até mim.

— Tudo bem, Alec, tudo bem. Não precisa ligar. Deixa que eu converso com meu pai mais tarde.

— Pelo visto, ele não sabe nada sobre isso.

— Não. Eles pensam que estou passando o final de semana na casa de uma amiga. Estudando para as provas.

— Acha que essa mentira é algo de que deva se orgulhar?

— Lutar pelos meus ideais? Absolutamente. – Pareceu ofendida que eu duvidasse de seu propósito.

— E quanto a estar destruindo uma das propriedades do seu pai? Local de onde tem tirado parte de seu sustento?

— Meu pai trabalha de forma honesta nesse local. Sempre o dirige com cuidado. Apenas você e Adam é que o tem tornado um antro para abuso de mulheres. Degradam o corpo feminino de diversas formas com esse machismo enraizado.

Sacudi a cabeça em desaprovação.

— É isso que pensa? Que aquelas mulheres padecem abuso?

— Amarradas à vista de todos como se fossem um rolo de carne? Sim. É isso que penso.

— Está sendo estúpida, Valentina. É jovem demais para entender a complexidade dos desejos femininos.

— Você compreende?

— Muito bem, obrigado.

Valentina voltou para a cadeira. Parecia não ter argumentos para continuar com a discussão. Sentou-se, cruzou as pernas e ficou sacudindo o pé, demonstrando impaciência e irritação. Tentando se livrar da tensão de alguma forma.

— Eu estou com sede. – Disse após um tempo.

— Tem água com gás no frigobar.

— Eu tomaria sozinha, mas estou presa, inteligência.

Estive tão nublado por toda a confusão, especialmente pelo fato de Valentina ter sido pega ali, de pensar se deveria ou não ocultar este fato de Anthony, que acabei esquecendo de soltá-la da cadeia de plástico resistente.

— Desculpe por não a ter livrado disso antes. – Me aproximei e a fiz se levantar. O lacre estava bastante apertado, eu, provavelmente, a machucaria se tentasse usar uma faca ou um canivete. Então, ajoelhei-me atrás dela para romper o plástico com os dentes.

A pele clara de seu braço se arrepiou muito sutilmente quando meus dentes roçaram sua pele antes de romper a algema. Não me ative a isso por mais tempo do que o necessário.

Valentina é filha de Anthony Hill, um de meus melhores amigos. Além dele e de Adam, não há outras pessoas em quem eu confie mais. Nem meus pais tem tanto conhecimento de mim quanto os dois têm.

— Pronto, está livre. – Disse após levantar. Peguei duas garrafas de água do frigobar. Dei-lhe uma para que bebesse, a outra esfreguei na marca vermelha no pulso livre de Valentina. Ela tinha tentado se soltar e isso acabou apertando ainda mais a trava e a machucando de leve.

– Está com fome? – Perguntei tranquilamente quando vi que a pele não estava mais tão vermelha – Há lanches no frigobar. Barras de cereais,

chocolate, amêndoas. Algumas frutas. Coma alguma coisa.

— Obrigada. – Disse baixinho.

Concentrei-me no meu trabalho. Liguei o notebook de trabalho e acionei o seguro. Eles teriam que agir rapidamente, para que eu pudesse abrir o clube no dia seguinte.

Quando terminei de enviar o e-mail, a polícia chegou. Virei-me para Valentina antes de ir encontrar-me com eles e disse:

— Espere aqui. Vou falar com os policiais e não quero que se envolva em mais problemas.

Valentina aquiesceu. Fui prestar esclarecimentos.

A segurança precisou manter os reivindicantes no estabelecimento até que um micro-ônibus viesse para levar os jovens coercitivamente. Todos obedeceram minha ordem de não citar o nome de Valentina aos oficiais. Assim evitaríamos problemas com Anthony e até mesmo para a própria Valentina. Assim não teria essa contravenção na ficha.

Os chefes da segurança acompanharam os policiais durante o inquérito. A maioria dos rapazes já tinha um passado criminoso e, exceto alguns que seriam soltos sob fiança, passariam um tempo atrás das grades. Outros provavelmente iriam ter que prestar serviços comunitários, o que lhes ensinaria um pouco de respeito pela propriedade alheia.

Deixei-os trabalhar e voltei para a sala de vidro.

Valentina estava observando a movimentação da polícia. Até o momento, parecia ainda não ter ciência da gravidade da situação em que tinha se metido.

— Poderia estar indo com eles.

— Eu sei. Agradeço por não ter deixado isso acontecer. Apesar que me sinto uma traidora do movimento.

— Um movimento justo, é verdade. Qualquer manifestação seria bem-vinda, mas danos ao patrimônio não. Além disso, antes de criar um caos, seria bom investigar um pouco para confirmar a suspeita de negligência e machismo por parte do clube.

— Danos ao patrimônio que é do meu pai, não esqueça.

— Isso piora as coisas, Valentina. Não deveria se orgulhar disso. — Peguei a chave do carro de sobre a mesa. Estava cansado e iria para casa. Já tinha dado ordens aos seguranças para que fechassem as portas e só reabrissem para os peritos do seguro. Valentina parecia deslocada — Para onde vai agora?

— Provavelmente para um hotel.

— Tem dinheiro?

— Não, esperava usar o nome do meu pai. Talvez ir a um dos hotéis onde ele tem uma conta aberta.

— Seu pai seria informado imediatamente. Saberá que não esteve passando o final-de-semana na casa de uma amiga. — Pensei um pouco e sugeri — Vem comigo. Fica na minha casa até domingo, ou até amanhecer, você escolhe. Não vou ficar em paz se souber que pode se envolver em mais confusão.

Valentina aceitou. Não parecia muito à vontade, mas não tinha como recusar a oferta sem que isso a delatasse. Ela agradeceu outra vez antes de entrarmos no carro. Cortamos a noite em direção à minha casa, tentando esquecer o ocorrido.

CAPÍTULO 2



— FIQUE À VONTADE. – Disse para Valentina assim que entramos na minha casa. Apontei enquanto lhe explicava – Pode seguir por esse corredor. No final, à direita, há dois quartos de hóspedes, escolha o que mais te apraz. Tome um banho, você precisa tirar toda essa tinta de você. Depois volte aqui. Deve ter alguma coisa pronta para comermos. Vou conferir.

— Ok, mas não tenho o que vestir.

— Vou providenciar algo, mas muito provavelmente só chegará pela manhã.

— Vou dar um jeito. É por esse corredor?

— Sim, esse.

Fui à cozinha. As cozinheiras sempre deixavam a comida preparada. Eram informadas sempre que eu saía do clube. Então, quando eu chegava, a refeição sempre estava servida. Independente do horário.

Quando cheguei à sala de jantar, o réchaud mantinha o filé de salmão em crosta de nozes na temperatura ideal. Outro permitia que os aspargos não esfriassem. Ainda tinha duas saladeiras e uma molheira para ornamentar o

jantar. As louças estavam dispostas impecavelmente.

Aproveitei a ausência de Valentina para ir trocar de roupa.

Quando cheguei à sala-de-jantar, estava me esperando. Observando as esculturas que decoravam o ambiente, enrolada apenas num curto roupão feminino. Por ser curto demais, quando se moveu para confirmar minha chegada, vi a polpa de sua bunda sendo revelada de leve. O laço frouxo do roupão tinha feito que sua abertura revelasse mais do contorno marmóreo dos seus seios do que precisava.

Desviei o olhar, disfarçadamente, para as esculturas. Repreendendo-me mentalmente por ter permitido que meu olhar imperasse sobre ela por tempo demais. Por não ter desviado agilmente, como um verdadeiro amigo faria.

— Quer jantar agora? Temos filé de salmão numa cama de nozes. Aspargos e salada. Também há molho cítrico que combina perfeitamente com a suculência do peixe.

— Impressionante. Não adianta querer se gabar, dá para ver que não foi você quem fez.

— Eu não sugeri o contrário. Apesar de saber cozinhar, tenho me privado desse prazer. O mérito pelo jantar de hoje não é meu.

— Credo, não está mais aqui quem falou.

— Não fui grosseiro, lamento por meu tom ter sugerido o contrário. Acho que a tensão pelo que aconteceu no clube mais cedo ainda não foi completamente liberada.

— Sinto muito por isso, dá para ver que o clube é importante para você.

— Muito importante. Quando os clientes vão ao Triplo A, procuram por um lugar tranquilo e seguro para que possam relaxar das suas vidas diurnas. É a segunda falha de segurança que acontece apenas este ano. O clube será bastante descreditado entre os frequentadores.

Valentina e eu servimo-nos. Então pegou um pedaço generoso de peixe e

o saboreou. – Sinto muito. – Ela disse, mas dava para perceber o sarcasmo na voz.

Ela não sentia ou se arrependia nem um pouco.

— Por que fizeram aquilo? – Perguntei legitimamente curioso – Acha mesmo que aquelas mulheres são abusadas? Acha que aquelas mulheres estão sendo lesadas por dispor do próprio corpo como bem entendem?

— Estão sendo usadas como objetos, não entende?

— Sua visão é cética, mas não é prática. Está fora desse mundo e não percebe as coisas pela ótica de quem as vive.

— E você está dentro do de cinquenta tons de cinza?

— Embora tenha apreciado a leitura, as práticas dos verdadeiros praticantes de Bandagem, Disciplina, Dominação e Submissão não são comparáveis.

— Nem um pouco?

— Quase nada. O mundo do BDSM é profundamente mais rico do que a leitura pode supor.

— E leu mesmo cinquenta tons?

— Depois que duas pretendentes a submissa tentaram embarcar num romance comigo, tive que ler. Precisava entender de onde tinham tirado tantas expectativas irreais. Por exemplo, tentar me dissuadir a sair desse mundo para uma vida baunilha.

— E não pretende sair algum dia? – Olhou para mim com curiosidade. Valentina tornava a experiência de comer um aspargo na coisa mais prazerosa do mundo. Estávamos frente à frente. Minha resposta parecia interessá-la menos que o jantar.

— Duvido muito que saia algum dia.

— Tenho pena da mulher que ficar com você.

— Eu também sinto pena, - Eu disse encarando-a - mas não pelos mesmos motivos que você.

Valentina pegou outro pedaço de peixe e o banhcou no molho antes de abocanhá-lo. Um pouco do molho escorreu por seu queixo e eu, sem pensar muito no que estava fazendo, estendi a mão para limpá-la. Deslizei o dedo sobre o lábio inferior dela, o levando à minha própria boca em seguida.

Valentina pareceu recuar pelo toque. Foi só depois de a tocar, que notei o nível de intimidade que se precisava para ter tal liberdade.

Em casa, sempre me senti bastante à vontade. Aquele era meu território. As mulheres que estavam presentes em meu lar, sempre foram como convidadas. Sempre souberam onde estavam entrando e o que eu esperava delas. A intimidade nunca tinha sido problema para mim. Por isso estendi a mão para a tocar tão livremente.

— Desculpe, não deveria ter feito isso. Foi muito...

— Invasivo? – Valentina sugeriu – Foi, mas não terrível. Acho melhor tentar dormir agora. Se importa se eu ficar aqui até as dez? Preciso conseguir um álibi antes de ir para casa.

— De maneira alguma. Disponha de todo tempo que precisar. Sairei bem cedo, precisarei ir ao trabalho, mas uma das minhas assistentes trará algo para que vista. Caso queira ficar para o almoço, peça a qualquer uma das cozinheiras e elas prepararão sua refeição.

— Tudo bem. Vou tentar não importunar tanto.

— Descanse bem, Valentina. Não se preocupe com a mesa, os funcionários cuidarão de tudo pela manhã. – Andei até ela e dei um beijo rápido na sua bochecha.

— Obrigada, você também.

Andei até meu quarto. Tomei um banho rápido e me preparei para dormir.

Deitei-me, mas, sem sono, acabei pegando o notebook para trabalhar. Minha assistente tinha recebido a mensagem e mandaria cedo as roupas que solicitei para minha hóspede.

As roupas poderiam ficar no closet do quarto de hóspedes para uma oportunidade futura.

Oportunidade futura.

Melhor parar de pensar nisso.

Lutei contra a insônia e consegui dormir.

A cena do clube se manifestou para mim em sonhos. Neles, porém, Valentina não era uma das manifestantes. Era uma adorável jovem presa ao teto por nós de Shibari numa pose discreta. Eu tentava protegê-la dos homens que a devoravam com o olhar, enquanto eu mesmo não conseguia desviar a vista de suas amarras.

Não consegui repousar bem, depois de ter acordado desse sonho erótico. Sempre que voltava a dormir, tornava ao mesmo sonho. Isso era um grande problema.

Eu precisava separar as coisas. Precisava me controlar e deixar de ver a garota dessa forma. Eu não podia fazer isso com Anthony, muito menos com Valentina.

Quando amanheceu, e eu já tinha desistido de qualquer descanso. Apressei-me para sair ao trabalho, evitei o café-da-manhã, mas tomei o cuidado de pedir um café para minha hóspede. Na empresa, tentei me concentrar no trabalho, mas, vez ou outra, a imagem de Valentina me vinha à mente.

Valentina, Hill, Phoebe, não mereciam qualquer traição de minha parte. Eu não podia deixar que essa ideia criasse raízes. Não podia permitir que minhas cruéis intenções me subjugassem.

Não houve, nem haverá nada entre nós.

Sim, devo me acostumar com isso.

CAPÍTULO 3



EU ME SENTIA UM TRAIADOR por não contar para Anthony onde estava a filha dele. Eu tinha prometido a Valentina que não contaria e não romperia esse juramento.

No horário do almoço, liguei para casa. Queria saber se a minha hóspede tinha conseguido se sair bem sozinha na casa espaçosa. Quando o telefone chamou diversas vezes, sem atendimento, soube que tinha ido embora.

Não tinha motivos para delatá-la.

Senti-me ligeiramente menos culpado.

A tarde correu num piscar de olhos. Quando a noite chegou, cansado demais pela insônia, sem poder abrir as portas do Triplo A, vi minha distração sendo frustrada. A companhia de seguros pediu que o estabelecimento ficasse fechado até que finalizassem a perícia.

Concordei a contragosto, não quis discutir.

O prejuízo da noite ficaria por minha conta.

Quando peguei meus pertences para ir para casa, a imagem do sonho reapareceu na minha mente. Imagem esta que eu tentava afastar a todo custo.

Apesar de estar absolutamente irresistível e entregue no sonho, eu sabia que, na realidade, Valentina não conseguiria se soltar tão cedo. Ela tinha sofrido um grande trauma. Uma dor que é capaz de abalar qualquer mulher. Era improvável que voltasse a confiar em alguém ao ponto de se entregar, de corpo e alma, a um relacionamento.

A coisa que ela menos precisava era de alguém como eu cercando-a por culpa de uma atração que surgiu numa única noite. Ela precisava de paz, tudo em mim era uma guerra monstruosa. Não havia um passado sombrio, apenas minhas paixões e o modo devasso que eu tinha de amar.

Algum tempo depois, quando entrei em casa, uma das assistentes do lar veio me receber no vestíbulo. Tomou minha pasta, meu casaco e os levou para meu escritório. Cumprimentei-a e perguntei quem era a cozinheira escalada para aquele dia.

— Cassie, senhor Martin. – Respondeu-me antes de sair.

— Obrigado. Diga-lhe que descerei em meia hora para a refeição.

— Sim, senhor. – Assentiu e foi guardar meus pertences.

Me dirigi para o quarto, onde pude retirar as peças que usei durante o dia todo em que tive de trabalhar para me focar em minhas tarefas mais simplórias.

Dividido em seis ambientes, meu quarto possuía uma generosa área de dormir. Um closet duplamente espaçoso, um banheiro máster e um banheiro de quatro peças. Além do anexo, que podia ser acessado por meu quarto ou pelo corredor, chamado de quarto do sexo.

O quarto do sexo era onde eu deixava todos os materiais que usava durante as sessões de BDSM. Brinquedos, máquinas de foder, uma cruz de são Pedro, pranchas e cadeiras especiais que me permitiam atar as mulheres nas mais diversas posições. Tudo era feito para ter e dar prazer.

A autorização de acesso, para entrada no compartimento, pelo corredor, só se dava se eu autorizasse a abertura da porta no painel eletrônico no meu

quarto. As paredes à prova de som e as janelas e vidro opaco impediam que nossa privacidade fosse exposta.

Delaya, a funcionária especializada para administrar a higiene e esterilização de todos os itens, era a única pessoa, além de mim, que possuía o código.

Depois de guardar meus pertences, minha funcionária preparou o meu banho. Entrei então na banheira cheia de água morna e aproveitei vinte minutos de hidromassagem. Sentindo, aos poucos, a tensão do dia sendo levada pelos jatos de água. Consegui reduzir os problemas do dia a estratégias de solução e, finalmente, esvaziar a mente.

Quando eu terminei o banho, eu já era outro.

Enrolei-me numa toalha e escolhi uma peça confortável no closet. O bom e velho moletom nunca falhava. Penteei o cabelo com os dedos. Quando tornei ao quarto de dormir, achei estar vendo uma miragem.

— Valentina? O que faz aqui? Achei que tinha ido embora.

— Você disse para eu ficar o tempo que precisasse. Achei que era sério, se soubesse que se tratava de mera formalidade, teria ido embora – A garota disse tranquilamente como se não estivesse usando um short minúsculo, deitada na minha cama, e uma blusa leve, sem sutiã. Puta merda, eu podia ver a sombra rosa dos mamilos.

— Minha proposta era honesta. Apenas me surpreendi. Leve em consideração que ninguém tem acesso ao meu quarto sem que seja autorizado. Além disso, achei que conseguiria um álibi com alguma amiga.

— Não consegui. A maioria delas também fingiu aos pais que estavam nas casas umas das outras. Então, para não prejudicar nenhuma delas, acabei preferindo ficar.

Deitou-se na minha cama e a blusa revelou uma faixa de sua barriga alva. O pequeno volume sob o umbigo era gracioso. Ela apoiou-se nos braços e olhou para mim como se quisesse algo.

— Quer perguntar alguma coisa? – Disse sabendo que a luz em seus olhos era de pura curiosidade.

Valentina sorriu contente. Eu estava lhe dando acesso a minha privacidade. Uma coisa que eu não fazia tão facilmente. Porém, sabia que a garota, curiosa como era, não se satisfaria apenas com as suposições da própria mente.

Andei até perto da janela que dava vista para uma das piscinas, sentei-me na chaise Le Corbusier para ouvi-la.

— Desde ontem, fiquei pensando sobre esse mundo do qual me diz que faz parte. Eu estou com tantas dúvidas, tenho tantas perguntas, queria saber se pode responder algumas delas. Claro, tem todo o direito de negar.

— Pelo pouco que já conheço de ti, sei que não me deixará sossegar enquanto não tiver respostas.

Valentina ajustou-se na cama, sentando-se, procurou uma posição confortável antes de perguntar.

— Como é ter um quarto cheio de bugigangas como o que tem aqui dentro? Parece ser bem assustador. Não consigo imaginar alguém se submetendo a tal e sendo dona de si.

— Esteve no meu quarto privado?

— Estive sim. Por que? Não podia?

— Quando esteve?

— Há pouco, na verdade. Só saí por que te ouvi chegando. Queria sair de fininho, mas a curiosidade foi maior.

— Este quarto não deve ser acessado sem autorização.

— Então sugiro que coloque um código menos fácil. Uma porta alçapão, alguma coisa que esconda as escadas. Por que, para pessoas curiosas como eu, aquilo é um chamariz.

Eu tentava ser sério, mas Valentina me fazia sorrir sem nem perceber. Eu perdia um pouco da pose de durão quando ela parecia tão fascinada pelas coisas que tinha descoberto. Ela gostava da verdade, eu lhe contaria uma parte dela. Era bom deixar os muros ruírem de vez em quando e afastar limitações.

— Apesar de não estar satisfeito com sua invasão...

— Ah, Alec, já passou. Responde minha pergunta.

— É sempre tão insistente?

— A maioria das vezes, ou até conseguir o que quero.

— Muito bem. Aquele quarto é, para mim, o suprassumo da minha realização. Me sinto poderoso lá dentro. Dominante. Sinto-me grande e realizado ao saber que uma mulher está confiando plenamente em mim para ceder seu corpo. – Observei sua reação e continuei – Minha forma de agradecer é proporcionando-lhes um prazer absoluto. Para mim, o maior e melhor presente que posso receber duma mulher é sua entrega. Um presente que dinheiro nenhum é capaz de comprar.

— Não pode? Por que tenho certeza que pode sim contratar alguém que curta aquilo.

— Sim, eu poderia pagar alguém que finge estar entregue. Porém, a verdadeira entrega geralmente não acontece assim. Por isso, quando acontece, a plenitude é alcançada tanto para o dominador quanto para a submissa na relação.

— Parece interessante. – Valentina parecia ainda não captar a essência da minha explicação, e resistia com mais perguntas – Você fala como se isso não fosse uma forma de subjugar a mulher, torná-la um objeto. Arrancar prazer à custa da dor dos outros.

— É isso que pensa que é?

— Sim, e é assustador.

— Deve pensar que tomo uma mulher pelos cabelos e a amarro na prancha de imobilização para violá-la.

— Não é isso que acontece?

— Absolutamente não. – Respondi sinceramente – Há práticas proibidas, limites respeitados. Quando se quebra algum desses limites, é somente de forma sã, segura e consensual. A submissa tem controle sobre si. Escolhe até onde vai sua entrega. Uma palavra e paro o que estiver fazendo. A mulher é cuidada antes, durante e depois das sessões. O afterplay é uma parte da sessão. É onde o carinho acontece, por isso é tão apreciado.

Valentina levantou-se da cama, circulou pelo quarto. Via-se que estava ouvindo tudo atentamente. Somente em raras oportunidades, via-se que seu olhar estava nublado, contemplando as imagens na própria mente.

Suas dúvidas não eram descabidas, mas há muito da prática BDSM que não se aprende numa aula teórica, mas na prática, e não estou disposto a ensinar.

Isso custaria a minha amizade.

— Há muitas que se submetem a você? - Perguntou com cuidado. Parecia receosa de ouvir a verdade.

— Muitas querem se submeter, mas nem todas são submissas. Muitas não sabem separar o sentimentalismo da prática e acabam nutrindo sentimentos por seus donos, o que não é ruim, mas não é uma coisa que me atraia. Nenhum dos dois é obrigado a corresponder aos sentimentos que nascem.

— Não foi isso que perguntei. Quero números, Alec.

— Não conto. Não estou numa competição para ver quem descarta mulheres mais rápido. Algumas de minhas relações duraram bastante tempo, outras não. No entanto, para o jogo, não tem como numerar quantas passaram pelo meu quarto.

— Então é experiente?

— Me considero experiente, mas sempre há algo para aprender. Cada submissa ensina uma lição diferente ao dom.

— Dom?

— Dom. Dominador.

Valentina parecia prestes a perguntar, mas bateram à porta do quarto. Cassie veio avisar que o jantar estava servido. Agradei e Valentina me acompanhou durante o jantar.

O silêncio que imperou durante o jantar não era constrangedor. Constrangedor era o barulho das engrenagens girando na cabecinha de minha convidada. Mil perguntas que me lançaria na primeira oportunidade que tivesse.

CAPÍTULO 4



DOMINGOS ERAM SAGRADOS. Nunca trabalhava em nenhum deles. Algo que fiz para não passar a vida toda no escritório. Aos meus funcionários, eu delegava tarefas simples que permitiriam que a empresa continuasse operacional durante minha ausência. Os assuntos mais sérios que surgissem, e que não poderiam sair de minha autoridade, deixava para serem resolvidos durante a semana.

Quando terminamos de jantar, avisei a Valentina que me retiraria. Queria poupar minha noite de algumas de suas perguntas indiscretas. Sentei-me no sofá do escritório, aproveitando o horário livre para ler um pouco. Utilizei uma fraca luz direcional.

Quando disse a Valentina que iria me retirar, ela deve ter suposto que eu iria dormir. Por que, menos de quinze minutos depois que iniciei minha leitura, ouvi seus passos descalços na casa silenciosa.

A porta entreaberta me permitiu ver o momento que passou, furtivamente, diante do escritório. Desliguei a luminária direcional e esperei que voltasse ao próprio quarto, sem que me notasse, para ler em paz, mas isso não aconteceu.

Valentina entrou no escritório.

Engolfado pela escuridão, não fui notado. A luz que vinha do corredor iluminava apenas uma parte da estante onde livros eram organizados num esquema de cores. Seus dedos deslizaram sobre os títulos nas lombadas. Procurou por um deles especificamente, até que chegou à minha coleção privada intitulada “Arte da Dominação”.

Uma coletânea de livros, em formato quadrado, cujas páginas eram repletas de imagens sobre o BDSM, cenas de relações de dominação, sadomasoquistas ou bondage.

Valentina alcançou um dos volumes com destreza, soube que essa facilidade só seria conseguida se tivesse vasculhado meu escritório antes. Escondeu o livro sob a blusa e controlei um sorriso que quis surgir. Quando ia se retirar, liguei a luz da luminária outra vez.

Quando virou para mim, surpresa, falei tranquilamente.

— É bastante feio roubar os outros.

Valentina observou minha posição. Pernas cruzadas, livros sobre o colo. Um braço apoiado sobre a poltrona confortável, dedos cobrindo, disfarçadamente, uma sombra de sorriso.

— Não sabia que estava aí. Quis me matar? Peguei um susto danado, sabia?

— Assustou-se por estar fazendo algo errado, não acha?

— Eu apenas peguei um livro para ler.

— Esse livro que pegou, – Falei enquanto me aproximava e de maneira gentil tomava o livro das mãos dela – quase não tem palavras. Há, no máximo, uma descrição da fotografia ao final de cada página.

— Pode ser, mas é muito elucidativo. – Deu de ombros – Não pode me culpar por estar curiosa. Quando se descobre que o melhor amigo de seu pai é um pervertido sexual e que gosta de chicotear as pessoas, qual a melhor reação?

Me afastei, não por ter me chamado de perverso sexual, mas porque ao me chamar de “melhor amigo de seu pai” – o que era verdade – colocou uma distância maior entre nós.

— Não quis ofender. – Valentina deve ter percebido meu recuo – Sou péssima contadora de piadas. Devo ter herdado isso do meu pai.

— Acredito que sim. Mas, me diz, não estava indo descansar? Por que voltou para vasculhar minhas coisas?

— Eu estava entediada. – Acrescentou rapidamente - Não achei a sala de tevê na sua casa enorme.

— A sala de tevê fica após os quartos no final do corredor. Talvez não tenha vasculhado a casa direito.

— Vou fazer isso assim que dormir.

Valentina piscou-me um olho e sorriu. Parecia tão relaxada que não percebia o quanto eu estava tenso. Tenso demais sem saber o motivo, ou sabendo-o com precisão e negando-o com tenacidade.

— Promete deixar minha biblioteca em paz?

— Não posso. Minha curiosidade é maior que a vontade de manter uma promessa. Ela só seria aplacada se...

Eu freei minha língua para não pedir que continuasse. Por que sei o que diria, mas não estava pronto para ouvir. Também não queria que descobrisse que meus sonhos vinham sendo uma constante fantasia sobre ela.

Ver que estava com apenas o maldito roupão curto também não ajudava. Seus cabelos pareciam ter sido escovados e um lindo volume coroava seu rosto. A franja escondia um pouco de sua expressão, não permitindo que eu a lesse com precisão. Quando pensava em algo, muito concentradamente, ou quando estava ansiosa, revelava muito do que sentia com os lábios. Mordia-os de leve quando estava interessada, deixava-os entreabertos quando esperava uma resposta, lambia-os quando sua imaginação a provocava.

Era um tormento.

Cada vez que os umedecia com a ponta da língua, eu imaginava uma maneira diferente de imobilizá-la utilizando apenas o laço grosso do roupão.

— Continue... – Pedi.

Meus lábios me traíram e o tom não pareceu tão desinteressado quanto eu quis soar. Minha boca estava seca. Tudo parecia piorar quanto mais eu via Valentina se aproximar.

— Se explicar para mim... Você pode explicar um pouco do que vi em seu livro. Quero entender. Quero saber um pouco sobre o seu mundo. Aquela moça, a que acabou acidentada e foi para o hospital...

— O que tem ela? – Perguntei olhando para sua boca.

— Quando a vi, quando os demais começaram a quebrar as coisas, fiquei perdida, contemplando-a por um tempo. Sua posição parecia grotesca, joelhos amarrados e braços atados atrás da costa. O que parecia ser uma bola de ping-pong em sua boca como numa mordança. Mas... – Parou um pouco antes de continuar – Ela tinha um olhar tão pleno, satisfeito. Parecia estar completamente entregue. Sentindo-se desejada, sentindo-se mulher...

— Isso deve ter sido antes de seus companheiros de crime tentarem quebrar o calcanhar dela.

— Você sabe que não foi assim. – Respondeu frustrada.

— Poderia ter sido, se a segurança não fosse rápida. O que é vocês queriam? O que queriam com todo aquele circo?

— Fomos informados que naquela noite, várias mulheres estariam sendo violentadas por dinheiro. Que suas condições financeiras as fazia ter que se submeter a isso, apenas por alguns trocados. Minha primeira impressão confirmou a narrativa. Achei que realmente era isso que estava acontecendo, mas, era tão diferente do que imaginei...

— Aquelas mulheres não estão presas contra sua vontade, tampouco são

escravas sexuais. Recebem salário, claro, um bom salário, mas gozam de total liberdade. Inclusive da liberdade de dispor de seus corpos como querem, sem julgamentos, sem recriminações. Sem regras.

— Nunca tinha pensado dessa forma.

— Tenho certeza que não.

Me afastei um pouco. Devolvi o livro que ainda tinha na mão a estante e escolhi um com uma temática menos pesada. O livro que Valentina tinha escolhido continha conteúdo de Scat, cenas com excrementos, e a garota ficaria enojada antes mesmo de se dar a chance de não estabelecer um preconceito.

— Comece com esse. É bem mais leve, as relações estão mais romantizadas. As cenas são mais bonitas. Não é para iniciantes, mas os personagens foram fotografados de forma que não há apenas cenas sensuais, mas paixão e delicadeza.

Valentina recebeu o livro como se fosse um tesouro. Abriu numa página aleatória e ergueu o olhar para mim. Seus enormes olhos redondos enfeitavam perfeitamente seu rosto cheio e delicado.

— Quer me explicar? – Perguntou baixinho.

— Como? – Maldita sede que voltava.

— Preciso de alguém que me faça entender o que tem nessas páginas. Pode me explicar?

— Não conseguiria passar a essência completamente. O BDSM é muito melhor conhecido quando vivido, não apenas falado. – Pareceu um convite, reformulei a frase para não a atemorizar – Há coisas que entenderá, mas não todas.

Valentina pensou um pouco antes de falar. Seus lábios presos entre os dentes e o olhar analisando minha reação.

— Posso assistir uma de suas sessões? Foi assim que chamou antes, né? –

Não esperou resposta antes de continuar – Minha curiosidade está sobrepujando minha razão e isso não me sai da cabeça. Prometo ficar calada, quieta, sem mexer um único músculo. Quero apenas ver... Entender um pouco.

Refreei a imaginação louca que me vinha à mente. Não queria falar sem antes refletir direito. Quando tive certeza que a voz não vacilaria, assenti.

— Proporei isso para uma de minhas submissas. Teria que ficar aqui amanhã, pode fazer isso?

— Até a noite, então vou para casa.

— Perfeito. Vou encontrar alguém para ilustrar uma dessa cenas. Provavelmente à tarde.

— Obrigada.

Valentina deu um salto, se pendurou no meu pescoço, num abraço apressado. Percebi, quando se afastou, que não estava tão à vontade com a proximidade de nossos corpos. Tomou o livro que lhe ofereci e o levou consigo.

— Amanhã você me explica tudo. Falar de sexo durante a noite não é legal. Ainda mais quando se dorme sozinha.

Despedi-me e a vi sair.

Minha cabeça estava bastante distante do mundo dos livros, então fechei o volume de autoria de Bocage e tentei ouvir um pouco de música.

A tempestade de notas evocadas por Mozart conseguiu me arrancar, temporariamente, do delírio febril que Valentina conseguia causar.

CAPÍTULO 5



ACORDAR CEDO ERA UM HOBBY, mesmo aos finais de semana. Porém, se a noite anterior foi atípica. Meu despertar seria ainda mais.

Valentina abriu as portas do meu quarto, com bastante barulho, e veio para perto da cama. Colocou-se diante dela e puxou minhas cobertas antes que eu pudesse evitar a cena que se desenrolou. Ela não esperava que eu tivesse o costume de dormir despido.

Tão logo a coberta foi ao chão, ouvi seu grito eufórico de susto antes de cobrir o próprio rosto. Puxei de volta o lençol, cobri as partes que não deveriam estar à mostra. Andei até o closet para vestir-me com algo que não a deixasse constrangida.

— Desculpe! Pensei que dormia de maneira decente! – Berrou do quarto, ouvi sua voz ainda de dentro do closet. A confusão me fez sorrir um pouco.

Quando voltei ao quarto, usando uma bermuda folgada, não pude conter o sorriso na voz.

— Não pode me julgar por dormir nu em minha própria casa. Já tomou café?

— Não, esperei que acordasse. Não queria comer na sua sala de jantar

para vinte e quatro pessoas sozinha. Cassie já deve ter posto a mesa.

— Vou esperar você à mesa, então. — Valentina não conseguia manter os olhos em mim sem ficar vermelha. Vi quando seu olhar parou em meu abdômen por um tempo, admirando-o descaradamente, mas logo readquiriu a postura.

Era preciso ser um cadáver para não se sentir envaidecido.

— Tente usar mais roupas. — Disse enquanto saía.

— Tentarei

Eu estava brincando com fogo. Estava me deixando ser levado pela atração nascente sentida por essa garota. Garota que eu devia proteger, não enredar em minha teia. Tomei um banho frio, lavando meu corpo, tentando lavar meus pensamentos obscuros. E readquiriti um pouco de juízo.

Valentina teve uma vida difícil, uma infância pior ainda. Não precisava que eu entrasse em seu mundo e confundisse, ainda mais, as coisas.

Não precisava que eu ficasse buscando desvendar o tom de seus olhos azuis. Muito menos que o comparasse com o meu próprio. Não precisava que eu tentasse entender a dinâmica de seu cabelo alaranjado, ou o contraste com meu cabelo preto. Não, ela não precisava.

Éramos curiosos por natureza, isso tínhamos em comum. Foi essa curiosidade que me levou para o mundo da dominação. Eu tinha uma ânsia crescente em mim, ânsia por saber mais. Exatamente como essa que agora devorava a atenção de Valentina.

Sentimentos conflitantes me deixavam em angustia. Ao mesmo tempo em que tentava não a ver como uma mulher capaz de satisfazer meus desejos, uma mulher a quem podia conquistar, não conseguia deixar de encará-la como tal. Não conseguia deixar de querer descobrir mais de sua feminilidade.

Saí do banho e vesti algo decente.

Fui encontrar Valentina na cozinha.

Como eu tinha suposto, os funcionários já tinham preparado a mesa de café da manhã. Eu quase nunca precisava me preocupar com as refeições, exceto quando discutia com o chef que geria as cozinheiras, sobre os cardápios da semana.

— Finalmente, Alec! – Valentina exclamou – Eu estava faminta, não consegui esperar muito. Já comecei a provar este bowl havaiano maravilhoso. Quase não deixo nada para você.

— Fique à vontade. Sei o quanto o meu pessoal é talentoso na cozinha. Vou me satisfazer com o pão de ervas e enrolados de queijo e peito de peru.

— Está sem fome?

— Geralmente não tenho fome pela manhã.

— O café-da-manhã é a refeição mais importante do dia.

— Por isso me obrigo a comer, ainda que precariamente.

Eu estava dando respostas prontas.

Queria por alguma distância entre nós.

Eu queria, mas não conseguia. Era impossível não se fascinar pela forma que escolhia, a dedo, os pedaços de fruta que mais gostava. Ou como lambia os dedos depois de provar um pouco da cobertura, tornando o simples gesto algo indecente e imoral.

Terminei o café e saí, após pedir licença. Fui até o quintal, uma grande área que tinha árvores a perder de vista. Após elas, ficava meu campo de golfe. Também uma quadra de tênis, pouco usada, exceto quando tinha uma reunião informal com executivos. Do outro lado da propriedade, ficava o haras onde estavam meus cavalos puro-sangue marroquinos, e um lago artificial.

Minha casa se sobressaía do terreno em leve declive. Do nível dela, conseguia observar uma enorme parte do terreno. A piscina de borda infinita,

perto da casa, era um atrativo à parte. Além dela, ainda tinha duas outras piscinas. Uma interna, com aquecimento, para o inverno. Outra que simulava um lago natural entre as árvores.

Mesmo com tanto para me distrair, meus pensamentos sempre voltavam para minha companhia indiscreta. Meus escrúpulos me fazendo sentir culpado. Me fazendo perceber que estava cobiçando uma garota que mal tinha vinte anos. Fazendo perceber que meus instintos primitivos me mandavam seduzi-la.

— Alec, está pronto para conversar comigo ou precisa de mais tempo? – Valentina me perguntou após vir até meu lado. Vestia um vestido de tecido leve e mangas compridas, que estavam enroladas até o antebraço, um chinelo de dedo decorado por pedrarias. Estava muito relaxada. O sol tranquilo lhe conferia certa vermelhidão na tez suave. Notei, sob a claridade, que tinha dois sinais escuros, pequenos, no rosto. Um perto do lábio, outro na maçã do rosto.

Sem perceber a intensidade dos meus olhares, ou a ausência de resposta, sentou-se numa das espreguiçadeiras ao lado da piscina. Enrolou o cabelo para o alto e se permitiu relaxar sob o calor.

A ausência de maquiagem lhe dava um aspecto ainda mais pueril. O que lhe conferia um charme único. O queixo pequeno e delicado, em contraste com o maxilar forte e bem definido do seu rosto, tornava-a de uma beleza única.

Deus do céu, Valentina era linda.

— Ainda não estou pronto. – Respondi quando lembrei a forma correta de articular as palavras.

— Pronto para me explicar?

— Pronto para desnudar minha alma.

— Sei que consegue. Confie em mim, confie em si mesmo. Tudo o que acontecer nesta casa ficará entre nós dois.

Malditos pensamentos maliciosos.

Surgindo sem que eu os esperasse.

— Vou precisar de mais tempo.

— Vai dar para trás, Alec?

— Apenas preciso me preparar psicologicamente primeiro.

— É tão difícil assim falar de sexo comigo? – Perguntou num tom que mostrava certo veneno. Um doce veneno.

— Não consigo manter a mente aberta quando parece tão interessada. – Fui ligeiramente sincero – Uma garota sem experiência não deveria querer saber tanto.

Valentina sorriu. Quando recomeçou a falar, tinha um presunçoso sorriso no rosto.

— Não sou uma virgem inexperiente. Apenas não tenho a mesma experiência que você. No colégio interno, na efervescência de hormônios das garotas na puberdade, costumávamos construir excelentes amizades, entende? Tornávamo-nos bastante companheiras.

O modo como delineou, nos lábios cheios e rosados, a palavra “companheiras” insinuou perfeitamente seu sentido oculto. Embora tivesse um rosto de anjo delicado, Valentina escondia uma garota rebelde dentro de si.

— É difícil acreditar nisso. – Disse enquanto tentava evitar a imagem de Valentina se esfregando em outras garotas.

— Por que tenho essa carinha de boa moça? Acredite, tive experiência também. Não sou nenhuma criança.

— Sua experiência se limitou às suas amigas? Porque, apesar do sexo entre mulheres ser lindo e prazeroso, muitas delas não conseguem se realizar plenamente, especialmente quando gosta dos dois sexos.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que existem prazeres que só uma mulher dá, mas há prazeres que apenas um homem proporciona. Sua experiência pode ser vasta, mas se deitou apenas com mulheres, é limitada.

Valentina não falou nada de imediato, apenas bufou e me ignorou. Parecia contrariada, até mesmo parecia irritada.

— Então, sua experiência é limitada? – Insisti na pergunta.

— Isso é pessoal. Prefiro não responder.

Decepionei-me ligeiramente.

Não por sua experiência ou falta dela, mas por não se abrir comigo. Esperava haver reciprocidade na liberdade. Não a culpo, deve ser aterrorizante dividir suas intimidades com alguém que considerava uma aberração sexual, um depravado.

Aproximei-me. Essa distância que ela mesma colocou foi o suficiente para que eu reassumissem o controle de minhas emoções. Para que falasse de sexo com ela sem ser afetado. Estendi a mão para que a pegasse, Valentina esperou uma explicação antes de tomá-la.

— Estou pronto para falar sobre sexo com você. Não se preocupe, não invadirei seu espaço. Fui descuidado e perguntei coisas que não deveria. Espero que se abra comigo apenas quando estiver à vontade.

— Vai responder tudo o que eu quiser?

— Qualquer coisa.

— Maravilha. – Ela se levantou tomando minha mão e então enlaçou o braço na minha cintura. – Mas sou muito curiosa.

— Isso já percebi, Valentina, pode ter certeza.

CAPÍTULO 6



NO SOFÁ DO ESCRITÓRIO, Valentina parecia não ter consciência do quão perto estava. Eu estava orgulhoso de mim. Conseguia responder as questões dela com frieza calculada. Frieza capaz de sanar suas dúvidas sem suscitar outras.

— E quanto a esta, Alec? – Perguntou outra vez. Sempre que o fazia, deixava de olhar para a figura e procurava meu rosto. Seu hálito suave tinha cheiro de frutas e doce. Seu cabelo um peculiar aroma de lilás.

Precisei desviar, constantemente, minha atenção dela para as fotos que me pedia.

Mais do que eu deveria.

— Esta foto é de uma sessão de pet play.

— O que ela está fazendo?

A foto era duma mulher. Seus olhos estavam fechados enquanto recebia carinho de seu dono atrás da orelha. A mão do homem era a única parte masculina visível. A expressão de prazer impressa em seu rosto era o foco da obra primorosa do fotografo.

— Depende da intenção do dono. Ela pode estar feliz por receber o carinho. Pode estar orgulhosa caso ele a esteja elogiando. Ou, se forem bastante cúmplices, e ela muito bem treinada, pode estar tendo um orgasmo.

— Um orgasmo? – Perguntou tentando entender como, naquela foto, ela poderia estar atingindo o prazer, se não estavam transando.

— Sim, um orgasmo. Já li algo sobre. Se um dono quiser, pode treinar sua submissa para ter prazer apenas com um toque como esse, ou com sua voz. Uma ordenança e essa garota pode alcançar o prazer.

— Está mentindo, não é mesmo? Isso nem é possível.

— Acha que eu mentiria para você? – Disse-lhe de maneira que não duvidasse das minhas palavras.

— Não, sinto que não. – Então acrescentou - Apenas fiquei surpresa. Quando fico surpresa, não controlo minha língua.

— Tem essa aqui também, do mesmo casal. – Virei duas páginas e mostrei a foto da mesma mulher, desta vez apoiada sobre os joelhos. Ela tinha as mãos no chão e bebia duma tigela leite. Ela se concentrava para exercer seu papel. O fotografo captou o momento que ainda tinha a boca aberta, sua língua praticamente acariciava o leite. – Não é linda?

— É delicada... – Valentina olhou para a foto com estranheza, no começo, mas então perguntou curiosa – O que é isso? Como colaram esse rabo nela?

— Não é colado. É encaixado. É um plug anal. Os melhores plugs tem pelos verdadeiros. Caso a submissa sofra de alguma alergia, pode ser usado pelo sintético. Um conjunto com pulseiras de pelos e orelhas do mesmo tom poderiam deixá-la ainda mais graciosa.

— Ele é encaixado na vagina?

— Existem outros para tal fim. Este é utilizado no ânus.

— Atrás? Isso não dói?

— Ela está com cara de dor? Não. — Expliquei — Os plugs podem ter tamanhos diversos, mas o dono nunca faria algo que machucasse sua submissa.

Valentina deslizou o dedo na foto, pela curva do desenho da cauda postiça que a mulher utilizava.

— Eu não sei se o fotografo é muito bom, ou se essa mulher realmente está se sentindo sensual nessa posição. Por que, por incrível que pareça, vejo que ela parece estar feliz.

— E está. Isto se deve ao prazer e a entrega da mulher, também ao trabalho do fotografo. Está vendo sua realização.

Valentina passou mais algumas páginas.

Num dado momento, deixei de encarar as páginas do livro e analisei a reação de Valentina. Seus olhos brilhavam enquanto admirava os detalhes das fotografias. Fios do seu cabelo estavam soltando do rabo de cavalo frouxo. Também mordida o lábio inferior ao examinar cada detalhe com cuidado.

— Essa aqui? — Perguntou então olhou para mim. Num segundo, percebeu que eu a estava observando antes de virar-se. — Por que está me olhando assim?

Pense rápido, Alec.

— Você vai assistir uma sessão não planejada, não sei que tipo de impressão isso pode causar. Estou preocupado.

— E o que sugere? Está com vergonha?

— Não tenho vergonha de mim ou do meu corpo. Apenas não quero protagonizar uma cena de sexo enquanto assiste. — Falei feliz ao perceber que tinha comprado minha mentira — Então a sessão de hoje não terá sexo.

— Isso é possível?

— Muita coisa é possível. – Virei-me para a foto – Esta é uma sessão de Fireplay. Vê? A coloração das chamas? O dominador embebeu esta haste em líquido inflamável, então lançou fogo. Com a mão enluvada está apagando a chama.

— É uma das fotos mais sensuais que vi na vida, mas me preocupa ver o mamilo da mulher pegando fogo.

— Tudo é feito cautelosamente, é quase indolor. Um deslize e a confiança construída por anos se perde.

— Entendo, Alec. E...

Fomos interrompidos. Cassie bateu na porta antes de entrar. Cassie tinha autorização para me interromper e lembrar-me dos meus horários e compromissos, caso fossem esquecidos.

— Cassie. – Cumprimentei-a.

— A senhorita Moss aguarda na sala de estar.

A hora tinha chegado. Valentina me veria numa sessão.

Eu me sentia seguro, mas preocupado com a recepção de Valentina. Ia pegar bastante leve, para não a assustar.

— Obrigado, Cassie. Deixe-nos à sós, por favor.

Cassie fez o que pedi. Então dirigi-me a garota que tinha ficado ao meu lado.

— Valentina, vou ao quarto me vestir. Levarei Monique comigo. Em meia hora, vá ao meu quarto privado. Estarei em sessão. Prometa que ficará quieta.

— Prometo.

— Monique é bastante social, concordou em conversar com você sobre qualquer dúvida feminina. Informei que é intrinsecamente curiosa.

— E ela disse o que? – Sorriu um pouco.

— Que não tem problemas, responderá tudo de bom grado.

Levantei-me, Valentina fez o mesmo.

— Então, devo ir ao seu quarto privativo em meia hora?

— Isso mesmo. – Ergui a mão e segurei seu queixo para fazê-la olhar para mim – Está segura que isso é o que quer?

— Estou sim, apenas estou um pouco nervosa.

— Então não se preocupe. Respeitarei seus limites e não farei nada que possa assustá-la. Se parecer demais, avise-me e pararei de imediato.

— Certo. Farei isso. – Disse após engolir em seco.

Senti Valentina soltar o ar quando a livreli do meu toque. Deixei-a e me dirigi ao meu quarto. Vesti o traje de dominação, que sempre usava. Sapatos sociais de couro escuro, meias pretas e um conjunto social ajustado, da mesma cor. Um cinto de couro arrematava o conjunto cujo único detalhe gritante era a fivela prateada. Esta era a roupa escolhida para sessões que a dominação não envolveria sexo.

Recepcionei Monique e fiz questão de conversar um pouco. Verificar se realmente estava à vontade com o acordado. Precisava saber se hesitava quanto aos limites para a noite.

— Está de acordo com tudo que acontecerá esta noite – Perguntei analisando bem seu rosto, para ter certeza de sua reação.

— Estou de acordo. Se satisfará com a ausência de sexo?

— Absolutamente. Quanto ao seu prazer, não se preocupe, eu o darei. Nosso voyeur é que não tem conhecimento suficiente para assistir o ato sexual em si. Não a quero assustar.

— Gosta dela? – Me perguntou gentilmente.

— Tenho muito carinho por ela.

— Assim como gosta de mim? – Monique perguntou e vi a súplica em seu olhar. Essa garota era minha submissa atual. Eu conhecia bem o que sentia por suas expressões faciais.

— Gosto de você de uma maneira única, Monique. Não tem comparação. Sabe que admiro sua entrega e sua obediência com toda a minha razão. – Acariciei seu rosto de leve.

A resposta a deixou mais segura. Peguei sua bolsa, que ainda carregava, e coloquei-a sobre um móvel. Retirei sua echarpe delicadamente, deixando o tecido deslizar por sua pele suave, no mesmo ritual de sempre. Retirei seu casaco marrom e o vestido pálido que carregava.

Abaixei-me diante dela e retirei seus sapatos. Colocando-os ao lado dela. Então retirei seu sutiã e a calcinha. Eu sempre a despia e cuidava de sua higiene antes da sessão. Foi exatamente o que fiz.

Quando terminamos, levei-a pela mão à sua posição.

Monique ficou ajoelhada aos meus pés, encostou a cabeça enfeitada por abundantes fios louros na minha perna. Fiquei acarinhando os cabelos dela enquanto esperava nosso Voyeur.

Cinco minutos depois, ela descia as escadas. Temerosa, vagamente receosa, aproximou-se. A curiosidade a vencia.

CAPÍTULO 7



— SENTE-SE NO SOFÁ VERMELHO.

Minha ordem ecoou pelo aposento indo até Valentina. Minha voz era outra, meu corpo tinha uma pose mais firme, dominante, meu olhar era mais severo e concentrado.

Quando entrava numa cena de dominação, por mais leve que fosse, meu corpo entrava num êxtase absoluto. Sentia-me poderosamente infinito.

Valentina fez o que pedi.

Sentou-se e passou a observar.

Ela não tinha trocado de roupa, tornando-se o único ponto branco no ambiente preto e vermelho. Quando se ajustou numa posição confortável, comecei a sessão.

— Nos joelhos. – Ordenei num tom baixo e firme.

Monique, imediatamente, ouviu a ordem. Soltou minha perna e apoiou-se sobre os joelhos no chão acarpetado. Os dois braços estendidos no chão, seu rosto apoiado sobre eles. O quadril nu levantado para o alto. Ela estava exposta, porém, da posição que estava, Valentina não veria sua intimidade,

apenas seus contornos.

Monique tinha um corpo espetacular.

Sua cintura era bastante delgada e tinha volumosos seios naturais. A pele bronzeada ocultava as marcas de nossa última sessão. Sua bunda tinha o volume correto para que se tornasse uma curva preciosa quando se curvava.

Eu ainda via algumas marcas em suas costas, e adorava cada uma delas. Eram provas vivas de desejo dançando sobre sua pele preciosa.

A partir daquele momento, Valentina não era mais que um vulto. Minha dedicação e meus sentidos estavam dedicados à mulher aos meus pés que esperava de mim tanto seu prazer quanto seus flagelos.

— Exiba-se para mim. — Ordenei num tom baixo.

Monique apoiou o rosto contra o chão. Suas mãos deslizaram pelo chão até alcançar suas pernas. Seus dedos exploraram a carne no meio das coxas e ela passou a abrir os pequenos lábios avermelhados.

Monique tinha uma cor deliciosa.

Ágil, ela passou a mover os dois dedos para exibir sua entrada apertada. Enfiou-os dentro de sua boceta e tirou os dedos úmidos deslizando-os da sua fenda até sua bunda. Esfregou os dois dedos ao redor do seu cuzinho apertado e tornou a fazer carinho em seu clitóris.

— Perfeita. — Elogiei sua exibição — Detenha-se agora.

As mãos de Monique foram ao chão novamente.

Andei até o gaveteiro onde ficavam os instrumentos menos rebuscados e menos perigosos para uma sessão. Peguei as correias que combinavam com o tom da sua pele.

Enrolei uma delas ao redor de seu pescoço de curva suave e a fiz andar em quatro apoios até a cadeira de imobilização. Fiz que sentasse de frente para mim. A cadeira de imobilização servia para manter a mulher com as

pernas abertas e elevadas por apoio, bem como com os braços travados atrás do corpo.

Toda a cena era dirigida de forma séria. Não havia suspiros ou gemidos da minha parte, assim a submissa não saberia se estava agradando, exceto se eu dissesse. Por isso, quando Monique sentou-se, elogiei-a pelo comportamento.

— Excelente...— Sussurrei baixo e observava suas reações.

Ela suspirou quando o calor da minha voz contra sua pele ansiosa a fez corar levemente. Seus olhos estavam com as pupilas dilatadas, ocupando setenta por cento da íris, mostrando que eu era o objeto de seu desejo.

Peguei uma de suas mãos e fiz um laço com a correia de couro, atei-a então a um dos apoios da cadeira. Fiz o mesmo com a outra mão. Depois imobilizei sua cabeça. Com uma correia, preendi seu cabelo num rabo-de-cavalo que preendi ao suporte da cadeira, que apoiava o pescoço. Isso não permitia que não movesse demais o rosto para os lados e se machucasse caso tentasse resistir ao orgasmo exigente.

Ergui uma das pernas dela, amarrando-a ao apoio, depois a outra. Passei as correias ao redor da cintura fina, depois amarrei uma do apoio da cabeça à linha da cintura.

Coloquei grampos de madeira, que estavam ao alcance da mão, em seus seios, vendo a cor avermelhada surgindo neles e colorindo a pele bronzeada.

Tornei ao gaveteiro, peguei o chicote de cerdas macias. Diferente do chicote de couro grosso, este eu sempre usava com carinho. Monique não fez nada que merecesse punição, mas, pela nossa vivência, eu sabia que gostava dos flagelos.

Aproximei-me de seu rosto. Beijeii-lhe na testa, depois na boca, e sussurrei baixo aos seus ouvidos antes de colocar uma mordança em sua boca.

— Vamos começar o espetáculo.

Seu sorriso foi repuxado pela mordança. Estiquei a cabeleira do chicote e direcionei o golpe para que atingissem o interior das suas coxas.

Uma vez – na coxa direita.

Monique gemeu baixinho.

A primeira chicotada sempre doía mais.

Duas vezes – na coxa esquerda.

Monique deu um grito abafado.

Experimentando, o segundo golpe.

Outra vez na coxa esquerda. Pequenos tons rosados começaram a sobressair ao tom da pele bronzeada. Duas vezes na coxa direita. Igualando as chicotadas em cada uma.

Quatro sobre o monte de vênus.

Assim o clitóris dela começaria a receber estímulos graves, para quando os estímulos sutis viessem, não pudesse conter a vontade de gozar.

Terminadas as dez chicotadas, virei o chicote. Usei o cabo para estimular seu clitóris inchado. Deslizando-o contra a vulva encharcada. Quando Monique queria mover-se para buscar o prazer antecipadamente, ainda não era hora, eu usava o cabo para castigar a parte de cima da coxa dela.

Afastei-me e puxei uma cadeira para sentar diante dela. Voltei ao gaveteiro e busquei dois vibradores. Um interno e outro externo, para o clitóris.

Senti meu progresso sendo observado por olhos curiosos. Ergui o olhar e captei a expressão de Valentina. Ela estava ansiosa, abismada, as faces coradas. Mordia os lábios com ligeira rudeza.

Voltei a concentrar-me em Monique.

Era ela quem deveria receber atenção agora.

Sentei-me na cadeira diante dela, aproximei-me de sua boceta, que estava encharcada. Enfiei um dedo nela, depois outro e, com a própria lubrificação dela, umedeci seu clitóris. Estava duro de tanta fome por gozar.

Peguei o vibrador interno e encaixei nela. Eu sei que queria sexo pela forma como gemeu, mas avisei que não o faria.

Iniciei o movimento com o vibrador, num ritmo contínuo. Monique não gozava rápido e era preciso estimulá-la bastante. Para sua sorte, eu tinha paciência e destreza para levá-la ao prazer com precisão cirúrgica.

Quando estava perto de gozar, eu parava o movimento. Dava-lhe tapas nos seios com a mão firme e apertava um pouco mais os grampos de mamilos. Quando se movia para escapar, fazia a mesma coisa.

Esta tortura persistiu por cerca de quinze minutos. Sua carne estava inchada pelo estímulo e a entrada de sua boceta completamente vermelhinha e escorregadia. Qualquer movimento exagerado, a faria gozar.

Deixei o vibrador interno e prendi-o à cadeira para que não escapasse, então tomei o vibrador externo para massagear seu clitóris ansioso. Quando toquei na sua carne avermelhada, ela retorceu-se em busca do prazer que eu negava.

Levantei-me e comecei a liberar mordidas ao longo das suas pernas. Doces mordidas por suas coxas bronzeadas. Prendi o vibrador externo à amarra da cintura, para que continuasse a estimulá-la e retomei os golpes com o chicote.

Eu tinha as mãos livres. Uma ocupava-se em segurar o vibrador enquanto a outra desferia chicotadas contra seu monte de vênus e a sua vulva inchada pelo prazer próximo.

Deixei o vibrador externo parado enquanto cuspi em meus próprios dedos e massageei o clitóris de Monique. Sua boceta estava derramando líquido sensual. Cuspi-lhe na entrada e intensifiquei o movimento quando começou a

soltar ganidos contra a mordação.

— Pode gozar agora... – Eu disse de forma suave.

Senti sua vagina contrair e seu clitóris tremer de leve. Vi como engolia e soltava o vibrador enquanto eu continuava a estimulá-la. Ergui a pele do seu clitóris, para que ficasse ainda mais exibido, e tornei a aumentar o movimento. Esse novo estímulo lhe causou um segundo orgasmo, ainda mais intenso que o primeiro.

Bastava continuar estimulando-a e ignorando as lágrimas de seus olhos para que chegasse ao primeiro. Se Monique estalasse os dedos, já que estava impossibilitada de falar, eu pararia imediatamente. Como não o fez, soube que deveria continuar.

O estímulo era certo.

Monique começou a se remexer nas cadeias. Tentando escapar da massagem íntima. Poderia facilmente urinar se continuasse a resistir.

— Goze para mim ainda uma vez. – Eu disse e mordi suas coxas. Então lambi seus seios corados – Apenas essa vez e afrouxarei as amarras.

Exausta, Monique se entregou. O terceiro orgasmo veio regado de lágrimas e urina. Seu corpo tinha sido exigido bastante, ainda que não tivesse se movimentado demais. Deixei os instrumentos usados sobre um apoio e comecei a libertá-la. Suas coxas marcadas eram uma tentação.

Era hora de cuidar-lhe após essa rápida sessão.

Esse cuidado era íntimo demais para ser observado. Virei-me para nossa convidada que tinha uma expressão ilegível no rosto.

— Valentina, por favor, nos deixe à sós.

Valentina saiu apressadamente em obediência.

Pude libertar Monique de todas as amarras e a fiz deitar livremente enquanto massageava as marcas em seu corpo. Utilizei um creme específico

de cuidados e quando tinha se recuperado dos orgasmos, levei-a para tomar outro banho.

Instalei-a no quarto de hóspedes livre. Pedi que não deixasse o quarto até que eu pedisse. Fiz-lhe uma massagem nos pés e nos seios enquanto esperávamos que Cassie trouxesse seu jantar.

Dei-lhe a atenção devida e, quando o jantar chegou, dei-lhe a refeição na boca. Escovei seus dentes e a coloquei para dormir.

Tomei então um banho, precisava saber como tinha sido a experiência para Valentina, mas não podia conversar cheirando a fluídos corporais de outra mulher.

Valentina me aguardava no escritório. Em minha experiência, nunca achei que teríamos a conversa que viria a seguir.

CAPÍTULO 8



VALENTINA ESTAVA INQUIETA, andando de um lado para o outro. Talvez nem percebesse a inquietude que se espalhava por sua fisionomia geral. Quando me viu, seus olhos arregalaram de leve, mas logo tratou de controlar a reação.

— Quero pedir que faça uma coisa, Alec.

— Farei se estiver ao meu alcance.

Minha mente não tinha ideia do que iria pedir, embora suspeitasse levemente que não gostaria de ouvir seu pedido.

— Feche a porta primeiro, por favor. – Pediu e obedeci-a.

Esperei que calculasse as palavras que diria. Encostei as costas contra a porta e esperei que se acalmasse. Depois que parou num só lugar, sentou-se no sofá, com certa rudeza. Escondeu o rosto nas mãos por uns segundos antes de conseguir olhar para mim outra vez.

A noite estava chegando. O dia tinha passado rápido, o sol se despedia dos tons de laranja dando passagem para um breve azul-violáceo de uma noite estrelada e sem nuvens.

O céu podia estar pintado de vermelho berrante, o único tom que me importava no momento era o rubor que coloria as bochechas alvas de Valentina.

Notei que tinha me enganado na contagem dos sinais em sua pele. Não apenas dois, mas quatro sinais dançavam imperceptíveis por seu rosto. Sendo que estes recém-descobertos tinham um tom mais claro que os demais.

— Estou envergonhada. Não sei como falar sem parecer louca. Sem parecer uma vadia barata.

— Não use termos pejorativos para consigo. – Falei num tom sério, tom que transmitisse a severidade da repreensão, mas a suavidade precisa para que sua inquietude desse lugar a confissão – Gosto de saber que deseja falar comigo sobre algo que lhe parece pouco confortável, mas não seja dura consigo mesma. Honrarei sua confiança com minha discrição.

— Eu confio em você, Alec.

Valentina pareceu ficar mais tranquila, sua pose ficou menos tensa. Me aproximei com cautela, buscando uma reação que impedisse meu avanço, quando não a vi, sentei-me ao seu lado.

— Acabou de dizer que confia em mim, mas teme mostrar o que confunde sua cabeça. – Falei num tom calmo, evitando seu olhar tempestuoso – Algo parece fora do lugar.

O caminho que eu seguia parecia perigoso. Eu ainda não sabia o que pensar, tudo era novo demais para mim. Jamais tinha sentido uma curiosidade tão absurda a respeito de alguém.

— Eu não tenho medo de confiar em você, Alec. Tenho vergonha.

Quando olhei para seu rosto, encaramo-nos por breves segundos, antes que nosso olhar deslizasse para nossas bocas. Seu anseio era quase latente pela cor vermelha dos lábios recém mordidos.

— Pode me pedir qualquer coisa. – Disse quando nosso olhar tornou a se

encontrar. Meus próprios olhos azuis obcecados pelo tom suave dos dela.

Sua resolução se mostrou.

Soube o que pediria antes de falar.

Valentina baixou um pouco o olhar para que eu não lesse sua mente, mas eu ergui o rosto dela com o indicador e o polegar.

— Por favor, fale-me. Peça-me o que quiser.

— Tenho medo, Alec...

— Medo de mim? – Refreei minha atitude.

— Não! – Valentina respondeu angustiada diante do meu regresso – Tenho medo da intensidade que enxergo em minha própria voz, em meu próprio pensamento. – Falou num tom suave que se encontrava com o calor das palavras – Tenho medo da confusão que sinto nesse momento.

Minha companhia se afastou, deu alguns passos para longe do sofá para adquirir coragem para falar. Recostei-me contra o móvel confortável para ouvir.

— Quando conversamos mais cedo, quando disse que eu tinha uma experiência limitada, discordei de início, mas agora que tive um pequeno vislumbre desse mundo, percebo que não sou mais que uma menina para você.

Ouvi sua confissão sem interrompê-la, para que não se fechasse outra vez.

— Monique é uma linda mulher, Alec. Deve preenchê-lo e satisfazer todas as suas necessidades, mas há coisas que apenas uma garota jovem como eu pode te proporcionar.

— Não estou entendendo, Valentina. – Maldito mentiroso que eu era, eu estava entendendo perfeitamente.

Valentina respirou fundo, sua pele empalideceu de leve, mostrando sua

ansiedade. Não me intrometi por que queria que tivesse o controle de sua própria confissão, de seu próprio pensamento. Não queria conduzi-la numa sofisticada dança de palavras.

— Quero conhecer melhor esse mundo, Alec. Quero aprender sobre o BDSM. Você me pareceu bastante experiente, quero que me ensine. – Calou-se brevemente antes de continuar – Não me importo de ocupar os espaços que Monique deixa vagos, apenas quero aprender. Desde que fui ao clube, senti as impressões daquela cena em mim. A vontade de conhecer mais não sai da minha cabeça, nem do meu corpo.

— Há outros mestres mais experientes que eu.

— Deve haver, mas quero você. Eu confio em você, Alec.

Deixei o sofá e fui até a janela. Minhas roupas de dominação já tinham sido trocadas, mas eu ainda estava imerso no personagem dominador.

Valentina aguardou meu progresso ansiosa, sem acrescentar outra palavra. Observei a paisagem externa. Eu seria um monstro se aceitasse a proposta indecente. Seria um monstro se não a aceitasse.

Em tão pouco tempo, Valentina tinha aprendido a confiar em mim. Falava-me de coisas que duvido que seus pais ou raras amigas soubesse. Anuviado pelo desejo, minha resposta sairia rápida, mas eu precisava calcular os riscos que essa situação implicaria na minha amizade e nos meus negócios.

— Valentina, está me pondo numa situação complicada. – Disse ainda sem encarar-lhe, lutando contra minha própria fome – Há muito em jogo. – Minhas mãos esconderam-se no bolso da calça de alfaiataria cinzenta. A camisa branca social e o colete ajudavam a camuflar o batimento descompassado dentro do meu peito.

— Eu não pediria se não visse a forma como me olha, Alec. Sei que sou bonita, sei que me quer. Sei distinguir um olhar de pura apreciação masculina quando vejo um. Se não me ensinar, farei que outro me ensine. – Me provocou certamente – Assim que o clube reabrir, pedirei a qualquer um daqueles chicoteadores que me seja mestre.

Minha imaginação fértil construiu a imagem de outro homem lhe dando prazer. Meu corpo ficou tenso em resposta. Minhas mãos se crispavam nos bolsos e cerrei a maxila.

— Preciso de um tempo. Há muito mais coisas em jogo que seu simples aprendizado.

— Não pretendo falar nada disso ao meu pai. Será nosso segredo, apenas nosso. Ninguém, além de nós dois, precisa saber.

Ouvi os passos de Valentina trazendo-a para perto. Seu cheiro único era perfeito. Não o cheiro de essências artificiais, mas o cheiro de sua pele levemente suada.

Valentina puxou minhas mãos dos bolsos, e enrolou meus braços ao redor de sua cintura. Ergueu-se na ponta dos pés e encostou o corpo ao meu. Seus seios esmagaram contra mim e lamentei que estivéssemos de roupa e não pudesse sentir sua firmeza.

— Apenas me aceite, Alec. Diga que sim. – Disse olhando para minha boca num tom provocante. Sua boca entreabriu e suas mãos foram para meu pescoço, me puxando para perto.

Seu cheiro era perfeito e podia apostar que sua pele estava levemente salgada pela camada fina de suor. Meus lábios decidiram-se a provar desse sabor que eu não conhecia, mas a razão falou mais alto.

Afastei-a de leve.

Do modo que meu pau latejava dentro das calças, se eu a beijasse, poderia terminar cometendo a loucura de fodê-la no chão do escritório.

— Já que quer aprender sobre o BDSM, a primeira coisa que deve ter em mente é que o respeito é uma via de mão dupla. Eu pedi um tempo para pensar, respeite minha decisão.

Valentina parecia decepcionada.

Soltei sua cintura. Afastei a franja de sobre seu rosto, para ler sua

expressão por completo. Queria entender sua complexidade. Queria saber se isso não passava de um jogo de sedução juvenil.

— Sou muito ansiosa, Alec...

— Eu percebi. - Sorri de leve – Assim que Monique partir, falaremos melhor sobre isso. Preciso cuidar dela primeiro.

Valentina se afastou devagar e foi buscar algo para ocupar suas mãos. Andou até a minha estante de livros e escolheu um volume.

— Está apaixonado por Monique? – Perguntou sem me encarar.

— Não estou, nem sou, apaixonado por ela.

— Que bom. – Valentina disse e pegou o segundo livro da série de fotografias de sessões BDSM – Por que odeio triângulos amorosos.

Sem olhar para trás, saiu do escritório.

CAPÍTULO 9



ACHEI QUE TERIA VALENTINA em casa quando acordasse, mas quando fui confirmar se teria jantado, já não estava mais no quarto. Valentina tinha ido embora na noite de domingo, como disse que faria. Não tive a chance de me despedir primeiro.

Monique partiria antes do amanhecer, ela também tinha uma família para quem prestar contas. Então deixei todos os funcionários de sobreaviso para lhe garantir uma viagem com segurança e comodidade.

A casa estava tranquila, silenciosa.

Minha vida era tranquila e silenciosa.

Adam Cooper estava obcecado por seu relacionamento, duvido muito que passasse mais que as oito horas diárias de trabalho fora da companhia dela.

Anthony Hill tinha uma família agora. Família que conseguiu reaver depois que lutou pelo amor com intensidade. Tinha uma mulher que adorava e uma filha.

Valentina.

Valentina que perturbava meu juízo.

Valentina que queria entrar numa relação de dominação e submissão comigo.

Eu era um desgraçado por cogitar aceitar sua oferta.

Pela primeira vez, no final de semana, me servi de uma dose cavaluar de uísque. Acionei o sistema de som, remotamente, e coloquei música alta para tentar limpar minha mente depravada.

Quando fechava os olhos, porém, a única coisa que conseguia enxergar, era os lábios de Valentina, próximos, desejosos, implorando por um beijo que lhe neguei.

Os lábios dela eram uma tentação naquele rosto.

O desejo proibido imperava absoluto sobre meus sentidos. O fato de ser proibida, a filha do meu melhor amigo, não conseguia sufocar esse sentimento intenso. Apenas aumentava minha culpa por tê-lo.

Tomei uma segunda dose de uísque e fui ao quarto. Quando cheguei, notei o alerta do meu celular piscando. Eu tinha perdido uma chamada. Chequei o número no visor.

Era Hill. Liguei de volta. Quando atendeu, pareceu irritado.

— Anthony, tudo bem? – Cumprimentei-o.

— Não, não estou nada bem. A seguradora achou melhor que o clube Triplo A fique fechado até o final da perícia. Além disso, Adam está sumido, você o viu?

— Recebi um e-mail há um par de dias. Parece que está viajando com Hannah. Qual o problema?

— Quero que Adam entre com uma liminar obrigando a seguradora a executar a perícia o mais breve possível. O prejuízo do clube está obscurecendo o lucro mensal.

— Ótima ideia. Vamos sugerir também que a seguradora nos indenize

pelos dias fechados. Posso pedir um favor? – Acrescentei a pergunta.

— Claro.

— Quando tiver tempo, calcule a média dos rendimentos diários dos últimos três meses. Pediremos a média a título de indenização. Ao final, é provável que o contrato com essa seguradora seja cancelado. Os serviços prestados ficaram muito aquém do esperado.

Continuamos a falar de negócios por um tempo. Até encerramos a conversa, Hill não tocou no nome de Valentina. Melhor assim.

Quando encerrei a ligação, me surpreendi por receber uma mensagem de um número desconhecido. Abri-a, era de Valentina.

“Cheguei à salvo, obrigada por me proteger. Sobre o que conversamos, espero ter uma resposta positiva logo.

Respondi a mensagem:

“Se eu aceitar, não faremos sexo. A nossa relação será puramente didática”.

Valentina enviou outra pergunta.

“E isso existe? Dominação e submissão didática? ”

Respondi imediatamente.

“Talvez não com esse nome, mas existe”.

Mais uma de suas muitas perguntas.

“Isso vai te satisfazer? Isso vai te dar prazer? ”

Sua curiosidade mostrava sua disposição para aprender, eu pude notar. Seu retrato cada vez tornando-se mais fiel à minha própria curiosidade juvenil.

Eu parecia o Grey acordando uma relação pelo telefone.

“O objetivo é dar prazer a você”.

Sua resposta veio pouco tempo depois.

“Eu acho que eu posso conviver com isso ;-)”

Eu não sou tão velho para não saber o significado das carinhas nas mensagens. Valentina parecia pronta para aprender. Eu pronto para ensinar. Uma vez que não teríamos sexo na nossa relação, eu me sentia bem menos culpado.

“Eu só preciso da sua resposta”, Valentina parecia querer dar um fim no misto de ansiedade e dúvida que eu sentia.

Como eu tinha dito, sem sexo, as coisas iriam funcionar melhor. Já que não corria o risco de ser morto caso Hill descobrisse. O cara tinha instintos assassinos, vê-se pela fria maneira que se comportou quando quis matar o ex-marido de Phoebe.

Louco, definitivamente louco, era o que eu me sentia. Louco por aceitar sua oferta, mais louco ainda pelos ciúmes, por que não queria ninguém oferecendo para Valentina prazeres rasos

Quero que tenha prazeres que apenas eu sou capaz de oferecer. Prazeres que a tornarão uma mulher segura de si. Valentina já foi bastante ferida, não posso deixar que venha outro ser e a traumatize ainda mais.

Valentina terá prazeres indizíveis.

Meu prazer será vê-la ter prazer.

Meu prazer será vê-la derreter de gozo pelos estímulos que provocarei. Não há outra pessoa para quem eu queira ou vá deixar a sorte de colher a essência dela.

Apenas eu a terei.

Essa é a maior loucura que cometi ultimamente.

“Eu preciso de uma resposta. Minha insegurança está batendo forte. Vai ser meu mestre? ”. Valentina insistiu.

Digitei três letras apenas.

Tão logo as tinha enviado, gelei.

Essa garota me evocava sensações que eu não controlava, sensações que arrancavam o autocontrole que eu tinha adquirido ao longo do tempo. Ela era o pecado em forma de carne para me fazer ceder às tentações.

“Sim”.

Não adiantava tentar resistir a essa resposta.

CAPÍTULO 10



MEU PRIMEIRO PASSO SEMPRE era elaborar um contrato. Nele, eu explicaria parte das nuances da vida que eu levava com cuidado. Se eu colocasse tudo de uma vez, eu poderia acabar assustando a menina.

Eu queria conhecer os limites de Valentina e explorá-los. Entender o que a tinha levado a querer entrar nesse mundo, além de sua curiosidade fremente, e poder lhe proporcionar esse prazer.

Comecei a elaborar nosso acordo.

Eu tinha um formulário padrão, mas precisei alterar algumas coisas nele. Editei o que precisava e o imprimi. Quando tudo estava terminado, mandei a secretária fazer uma encadernação luxuosa para o item. Geralmente, uma pasta suspensa era o suficiente, mas eu queria que Valentina tivesse ciência do quão precioso era para mim estar se submetendo.

Apesar do trabalho ter sido cumprido com êxito, minha mente estava bem distante dos números projetados na tela. As reuniões infundáveis passaram depressa e eu agradei por isso.

Quando a noite chegasse, eu poderia conversar melhor com minha pretendente a submissa. Uma ansiedade por fazê-lo me consumia, não era

natural.

Eu nunca perdia o controle.

Quando cheguei em casa, após um dia exaustivo, levei o contrato perfeitamente encadernado dentro duma pasta de couro, e finalmente relaxei.

Discutiria com Valentina os itens do contrato de submissão. Algo que era necessário fazer sempre. Levando em conta sua falta de experiência na área, pretendia discutir cada termo para que os entendesse.

Quis ligar para Valentina, mas meu íntimo dizia que isso era perigoso. Então aceitei a sugestão que me deu anteriormente e baixei um aplicativo de mensagens instantâneas.

Enviei uma mensagem para ela.

“Valentina, venha à minha casa. ”

Menos de cinco segundos depois, ela respondeu.

“Sim, senhor. Já estou indo”.

Como era relativamente cedo, pedi que Cassie montasse um jantar para dois. Me servi de um pouco de bebida e pedi que ela liberasse meu corpo da tensão que eu sentia. Tensão causada pelo meu esforço dobrado para refrear as minhas más imaginações.

Depois de duas horas, Valentina ainda não tinha chegado. Olhei o relógio duas vezes, para confirmar que o tempo não tinha simplesmente enlouquecido, e esperei um pouco mais.

Quando o relógio de torre, que decorava a sala de jantar, marcou dez horas, desisti de esperá-la para o jantar.

Quando Cassie retirou os pratos, me levantei para ir ao quarto. Levemente frustrado. Então notei o celular que vibrava e meu espírito se reanimou com a possibilidade.

Era Valentina.

— Estou aqui fora, Alec. Não quis dar alarde para a segurança, então não pedi que autorizassem minha chamada. Pode abrir o portão ou mandar a combinação para que eu possa entrar?

Uma leve irritação perpassou por mim.

Por não ter a assinatura de Valentina no contrato, não poderia castigá-la por me fazer esperar por mais de duas horas e meia.

Com Valentina as coisas eram diferentes.

O caminho para chegar ao seu cerne, era rodeado de sarças e abrolhos. Castigá-la em seu primeiro deslize, apenas fecharia sua mente para o vasto mundo de experiências.

Passei o código para e fui esperar em meu quarto.

— Cassie, quando Valentina chegar, peça que vá ao meu quarto.

— Sim, senhor Martin.

Entrei no quarto e vesti uma roupa mais confortável antes de ir até a varanda. Sentei-me no móvel externo e esperei que sua presença fosse anunciada. Discutiríamos o contrato quando estivesse confortável, para então assumir o passo dois.

— Alec? – A voz de Valentina invadiu o ambiente. Eu quase podia sentir o cheiro dela só de imaginá-la. Quando entrou no quarto, veio até a generosa varanda que circulava a casa. – Ah, você está aí.

— Sim, estou aqui. Sente-se, por favor. – Deixei-a à vontade de início – Tem sede ou fome? Posso pedir algo para você?

— Estou com sede, na verdade. Comi um hambúrguer enquanto vinha para cá.

Chamei Cassie e ela veio até mim em quase dois minutos.

— Traga uma pequena refeição para Valentina, por favor.

Cassie assentiu e fechou a porta após si.

Em silêncio, aspirei o ar noturno.

Valentina me acompanhou em silêncio. Eu esperei que Cassie viesse trazer o pedido, assim conversaria com minha acompanhante sem quaisquer interrupções.

Minha visitante atrasada sacudia a perna, levemente irritada. As pernas cruzadas, bem como os braços, mostravam que estava tentando se proteger de algo.

O balançar da perna era uma forma de aliviar a tensão.

— Eu atrasei, desculpa. – Valentina disse.

— Em breve poderá falar. – A interrompi com um gesto.

Eu mal tinha cerrado os lábios, Cassie bateu à porta outra vez. Era por isso que eu a admirava tanto. Ela conseguia pôr ordem em minha casa e fazer as coisas com precisão cirúrgica. Era tão eficiente, que eu deixava praticamente todo o cuidado do meu lar sob sua gerência.

— Obrigada, Cassie. – Valentina agradeceu.

Agradei-lhe também e esperei que saísse para retornar à conversa com Valentina.

— Você pedia desculpas por ter se atrasado.

Falei depois que a vi se servir de uma dose generosa de suco de frutas. O gelo em raspas no fundo do copo dissolvia rapidamente.

A noite fria, mais o suco frio, resultou no doce intumescer dos mamilos de Valentina sob o suéter fino que vestia.

— Pois é, desculpe. Não imaginei que iria pegar trânsito.

— Veio no seu carro?

— Não, vim no carro de um amigo.

Graças a Deus por conseguir ocultar emoções muito bem. Tomei um gole do suco que Cassie trouxe para mim e esperei que continuasse a falar. Indaguei-a com um olhar.

— Ele é apenas um amigo. Temos aula de introdução a Anatomia juntos. Ele me ajuda com as dificuldades que tenho com a memória.

— Entendo. Tente não chegar atrasada enquanto o nosso contrato de DS durar, ou sofrerá um castigo.

— Castigo? – Valentina perguntou num tom de deboche.

— Sim, castigo. Infelizmente, ainda não assinou o contrato. – Apontei para o encadernado sobre a mesa – Senão, à esta altura, estaria sobre meu colo recebendo palmadas.

Valentina mordeu os lábios, desconcertada pela intensidade em minha voz. A intensidade que eu tinha que conter por causa dela, para não a assustar.

Fodê-la era algo assustador para ela, mas também para mim. Por que sabia que poderia perder o controle facilmente.

— Então, vamos ao contrato? – Perguntou ansiosa.

— Tem tempo para discutir cada item com cuidado?

— Tenho. Disse que iria a uma festa. Posso dormir aqui?

— Deve. É melhor assim. Amanhã tem aula?

— Só a partir das dez.

— É tempo suficiente. Preciso ser bastante cuidadoso, quero que não sobrem dúvidas que isto é o que quer.

— Eu já disse que é o que quero. E você? Ainda tem dúvidas?

“Milhares delas”.

Pensei, embora não falasse.

— As dúvidas não importam agora.

— E o que importa, Alec?

— A minha certeza.

— E qual é ela?

— Eu serei o dono do seu prazer.

CAPÍTULO 11



ENTREGUEI O DOCUMENTO EM suas mãos delicadas e observei a sua reação sincera.

— Este é o contrato de escravatura sexual e amorosa que iremos discutir essa noite.

— Amorosa? – Ressaltou a palavra.

— Sim, amorosa. Apesar de saber que não haverá sexo, eu não toleraria encontros seus pelas minhas costas. Muito menos se for um desses moleques de faculdade metidos a experiente.

— Acho que posso lidar com isso. Como faremos?

— Vou ler para você. Se houver dúvidas, quando terminar de ler o parágrafo, você pode levantar suas questões.

— De acordo.

Comecei a leitura do contrato adaptado ao meu limite. Bastava marcar nos espaços devidos as tolerâncias e os limites de Valentina.

— As partes concordam com os termos abaixo. – Comecei a leitura –

Item um: Os termos a seguir são partes de um contrato vinculante, entre o Dominador e a Submissa, em que esta compromete-se a cumprir as ordens, obrigação de fazer, de seu dominador.

Olhei para Valentina, não tinha nenhuma dúvida.

— Item dois: – Continuei – O propósito fundamental do presente contrato é permitir ao Dominador explorar de maneira segura a sensualidade da submissa, respeitando e considerando devidamente suas necessidades, seus limites e seu bem-estar. – Olhei para Valentina, nada. Continuei lendo – O Dominador e a Submissa concordam e confirmam que tudo que ocorra sob os termos deste contrato será consensual e sujeito aos limites acordados e aos procedimentos de segurança convencionados entre as partes.

— De acordo. – Valentina consentiu quando esperei resposta.

—O Dominador e a Submissa garantem não sofrer de doenças de natureza sexual... – Interrompi a leitura – Quanto a esta parte, não se preocupe. Já marquei consultas para você para o final de semana. No domingo o motorista a levará para realizar os exames para que possamos confirmar isso tudo. Ao mesmo tempo, lhe darei uma cópia dos meus exames. Apesar de não haver sexo, quero que se sinta segura.

—Sou limpa. Não me importo.

— Parte dois, Obrigações. – Continuei – O Dominador se responsabilizará pelo bem-estar, pelo treinamento, pela orientação e pela disciplina adequados à Submissa. O dominador decidirá a natureza do referido treinamento, orientação e disciplina; como do tempo e lugar para a sua administração, sujeitos aos termos, limitações e procedimentos acordados neste instrumento ou previamente acordados, em consonância com a terceira cláusula.

— Disciplina? – Perguntou com certa curiosidade, apenas para confirmar o que já pensava.

— Sim. Você será disciplinada para que seja moldada ao papel de submissa. Os castigos fazem parte.

— Castigos físicos?

— Quando houver necessidade.

— Ok, continue.

— Se, em qualquer tempo, a parte dominadora deixar de cumprir os termos, os limites e os procedimentos de segurança firmados no contrato ou pactuados bilateralmente, de forma antecipada, a Submissa tem o direito de encerrar o presente contrato no ato e deixar de servir a parte dominadora sem aviso prévio.

— Então tenho liberdade para sair se quiser?

“Eu apenas espero que você não queira”, minha mente fértil respondeu em silêncio.

— Isto não é uma prisão, tem total liberdade para encerrar este contrato. – Continuei – Em cumprimento as cláusulas 1 e 2, a submissa oferecerá sem questionar ou hesitar o prazer que o Dominador solicitar e aceitará sem questionar o treinamento, a orientação e a disciplina na forma que for. A Submissa deve servir e obedecer ao Dominador em tudo, salvo quando houver risco grave a sua integridade física ou psicológica.

— Achei que não teríamos sexo, Alec. Foi o que disse. Como vai ter prazer sem sexo?

— Meu prazer será o seu prazer. Não creio que isso será muito difícil. – Valentina aqueceu-se um pouco. Os bicos dos seios intumescidos eram contornados pelo tecido do suéter. Eu não a deixaria neste castigo muito mais tempo - Vigência e término. – Prossegui - O presente contrato vigorará por prazo indeterminado. Podem as partes, em consonância, dar fim a sua vigência a qualquer tempo, ou seja, de maneira bilateral. Cada parte pode propor alteração de seus termos. Há necessidade de concordância das partes para sua modificação. Se não concordarem, cessará imediatamente as obrigações contratuais e serão livres para retomar suas vidas separadas.

— Eu já tinha entendido isto antes.

— Certo. — Li o item seguinte — Disponibilidade. A Submissa deverá estar disponível nos dias e horas especificados pelo Dominador. No entanto, a parte dominadora tem o dever de dar-lhe ciência, prévia, de dois dias.

— Desde que não prejudique meus estudos, não tenho problema em estar disponível.

— Jamais prejudicaria seus estudos.

— Continue, por favor.

— O dominador se reserva o direito de destituir a Submissa de suas funções a qualquer momento e por qualquer razão.

— Qualquer razão?

— Sim, qualquer razão.

Valentina pareceu ponderar. Ela soltou o cabelo que o vento balançava e o colocou atrás da orelha, então pigarreou antes de continuar.

— Isso não parece justo. Se eu derrubar um copo e você não gostar, pode me destituir?

— Poderia. Se facilitar, posso estabelecer uma duração do contrato.

— Quanto tempo?

— Não sei, dois meses?

— É capaz de me ensinar o que quero aprender em dois meses?

— Seria preciso mais de um ano. Deixarei o prazo de dois meses prorrogáveis por mais dois. Quantas vezes forem necessários.

— Melhor assim, mas ainda pode me dispensar por qualquer motivo?

— Qualquer motivo justo.

— Entendo. Continue então.

— Local. A Submissa se colocará à disposição durante as Horas Designadas. O local também será determinado pelo Dominador. Não poderá a submissa se opor aos desejos do dominador, devendo submeter-se completamente. – Olhei para Valentina. Ela ouvia tudo com uma atenção fria e calculada. A única maneira de saber que a estava afetando, era quando respirava errado ou quando soltava os lábios depois de mordê-los de leve. Ela notou que eu observava seu lábio e sem perceber tocou o próprio lábio vermelho da mordida com os dedos com um sorriso no rosto. Eu sorri de volta.

— Para de me olhar assim, eu fico com vergonha.

— Assim como?

— Como se quisesse foder a minha boca.

Engoli em seco e desviei o olhar para o contrato outra vez.

— O dominador – Continuei – tornará prioritárias a saúde e a segurança da Submissa em todos os momentos. O dominador, em tempo algum, solicitará, exigirá, permitirá ou ordenará que a Submissa participe de atividades ou de qualquer ato que a outra parte julgue inseguro. O dominador não realizará nem permitirá que se realize qualquer ato que possa causar dano sério ou risco à vida da Submissa.

Olhei para Valentina, que ouvia com ainda mais cautela. Ela queria saber meu papel nisso tudo.

— O Dominador aceita a submissa como propriedade sua, para controlar, dominar e disciplinar durante a Vigência. O dominador pode usar o corpo da Submissa a qualquer momento durante as Horas Designadas ou em quaisquer horas extras acordadas, da maneira que julgar apropriada, sexualmente ou de outra maneira qualquer.

— Acho que você deve cortar o sexualmente daí.

— Sim, cortarei. – Como deixei aquilo passar batido? Será que estava tão focado nela que não percebi o erro no contrato?

— Continue. As coisas estão ficando interessantes.

— O Dominador proporcionará à Submissa todos os treinamentos e orientações necessários de modo a permitir que ela lhe sirva adequadamente. O Dominador manterá um ambiente estável e seguro em que a Submissa possa cumprir suas obrigações no serviço. O Dominador pode disciplinar a Submissa conforme o necessário para assegurar que a Submissa valorize plenamente seu papel de subserviência e para desencorajar condutas inaceitáveis. O Dominador pode chicotear ou castigar fisicamente a Submissa como julgar apropriado, para fins de disciplina, para seu prazer pessoal, ou por qualquer outra razão, a qual não é obrigado a explicar.

— Ei! Qualquer outra razão?

— Qualquer outra razão, mas tenho em mente que é apenas iniciante. Tomarei cuidado com cada centímetro de você.

— Eu não quero me machucar.

— Eu jamais faria isso.

— Olha seu tamanho e olha o meu. – Verifiquei o contraste delicioso entre meu corpo forte e o seu delicado – Tem certeza que saberá se conter?

— Plena certeza. Alguma dúvida mais?

— Não. Pode continuar.

— No treinamento e na aplicação da disciplina, a parte dominadora assegurará que não sejam deixadas marcas permanentes no corpo da Submissa e nem sejam provocados ferimentos que possam exigir cuidados médicos. Assegurará que a disciplina e os instrumentos usados para os fins disciplinares sejam seguros, não sejam usados de modo a causar danos sérios, e de modo algum excedam os limites definidos anteriormente. O Dominador não emprestará sua Submissa a outro Dominador.

Esperava alguma reação de Valentina a esta parte, mas ela parecia segura que apenas eu teria o privilégio do seu corpo.

— O Dominador poderá prender, algemar ou amarrar a Submissa a qualquer momento durante as Horas Designadas ou em quaisquer horas extras acordadas por qualquer razão e por períodos de tempo prolongados, tendo a devida consideração com a saúde e a segurança da Submissa. O Dominador assegurará que todo equipamento usado para os fins de treinamento e disciplina serão mantidos sempre em perfeito estado de limpeza, higiene e segurança.

— Certo. De acordo.

— Esta parte é sobre você.

— Sobre mim?

— Sim. – Recomecei a leitura - A Submissa aceita o Dominador como seu dono, com o entendimento de que a partir da presente data é o objeto de prazer do Dominador. Este possui sua propriedade exclusiva, podendo usá-la como bem aprouver durante a vigência em geral, mas especificamente durante as Horas Designadas e quaisquer horas extras acordadas.

— Isso deveria soar tão atraente?

— É a ideia. – Um sorriso malicioso surgiu em meus lábios.

— Outra pergunta?

— Por favor.

— Eu deveria estar excitada por ouvir as regras?

Engoli em seco e respondi de maneira calma. Valentina me afetava de maneiras estranhas, mas não precisava saber.

— Isso é um bom sinal. Mas não praticaremos hoje.

Ela fez um beicinho adorável e continuei com a leitura dos termos do

contrato.

— A Submissa obedecerá às regras estabelecidas na íntegra do contrato. A Submissa aceitará, sem questionar, todo e qualquer ato disciplinar julgado necessário pelo Dominador e se lembrará de sua condição e obrigações.

— Isso vou tentar.

— Esforce-se para cumprir. – Eu disse tranquilamente – Não quero ter que deixar de te dar prazer para ter que punir você.

— Isso pode acontecer?

— Espero que não, mas, se for preciso, acontecerá. – Recomecei a leitura – A submissa não se tocará ou se dará prazer sexualmente sem a permissão do Dominador.

— Eu não posso me masturbar?

— Não. Não pode.

— E se eu tiver necessidade de gozar um pouco?

— Farei que goze até cansar. Assim não vai se preocupar em se masturbar sozinha. Também duvido muito que queira se masturbar sozinha depois de conhecer o prazer que posso proporcionar.

— Continue... – Valentina pediu sem ar.

Era ótimo perceber que causava essas sensações nela. Esperava que não notasse que as causava em mim também.

— A Submissa olhará diretamente aos olhos do Dominador, salvo quando especificamente instruída a não o fazer. A Submissa conservará uma atitude calma e respeitosa na presença do Dominador. A Submissa sempre se conduzirá e comportará de maneira respeitosa ao dominador, devendo se dirigir a ele como dono ou outra forma de tratamento que o Dominador permitir.

— Vou ter que chamá-lo de dono em qualquer lugar?

— Conheço suas restrições, Valentina. Em locais públicos, se quiser se dirigir a mim, aceito que me chame de senhor Martin.

— Ok, senhor Martin. – A garota sorriu um pouco.

— Não é uma brincadeira. – Falei esforçando-me para conter o sorriso que queria brotar em resposta ao dela.

— Eu sei. Apenas acho isso diferente. Eu posso tocar você?

— A Submissa poderá tocará o corpo do Dominador, salvo se houver proibição expressa desta.

— Christian não se permite ser tocado.

— Eu não sou o Christian. Vai aprender isso lindamente.

— Pode continuar. – Valentina tinha certo sorriso no rosto.

— O Dominador e a Submissa reconhecem que exigências podem ser feitas dele à Submissa. Exigências que não podem ser satisfeitas sem que ocorram danos à Submissa. Em tais circunstâncias, a Submissa pode usar dois códigos de segurança. Esses serão invocados dependendo da gravidade das exigências. O Código “amarelo” será usado para chamar a atenção do Dominador para o fato de que a Submissa chegou perto de seu limite suportável. O Código “vermelho” será usado para cessar completamente a ação do Dominador com efeito imediato.

— Amarelo e vermelho, como no semáforo.

— É fácil de lembrar?

— É sim.

— Você pode trocar por outras palavras.

— Prefiro essas.

— Certo. Chegamos à conclusão. Agora basta que concorde com as práticas que ensinarei. Eu já fiz uma seleção das menos perigosas. Basta que escolha quais aceita e quais não aceita.

Valentina pegou o contrato. Eu tinha tomado o cuidado de deixar uma pequena explicação ao lado de cada nome de prática. Assim Valentina saberia do que se tratava. Se houvesse dúvida, eu iria saná-la.

— Bondage... Sim – Valentina começou a falar em voz alta.

Eu não consegui evitar de imaginá-la em cada uma das práticas. À medida que falava, mais o retrato da doce submissão dela se desenhava em minha mente.

— Shibari, sim. Water Bondage, não. BreathPlay, não mesmo. Spanking, sim. Pet Play, definitivamente sim. Trampling, Scat, Golden Shower, um enorme não. Waxplay, sim. Infantilismo, Içamento, Humilhação, sim, com moderação. Privação de Sentidos, sim.

Esperei que continuasse a expor suas vontades, não que eu quisesse mais itens, mas queria saber se estava segura.

— Eu aceitei mais itens do que pensava.

— Isso mostra uma mente aberta.

Valentina tomou os últimos goles do suco menos gelado e me encarou com seu olhar expressivo.

— Quando começaremos?

— Até que saias, lhe darei uma cópia do contrato. Com isso, esperamos até sexta-feira. Ficaré aqui aos sábados e poderá ir para casa no final da noite. Assim terá o domingo para aproveitar com sua família e para os estudos.

— Parece perfeito.

— E é. Agora, precisamos nos recolher. Espero que reflita sobre tudo.

— Vou descansar sim, mas não preciso pensar. Eu já refleti o suficiente.
– Ouvi sua voz delicada pronunciar antes de sair do meu quarto indo para o de hóspedes.

CAPÍTULO 12



O TRABALHO OCUPARIA MEU dia inteiro. Por isso, precisava me esforçar para conseguir trabalhar e não ficar pensando demais na minha nova submissa.

Deixei direcionamentos com Cassie. Ela deveria acordar Valentina às oito da manhã, isso daria tempo dela se arrumar, tomar café-da-manhã e ir para a casa dela pegar os materiais da aula sem o risco de chegar atrasada à aula.

Eu estava despreocupado, por isso, quando terminei com todas as obrigações do trabalho, conferências, leituras de contratos na presença de advogados, voltei para casa ansioso.

Quando cheguei, fui direto ao quarto.

Encontrei o contrato que tinha deixado ali na noite anterior. Minha assinatura rebuscada constava no local reservado, mais abaixo, uma letra feminina, ligeiramente aguda, lhe fazia par.

Deslizei o indicador sobre o conjunto de letras.

Mesmo num gesto simples como esse, uma eletricidade correu por mim. Eu sabia que estava em maus apuros quando isso aconteceu. Eu fingia que não me envolveria. Eu tentava me enganar, mesmo sabendo que Valentina

afetaria minha vida dum modo que não podia explicar.

Eu era seu dono. Meu coração saltava dentro do peito só de imaginar que era o único que daria prazer àquele corpo. Eu precisava tê-la aos meus pés, precisava tê-la logo. Mesmo que não pudesse tocá-la sexualmente, cometeria loucuras com ela.

Liguei para a Mocking Bird Lane Wire.

Eu não comprava itens caros para minhas submissas logo no início de nossas relações. No entanto, para Valentina, eu faria as coisas de modo diferente.

Ela precisava duma joia de valor notável no belo pescoço.

Uma não, duas. Uma para que usasse na rua, algo discreto, mas cheio de significados. Outra mais pesada. Uma coleira de couro e diamantes que envolveriam sua pele delicada num claro sinal de submissão quando estivesse em seus joelhos.

A gerente da grife de joias veio me atender em casa. Cercada de seguranças, carregou consigo uma maleta com uma coleção de coleiras de submissão e coleiras de sinal.

— Esta tem pedras de rubi e zircônia. Os adereços do fecho são de azeviche e a malha é grossa. Própria para proteção do pescoço.

— Não. Apesar de linda, ainda não é o que procuro. Eu quero algo mais exclusivo. Único, para ser mais exato.

— Para isso, – Liz, a gerente de meia-idade e belíssimos olhos castanhos sugeriu – trouxe esta opção exclusiva. Sabendo que o senhor tem um gosto refinado e, com o perdão da ousadia, recursos para arcar com tal indecência, trouxe este par de coleiras. Uma social e outra para sessões.

Aquilo sim era uma preciosidade.

— Ficha técnica, por favor.

— Claro, senhor Martin. – Disse enquanto manuseava a coleira com luvas de pelica – Como o senhor pode ver, o tratamento dado ao couro desta coleira lhe permite uma longa vida útil, mas o que chama mais atenção são os adereços. A parte dianteira é um colar de armação tipo serpentina. Os fios são de ouro e ela conta com um conjunto de seis pingentes que caem em simetria em direção à clavícula. Os pingentes são de diamantes azuis e ao redor de cada pingente temos cem pontos de diamantes.

Calcei o par de luvas que tinha me disponibilizado e vi seus detalhes mais de perto, com a ajuda do monóculo especial.

— Ela parece perfeita. E esta? Faz parte do conjunto?

— Sim. A coleira social não fica atrás quando falamos de luxo e sofisticação. O fino fio de ouro branco tipo Groumett de elos duplos é bem delicado. O pingente é um pequeno diamante azul em armação faceting, circundado por pavê de brilhantes.

— São perfeitas. Preciso desse conjunto imediatamente.

— Vou preencher o formulário. Fez um pedido excelente, não há dois conjuntos iguais no mundo. O pagamento se dará do mesmo modo que os outros?

— Não. Prefiro pagar por transferência bancária. Dê-me o número da conta para a qual possa transferir.

— Claro. O senhor quer a caixa de joias especial, com assinatura de design, que ornamenta a coleção para presente?

— Não será necessário. A pessoa a quem irei presentear não vai saber que são diamantes.

— Perfeito, senhor Martin. Aqui estão os dados da conta. – Liz me passou um cartão preto onde tinha anotado com caneta branca os números para a transferência.

Este pequeno mimo para Valentina estava me levando quase um quinto

de um milhão de dólares, mas ver Valentina vestida apenas com essas pedras e mais nada, era uma forma justíssima de retribuição.

CAPÍTULO 13



MEUS SENTIDOS ERAM INUNDADOS pela presença de Valentina, mesmo que eu estivesse sozinho. O espaço onde ocorreria a cena já estava preparado. Elementos leves me ajudariam a proporcionar um prazer tranquilo para iniciantes.

Nada além do que já tínhamos pactuado.

Nada além daquilo que Valentina consentiu.

Valentina.

O nome era deliciosamente perigoso na ponta da minha língua. Falar seu nome era o mesmo que provar sua essência delicada. Era sofrer em antecipação.

Minha paciência foi bastante testada. Precisamos esperar os resultados dos exames, mais para que Valentina se sentisse segura, do que por meu próprio desejo. Como tinha dito, estávamos limpos.

O relógio bateu as oito horas quando um dos meus funcionários foi abrir a porta. Ouvi os passos dos saltos altos se aproximando.

Eu estava sentado numa das poltronas ao lado da lareira de pedras. A

chama que crepitava parecia-me muito com os tons que dançavam em seus fios de cabelo. Quando finalmente surgiu para mim, entrando no mesmo cômodo que eu, virei-me para encará-la e saboreei os tons de dourado que as chamadas conferiam à sua pele.

Linda, absolutamente linda.

Quando Valentina retirou o casaco pesado que a protegia do frio do lado de fora, observei o esmero que teve com a escolha do vestuário. A seda florida ia até seus joelhos. Sendo presa, à cintura, por um cinto de couro fino. O salto alto delicado era de tiras tão finas que não atrapalhavam a visão de seu pé delicado.

Minha imaginação criou imagens dos seus pulsos sendo presos por este cinto fino, o vestido ao chão, enquanto eu castigava suas coxas.

— Está encantadora esta noite. — Disse e queria estar mais perto para notar o enrubescimento. A luz da lareira conferindo o calor que a cena precisava.

— Obrigada, dono de mim — Lembrou-se do cumprimento respeitoso. Um ótimo sinal, mostrava seu esforço sutil.

— Tire o vestido, por favor.

Valentina deixou o casaco e a pequena bolsa de mão no móvel mais próximo. Então retirou o cinto, deixando que caísse ao seu lado, depois retirou o vestido pelo alto da cabeça. Não usava sutiã, apenas uma calcinha de renda cintura alta.

Admirei os contornos e os relevos de seus seios arrebitados. A cor dos bicos intumescidos pela ansiedade, pedindo que fossem abocanhados. Infelizmente, para ambos, eu não podia.

— Os saltos? — Valentina perguntou.

— Não precisa. Vem aqui. — Pedi.

Observei seu passo elegante até minha direção. Seus seios balançando

gentilmente enquanto andava. Meu olhar, porém, concentrando-me para observar as reações em seu rosto. Quando estava perto, tomou minha mão estendida.

Seria uma atrocidade permitir que qualquer outro pudesse contemplar seu corpo nu. Ninguém mais tinha o direito de olhá-la despida, como eu olhava. Ninguém teria o respeito pelo seu corpo que eu tinha. Ninguém a merecia.

— Sente-se aqui.

Pedi, puxando-a de leve. Valentina sentou-se em meu colo, ainda estava tensa, eu deveria fazê-la relaxar antes de prosseguir para qualquer sessão. Então, sim, poderia levá-la ao quarto de dominação.

— Como se sente?

— Para falar a verdade, estou um pouco nervosa.

— Entendo-a perfeitamente. Espero que entenda que não farei nada que possa feri-la gravemente. Não pretendo exigir mais do que aquilo que me foi cedido. – Valentina fez que sim com a cabeça, eu continuei – Por que não me conta como foi seu dia? Como foi na faculdade?

Sugeri e agradei meus instintos quando vi que estava mais tranquila com a conversa. As pontas dos meus dedos tocaram suas costas despidas e deslizaram por sua espinha até alcançar sua nuca. Ali, fiz uma leve pressão que a incitou a relaxar aos poucos.

— A aula foi puxada, como sempre, mas sobrevivi. Almocei com amigas. Mais tarde, em casa, tratei de estudar bioquímica. Juro que essa matéria está me matando bem lentamente. Adiantei umas tarefas com as amigas. Então liguei para uma de minhas amigas, Taylor, para que fosse meu álibi.

— Taylor é uma boa amiga?

— Sim. Já me salvou diversas vezes. Mas duvido que liguem, sou bastante confiável. Nunca dei motivos para que suspeitassem de mim.

Meus dedos continuavam a apertar, suavemente, a base da cabeça,

realizando movimentos circulares. Valentina sorriu e ofereceu mais o pescoço para receber o carinho.

— Isso é tão bom... – Gemeu tranquila.

— Bastante. – Concordei e indaguei – Tem fome, Valentina?

— Não agora... – Gemeu sob a massagem leve – Não de comida...

Minha mão deixou seu pescoço e deslizou por seus ombros. Eu tinha sorte por saber controlar minha ereção. Por que, quando massageei seus seios devagar, estava num transe sensual como poucas vezes tive na vida. Valentina soltou um soluçar abafado quando meu polegar circulou seus mamilos.

Completamente sensual.

Delicadamente atraente.

Minando meu autocontrole.

— O que planejou para hoje, dono? – Perguntou com a voz rouca quando descii a ponta dos dedos pelo espaço entre os seus seios até o umbigo. Um delicado umbigo raso que parecia um traço desenhado com esmero.

— É uma surpresa. – Disse enquanto levantava, tomando-a pela cintura. Quando fiquei de pé, Valentina suspensa no ar, seus olhos expressando ansiedade, coloquei-a na poltrona em que estive sentado. – Primeiro, vou cuidar de você. Depois, desceremos ao meu quarto.

Fique calma, vou cuidar de você um pouco antes de descermos ao meu quarto.

— Qual dos quartos?

— Ambos. – Respondi.

Sentei-me no pufe, que fazia parte do conjunto da poltrona, e coloquei um dos pés de Valentina sobre meu colo. Com cuidado, retirei sua sandália e

massageei as pontas dos dedos. Fiz o mesmo com o outro pé.

Valentina tinha se esparramado na poltrona. Apoiava o queixo na mão, enquanto o dedo mínimo, provocativo, deslizava por seu lábio cheio.

Sua boca era fruta madura.

Macia e pronta para ser colhida.

— O senhor ainda está em suas roupas de...

— As roupas de dominação? – Perguntei, quando assentiu, expliquei. – Sim, estou. Faz parte do cenário ideal para a sessão.

— O senhor fica lindo nestas roupas pretas. – O olhar dela se demorou um tempo em meus braços. Nas mãos que a massageavam. Depois, tornou a encarar meu rosto.

— E você fica linda despida.

Levantei-me e, guiando-a pela mão, levei-a ao quarto. Valentina acompanhava meus passos. Uma jovem mulher que se deixava ser conduzida ao quarto do homem que a haveria de possuir sem roubar-lhe a virtude.

Quando chegamos ao quarto do sexo, começamos a sessão.

Virei-a para mim e peguei seu pescoço para que olhasse para mim. Expliquei-lhe que o jogo tinha começado.

— A partir deste momento, chama-me de senhor Martin. Quais as palavras de segurança?

— Amarelo, para diminuir a intensidade... – Disse com voz rouca – Vermelho para que pare imediatamente...

— Muito bem. Eu começarei seu treinamento, obedeça-me em tudo. Use as palavras de segurança quando precisar. Promete-me que fará isso?

— Prometo, senhor Martin.

— Perfeita... Agora, não torne a encarar meu olhar, até que eu peça. Não questione as minhas ordens. Lembre-se, farei o melhor para você. Lembre-se das palavras de segurança. Agora, retire sua calcinha e coloque-a em meu bolso.

Soltei-a e ela fez como pedi.

— Fique de joelhos, Valentina.

Valentina ficou de joelhos. As pernas juntas, as mãos no chão. Olhava para baixo o tempo todo. O respirar dela era suave, mas ansioso.

— Não se mova. Eu não vou demorar.

Com isso queria testar sua curiosidade e obediência. Passei pelo quarto um pouco, pelo menos três minutos. Eu vi as mãos de Valentina se crisparem em ansiedade, mas ela refreava o impulso antes que se movesse mais.

Fui até o armário das chibatas. Eu precisava começar leve com Valentina, então iria evoluindo gradativamente. Peguei um massager íntimo que simulava o sexo oral, cordas finas, gag-ball e um dildo. Coloquei-os num carrinho de chá e arrastei-os até a mesa de massagens. O couro preto e as ferragens prateadas sustentariam o peso de Valentina.

Peguei também, do cofre do quarto de dominação, o presente que tinha comprado para Valentina. O colar de couro, diamantes e ouro branco. A coleira caríssima que receberia como presente por ceder-se aos meus desejos.

Me aproximei e deslizei a joia por seu pescoço.

— Esta coleira, Valentina, é sinal de minha propriedade. A usará sempre que estivermos em sessão. Esta coleira indica o laço que nos une e te torna minha submissa. Sempre que a vir em sua pele, lembrarei do presente voluntário de sua submissão e serei eternamente grato. Ela também simboliza minha devoção por ti, pelo seu prazer e pela busca do mais profundo, que norteará nossa relação.

— Obrigada, senhor Martin. – Valentina agradeceu depois que fechei a

joia sobre seu pescoço. Seus dedos deslizaram pela joia de mais de cento e cinquenta mil. – É maravilhosa.

— Não tanto quanto és... – Elogiei enquanto lhe acarinhava a cabeça. Ao lado dela, percebi como se entregava ao carinho. A cena rompeu-se quando puxei seu cabelo com cuidado para levantar-se – Vem comigo.

Levei-a até a mesa escolhida e a fiz deitar-se. Valentina obedecia de forma suave, respirando apressada quando a excitação tomou conta de seus poros. Eu já sentia o cheiro de sua lubrificação e podia apostar que suas coxas estavam meladas pelo líquido precioso.

Agora sim a sessão começaria de verdade.

CAPÍTULO 14



VALENTINA ESTAVA SOBRE A cama de massagens. Pude notar os detalhes da perfeição de seu corpo. Seios arrebitados com bicos prontos para serem bebidos. Uma cintura fina, quadris estreitos, uma bunda com carne na medida certa.

Outro sinal pequeno e escuro deixava pontos de cor por sua pele clara. A sede aumentou quando percebi que o rastro de sinais poderia ser coberto por beijos ou mordidas. O monte de vênus, liso, depilado, era tão perfeito que estaria deliciosamente provocante mesmo com pelos.

— Respire, fique tranquila. — Falei enquanto me aproximei para deixar um beijo em sua testa – Vou cuidar de você. Agora, fique de bruços.

Valentina girou na cama. Fazia um esforço sobre-humano para não olhar para mim. Sua bunda perfeita estava para o alto agora. Um par de estrias rosadas marcava sua pele, tornando-a única, como numa impressão digital.

Não havia outra mulher igual.

Quis lamber aqueles riscos rosados, mas sabia que se minha língua provasse sua pele, em breve a estaria chupando desesperado.

Andei devagar ao redor dela. Minha mão deslizava por sua costa sem

tocá-la. Milímetros separavam o contato de nossas peles. Valentina arrepiou-se por que sentia minha presença.

Isso era tão bom.

Estiquei as mãos dela para baixo. Abaixei-me ao lado da cama de massagem, que parecia maca.

— Agarre as hastes laterais – ordenei e ela o fez.

Com um jogo de cordas finas, prendi-lhe a mão ao metal prateado. Primeiro uma, depois a outra. Assim não fugiria. Dei um nó fácil de ser retirado. Então voltei-me para as pernas dela. A fiz flexionar os joelhos, apoiando-os no couro escuro. Valentina colou o rosto à maca, a bunda alva arrebitada.

Toda a intimidade dela era rosa. Desde a vulva até a bunda espetacular. Eu até imaginava como seria deslizar meu dedo pelo maravilhoso traseiro dela e enfiar com força até ficar vermelho por conta da fricção, mas não podia.

Maldito contrato.

Enrolei a corda ao redor da cintura de Valentina, até as pernas. Várias voltas. Agora não se moveria e eu poderia apreciar mais daquele cuzinho rosa com os olhos.

— Como se sente? – Perguntei.

Tenho plena certeza que aquela bunda nunca tinha visto um pau. Dava para perceber seu cuzinho virgem só de olhar. A pele lisa, maravilhosa demais, pedindo para ser desbravada enquanto eu não podia desbravá-la.

— Me sinto exposta, senhor Martin.

— É isso que quero.

Apertei a cintura dela, desta vez, contra a maca. Ela não conseguiria se mover demais, para que não caísse. Peguei a gag-ball e fui até o rosto dela.

Deslizei o objeto para sua boca. Valentina a segurou com os lábios e a preendi corretamente atrás da cabeça. Usei a calcinha dela, que estava em meu bolso, para privar-lhe a vista. Como o tecido de renda estava, dei um nó. Pelos vazados da renda, Valentina conseguiria olhar meu progresso, a sensação de fazer o que era proibido intensificaria o prazer dela.

Era hora de brincar.

— Vou dar dez palmadas nessa bunda perfeita. Vou aumentar a intensidade gradativamente. — Minha própria voz estava intensa demais - Diga se quiser que eu pare. Use as palavras de segurança. Certo?

— Sim, senhor Martin... — Respondeu quase ininteligivelmente contra a gag-ball. Só mais um minuto, começaria a babar e seria lindo.

Deslizei as mãos pela bunda dela.

Era o mesmo que ser um bêbado, que luta contra o vício, vendo uma garrafa do melhor destilado aberta. Balancei a polpa carnuda da bunda e senti o cheiro da excitação de Valentina.

Puta que pariu.

Tão molhada, iria gozar rápido.

— Um! — Dei uma palmada, de mão aberta, na nádega direita de Valentina. Ela contraiu a pélvis um pouco e aquele ponto rosado no meio das nádegas piscou. Meu pau quis se manifestar.

“Controle-se” ordenei mentalmente.

— Dois! — Agora do outro lado.

— Três! Quatro! — Queria fazer arder aquela bunda alva — Cinco! — Agora bati mais no encontro das duas polpas.

Valentina de quatro era um perigo. Ficava totalmente exposta, os seus lábios rosados à mostra. Suculentos, lubrificados.

– Seis! Sete! Oito!

As palmadas agora foram sobre os grandes lábios.

Valentina gemeu um pouco, mas não usou as palavras de segurança, continuei – Nove! – Exatamente no espaço entre as pernas.

A linda buceta se contraiu quando recebeu a décima palmada. Sua lubrificação melou minha mão e lambi-a para provar-lhe

— Você está sendo perfeita.

Valentina gemeu baixinho. A vermelhidão e o ardor combinavam com sua pele sensível. Sua vulva, agora inchada, receberia os prazeres e estímulos com maior intensidade.

— Eu sei que está ardendo. Eu quero assim. Quando gozar, vai valer muito a pena.

Peguei o consolo transparente.

O maldito objeto tinha mais sorte que eu. Entraria na boceta rosa perfeita. Eu não. Usei a baba que escorria pela bola para lubrificá-la.

— Você já deu a bunda, Valentina? – Perguntei sabendo que teria dificuldade em responder.

Ela meneou negativamente com a cabeça.

Maldito cu virgem que eu não podia foder.

Abri um pouco mais a fenda rosa de Valentina, apoiando minhas mãos às nádegas dela e cuspi dentro. O cheiro dela era tão convidativo, maldita hora que aceitei torturá-la e me torturar assim também.

Introduzi o consolo com cuidado na fenda perfeita. Deslizei o comprimento pela entrada, deslizei nos grandes lábios e então o deixei ir até o final dentro dela. Ela tinha uma linda pata de camelo que abraçou o consolo. Agora era hora de cuidar da bunda perfeita.

Voltei ao armário, peguei o anestésico anal. Deslizei um pouco do creme pelo orifício de Valentina e deixei que fizesse seu efeito.

— Valentina, vou deslizar um dedo em você, depois outro, até estarem três dedos. Se doer demais, mova os pés duas vezes, vou saber que devo parar.

Ela acenou, incapacitada de falar com tanta baba que escorria de sua boca.

Deslizei a ponta do indicador para dentro dela. Sua entrada piscava e me forçava para fora, de tão apertada que era, mas insisti no movimento. Senti meu pau acendendo. Quando o indicador estava até a segunda falange introduzido, coloquei a ponta do outro dedo.

“Humm” Valentina reclamou baixinho.

Olhei para os pés dela, nenhum movimento.

Agora as pontas do indicador e do médio estavam fodendo devagar seu traseiro. Deslizei o comprimento dos dedos, devagar, até que dois dedos estivessem dentro dela.

Estiquei o braço e peguei o simulador de sexo oral. Ele tinha várias linguetas que rodavam acionadas por um motor. Seria um bom par de lambidas no clitóris úmido de Valentina. Encaixei o aparelhinho nas cordas de modo que as línguas de silicone ficassem deslizando sobre o clitóris dela sem chance de cair.

Recomecei os movimentos dos dedos na bunda dela. Eu encostei uma mão ao redor da polpa generosa, quase num abraço, a outra mão ocupava em foder seu precioso rabo. Quando a vagina apertada contraía, expulsava o consolo ali colocado. Precisei segurá-lo com o polegar para que não o expelisse de vez.

Valentina começou a se remexer. Tentava escapar da carícia causada pelo estimulador, mas não conseguia. Ao mesmo tempo, quando tentava escapar, seu traseiro engolia mais meus dedos.

Quando estava se remexendo bastante, e eu ia deslizar o terceiro dedo nela. Ela bateu com o pé na maca e retirei os dedos com cuidado. Valentina precisava de um pouco de carinho, para que gozasse. Eu queria o cheiro de seu orgasmo na minha mão. Retirei o consolo de dentro dela, coloquei-o devagar no seu rabo redondo e carnudo.

Retirei o simulador de sexo oral e deixei que minha mão limpa cuidasse de sua boceta. Deslizei dois dedos limpos para dentro de sua boceta e fodi-a gentilmente enquanto meu polegar apertava o consolo em sua bunda.

Não demorou um minuto até que gozasse pela primeira vez. Contraindo e apertando deliciosamente meus dedos. Retirei meus dedos de dentro dela, estavam encharcados. Encaixei novamente o simulador de sexo oral, de forma que ficasse sugando seu clitóris. Deixei que ficasse assim de leve e fui até seu rosto. Valentina mantinha os olhos fechados por detrás da renda.

Retirei a gag-ball e a fiz provar da própria excitação.

— Veja como seu gozo tem um cheiro irresistível. Veja como melou minha mão...

Valentina chupou meus dedos com vontade. Saboreando o orgasmo que lhe proporcionei. A sensação de seus lábios carnudos em minha mão me fazia delirar. Se estivesse livre da promessa que fiz, tiraria meu pau e a colocaria para mamar enquanto ela se contorcia num novo gozo.

Mas eu não podia.

Quando começou a suspirar pesado, sugando-o ar gelado para dentro da boca, acariciei seu rosto e deixei-a ter um segundo prazer.

Valentina parecia exausta, mas não utilizou a palavra de segurança. Retirei o consolo dela e o coloquei na mesinha de apoio. Ouvi-a choramingar, mas ignorei seu protesto. Queria que gozasse mais, bem mais. Peguei no armário um consolo ligeiramente mais grosso e comecei a foder sua boceta com ele. Recomecei a dar palmadas leve em sua bunda avermelhada.

— Até dez. — Ordenei — Só goze no dez.

— Sim, senhor Martin... – Arquejou prestes a ter prazer.

Recomecei a contagem.

Batendo nas polpas carnudas de seu traseiro, esquerda e direita, até o oito. As outras duas palmadas foram mais intensas. Ao mesmo tempo. Então apertei sua bunda e deixei que meus dois polegares fizessem uma massagem no seu cuzinho rosado.

Valentina teve o terceiro orgasmo da noite.

Praticamente desabando em gemidos.

— Vermelho... Vermelho... – Pediu que eu parasse.

Já não aguentava mais gozar.

Parei imediatamente. Retirei o simulador de seu encaixe, o consolo, e afrouxei os laços que a prendiam. Peguei-a nos braços e sentei-a na cama de casal de madeira de cerejeira que tinha naquele cômodo.

— Está tudo bem agora. Eu já parei. – Disse fazendo-a olhar para mim com olhos anuviados – O que aconteceu? Doeu?

— Doeu, mas não foi por isso que parei.

— E o que aconteceu? Ande, me fale.

— É que eu estava com uma vontade louca de fazer xixi.

CAPÍTULO 15



OS CUIDADOS PÓS SESSÃO são em extremo importantes. Depois de garantir a Valentina que, se quisesse urinar enquanto gozasse, eu não me importaria, ela pareceu menos envergonhada. Não sem antes discutir sobre o quanto achava que aquilo era nojento e eu convencê-la de que não deveria ter vergonha de seus fluidos corporais.

Agora era hora de cuidar de sua pele castigada, fazê-la comer e descansar para que se acostumasse com meus toques.

Carreguei-a nos braços até o banheiro. Deixei-a sentada na cadeira da penteadeira, cadeira que as submissas usavam quando tinham que ir embora, preparei-lhe um banho de espuma. Levei Valentina até a banheira e a deitei dentro.

— Você vai tomar banho comigo? – Ela perguntou ainda sem olhar diretamente ao meu rosto.

— Já pode olhar para mim. – Disse e quando o fez, perguntei – Quer que eu tome banho contigo?

Valentina fez que sim e sorri compreensivo.

As mulheres que nunca tinham participado de uma sessão sempre são

mais emotivas ao final delas. Depois de um “sexo” intenso, o corpo pede por carinho.

Retirei meus sapatos pretos. Fiz o mesmo com o colete e a camisa social. Valentina ainda me olhava quando ia retirar a calça e a cueca boxer, mas retraiu-se no último minuto e olhou para a espuma da água.

Entrei devagar na banheira que tinha espaço para dois.

— Vem para perto de mim. — Eu disse e a fiz se aproximar gentilmente. Valentina encostou a costa contra meu peito. Comecei a fazer uma massagem na cabeça dela com as pontas dos dedos.

— É bom assim? — Perguntei para saber se a agradava.

— Muito bom. — Falou num sussurro.

Dei carinho ainda por algum tempo à cabecinha tensa dela. Em seguida, peguei uma esponja de banho nova, e comecei a esfregar sua pele devagar. Depois pedi que se afastasse apenas para cuidar de suas costas, depois das pernas. Massageei a bunda de Valentina, erguendo-a um pouco para lavá-la. Por fim, lavei a intimidade dela com a mão, os dedos e a esponja.

— Posso perguntar uma coisa? — Valentina inquireu com a voz relaxada.

— Claro. Qualquer coisa.

— Você não fica excitado quando está dirigindo uma dessas cenas?

Eu sorri um pouco. Valentina estava colocando o dedo na ferida sem saber.

— Muito excitado. No entanto, sei me controlar, se é o que quer saber.

— E como faz para ter prazer? Se fica excitado, quer ter prazer. Depois fica só na vontade ou você se masturba? Ou quem sabe procura outra pessoa para transar, já que não pode transar comigo?

— Se nossa relação fosse aberta, eu teria uma submissa extra para transar,

mas não é o caso. Como nosso contrato exige exclusividade, não terei ninguém.

— Então vai se masturbar? – Perguntou com um riso, ao que respondi com um riso também:

— Muito provavelmente.

— Não parece justo.

— É o que acordamos.

— Sabe, você pode tentar uma coisa.

— Uma coisa? O que?

— Posso virar para você? – Perguntou.

— Claro que pode.

— Então, não faremos sexo, correto? – Assenti – Isso não me impede de me esfregar em você. Quero dizer, eu vi um vídeo uma vez, onde uma mulher deslizava sobre o pênis do homem. Pode ser de costas ou de frente. Eu queria experimentar. Assim pode ter prazer, sem transar comigo. Sem precisar recorrer à sua própria mão.

Eu não sabia o que dizer. Seria a melhor forma de acabar a noite, mas também seria um vislumbre das portas do paraíso e ser lançado no inferno. Tocá-la ali sem penetrá-la, martírio.

— Posso, senhor Martin.

— Pode.

Valentina deslizou sobre mim para apoiar uma perna de cada lado. Eu fiquei apoiado na banheira. Ela então ajustou-me na direção de sua fenda, mas colocou meu volume para cima. Muito devagar, começou a fazer movimentos de vai-e-vem sobre mim. Deslizava a polpa carnuda da sua vagina ao redor do meu pênis. A visão que eu tinha era de um êxtase

absoluto. “Humping” devia ser uma coisa que aprendeu no colégio interno, com as outras meninas, e executava bem.

Valentina apoiou os braços na beirada da banheira e deixei minha cabeça pender para trás. Ela observava a cena. Observava as minhas reações. Eu não queria aqueles olhos perturbadores contemplando meus sentimentos confusos.

— Desvia de mim os teus olhos, eles me perturbam.

— Eu perturbo você? – Ela perguntou enquanto abaixava-se mais. Os seios esfregavam-se na espuma, contra meu peito.

Era melhor o silêncio.

Eu já estava duro feito pedra. A tensão de, a qualquer momento, poder deslizar para dentro dela me faria gozar.

Ela era macia, escorregadia.

Valentina colocou ainda mais pressão sobre mim e moveu-se certeira mais um par de vezes. Eu tive prazer ali. Apenas tocando-a, sem desvirtuá-la. Um prazer que me oferecia serenamente e que eu colhia mui grato.

— Você gozou? – Ela perguntou duvidosa.

— Sim, você conseguiu.

Então tornei a olhar seu rosto. A expressão que captei, antes que pudesse disfarçar, era de puro desejo. O olhar azul nublado, meio fechado pelo escuro da pupila. Cílios que o emolduravam marejados pela comoção profunda.

— Eu consegui! – Sorriu convencida – Posso lavar seu cabelo? Adoro seu cabelo. O jeito que cai perto dos olhos, a cor profundamente escura. Eu gosto desse corte.

— Obrigado. – Pisquei convencido ainda sentindo seus seios esmagados contra meu corpo.

Valentina lavou meu cabelo com shampoo para cabelos escuros, fiz o mesmo com o dela, usando o shampoo que tinha mandado comprar, um shampoo especial para cabelos ruivos.

Quando terminamos, levantei-me e vesti o roupão. Calcei o chinelo de banho. Levantei Valentina. Sentei-a na beirada da banheira e calcei os chinelos dela. Cobri seu corpo com um roupão aquecido.

Dali partimos para jantar.

Valentina estava silenciosa.

Os funcionários já tinham preparado a mesa, no mesmo esquema das minhas noites de trabalho, e comemos nossa refeição enquanto ouvíamos música clássica.

— O que vamos fazer agora? – Ela perguntou.

— Pode me falar de você, podemos ler. Podemos nos entreter com alguma mídia. Posso te fazer gozar mais, as possibilidades são infinitas.

— Não! Já fui bastante castigada por hoje. Eu quero ler.

— Quer? O que prefere.

— Qualquer livro que goste.

— Leremos Diva. José de Alencar.

— Não conheço.

— Mas vai conhecer, e sei que vai gostar. Como eu.

Depois do jantar, fomos para perto da lareira. Peguei o livro e sentei Valentina em meu colo. Retirei o roupão molhado dela e deixei que o calor da lareira a aquecesse. Li em voz baixa enquanto a acarinhava.

O livro ainda nem terminara, Valentina adormeceu.

Levei-a ao quarto de hóspedes e a coloquei na cama. Sentei na cadeira de balanço, perto da janela, e a observei dormir. Quando tive certeza que não acordaria, voltei ao meu quarto.

A água não tinha lavado a sensação do peso do corpo dela contra o meu. Tinha certeza que não lavaria. Valentina era uma tentação maravilhosa, eu estava sucumbindo.

CAPÍTULO 16



ACORDEI ÀS SEIS NUMA MANHÃ de sábado. Para ter certeza que a noite passada não era apenas fruto da minha imaginação e do meu desejo, fui até o quarto onde Valentina deveria estar descansando.

Felizmente, ela estava lá.

O lençol tinha deslizado, com seu movimento, e cobria-lhe apenas a parte inferior do corpo. A cintura estava exposta. As cortinas abertas lançavam raios do sol tímido sobre o corpo dela enquanto eu a admirava. O colo coberto de pintas alaranjadas conferia-lhe charme peculiar.

Como se sentisse que alguém a observava, Valentina se moveu. Girou o corpo, ainda sem acordar, e deitou de bruços. Abraçou o travesseiro e a bunda dela ficou à mostra. Uma perna estendida permitia que visse sua intimidade, mas as marcas vermelhas nas nádegas dela me atraíam de forma doce e provocante. A pele clara lhe era marcada com facilidade.

Saí do quarto e fui à cozinha. A cozinheira auxiliar, Mise, estava à postos. Ela era mais jovem que Cassie. Tinha se formado recentemente em gastronomia, gerenciava um restaurante durante a semana e trabalhava exclusivamente para mim aos finais de semana.

— Bom dia, Mise.

Cumprimentei-a. Mise estava criando uma apresentação perfeita dum prato. Ela tinha se especializado em gastronomia brasileira. Recentemente tinha viajado ao país sul-americano, descobrindo novos sabores.

— Bom dia, senhor Martin. Espero não o ter acordado.

— Não, o fiz sozinho. Como vai o restaurante?

— Vai bem. Consegui aquele cliente importante que tinha comentado outro dia, lembra-se?

Eu lembrava bem. Um escritório de arquitetura estava procurando um restaurante para fornecer as refeições para seus almoços executivos durante o ano. Era uma oportunidade e tanto para quem estava começando.

—Meus parabéns. Seu sucesso é merecido.

— Obrigada outra vez. Não esperava vê-lo acordar tão cedo. Então ainda estou criando a apresentação do café-da-manhã. Preparei suspiros. Também café tradicional. Trouxe uma iguaria, esperava que a experimentasse.

Meu paladar sempre apreciou as coisas novas. Quando Mise trazia algumas de suas iguarias, eu não pensava duas vezes antes de experimentá-las. Sempre fui surpreendido pela sua bela mão para a culinária sul-americana.

— É um bolo relativamente barato, para seu paladar. No entanto, acrescentei alguns toques de trufas e redução de vinho na cobertura de chocolate. Também lâminas de pimenta para dar um toque picante e contraste ao doce.

— Tenho certeza que vou adorar. Vou chamar minha companhia para provarmos juntos. Preparou porções para dois?

— Sim senhor, conforme as instruções de Cassie.

Tomei um gole de suco de laranja orgânica antes de ir ao quarto. Vesti

algo confortável, depois do banho. Esperava dar a Valentina um fim-de-semana tranquilo para que se acostumasse ao meu mundo aos poucos. Quando a noite chegasse, pretendia fazê-la gozar até que não pudesse refrear sua urina.

Uma partida de tênis, um pouco de natação, parecia ser um programa que lhe ajudaria a repousar o corpo cansado. Isso ajudaria a colher as impressões dela sem o risco de vê-la ficando sobrecarregada.

Ganhei uma ereção involuntária e acalmei meu corpo com a fantasia de estar enfiando em Valentina enquanto ela estava de quatro, como na noite anterior.

Isso era mau, era terrível.

Era melhor nos ater à natação. Eu não conseguiria ouvir Valentina gemendo, rebatendo a bola, sem prender os braços dela na rede e masturbá-la com o cabo da raquete.

Fui até Valentina para acordá-la. Ela estava linda demais para pôr em palavras. Chamei-a com um carinho no seio, sussurrando obscenidades ao seu ouvido.

— Ai ai, Alec... – Sorriu gostosamente.

— Quer tomar o desjejum? – Perguntei admirando sua gargalhada – Tenho um presente para dar-te.

— Além da coleira maravilhosa de ontem?

— Sim, além dela. Um presente para que se lembre de mim quando não estiver contigo. Um presente que deverá usar enquanto durar nosso contrato.

— Vai me deixar mimada com tantos presentes. É isso que quer? Me estragar?

— Sim, é o que pretendo. Agora levante, vou dar banho em você e vamos tomar café. Mise trouxe um prato especial para provarmos.

— Quem é Mise? Uma de suas submissas? – Ela perguntou num tom que parecia corriqueiro, mas que escondia o ciúme.

— Não. Mise é uma das minhas cozinheiras.

— Oh, ok. – Ela se levantou me tomando pela mão e me fez seguir após ela – Vai tomar banho comigo?

— Eu já o fiz.

— Por que? Gostei de ontem.

— Eu também. Não posso colocar em palavras o quanto gostei, mas não sinto que conseguiria me conter.

— Então vai apenas me dar banho?

— Vou sim.

— Não acha que sou grandinha demais para isso?

Valentina estava provocando. Se continuasse, ia receber na bunda por não aceitar minhas ordens.

— Eu quero dar banho em você.

— E se eu não quiser? – O aspecto de seu rosto era divertido.

— Se não obedecer, terei que castigá-la.

— Estou curiosa sobre esse castigo.

— Tenha certeza que não gostará.

— Veremos. Não quero que dê banho em mim.

— Não? – Eu estava adorando o caminho por onde a conversa estava seguindo – Quer mesmo fazer isso?

— Quero sim.

— Você quem pediu.

Segurei-a pelo pescoço apertando os polegares nos pontos certos para que sentisse as pernas fracas. Levei-a até a cama. Sentei-me e ordenei.

— Deite-se em meu colo.

— Não. – Ela ainda tinha um rosto sorridente.

— Acha que isto é uma maldita brincadeira? – Puxei-a pelo braço e a fiz deitar-se sobre minhas pernas. A bunda dela estava direcionada para a janela. A barriga pressionada contra meu colo e tinha a cabeça curvada para baixo. – Acha que não tenho coragem de castigá-la?

— Eu não disse isso... – Começou a falar, mas interrompi sua fala com uma palmada na bunda. Uma palmada forte que a fez saltar de susto.

— Ai! Isso...

— Não queria ser castigada? – Dei-lhe outra palmada. Meu pau já endurecia contra sua barriga. Valentina ia saber o quão louco de excitação ficava por castigá-la.

— Eu...

— Eu não mandei você falar. – Conteí três palmadas fortes. A bunda dela estava ficando mais vermelha. Ela saltava e gemia baixinho. Eu batia no mesmo lugar repetidamente para que ardesse. Depois trocava a nádega. Ao todo, foram vinte e quatro palmadas. Levantei-me jogando-a na cama.

— Agora deite-se aí.

Valentina ficou na posição em que a tinha deixado. Eu a fiz ficar de quatro. Ela apoiou a cabeça no antebraço e a bunda dela ficou para o alto.

Uma visão espetacular, toda para mim.

Lubrifiquei os dedos com saliva. Enfiei o polegar dentro dela e massageei seu clitóris com dois dedos.

Eu estava descalço, adorava ficar descalço para sentir o chão da madeira do assoalho sob meus pés, mas adoraria ainda mais ter o rosto dela sob meu pé.

Puxei Valentina mais para a beirada da cama, interrompendo a carícia. Ela gemeu alto. Eu empurrava a cabeça dela contra o colchão fofo com o meu pé e intensificava a carícia na intimidade dela. Valentina estava encharcada. Continuei com a massagem até que começou a rebolar contra minha mão. Buscando o prazer.

Ela não sabia que não ia gozar.

— Está gostando? Quer mais?

— Sim... Sim... – A voz dela saiu abafada.

— Quer ter prazer?

— Quero... – Sussurrou buscando minhas mãos.

— Uma pena. Você só vai ter à noite.

Cessei a carícia. Afastei-me e a fiz ficar de pé. Valentina pareceu irritada, não queria acreditar que eu realmente a deixaria naquele estado. Só pareceu entender quando me viu limpar os dedos no lençol da cama.

— Coloque estes lençóis na roupa suja. Entre no duche e tome banho. Já que não quer que a toque, não tocarei até a noite. Este será seu castigo.

Valentina andou para o banheiro. As pernas dela brilhavam do líquido de sua própria lubrificação. Tomou o banho em silêncio. Vesti-lhe um roupão rosa, assim que saiu, e ofereci-lhe as pantufas de pelo de coelho que combinavam.

O clitóris de Valentina estava inchado, a ponto de explodir. Observei-o enquanto me agachei para enxugar suas pernas. Sorri um pouco para ela, que

me olhava com o rosto irritado pelo prazer proibido.

— Você é mau, Alec. Quer dizer, senhor Martin.

— Lembrar-me-ei de castigá-la mais tarde por esse deslize. Dois no mesmo dia. Será que tenho uma Brat sob meu teto?

Levei Valentina para tomar café. Eu mal podia esperar que a noite chegasse para castigá-la e dessa vez sim, fazê-la ter prazer até chorar.

CAPÍTULO 17



A NOITE TINHA CHEGADO. Vi Valentina adentrar o quarto de dominação. Eu a tinha chamado sem que estivesse preparada. Eu queria que viesse mais para poder aproveitar mais dela essa noite.

— Boa noite, Valentina. Como foi seu dia?

— Entediante. – Respondeu – Passei o dia inteiro com a bunda ardendo. O meu dono, vulgo senhor Martin, não me fez companhia durante a tarde.

— Fui comprar algo especial para você.

— E o que comprou?

— Algumas coisas. Principalmente isto. – Retirei da sacola de presentes o objeto que eu furtava à vista dela — Vai ficar lindo em você.

Um belo plug anal com uma cauda de pelo de raposa. O pelo laranja iria combinar bem com o tom de cabelo dela.

— Que lindo! – Ela disse – Posso ver?!

— Fique à vontade.

Valentina se apressou para meu lado. Usava um macaquinho leve, rodado. Uma blusa curta por dentro da peça. Uma roupa que lhe era tão apropriada, apesar de nunca ter uma submissa vestido com algo igual.

Valentina observou com cuidado o material. O plug de metal antialérgico era pequeno. Um outro fazia par com ele. Porém, sem a pelagem. Apenas tinha uma pedra como adorno. Um cristal lapidado em forma de meia-pérola.

— É lindo, senhor Martin.

— Você ainda não viu a melhor parte. – Dei-lhe as luvas que faziam parte do conjunto. Além da tiara com as orelhas.

— Eu mal via a hora de experimentar isso.

— Não vai apenas experimentar, vai viver.

Derramei o resto do conteúdo da sacola na cama. Havia também uma coleira com haste longa. Uma caixa com uma calcinha borboleta que funcionava remotamente acionada por bluetooth e dois potes de ração inoxidável.

— Pelo visto, vou ter que encarnar a personagem.

— Ah, vai sim, mas lembre-se das palavras de segurança.

— Eu lembro. Não se preocupe.

— Quais são?

— Amarelo e Vermelho.

— Perfeito. Você é perfeita.

Sentei-me na cama e fiz Valentina ficar diante de mim. Assim que o fez, abaixei as alças do macaquinho e o retirei por baixo. Gentilmente tirei sua blusa. Terminei deslizando as mãos pela cintura dela. Apertando-a de leve na cintura. Retirei a calcinha dela e admirei os fios que estavam nascendo. Um pouco empolados.

— Usou lâmina?

— Eu precisei usar. Sei que não é o melhor, mas é o que podia fazer no momento. Uma vez tentei usar Veet, nunca mais fiz o mesmo.

— Deve ter ardido bastante. Se quiser, pode deixar crescer um pouco de pelo. Não vou me incomodar.

— Tem certeza? Os homens não acham isso nojento?

— Eu não posso responder pelos outros, posso responder por mim. Acho que vai ficar lindo. Pode manter os pelos para não ter que ficar se depilando e causando irritação na sua pele. — Passei a mão pelo monte de vênus — Sua pele é bastante delicada. Espere aqui, vou pegar um hidratante.

Valentina ficou na posição que pedi. Peguei um hidratante no armário e passei na pele irritada. Tomei cuidado de passar também no meio das pernas e a virei de costas para passar entre as nádegas.

— Eu não raspei aí. — Falou sorrindo.

—Eu sei. Preciso lubrificar sua entrada para colocar seu lindo rabinho.

Coloquei um pouco mais de hidratante na mão e pedi que Valentina se deitasse em meu colo. Passei o hidratante ao redor da entrada do traseiro dela. Coloquei um dedo gentil. O plug não era tão grosso, mas se não relaxasse, poderia doer ao colocar.

— Almoçou?

Perguntei para que relaxasse.

— Sim. Almocei moqueca de peixe. Acho que nunca comi um prato mais saboroso em minha vida.

— Mise é uma ótima cozinheira.

— Prefiro não falar de Mise. Se importa, senhor Martin?

— Tem algum problema com ela?

— Nenhum. Além do fato de ser uma mulher de vinte e cinco anos muito atraente que saber cozinhar e fazer várias coisas que não sei, está sempre por perto.

— É Mise que está sobre meu colo nua. De quem é o rabo que estou brincando agora?

Valentina não respondeu, tenho certeza que enrubesceu.

— Sabe quem prefiro. Além disso, dispensei os funcionários hoje. Para o que faremos, precisaremos da casa inteira com privacidade.

— E os seguranças?

— Configurei os vidros das janelas para ficarem opacos em poucos minutos. Ninguém vai ver o que acontece aqui dentro hoje. Eles não têm permissão para entrar.

— Certo.

— Vou colocar seu rabo agora, relaxa.

Abri as nádegas de Valentina com os dedos e ajustei a posição para colocar o plug. Quando ele estava dentro, notei como o pelo laranja combinava perfeitamente com a cor dela.

— Como se sente?

— É frio, mas não incomoda.

— Agora levante-se e gire para mim.

Valentina fez o que pedi.

Estava linda. Nua. Apenas com um rabo de raposa conferindo um charme à sua bunda já maravilhosa.

— Me dê as patinhas.

Valentina sorriu e estendeu as mãos para mim. Calcei as luvas e depois ajudei-a a colocar as meias peludas. Pareciam polainas volumosas de pelo alaranjado.

— Você está linda.

— Jura?

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu adoraria desenhar um focinho em você.

— Eu quero um focinho.

Levei-a até o armário e peguei o delineador preto. Usei o polegar para pintar a ponta do nariz dela, coloquei as orelhinhas da tiara. Ela sorriu com o resultado final quando se olhou no espelho.

— Eu estou tão fofa.

— Fofa? Eu não usaria esta palavra.

— Isto é porque é um depravado, senhor Martin.

— Pode ser. Agora, fique de quatro.

— De quatro? – Questionou. Arqueei uma sobrancelha, ao que ela completou – Não estou questionando. Apenas curiosa.

— Nós vamos passear pela casa.

Peguei a coleira de diamantes de Valentina. Coloquei-a no pescoço dela e amarrei a fita de passeio, a trela. Encaixando-a direito no local designado.

Comecei a puxar Valentina pela casa. Demos uma volta pelos cômodos vazios. Os vidros já estavam opacos. Ninguém via o que acontecia dentro da casa, tampouco nós víamos o que acontecia lá fora.

— Boa garota. Minha raposinha quer leite?

Valentina, que tinha encarnado a personagem, mas ainda não conseguia fazer as coisas sem sorrir. Colocou a língua para fora e ficou arfando como uma cadela.

— Espere um momento.

Eu tinha trazido as vasilhas comigo. Então apenas coloquei-as no chão perto da mesa da cozinha. Coloquei água em uma, coloquei leite na outra.

— Até que o dia nasça, não vai falar uma só palavra. Você vai tomar água desta vasilha, e leite desta outra. Quando der a hora de jantar, colocarei comida para você e vai comer daqui como a bela raposinha que é.

Valentina acenou com a cabeça.

— Muito bem. Agora, tome seu leite.

Valentina lambeu o leite com vontade. Ela se abaixou e o rabo maravilhoso dela, quer dizer, os dois rabos, ficaram erguidos enquanto bebia direto da vasilha. Quando tinha saciado a sede, levei-a para o escritório.

— Sente-se. – Eu disse e sentei na Le Corbusier.

Valentina sentou nas próprias pernas e manteve as patinhas no chão. Ela aguardava minhas ordens. Esta noite, porém, não iria gozar tão fácil. Pensando muito nos acontecimentos do dia, eu percebi que precisava se esforçar um pouco para ter o próprio orgasmo, já que se comportara tão mal pela manhã.

— Minha linda raposinha... – Falei enquanto fazia um carinho no pescoço dela. – Lembra-se de ter sido tão malvada pela manhã? Quando não deixou que lhe desse banho?

Ela acenou positivamente.

— Foi uma garota muito má. Agora, para gozar, minha filhotinha vai ter que se esfregar em mim. Como um animal no cio. Quer gozar assim?

Valentina fez que não com a cabeça, mas isso fazia parte do castigo. Como não tinha usado as palavras de segurança, me senti livre para continuar. Ergui a barra da minha calça até os joelhos. Puxei a coleira para que viesse para perto.

—Coloca uma perna de cada lado do meu pé.

Valentina fez o que pedi.

— Agora, vai se esfregar no peito do meu pé. Cuspa o peito do meu pé.

Valentina fez o que pedi, sem pestanejar.

— Agora esfrega no meu pé como esfregou no meu pau.

Sustentei o olhar dela enquanto minha raposinha se movimentava sobre meu pé. Em determinado momento, ela abraçou minha perna, se deixando levar pelo frenesi, pelo atrito. Valentina se esfregava no meu pé em busca do prazer que não seria suficiente.

— Amarelo... – Valentina disse, estava chegando ao seu limite, insisti mais um pouco – Eu não consigo fazer assim.

— Continue mais um pouco – Dei-lhe a segurança necessária. – Se gozar assim, prometo que te farei gozar muito hoje. Só se gozar assim.

Inclinei-me para a frente e a fiz abrir-se mais, assim ficaria bem exposta. Em pouco tempo, estava ficando molhada.

— Agora, suba aqui. – Eu disse fazendo-a levantar e retirei minha calça. O olhar de Valentina ficou alarmado, mas eu a despreocupeí quando não retirei minha cueca.

— Sente na minha coxa e esfregue-se para frente e para trás. Eu vou massagear essa boceta rosa até gozar. Quando terminar, deixo você dormir comigo no quarto.

Valentina movimentou-se na minha perna. Eu segurei uma mão dela com a cintura, com a outra mão eu massageava o montinho de carne rosa

intumescido que tinha no meio das pernas. Estava tão molhada que o movimento produzia um barulho peculiar.

Apertei mais o dedo contra seu clitóris e ela se movimentou mais rápido. Introduzi dois dedos dentro dela. Não demorou muito mais, estava gozando.

— Isso, agora limpa a perna do seu dono.

Valentina lambeu-me até me deixar limpo. Levei-a pela coleira até o quarto. Preparei o tapetinho dela no canto do quarto, perto da cama. Coloquei-a para deitar. Coloquei os potes de leite e de água perto dela. Deitei na cama. Observando-a beber e se alimentar.

Valentina ainda estava bem inchada, sinal que queria ter mais prazer, mas não agora. Eu deixaria que descansasse um pouco, para poder provocar mais sua boceta. Infelizmente, ela foi vencida pelo sono.

No meio da noite, o quarto estava frio.

Eu ouvi Valentina chamar baixo:

— Vermelho.

Levantei e trouxe-a para a cama. Retirei o plug anal dela e cobri-a com o edredom. Ficamos os dois abraçados. Massageei-a na costa, na cintura, nos seios, até que tornou a dormir.

Então me deixei repousar também. Embriagado de vontade de fodê-la. Embriagado pelo cheiro de lilás envolto nos cabelos dela.

CAPÍTULO 18



A MANHÃ TINHA TONS de despedida. Mise tinha deixado uma refeição pré-pronta para que eu pudesse me virar facilmente na manhã. Como Valentina ia embora, quis mimá-la um pouco.

Minhas habilidades culinárias não eram vastas, mas eu conseguia me virar bem. Fiz alguns sanduiches de queijo quente, café e suco de laranja. Tinha torta gelada, croissants apenas no ponto de levar ao micro-ondas, e alguns pães doces. Dispus também uma bandeja com diversas frutas.

Valentina acordou eram quase onze horas. Ela estava tão linda que, se eu pudesse, esculpiria em mármore e eternizaria a sua beleza naquele momento. Me aproximei da cama e sentei perto. Bati em meu colo e Valentina se aproximou colocando a cabeça ali.

Fiz um carinho leve atrás da orelha, amaciando seus contornos com as pontas dos dedos. Ela fechou os olhos para receber o carinho.

— Como dormiu? – Perguntei.

— Metade da noite, no chão, foi ruim, mas gostei de ter dormido com você. Você não ronca.

— Eu deveria roncar? – Perguntei segurando um sorriso.

— Não sei. Tinha a ideia que todo homem roncava. Devo ter lido romances demais.

— Quantos personagens de romances rocam?

— Não consigo lembrar de nenhum agora.

Valentina se aconchegou mais ao meu colo, escondeu um sorriso contra a minha perna. O que era uma merda. Cada vez que sorria, entre tímida e provocante, dessa forma, eu sentia que poderia me apaixonar.

— Tome banho. Vou te esperar na varanda para tomar café. Não precisa vestir nada. A manhã está abafada. Quero admirar você um pouco mais antes de partir.

— Sim, senhor Martin.

Valentina levantou-se e foi apressadamente ao meu banheiro. Eu já a imaginava brincando na banheira por um longo tempo antes de me encontrar, então pude enviar meus e-mails tranquilos. Também pude conferir se haveria alguma reunião importante na segunda-feira.

O primeiro e-mail era de Adam. Pedia que eu lhe desejasse sorte com Hannah. O outro e-mail importante era de Hill. Relatórios sobre os prejuízos do clube. Outro continha a nota fiscal da compra dos colares de Valentina. Faturas de cartões de crédito entre outros gastos.

Eu apenas desviei meu olhar do Ipad quando Valentina surgiu na cozinha. Depois de um banho de meia-hora, tinha recuperado todo o frescor. Vi que alguns pelos já despontavam na intimidade dela. Melhor assim, não queria ver sua pele irritada como estava antes.

Deixei o eletrônico de lado. Puxei-lhe uma cadeira, ela sentou. Sentei-me também.

— Tudo parece fabuloso, senhor Martin.

— Obrigado. Sirva-se, por favor. Bom apetite.

Valentina devorou quatro sanduiches duma só vez. Repetiu a torta de morangos e comeu duas frutas-do-conde. Ela vinha gastando bastante energia comigo, era bom recuperar-se.

A hora da despedida se aproximava. Em pouco tempo, notei pela hora no relógio, ela estaria indo para casa.

— Senhor Martin, é normal sentir angustia por estar indo embora?

— Explique melhor.

— Eu... – Valentina começou a falar, mas balançou a cabeça como se reformulasse a frase – Eu não quero ir para casa. Sinto como se estivesse sendo afastada de algo importante.

— Essa separação é temporária. Você vivenciará, pela primeira vez, dias longe de seu dono. É normal sentir essa angustia, sentir-se desprotegida.

— Isso dói.

— Eu sei, pequena, mas não se preocupe. Estarei cercando-a de cuidados. Meu celular estará sempre disponível para suas ligações. Se precisar de qualquer coisa, fale comigo. Não importa o que seja. Desde uma carona até um pouco de areia dos mares caribenhos. Peça-me tudo o que quiser.

— Farei isso.

Levantei da mesa. Valentina continuou sentada. Eu conseguia imaginar a dureza da cadeira de madeira castigando as nádegas dela, mas não pedi que levantasse.

— Por falar nisso, isto é para você.

Peguei minha carteira e retirei um cartão de crédito pré-pago. Eu geralmente dava cartões de dependente da minha conta bancária, mas sinto que se esse cartão caísse nas mãos de Hill, ele ligaria os pontos. Então um cartão recarregável era a melhor opção no momento.

— O que é isso?

— Uma pequena ajuda semanal. Quero que o use no caso de ter algum contratempo. É seu dinheiro.

— Uma ajuda? Como uma mesada?

— Perfeitamente.

— Eu não posso aceitar, Alec Martin.

— Você não tem escolha. Sua recusa implicará num castigo. Sua insistência será minha decepção. Eu espero que aceite.

— Quanto tem aqui? – Ela balançou o cartão como se suspeitasse de alguma coisa.

— Eu não sei. Estava apressado. Deve ter dez ou doze mil. É bom checar o saldo antes de usar. Também, terá que usar sua coleira social todos os dias. Enquanto não estiver aqui.

— Uma coleira social?

— Sim. Uma coleira disfarçada. Não se preocupe, não se assemelha à coleira verdadeira, apesar de saber o significado.

— Posso ver?

— Poderá, quando chegar a hora de ir para casa.

— Já é hora de ir para casa.

— Estou evitando este momento.

— Aposto que vai chover quando eu for embora.

— Por que aposta isso?

—O céu vai ficar triste quando a gente se separar.

— Então sugiro que não nos separemos nunca.

Valentina enrubesceu.

O curioso era que, quando enrubescia, até o colo dela ganhava toques de cor. Não respondeu, mas olhou para o próprio prato e desviou do assunto.

— Eu comi feito uma porca.

— Estava exausta, tinha que repor as energias. Agora não vou sossegar até que encontre um focinho de porco para testá-lo em você.

— Você não ousaria! – Ela sorriu.

— Não me provoque. – Sorri em resposta e levantei para ir ao quarto dela
— Espere-me aqui.

Eu tinha pedido roupas para rechear um closet para Valentina. Havia muita coisa que não tinha usado. Peguei um vestido rodado. Ele ia até a altura do joelho. Tinha um belo decote canoa. O vestido era de um tom de rosa pálida, combinaria com um casaco preto. Escolhi uma combinação de lingerie, sapatos. Um batom dum vermelho alaranjado que ficaria perfeito na boca dela.

Levei tudo para a sala. Valentina ainda estava na sala-de-jantar, sentada na cadeira de madeira.

Chamei-a. Como não lhe dei nenhuma ordem, ela ficou parada enquanto eu me servia duma dose de uísque. Sentei-me na poltrona perto da lareira e provei novamente do líquido forte que desceu rasgando e queimando meu peito.

— Agora, vista-se para que eu veja.

Valentina vestiu primeiro a calcinha branca de renda. Em seguida calçou os sapatos. Depois colocou o vestido. Ajustou o cabelo num rabo de cavalo, que amarrou com uma liga que tinha no pulso. Ela colocou o casaco e ia pegar o batom para passar em si própria.

— Não, deixa que eu faço isso.

Valentina ergueu o batom para mim até que cheguei perto. Ela me encarava com os enormes olhos azuis rodeados por cílios volumosos. Eu retirei a tampa do cosmético e segurei o queixo de Valentina com uma mão para que erguesse o rosto para mim. Com a outra mão, deslizei com precisão o batom sobre seus lábios redondos.

Ao final, a boca dela estava perfeitamente colorida.

— Como estou? – Ela perguntou quando fiquei admirando sua postura por algum tempo.

Não sabia ela que eu estava imaginando uma forma de apagar aquele vermelho-alaranjado com minha própria boca.

— Está linda. Tanto quanto quando se despe.

Fechei o batom com uma mão e o guardei no bolso. Sem soltar o rosto de Valentina, eu a mantinha olhando para mim. Essa garota estava linda a ponto de doer. A franja escondia uma fração de seus sentimentos, mas quando olhou para os meus lábios, eu soube o que queria.

— Por que não me beija, senhor Martin? – Ela perguntou ansiosa. Olhava para minha boca com vontade, esperando minha reação.

Se a beijasse, não se se pararia.

— Por que não está no nosso contrato. – Tentei responder da forma mais fria possível – Não vamos quebrar regras.

— E por que não está? – A voz parecia um tom mais baixo. Ela estava decepcionada. Queria ser beijada e, que inferno, minha vontade era de provar a boca dela na ponta de meus dentes.

Refreei-me, sabia que se a beijasse, estaria perdido.

— Você não autorizou beijos em nosso contrato.

— O que? Como eu fiz isso? Pode refazer o contrato. Adicione beijos. Adicione todos os tipos de beijo. Me mande para eu assinar.

—Quer adicionar alguma coisa mais?

Controle-se, Alec.

Você é um adulto, caralho!

— Por enquanto, beijos são suficientes.

— É o suficiente. Fique onde está. – Pedi enquanto ia ao cofre do meu quarto. Digitei a combinação e peguei a coleira social de Valentina.

— Esta, não deve ser tirada nem um minuto.

— Nem para tomar banho?

— Nem para tomar banho.

— Pode estragar.

— O que importa não é a joia, é sua obediência. Você não irá tirá-la?

— Não irei.

— Perfeito. Somente eu posso tirá-la quando vier na sexta.

— Certo.

— E sobre a prova de bioquímica. – Recomecei a falar lembrando-a do teste que teria na quinta-feira. Eu tinha me inteirado dos horários dela – É melhor tirar a nota máxima. Ou irei deixar marcas na sua bunda que não permitirão que se sente por um tempo.

— Sim, senhor Martin.

Deslizei o colar pelo pescoço dela. Fechei-o e vi quando Valentina tocou-o delicadamente. A pedra azul tinha quase a mesma cor dos olhos dela. O pendente delicado adornava seu colo discretamente.

— O que é? – Ela perguntou referindo-se às pedras.

— São apenas pedras. Você é a única coisa de valor que vejo. Não esqueça do nosso horário.

— Não esquecerei.

— É hora de ir. Por motivos óbvios, não poderei levá-la até sua casa, mas contratei uma motorista e duas seguranças para fazer o trajeto que quiser. Também pode dispor delas para quando precisar.

— E o seu motorista? Por que não vou com ele.

— Se não tenho o privilégio de levá-la, ele muito menos.

Beijei a delicada testa de Valentina sobre a franja.

— Eu farei de tudo para que não sinta minha falta. – Falou baixo, sorrindo de leve. Era para ser uma piada, mas tinha tanto sentimento escondido nessas sílabas, meu próprio.

Eu sofreria essa ausência mais que ela.

— Eu já estou sentindo.

Vi Valentina sair e acompanhei-a até o carro. Levei comigo o copo de uísque novamente cheio. Ele anestesiaría a saudade que já começava a brotar no peito.

Tudo culpa dela.

CAPÍTULO 19



A REUNIÃO SEMANAL COM os funcionários estava correndo bem. Eu já tinha lidado com alguns problemas apresentados pelas minhas assistentes pessoais, agora dava as ordens aos funcionários responsáveis pela cozinha.

— Quanto ao jantar do final de semana, senhor Martin, algum pedido especial

— Neste final de semana, faça um jantar mais simples. Minha convidada gosta de sobremesas e pratos mais tradicionais. Nada muito elaborado.

— Sim, senhor Martin.

Meu mau-humor estava terrível. Eu quase não conseguia contê-lo e via, na forma ríspida que pequenas tarefas me causavam estresse, que não conseguiria guardá-lo para mim mesmo.

O cortisol tinha aumentado bastante e nem os mais pesados exercícios físicos conseguiam me fazer relaxar. Nem corrida, nem vencer a força das águas com braçadas vigorosas, nada.

Tudo tinha se tornado entediante sem Valentina.

Nenhum motivo me pareceu ser suficiente para rir.

O único motivo para uma felicidade compartilhada, foi receber o convite para o casamento de Anthony e Phoebe. Adam e eu fomos convidados para apadrinhar os noivos.

O casamento no civil tinha sido rápido e discreto, a festa que aconteceria agora era pequena e reservada aos amigos mais íntimos e clientes chegados de Anthony.

Um fator interessante sobre o casamento, é que aconteceria numa quarta-feira. O sonho de Phoebe era conhecer a Croácia e os dois viajavam na madrugada de quinta-feira para curtirem uns dias no país escolhido.

Outro fator interessante: Valentina ficaria em casa.

Os pais dela me pediram que eu fosse responsável por cuidar de tudo o que dissesse respeito à filha.

Eles não tinham ideia do que estavam pedindo.

Comprei um Patek para Anthony. Mandeí personaliza-lo para que contivesse a assinatura de Anthony no tambor do relógio. Felizmente, consegui entregar o presente há tempo.

O relógio cravejado era uma pequena indecência, mas não tão indecente quanto a pulseira que eu tinha comprado para Phoebe.

Não é todos os dias que se casa com o amor de uma vida.

Enviei uma mensagem para Valentina. Disse-lhe que fosse até a Oscar de La Renta da avenida principal. A roupa que usaria para a festa tinha sido escolhida por mim.

“Sim, senhor Martin”, respondeu quase imediatamente.

Um de meus ternos italianos feitos sob medida, fosse levado ao tintureiro. Ele ficou pronto há tempo para o casamento. Apesar de íntimo, julguei que seria apropriado vestir algo que ficasse à altura do vestido de Valentina.

Os problemas do clube Triplo A tinham sido resolvidos. Como Anthony e

Adam estariam ocupados, em cinco dias, eu assumiria a gerencia. Isso levaria bastante do tempo que eu teria com Valentina, mas também me permitiria explorar os limites dela com mais liberdade.

Quando cheguei em casa, depois de me afogar no trabalho o dia inteiro, tentando ocupar minha mente com algo que não fosse a imagem da sua intimidade, não conseguindo, apesar dos esforços, a primeira coisa que recebi foi uma mensagem de Valentina, pedindo que eu atendesse uma chamada de vídeo pelo Skype no notebook.

— Boa noite, senhor Martin. – Disse com um sorriso contagiante na voz. Pelo visto, não estava sozinha. Havia um rosto sorridente ao seu lado. Pela tez aveludada, devia ser jovem. Muito provavelmente uma amiga do instituto.

— Boa noite, senhorita Ward. Como está essa noite? – Eu sorri levemente, em resposta. Ainda não entendia se a amiga sabia da verdade por trás dos nossos cumprimentos, um sinal de submissão e lealdade.

— Estou bem, senhor Martin. – Acrescentou rapidamente – Esta é minha amiga, Megan.

— Olá, Megan. É um prazer conhecê-la.

— Igualmente. – A amiga respondeu - É uma honra conhecer uma figura tão marcante do mundo dos negócios.

— Megan faz aula de bioquímica comigo. – Valentina explicou – Estamos revisando o conteúdo da prova. Estou sendo obrigada, por forças maiores, a tirar a nota máxima nesse exame.

— Forças maiores? – Eu sorri, ela também em resposta.

— Muito mais fortes que eu. Tenho medo de sofrer algum castigo se não me esforçar com maestria.

— Não queremos isso. Não é verdade?

Eu poderia continuar nesse jogo por bastante tempo, mas queria descobrir o motivo da chamada. Valentina, como se lesse os meus pensamentos,

explicou-se.

— Liguei para agradecer pelo vestido. Eu não tinha ideia do que usar, mas, como sempre, senhor Martin, parece ler a minha mente. Eu espero estar à sua altura no casamento.

— Nunca esteve aquém das expectativas. Mas, por que diz isso?

— Ainda não sabe?

— Sobre o que? – Perguntei enquanto ajustava a posição.

— Conversei com minha mãe. Ela dispôs os convidados durante o jantar de forma que serei sua companhia. Também serei seu par na dança, pois não tenho ninguém para levar ao casamento.

— Eu não sabia disso. – Eu disse por fim.

— É isso que dar não ler as letras miúdas.

— Eu sou especialista em letras miúdas, senhorita Ward.

Disse e o tom já tinha certa vitalidade perigosa.

— Eu sei disso. Senhor Martin, tenho que estudar agora. Preciso dobrar os esforços para tirar um A nessa prova. Não quero ter que lidar com as consequências.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Eu fico feliz por saber disso. Eu vou encerrar a chamada de vídeo agora. – Havia toques de emoção em sua voz – Espero que o senhor durma bem e ligue o maldito aquecedor. Sei que gosta do fio, mas parece que gosta de correr risco de morrer por hipotermia.

— Me mantereí aquecido.

— Adeus, senhor Martin. – Valentina encerrou a chamada de vídeo antes que eu pudesse responder. Era melhor assim.

Com uma dose homeopática da presença dela, pude tomar de volta um pouco da minha razão. Pude confirmar que ela estava bem, já que não podia manter contato frequente por causa dos seus pais. Fiquei exageradamente feliz por saber que quebraria as regras para manter contato comigo.

— Nunca diga adeus para mim, Valentina...

Sussurrei para as paredes.

Elas nunca traíram meus segredos.

CAPÍTULO 20



VALENTINA ME ESPERAVA na festa. Quase não consegui conter a emoção por saber que estaríamos na festa como um casal. Usei o Aston Martin sóbrio para ir ao casamento. Ele era elegante o suficiente para não roubar a atenção do veículo escolhido pelos noivos.

O Patek Calatrava, bem como a joia que dei para Phoebe, já tinham sido entregues antecipadamente, então não precisei me preocupar em andar com embrulhos.

Dediquei algumas horas do dia para exercícios intensos. Queria aliviar a tensão do corpo. Especialmente quando sabia quem seria minha companhia. Quando sabia o que ela me causava sem nem ao menos se esforçar.

Quando cheguei aos portões da casa de Anthony, observei os jardins ornamentados. Me identifiquei e os organizadores autorizaram minha passagem de imediato. Um dos rapazes que trabalhava ali, me acompanhou com um guarda-chuva até entrar na residência.

Desde que Valentina partiu, não parou de chover.

O gotejar suave não parou um único momento.

A festa para poucos convidados, não era tão pequena quanto o convite fez

parecer. Havia pelo menos cem pessoas distribuídas pelas mesas da área coberta do quintal, passeando pela casa ou sendo servidas. Dos jornalistas que se apinhavam do lado de fora, pouco mais de meia dúzia conseguiu autorização para entrar.

— Alec! – Phoebe sorriu e Hill desviou o olhar dos flashes das câmeras, que registravam o casamento, para olhar para mim – Vem cá!

Os dois acenaram para que me aproximasse. Phoebe ficou entre nós dois. Sorrimos para a câmera. Aquilo parecia muito mais um tapete-vermelho do Oscar do que um casamento.

— Achei que seria uma festa pequena. – Eu disse ao ouvido de Phoebe. Trincando os dentes, assim os lábios não se moviam e os repórteres não conseguiriam descobrir o assunto da conversa.

— Deveria, mas, de alguma forma, a notícia vazou, tivemos que adaptar de última hora. Hill tem muitos clientes. – Phoebe falou cerrando os dentes.

Phoebe parecia ter rejuvenescido dez anos. Ela parecia feliz, muito feliz. Olhei para o casal prestes a oficializar a união.

Eles ficavam bem juntos.

Vieram me indicar a posição onde deveria ficar quando a cerimônia começasse. Cumprimentei pessoas no caminho, sorri para algumas, ignorei outras. Já tinha tomado duas taças de espumante quando vi Valentina entre os convidados.

Seu sorriso brotou quando me viu.

Seu sorriso resplandeceu em resposta ao meu.

Valentina era a mulher mais bonita da festa

Se Óscar Arístides Ortiz de la Renta Fiallo estivesse na minha frente, nesse momento, eu o beijaria. Não tinha outra forma de agradecer ao seu talento.

O vestido que Valentina usava era sem alças. Tinha um busto cinturado, revelando seu talhe esbelto, e caía num volume delgado de cascatas de tule até cobrir os pés. Valentina prendeu o cabelo num coque clássico e sua franja estava penteada para o lado, cobrindo suavemente sua fronte. Ela usava uma maquiagem simples, que não escondia nada, apenas realçava a beleza de seu rosto. Era a virgem do mar embalada pelo brilho dos cristais que ornavam o vestido.

Quando percebeu que a estava admirava, Valentina segurou rodopiou graciosamente. Seu sorriso mostrava o quanto gostou do presente. A corrente de ouro branco desaparecia em seu colo alvo, mas o diamante azul refletia da mesma cor dos seus olhos.

Eu andei até ela, sorrindo em aprovação. Aproveitei que um garçom passava e peguei duas taças de vinho branco da região de Champagne-Ardenne.

— Está maravilhosa. Estupenda. — Disse entredentes quando estava perto o suficiente, puxando-a num gesto que parecia gentil, mas que tinha significado para nós.

— Agradeço, senhor Martin. Está muito elegante também.

O modo como falou as palavras, bem como o modo que me olhava, me tornou o mais envaidecido dos homens. Valentina tomou um gole do champanhe sem deixar de me encarar. Eu repeti o movimento e, por um segundo, nossos lábios tocaram as taças de cristal como num beijo.

Anthony se aproximou, acompanhado de Phoebe. Não tínhamos percebido a movimentação de pessoas que iam para a área coberta do jardim. A mestre de cerimônias veio pedir que eu fosse com Valentina para o local destinado. O outro casal de padrinhos já estava à postos.

— Adam e Hannah. — Valentina me alertou.

Fomos até o jardim, agora sem chuva.

— Os céus sabem que estamos juntos outra vez. Cessaram as lágrimas. —

Valentina disse, discretamente, aos meus ouvidos. Concordei com um sorriso disfarçado.

— Você sumiu no final de semana. – Adam disse quando me aproximei – Estamos devendo uma despedida de solteiro para Anthony.

— Imagino que queira arrumar confusão em pleno casamento. – Brinquei.

Agora que estava se especializando numa área diferente da advocacia, o contato tinha se tornado bastante limitado. Mesmo assim, a amizade permanecia sólida.

— Meu pai não vai ter despedida de solteiro. – Valentina falou num tom zangado para Adam – Se eu descobrir, acabo com vocês dois,

— Homens, o que não fazem por um par de peitos balançando na cara deles? – Hannah interveio não muito a nosso favor – Me chamo Hannah Williams, estou acompanhando este louro insuportável.

— Estão namorando? – Valentina perguntou curiosa.

—Vamos casar, estamos pensando numa data especial. – Adam disse e beijou a mão de Hannah, notei a aliança de noivado.

— Para que a pressa? – Hannah provocou a pouca paciência do meu amigo – Eu ainda posso desistir.

— Duvido muito. – Adam a puxou para um beijo.

Desviei o olhar, Valentina fez o mesmo.

A cumplicidade entre os dois mostrava a nossa privação. Se fosse um homem comum, não o melhor amigo de seu pai, poderia beijá-la livremente. Mas eu conhecia bem minhas depravações e limitações. Sabia que Anthony jamais veria com bons olhos qualquer tipo de relação com sua filha.

— Entrada dos padrinhos! A noiva está pronta e entrará em cinco minutos. Primeiro o casal saidinho – Um organista colocou-nos em fila –

Agora vocês dois. Onde está a flor da sua lapela? Produção, onde está o cravo que deveria estar despontando do bolso de Alec Martin.

— Oh! Deveria estar comigo! Esqueci de entregar. Ficou lá em cima... – Valentina falou em tom de desculpas – Eu estava muito ansiosa para chegar na festa.

— Preciso de um cravo agora! – O organizador falou pelo celular com alguém.

Não haveria tempo de sobra para esperar. Os padrinhos deviam começar a dar seus passos. Sem pensar muito, andei até um dos arranjos cheios de flores diversas, ao lado da entrada principal, e coloquei uma das flores em meu bolso.

— Muito inteligente! – Valentina elogiou – Só para desincargo de consciência, quem deveria estar com as alianças?

— O noivo fez questão de carregar as alianças. – Adam disse – Eu poderia me desviar com Hannah para algum lado, ele queria ter certeza que não as perderíamos.

Todo o restante da cena correu como de costume. Entramos sob a tenda, a noiva entrou algum tempo depois. Valentina chorou quando ouviu os votos. Hannah disfarçou bem.

Adam bolinava Hannah sempre que podia, eu tinha que controlar minha mão para que ela não fosse procurar a cintura de Valentina, pelo menos até a nossa valsa.

Foi então chegou a hora de dançar.

A música clássica reunia os casais. As sopranos conseguiam dar um ar etéreo à festa. Conduzi Valentina até a área de dança, mal tocando os dedos delicados de suas mãos.

— Está irresistível.

— Eu já ouvi isso.

—Acostume-se, nunca cansarei de repetir.

— Então devo elogiar novamente seu porte formidável? – Valentina perguntou com a voz quente.

— Apenas se quiser.

— Está maravilhoso, senhor Martin.

— Como foi seu dia hoje? – Perguntei após lhe dar um sorriso tranquilo.

— Foi razoável. Fiz a prova, o resultado sai amanhã.

— Está segura em relação à sua nota?

— Completamente. Senhor Martin, vou ter de tirar nota máxima em todas as provas enquanto durar o contrato?

— Espero que sim.

Valentina notou o brilho no meu olhar, soube que era uma ordem.

— Vou morrer de estudar.

— Ninguém morre de estudar, Valentina. Quero que se forme com excelência. Que seja a melhor médica que esta cidade já viu.

— Isso vai ser bastante difícil. Como foi seu trabalho?

— Igual. – A fiz rodopiar enquanto respondia – Minha rotina tem sido entediante

—Devo me sentir culpada ou lisonjeada por isso?

Valentina sorriu quando um rapaz se aproximou.

— Valentina Ward!

Valentina desviou o olhar do meu. A atenção dela foi roubada de mim e partiu para o visitante.

— Não acredito! Peter?! O que faz aqui?

Valentina procurou pela mãe, fiz o mesmo. Phoebe deu uma piscadela para a filha e tornou a dar atenção ao marido. Valentina abraçou Peter enquanto fiquei parado esperando que os dois se afastassem.

— Você está maravilhosa! Merda, não acredito que te deixei escapar essa noite. Eu deveria estar aqui com você.

— Mas, como vê, ela já tem companhia.

Valentina tornou a olhar para mim, ainda tinha o sorriso que Peter tinha colocado em seu rosto, e me apresentou.

— Peter, este é Alec. Ele é... – Refreou a língua. Eu vi a língua dela indo bater nos dentes para falar “meu dono” – Um amigo e sócio do meu pai. Alec, este é Peter. Ele estuda comigo no instituto, apesar de ter conseguido transferir a matrícula só recentemente. Ele é um bom amigo. – Falou a frase com um ar de saudade.

— Esqueceu de contar que sou seu ex-namorado – Peter falou num tom divertido.

Travei os dentes em desgosto.

— É um prazer, Peter. – Demos as mãos.

Peter não tinha ideia do quão fácil eu poderia acabar com esse momento. Não tinha ideia de quantas vezes o estrangulei na minha mente.

— Se não se importar, Alec, – Peter se colocou entre Valentina e eu – vou roubar Valentina de você.

Esse guri realmente estava me enchendo o saco.

— Valentina? – Eu queria a resposta dela.

Valentina ainda sorria para Peter quando disse:

— É apenas uma dança.

Deixei os dois na pista e saí da tenda do quintal para a casa da família. O ambiente estava praticamente vazio. Eu não ia aguentar ver o tal Peter cercando Valentina de atenção. Sem poder tomar satisfações, eu não tinha esse direito, sem poder respirar direito, afetado pelo sentimento de ciúme e posse.

— Senhor Martin, – Uma funcionária me seguiu até a casa – O senhor pretende se retirar? O casal Hill pediu que ficasse instalado, por hoje, na casa. Eles contam com sua presença no café-da-manhã.

Eu não poderia fazer uma desfeita dessas ao casal de amigos. Ponderei a decisão e decidi ficar.

— Onde devo me instalar?

— No quarto de hóspedes do terceiro andar. Eu poderia ajuda-lo em alguma coisa, senhor Martin? Não está com uma boa aparência.

— A música me afetou. Sou muito intolerante a altos volumes. Estou com dor de cabeça. – Lancei a primeira mentira que me veio à mente.

— Posso providenciar medicação para o senhor? Há uma equipe médica de plantão.

— Não será necessário. Eu preciso apenas de repouso. Por favor, não diga a ninguém que me retirei, não quero ser interrompido.

— Sim, senhor Martin.

Nem terminei de ouvir a mulher, já tinha ido ao quarto de hóspedes para esquecer a cena na pista de dança. Para esquecer os sorrisos que o tal Peter dava enquanto deslizou a mão pela cintura de Valentina. O sorriso cúmplice que ela deu em resposta.

Ele dispunha da sorte que eu não tinha no momento.

CAPÍTULO 21



A EMPRESA DE ORGANIZAÇÃO de casamentos ainda trabalhava quando eu acordei. Então, preferi ficar no quarto antes de interagir com alguém, ainda mais quando estava de tão mau humor.

Li as horas no relógio de cabeceira, tinha passado das oito. Já estava atrasado para o trabalho naquela manhã. Felizmente, não tinha alguém para quem precisasse prestar contas.

Fui ao banheiro e peguei um dos kits lacrados para hóspedes no armário e cuidei da minha higiene. Para não utilizar um terno tão sóbrio para o trabalho, fiquei apenas com a calça social, sapatos e camisa branca, erguendo os punhos para maior conforto.

Eu ainda estava observando a movimentação do lado de fora quando ouvi a porta sendo aberta. Virei-me e vi quando Valentina entrou, equilibrando uma bandeja de café-da-manhã, sorrindo. O seu frescor juvenil matinal, coberta apenas por um short leve e um suéter aveludado, melhorou meu humor. Tornei a olhar para o lado de fora, para que não visse como me afetava.

— Disseram-me que se sentiu mal ontem, senhor Martin. Vim antes, mas estava dormindo. Parecia exausto, então não quis incomodar. – Valentina

falou em tom reconciliatório – Trouxe seu café, não quis confiar a mais ninguém essa tarefa.

— Não deveríamos tomar café com os recém-casados? – Perguntei ainda sem olhar ao seu rosto.

— Meus pais já viajaram. A lua-de-mel começou assim que a festa acabou. Tudo estava planejado com antecedência. Fui eu quem pedi que ficasse, senhor Martin.

— Perdi um dia de trabalho. – Falei em tom frio.

O pessoal da organização guardava as últimas cadeiras sob um toldo. Outros carregavam para longe das vistas, podia apostar que para um caminhão fora do meu alcance de visão.

— Me desculpe por tê-lo feito perder o horário. Como soube que estava com dor de cabeça, te deixei descansar.

Valentina deixou a bandeja sobre um gaveteiro, diante da cama, e então veio para perto de mim. Enlaçou os braços ao redor da minha cintura, mas a afastei de leve.

— O que aconteceu, senhor Martin? Por que está me evitando tão deliberadamente?

— Podemos ser delatados se alguém nos vir com certas intimidades.

— Sabe muito bem que não é a verdade. Sabe que isso não acontecerá.

— Todo tipo de escândalo pode acontecer caso alguém tire uma foto num ângulo sugestivo.

Valentina deixou-me e foi sentar-se na cama. Parecia irritada, percebi pelo som de seus passos duros.

— O que fiz para que se zangue comigo? Não entendo. Está sendo imaturo e me deixando criar as teorias mais absurdas na minha mente.

Ela deveria saber. Tinha que saber.

Eu não precisava verbalizar que meu mau-humor era causado pelos ciúmes. Um ciúme do caralho agravado pelos meus pesadelos. Pesadelos onde Valentina deixava-me pelo rapaz inexperiente, mas mais apropriado. Sim, eu estava agindo de forma infantil, saindo de uma festa e deixando-a na dúvida, mas admitir a verdade era muito pior.

Eu me sentia ameaçado por um jovenzinho que não devia durar duas rodadas numa cama.

— Alec Martin! – Valentina chamou meu nome irritada levantou-se e se aproximou – Me diga o que fiz! Me diga que porra eu fiz, mas não fique distante de mim! Prefiro que me odeie, do que me despreze. Que merda, Alec!

— Eu não a odeio, tampouco a desprezo. Apenas estou muito, mas muito, irritado.

— Comigo?

— Sim, mas comigo também.

— Então eu o irritei? Não seja por isso. – Valentina fechou as cortinas da janela, chaveou a porta. Então me puxou pela mão até a cama, retirou o próprio suéter e os shorts, depois a calcinha – Me castigue, se quiser. Se me comportei mal, diga-me o que fiz. Desconte a raiva que causei e esqueça que o aborreci, mas não fique longe de mim.

Valentina ficou de joelhos no chão, debruçou o tronco sobre a cama. Sua bunda alva ficou disponível para que eu a surrasse, se quisesse, mas não faria isso. Valentina não tinha errado em nada além de não ter me chamado pelo pronome adequado. Estava me tratando de uma forma acima do que eu merecia quando eu é quem errava.

— Não, Valentina. – Levantei-a e sentei na cama, puxando-a para sentar em meu colo. Afundei o rosto em seu pescoço e me inebriei com o cheiro de seu cabelo. – Você não tem culpa, é perfeita. Eu é que estou perdendo o

controle. Perco o controle de mim mesmo sempre que estou perto de você.

— Então não se controle, senhor Martin. Não precisa...

— Eu não posso. – Disse buscando seu olhar.

Valentina bufou, parecia entender. Encostou a testa sobre a minha, de leve. Sua respiração entrecortada tinha cheio de melão. Seu hálito adocicado pela fruta tocava minha boca.

— Trouxe o contrato que permite beijos, senhor Martin? – Valentina perguntou baixo, respirando pesado.

Neguei com a cabeça. Afastando-me para contemplar seu rosto. Perguntei:

— Por que a pergunta?

— Por que se tivesse trazido, eu o assinaria agora, apenas para provar com beijos que o único que me interessa é você.

Encarei sua expressão, deixando que meu olhar passasse aos seus lábios. O desejo de beijá-la sobrepujava minha razão. Eu precisava sentir o sabor de fruta fresca que tinha sob a língua. Precisava mostrar o quanto me interessava, mesmo que apenas com um beijo, mesmo correndo risco de perder o controle. Mesmo assim. Eu o fiz.

— Você me faz quebrar minhas próprias regras...

Falei num sussurro antes de esmagar suas coxas com minhas mãos. A tensão da minha vontade minando minhas forças de resistir.

— Regras foram feitas para serem quebradas. – Valentina sorriu quando a puxei, pela cintura, para ficar de frente para mim. Deslizei o nariz por seu pescoço, pelo seu maxilar, antes de alcançar a sua boca.

Era nosso primeiro beijo.

Maldito beijo que eu ansiava.

Sua boca era macia, redonda, cheia. Seus lábios escorregavam facilmente entre os meus, desejosos. O sabor de fruta nunca antes combinou tão bem com alguém.

O primeiro contato das bocas foi revelador, mas tímido. Como eu tinha previsto, apenas um prelúdio para que o intenso desejo incubado despertasse de vez e o beijo fosse aprofundado com fome.

Minha mão deslizou e prendeu sua nuca. Valentina sugou o ar quando lhe dei oportunidade. Gemeu baixinho contra minha boca quando minha mão deslizou para o meio das duas pernas. Então soltou um pequeno lamento de prazer quando encontrei o ponto quente e rosado e brinquei com ele na ponta dos meus dedos.

Seus suspiros, contra meus lábios, me faziam delirar.

Suguei seu lábio inferior e o soltei devagar, deslizando-o por meus dentes. Sua boca tinha sido feita para beijar. Quanto mais se fazia, mais se queria beijá-la. Tirei-a do meu colo e, num momento, a coloquei de costas contra a cama.

“Controle-se!”, implorei-me mentalmente.

Mas nenhum dos dois fazia o menor movimento indicando que queria que eu parasse. Indicando que não era para continuar.

— Fica lindo com essa roupa, Alec... — Puxei seu pescoço e a beijei, sugando sua boca cheia com vontade — Perigoso...

Valentina mordeu meu braço, com o qual me apoiava ao seu redor, enquanto respondi-lhe:

— Quando se despe, é a luxúria em pessoa.

Deslizei a boca pela pele de seu pescoço. Estava louco para afundar meu pau em sua boceta melada. Deslizei a boca pela sua clavícula bem desenhada, descii para os seios, lambendo-os inteiros. Mamando seus mamilos e sugando-os por inteiro, um de cada vez.

Valentina arqueou o corpo para se oferecer mais. Suas mãos afundaram em meu cabelo.

Desci mais um pouco, deixando pequenas mordidas pela pele da barriga e na cintura. Minha respiração era pesada, faminta. Bebi de seu umbigo e mordisquei-a até o monte de vênus.

Senti o cheiro de sua excitação, vi o brilho em suas coxas, implorando por mais. Eu queria muito poder cair de boca em sua boceta rosa e beber dela até que não aguentasse e ejaculasse em todo o lençol.

Virei-a de costas para não cair em tentação.

Então beijei suas coxas por trás. Subi novamente, mordendo suas coxas de leve. Passei pelas nádegas e deixei que meus dentes brincassem e marcassem seu volume. Mordi suas costas e subi nela. Ainda vestido, apertei minha ereção contra sua bunda.

Maravilhosa bunda redonda, carnuda, branquinha.

— O que está fazendo comigo, Valentina? — Sussurrei contra sua orelha delicada.

— Estou enlouquecendo você... — Valentina virou-se o suficiente para que a beijasse novamente. Mordeu minha boca e se arrebitou um pouco mais.

Se estivesse despido, duvido muito que conseguiria resistir ao impulso de responder às suas provocações. Precisei parar, um tempo, para me refrear. Eu não podia fazer sexo ainda, mas, ao que parecia, os planos de Valentina eram outros.

Quando saí de cima dela, vi-a fazer cara de frustração.

— Não precisa fazer careta, eu não disse que não vai gozar.

Puxei-a mais para cima da cama. Abri suas pernas com cuidado, melei meus dedos em sua lubrificação e comecei a fodê-la devagar. Meus dedos sendo engolidos facilmente pela sua boceta melada.

— Agora faz para mim. Deixa eu ver seus dedos brincando nessa boceta tentadora...

Valentina lambeu dois dedos e começou a brincar com o clitóris pequeno há centímetros da minha cara. Esmagava-o com os dedos, deslizava os dedos para dentro de si e, quando estavam úmidos, massageava a vulva e gemia baixinho por causa do prazer.

— Alec... Por favor...

— Um pouco mais, minha menina. Não se preocupe, não vou ficar apenas assistindo.

Valentina jogou a cabeça para trás e acelerou o movimento. Sua boceta estava inchada, vermelha, pronta para gozar com a menor carícia. Retirei suas mãos e apoiei-me nos cotovelos.

Comecei a fodê-la devagar. Deslizando dois dedos para dentro dela. Com a outra mão, dei leves tapas ritmados, certos, sobre o clitóris endurecido.

Valentina rebojava contra minha mão.

Ajustei minha posição para conseguir masturba-la melhor. Fiquei de joelhos na cama, puxei-a para que seu quadril ficasse sobre meu colo. Suas pernas abriram mais ao meu redor e fodi-a com os dedos, com mais vontade. A mão livre beliscando seu clitóris e, ao soltar, dando-lhe tapinhas certos. A mistura de prazer e dor fazendo que Valentina avermelhasse. Eu adorava isso.

Valentina começou a contrair e apertar meus dedos. Sua respiração estava entrecortada. Quando notei que estava prestes a gozar, ergui mais seu quadril e comecei a chupá-la e lambe-la com vontade.

A surpresa veio acompanhada dum orgasmo intenso para Valentina. Suas pernas tremeram a apoiei-as com força, para que não escapasse da carícia íntima. Continuei chupando-a e assistindo-a se sacudir para fugir da tortura, mas eu queria beber mais de seu líquido e aquietar minha própria mente.

Quando notei que estava no limite da tortura, joguei-a na cama e observei-a sorrir embevecida pelo orgasmo intenso. Lambi meus próprios lábios, deslizando o dedo sobre meu queixo para minha boca, não querendo perder uma única gota do sabor dela.

— Senhor Martin, o senhor me chupou!

Sorri em resposta ao sorriso de gozo que tinha no rosto. Meu pênis duro apertando contra sua pélvis.

— Chupei que me acabei... Não queria que eu quebrasse as regras?

— Eu não esperava tanto. – Ainda estava sorridente.

— Eu sei quebrar regras também. De uma maneira excelente para ambos.

— Adicione sexo oral ao nosso contrato. Sua boca é muito perfeita chupando, meu pai do céu.

— Vou adicionar, mas não ganhará isso todo dia.

A quem eu estava querendo enganar?

Eu a estaria devorando na primeira oportunidade.

— Sobre Peter...

Rolei para a cama. Deitei olhando para o telhado. O tormento voltou acompanhado da lembrança de seu ex-namorado.

— Ele é apenas um amigo agora. – Continuou falando, ignorando minha expressão de poucos amigos – Não precisa sentir ciúmes. Não pretendemos ter um relacionamento. Na verdade, acho que não fui uma boa namorada. Depois de mim, Peter só saiu com homens. Descobriu-se gay. Toma cuidado, está muito mais interessado em você do que em mim.

— Pode deixar. Vou tomar cuidado. – Me senti ridículo.

Querer qualquer outro depois de Valentina, era uma blasfêmia. Quando a

beijei, sabia que estaria perdido. Sabia que depois de beijá-la, não ia conseguir parar.

Eu estava malditamente certo.

CAPÍTULO 22



ENQUANTO O CASAL HILL esteve viajando, Valentina estaria sob seus próprios cuidados. Claro, sob minha vigilância também.

A casa já não parecia tão vazia.

Ela chegaria a qualquer momento.

Eu costumava contar minha vida pelos dias de trabalho, agora contava-a pelas noites de prazer. Eu queria me enganar quando dizia ser forte, por que sabia já ter sucumbido ao seu charme. Eu a venerava. Venerava seu corpo e personalidade.

Valentina nunca tinha se dobrado plenamente aos meus caprichos. Era sensual e inocente na medida certa. Seu corpo era uma obra de outro mundo.

Tinha também uma mente brilhante. Sua vida estudantil era um sucesso e tenho certeza que seria uma profissional excelente. Depois de tudo que passou na infância, tinha usado esses obstáculos para tornar-se mais forte na vida adulta.

Valentina chegou às oito em ponto.

Eu a esperava na porta da casa. O veículo que eu tinha contratado para

buscá-la, guiado pela motorista exclusiva, parou em frente à residência. Quando me viu, sorriu. E a noite pareceu adquirir tons de alegria.

Valentina usava um vestido curto que grudava no corpo. Trazia um casaco para protegê-la da chuva fina. A primavera tornava-se muito chuvosa quando estávamos longe do outro.

— Boa noite, senhor Martin.

— Boa noite, senhorita Ward. – Puxei-a para um beijo e senti os lábios de Valentina outra vez. Senti quando sorriu contra minha boca, aprovando a sensação de intimidade.

— Como foi seu dia, senhor Martin?

— Terrivelmente monótono. Minha noite está muito melhor. – Puxei-a para cima e enlacei as pernas dela ao redor de minha cintura. – Não deveria usar um vestido desses e se não quer me ver ficando louco.

— Talvez tenha sido este o motivo de usar este pedaço de pano. – Valentina enrolou os braços ao redor do meu pescoço e beijamo-nos novamente.

— Vá para o quarto. – Disse quando a coloquei no chão – Espere-me nua.

— Sim, dono de mim.

Valentina sorriu. Mal tinha entrado na sala-de-estar, começou a tirar a roupa. Nem se importou que Cassie estivesse arrumando a sala-de-jantar para nós dois. Valentina se sentia feliz, eu adorava poder proporcionar-lhe isso.

Eu já estava vestido com a roupa da sessão. Quando desci ao quarto do sexo, Valentina me esperava totalmente despida, de joelhos. Sem que eu precisasse pedir, isso era novidade.

Eu tinha guardado no armário a nova versão do contrato. Então peguei-a para que Valentina a assinasse. Constava no corpo do contrato os itens que pediu que eu adicionasse.

— Assine. Não olhe para mim até segunda ordem.

— Sim, senhor. – Valentina assentiu.

— Olhe para as próprias mãos.

— Sim, senhor.

Valentina observava as próprias mãos, de cabeça baixa, mas numa pose ativa. Tinha se tornado uma mulher consciente de sua feminilidade, percebia-se isso no modo livre com o qual agora se entregava.

— Sem olhar para mim, - Eu disse – sente-se naquela cadeira perto das cordas.

Eu tinha deixado as cordas no chão para demarcar o local. Valentina andou até lá e sentou-se na cadeira. Aproximei-me, reclinei a cadeira para que ficasse numa posição confortável e perguntei-lhe enquanto pegava as cordas.

— Sabe o que é essa máquina diante de você?

— Não, não sei.

— É uma máquina de foder.

Valentina ia procurar meu rosto, mas adverti-lhe:

— Não me olhe. Vou deixar essa máquina foder você depois de imobilizá-la nessa cadeira. Então vou surrá-la. Usarei a pá de couro. Depois vou até perto de seu rosto, já consegue imaginar o que vai acontecer?

— Não, senhor Martin.

— Eu vou foder sua boca.

Ergui as pernas de Valentina para o alto e amarrei os dois tornozelos juntos. Flexionei a perna dela e amarrei da articulação do joelho à cintura. Passei uma corda nova pelas já existentes até as mãos dela, prendendo-a

completamente.

Tudo era feito silenciosamente.

A tensão de Valentina ia aumentando. Isso era bom, pois quando fosse fodida, as sensações seriam elevadas por causa da ansiedade e da privação de sentidos ao qual seria submetida.

— Senhor Martin ...

— Sim.

— Eu vou poder beijá-lo?

Direcionei-me para perto dela. Deslizei meus lábios por sua boca pequena e redonda e suguei o lábio inferior avidamente.

— Poderá, minha menina. Quando tudo acabar, minha boca será sua para o que quiser.

Retornei à bandagem.

Utilizei uma nova corda para dar voltas ao redor da cintura dela e fixá-la à cadeira. Tomando cuidado para deixar certa folga para que respirasse.

— Como se sente.

— Imóvel.

— Tente escapar... – Pedi.

Valentina se sacudiu com vontade, mas não se moveu mais que três centímetros para cada lado. Inclinei mais a cadeira e preendi o rosto dela num arnês de couro que lhe tapava os olhos e deixava apenas uma fenda para o nariz, mas não cobria o queixo e a boca.

Coloquei música alta e esperei cinco minutos, para que Valentina fosse tomada por maior tensão. Quando respirava, ansiosa, tentava mexer as mãos e os pés para se desvencilhar dos nós, mas não conseguia. Escolhi no armário

um consolo médio e estreito para acoplar à máquina. Liguei-a e percebi que o som da música abafava o som das engrenagens.

Aproximei-me dela e falei ao seu ouvido:

— Vou encaixar a máquina em você agora. Não a machucarei. Use as palavras de segurança caso precise. Certo?

— Sim, dono.

Lubrifiquei a boceta de Valentina com um produto específico. Encaixei o consolo nela, admirando a respiração profunda que lançou quando o fiz, e liguei a máquina numa velocidade agradável.

Peguei a pá de couro no armário, um instrumento que se assemelhava muito a uma régua feita de couro duro, e enquanto Valentina arfava, sentindo as leves investidas da máquina, recomecei meu ritual.

Um golpe na perna direita. Um beijo em sua boca para aliviar a dor. Segundo golpe do lado esquerdo. Depois nas laterais das nádegas. Cinco vezes seguidas em cada nádega para avermelhá-las. Depois novamente nas coxas. Ao final, amaciei o clitóris com o couro da pá.

Depois no peito de cada pé, nas mãos, perto do peito e nos dois lados do rosto. Deixando em cada lugar uma marca vermelha.

Valentina gritava e gemia. Não conseguia entender como o prazer podia ser tão doloroso, ou a dor tão prazerosa.

Voltei até seu rosto, Valentina estava totalmente inclinada para trás, não conseguia se mexer. A altura estava ajustada para que eu tivesse acesso à sua boca com facilidade.

Abri o zíper e apoiei-me na lateral da cadeira. Enquanto a máquina a fodia e ela gemia, deslizei meu pau duro pelos seus lábios. Valentina se assustou de início, achando que poderia ser a pá de couro, mas quando assimilou o que eu estava lhe oferecendo, começou a chupá-lo vigorosamente.

Eu deslizava o comprimento para dentro e para fora da boca dela. Deixava que ficasse sem ar, para então tirar o pau babado de sua boca. Eu sorria erigido pela provocação. Aquela cena, sua boceta sendo fodida enquanto me chupava, era o paraíso para alguém como eu.

— Mais... — Valentina reclamou quando me retirei da boca dela. Então tornei a colocar-me dentro dela.

Valentina tentava engolir todo o comprimento, mas engasgava bem antes de chegar a três quartos do meu tamanho. Eu deixei meu pau dentro da boca dela e comecei a beliscar seus mamilos. Dando tapas em cada um enquanto fodia sua boca.

Aquilo era o paraíso que eu queria.

Ou o inferno não era tão ruim quanto pensavam.

Valentina pressionava a língua contra a glândula, então eu deslizava para fora dela. Quando abria boca, eu enfiava em sua boca e assistia seu engasgo leve. Usava a baba que escorria por seu queixo para lubrificar sua cara.

Aquilo era grotesco e lindo.

Paixão com doses de devassidão.

Prazeres elevados pela dor.

Quando eu estava prestes a gozar, retirei da boca dela e gozei em seu rosto. Eu não podia arriscar que se engasgasse, apesar de querer que me bebesse inteiro. Me recompus e fui dar atenção ao prazer dela.

Aumentei a velocidade da máquina e peguei o vibrador para massagear o clitóris. Intercalando a vibração com minhas chupadas. Ela já estava bastante excitada por ter me chupado, então não demorou muito a gozar. Quando senti se remexer na cadeira, tendo seu primeiro orgasmo, aumentei um pouco a velocidade, para que gozasse novamente. Bem como aumentei a vibração do aparelho para que tivesse um segundo orgasmo mais intenso. Quando já estava prestes a gozar pela terceira vez, me inclinei para chupá-la até que

tremeu na minha boca.

A estimulação vaginal ainda não tinha acabado. Tornei a beijar sua boca. Beijei-a até que a vi que gemer novamente. Ela iria gozar outra vez. Voltei ao vibrador e assisti seu último orgasmo.

Desliguei a máquina e retirei o consolo de dentro dela. Valentina estava tão vermelha e inchada que cai de boca nela. Lambi-a inteiro. Provei todo o mel que tinha derramado deixando-a limpa totalmente. Desci um pouco para dar um pouco de carinho ao seu traseiro que não tinha sido utilizado hoje e prometi que lhe daria bastante atenção no dia seguinte.

— Eu vou fazer xixi, Alec! Para, cacete! – Ela estava sorrindo.

— Por que não me chamou de senhor Martin, vou continuar até você mijar.

Comecei um estímulo no clitóris e intercalei com dois dedos dentro dela. Depois deixando apenas os dedos e o polegar fazendo pressão no clitóris já castigado pelo vibrador. Só parei quando não se segurou e fez xixi. Ela não deveria ter vergonha de seus fluídos perto de mim.

— Merda, você não parou, droga. Seu idiota! – Ela brigava com a voz embargada dos orgasmos.

— Você não usou sua palavra de segurança, eu não tinha razões para parar.

Valentina sorriu tímida quando retirei o arnês dela e a desamarrei. Meu plano: levá-la para tomar banho e jantar. Depois a colocaria para dormir comigo. Eu não ia aguentar passar a noite longe dela.

CAPÍTULO 23



PLANEJAR O DIA AO LADO de Valentina, era uma alegria para alguém como eu. Vê-la tão livremente acessando as horas do meu dia me trazia um prazer como nunca antes.

— Quer fazer algo em especial hoje? – Perguntei depois que ouvi-a discorrer sobre a faculdade.

— Tenho alguns livros para comprar. Se quiser, podemos ir juntos. Estava pensando em usar o dinheiro que me deu.

— Fico feliz em saber que aceitou meu presente. Vou junto sim, não posso arriscar vê-la desfilando as pernas nesses shorts curtos, ainda mais desacompanhada.

Valentina deu-me um riso tímido e balançou o cabelo para o lado, revelando um pouco de sua pele clara do pescoço.

— Vou pegar minha bolsa, senhor Martin. Precisa de alguma coisa do seu quarto?

— Já tenho tudo que preciso, obrigado.

Eu tinha na carteira uma boa quantia em dinheiro. Peguei uma parte, para pagar algum presente que pedisse, e caso quisesse alguma extravagância, usaria os cartões de débito. As principais lojas de Nova Iorque tinham meu cadastro de cliente. Se eu precisasse de algo, bastava pedir e entregavam em minha casa. O pagamento seria feito pelos meus assistentes quando da entrega.

Meu segurança nos acompanharia.

Depois que a criminalidade em Nova Iorque atingiu um nível absurdo e me vi pessoalmente vítima dessa situação, passei a andar sempre acompanhado. Meus seguranças eram raramente vistos, mas estavam lá. Os meus carros também tinham um sistema de blindagem e rastreo de última geração.

Era melhor tomar cuidado do que ser vitimado outra vez.

Minha companhia voltou, usando uma camisa folgada sobre o short jeans. Tinha também colocado uma meia-calça preta, grossa, sob os shorts. Calçou uma bota e colocou uma jaqueta jeans com o logotipo da NASA sobre o conjunto.

— Tão perfeitamente Indie. Está maravilhosa. Pensei que ia buscar apenas uma bolsa. — Comentei e ela sorriu.

— Eu ia, mas olha bem para você. Um poço de elegância com essa roupa preta. Eu precisava colocar algo melhorzinho.

— Para ficar melhor, teria que andar despida.

— Mas acho que você não gostaria muito disso, não é?

Recebi a mensagem do motorista, o Alfa Romeo já estava à postos. Seguimos para fora e entramos no veículo.

— Qual livraria precisa ir?

— Ah, pode ser aquela perto da quinta avenida mesmo. Ao lado do shopping, soube que os livros que preciso estão esgotados em vários lugares e

só encontro lá ainda em estoque.

— Certo. – Passei as ordens para o motorista.

O caminho não levou mais do que trinta minutos. Nesse meio tempo, observei o comportamento de Valentina. A descoberta dos próprios tesouros da sensualidade a tornou mais mulher, muito mais feminina. Seu semblante, seus meneios, eram mais leves. Seu falar e seu andar muito mais seguros e firmes.

Eu ficava feliz por proporcionar-lhe isso.

Eu me ressentia por não poder oferecer mais.

— Alec...

— Sim? – Pisquei confuso ouvindo ao ouvir sua voz doce me roubar de meus pensamentos.

— Ah, finalmente me ouviu. Parecia estar em outro mundo.

— Eu estava distraído. Desculpe. O que dizia?

— Eu lembrei de algo que precisava contar. Minha turma está planejando uma viagem para a praia na semana que vem. Como sou uma das líderes da turma, precisarei ir.

— Você quer ir?

— Quero sim.

— Obrigado por avisar. Tem total liberdade para ir. Estava receosa por me contar?

— Estava sim.

— Por que, Valentina?

— Bom, passaremos a tarde de sexta-feira viajando, só voltaremos no

domingo à noite.

— Isso é novidade.

— Por favor, não fica chateado. As líderes de turma estavam planejando essa viagem há tempo. Queríamos unir a turma, nos conhecer melhor. Todo mundo batalha muito, os egos estão exagerados, e não queríamos que isso se tornasse em inimizade nos períodos que vem.

Valentina falava apressadamente, como se quisesse se desculpar. Eu não queria que pensasse que eu era algum ogro que a trancaria todo tempo e que não poderia ter amigos.

Isso iria diminuir drasticamente o tempo que eu tinha com ela, mas sei que a vida profissional e social dela também era extremamente importante.

— Valentina, não sou um monstro. – Sorri e vi o alívio passar por seu rosto – Fico feliz em saber que você, e as demais líderes, pensam na unidade da turma. Gosto de saber que é querida. Quero que se divirta bastante, faça isso o quanto puder. Só tome cuidado na praia para não se queimas. É bem branquinha, pode ter insolação.

Deslizei o dedo pelo pulso dela, como se para provar. Valentina pegou minha mão com as suas duas e olhou-me mim de forma carinhosa.

— Anastásia nem podia falar muitas coisas para Christian com medo de reprimendas.

Eu sorri de jogar a cabeça para trás. Tornei a olhar para Valentina para deixar as coisas claras. Mais claras que já tentava deixar.

— Valentina, já disse que não sou o Christian Grey. – Eu sorri um pouco – Eu não faço parte da geração de cinquenta tons. Eu já estou no BDSM há bastante tempo. Entenderei suas necessidades. Sou controlador, baby, mas não vou sufocá-la, muito menos ignorar suas necessidades. O que eu sou, na verdade, é um filho da puta de um sádico e isso já percebeu.

— Sádico? Então gosta de me ver sentir dor?

— Adoro. Assim como adoro sentir que posso arrancar prazer de você mesmo quando a sente. O sexo comigo sempre será dessa forma, daí para mais. Eu sempre vou procurar uma oportunidade de surrar sua bunda.

Valentina olhou para fora da janela, perguntou baixinho:

— Você não tem ciúmes de mim?

— Eu me corroo de ciúmes sempre, mas, como já disse, sei dividir as coisas. Acha que se pudesse não a teria vinte e quatro horas por dia? – Valentina não falou alguma coisa – No entanto, não devo ser egoísta. Seria apagar sua alegria e diminuir a mente brilhante que tem. Sinto ciúmes, mas não deixarei que meus ciúmes te atrapalhem. Você é livre, por que sempre estarei velando por você, não importa onde esteja.

Valentina não estava esperando minha declaração, muito menos eu. Tampouco esperávamos que ela fosse tão intensa. Ficamos contemplando o espaço vazio que nos cercava depois que as palavras cessaram.

Foi ela quem quebrou o silêncio:

— Você sabe que o motorista ouviu tudo, né? – Havia uma sombra de sorriso no rosto.

— Eu conto com a lealdade de meus funcionários há muito tempo. Tenho retribuído de maneira fidedigna a consideração que eles têm comigo. Não é verdade, Tiziano?

— Absolutamente, senhor. – Tiziano adiantou-se – Não se preocupe, senhorita Ward. Minha equipe e eu guardamos o senhor Martin com nossa própria vida há doze anos.

— Doze anos?! – Valentina exclamou – Tomara que ele pague um bom salário, é o mínimo que podem receber.

— Não temos do que reclamar. – O homem respondeu.

Chegamos ao shopping. Tiziano abriu a porta para que saíssemos.

— Pronta para a humilhação pública?

— Eu me perguntava o que era isso desde que li o contrato.

— Não dói fisicamente, mas pode maltratar um pouco seu ego. Vou te dar uma pequena mostra quando estivermos diante das portas automáticas.

Sáímos e, quando estávamos diante das enormes portas, notei que o shopping estava lotado. Valentina estava ansiosa e temerosa ao mesmo tempo.

— Droga, parece que sujei meu sapato. – Falei num tom calculadamente alto para que outras pessoas ouvissem.

— É, parece mesmo. – Valentina deu de ombros.

— Ajoelha e limpa para mim. — Ela arregalou um pouco os olhos e duvidou. Acrescentei – Com os cabelos.

CAPÍTULO 24



COMPRAMOS OS LIVROS E voltamos para casa. Entregariam tudo em minha casa em vinte e quatro horas. O que era perfeito, pois dava a Valentina uma desculpa para ficar mais tempo comigo.

— Como entrou nesse mundo, senhor Martin? Qual passado conturbado te envolve?

— Não tenho um passado conturbado.

Dei um gole no suco gelado que Cassie tinha preparado.

Estávamos à beirada da piscina, Valentina praticava seus mergulhos. Depois as braçadas de um lado a outro da piscina.

Eu a observava nadar despida.

Valentina se aproximou e apoiou as mãos sobre as pastilhas de vidro da borda da piscina, então olhou-me ao rosto. Eu sabia que iria chover em breve. A primavera nunca é cem por cento perfeita quando Valentina não está.

— Sério? Nenhum abuso? Nenhuma mãe relapsa ou pai autoritário? Nenhuma domme louca abusadora de garotos de dezessete anos? Nem um podre no seu passado?

— Não, lamento entediá-la.

. Tomei um gole do suco e estendi o copo para Valentina fazer o mesmo. Ela pegou um gelo para triturar nos dentes. Adorava fazer isso.

— Senhor Martin, pode ser mais específico?

— Certo, apenas por que gosto que se abra comigo, farei o mesmo. — Me levantei da espreguiçadeira e sentei na beirada da piscina, perto de Valentina. Os pés dentro da água e as mãos apoiadas casualmente atrás do meu corpo. — Havia uma garota na escola. Eu estava me formando no terceiro ano do colegial. Eu a achava linda. Adam já tinha ficado com ela e me disse que ela tinha uma fama de ser fácil.

— E? – Ela parecia curiosa.

— Eu era virgem. O único virgem do trio. Eu quis ficar atrás. Investi nela. Eu gostava dela e ignorava os comentários sobre ela ser uma pessoa fácil.

Valentina saiu da piscina e sentou ao meu lado. Esperei que se acomodasse e continuei a história.

— Ela aceitou ficar comigo e me convidou para visitá-la. Ela tinha o próprio apartamento, dividia-o com uma amiga que trabalhava numa rede de fast-food. Eu achava aquilo demais. Ela era independente, dona de si. Conversamos um pouco, eu queria conhecê-la melhor. Eu ignorava os comentários dos meus amigos e era cavalheiro demais para forçar algo no primeiro encontro. Além disso, eu gostava dela de verdade e queria conhecê-la melhor.

— Gostou muito mesmo?

— Eu gostava mais dela do que de qualquer outra garota. Para minha pouca idade, tive certeza que estava apaixonado. Isso até conhecer você.

— Você mente bem, senhor martin.

— Não, não sou um exímio mentiroso.

— Continua e para de ficar me cantando.

Valentina sorriu e eu continuei com minha história.

— Nos beijamos uma primeira vez.

— Ai, que doce, senhor Martin...

— Nem tanto. O sexo foi normal. A garota fez praticamente tudo, eu não tinha experiência. Ficou sobre mim e ordenou que eu não gozasse antes dela.

— Alec Martin recebendo ordens?

— Alec Martin recebendo ordens e obedecendo-as. – Eu confirmei – Então consegui me segurar, embora estivesse nervoso para caralho, com medo de broxar. No final, estava me preocupando à toa, ela foi bastante compreensiva comigo, sabia que era minha primeira vez. Me ensinou aos poucos, até eu entender como fazer as coisas corretamente para que gozasse. Depois fumamos maconha, entre uma tragada e outra ela pediu que eu voltasse no dia seguinte.

— Você fumou maconha?!

— Que atire a primeira pedra aquele que não tiver pecados – Argumentei.

— Eu poderia, eu nunca fumei maconha.

— Não seria tão má assim. – Sorri e continuei a história – Continuamos nisso por um tempo. Uns três meses para ser mais exato. Até que um dia tudo mudou.

— Tudo mudou? Como assim?

— Eu fui ao apartamento dela, como de costume, ela não estava lá. A amiga dela me disse que tinha ido atender um cliente. Foi quando eu finalmente descobri que ela era prostituta e surrava velhacos por dinheiro.

— Quem contou?

— A amiga dela, mas ela confirmou quando chegou da rua.

— Deve ter sido difícil para você.

— Foi de início, mas como eu disse, eu gostava muito dela. Então ela contou que estava buscando alguém a quem pudesse ensinar a forma perfeita que gostava de ter prazer. Que eu era paciente e obediente, então me escolheu.

— Então a surrou.

— Sim. A primeira vez que a surrei foi estranhamente bom. Não consegui mais parar depois disso.

— Como foi?

— Alguns dias depois da nossa conversa, estávamos sozinhos no apartamento dela. Pegou uma escova de madeira e pediu que eu penteasse seus cabelos. O corte curto que usava, até a base do pescoço, era curto e preto. Combinava perfeitamente com seu belo rosto. Ela estava nua e a televisão estava ligada num seriado qualquer. – Corrigi-me – Não, era um filme. Ela mandou que eu parasse, deitou de bruços no sofá e me deu a escova. Mandou que eu lhe desse cem escovadas nas nádegas.

— Cem? Ela era louca?

— Provavelmente. Eu peguei a escova e comecei a dar-lhe as tais escovadas. Eu estava com medo no começo, se alguém chegasse eu poderia ser preso e adeus planos futuros. Vai que me consideravam um agressor? Quando cheguei à escovada de número cinquenta. Ela ficou de quatro e pediu que eu fizesse mais forte. Encurvou-se um pouco mais e pediu que as escovadas fossem dadas exatamente no sexo dela.

— E ela?

— Começou a gemer alto enquanto as escovadas ficavam mais fortes. A bunda dela estava muito vermelha, tinha marcas onde o sangue tinha chegado a quase romper a pele. Então ela deslizou os dedos para se dar prazer. E tudo

começou.

— Por que?

— Por que quando fez isso, dei uma escovada na mão dela. Um pouco mais leve. E disse que eu é que iria fazê-la gozar, não os dedos dela. Ela obedeceu e aquilo me lançou uma descarga de adrenalina. Continuei com as escovadas e quando terminaram, a masturbei-a com o cabo da escova.

— Isso te deu uma sensação de poder?

— Exatamente. Depois disso, buscamos o máximo que podíamos de informações sobre esse mundo. Fizemos tudo, absolutamente tudo. Ela brincava até com a minha merda, era bem louco. Eu acho que passamos por todo o abecedário do BDSM juntos. No entanto, precisávamos de alguém mais experiente para nos ensinar as práticas mais insanas.

Contei os fatos à medida que me vinham à mente:

— Um dos clientes dela disse que podia nos apresentar ao mestre da cidade. Foi esse senhor que me ensinou tudo que sei hoje. Ele me ensinava a teoria e observava a minha prática. Mostrava-me as técnicas de amarração correta, o ângulo perfeito das agulhas, como reconhecer os sinais de perigo e parar com a asfixia. Como entender limites e estendê-los para que a submissa possa crescer. Enfim, ensinou-me tudo.

— E ela? Quem era ela mesmo?

— O nome dela era Alexis Medina. Nosso contato tornou-se limitado quando passei no vestibular. Ela era um ano mais nova que eu, então me formei primeiro. No último ano da faculdade demos adeus e desejamos o melhor um ao outro. Ela casou-se com um dom conhecido na cidade. A cerimônia das rosas foi muito bela.

— Cerimônia das rosas?

— Sim, uma espécie de casamento do BDSM. Porém muito mais profundo. Para mim, tem uma beleza ímpar.

Valentina olhou para as próprias mãos.

— O que foi?

— Então é possível ter um relacionamento nesse mundo?

— Absolutamente. Ainda mais se a parte dominadora conseguir a monogamia, ou se a submissa não se importar em ter irmãos ou irmãs de coleira.

— Irmã de coleira. Uma outra submissa?

— Isso mesmo.

— E pretende me dar uma? – Perguntou em desafio.

— Não. Não no momento. – Provoquei.

— Eu não sei se aceito uma irmã de coleira.

— Eu não sei se quero outra submissa.

— Eu falo sério, não quero dividir você.

— Eu também falo.

— Temos um contrato, Alec. – Falou no seu tom irritado – Eu posso processá-lo se vier com essa história.

— E eu poderia surrá-la agora mesmo por não se dirigir a mim corretamente.

— Ok, senhor Martin. Mas no dia que trazer uma submissa para dentro dessa casa. De duas uma. Ou fiquei louca, ou terei ido embora.

— Mesmo que seja para uma sessão? Eu já disse, há prazeres que um homem não pode dar a uma mulher. O homem nunca terá o toque carinhoso e a pele delicada de uma mulher. O beijo entre duas mulheres é tão íntimo, tão bonito.

— Bom, não sei. Talvez. Mas, eu direi quando.

— É você quem decide seus limites.

— Agora vamos entrar. Estou ficando com frio e o assunto está indo longe demais.

— Sim, senhora. – Brinquei e observei sua reação.

— Não vá me acostumar errado, senhor Martin.

CAPÍTULO 25



ADMIREI O ROSTO DE VALENTINA quando acordei. Seu braço estava sobre mim, seu sono parecia ligeiramente perturbado. Quando deslizei o dedo sobre a franja que lhe cobria os olhos, ela tinha o cenho franzido, como se sentisse dor.

— Valentina... Valentina... — Chamei-a baixo. Deslizei a mão por seu rosto e sacudi-a de leve para que acordasse. Ela não acordava. — Minha menina, por favor, acorde...

À essa altura, eu estava me desesperando. Valentina parecia mole demais para estar apenas dormindo. Saí de perto dela e vesti-me rapidamente. Peguei o celular, pronto para ligar para o médico particular, quando começou a soltar alguns sons.

O barulho era ininteligível no começo, depois começou a ficar mais claro. Era como se estivesse perdida no transe hipnótico que o sonho lhe causava.

— Não... Não... Eu não quero... — Então o murmúrio virou um grito tenso e abafado pelo sono — Mãe... Mãe... Por favor, pai, para!

Sentei novamente perto dela. Deitei ao seu lado enquanto seu corpo tremia num choro e a puxei para mim. Sussurrando aos ouvidos dela que eu

estava ali e que a protegia.

— Eu estou aqui, Valentina... — Abracei-a mais forte, tentando controlar os tremores que passavam por seu corpo. Eu daria minha vida para acabar com a dor que sentia — Por favor, por favor, acorde...

Me afastei ligeiramente, sacudi seus ombros e seu rosto. Seus cílios estavam molhados, bem como seu rosto, de lágrimas. O suor mostrava uma dose de sua agonia.

Quando Anthony me falou sobre o que tinha acontecido com sua filha no passado, ficamos todos desesperados.

Valentina se fazia de forte, mas quando o sono a vencia e o subconsciente tomava de conta, suas feridas se revelavam.

Eu nunca tinha chorado na vida. Nunca tinha perdido algo que me causasse uma emoção tão pungente para me fazer derramar uma lágrima sequer. Nunca senti algo tão profundamente capaz de me fazer chorar de alegria ou dor.

Até o momento.

Eu chorava por ela.

Eu estava chorando por Valentina.

Quando senti a primeira lágrima quente rolar por meu rosto, foi que notei que a dor dela era tão grande que precisava ser compartilhada. Foi quando chorei por ela, mergulhado em sua agonia, que percebi que a amava.

Não sei quando começou, mas essa pequena verdade parou meu mundo. Encheu de certeza o meu coração que eu achava ser de pedra. Eu não sabia se era o suficiente para apagar sua dor, por que não sinto que poderia amá-la com a ternura que merece.

— Alec... — A voz dela invadiu meus ouvidos, meu peito, meus sentidos e meu ser inteiro. Nada importava mais que apagar o choro dela como pudesse.

— Valentina... – Cobri a boca dela de beijos.

— Alec... Alec... – Minha menina reclamou baixinho entre eles – O que foi? O que houve?

Ergui meu rosto que ainda devorava as lágrimas dela com beijos. Eu queria apagar sua dor. Nunca mais queria vê-la padecendo silenciosamente num momento em que deveria ter descanso.

— Estou cuidando de você. Sou uma merda nisso, eu sei.

— Você sabe cuidar de mim. – Ela limpou minha lágrima com o polegar e recebi um beijo na testa de pura calma, ternura, um beijo que parecia um bálsamo.

— Ainda tem pesadelos, Valentina?

Eu a senti retesar-se sob mim. Um pouco, pelo menos. Eu estava tocando num assunto delicado. Eu sabia que o solo era perigoso, ela poderia retrair-se, mas queria que não deixasse nada oculto entre nós. Eu não tinha segredos com ela, não queria que ela os tivesse comigo.

Valentina acenou e começou a falar:

— Quis tanto que fosse embora, mas não o controlo. Acho que é a primeira vez este mês.

— Você os vive? – Eu não sei como era o pesadelo, mas não queria que os estivesse vivendo em primeira pessoa. Eu queria que fosse algo fragmentado, algo que iria apenas denotar mui sutilmente o que tinha acontecido.

— Eu vivo plenamente. É como se sentisse tudo.

Busquei a mão dela e a trouxe de encontro aos meus lábios.

— Eu queria poder ajudar. Eu me sinto impotente, queria poder fazer alguma coisa.

— Meu psicólogo conversa muito comigo, acredite quando eu digo que estou melhor. Antes, eu congelava onde quer que estivesse num ataque afetado pela síndrome de estresse pós-traumático.

Afundi o rosto no pescoço dela. Ela tinha cheiro de calma, de paz. Um cheiro que os boticários matariam para reproduzir. Coloquei minha mão em sua cintura, ela ficou acarinhando minha cabeça. Por um pouco de tempo, eu fui cuidado, não o contrário.

— Eu sei que vai soar mentiroso, – Valentina começou a falar – portanto, não precisa acreditar em mim, Alec. Mas, bem, eu consigo esquecer tudo quando estou aqui. Quando cuida de mim e me toca como se eu fosse de vidro. Quando me transforma em uma coisa que só sabe gemer e gozar. Bem, nessas horas eu esqueço de tudo.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que não tenho medo de estar com você. Eu não tenho pesadelos que envolvam você. Na verdade, você tem colorido os meus sonhos ultimamente.

— Eu queria fazer mais...

— Você pode.

Ergui-me para olhar para seu rosto.

— O que posso fazer? Diga, eu faço qualquer coisa.

— Você pode me amar de verdade. Amar meu corpo somente com o seu. Me fazer esquecer. Eu não sei se me ama, não é isso que quero dizer. Só quero que me toque completamente, que molde seu corpo ao meu e que eu sinta um prazer puro. Não precisa ser de coração, você pode fingir. Eu não sei se consegue sentir prazer sem chicotes, mas pode fingir comigo.

Aproximei-me novamente de Valentina.

Eu me erguia para aceitar a sua sugestão.

Falei enquanto mordida o rosto dela, de leve, e ia lentamente de encontro ao seu pescoço.

— Eu adoro dar prazer do jeito que faço. E meu prazer é ver uma pele perfeita como a sua avermelhar sob o meu toque. Mas também sei amá-la. Eu sei ser baunilha, Valentina... — Deitei-a na cama e subi nela, me colando no espaço entre suas pernas — Apenas não me peça para fingir, Valentina. Eu nunca conseguirei fingir alguma coisa com você.

— Por que não quer? — Perguntou tímida e ansiosa.

— Não, - Falei enquanto procurava sua boca — Por que não preciso fingir ter sentimentos por você.

CAPÍTULO 26



NÃO TÍNHAMOS UM CONTRATO para sexo baunilha. Tínhamos um contrato para uma relação de dominação e submissão. Eu conhecia os limites que tinham sido estabelecidos nesse contrato, mas não conhecia ainda os limites da paixão que me arrastava para a loucura.

Paixão que atingia seu clímax quando lhe fiz amor.

Dei atenção a cada uma de suas partes. Cada relevo, cada contorno, cada sinuosidade. Eu deixei que meus beijos e o peso do meu corpo suado falassem por mim tudo o que eu não conseguia colocar em palavras.

Era uma merda estar apaixonado.

Era uma merda não poder confessar.

Era uma merda amar uma mulher proibida.

Por que Valentina tinha passado de menina a mulher. Eu a tinha tornado uma mulher segura de seus passos. Uma mulher que revelava a segurança e autoestima interna com o próprio corpo. Entregando-se para os estímulos sensoriais, vivendo os abismos de prazer capazes de arrebatá-lo até do mais santo ser da terra.

Eu tinha feito isso com ela.

Eu a tornei o objeto do meu amor.

E mostrei esse amor em cada gesto.

Mostrei-lhe o amor enquanto mastigava seu corpo com mordidas leves que a eriçavam. Mostrei que a amava quando devorava seu ventre com minha boca. Mostrei que a queria quando, depois de virá-la de bruços e entrar nela, sussurrei o quanto a desejava ao seu ouvido.

Eu a desejava tanto que doía.

Eu a desejava tanto que queria ter a capacidade de voltar no tempo para apagar seu passado triste, mesmo que isso resultasse na possibilidade de nunca se interessar por mim.

Eu a amava tanto que lhe queria feliz.

Eu queria matar os fantasmas que a assustavam.

Quando deitei na cama, para que ficasse sobre mim, e a vi mover-se para frente e para trás, deslizando por meu pau em busca do êxtase, buscando o prazer que eu proporcionava; quando vi seus cabelos desalinhados que cobriam-lhe os olhos, me apaixonei ainda mais por ela.

Quando Valentina gemeu tendo prazer, chamando meu nome, e me ergui para tomar seus beijos. Já não havia cadeias que pudessem me separar dela. Nem a humanidade inteira conseguiria. Ninguém me convenceria a ficar longe dela.

Eu dava o meu melhor para que sentisse meu toque. Eu queria que que me sentisse em cada uma de suas células, em seu sangue e em sua alma.

Segurei sua fina e ágil cintura e ajudei-a a deslizar por mim. Valentina soltava alguns palavrões enquanto delirava por causa do frenesi amoroso. Ela tinha uma bela boca suja.

Quando não conseguia mais se mover, já que as pernas tinham fraquejado

por causa do prazer. Foi minha vez de ter prazer. Deitei-a gentilmente na cama e enlacei as pernas dela ao redor de minha cintura. Recomecei as estocadas vigorosas e cadenciadas. Aliviando a minha vontade de rasgar aquela boceta apertada e gostosa, devagar.

Valentina queria ser amada.

Eu a amaria com tudo que tinha.

Apoiei-me sobre a cama e observei o rosto da jovem mulher que se contorcendo de prazer. Deslizei o dedo polegar para dentro da sua boca e Valentina brincou com a língua.

— Alec... – Gemeu outra vez e suas mãos correram pelas minhas costas, seguraram minha cintura e minha bunda mostrando um pouco de sua urgência.

Aumentei o ritmo.

Valentina soltava abafados gritos mostrando o quão perto estava. Eu senti meu pau pulsando dentro dela. Senti sua intimidade contrair ao meu redor e engolir meu pau gostosamente. Virei o rosto dela para mim e procurei seus beijos outra vez, eu precisava provar de sua boca maravilhosa.

Quando a senti me apertar durante o orgasmo, eu já estava a ponto de explodir. Duas investidas e eu também me derramava nela.

Aquilo era uma maldição. Por que, agora que tinha provado, iria querer foder sua boceta vezes demais para pôr em números racionais.

— Você é perfeita... – Sussurrei contra a boca dela – Perfeita demais. Por favor, adiciona no contrato uma autorização para foder sua boceta durante as sessões também. Estou viciado.

Valentina sorriu e me deu uma palmada no ombro. Eu não queria sair de dentro dela. Merda, eu gozei e ainda estava duro. Ou eu tinha um problema cardíaco ou já queria mais.

— Eu vou pensar nisso. Quem sabe? – Ela me puxou para um beijo tão

leve e descompromissado que vi como a vida poderia ser ao lado dela. Eu gostei do que vi. – Mas agora, estou com fome. Cassie está aí? Ou Mise?

— Cassie. Mise só cobre as folgas. Eu tenho certeza que deve ter alguma coisa pronta para comermos.

Finalmente saí de dentro dela e a coloquei sobre meu ombro.

— Ah! – Ela gritava, esperneava e sorria – Está me levando para onde?

— Para o banho. Ainda não brinquei com você direito.

— Eu estou assada! – Ela sorria.

— Espera, deixa eu ver.

Levei-a para diante da enorme parede de espelhos do closet. Com ela sobre meus ombros, analisei o reflexo de sua traseira. Abri suas nádegas com as mãos e observei com cuidado. Ela estava com a vulva bem vermelha, mas não muito assada. De qualquer forma, era melhor cuidar para que não se machucasse, ou não poderia utilizar meu novo brinquedo favorito tão brevemente.

— Que droga. Que tal incluir no nosso contrato essa bunda carnuda?

Como se para provar, dei-lhe uma palmada que fez o traseiro avermelhar e balançar.

— Não estou pronta para isso, ainda não fiz minhas necessidades.

— Acha que me importo com um pouco de merda? Acha que me importo se sujar meu pau com a merda desse cuzinho virgem?

— Nossa, você é tão grotesco. Adoro isso em você.

— Isso é um sim? – Apoiei-a no chão, à minha frente. Ambos tínhamos um sorriso de alegria causado pela presença do outro.

— Não mesmo! – Deu de ombros e foi em direção ao banheiro, trancando

a porta após si com um sorriso no rosto – Me deixa fazer isso sozinha. Eu não quero perder o encanto

Que garota tola.

Não sabia que seu sorriso devia ser uma espécie de feitiço, por que eu já estava inevitavelmente encantado.

CAPÍTULO 27



QUANDO ALCANCEI A SALA de jantar, Cassie sorriu ao ver meu bom humor. Percebi que se surpreendeu por me ver assobiando. Merda, eu devia estar malditamente apaixonado para ficar assoviando pela casa.

— Teve um bom descanso, senhor Martin? – Cassie perguntou enquanto servia uma xícara de café preto, puro, sem açúcar, como eu gostava.

— Obrigado, Cassie. Sim, descansei bem. O que há para o café da manhã?

Cassie descobriu uma das salvas de prata. Dispostos graciosamente sobre ela estavam alguns sanduiches especiais, além de um tentador bolo de nozes e castanhas.

— Como me pediu para fazer algo menos rebuscado, busquei algumas receitas. Meu instinto apenas me mandou aprimorar ao meu modo algumas receitas clássicas.

— Tudo parece maravilhoso.

— Posso servir seu desjejum, senhor Martin?

— Sim. Creio que a minha companhia ainda não vai despertar para me

acompanhar. Capriche, por favor.

Eu me sentia um garoto besta e feliz essa manhã. Mesmo que tudo que tenha me trazido até este dia tenha sido uma bagunça, consigo ver com clareza como as peças soltas se encaixavam.

O telefone da cozinha tocou e Cassie foi atender.

— Um minuto. Não creio que possa atender agora.

Levantei-me, queria entender o que estava acontecendo.

— O senhor Cooper. Tentei contê-lo, mas parece furioso. Como tinha o código de entrada, já passou pelos seguranças.

— Peça a Valentina que fique no quarto, por favor.

Cassie ia dar um passo, mas nosso visitante já estava entrando em casa. Isso ia dar uma merda das grandes. Adam estava bem vestido, como se tivesse se desviado do trabalho, não parecia ter vindo para uma visita formal. Parecia extremamente irritado comigo. Tinha até olheiras.

— Que merda está acontecendo, Alec? Ficou louco?

— Fale baixo, Adam. Está em minha casa.

— Valentina estava fazendo o que com você?

— Se não sabe, os pais dela me deixaram responsáveis por seus cuidados enquanto estão em lua-de-mel.

Adam riu e passou a mão no rosto irritado.

— Alec, caralho, eu vi a lamentável cena do centro da cidade. Não olhava para Valentina como um tutor, olhava como um amante. Você a olhava como se estivesse prestes a fodê-la naquele shopping.

— Eu não vou mentir para você, Adam. Assim como não mentirei para Anthony quando voltar de viagem. Estou interessado em Valentina. Nunca

estive interessado em alguém como estou por ela. E acho que não tenho que te pedir permissão para ter me envolver com a garota. Se há alguém com quem devo ter essa conversa, é com Hill.

Adam chegou mais perto.

— Você apenas quer fazer com Valentina o que faz com essas mulheres. Não permitirei que machuque a filha do meu amigo, não permitirei que machuque esta menina.

— Valentina é uma mulher. Anthony Hill é meu amigo também. Talvez não tenha deixado isso claro nas quase duas décadas de amizade.

— Sinceramente, não parece amigo de ninguém, cara. Não parece mesmo. E se fosse uma filha sua e um idiota estivesse cutucando o útero dela?

— Adam, não tornarei a repetir que fale baixo. – Ilustrei de forma clara para que entendesse – Estou disposto a ter um relacionamento com Valentina. A única coisa que pode me impedir de fazê-lo, é ela. Nem Hill, nem você, nem eu mesmo. Nada, poderá me impedir. Somente ela.

— Está completamente doente.

— Eu achei que entenderia.

— Entender? Entender seu envolvimento com uma menina que tem idade para beirar a ilegalidade?

— Que merda, não disse que estou envolvido por ela? Não disse que estou disposto a encarar as consequências dos meus atos para com a família dela?

Nesse momento, ouço a voz de Valentina. A garota estava vindo feliz do quarto. Tinha um sorriso de orelha a orelha e apenas usava biquíni. Eu sabia que queria nadar, tinha pedido isso antes de dormirmos no dia anterior.

Não precisou juntar dois mais dois.

Tínhamos sido descobertos.

— Adam? – Ela parecia querer cobrir-se com algo, mas não conseguia encontrar nada. Pegou uma das almofadas da poltrona perto do telefone e cobriu as partes para onde não queria que ele olhasse – O que está fazendo aqui?

— Tentando salvar seu pai de ter um ataque cardíaco. Venha comigo, vai para a minha casa. Quando seu pai chegar, conversaremos com ele. Alec não é alguém com quem queira se relacionar.

— E quem é você para decidir isso? – Valentina falou irritada.

— Valentina, ou vem comigo, ou ligo agora mesmo para seu pai e conto tudo. Que droga, Alec. Por acaso é um perverso? Valentina tem idade para ser sua filha. Ficar com essa garota é o que? Outra de suas perversões? – Ele já se dirigia a mim – Eu espero que tenha a hombridade de assumir seus atos quando Anthony quiser quebrar sua cara.

Perverso. Isso era exatamente o que eu era.

O que eu estava sendo com Valentina.

Eu tinha deixado a luxúria falar mais alto que minha razão. Agora, com Adam praticamente cuspiendo as palavras na minha cara, eu entendia o que vinha acontecendo.

O problema era que eu estava apaixonado demais para desistir de Valentina, assim como estava com medo demais de perder a amizade de Anthony, ou até a de Adam. Eu traria problemas para Valentina se continuasse em minha casa. Eu a perderia se insistisse agora.

Eu precisava pensar melhor.

Eu não conseguia raciocinar perto dela.

— Alec, pelo amor de Deus, fala alguma coisa. – Valentina pediu.

— Vista-se, Valentina. – Eu disse com a voz mais fria que consegui

encontrar – Vá com Adam.

— Alec?

— Vá, Valentina. Será melhor assim.

Eu vi os olhos dela transbordarem antes de virar-se abruptamente para trocar de roupa e ir embora. Sentei-me no sofá perto de Adam. Coloquei o rosto entre as mãos. Senti o apoio de Adam no meu ombro.

— Será melhor assim, Alec. – Ele disse em tom reconciliatório – Vou fazer o possível para que Anthony não descubra isso.

— Eu não estou pedindo ajuda, Adam. – Falei ainda sem olhar para um ponto fixo.

Eu não queria olhar nem meu próprio reflexo agora.

Valentina não entendia minha atitude, mas eu precisava que fosse embora por enquanto.

— Eu a estou oferecendo liberalmente. – Adam disse.

— E eu estou me reservando o direito de não aceitar. – Respondi – Você está acabando com algo que não tive há algum tempo. Algo que achei que estava fazendo certo pela primeira vez. Você não quer proteger Valentina, apenas tem medo que aconteça com ela o mesmo que aconteceu com Phoebe.

— Está sugerindo que eu...

— Sim, estou sugerindo exatamente isso.

— O que senti por Phoebe não tem mais importância.

— Não mesmo, Adam? – Levantei-me para olhá-lo cara-a-cara – Tem certeza que não está tentando projetar sua proteção em Valentina depois de ter ferrado a relação com ela?

— Você está ficando louco, Alec. Vai se tratar.

— Vamos embora, Adam. — A voz de Valentina invadiu o ambiente. Estava fria, cortante como uma espada afiada para a guerra. Penetrava sem dó no coração que eu julgava ter — Não tenho mais nada para fazer aqui.

— Valentina... — Ainda tentei chamá-la.

— Não! Alec, só... Eu acho que nem preciso dizer o que deve fazer com o contrato.

Impediu que eu falasse qualquer coisa mais. Eu podia jurar, pelo olhar que me lançava, que se pudesse, voltaria no tempo e eu nunca teria aparecido em sua vida. Tudo seria como se eu nunca tivesse existido.

CAPÍTULO 28



SETE DIAS PARA PENSAR. Uma semana até que Hill e Phoebe voltassem. Uma semana para pensar na maneira correta de contar para Anthony que eu estava apaixonado por sua filha.

Esse mesmo prazo para aprender a me defender dos golpes de Anthony, quando quisesse me matar.

Tentar me bater era pouco, ia me matar duas vezes.

Eu tinha sido injusto com Adam. Me deixando levar por uma irritação. Falando mais que devia. Insinuando que a atração que Adam sentiu por Phoebe, quando achou que o casal não daria certo, tinha sido mais que parecia.

Eu lhe devia desculpas por falar disso abertamente. Um segredo confessado sempre deve ser guardado e eu nunca fui tão infiel quanto tinha sido com esse segredo dele.

Deixei para pensar em Adam depois.

Tinha que me concentrar em minha ligação agora. Tinha decidido me abrir com Phoebe, primeiro. Falar-lhe sobre o sentimento que eu nutria por sua filha. Como mulher, sabia que seria mais paciente que Anthony quando

confessasse a merda que eu estava imerso.

Pensar em qual seria reação é o que me preocupava. Não queria estragar sua lua-de-mel. Passava do meio dia, pelo menos não atrapalharia o sono deles.

Com Anthony, eu deveria falar cara-a-cara. Era melhor que fazê-lo desistir da lua-de-mel apenas pelo prazer de me matar.

Liguei para Phoebe antes que eu desistisse.

— Alec? – A voz doce do outro lado, uns dois tons mais macia que a de Valentina me cumprimentou surpresa – Aconteceu alguma coisa? Você raramente liga...

— Aconteceu, Phoebe.

— Conte. Quer que eu chame Tony? Está tudo bem?

— Não fique alarmada. Eu apenas queria falar contigo, mas não pude esperar para fazer isso pessoalmente. Tive um comportamento estúpido e decidi que o que vou falar com você não deve envolver Anthony por enquanto.

— Está me deixando preocupada, Alec.

— Não queria ter que aborrecê-la, desculpe. Eu realmente não queria ter que me comunicar assim, no meio da sua lua-de-mel, mas precisava deixar algumas coisas claras. Eu preciso que Anthony não esteja por perto.

— Anthony não está agora, está conversando com uns caras do pôquer enquanto faço as unhas no beauty care do hotel. Pode contar melhor o que está acontecendo? Por que eu estou muito confusa.

— É sobre Valentina, Phoebe.

— Aconteceu alguma coisa com Valentina? – Senti a preocupação em sua voz – Aconteceu algo com minha filha?

— Nada com a integridade física ou psicológica dela.

— E o que aconteceu? Eu quase não xingo, Alec, mas você está me fazendo querer cuspir um monte de palavrões agora.

Não era difícil falar sobre o que eu sentia. Conheci meus sentimentos desde muito tempo. Eu sabia exatamente o que estava latente em mim. Era difícil saber que poderia ser rejeitado. Imaginar que tudo o que eu vinha planejando nas últimas semanas poderia ir por água abaixo.

Todos os planos, todos os sonhos. Tudo.

— Aconteceu, Phoebe... – Merda, isso era difícil – Eu me apaixonei por Valentina.

Houve um minuto de silêncio.

Eu estava me preparando para a rejeição. Isso não me impediria de lutar por Valentina, mas apenas tornava as coisas mais difíceis.

Valentina devia estar me odiando a ponto de querer meu crânio triturado por dentes de coiole, mas eu lutaria por sua atenção outra vez.

— Isso não pode ser sério, Alec. O que aconteceu com você? Tem certeza que não está embriagado? Está mesmo falando isso para mim?

— Sei que não é a melhor coisa que eu poderia dizer por telefone, mas aconteceu, Phoebe. Não estou pedindo que me entenda, estou apenas informando que estou profundamente interessado por sua filha. Creio que o sentimento é recíproco.

— Não sei o que espera que eu faça, Alec.

— Espero contar com seu apoio. Por que pretendo encarar Anthony quanto a estes sentimentos.

— Alec, você tem noção do que está dizendo? Meu Deus, da maneira que fala. É como se estivesse escondendo isso de mim há muito tempo.

— Eu não convivi com Valentina na infância. Eu não sabia da existência dela, Phoebe. Tudo o que conheci foi a Valentina adulta. A Valentina mulher. Por curiosidade e atração imperiosa, me deixei levar pela companhia dela. Agora, estou apaixonado e disposto a lutar para que seja aceito.

— Anthony vai adorar ouvir isso. — Ironizou.

— Vai querer me matar, me ressuscitar para me matar de novo, mas considero um preço justo. Desde que seja esse o da possibilidade de tê-la ao meu lado.

— Isso é muito para assimilar, Alec. — Phoebe falou e respirou pesado. — Você acha que Valentina também está apaixonada por você?

— Eu tenho certeza.

Houve pelo menos dois minutos de silêncio. Phoebe não acreditava, ou teimava em não acreditar, em minha confissão. Era demais para digerir. Quando chamou meu nome, quase senti um alívio por não estar ouvindo uma repreensão severa.

— Alec, você é homem feito. Pela sua idade, imaginei que estaria buscando mulheres mais apropriadas ao seu estilo de vida e conduta, não que estivesse correndo atrás da minha filha. Eu realmente não esperava ouvir isso da sua boca.

— Phoebe...

— Eu ainda não terminei. — Ela continuou — Você é um homem feito, mas Valentina também é uma mulher. Ela pode decidir por se quer ou não estar com você. Eu aprecio sua preocupação por me avisar, sei que espera que eu interceda por você diante de Hill, e juro que tentarei fazer isso, mas só quando souber o que a minha filha quer.

— Phoebe, eu aprecio isso.

— Espera, Alec. Como eu disse, não posso decidir por ela. Como não é Valentina quem está pedindo meus conselhos, mas sim você, não creio que

esteja tão certa dos próprios sentimentos. Pelo menos não como você está.

— Nos desentendemos há um par de dias.

— Ela estava com você?

— Sim, temos uma espécie de relacionamento.

— Hill vai matar você. Devagar e sofrivelmente.

— Estou pronto para encarar as consequências.

— Desde que não machuque os sentimentos da minha filha, não vejo mal nenhum nesse relacionamento. Valentina é uma mulher inteligente, saberá decidir por si. Saberá retribuir esse sentimento se achar que é o certo a fazer. Como eu disse, tentarei fazer meu melhor para suavizar a situação para Hill.

— Obrigado.

— Não me agradeça. Não sei se farei que Hill entenda, então, se ele te bater, não pense eu mandei. – Respirou um pouco – Como Valentina está?

— Não a vejo faz dias. Teria uma viagem à praia nesse final-de-semana.

— Sim, isso ela me disse.

— Eu esperava terminar esta conversa para ir atrás dela.

— Dê a ela algum espaço, Alec. – Phoebe sugeriu – Talvez ela queira algum tempo para pensar. Valentina passou por muita coisa por minha culpa, sinto que nunca serei capaz de reparar tudo o que sofreu e me amaldiçoo todos os dias. Sinto que está recuperando a confiança aos poucos, mas ainda não é o suficiente para que se abra comigo.

— O que quer dizer com isso, Phoebe?

— Quando Valentina se fecha, ela demora a se abrir novamente. Tente não invadir demais o espaço dela, ou pode correr o risco de ficar fora da vida dela para sempre.

— Ela já está fechada, Phoebe. Estou tentando alcançá-la novamente.

— Eu espero que consiga. Também espero que faça minha filha feliz. Se não fizer, eu contrato alguém para te dar uma surra.

— Se não fizer Valentina feliz, eu me darei uma surra.

Phoebe me deu mais alguns direcionamentos e encerrou a ligação. Ela não via a relação com os melhores olhos, mas também não proibia.

Tudo dependia de Valentina.

Valentina precisava me aceitar novamente. Precisava entender o porquê pedi que partisse com Adam. Se me desse a oportunidade de explicar, sei que entenderia a situação.

Se me aceitasse, não me importaria de sair aos tapas com Anthony. Ficaria alguns hematomas, talvez um pouco de sangue, mas sorriria, pois a teria para mim.

CAPÍTULO 29



MEUS PLANOS NÃO PODIAM esperar. Eu não conseguia me manter nem mais um minuto afastado de Valentina. Ela estava machucada, por minha causa, e eu teria que sará-la da chaga que eu causei.

À essa altura, Valentina estaria num luau na praia. Eu tinha pegado a programação da viagem na faculdade. Não há nada demasiadamente difícil de se conseguir, especialmente quando se tem uma boa aparência e uma carteira cheia.

Eu tinha conseguido um plano de voo. Coordenei os seguranças que iriam comigo no helicóptero e voltariam num voo separado. Tudo por que esperava o perdão de Valentina.

Passamos por Greenwich, logo depois da divisa com Nova York, uma cidadezinha com renda média anual estratosférica. Ao longo do calçadão, na orla, há um desfile contínuo de carrinhos de bebê de grife, carros de centenas de milhares de dólares e iates milionários nas marinas. Quando não estão à vista, os moradores preferem se esconder por trás das cercas-vivas e muros de pedra de suas mansões.

Seguindo pela Gold Coast, como é conhecido o corredor que vai até Fairfield, a paisagem continua deslumbrante. Não há um único Hyundai ou

Honda no meio do mar de BMW, Porsche e Mercedes. Casas impecáveis trazem à mente cenas da vida suburbana privilegiada retratada no filme de Ang Lee, "Tempestade de Gelo", e no livro de Richard Yates, "Revolutionary Road". Vilarejos como Westport estão lotados de lojas Tiffany e restaurantes de Mario Batali e Danny Meyer, refletindo a sofisticação de Nova York esticando pelo litoral.

De repente, porém, a formalidade desaparece e a região endinheirada dá lugar às cidadezinhas mais simples. Em lugar das mansões, lanchonetes especializadas em frutos do mar. Em lugar dos iates, caiaques.

Essa é a área de Connecticut que a turma de Valentina escolheu para passar o final de semana. A maioria dos alunos, longe de seus pais endinheirados, estavam realizando o sonho de conhecer um litoral “menos privilegiado” e muito mais íntimo que qualquer praia privativa de Greenwich.

Pousamos o helicóptero no pequeno heliporto distante da praia. De lá o carro blindado, alugado, nos esperava para irmos até a praia. Eu invadiria a festa dos estudantes, se fosse preciso, mas iria falar com Valentina ainda hoje.

Quando o carro estacionou perto de uma imensidão de barracas de acampamento, e a música Indie num volume alto invadiu meus ouvidos, soube que estava no local certo.

A porta do carro foi aberta e saí.

Deixei os meus sapatos dentro do carro, retirei o blazer e fiquei apenas com a camisa, que abri alguns botões. Ergui a barra da calça para caminhar melhor. O vento arisco, repleto de grãos de areia, castigava meus calcanhares.

Passei por fora da cerca, ao redor das barracas, e vi certa quantidade de jovens bebendo e dançando ao redor duma fogueira enorme. A algazarra que faziam era algo que eu não estava acostumado a ver, ou participar, mesmo nos tempos da faculdade.

Meus olhos não precisaram deslizar pelas personagens femininas que dançavam contentes para encontrar Valentina.

Meu olhar foi atraído como se tivesse um magnetismo que a envolvia. Valentina estava linda, feliz. Dançava com amigas enquanto sorriam umas para as outras.

Embora a noite estivesse fria, usava um vestido branco e leve que ia até os pés. Enquanto dançava, ela segurava a barra do vestido. Os cabelos estavam despenteados e duros, provavelmente depois de passar um dia mergulhando na salgada água da praia. Uma coroa de flores assemelhava-a às ninfas.

Quando casássemos, seria na praia.

Ela fora feita para ser uma sereia das águas.

Sorri, contagiado por sua alegria. Talvez meu sorriso a tenha atraído, por que vi o momento em que parou de dançar. Seu olhar percorreu a multidão, pousando em mim.

Tirei uma das mãos do bolso e a ergui para saudá-la.

O olhar dela refletiu um breve alívio, uma boa emoção, mas quando decidi dar o primeiro passo em minha direção, a leveza deu lugar a raiva.

Quando estava perto de mim, começou a dar com os punhos contra meu peito, querendo me empurrar e destruir a imagem de decepção que lhe causei.

— Calma, Valentina. Calma...

— Calma é uma ova! – Irritou-se mais.

— Eu vim me redimir.

— Não quero saber!

— Preciso me explicar.

— Você me mandou embora da sua casa, sem mais nem menos, e aparece aqui com cara de safado! Como quer que eu fique calma? Eu tenho vontade de te jogar naquela fogueira, seu estúpido! Não ouço bosta nenhuma!

— Valentina... – A garota ainda se sacudia e se debatia inutilmente quando travei os pulsos dela – Valentina! – Ela finalmente parou e olhou-me de verdade – Os seus amigos ouvirão sua gritaria. Eu vim conversar e não vou embora daqui sem você. Querendo, ou não, vai me ouvir.

— Eu já disse que não quero ouvir nada.

— Você pode não querer, – Eu falei baixo, tentando usar um tom mais conciliatório e menos autoritário – mas sabe que precisa. Eu não vou desistir de você sem lutar.

— Você só veio estragar minha noite.

— Eu não vim estragar a sua noite, vim recuperar o que eu encontrei em você, e o que você encontrou em mim. Algo que pensamos ter perdido. Valentina... – Eu a puxei para perto e a fiz olhar no mais profundo de mim, para fazê-la acreditar – Eu estou apaixonado por você. Perdidamente apaixonado. Não vou descansar até que me aceite outra vez. E você também está apaixonada por mim.

— Não acha que é presunção demais vir aqui e dizer como me sinto ou deixo de me sentir?

— Não. Não acho. Por que é a verdade, mesmo que não queira admiti-la. Você está apaixonada por mim.

— Está errado, Alec. – Falou num tom que não soube discernir – Eu estava me apaixonando por você.

— Por favor, vem comigo. – Pedi.

— Por favor, me solte. – Retrucou.

Obedeci-a. Achei que iria embora correndo no segundo que a soltasse, que teria que invadir o acampamento para agarrá-la como se ainda estivéssemos na idade das cavernas, mas apenas amaciou o pulso.

Não notei que estava empregando força.

Talvez fosse o desespero somado ao desejo.

— Me desculpe. — Peguei-lhe as mãos novamente, mas dessa vez não resistiu ao toque gentil. Beije-lhe os pulsos no lugar onde tinha magoado a carne e recomecei a falar, desta vez brandamente — Precisamos conversar, Valentina. Não vou desrespeitá-la, apenas quero contar o quão apaixonado por você estou. Quero implorar que esteja apaixonada por mim.

— Alec, você me magoou demais.

Ouvi-a quieto, era bom que desabafasse.

— Quando me fez sair da sua casa daquela forma. Se você foi fraco assim na frente de Adam, o que dirá quando for encarar meu pai? Você não lutou por mim, nem um pouco.

— Você não entendeu o que eu fiz?

— Eu não tinha que entender nada. O que eu tinha era que ver e não vi. Não vi o sentimento que achei que existia entre nós. Quando me pediu que eu fosse embora, sem nem me dar chance de entender o que acontecia. Quando me tratou como se eu fosse descartável.

— Adam parecia disposto a arrancar você de lá. Parecia disposto a ligar para Hill e contar o que acontecia. Ele poderia ter estragado a lua-de-mel dos seus pais. — Toquei o rosto dela — Valentina, olhe para mim. Anthony teria vindo naquele mesmo instante. Crê que a fúria dele não seria o suficiente para te trancar por quinze anos?

— Alec, vamos sair daqui. As pessoas estão começando a prestar atenção a nossa discussão. Não quero que as coisas se compliquem mais. Não quero ficar falada pelos corredores do instituto.

Ofereci minha mão para Valentina, mas ela não a tomou. Acabou protegendo o próprio corpo do frio vento do mar. Retirei minha camisa e coloquei ao redor dos ombros dela. Era uma forma débil de proteger, apenas com linho fino, mas era tudo o que podia oferecer no momento, sem receber uma recusa. Poderia dar-lhe meu corpo, mas ela não o queria.

Não ainda.

— Eu pedi que fosse embora, somente por isso, Valentina. Eu esperava ganhar tempo para falar com seu pai de uma maneira calculada. Esperava falar com sua mãe antes. Mesmo sem saber se gostaria de ter um relacionamento comigo, eu iria falar com eles. Mesmo que depois se negasse a mim. — Completei com um ligeiro sorriso — O que não é uma possibilidade, deixo-a de sobreaviso.

— Coação, ameaça. Isso é muito romântico.

— Valentina, não sou indefectível. Na verdade, não existe alguém que tenha errado tanto quanto eu em relação a você, mas não deixarei que cometamos um erro ainda maior. Não posso cometer o erro de perder você.

Ainda caminhávamos ao redor da orla.

Meus seguranças acompanhavam discretamente nossos passos, de perto da calçada. Eu já tinha me acostumado a viver com sua cercania, então podia ver seus movimentos.

— Parece tão seguro, Alec. Como se soubesse que darei uma resposta positiva.

— Eu tenho certeza que gosta de mim, mas não do seu sim. E isso está me deixando louco.

— Eu não sei se gosta de mim de verdade, Alec. Pode estar apenas sendo ludibriado pelo desejo que parece sem medidas quando estamos juntos. — Valentina olhou para o céu límpido — Dessa vez não choveu quando estivemos longe, deve ser um sinal.

— Não está chovendo em Rhode Island, mas está chovendo para caralho em Nova York. Os céus daqui já sabem que errei, mas me arrependo. Apenas esperam que me perdoe por errar.

— Eu não sei, Alec. Não sei decidir...

— Talvez eu possa ajudar a decidir.

Puxei-a contra meu corpo.

O frio tinha erigido os seios dela e os mamilos pequenos despontavam sedentos por uma carícia quente. Eu transmiti toda a intensidade de meus sentimentos aos lábios dela.

Eu senti as barreiras sendo derrubadas devagar. Primeiro, os muros erguidos que eu mesmo tinha ajudado a construir. Depois, suas fracas resoluções.

Quando nossas línguas se tocaram, sabíamos que não adiantaria resistir, que estarmos juntos era o certo. Que estarmos juntos era mais que certo, era um encaixe universal, eram os planetas se alinhando em mais de mil anos.

Quando minha mão tocou sua nuca, para aprofundar o beijo, e a outra trouxe-a para mais perto, puxando-a pela cintura, eu sabia que estava desistindo de lutar gradualmente.

Valentina soltou um pouco de ar contra minha boca, tinha cheiro de fruta cítrica e álcool. Eu quis pegar mais daquele sabor para mim, mas Valentina colocou a mão no meu peito despido e me impediu.

— Isso não é certo, Alec. Não é justo.

— Nós podemos tornar certo, Valentina.

— Eu não sei... — Disse com uma nesga de preocupação fingida no rosto — Não sei se estou me deixando levar por que gosto de você ou se é porque está sem camisa, gostoso para caramba, e estou deixando me levar.

— Não é minha culpa se me deseja. Não é minha culpa se seu corpo não se cansa do meu. — Eu sorri convencido.

— Deveria ter vindo de terno. Coberto da cabeça aos pés, isso me ajudaria a respirar e me concentrar direito. Devia vir coberto como um Sheik.

— Não acho que minha nudez seja motivo para me odiar.

— Não mesmo. Minhas amigas estavam te olhando, querendo te devorar. Devo me sentir ligeiramente sortuda.

— Ligeiramente? – Perguntei tentando conter o sorriso que já queria rasgar meu rosto de tanta felicidade.

— Muito ligeiramente.

— Então é apenas meu corpo que te atrai? Eu não acredito que estou louco a ponto de ficar com ciúmes disso, do meu próprio corpo.

— Seria muito louco, mas não. Gosto de você por completo. Desde seu jeito de apoiar a cabeça na mão e ficar me olhando como se visse coisa valiosa, até a maneira animalesca que fode.

— E então?

— E então que sinto que posso conviver com as duas coisas. Mas nunca mais, ouviu? Nunca mais me machuque desta maneira. Eu não te darei uma nova chance.

— Eu não pretendo machucá-la de maneira alguma, nunca mais. Eu irei lutar por você, todos os dias da minha vida, todos os instantes dela, te farei confiar em mim de olhos fechados.

— Assim espero. Vai ficar comigo no acampamento?

— Adultos não são permitidos, diz no panfleto.

— Adultos estranhos não são permitidos. Afinal somos todos adultos aqui. Mas acho que seria um escândalo se eu fosse com você para minha barraca.

— Seria um escândalo maior pelo barulho que faríamos. Mas não pretendo tocá-la novamente até nossa cerimônia.

— Cerimônia? Alec, estou entendendo o que acho que estou entendendo?

— Sim, estou te pedindo em casamento duas vezes.

Tirei uma aliança fina do meu bolso, apenas um diamante minúsculo na ponta. Nada comparável ao diamante que eu tinha num solitário escondido no meu cofre e que lhe daria quando voltasse para casa.

— Duas vezes?

— Sim. Uma para ser minha esposa, outra para ser minha submissa. Te quero como minha mulher num casamento civil comum, e te quero como meu elo perfeito numa cerimônia das rosas.

— Eu não tenho uma resposta agora.

— Por que quis entrar no mundo BDSM, Valentina?

— Devo mentir?

— De modo algum.

— Por sua causa. – Falou sinceramente – Eu me apaixonei por sua beleza quando te vi na cabana do meu pai. Por isso eu ficava tanto tempo longe de você, por que evitava o modo como seu olhar me devorava, mesmo sem me devorar. Depois que te vi no clube, depois que me submeti, por que achei que seria o único modo de ter você, percebi que sentia muito mais.

— Agora que me tem, de corpo e alma, tem que fazer disso um anúncio para o mundo. Seu pai vai me deixar em coma uns dois meses, mas quando eu acordar, te darei a melhor cerimônia da face da terra.

— Você é louco, Alec.

— Louco por você, por seu corpo, por sua personalidade, por você inteira. Deve ter me lançado um feitiço.

— Eu não tenho resposta agora.

— Não precisa responder agora. Sei sua resposta, mas esperarei que possa colocá-la em palavras.

— Está hospedado em um hotel por aqui?

— Estou de helicóptero. Podemos arrumar um, se quiser.

Valentina pegou minha mão e me deixou deslizar o pequeno anel no dedo dela.

— Eu vou te dizer que sim do meu jeito. Amando você e me deixando ser amada por você. Só precisamos encontrar o local certo.

CAPÍTULO 30



QUANDO O SOL INVADIU O pequeno quarto da pensão antiquada e pobre, perto da praia, e vi Valentina ao meu lado, meu peito se confrangeu e soube que o sentimento que tão fortemente sentia era certo.

A pequena Janela de madeira, fechada, permitia que o sol invadissem o local pelas frestas das treliças. O quarto era apertado e quente. A cama rangeu a noite inteira. Talvez tenhamos acordado alguns vizinhos, mas isso não importava.

Só importava a mulher que eu tinha nos braços.

Uma sessão com Valentina era o ápice da nossa paixão. Fazer amor com ela era o apogeu do amor, era traduzir em posições, gestos e carícias esse sentimento absoluto.

Valentina se moveu, sorrindo, ia se levantar da cama, mas a preendi entre meus braços.

— Eu preciso levantar... — Reclamou, o riso não sumiu de seus lábios.

Procurei-lhe a boca. Ela tinha falado sobre a possibilidade de mau-hálito antes, mas quem ligava quando era a boca dela na minha que eu tinha nesse momento?

— Amor... Faça amor comigo apenas mais uma vez...

Deslizei o nariz por seu pescoço alvo, admirando as marcas deixadas em sua pele clara no ápice da paixão. Quando meus dentes precisaram triturar sua carne para transmitir o desejo.

— Eu poderia fazer, mas corro o risco de fazer xixi em toda a cama.

— Quando aprenderá?

— Que não se importa com meus fluídos? Algum dia. Por enquanto aprenda que me importa, um pouquinho, ter um tempinho para mim pela manhã. Eu já volto.

Valentina se levantou antes que pudesse prendê-la novamente. Observei sua bunda carnuda e redonda balançar enquanto ia ao banheiro, antes de recostar-me à cama.

Os seguranças que inspecionaram o quarto antes de entrarmos, e que tiveram que lidar com a cena de entrarmos no aposento aos beijos antes mesmo deles terem saído, tinham deixado meu celular sobre o pequeno banquinho redondo ao lado da cama de casal.

Os pertences de Valentina estavam no chão, perto do dito banquinho, já que o minúsculo closet do quarto, estava abarrotado de caixas de material de construção.

Catei o celular e desbloqueei a tela com a impressão digital. Eu tinha dezessete chamadas perdidas de Anthony Hill. Além de cinquenta mensagens com ameaças de morte. As ameaças à minha integridade máscula eram o ponto alto de cada uma.

Uma chamada apareceu no visor.

Era Hill pela décima oitava vez.

— Alec, filho d uma puta desgraçada. – Disse quando atendi – Onde está Valentina? Eu já liguei para o celular e ela não responde. Liguei para os amigos, me avisaram que saiu com você. Vou acabar com sua raça.

— Seja adulto, Anthony. – Falei tranquilamente, talvez isso lhe trouxesse juízo de volta – Estou sim, com sua filha. Estou apaixonado por ela. Valentina sente o mesmo por mim. Estamos namorando. Vou até sua casa para conversar. Essa conversa não se dará através dum telefonema.

— Mas com um telefonema tentou convencer minha mulher. Eu não estou de acordo com isso, Alec. Você era meu amigo, miserável.

— Você tem todo o direito de estar zangado. – Sentei na cama e segurei o ponto entre as sobrancelhas com o indicador. Isso me ajudava a aliviar a tensão, sabe-se lá por que. – Assim como Valentina tem o direito de se apaixonar por mim. Tenho o direito de sentir algo por ela. Vamos chegar aí daqui a pouco, vamos de helicóptero. Assim que conseguirmos uma rota, iremos direto para sua casa.

— Eu vou te matar quando chegar aqui.

— Eu sei amigo, já tive pesadelos com isso, mas não vai conseguir me afastar dela.

Anthony desligou em meio a uma torrente de impropérios. Valentina estava encostada à parede, tinha saído do banheiro e eu não tinha notado. Ela ouviu tudo.

— Então ele já sabe?

— Sim, sabe. Eu falei com sua mãe antes de te procurar. Ele está reagindo da maneira que eu esperava. Na verdade, um pouco pior apenas. Talvez seja por que sabe que estivemos juntos durante essa noite.

— Talvez? – Ela abriu a boca – Meu pai poderia enfartar de tanta raiva.

— Seu pai tem um ótimo coração. Não acho que teria um infarto, mas tenho certeza que vai querer me dar uns murros antes d’eu explicar o que há entre nós.

— Vou me arrumar. A possibilidade de fazermos amor nesta manhã está anulada, certo?

— Estaríamos brincando com o perigo.

— Adoro brincar com o perigo.

— Então vem cá. – Puxei-a para a cama e rolamos de prazer sobre os lençóis naquele quarto abafado.

CAPÍTULO 31



ERA QUASE SEIS DA TARDE quando o helicóptero pousou na propriedade de Hill. Ele nos aguardava ao lado da porta. Ele tinha um olhar furioso, injetado de sangue.

Quando ia para perto da entrada, Valentina entrelaçou os dedos aos meus. Phoebe veio para trás de Anthony, colocando uma mão sobre o ombro dele, numa ordem silenciosa para que ficasse calmo.

Ele realmente precisava ficar isso, eu não ia ficar parado caso me atacasse.

Entramos na sala, parecíamos pessoas civilizadas. A mão de Valentina estava entrelaçada à minha. Passando-me a força que eu precisava para seguir em frente. Relembrando a minha determinação.

Eu precisava fazer Anthony entender, precisava que percebesse que não foi calculado, mas que estava disposto a tudo por ela.

— Devo pensar que isso vem acontece há mais tempo do que Phoebe sugeriu? – A voz dele era hostil. O modo pai ativado. Eu não poderia culpá-lo, não saberia como reagir se a situação se invertesse – Eu estava sendo feito de idiota enquanto você desvirtuava minha filha às minhas costas.

— Não foi assim que as coisas aconteceram, Anthony. — Expliquei calmamente de forma que pudesse ver a realidade dos fatos, não a caricatura em sua cabeça — Valentina e eu não tivemos um envolvimento sério até pouco tempo. No entanto, tudo entre nós é verdadeiro. Não tenho certeza de ter sentido algo parecido por qualquer outra pessoa.

Anthony ainda estava prendendo a respiração, se inchando cada vez mais, quanto mais eu falava.

Phoebe, que tinha sentado ao lado dele, tentava me dar um olhar encorajador. De vez em quando, buscando o olhar de Valentina para ter certeza dos sentimentos da filha.

— Eu vim aqui por que quero pedir a mão de Valentina em casamento, formalmente, mesmo que já seja uma mulher adulta e totalmente capaz de decidir por si mesma. Sei que, pela nossa amizade, preciso de sua aprovação. Pois é alguém importante para mim.

— Valentina, — Hill começou a falar — você realmente está interessada por isso?

— Estou, pai. Estou envolvida por Alec. Isso já faz algum tempo, mesmo que não tenha julgado que o sentimento era recíproco no começo.

— Alec, venha comigo. — Anthony disse se levantando — Precisamos falar de entre homens.

Valentina e a mãe ficaram conversando enquanto eu segui Anthony pelo caminho que ele sugeria.

— Eles vão brigar. — Valentina informou a mãe que a reconfortou.

— Tenho certeza que vão, mas é preciso.

Num segundo estávamos indo em direção à pista de corrida particular, que circulava toda a casa. Eu estava pronto para falar a primeira palavra de desculpa e explicação, quando vi o punho dele, fechado, vindo em direção ao meu rosto.

Não consegui desviar, fui atingido.

— Mas que caralho, Anthony! – Falei enquanto minha mão limpava o sangue da minha boca.

O desgraçado tinha quebrado mesmo minha boca?

— Isso não é nem perto do que merece. – Anthony disse sorrindo – Acha que vai ficar fazendo seus experimentos na minha filha? Que porra de pescoço era aquele todo chupado?

— Anthony, está certo. – Falei num tom calmo, tentando apaziguar a situação – Talvez eu tenha merecido esse golpe, mas isso não muda o fato de estarmos lutando pela mesma garota, de maneiras diferentes, é claro, mas queremos o bem-estar e felicidade dela.

— Não fale mais nada, ou quebro sua porra de nariz.

— Você definitivamente tem um problema com irritação. Se quiser discutir, discutiremos, mas sem agressão. Se me socar novamente, vou revidar, e não vai ser legal voltar para casa ensanguentados por que não consegue se controlar.

— Nós vamos voltar ensanguentados por que você não segura a porra do pau nas calças, caralho.

Anthony me deu outro soco, mas também parti para cima dele. Joguei meu peso contra o corpo dele, derrubando-o. Anthony era mais alto e mais forte, mas eu era mais ágil.

Logo estávamos caídos no chão, revezando o topo e alternando socos entre um e outro. Dividindo o tempo entre xingar, amaldiçoar e tentar se justificar.

— Eu confiava em você, filho da mãe. Aí você vai lá e dorme com minha filha? – Falamos quando estávamos quebrados o suficiente para não querer continuar com a briga sem sentido – Você é um falso que não sabe honrar amizades!

— Eu sempre honrei sua amizade, Anthony. Eu posso... — Merda, minha costela doía. Será que esse filho da puta tinha quebrado minha costela? — Eu posso me apaixonar por Valentina sem ofender isso. Eu a respeitei todos os dias em que estivemos juntos. Nos envolvemos sexualmente, mas isso aconteceu bem depois. Eu não tentei seduzi-la, simplesmente aconteceu.

— Consegue olhar em meus olhos e mentir? — Cuspiu a pergunta, apoiando a cintura, eu também o tinha machucado.

— Consigo olhar em seus olhos e falar a verdade. Estou apaixonado por Valentina, merda. Com sua aprovação, ou não, vou casar com ela. Valentina conta com seu apoio. Deixe de brigar comigo e pense nela.

Anthony pareceu ponderar e refreou a raiva. Continuei:

— Valentina parece infeliz para você? Converse com sua filha, sem acusações. Eu a tenho feito se sentir livre dentro de si mesma. Eu a faço esquecer o passado que nenhum de nós pode impedir. Não era isso que queria? Não queria que esquecesse tudo o que tinha lhe acontecido?

Anthony quis ignorar minhas justificativas, mas eu estava tocando num ponto certo. Ele continuou a ouvir, prossegui:

— Eu a amo com a mesma intensidade que você, ou mais. Quando disse que eu a fazia esquecer do seu passado, eu fiz disso minha meta pessoal. Fiz disso minha vontade absoluta.

— Não sei se você vai ser bom para minha filha, Alec.

— Eu também não. Eu tenho medo de não ser tão o que ela merece, mas passarei o resto da minha vida tentando ser tudo o que Valentina precisa.

— Alec, se eu perceber minha filha minimamente triste. Se eu perceber que não lhe está fazendo bem, se eu notar que não está sendo feliz, eu juro que acabo com você. Eu conheço gente que pode fazer isso sem remorsos só por que odeia essa sua bunda depravada e esnobe.

— Se eu a fizer infeliz, eu ligo para essas pessoas. Caralho, Anthony.

Olha para nós. Brigando como quando nos conhecemos, por causa de ego. Sabe que posso ser bom para Valentina, sim, do mesmo jeito que ela é boa para mim.

— Você não vai fazer seus experimentos nela.

— Eu não farei nada que ela não queira. Conheço os limites dela e os tenho respeitado. Caralho, Anthony, o que é, porra?

— Não tinha ninguém diferente para se apaixonar? Tinha que ser mesmo minha filha.

— Eu não escolhi isso.

— Eu sei, desgraçado. – Anthony passou a mão no maxilar.

Vi que estava com um olho inchando. Meu próprio olho direito estava quase que completamente fechado. Ele tinha um inchaço no queixo, eu um corte no lábio e outro no supercílio. Nossas roupas estavam esgarçadas e rasgadas, completamente sujas de rolar no chão.

— Por que seus seguranças não nos impediram?

— Por que mandei que não nos impedissem. Sabia que precisava disso, seu merda.

— Vamos entrar, Martin.

Apoiamos os braços um no outro e Anthony continuou a rezar a ladainha:

— Se eu a notar infeliz, é um homem morto.

— Para de falar que minha cabeça já está doendo desse esforço. Quando entrarmos, vou beijar Valentina e não vai fazer nada.

— Eu vou precisar beber muito para ver isso.

— Bebamos.

— Eu tinha um uísque especial, guardado para meu futuro genro, se soubesse que era você o teria tomado inteiro.

Quando entramos na sala outra vez, Phoebe tinha um olhar de reprovação para nós dois. Primeiro, as duas cuidaram de Anthony. Quando terminaram, Valentina veio minha direção, levemente temerosa.

— E então? – Perguntou baixinho enquanto examinava meus machucados – Que merda de olho inchado, Alec, vai precisar de um curativo e não tenho material comigo. Vamos ter que ir a um hospital.

— Eu sei. Primeiro vamos abrir o uísque especial que seu pai disse que guardou para o futuro marido da filha.

Valentina olhou para meu rosto, então me abraçou. Eu gemi um pouco pela dor, estava todo quebrado.

— Desculpa... Desculpa... Ele deixou?

— Deixei sim. – Anthony ouviu. Devido a empolgação, Valentina tinha falado alto demais – Alec sabe que se não se comportar com você, vou acabar com ele de vez.

— Eu já disse que farei de tudo para que não venha a merecer uma punição maior. Saberei me comportar com sua filha, senhor Hill. Meu sogro. – Debochei e sorri da careta de Anthony.

— Se comportar é a última coisa que espero que faça – Valentina falou baixo, para que apenas eu ouvisse, enquanto beijava meu lábio machucado.

EPÍLOGO



OS MEUS ANTIGOS MESTRES estavam em minha casa. Todos tinham sido convidados para participar da cerimônia que simbolizava a pureza e a paixão entre um casal.

A decoração tinha tons predominantemente vermelhos e brancos. As rosas não podiam estar mais frescas. O perfume que entorpecia a noite e os convidados vinha delas.

Eu mal acreditava que Valentina seria minha, apenas minha para sempre. Por que os laços entre um dominador e sua submissa podem ser muito mais fortes que os que envolvem um simples casal.

Anthony, Phoebe, Adam e Hannah não tinham sido convidados. Eles não iriam querer assistir nossa cerimônia das rosas. Não aceitariam bem o fato de que a jovem e inocente Valentina tinha gostado e mergulhado de cabeça nesse mundo.

Valentina seria minha, somente minha.

Minha escrava sexual e mulher perfeita.

Quando as portas do salão de recepção abriram, Valentina surgiu no ambiente.

Ela vestia um longo vestido feito de tule transparente. As camadas eram amarradas à cintura por fita de gorgorão. A saia volumosa escondia sua intimidade, mas permitia vislumbrar seus contornos. Sobre seus cabelos soltos, um diadema de ouro simples. Valentina vinha descalça, carregava nas mãos uma única rosa branca semicerrada. Um símbolo de sua submissão. A cor revelando toda a transparência e pureza que traria para a relação.

Eu também via paz. Muita paz.

A paz que eu tinha encontrado ao longo dos últimos dias. Paz que eu tinha buscado ardentemente e encontrado ao longo dos melhores dias de toda a minha vida.

Valentina admirou-me quando se pôs em minha frente.

Diferente da roupa dela, a minha era um traje de domar, confeccionado em tecido escuro. Éramos o contraste de cores, mas similaridade de pensamentos. Enquanto ela era a pureza, eu era a devassidão. Enquanto era a paz, eu era a guerra.

Em minhas mãos uma rosa vermelha.

Vermelho da cor da paixão, desejo.

Representação minha daquilo que eu tinha e não poderia ocultar. Representação da obrigação de ter e proteger minha submissa. De ter e proteger Valentina.

Os espinhos nos caules das flores mostravam a dor do sentimento real que queimava e nos acendia. Dor que nos pacificava e submetia, nós ambos, ao seu domínio.

Eu a amava. Amava profundamente. Já não cansava de repetir-lhe isto todos os dias. Também sabia que me amava, sua entrega era o meu maior bem.

Trocamos nossos votos.

Eu estava ansioso por ouvir os de Valentina:

— A arte da dominação se resume em subserviência e a da submissão em transcendência e rompimento da dor e do despertar da grandeza. – Valentina começou - A verdadeira escravidão de uma submissa é a própria liberdade. Sou livre quando presa a quem me domina. — Ela sorriu – Mas, lembre-se, Alec, submissa só na cama, fora dela é segura minhas compras e abra a porta do carro.

Todos rimos, esse espírito nela era algo tão difícil de achar. Sua exigência era simples, por que eu a obedeceria fora da cama com vontade. Beijaria os seus pés sujos de lama, só pelo prazer de vê-la avermelhar sob meus golpes.

— Assim te protegendo, assim te ansiando, te mastigo dentro de mim enquanto me apunhalas com lenta delicadeza. Deixando claro, em cada promessa cumprida, que nada devo esperar além dessa máscara colorida que é o teu sorriso. Comecei meus próprios votos de dominação – Gosto de saber que me queres assim, honestamente. Por que honestamente assim te quero e te utilizo todos os dias. Enquanto eu, digerindo faminto o teu corpo, bebendo teu mágico veneno que me ilumina, me vicia e me anoitece a cada dia, prossigo em te querer.... – Encerrei com meu próprio gracejo – Você, Valentina, é a Brat que satisfaz meu ego e se finge submissa. Só tu, mulher, me faz feliz ao ponto de não perceber o quanto sois forte comparado a mim, homem frágil a ponto de me perder, se não tiver a tua força.

Valentina sorriu e acompanhei seu sorriso.

Peguei o maior espinho da rosa vermelha e tomei sua mão. Piquei o seu dedo do meio com o espinho e ela derramou o sangue de seu dedo sobre a rosa branca não totalmente fechada. Então juntamos nossos dedos.

O símbolo da união eterna, carnal e espiritual.

Agora éramos um e o laço de sangue provava isso.

Todo o lugar, decorado de rosas vermelhas e brancas, era a representação da nossa própria presença no ambiente. Pétalas branco-avermelhadas foram derramadas ao nosso redor por uma de minhas amigas, agora amiga de Valentina, Cassie. Ela tinha seu próprio senhor para respeitar. Seu marido,

um dia, foi mestre.

Unimos as duas rosas na mesma mão e roubei o primeiro beijo da boca de Valentina, beijo que era o primeiro da nossa vida compartilhada.

Cassie trouxe uma redoma de vidro, muito parecida com uma taça de Martini em tamanho grande. Juntamos as rosas dentro dela.

De agora em diante, nossa vida seria conjunta, nunca mais separada. Depois que morrêssemos, iríamos para o mesmo túmulo e levaríamos nossas rosas conosco.

Nossas flores se tornariam uma roseira, eu cuidaria para que isso acontecesse.

Depois que morrêssemos, nossas rosas, símbolo do nosso amor, ainda permaneceriam.

BÔNUS



EU NUNCA VI HOMEM mais bonito na minha vida. Sinceramente, era difícil imaginar que um ser humano de tanta beleza pudesse existir. Quando a SUV parou em frente ao minúsculo chalé que Anthony levou-nos para passar o final de semana, não achei que um homem desses saltaria dela.

— Você deve ser Valentina? – O amigo de Anthony, eu acho, me chamou pelo nome. Como ele me conhecia? – Sou Adam, este é Alec. Somos amigos e sócios de Anthony. Imaginamos que deve estar por aqui.

— Sim... – Finalmente encontrei minha fala – Sou Valentina. É um prazer, Adam e Alec...

Eu mal conseguia olhar para o louro. Meu olhar se concentrava no belo cara de olhos azuis. Ele era hipnotizante.

Alec. Seu nome parecia doce em minha língua. Depois de Peter, achei que nunca mais sentiria uma atração tão profunda por alguém.

Alec... O nome combinava perfeitamente com o homem lindo de olhar mais terrivelmente molha-calcinha que eu podia imaginar.

— Anthony e minha mãe foram ao lago. Não sei se voltam agora. Sabe como é, devem estar tentando recuperar o tempo perdido. Embora eu não

queira imaginar isso.

Adam sorriu e soltou um gracejo qualquer.

Alec desviou o olhar de mim para o derredor.

Com a vista, tentava alcançar o local para onde aponte que mamãe estaria. Agradei, internamente, por deixar em paz meu olhar pálido. Seu olhar era intenso demais para que eu pudesse ficar tranquila.

— Querem um chá? – Perguntei tentando me afastar de Alec. Seu amigo, Adam, veio me seguindo até a cozinha. Eu ia colocando a chaleira no fogo, quando negaram. Alec pegou o aparelho celular e tentou discar um número.

— Maldita operadora.

– Eu nem tentaria, - disse quando o vi querer sacudir o aparelho, irritado - já passei quase duas horas buscando sinal. Se quiser, pode subir na caixa d'água, de lá você consegue completar uma ligação. Muito ruim, mas consegue.

— Tem leite aqui que não seja de amêndoas? Eu preciso de alguma coisa para matar minha sede, odeio chá. – Adam chamou a atenção e virou-se para mim, como se estivesse se desculpando – Nada contra o seu chá, deve ser bom, apenas não consigo tomar algo que não seja café pela manhã.

— Sem problemas.

— Por que você e Adam não vão comprar alguma coisa? Há uma conveniência relativamente perto daqui. Eu vou esperar Anthony, se não se importar.

Mesmo quando estava me chutando, a voz dele parecia com mel derretido. Manteiga temperada e derretida. Merda, eu estava com fome para o estar comparando a comida.

— Claro, é uma boa ideia. — Eu disse – Adam, vamos. Eu realmente preciso comprar algumas porcarias antes que minha mãe volte.

Saí pela porta, olhando para trás. Alec não me olhava, eu gostaria de ter o olhar dele em mim outra vez.

Não era possível haver outro homem bonito como ele no mundo. Se não fosse amigo do meu pai, se mostrasse mínimo de interesse, eu investiria. Ele tem cara de quem sabe como tratar uma mulher.

Cara de quem faz um estrago quando fode.

Eu estava pensando muito loucamente.

Muito diferente da criação de colégios católicos.

Ele tinha feito isso comigo com tão poucas palavras? Eu nem imagino as coisas que poderia fazer comigo se pedisse. Eu nem queria imaginar as coisas que lhe deixaria fazer comigo caso percebesse o quanto tinha despertado meu corpo sem nenhum esforço.

Era melhor me afastar dele.

Era melhor grudar em Adam.

Eu detesto louros, não sinto atração nenhuma. Talvez Ewan tenha estragado qualquer cabelinho mais claro para mim. Então Adam não representava nenhum perigo.

— Alec...

Experimentei o nome baixinho na minha língua. Tinha sabor de pecado e abraçava meu céu da boca como se fosse um beijo.

Se eu pudesse, seria sua.

Jurei para mim mesma, se quisesse, eu casaria com ele.

RECADO DA AUTORA!

OLÁ! COMO ESTÃO? Espero que esta história tenha te cativado e que tenha conquistado um lugar todo especial em seu coração.

Gostaria muito de pedir que avalie o livro no site, se puder e quiser, e que deixe um breve comentário.

As estrelinhas ajudam a colocar meus livros a vista de mais gente e tornam a história ainda mais conhecida!

Outra vez meu mais sincero obrigada e lembre-se que estou disponível no meu E-mail para qualquer comentário ou contato que quiser.

A handwritten signature in black ink, reading "Daisy Monteiro". The script is cursive and elegant, with the first name "Daisy" and the last name "Monteiro" clearly distinguishable.

SOBRE A AUTORA

DEISY MONTEIRO É CRISTÃ e ludovicense. Casada com João Garcia e mãe orgulhosa de um casal de gatinhos.

Poetisa por natureza, romancista por sorte. Escreveu seu primeiro livro de poemas aos quinze anos, mas só veio a publicá-lo mais tarde.

Seu primeiro romance foi - Romance em East Valley, com o qual ganhou o prêmio internacional “The Wattys” no ano de 2015 na categoria - maior sorte de principiante. A série East Valley já conta com quase dois milhões leituras na Online.

Além destes, Deisy ainda publicou as séries: Triplo A; Escarlate; East Valley; Apimentando a Relação; Família Montebello. Além dos livros Cartas para Daniel, Eu te direi essas palavras, O livre Arbítrio, Apostasia; e outros.

CONTATO | Redes sociais da autora:

@AutoraDeisy



Para qualquer outra dúvida:

deisymonteiro@outlook.com

COMO POSSO SER SALVO?

Por que preciso ser salvo?

Somos todos infectados com o pecado (Romanos 3:23). Nascemos com o pecado (Salmos 51:5), e todos nós pessoalmente escolhemos pecar (Eclesiastes 7:20, 1 João 1:8). O pecado é o que nos tira a salvação por nos separar de Deus e nos colocar no caminho para a destruição eterna.

Salvo de quê?

Por causa do nosso pecado, todos nós merecemos a morte (Romanos 6:23). Enquanto a consequência física do pecado seja a morte física, ela não é o único tipo de morte que resulta do pecado. No fim das contas, todo pecado é cometido contra um Deus eterno e infinito (Salmo 51:4). Por causa disso, a penalidade justa para o nosso pecado também é eterna e infinita. Precisamos ser salvos da destruição eterna (Mateus 25:46, Apocalipse 20:15).

Como Deus providenciou a salvação?

Já que a justa penalidade para o pecado é infinita e eterna, só Deus poderia pagá-la porque só Ele é eterno e infinito. No entanto, Deus, em Sua natureza divina, não podia morrer, por isso tornou-se um ser humano na pessoa de Jesus Cristo. Deus assumiu a carne humana, viveu entre nós e nos ensinou. Quando as pessoas rejeitaram a Ele e à Sua mensagem, ao ponto de procurarem matá-lo, Ele voluntariamente se sacrificou por nós, permitindo que o crucificassem (João 10:15). Porque Jesus Cristo era humano, Ele podia morrer; e porque Jesus Cristo era Deus, a Sua morte tinha um valor eterno e

infinito. A morte de Jesus na cruz foi o pagamento perfeito e completo para o nosso pecado (1 João 2:2). Ele tomou sobre Si as consequências que merecíamos. A ressurreição de Jesus dentre os mortos demonstrou que a Sua morte foi realmente o sacrifício perfeitamente suficiente para o pecado.

O que preciso fazer?

"Crê no Senhor Jesus e serás salvo" (Atos 16:31). Deus já fez tudo o que precisava ser feito. Tudo o que você deve fazer é receber, em fé, a salvação que Deus oferece (Efésios 2:8-9). Totalmente confie somente em Jesus como o pagamento por seus pecados. Acredite nele e você não perecerá (João 3:16). Deus está lhe oferecendo a salvação como um dom. Tudo que você tem a fazer é aceitá-la. Jesus é o caminho da salvação (João 14:6).